

SEBUNHO

06-09-04

Livros / CD'S USADOS

447-4444

99051

Autobiografia de
MALCOLM X
com a colaboração de
ALEX HALEY

Tradução de
A.B. PINHEIRO DE LEMOS

2ª EDIÇÃO

SBD-FFLCH-USP



280982



EDITORA RECORD

Doação de
Prof. Sean Purdy
História, USP

920
m243af
2. ed.

16/31/83

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

X1a
2ª

X, Malcolm 1925-1965
Autobiografia de Malcolm X / com a colaboração de Alex Haley; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. — 2ª ed. — Rio de Janeiro: Record, 1992.

Tradução de: The Autobiography of Malcolm X

ISBN 85-01-01464-8

1. X, Malcolm, 1925-1965 — Biografia. 2. Revolucionários negros — Estados Unidos — Biografia. 3. Estados Unidos — Relações raciais. I. Haley, Alex. II. Título.

CDD — 923.273
CDU — 92(X, Malcolm)

92-1102

Título original norte-americano
THE AUTOBIOGRAPHY OF MALCOLM X

Copyright © 1964 by Alex Haley and Malcolm X
Copyright © 1965 by Alex Haley and Betty Shabazz
Introdução — Copyright © 1965 by M. S. Handler
Publicado mediante acordo com Paul R. Reynolds, Inc.,
New York, N. Y., U.S.A.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa em todo o mundo
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-01464-8

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

*Dedico este livro à minha amada esposa Betty e a
nossos filhos, cuja compreensão e sacrifícios
permitiram-me realizar minha obra.*

— Malcolm X

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900018715

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo Um: PESADELO	15
Capítulo Dois: MASCOTE	34
Capítulo Três: "CONTERRÂNEO"	48
Capítulo Quatro: LAURA	64
Capítulo Cinco: HARLEMITA	77
Capítulo Seis: DETROIT RED	90
Capítulo Sete: VIGARISTA	112
Capítulo Oito: ACUADO	129
Capítulo Nove: PRESO	136
Capítulo Dez: SATÃ	152
Capítulo Onze: SALVO	167
Capítulo Doze: SALVADOR ✕.....	186
Capítulo Treze: MINISTRO MALCOLM X ✕.....	204
Capítulo Quatorze: MUÇULMANOS PRETOS	227
Capítulo Quinze: ÍCARO	255
Capítulo Dezesesseis: FORA	275
Capítulo Dezesete: MECA	302
Capítulo Dezoito: EL-HAJJ MALIK EL-SHABAZZ .	324
Capítulo Dezenove: 1965 ✕.....	343
Epílogo: ALEX HALEY	360
OSSIE DAVIS: SOBRE MALCOLM X	429

INTRODUÇÃO

M. S. HANDLER

No domingo anterior ao anúncio oficial do seu rompimento com Elijah Muhammad, Malcolm X esteve em minha casa, para discutir seus planos e entregar-me uma documentação necessária.

A Sra. Handler jamais havia-se encontrado pessoalmente com Malcolm antes daquela visita fatídica. Serviu-nos café e bolo, enquanto Malcolm falava com o jeito cortês e gentil que tinha em particular. Percebi imediatamente que a Sra. Handler ficara impressionada com Malcolm. A personalidade dele ocupava inteiramente a nossa sala de estar.

A atitude de Malcolm era a de um homem que alcançara uma encruzilhada na vida e estava fazendo uma opção sob uma compulsão interior. Um sorriso melancólico pairava em seu rosto de tempos a tempos, um sorriso que dizia muitas coisas. Senti-me inquieto e apreensivo, porque Malcolm estava evidentemente querendo dizer alguma coisa que seu orgulho e dignidade impediam-no de expressar. Pressenti que Malcolm não tinha certeza se conseguiria escapar do mundo sombrio que o cercava, oprimindo-o e sufocando-o.

Depois que Malcolm se retirou, a Sra. Handler ficou muito quieta e pensativa. Subitamente, ela levantou a cabeça e disse:

— Quer saber de uma coisa? Tive a sensação de estar tomando chá na companhia de uma pantera negra.

A descrição me surpreendeu. A pantera negra é uma aristocrata no reino animal. Trata-se de um animal lindo e perigoso. Como homem, Malcolm X tinha o porte físico e a confiança interior de um aristocrata nato. E era potencialmente perigoso. Nenhum homem em nosso tempo despertou tanto medo e ódio no homem branco quanto Malcolm. É que nele o homem branco sentia um inimigo implacável, que não poderia ser dobrado, qualquer que fosse o preço, um homem incondicionalmente empenhado na causa de libertar o homem preto na sociedade americana, ao invés de integrá-lo nessa sociedade.

Meu primeiro encontro com Malcolm X ocorreu em março de 1963, no restaurante do Templo Número Sete, na Lenox Avenue. Eu fora designado pelo *The New York Times* para investigar as crescentes pressões na comunidade negra. Trinta anos de experiência como repórter na Europa Ocidental e Oriental haviam-me ensinado que as forças numa luta social em desenvolvimento estão freqüentemente enterradas por baixo

da superfície visível e se fazem sentir, sob muitos aspectos, antes mesmo de irromperem em campo aberto. Essas forças geradoras se fazem sentir através do poder de uma idéia muito antes que suas formas organizadas possam desafiar abertamente o *establishment*. O grande mérito dos cientistas políticos e sociólogos europeus é o de concederem uma alta prioridade ao poder das idéias numa luta social. Nos Estados Unidos, a nossa fraqueza é confundir a força numérica de uma organização e a publicidade em torno dos líderes com as forças em germinação que lançam as sementes da convulsão social em nossa comunidade.

Ao estudar as pressões crescentes dentro da comunidade negra, eu tinha que ouvir não apenas as opiniões dos líderes já consolidados das organizações de direitos civis, mas também as opiniões dos que trabalhavam na penumbra do movimento... "clandestinamente", por assim dizer. Foi por isso que procurei Malcolm X, cujas idéias haviam me alcançado por intermédio dos integracionistas negros. O pensamento deles já estava refletindo um alto grau de nascente nacionalismo negro.

Eu não tinha a menor idéia do que iria encontrar, enquanto esperava por Malcolm. Era o único branco no restaurante, um estabelecimento impecável, servido por negros bonitos, taciturnos, nada comunicativos. Cartazes informando "Proibido Fumar" estavam colados nos espelhos extremamente polidos. Serviram-me café, mas logo comecei a me sentir um tanto inquieto, naquele ambiente ascético e silencioso, à medida que o tempo ia passando. Malcolm finalmente chegou. Era alto, bonito, um porte impressionante. A pele tinha uma tonalidade de bronze.

Levantei para cumprimentá-lo e estendi a mão. A mão de Malcolm se ergueu lentamente. Tive a impressão de que lhe era difícil apertar minha mão, mas *noblesse oblige*, e ele acabou fazendo-o. Malcolm fez então algo estranho, que repetiu em todas as ocasiões em que nos encontramos em público num restaurante, em Nova York ou Washington. Perguntou se eu me importaria se ele ficasse sentado de frente para a porta. Pedidos similares já me haviam sido feitos em capitais da Europa Ocidental. Malcolm estava sempre em estado de alerta, desejava ver todas as pessoas que entravam no restaurante. Compreendi no mesmo instante que Malcolm corria um perigo constante.

Conversamos por mais de três horas nesse primeiro encontro. As opiniões dele sobre o homem branco eram terríveis, mas em nenhum momento investiu contra minha personalidade ou fez-me sentir que, como indivíduo, partilhava da culpa geral. Atribuía a degradação dos negros ao homem branco. Denunciou a integração como uma fraude. Argumentou que, se os líderes das organizações estabelecidas de direitos civis persistissem em seus esforços, a luta social iria terminar em derramamento de sangue, pois estava convencido de que o homem branco jamais concederia a plena integração. Afirmou que a luta dos muçulmanos pela separação era a única solução em que o negro podia encontrar a sua própria identidade, desenvolver a sua própria cultura e lançar as fundações de uma comunidade produtiva e com respeito próprio. Mostrou-

se vago em relação à região onde poderia ser instituído o estado negro.

Malcolm recusava-se a aceitar a impossibilidade do homem branco admitir a secessão dos Estados Unidos; naquela altura de sua carreira, afirmava categoricamente que era a única solução. Defendia o Islã como uma religião que não fazia distinção de cor. Denunciava o cristianismo como uma religião destinada a escravos e acusava o clero negro de ser a maldição do homem preto, explorando-o em proveito próprio, ao invés de procurar libertá-lo, servindo como os lacaios da comunidade branca em sua determinação de manter os negros numa posição subserviente.

Durante aquele primeiro encontro, Malcolm procurou também esclarecer-me sobre a mentalidade do negro. Advertiu-me repetidas vezes a tomar cuidado com as afirmações dos negros de boa vontade em relação ao homem branco. Disse que o negro estava condicionado a dissimular e ocultar seus verdadeiros pensamentos, por uma questão de sobrevivência. Alegou que o negro só diz ao homem branco o que acredita que este esteja querendo ouvir e que a arte da dissimulação chegou a um ponto tal em que nem mesmo os negros podem dizer realmente que compreendem o que os outros negros acreditam. Disse que a arte da ilusão praticada pelo negro era baseada numa compreensão profunda dos costumes do homem branco; por outro lado, o negro havia permanecido um livro fechado para o homem branco, que jamais demonstrara qualquer interesse em compreender o negro.

A exposição das idéias sociais de Malcolm foi lúcida e ponderada, se bem que um tanto chocante para o iniciado branco. O mais desconcertante para mim na conversa, no entanto, foi a declaração de Malcolm de que acreditava na história de Elijah Muhammad sobre as origens do homem e numa teoria genética visando a provar a superioridade do preto sobre o branco... uma teoria assombrosa para mim, por seu extremo absurdo.

Depois daquele primeiro encontro, compreendi que existiam dois Malcolms, distintos: o que ele era em particular e o que era em público. Suas apresentações públicas na televisão e em reuniões produziam um efeito quase aterrador. A ordenação dos fatos e a lógica implacáveis tinham alguma coisa de uma nova dialética, diabólica em sua força. Ele assustava as audiências brancas de televisão, arrasava os oponentes negros, mas obtinha uma reação extraordinária das audiências negras. Muitos oponentes negros, ao final, recusavam-se a fazer qualquer aparecimento em público na mesma plataforma que Malcolm. As audiências brancas aturdidas ficavam confusas, inquietas, sentiam-se ameaçadas. Alguns começaram a pensar em Malcolm como o próprio demônio encarnado.

Malcolm atraía os dois elementos mais díspares da comunidade negra: as massas oprimidas e a galáxia de escritores e artistas negros que irromperam no cenário na última década. A classe média negra, o chamado *establishment* negro, detestava e temia Malcolm tanto quanto ele a desprezava.

Os negros miseráveis respeitavam Malcolm, da mesma forma que crianças rebeldes respeitam a imagem do avô. Era sempre uma experiência estranha e comovente andar com Malcolm no Harlem. Todos o conheciam. As pessoas olhavam-no timidamente. Havia ocasiões em que jovens negros pediam o seu autógrafo. Sempre me pareceu que a afeição deles por Malcolm era inspirada pelo fato de que, embora tivesse se tornado uma figura de projeção nacional, ele continuava a ser um homem do povo e todos sentiam que jamais iria traí-los. Os negros haviam sofrido demais com traições e viam em Malcolm um homem totalmente empenhado em sua missão. Sabiam das origens dele, as quais podiam identificar. Conheciam seus antecedentes criminais e penais, que ele jamais escondera. Encaravam Malcolm com um certo espanto. Ali estava um homem que viera das camadas mais baixas nas quais eles ainda habitavam, que triunfara sobre a sua própria criminalidade, e ignorância, para tornar-se um líder e porta-voz vigoroso e convincente, um defensor intransigente de seu povo.

Embora muitos pudessem não partilhar suas crenças religiosas muçulmanas, encontravam no puritanismo de Malcolm uma censura inflexível a suas próprias vidas. Malcolm se expurgara de todos os males que afligiam as massas negras oprimidas: drogas, álcool, tabaco, para não falar das atividades criminosas. Sua vida pessoal era impecável, de um puritanismo inatingível para as massas. A redenção humana... Malcolm alcançara em sua própria vida e toda a comunidade negra o sabia.

Em seus aparecimentos na televisão e comícios públicos, Malcolm expressava as angústias e aspirações das massas negras oprimidas de uma forma que estas eram incapazes de fazerem por si mesmas. Quando atacava o homem branco, Malcolm fazia pelos negros o que eles não podiam fazer por si mesmos; e atacava com uma violência e ira que extravasava séculos de sofrimento. Não era um exercício acadêmico de simplesmente xingar "Mr. Charlie".

Muitos dos escritores e artistas negros que são hoje figuras de projeção nacional reverenciavam Malcolm pelo que consideravam a sua honestidade intransigente na defesa da causa dos negros, a sua recusa em fazer concessões, a busca de uma identidade de grupo, que fora destruída pelo homem branco ao trazer os negros acorrentados da África. Os escritores e artistas negros encaravam Malcolm como o grande catalisador, o homem que inspirava amor-próprio e devoção a milhões de negros oprimidos.

Um grupo desses artistas reuniu-se num domingo em minha casa e conversamos sobre Malcolm. A devoção deles a Malcolm como um homem era realmente impressionante. Em determinado momento, alguém declarou:

— Malcolm jamais nos trairá. Já sofremos demais com traições no passado.

A atitude de Malcolm em relação ao homem branco sofreu uma mudança acentuada em 1964, uma mudança que contribuiu para o seu rompimento com Elijah Muhammad e as doutrinas racistas. A ascen-

são meteórica de Malcolm no cenário nacional colocou-o em contato mais amplo com homens brancos que não eram os "demônios" que ele os julgava. Malcolm estava sendo sempre convidado a falar em reuniões estudantis nas universidades do leste americano e já comparecera a muitas ao final de sua curta carreira como figura nacional. Falava sempre respeitosamente com alguma surpresa da reação positiva dos estudantes brancos a suas conferências.

Um segundo fator que contribuiu para a sua conversão a horizontes mais amplos foi uma crescente dúvida a respeito da autenticidade da versão da religião muçulmana de Elijah Muhammad, uma dúvida que se transformou em certeza à medida que adquiriu mais conhecimento e experiência. Determinadas práticas seculares do quartel-general de Elijah Muhammad em Chicago chegaram ao conhecimento de Malcolm, que ficou profundamente chocado.

Finalmente, ele realizou diversas viagens prolongadas a Meca e aos estados africanos recém-independentes, através dos bons ofícios dos representantes da Liga Árabe nos Estados Unidos. Foi na sua primeira viagem a Meca que Malcolm chegou à conclusão de que ainda precisava descobrir o Islã.

Balas fatais acabaram com a carreira de Malcolm antes que ele tivesse tempo de desenvolver as suas novas idéias, as quais, em essência, reconheciam os negros como uma parte integrante da comunidade americana, um caminho muito distante da doutrina da separação total de Elijah Muhammad. Malcolm alcançara um ponto intermediário na formulação de suas posições em relação ao país e ao relacionamento branco-negro. Não mais investia contra os Estados Unidos como um todo, mas sim contra um segmento dos Estados Unidos representado pelos que defendiam abertamente a supremacia branca no sul e pelos que o faziam dissimuladamente no norte.

A intenção de Malcolm era elevar a militância negra a um novo auge de atividade, com a investida principal visando tanto os supremacistas brancos do sul quanto os do norte. O problema do negro, que ele sempre dissera que devia mudar de nome, passando a se chamar de "o problema do homem branco", estava começando a assumir novas dimensões para Malcolm nos últimos meses de sua vida.

Até o final, Malcolm procurou refazer os vínculos rompidos entre a cultura dos negros americanos e a dos africanos. Via nisso o caminho para um novo senso de identidade de grupo, um papel definido na história e, acima de tudo, um senso do próprio valor de cada homem, que ele afirmava ter sido destruído no negro pelo homem branco.

A literatura biográfica americana está repleta de numerosos relatos de homens extraordinários que alcançaram as culminâncias por seus próprios esforços. Poucos são tão pungentes quanto a história de Malcolm X. Como depoimento do poder de redenção e de força da personalidade humana, a história de Malcolm X é uma verdadeira revelação.

Nova York, junho de 1965

Capítulo Um

PESADELO

Quando minha mãe estava grávida de mim, conforme me contou mais tarde, um grupo de cavaleiros encapuzados da Ku Klux Klan apareceu uma noite em nossa casa, em Omaha, Nebraska. Cercando a casa, brandindo seus rifles e espingardas, gritaram para que meu pai saísse. Minha mãe foi até a porta e abriu-a. Postando-se num lugar onde pudessem ver a sua gravidez, ela disse que estava sozinha com os três filhos pequenos e que meu pai estava viajando, em pregação em Milwaukee. Os homens da Ku Klux Klan gritaram ameaças e advertências para minha mãe, avisando que era melhor saírem todos da cidade, porque as “boas pessoas brancas cristãs” não iam admitir que meu pai “criasse problemas” entre os “bons” negros de Omaha, com as pregações de “volta à África” de Marcus Garvey.

Meu pai, o Reverendo Earl Little, era um ministro batista, um devotado trabalhador para a UNIA (Universal Negro Improvement Association — Associação para a Melhoria Universal do Negro), de Marcus Aurelius Garvey. Com a ajuda de discípulos como meu pai, Garvey, de seu quartel-general no Harlem, em Nova York, estava erguendo a bandeira da pureza da raça preta e exortando as massas negras a voltarem para a África, sua terra ancestral, uma causa que o transformara no homem preto mais controvertido do mundo.

Ainda gritando ameaças, os homens da Ku Klux Klan esporearam os cavalos e deram a volta à casa, quebrando os vidros das janelas com as coronhas de suas armas. E depois se afastaram pela noite escura, as tochas desprendendo centelhas, desaparecendo tão subitamente quanto haviam chegado.

Meu pai ficou furioso ao voltar. Decidiu esperar até que eu nascesse, o que aconteceria em breve, e depois se mudaria com a família. Não sei direito por que ele tomou essa decisão, pois não era um negro apavorado, como a maioria dos outros era e continua a ser até hoje. Meu pai era um homem grande, em torno de 1,90m de altura, um preto refinto. Tinha apenas um olho. Jamais descobri como perdeu o outro. Era de Reynolds, Geórgia, onde largara a escola depois do terceiro ou talvez do quarto ano. Acreditava, assim como Marcus Garvey, que a liberdade, independência e amor-próprio nunca poderiam ser alcançados pelo negro na América. Assim, o negro tinha que deixar a Amé-

rica para o homem branco e voltar à sua terra africana de origem. Entre as razões pelas quais meu pai decidira assumir todos os riscos e dedicar sua vida a disseminar essa filosofia entre seu povo estava a de ter visto quatro dos seus seis irmãos morrerem pela violência, sendo que três mortos pelos brancos, inclusive um por linchamento. O que meu pai não podia saber na ocasião era que dos três restantes, inclusive ele próprio, apenas um iria morrer na cama, de causas naturais; o meu tio Jim. A polícia branca do norte iria mais tarde matar a tiros meu tio Oscar. E meu pai iria acabar morrendo também nas mãos do homem branco.

Sempre acreditei com certeza inabalável que também morreria pela violência. Tenho feito tudo o que posso para me preparar.

Fui o sétimo filho de meu pai. Ele tinha três filhos de um casamento anterior, Ella, Earl e Mary, que viviam em Boston. Conhecera e casara com minha mãe em Filadélfia, onde nascera Wilfred, o primeiro filho deles e o meu irmão inteiro mais velho. Mudaram-se de Filadélfia para Omaha, onde nasceram Hilda e depois Philbert.

Fui o seguinte. Minha mãe estava com 28 anos quando eu nasci, a 19 de maio de 1925, num hospital em Omaha. Mudamos em seguida para Milwaukee, onde Reginald nasceu. Desde a infância que ele sofreu uma espécie de hérnia, o que iria impor-lhe uma terrível desvantagem física pelo resto da vida.

Louise Little, minha mãe, que havia nascido em Granada, nas Índias Ocidentais Britânicas, parecia uma mulher branca. É que o pai dela era branco. Tinha os cabelos pretos lisos e o sotaque não soava como o de um negro. Nada sei do pai branco de minha mãe, exceto que ela sentia uma vergonha imensa. Lembro de ouvi-la dizer que se sentia contente por jamais tê-lo visto. Por causa dele, é claro, que tenho a cor da pele de um castanho avermelhado, assim como os cabelos. Eu era a criança mais clara da nossa família (mais tarde, saindo pelo mundo, em Boston e Nova York, tornei-me um dos milhões de negros que eram insanos o bastante para pensarem que ter a pele clara era algum símbolo de *status*, que se era afortunado quando se nascia assim. Posteriormente, aprendi a odiar intensamente cada gota do sangue daquele estuprador branco que há em mim).

A família permaneceu em Milwaukee apenas por um breve período, pois meu pai queria encontrar um lugar onde pudesse produzir a nossa própria comida, talvez abrir um negócio. Os ensinamentos de Marcus Garvey davam uma ênfase especial à necessidade do negro se tornar independente do homem branco. Fomos em seguida, por alguma razão, para Lansing, Michigan. Meu pai comprou uma casa e não demorou muito para que estivesse, como era seu hábito, fazendo pregações cristãs como *free-lancer* nas igrejas batistas negras locais. Durante a semana, ele apregoava os ensinamentos de Marcus Garvey.

Já havia começado a guardar algumas economias para a loja que sempre desejara possuir quando, como sempre, alguns estúpidos negros "Uncle Tom" locais puseram-se a contar aos brancos muitas his-

tórias sobre as suas convicções revolucionárias. Desta vez, as ameaças de "saia-da-cidade" partiram de uma sociedade de ódio local chamada A Legião Negra. Eles usavam túnicas pretas em vez de brancas. Não demorou muito para que meu pai, praticamente aonde quer que fosse, passasse a ser injuriado pelos Legionários Negros como um "negro preunçoso e arrogante", por querer ser dono de uma loja, por morar fora do bairro negro de Lansing, por semear a inquietação e a discórdia entre "os bons negros".

Como em Omaha, minha mãe estava novamente grávida, desta vez de minha irmã mais moça. Pouco depois que Yvonne nasceu, ocorreu a noite de pesadelo em 1929 que é a minha recordação nítida mais antiga. Lembro de ter acordado abruptamente para uma confusão assustadora de tiros de pistola, gritos, fumaça e fogo. Meu pai gritara e atirara em dois homens brancos, que haviam atado fogo à nossa casa e estavam fugindo. A casa ardia ao nosso redor. Corríamos de um lado para outro, esbarrávamos uns nos outros, caíamos, tentando escapar. Minha mãe, com o bebê nos braços, conseguiu sair para o quintal um momento antes da casa desabar, numa chuva de fagulhas. Lembro que ficamos ao relento em plena noite, só com as roupas de baixo, chorando e gritando desesperadamente. A polícia e os bombeiros brancos apareceram e ficaram simplesmente observando, enquanto a casa era totalmente destruída pelas chamas.

Meu pai valeu-se da ajuda de alguns amigos para vestir-nos e alojarnos temporariamente; depois, transferiu-nos para outra casa, nos arredores de East Lansing. Naquele tempo, os negros não tinham permissão para andarem em East Lansing propriamente dito depois do anoitecer. É onde está localizada a Universidade Estadual de Michigan. relatei tudo isso a uma audiência de estudantes quando ali falei, em janeiro em 1963 (e tive o primeiro encontro num longo período com meu irmão mais moço, Robert, que ali estava realizando estudos de pós-graduação em Psicologia). Contei como East Lansing tanto nos perseguiu e atormentou que tivemos de mudar novamente, desta vez para três quilômetros fora da cidade, em pleno campo. Foi onde meu pai construiu para nós uma casa de quatro cômodos, com suas próprias mãos. É onde realmente começam as minhas recordações, a casa em que comecei a crescer.

Depois do incêndio, lembro que meu pai foi chamado pela polícia e interrogado a respeito da licença para ter a pistola com que atirara contra os homens brancos que haviam atado o fogo. Lembro que a polícia estava sempre aparecendo em nossa casa, mexendo em tudo, "só para verificar" ou "procurando por uma arma". A pistola que estava procurando, que jamais encontrariam e para a qual jamais dariam uma licença, estava costurada dentro de um travesseiro. O rifle .22 e a espingarda de meu pai, no entanto, estavam bem à vista. Todo mundo tinha armas assim, para caçar pássaros, coelhos e outros animais.

Depois disso, minhas recordações são de brigas entre meu pai e minha mãe. Os dois pareciam estar quase sempre em atrito. Havia ocasiões em que meu pai batia nela. Podia ter alguma relação com o fato de minha mãe ter uma boa instrução. Não sei onde ela a adquiriu. Mas imagino que uma mulher instruída não consegue resistir à tentação de corrigir um homem ignorante. De vez em quando, sempre que minha mãe lhe dirigia algumas palavras suaves, ele perdia o controle.

Meu pai era também extremamente beligerante em relação a todos os filhos. Eu era a única exceção. Espancava os mais velhos quase brutalmente, se infringiam alguma de suas regras, e ele tinha tantas regras que era muito difícil conhecer todas. Quase todas as surras que eu levava eram infligidas por minha mãe. Tenho pensado muito a respeito de tudo isso. E acredito que meu pai, apesar de antibranco, estava subconscientemente tão afetado pela lavagem cerebral dos negros efetuada pelo homem branco que se mostrava propenso a dispensar um tratamento especial aos filhos mais claros. E eu era o mais claro de todos. Naqueles tempos, a maioria dos pais negros tratavam as crianças mais claras melhor que as crianças mais escuras, quase que instintivamente. Era uma reação que provinha diretamente da tradição da escravidão, segundo a qual o "mulato", por ser visivelmente mais próximo do branco, era "melhor".

Minhas duas outras imagens de meu pai eram ambas de fora de casa. Uma delas era o seu papel como pregador batista. Ele jamais teve qualquer igreja própria regular; era sempre um "pregador visitante". Lembro especialmente de seu sermão predileto:

— Aquele trezinho *preto* está chegando... e é melhor apontarem todas as suas coisas!

Tenho a impressão de que isso também se ajustava à sua associação com o movimento de volta-à-África pregado por Marcus Garvey, com o seu "Trem Preto de Volta Para Casa". Meu irmão Philbert, o que era imediatamente acima de mim, adorava a igreja, mas eu me sentia confuso e espantado. Ficava sentado a contemplar meu pai, de olhos esbugalhados, com a congregação atrás de mim pulando e gritando, almas e corpos devotados a cantarem e rezarem. Mesmo ainda criança, eu simplesmente não podia acreditar no conceito cristão de Jesus como alguém divino. E nenhuma pessoa religiosa, até eu me tornar um homem já com vinte e tantos anos — e depois na prisão — foi capaz de me dizer algo relevante. Eu sentia muito pouco respeito pela maioria das pessoas que representavam a religião.

Foi em seu papel como pregador que meu pai teve mais contato com os negros de Lansing. Podem estar certos de que aqueles negros estavam em péssimas condições na ocasião. E ainda estão, embora de uma forma diferente. Com isso, estou querendo dizer que não conheço nenhuma outra cidade com uma porcentagem tão elevada de negros complacentes e transviados da "classe média", os negros típicos preocupados e empenhados apenas na conquista de símbolos de *status*, os negros absorvidos pela busca de integração. Recentemente, eu

estava no saguão do prédio da ONU, conversando com um embaixador africano e sua esposa, quando um desses negros se aproximou e me perguntou:

— Você me conhece?

Fiquei um pouco constrangido, porque imaginei que fosse alguém de quem eu devesse me lembrar. Mas logo descobri que se tratava de um daqueles negros satisfeitos e presunçosos da "classe média" de Lansing. Fiquei irritado. Era o tipo de negro que jamais se teria relacionado com a África, até a moda de ter amigos africanos tornar-se um símbolo de *status* para os negros da "classe média".

Mas voltemos à minha história. Durante a minha infância, os negros "bem-sucedidos" de Lansing eram os garçons e engraxates. Ser faxineiro de alguma loja do centro da cidade era altamente respeitado. A verdadeira "elite", os "importantes", as "vozes da raça" eram os garçons do Lansing Country Club e os engraxates do capitólio estadual. Os únicos negros que tinham realmente algum dinheiro eram os que estavam metidos no jogo dos números, cuidavam das casas de jogo ou viviam parasitariamente de alguma outra forma à custa dos mais pobres que constituíam as massas. Naquele tempo, nenhum negro era contratado pela grande fábrica de Oldsmobile em Lansing ou pela fábrica do Reo. (Lembram-se do Reo? Era fabricado em Lansing. R. E. Olds, o homem que lhe dera o nome, vivia também em Lansing. Quando a guerra começou, eles contrataram alguns faxineiros negros.) A maior parte dos negros vivia da assistência social ou das obras públicas de emergência para atender às massas necessitadas. Ou então simplesmente passava fome.

Iria chegar o dia em que nossa família ficaria tão pobre que comeríamos até o buraco de uma rosquinha; naquela ocasião, porém, estávamos em situação bem melhor que a maioria dos negros da cidade. A razão para isso era o fato de produzirmos a maior parte da nossa própria comida no campo onde morávamos. Estávamos bem melhor que os negros da cidade, que gritavam, enquanto meu pai pregava, pela fartura do céu e seu paraíso na outra vida, enquanto o homem branco tinha tudo isso aqui mesmo neste mundo.

Eu sabia que eram as contribuições que meu pai recebia por suas pregações que basicamente nos alimentavam e vestiam. Ele também fazia outros trabalhos irregulares. Mas a imagem dele que mais me deixava orgulhoso era a sua cruzada militante com as palavras de Marcus Garvey. Apesar de ainda muito pequeno, eu sabia pelo que ouvia que as coisas que meu pai dizia transformavam-no num homem "duro". Lembro de uma velha a sorrir e dizer para meu pai:

— Você está deixando esses brancos apavorados!

Uma das razões pelas quais sempre achei que meu pai tinha predileção por mim era o fato, ao que posso me recordar, de ser o único que ele levava de vez em quando às reuniões da UNIA de Garvey, realizadas sempre discretamente nas casas de pessoas diferentes. Nunca havia mais que umas poucas pessoas de cada vez, no máximo vinte.

Mas isso era um bocado, apinhadas na sala de estar de alguém. Eu podia perceber claramente como todas aquelas pessoas se comportavam de maneira diferente, embora algumas vezes fossem as mesmas que pulavam e gritavam na igreja. Nessas reuniões, porém, tanto elas como meu pai se mostravam mais veementes, mais inteligentes, mais práticos e objetivos. O que me fazia sentir da mesma maneira.

Posso me recordar de ouvir frases como “Adão expulso do jardim do paraíso para as cavernas da Europa”, “a África para os africanos” e “Etiópes, despertem!” E meu pai dizia que não se passaria muito tempo para que a África fosse inteiramente governada por negros, “por homens pretos”, a expressão que ele sempre usava.

— Ninguém sabe quando chegará a hora da redenção da África. Mas está no vento. Está vindo. Um dia, como uma tempestade, estará aqui.

Lembro de ter visto as fotografias grandes e reluzentes de Marcus Garvey, passadas de mão em mão. Meu pai tinha um envelope grande cheio de fotografias, que sempre levava para essas reuniões. As fotografias mostravam o que me pareciam ser milhões de negros reunidos num desfile atrás de Garvey, dentro de um carro espetacular, um homem preto vestindo um uniforme deslumbrante, com alamares dourados, um chapéu de plumas impressionante. Lembro de ouvir dizer que ele tinha seguidores pretos não apenas nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro. Lembro também que as reuniões sempre se encerravam com meu pai dizendo, diversas vezes, os outros invariavelmente repetindo:

— De pé, raça poderosa, que pode realizar e conquistar tudo o que quiser!

Jamais consegui entender por que, de tanto ouvir falar nessas coisas, nunca pensei naquele tempo nos pretos da África. Minha imagem da África, na ocasião, era de selvagens nus, canibais, macacos e tigres, selvas tropicais.

Meu pai ia em seu velho carro preto para os locais de reunião em toda a região de Lansing, levando-me algumas vezes. Lembro de uma reunião durante o dia (a maioria era à noite) na cidadezinha de Owosso, a sessenta quilômetros de Lansing, que os negros chamavam de “Cidade Branca” (o maior motivo de fama de Owosso é o fato de ser a cidade natal de Thomas E. Dewey). Como em East Lansing, os negros não tinham permissão para andar pelas ruas depois do anoitecer, sendo esse o motivo para a reunião durante o dia. Aliás, muitas pequenas cidades de Michigan eram assim naqueles tempos. Cada cidade possuía alguns negros “de casa” que ali viviam. Em alguns casos, era apenas uma família, como na sede próxima do condado, Mason, que tinha uma única família negra, chamada Lyons. O Sr. Lyons fora um famoso astro do futebol americano na escola secundária de Mason, era muito considerado na cidade e por isso podia trabalhar ali, fazendo serviços subalternos.

Nessa ocasião, minha mãe parecia estar sempre trabalhando; co-

zinhando, lavando, passando roupas a ferro, limpando, cuidando de oito filhos. E geralmente estava sempre brigando ou então nem sequer falando com meu pai. Uma causa de constantes atritos era o fato de minha mãe possuir idéias firmes sobre o que não comeria, e não queria que nós comêssemos, inclusive porco e coelho, dois alimentos que meu pai adorava imensamente. Ele era um verdadeiro negro da Geórgia e acreditava em comer bastante do que chamamos hoje no Harlem de “comida *soul*”.

Já falei que era minha mãe quem me surrava, pelo menos sempre que não se sentia constrangida de deixar que os vizinhos pensassem que estava me matando. Pois se ela sequer dava a impressão de que ia levantar a mão para me bater, eu já abria a boca e anunciava ao mundo a minha tortura impiedosa. Se havia alguém passando pela estrada no momento, ela mudava de idéia ou simplesmente me dava alguns cascudos.

Pensando em tudo isso agora, chego à conclusão de que assim como meu pai tinha predileção por mim pelo simples fato de ser mais claro que os outros, minha mãe me perseguia mais pelo mesmo motivo. Ela própria era bastante clara, mas preferia os que eram mais escuros. Sei que Wilfred era o seu filho preferido. Lembro que volta e meia ela me dizia para sair um pouco de casa:

— Deixe que o sol brilhe em cima de você, a fim de poder apagar alguma cor.

Ela se empenhava em evitar que eu jamais me deixasse invadir por um senso de superioridade de cor. Tenho certeza de que me tratava daquele modo em parte por causa da maneira como adquirira a sua própria cor tão clara.

Aprendi ainda muito cedo que gritar e chorar em protesto poderia proporcionar-me o que estivesse querendo. Meus irmãos mais velhos e minha irmã já tinham começado a freqüentar a escola. De vez em quando, entravam em casa e pediam um biscoito ou outra coisa qualquer para comer. Impacientemente, minha mãe dizia-lhes que não. Mas eu gritava e armava a maior confusão, até conseguir o que queria. Lembro perfeitamente que um dia minha mãe perguntou por que eu não podia ser um bom menino como Wilfred. Mas eu achava que Wilfred, por ser tão quieto, um bom menino, muitas vezes ficava com fome. Assim, bem cedo na vida, aprendi que é preciso gritar e fazer o maior barulho quando se deseja alguma coisa.

Não apenas tínhamos uma horta bem grande, como também criávamos galinhas. Meu pai comprava alguns pintos e minha mãe os criava. Todos adorávamos galinha. Era um prato sobre o qual jamais havia qualquer discussão com meu pai. Recordo particularmente algo que me fez sentir uma profunda gratidão por minha mãe. Um dia, pedi-lhe para ter a minha própria horta. Ela concordou. Eu cuidava com todo carinho daquela pequena horta, amava-a intensamente. Gostava especialmente de cultivar ervilhas. Sentia orgulho quando as minhas ervilhas eram servidas à mesa. Arrancava o mato da minha pequena horta

com as mãos, assim que começava a brotar. Patrulhava a horta de quatro, à procura de insetos, prontamente matando-os. Muitas vezes, quando estava arrumada e limpa para que as minhas plantações crescessem, eu me deitava de costas entre duas fileiras e ficava olhando para o céu azul e as nuvens a desfilar, pensando numa porção de coisas.

Aos cinco anos, comecei a freqüentar a escola, saindo de casa de manhã com Wilfred, Hilda e Philbert. A escola era a Pleasant Grove, o curso se estendendo do jardim-de-infância ao oitavo ano. Ficava três quilômetros além dos limites da cidade e acho que não havia qualquer problema em nossa freqüência, porque éramos os únicos negros na área. Naqueles dias, os brancos do Norte geralmente "adotavam" apenas uns poucos negros, não os encarando como uma ameaça. As crianças brancas também não assumiam qualquer atitude contra nós. Chamavam-nos de "negro", "crioulo" e "rastus", com tanta freqüência que chegamos a pensar que eram os nossos nomes naturais. Mas não se comportavam assim como um insulto. Era simplesmente a maneira como pensavam a nosso respeito.

Numa tarde de 1931, quando Wilfred, Hilda, Philbert e eu voltávamos para casa, meus pais estavam tendo uma de suas discussões violentas. Ultimamente, a tensão em nossa casa era muito grande, por causa das ameaças da Legião Negra. Naquele dia, meu pai pegara um dos coelhos que criávamos e mandara que minha mãe o cozinhasse. Criávamos coelhos para vendê-los aos brancos. Meu pai tirara um dos coelhos do cercado e lhe arrancara a cabeça. Era tão forte que não precisava de faca para cortar a cabeça de coelhos e galinhas. Com uma simples torção das mãos negras imensas, simplesmente arrancara a cabeça do coelho e jogara aos pés de minha mãe, com o sangue escorrendo.

Minha mãe estava chorando. Começou a esfolar o coelho, a primeira providência para cozinhá-lo. Mas meu pai estava tão furioso que saiu de casa, batendo a porta violentamente, e começou a andar pela estrada em direção à cidade.

Foi nesse momento que minha mãe teve sua visão. Sempre fora uma mulher estranha nessas coisas e sempre tivera uma intuição muito intensa de coisas que estavam para acontecer. E acho que a maioria dos seus filhos também saiu assim. Quando algo está para acontecer, posso senti-lo. Jamais me aconteceu qualquer coisa que me tenha apanhado completamente desprevenido... exceto uma vez. Foi quando, anos mais tarde, descobri certos fatos em que não podia acreditar a respeito de um homem por quem eu seria capaz de sacrificar a minha própria vida com a maior satisfação, até aquele momento.

Meu pai já estava bem distante na estrada quando mamãe saiu correndo para o alpendre.

— *Early! Early!*

Ela estava gritando pelo nome dele. Agarrou o avental com uma das mãos e desceu o alpendre, encaminhando-se para a estrada. Meu

pai virou-se. Viu-a. Por alguma razão inesperada, levando-se em consideração o quanto estava furioso ao sair de casa, acenou para ela. Mas seguiu em frente.

Mamãe me contou mais tarde que tivera uma visão da morte de meu pai. Ela passou todo o resto da tarde fora de si, chorando, extremamente nervosa, perturbada. Terminou de cozinhar o coelho e pôs a panela na parte mais quente do fogão de pedra. Como meu pai ainda não tivesse voltado na hora de irmos deitar, ela nos abraçou, desesperadamente. Estranhamos, ficamos sem saber o que fazer, porque ela jamais se comportara daquela maneira.

Lembro de ter acordado com os gritos de mamãe. Ao sair da cama, vi a polícia na sala; estavam tentando acalmá-la. Ela se vestira apressadamente para acompanhá-los. E todos nós, crianças aturdidas, contemplando a cena, sabíamos sem que ninguém precisasse nos dizer que algo horrível acontecera com nosso pai.

A polícia levou minha mãe ao hospital. Meu pai estava estendido numa cama, coberto por um lençol. Ela não quis olhar, teve medo de olhar. Provavelmente foi melhor que não o tivesse feito. O crânio de meu pai estava esmigalhado num dos lados, segundo me contaram depois. Os negros de Lansing sempre comentaram que ele foi atacado e brutalmente espancado, sendo depois colocado nos trilhos, para que um bonde passasse por cima. O corpo estava quase cortado ao meio.

Ele ainda viveu duas horas e meia nesse estado. Os negros daquele tempo eram mais fortes que os de hoje, especialmente os negros da Geórgia. Os negros nascidos na Geórgia tinham que ser muito fortes simplesmente para sobreviverem.

Já era de manhã quando nós, as crianças, recebemos em casa a notícia de que ele estava morto. Eu tinha seis anos na ocasião. Posso me recordar vagamente da confusão, a casa cheia de pessoas chorando, dizendo amargamente que a Legião Negra dos brancos finalmente liquidara meu pai. Mamãe estava histérica. No quarto, mulheres seguravam sais aromáticos sob o seu nariz. E continuava histérica no funeral.

Também não tenho uma recordação muito nítida do funeral. Estranhamente, a principal coisa de que me recordo é o fato de o funeral não ter sido numa igreja. O que me deixou surpreso, já que meu pai era um pregador e eu o vira por diversas vezes pregar nos funerais de outras pessoas, em igrejas. Mas o funeral dele foi em casa.

E lembro também que, durante o serviço, uma mosca preta foi pousar no rosto de meu pai. Wilfred imediatamente levantou-se de sua cadeira e foi afugentar a mosca. Voltou chorando para a cadeira — haviam sido providenciadas cadeiras dobráveis para que pudéssemos sentar —, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Quando passamos pelo caixão, lembro de ter pensado que parecia que tinham posto farinha de trigo no rosto de meu pai; desejei que não tivessem posto tanto.

Durante uma semana ou pouco mais, houve muitos visitantes em nossa casa de quatro cômodos. Eram bons amigos da família, como os Lyons, de Mason, a vinte quilômetros de distância, os Walkers,

McGuires, Liscoes, Greens, Randolphins, Turners e muitos outros de Lansing, várias pessoas de outras cidades, as quais eu vira nas reuniões de Garvey.

As crianças se ajustaram mais depressa que nossa mãe. Não podíamos perceber, tão claramente quanto ela, as provações que teríamos pela frente. À medida que os visitantes foram rareando, ela começou a se preocupar em receber os dois seguros de vida que meu pai sempre tivera orgulho de providenciar. Ele dizia constantemente que as famílias deviam estar protegidas para a eventualidade da morte. Aparentemente, uma das apólices foi paga sem maiores problemas... justamente a menor. Não sei de quanto era exatamente. Imagino que não devia passar de mil dólares, talvez fosse apenas a metade disso.

Mas depois de receber esse dinheiro, gastando uma boa parte para pagar o funeral e outras despesas, minha mãe passou a ir à cidade constantemente, voltando sempre contrariada. A companhia que emitira a apólice maior estava se recusando a pagar. Alegavam que meu pai cometera suicídio. Os visitantes voltaram a aparecer, houve comentários amargurados sobre os brancos. Como meu pai poderia ter golpeado a si mesmo na cabeça e depois se estendido nos trilhos do bonde para ser atropelado?

E assim ficamos ao desamparo. Minha mãe tinha então 34 anos, sem marido, sem ninguém que tomasse conta de seus oito filhos. Mas restabeleceu-se alguma rotina de família. E enquanto durou o dinheiro da primeira apólice de seguro, conseguimos seguir em frente razoavelmente.

Wilfred, que sempre foi um cara firme e determinado, começou a se comportar como se fosse bem mais velho. Acho que ele teve a capacidade de compreender, quando o resto de nós sequer podia imaginar, o que nos estava reservado. Deixou a escola e foi para a cidade, à procura de trabalho. Aceitava qualquer trabalho que pudesse encontrar. Voltava exausto para casa todas as noites e entregava para minha mãe o que quer que tivesse conseguido ganhar.

Hilda, que sempre fora também muito quieta, cuidava das crianças menores. Philbert e eu não contribuíamos com nada. Simplesmente brigávamos o tempo todo, um com o outro em casa, para nos unirmos na escola e brigarmos contra os meninos brancos. Havia ocasiões em que as brigas eram por motivos raciais, mas podiam ser por qualquer coisa.

Reginald ficou sob a minha tutela. Desde que ele crescera um pouco que nos tornáramos muito unidos. Acho que eu gostava do fato de ser o menor, abaixo de mim, de ter que levantar a cabeça para falar comigo.

Minha mãe começou a comprar a crédito. Meu pai sempre fora contrário ao crédito.

— O crédito é o primeiro passo para a dívida e o retorno à escravidão — dizia ele.

E depois ela começou também a trabalhar. Ia para Lansing e arrumava trabalhos diferentes, de serviços domésticos ou costura, para os brancos. Geralmente não sabiam que ela era negra. Muitos brancos de Lansing não queriam negros em suas casas.

Mamãe ia ficando nos empregos até que os brancos, de um jeito ou de outro, descobriam quem ela era, de quem era viúva. Tratavam então de mandá-la embora. Lembro como ela voltava para casa chorando, mas procurando esconder, desesperada porque perdera um emprego de que tanto precisava.

Certa ocasião, um de nós, não me lembro qual, teve de ir procurá-la no emprego para dar algum recado. Ao verem seu filho, os brancos compreenderam que ela era uma negra, e despediram-na imediatamente. Mamãe voltou para casa chorando, desta vez sem fazer o menor esforço para disfarçar.

Quando o pessoal da assistência social começou a visitar nossa casa, muitas vezes voltávamos da escola e os encontrávamos a conversar com mamãe, fazendo mil perguntas. Eles se comportavam e olhavam para minha mãe, para nós e pela casa de um jeito que dava a impressão, pelo menos para mim, de que não éramos gente. Aos olhos deles, éramos apenas *coisas*, mais nada.

Minha mãe começou a receber dois cheques, o da assistência social e um outro que tenho impressão de que era uma pensão de viúva. Os cheques ajudavam bastante, mas não eram suficientes, por sermos tantos. Quando chegavam, por volta do primeiro dia do mês, um deles era sempre totalmente devido, às vezes até faltava um pouco, ao homem do armazém. E, depois disso, o outro não durava muito.

Entramos num rápido declínio. O declínio físico não foi tão acelerado quanto o psicológico. Acima de tudo, minha mãe era uma mulher orgulhosa e não podia deixar de ficar abalada por ter de aceitar caridade. E seus sentimentos transmitiam-se para nós.

Ela reclamava rispidamente do homem do armazém por causa das contas, dizendo que não era nenhuma ignorante. O homem não ficava nada satisfeito. Ela reclamava rispidamente do pessoal da assistência social, dizendo que era uma mulher adulta, capaz de criar seus filhos, que não era necessário que aparecessem a todo instante, imiscuindo-se em nossas vidas. E eles também não gostavam.

Mas o cheque mensal da assistência social era o passe mensal de que eles dispunham. Agiam como se nos possuíssem, como se fôssemos suas propriedades particulares. Por mais que o desejasse, minha mãe não podia impedir-lhes o acesso. Ficava particularmente furiosa quando eles insistiam em conversar separadamente com as crianças mais velhas, uma de cada vez, no alpendre ou em algum lugar. Faziam-nos perguntas e diziam-nos coisas... contra nossa mãe, contra os outros.

Não podíamos compreender por que, se o estado se mostrava disposto a nos dar carne e sacos de batatas e frutas, latarias de todos os tipos, nossa mãe obviamente detestava aceitar. Não podíamos realmente entender o motivo. O que mais tarde pude entender foi que minha mãe estava fazendo um esforço desesperado para preservar seu orgulho... e o nosso.

O orgulho era praticamente a única coisa que tínhamos para preservar, pois começamos a sofrer terrivelmente por volta de 1934. Foi o pior ano da depressão e nenhuma das pessoas que conhecíamos ti-

nha o suficiente para comer, com que viver. Alguns antigos amigos da família ainda nos visitavam de vez em quando. A princípio, traziam comida. Embora fosse caridade, minha mãe aceitava.

Wilfred estava trabalhando para ajudar. Minha mãe também trabalhava, quando conseguia arrumar algum emprego. Havia em Lansing uma padaria onde podíamos comprar um saco de farinha de trigo cheio de pães e bolinhos do dia anterior, por apenas cinco *cents*. Era necessário duas crianças para carregá-lo, percorrendo os três quilômetros até nossa casa no campo. Pelo que me lembro, mamãe conhecia dezenas de maneiras de fazer pratos com pão ou sem pão. Uma refeição podia ser tomates cozidos com pão. Ou algo parecido com torradas francesas, se tínhamos ovos. Havia pudim de pão, algumas vezes com passas dentro. Se arrumávamos um pouco de carne moída, vinha para a mesa mais pão do que carne. Comíamos como estavam os bolinhos que vinham no saco junto com o pão.

Mas havia ocasiões em que não dispúnhamos nem mesmo de uma moeda de cinco *cents* e passávamos fome, a ponto de sentirmos vertigens. Minha mãe fervia uma panela grande com folhas verdes e era a única coisa que comíamos. Lembro que algum vizinho mesquinho espalhou a notícia e as outras crianças passaram a zombar de nós, dizendo que comíamos “mato cozido”. Havia ocasião, quando estávamos com sorte, em que comíamos mingau de aveia ou milho até três vezes por dia. Ou mingau pela manhã e pão de milho à noite.

Philbert e eu já éramos crescidos o bastante para deixarmos de brigar pelo tempo suficiente para pegarmos o rifle .22 que pertencera a nosso pai e matarmos alguns coelhos, que eram comprados por vizinhos brancos. Compreendo agora que compravam só para nos ajudar, já que eles, como todo mundo, caçavam os seus próprios coelhos. Lembro que, às vezes, Philbert e eu levávamos o pequeno Reginald em nossas caçadas. Ele não era muito forte, mas ficava sempre orgulhoso por nos acompanhar. Fazíamos armadilhas para ratos-almiscarados no pequeno córrego que passava atrás de nossa casa. E ficávamos deitados, muito quietos, até que rãs imensas, que de nada desconfiavam, apareciam e as arpoávamos. Cortávamos as pernas e vendíamos por cinco *cents* o par às pessoas que viviam nas proximidades. Os brancos pareciam menos exigentes em seus gostos alimentares.

Mais ou menos ao final de 1934, alguma coisa começou a acontecer. Uma espécie de deterioração psicológica atingiu a família e começou a corroer nosso orgulho. Talvez tenha sido a evidência constante e tangível de que éramos indigentes. Conhecíamos outras famílias que haviam recorrido ao programa de amparo aos necessitados. Em nossa casa, sem que ninguém precisasse expressá-lo, sentíamos o maior orgulho por não termos de comparecer ao galpão onde era distribuída a comida grátis. E, abruptamente, lá estávamos também. Na escola, passamos a ser apontados como indigentes, às vezes faziam comentários em voz alta.

Parecia que tudo para comer em nossa casa tinha o carimbo de “proibida a venda”. Todos os alimentos distribuídos pelo programa

de amparo aos indigentes tinham esse carimbo, para impedir que os beneficiários os vendessem. É de admirar que não tenhamos pensado que “proibida a venda” fosse uma marca de produto.

Às vezes, em vez de voltar diretamente para casa ao sair da escola, eu andava pelos três quilômetros de estrada até Lansing. Ia de loja em loja, pairando do lado de fora, onde estavam expostas coisas como maçãs, em caixas, barris ou cestos. Ficava aguardando a oportunidade de roubar um regalo. Sabem o que isso significava para mim? Tudo!

Ou então aparecia na casa de alguma família que conhecíamos na hora do jantar. Sabia que eles estavam a par do motivo da minha presença ali, mas jamais me embaraçaram deixando que isso transparecesse. Convidavam-me a ficar para o jantar e eu aproveitava para me encher de comida.

Gostava especialmente de visitar a casa dos Gohannas. Eram mais velhos, extremamente simpáticos, freqüentadores assíduos da igreja. Eu os observava muitas vezes vibrando com as pregações do meu pai. Morava com eles — na verdade, estavam criando-o — um sobrinho a quem todos chamavam de “Big Boy”. Nós nos dávamos muito bem. Também morava com os Gohannas a velha Sra. Adcock, que os acompanhavam à igreja. Ela estava sempre procurando ajudar todo mundo que podia, visitando os doentes e levando invariavelmente alguma coisa. Foi ela que, anos mais tarde, disse-me algo que nunca mais esqueci:

— Malcolm, há uma coisa em você que aprecio bastante. Você não presta, mas não tenta escondê-lo. Não é um hipócrita.

Quanto mais eu ficava longe de casa, a visitar outras famílias e roubar guloseimas das lojas, mais agressivo me tornava. Não gostava de esperar por coisa alguma.

Estava crescendo depressa, fisicamente mais do que mentalmente. À medida que fui sendo cada vez mais reconhecido na cidade, comeci a perceber a estranha atitude dos brancos em relação a mim. Senti que só podia ser algo relacionado com meu pai. Era uma versão adulta do que diversas crianças brancas haviam insinuado na escola e algumas vezes declarado abertamente, refletindo os comentários de seus pais: que a Legião Negra ou a Ku Klux Klan haviam matado meu pai e a companhia seguradora dera um golpe ao se recusar a pagar a minha mãe o dinheiro do seguro de vida.

Depois que passei a ser volta e meia apanhado quando roubava alguma coisa, o pessoal da assistência social começou a se concentrar em mim nas visitas à nossa casa. Não me lembro como percebi pela primeira vez que estavam falando em me levar. Mas recordo que mamãe armou a maior confusão, gritando que era capaz de criar os seus próprios filhos. Ela me surrava por roubar e eu tentava alarmar a vizinhança com meus gritos. Uma coisa da qual sempre me orgulhei foi o fato de que jamais levantei a mão contra minha mãe.

No verão, à noite, além de todas as outras coisas que fazíamos, alguns dos meninos esgueiravam-se pela estrada ou através dos pastos e iam roubar melancias. Os brancos sempre associaram melancias com

negros. Se meninos brancos as estavam roubando, então estavam se comportando como negros. Os brancos sempre esconderam ou justificaram todos os seus delitos atribuindo-os aos negros.

Lembro que numa noite de Halloween (o Dia das Bruxas, na véspera de Todos os Santos) saíamos em bando para derrubar as antigas privadas que existiam nas regiões rurais, as "casinhas". Um velho fazendeiro, que devia ter derrubado muitas privadas na juventude, havia preparado uma armadilha. A tática era os meninos se esgueirarem silenciosamente por trás da privada e depois empurrá-la ao mesmo tempo, para derrubá-la. Esse fazendeiro tirara a sua privada do buraco no chão e a colocara um pouco na frente. Chegamos em fila indiana, na escuridão. Os dois meninos brancos que iam na frente caíram na fossa, mergulhando até o pescoço. O cheiro deles era tão horrível que tivemos de fazer o maior esforço para tirá-los. Com isso, acabou-se a nossa diversão naquela noite de Halloween. Eu próprio por pouco que não caíra na fossa. Os brancos estavam acostumados a sempre tomarem a dianteira e fora isso o que lhes valera cair em na fossa.

Assim, de diversas maneiras, aprendi várias coisas. Saía para colher morangos. Não me recordo quanto recebia por cesto, mas lembro que, depois de um dia de trabalho árduo, terminava com cerca de um dólar, o que era um bocado de dinheiro naquele tempo. Um dia, eu estava com tanta fome que não sabia direito o que fazer. Fui andando para a cidade, pensando em comprar alguma coisa gostosa para comer. Foi quando apareceu um menino branco mais velho, que eu conhecia, Richard Dixon, perguntando se eu não queria jogar cara-ou-coroa. Ele tinha troco suficiente para o meu dólar. Em cerca de meia hora, ele ficou com meu dólar e conseguiu recuperar todas as suas moedas. Em vez de seguir para a cidade a fim de comprar alguma coisa, voltei para casa sem nada, amargurado. Mas isso não foi nada em comparação com o que senti ao descobrir mais tarde que ele havia trapaceado. Há um modo de fazer o níquel cair do jeito que se quer. Foi a minha primeira lição sobre jogo: se alguém está ganhando o tempo todo, então não está jogando honestamente, mas trapaceando. Mais tarde, ao longo da vida, se eu começava a perder sem parar em qualquer situação de jogo, tratava de observar atentamente o que estava acontecendo. É a mesma situação do negro na América, vendo o homem branco ganhar continuamente. O homem branco é um jogador profissional, todas as cartas e probabilidades estão do seu lado; sempre tira para o nosso povo as cartas do fundo do baralho.

Mais ou menos nessa ocasião, minha mãe começou a ser visitada por alguns Adventistas do Sétimo Dia, que haviam mudado para uma casa não muito longe da nossa. Conversavam com ela por horas a fio, deixavam folhetos e revistas para que minha mãe lesse. Ela lia, assim como Wilfred, que voltara à escola, depois que passamos a receber a comida gratuita do programa de ajuda aos indigentes. A cabeça de Wilfred estava sempre metida em algum livro.

Não demorou muito para que minha mãe começasse a passar ca-

da vez mais tempo com os Adventistas. Estou convencido de que ela foi influenciada por eles terem restrições alimentares ainda mais rigorosas do que as suas, que sempre defendera e nos impusera. Como nós, os Adventistas eram contra comer coelhos e porco; adotavam as leis alimentares mosaicas. Não comiam a carne de qualquer animal que não tivesse o casco fendido ou não ruminasse. Começamos a acompanhar mamãe às reuniões adventistas. Para nós, crianças, sei que a maior atração era a boa comida que serviam. Mas também ficávamos escutando. Havia um punhado de negros de pequenas cidades da região, mas acho que 99 por cento eram de brancos. Os adventistas achavam que estávamos vivendo ao final dos tempos, que o fim do mundo em breve chegaria. Mas eram os brancos mais amistosos que eu já tinha conhecido. Mas nós, crianças, percebíamos e discutíamos quando voltávamos para casa que eles eram diferentes de nós, em coisas como a falta de tempero suficiente na comida e no cheiro diferente dos brancos.

Enquanto isso, o pessoal da assistência social continuava a atormentar minha mãe. Àquela altura, ela já não mais se preocupava em esconder que os odiava e não desejava vê-los em sua casa. Mas eles insistiam em exercer o seu direito de ir à nossa casa. Muitas vezes tenho pensado como, ao conversarem com as crianças, começaram a semear as sementes da divisão e discórdia em nossas mentes. Perguntavam, por exemplo, quem era mais esperto que o outro. E sempre me perguntavam por que eu era "tão diferente".

Tenho a impressão de que estavam convencidos de que encaminhar as crianças para lares adotivos era uma parte legítima de suas funções; e certamente o resultado lhes causaria menos problemas e dificuldades.

E como minha mãe se opunha tenazmente, eles passaram a atormentá-la. Inicialmente, por meu intermédio. Eu era o alvo principal. Roubava, o que significava que minha mãe não estava sabendo tomar conta de mim direito.

Todos nós éramos rebeldes e travessos ocasionalmente, eu mais do que os outros. Philbert e eu estávamos numa guerra permanente. E isso era apenas uma entre uma dezena de coisas que contribuía para aumentar incessantemente a pressão sobre minha mãe.

Não tenho certeza como ou quando os agentes sociais começaram a insinuar que nossa mãe estava perdendo o juízo.

Mas posso nitidamente recordar que a chamaram de "maluca" quando souberam que o fazendeiro negro que era nosso vizinho oferecera carne de porco, um porco inteiro, talvez dois, e ela recusara. Todos nós ouvimos quando chamaram mamãe de "maluca", por ter recusado uma boa carne. Não adiantou ela explicar que nunca havíamos comido carne de porco, que era contrário à sua religião, como adventista do sétimo dia.

Eles eram implacáveis como abutres. Não tinham o menor sentimento, compreensão, compaixão ou respeito por minha mãe. E nos disseram:

— Ela é maluca por recusar comida.

Foi nessa ocasião que a união da nossa família começou a desmoronar. Estávamos enfrentando tempos difíceis e eu nada fazia para ajudar. Mas poderíamos ter resistido, se tivéssemos permanecido unidos. Por pior que eu fosse, por mais problemas e preocupações que causasse à minha mãe, a verdade é que a amava profundamente.

Descobrimos depois que os assistentes sociais haviam conversado com a família Gohannas, a qual dissera que me aceitaria em sua casa. Ao saber disso, minha mãe teve um acesso... e os destruidores de lares se recolheram por algum tempo.

Foi mais ou menos nessa época que o homem grande e escuro de Lansing começou a nos visitar. Não me lembro como ou onde ele e minha mãe se conheceram. Não me lembro qual era a profissão desse homem. Em 1935, em Lansing, os negros não faziam coisa alguma a que se pudesse chamar de profissão. O homem parecia um pouco com meu pai. Posso lembrar o nome dele, mas não há necessidade de mencioná-lo. Era solteiro e minha mãe era uma viúva de apenas 36 anos. O homem era independente, algo que ela não podia deixar de admirar. Minha mãe estava encontrando a maior dificuldade em nos controlar e a simples presença de um homem ajudaria bastante. E se tivesse um homem para ajudar no sustento da casa, os assistentes sociais iriam embora para sempre.

Todos podíamos compreender o que estava acontecendo, sem que houvesse necessidade de nos falarem. Ou pelo menos não tínhamos qualquer objeção. Sabíamos e até brincávamos entre nós que, quando o homem vinha, mamãe se vestia com as melhores roupas que tinha — ainda era uma mulher bonita — e se comportava de maneira diferente, contente e sorridente, como há muitos anos não a víamos.

Se bem me lembro, isso se prolongou por um ano. Depois, em 1936 ou 1937, o homem de Lansing abandonou minha mãe subitamente. Simplesmente parou de ir procurá-la. Pelo que pude entender mais tarde, ele recuou diante da perspectiva de assumir a responsabilidade de oito bocas para alimentar. Teve medo de cuidar de tantas crianças. Até hoje, ainda posso entender a armadilha em que mamãe se encontrava, sobrecarregada por todos nós. E posso também compreender por que o homem de Lansing evitou assumir uma responsabilidade tão tremenda.

Mas foi um choque terrível para minha mãe. Foi o princípio do fim da realidade para ela. Quando começou a andar de um lado para outro e a sentar falando consigo mesma, quase como se estivesse alheia à nossa presença, a situação foi-se tornando cada vez mais alarmante.

O pessoal do estado percebeu que ela começava a fraquejar. Aproveitaram para tomar as providências necessárias para me tirarem de casa. Começaram a me dizer como seria maravilhosa a vida na casa dos Gohannas, que Big Boy e a Sra. Adcock haviam dito que gostavam muito de mim e gostariam de me ter em sua companhia.

Eu também gostava de todos eles. Mas não queria deixar Wilfred. Sentia a maior admiração por meu irmão mais velho. Não queria dei-

xar Hilda, que era como a minha segunda mãe. Nem Philbert; apesar de nossas brigas, havia entre nós um sentimento de união fraterna. Nem Reginald, especialmente, que era frágil por causa da hérnia e que me respeitava e admirava como irmão mais velho, que cuidava dele, assim como eu fazia com Wilfred. E eu também não tinha nada contra os bebês, Yvonne, Wesley e Robert.

À medida que passou a falar mais e mais consigo mesma, minha mãe foi-se tornando menos e menos suscetível a nós. E menos responsável. A casa foi ficando cada vez mais suja e desarrumada. Éramos cada vez mais esfarrapados e malcuidados. E agora, era Hilda quem geralmente cozinhava.

Nós, crianças, podíamos perceber que a âncora que nos segurava estava começando a se soltar. Era terrível saber que não podíamos fazer coisa alguma. E sentíamos que algo terrível iria acontecer. Os mais moços se apoiavam cada vez mais na força relativa de Hilda e Wilfred, que eram os mais velhos.

Quando finalmente fui levado para a casa dos Gohannas, senti-me contente, pelo menos na superfície. Lembro que, ao partir com o assistente social, minha mãe fez uma recomendação:

— Não deixe que eles dêem carne de porco para meu filho comer.

Sob muitos aspectos, a vida na casa dos Gohannas era bem melhor. Big Boy e eu partilhávamos um quarto e nos dávamos muito bem. A única diferença era o fato de ele não ser meu irmão de sangue. Os Gohannas eram muito religiosos. Big Boy e eu os acompanhávamos à igreja. Nessa ocasião, eles eram *Holy Rollers* (uma seita pentecostal). Os pregadores e congregações pulavam e gritavam ainda mais alto que os batistas que eu conhecera. Cantavam a plenos pulmões, balançavam para trás e para a frente, gritavam, gemiam, batiam em tamborins. Era uma coisa impressionante, como fantasmas e espíritos, parecia haver “assombrações” no próprio ar quando finalmente saíamos da igreja e voltávamos para casa.

Os Gohannas e a Sra. Adcock adoravam ir pescar. Havia alguns sábados em que Big Boy e eu íamos juntos. Eu havia mudado de escola, estava agora na West Junior High School de Lansing. Ficava bem no coração do bairro negro e tinha alguns alunos brancos. Mas Big Boy não costumava se misturar com os colegas e passei a agir da mesma forma. E quando saíamos para pescar, não gostávamos de ficar simplesmente sentados, esperando que algum peixe puxasse a rolha para baixo d'água... ou fazer a linha tremer, quando pescávamos assim. Eu imaginava que devia haver algum meio melhor de pegar um peixe, embora jamais tivéssemos descoberto qual poderia ser.

O Sr. Gohannas era muito amigo de alguns outros homens, que costumavam sair aos sábados para caçar coelhos. Às vezes, ele levava Big Boy e eu. Eu tinha o rifle .22 que pertencera a meu pai, pois mamãe dissera que podia levá-lo. Os homens haviam criado uma estratégia para caçar coelhos, que sempre usavam. Geralmente quando um cachorro levanta um coelho e este foge, instintivamente se põe a correr

em círculos, tornando a passar, mais cedo ou mais tarde, pelo lugar em que foi originalmente levantado. Os homens ficavam simplesmente sentados, escondidos em algum lugar, esperando que o coelho voltasse, quando então o alvejavam. Comecei a pensar no caso e finalmente elaborei um plano. Big Boy e eu nos afastávamos, indo para um ponto onde imaginava que o coelho teria de passar primeiro, na volta.

O plano deu certo como se fosse magia. Passei a acertar três ou quatro coelhos antes de os homens conseguirem liquidar um só. O mais espantoso é que nenhum dos homens jamais pôde imaginar como eu conseguia. Ficavam impressionados, comentando como eu era um bom atirador. Nessa ocasião, eu tinha 12 anos. Tudo o que fizera fora aperfeiçoar a estratégia deles. Mas foi o princípio de uma lição de vida muito importante: sempre que se encontra alguém mais bem-sucedido do que a gente, especialmente quando ambos estão empenhados na mesma atividade, é porque o outro está fazendo algo que a gente não está.

Freqüentemente, eu ia visitar minha família. Havia ocasiões em que Big Boy ou um dos Gohannas, às vezes ambos, me acompanhavam. Em outras ocasiões, eu ia sozinho. Ficava contente quando um deles me acompanhava, pois isso tornava mais fácil a provação.

Não demorou muito para que o pessoal do estado estivesse fazendo planos para cuidar de todos os meus irmãos. Mamãe passava agora quase o tempo todo falando consigo mesma e um bando de brancos diferentes entrou em cena, todos sempre fazendo perguntas. Iam até mesmo me procurar na casa dos Gohannas. Ficavam me interrogando no alpendre ou sentados em seus carros.

Minha mãe acabou sofrendo um colapso total e as ordens judiciais foram finalmente expedidas. Levaram-na para o Hospital Estadual de Doenças Mentais, em Kalamazoo.

Ficava cerca de 120 quilômetros de Lansing, uma viagem de hora e meia de ônibus. O juiz McClellan, de Lansing, ficou responsável por mim e por todos os meus irmãos. Éramos crianças sob a tutela do estado, ele podia determinar o que seria feito conosco. Um homem branco encarregado dos filhos de um homem preto! Era legal, mas nem por isso deixava de ser uma espécie de escravidão moderna, mesmo que bem-intencionada.

Minha mãe ficou internada no mesmo hospital em Kalamazoo por cerca de 26 anos. Mais tarde, quando eu ainda estava em fase de crescimento, em Michigan, passei a visitá-la de vez em quando. Nada que eu possa imaginar poderia me comover tão profundamente quanto ver o estado lamentável em que ela se encontrava. Em 1963, tiramos minha mãe do hospital e ela agora vive em Lansing, com Philbert e a família dele.

Era muito pior que uma doença física, para a qual se pode descobrir a causa, dar os medicamentos apropriados e obter-se a cura. Cada vez que ia visitá-la, sentia-me mais angustiado e desesperado, quando finalmente a levavam embora do lugar em que ficávamos conversando. Era apenas um caso, um número, nada mais além disso.

Minha última visita, quando compreendi que nunca mais tornaria a vê-la, pelo menos ali, foi em 1952. Eu tinha 27 anos na ocasião. Meu irmão Philbert dissera que, em sua visita, ela chegara a reconhecê-lo.

Mas mamãe não me reconheceu.

Ficou simplesmente olhando para mim. Não sabia quem eu era.

A mente dela, quando tentei falar-lhe, alcançá-la, estava longe dali.

Perguntei:

— Mamãe, sabe que dia é hoje?

Com o olhar distante, ela respondeu:

— Todo mundo foi embora.

Não posso descrever como me senti. A mulher que me trouxera para este mundo, me amamentara e cuidara, me castigara e amara, não mais me conhecia. Era como se eu estivesse tentando subir pela encosta de uma colina de penas. Fiquei olhando para ela, escutando-a “conversar”. Mas nada havia que eu pudesse fazer.

Estou sinceramente convencido de que um órgão de assistência social do governo foi o responsável pela destruição da nossa família. Queríamos e tentamos arduamente permanecer juntos. Nosso lar não precisava ser destruído. Mas os assistentes sociais, os tribunais e seus médicos nos liquidaram. E tenho certeza de que o nosso não foi o único caso.

Eu sabia que não tornaria a ver minha mãe porque isso poderia me transformar numa pessoa extremamente rancorosa e perigosa... por pensar como haviam nos encarado simplesmente como números e mais um caso em seus registros, não como seres humanos. E sabendo que a presença de minha mãe no hospital era uma estatística que não precisava ter existido, que se devia exclusivamente ao fracasso, hipocrisia, ganância e falta de misericórdia e compaixão de toda uma sociedade, eu me sentia ainda mais angustiado e desesperado. É por isso que não tenho qualquer misericórdia ou compaixão por uma sociedade que é capaz de oprimir e sufocar as pessoas, punindo-as depois por não terem conseguido resistir à pressão intensa.

Raramente converso com quem quer que seja a respeito de minha mãe. É que estou convencido de que sou capaz de matar, sem a menor hesitação, qualquer pessoa que por acaso faça um comentário errado a respeito dela. Assim, deliberadamente, não puxo o assunto, para que nenhum tolo cometa uma asneira.

Em 1937, quando nossa família foi destruída, Wilfred e Hilda já eram velhos o bastante para que o estado os deixasse entregues à sua própria sorte, na casa de quatro cômodos que meu pai construíra. Philbert foi posto na casa de outra família de Lansing, da Sra. Hackett. Reginald e Wesley foram viver com a família Williams, que eram amigos de minha mãe, Yvonne e Robert ficaram com uma família chamada McGuire.

Embora estivéssemos separados, continuamos a manter um contato estreito em Lansing ou ao redor, na escola ou fora dela, sempre que conseguíamos nos reunir. Apesar da separação artificial criada e da distância entre nós, ainda permanecemos unidos nos sentimentos mútuos.

Capítulo Dois

MASCOTE

A 27 de junho daquele ano, 1937, Joe Louis nocauteou James J. Braddock, para tornar-se o campeão mundial de todos os pesos. Os negros de Lansing, assim como os negros de todos os lugares, ficaram na maior alegria e felicidade, delirando com o maior feito de orgulho da raça que nossa geração já conhecera. Todo menino negro com idade bastante para andar queria ser o próximo campeão. Meu irmão Philbert, que já se tornara um bom boxeador na escola, não foi exceção (eu estava tentando jogar basquete. Era alto e esguio, mas não conseguia ser um bom jogador, já que era por demais desajeitado). No outono daquele ano, Philbert começou a participar dos combates de amadores que eram disputados no Auditório Prudden, em Lansing.

Ele estava indo muito bem, sobrevivendo a eliminatórias cada vez mais difíceis. Eu costumava ir ao ginásio para vê-lo treinar. Era excitante. Talvez sem o perceber, comecei a sentir uma inveja secreta. Um dos motivos era o fato de não poder admitir que fosse desviada para Philbert a admiração perpétua por mim do meu irmão menor Reginald.

Todos elogiavam Philbert como um lutador de boxe natural. Imaginei que também poderia me tornar um, já que pertencíamos à mesma família. Assim, tratei de providenciar a minha entrada no ringue. Acho que eu tinha 13 anos quando me inscrevi para a primeira luta. Mas minha altura e corpulência permitiram-me alegar que tinha 16 anos, a idade mínima... e meu peso, em torno do 58 quilos, valeu-me a classificação como peso-galo.

Puseram-me para lutar com um garoto branco, principiante como eu, chamado Bill Peterson. Jamais o esquecerei. Quando chegou o momento da luta, todos os meus irmãos estavam presentes, assim como a maioria das pessoas que eu conhecia na cidade. Estavam ali não tanto por minha causa, mas sim por Philbert, que já adquirira uma boa reputação e tinha seus fãs. Queriam ver como o irmão dele se saía.

Desci pelo corredor entre o público, subi para o ringue. Bill Peterson e eu fomos apresentados, depois o juiz nos chamou e disse aquelas mesmas coisas de sempre sobre luta limpa e separar quando ele mandasse. A campanha soou e saímos de nossos cantos. Eu sabia que estava apavorado, mas não tinha a menor idéia, como o próprio Bill Peterson contou-me mais tarde, que ele também estava apavorado. Ele

estava com tanto medo que eu pudesse machucá-lo que me derrubou uma porção de vezes só para impedi-lo.

Os danos à minha reputação na comunidade foram tão grandes que praticamente tive de me esconder. Um negro não pode ser derrotado por um branco e voltar para a sua comunidade de cabeça erguida, especialmente naquele tempo, quando os esportes e o *show business*, em grau menor, eram os únicos campos abertos à evolução dos negros e o ringue era o único lugar em que um negro podia bater num branco sem ser linchado. Quando voltei a circular, os negros da vizinhança me trataram tão mal que cheguei à conclusão de que precisava tomar alguma providência.

Mas a pior das minhas humilhações foi a atitude do meu irmão menor Reginald: ele simplesmente nunca mencionou a luta. Mas era terrível o jeito com que me olhava... e evitava me olhar. Assim, decidi voltar ao ginásio e passei a treinar muito, esforçando-me ao máximo. Socava os sacos de areia, pulava corda, grunhia e suava sem parar. E, finalmente me inscrevi para lutar novamente com Bill Peterson. Desta vez, a luta foi realizada na cidade dele, Alma, Michigan.

A única coisa melhor na nova luta foi o fato de quase nenhum conhecido estar presente para presenciá-la. Senti-me particularmente grato pela ausência de Reginald. No momento em que o gongo soou, avistei um punho avançando em minha direção, em seguida a lona subiu ao meu encontro. Dez segundos depois o juiz estava gritando "Dez!" por cima de mim. Foi provavelmente a "luta" mais curta da história. Fiquei estendido, ali escutando a contagem, mas não conseguia me mexer. Para ser franco, não tenho muita certeza se queria me mexer.

Aquele garoto branco foi o princípio e o fim da minha carreira como lutador. Muitas vezes, nos anos que se passaram desde que me tornei um muçulmano, tenho pensado naquela luta, refletindo que foi Alá quem me impediu de continuar como boxeador e ter acabado "sonado".

Não muito depois dessa luta, entrei um dia na sala de aula com um chapéu na cabeça. Estava agindo assim deliberadamente. O professor, que era branco, ordenou-me que continuasse de chapéu e ficasse andando ao redor da sala, até que me mandasse parar.

— Desta forma — disse ele — todo mundo poderá vê-lo. Enquanto isso, vamos continuar com a aula para aqueles que aqui estão a fim de aprenderem alguma coisa.

Eu ainda estava andando quando ele levantou e se virou para o quadro-negro, a fim de escrever alguma coisa. Todos na sala estavam olhando quando passei nesse momento por trás da escrivaninha dele, peguei uma tachinha e a coloquei em sua cadeira. Quando ele se virou para sentar novamente, eu já estava longe da cena do crime, circulando pelos fundos da sala. Ao sentar na tachinha, ele soltou um berro de dor e se levantou de um pulo. Sai correndo pela porta.

Com os meus antecedentes, não fiquei muito surpreso ao ser informado de que fora expulso da escola.

Acho que tinha a vaga noção de que, mesmo expulso da escola, poderia continuar na casa dos Gohannas, perambulando pela cidade, talvez mesmo arrumando algum trabalho, quando precisasse de dinheiro para as despesas miúdas. Mas fiquei profundamente abalado quando um homem do governo, a quem eu nunca vira antes, apareceu para me buscar na casa dos Gohannas, levando-me para o tribunal.

Disseram-me que eu tinha de ir para um reformatório. Nessa ocasião, estava ainda com 13 anos.

Antes, porém, eu teria que passar algum tempo na casa de detenção. Ficava em Mason, Michigan, a cerca de 20 quilômetros de Lansing. Era o lugar onde ficavam detidos todos os meninos e meninas "rebeldes" do Condado de Ingham, aguardando suas audiências, antes de serem despachados para o reformatório.

O homem branco do governo que foi me buscar era um certo Sr. Maynard Allen. Mostrou-se muito mais simpático e delicado que a maioria dos agentes sociais que eu havia conhecido até então. Teve até mesmo algumas palavras de consolo para os Gohannas, a Sra. Adcock e Big Boy, que estavam chorando. Eu era o único que não estava chorando. Com as poucas roupas que possuía dentro de uma caixa, fui para Mason no carro dele. Durante a viagem, ele me disse que as minhas notas na escola indicavam que, se tomasse jeito, ainda poderia ser alguém na vida. Disse que o reformatório tinha uma reputação errada, explicou o que significava a palavra "reformatar"; mudar e se tornar melhor. Falou que o reformatório era um lugar onde os rapazes como eu podiam compreender seus erros e começar vida nova, virando alguém na vida, alguém de que todos pudessem se orgulhar. E falou ainda que a dona que dirigia a casa de detenção, uma certa Sra. Swerlin, assim como o marido, eram ótimas pessoas.

E eram mesmo boas pessoas. Lembro que a Sra. Swerlin era maior que o marido, uma mulher grande, corpulenta, sorridente. O Sr. Swerlin era magro, cabelos pretos, bigodinho preto, rosto vermelho, tranqüilo e polido, até mesmo comigo.

Os dois simpatizaram imediatamente comigo. A Sra. Swerlin mostrou-me o quarto em que eu ficaria, meu próprio quarto, só para mim, o primeiro que eu tinha na vida. Era um daqueles prédios imensos, parecendo dormitórios, onde se mantinham os jovens em detenção naquele tempo... e até hoje ainda é assim, em muitos lugares. Descobri em seguida, com alguma surpresa, que podia comer com os Swerlins. Era a primeira vez que eu comia junto com brancos, pelo menos brancos adultos, desde as reuniões no campo dos Adventistas do Sétimo Dia. Claro que não se tratava de um privilégio exclusivo. Exceto pelos jovens mais rebeldes e difíceis, que viviam trancafiados, porque tinham fugido e sido novamente capturados ou por algum motivo, todos nós comíamos com os Swerlins, sentados à cabeceira das mesas compridas.

Eles tinham uma ajudante de cozinha que eu recordo nitidamente: Lucille Lathrop (fico espantado ao descobrir como lembro todos

esses nomes, de um período em que não pensava há mais de 20 anos). Lucille também me tratava muito bem. O marido dela chamava-se Duane Lathrop. Ele trabalhava em outro lugar, mas passava os fins de semana na casa de detenção, com Lucille.

Percebi novamente como os brancos tinham um cheiro diferente e como o sabor de sua comida era outro, por não ser tão temperada quanto a dos negros. Comecei a varrer, limpar e tirar o pó da casa dos Swerlins, como costumava fazer com Big Boy, na casa dos Gohannas.

Todos gostaram da minha atitude e não demorou muito para que me aceitassem integralmente... como mascote, sei agora. Eram capazes de falar qualquer coisa na minha presença, com a mesma indiferença com que as pessoas falam livremente diante de um canário de estimação. Chegavam mesmo a falar a meu respeito ou sobre negros, desdenhosamente, como se eu não estivesse presente, como se não fosse capaz de entender. Usavam cem vezes por dia a palavra *nigger*. Imagino que não agiam assim por maldade; ao contrário, provavelmente eram bem-intencionados. O mesmo acontecia com Lucille e o marido, Duane. Lembro de um dia em que o Sr. Swerlin, sempre a delicadeza em pessoa, voltou de uma viagem a Lansing, onde passara pelo bairro dos negros, e comentou com a esposa, na minha presença:

— Não consigo entender como aqueles negros podem ser tão felizes, apesar da miséria em que vivem.

Falou que eles viviam em barracos infectos, mas tinham carros grandes e reluzentes na porta. E a Sra. Swerlin respondeu, na minha frente:

— Os negros são assim mesmo...

Essa cena jamais me saiu da lembrança.

O mesmo acontecia com outros brancos que iam visitar os Swerlins, inclusive muitos políticos locais. Um dos temas de conversa prediletos era o problema dos *niggers*. Entre os visitantes, um dos mais assíduos era o juiz encarregado de meu caso em Lansing, amigo íntimo dos Swerlins. Perguntava por mim assim que chegava e imediatamente os Swerlins mandavam me chamar. O juiz me examinava de alto a baixo, com uma expressão aprovadora, como se estivesse examinando um bom potro ou um filhote de cachorro com *pedigree*. Eu sabia que os Swerlins deviam contar-lhe como eu me comportava e trabalhava.

O que estou tentando dizer é que nunca passou pela cabeça deles que eu podia compreender tudo, que não era meramente um animalzinho de estimação, mas sim um ser humano. Não podiam admitir que eu tivesse a mesma sensibilidade, inteligência e compreensão de um garoto branco na mesma situação, no qual prontamente reconheceriam, com a maior boa vontade. Mas, historicamente, os brancos sempre foram assim em relação aos pretos; podemos estar *com* eles, mas jamais fomos considerados como sendo *iguais* a eles. Muito embora tivessem aparentemente aberto a porta, a verdade é que ela continuava fechada. Assim, eles nunca chegaram a descobrir realmente quem eu era, nunca me viram de verdade.

É o tipo de condescendência generosa que eu procuro esclarecer hoje para os negros sequiosos pela integração, em relação a seus amigos brancos "liberais", esses supostos "bons brancos". A maioria é assim. Não importa quão amigo e generoso um branco possa lhe parecer. O que não pode esquecer é que quase nunca ele realmente o considera como um igual, raramente o vê como às outras pessoas da sua cor. Pode ficar do seu lado nas questões pequenas, mas jamais estará nas fundamentais. No momento da decisão, você vai descobrir que tão enraizada quanto a estrutura óssea está a sua convicção, às vezes subconsciente, de que é melhor do que qualquer negro.

Mas eu tinha apenas uma vaga consciência desses problemas nos anos que passei na casa de detenção. Cumpria as minhas pequenas tarefas domésticas na casa e estava tudo bem. Não se importavam que todo fim de semana eu fosse para Lansing. Se ainda não tinha idade suficiente, pelo menos já era grande o bastante, nessa ocasião, para que ninguém questionasse a minha presença nas ruas do bairro negro, mesmo à noite.

Eu crescia cada vez mais, para me tornar ainda maior que Wilfred e Philbert, que já estavam começando a se encontrar com garotas, nos bailes da escola e outros lugares. Eles me apresentaram a algumas. Mas acontece que eu não ia com a cara daqueles que simpatizavam comigo... e vice-versa. Além do mais, não me interessava em dançar e não admitia a idéia de desperdiçar o pouco dinheiro de que dispunha com garotas. Assim, preferia passar as noites de sábado a rondar os bares e restaurantes negros. As vitrolas automáticas estavam sempre tocando *Tuxedo Junction*, de Erskine Hawkins, *Flatfoot Floogie*, de Slim e Slam, coisas assim. Algumas vezes, grandes bandas de Nova York em excursão se apresentavam em grandes bailes em Lansing. Todo mundo que tinha pernas ia ouvir qualquer artista que se apresentasse com o nome mágico de "Nova York". Foi assim que ouvi falar pela primeira vez de Lucky Thompson e Milt Jackson, os quais iria mais tarde conhecer muito bem, no Harlem.

Muitos jovens que estavam na casa de detenção iam para o reformatório quando o prazo de permanência lá terminava. No meu caso, porém, mesmo com o prazo se expirando e sendo prorrogado por duas ou três vezes, fui sempre ignorado. Outros jovens chegavam e iam embora, mas eu ia ficando. Sentia-me contente e grato por isso. Sabia que era a Sra. Swerlin quem estava manobrando para garantir a minha permanência ali. E eu não queria ir embora.

Um dia, ela finalmente me disse que eu iria entrar na Mason Junior High School. Era a única escola da cidade. Nenhum dos internos da casa de detenção jamais ingressara na escola, pelo menos enquanto eu ainda era interno. Entrei para o sétimo ano. Os únicos outros negros na escola eram os filhos da família Lyons, mais moços que eu, cursando graus inferiores. Os Lyons e eu éramos os únicos negros da cidade. Como negros, eles eram muito respeitados. O Sr. Lyons era um homem inteligente e trabalhador, a Sra. Lyons era uma mulher ex-

cepcional. Eu soube que ela e minha mãe eram duas das quatro pessoas das Índias Ocidentais que viviam naquela parte de Michigan.

Descobri que alguns alunos brancos da escola eram ainda mais amistosos que tinham sido os de Lansing. Embora alguns, inclusive os professores, me chamassem de *nigger*, era fácil perceber que não o faziam por mal, usando o termo desdenhoso da mesma forma que os Swerlins. Como o *nigger* da minha classe, eu era na verdade extremamente popular, provavelmente em parte por ser uma espécie de novidade. Estava em demanda, tinha alta prioridade. Mas também me beneficieei do prestígio especial de contar com a aprovação daquela Mulher Muito Importante em Mason, a Sra. Swerlin. Ninguém em Mason se atreveria a ficar contra ela. Quase não se passava um dia na escola sem que alguém me convidasse para participar disso ou daquilo, como a sociedade de debates, a equipe de basquete ou qualquer outra atividade extracurricular. Jamais rejeitei qualquer convite.

Não fazia muito tempo que eu estava na escola quando a Sra. Swerlin, sabendo que eu precisaria de algum dinheiro para as despesas miúdas, arrumou-me um emprego depois das aulas, lavando pratos num restaurante local. Meu patrão era o pai de um colega branco, com quem eu sempre estava. A família vivia em cima do restaurante. Era um bom emprego. Toda noite de sexta-feira, ao receber o pagamento semanal, eu me sentia pelo menos com três metros de altura. Esqueci quanto ganhava, mas parecia-me um bocado de dinheiro. Foi a primeira vez na vida em que tive um dinheiro todo meu, só para mim. Assim que pude, comprei um terno verde e sapatos novos. Na escola, estava sempre pagando coisas para os colegas... pelo menos tanto quanto pagavam para mim.

As matérias que eu mais gostava eram inglês e história. Lembro que o professor de inglês, um certo Sr. Ostrowski, estava sempre dando conselhos sobre a melhor maneira de se tornar alguém na vida. O que não me agradava nas aulas de história era o fato de o professor, Sr. Williams, estar sempre contando piadas sobre os negros. Um dia, logo na minha primeira semana na escola, ele começou a cantar, quanto entrei na sala, à guisa de gracejo:

— Lá nos campos de algodão, tem gente que diz que há negro que não rouba.

Muito engraçado... Eu gostava de história, mas depois disso jamais tive grande simpatia pelo Sr. Williams. Nunca me esqueci do que aconteceu mais tarde, quando chegamos à parte do livro que tratava da história do negro. Tinha exatamente um parágrafo. O Sr. Williams riu praticamente do princípio ao fim, lendo em voz alta como os negros haviam sido escravos, sendo libertados depois, como eram geralmente preguiçosos, estúpidos e inúteis. Lembro que acrescentou um comentário antropológico pessoal, entre gargalhadas, dizendo que os pés dos negros eram "tão grandes que eles não deixam rastros ao andarem, mas sim buracos no chão".

Lamento dizer que a matéria que eu mais detestava era matemáti-

ca. Tenho pensado muito a respeito. Creio que o motivo da minha aversão era o fato da matemática não deixar qualquer margem a discussão. Quando se cometia um erro, não havia mais apelação.

Mas o basquete foi uma grande coisa em minha vida. Eu era titular da equipe. Íamos jogar nas pequenas cidades vizinhas, como Howell e Charlotte. Sempre que eu aparecia na quadra, o público me chamava de *nigger* e outros epítetos. Isso não perturbava os meus companheiros de time ou o treinador. Para dizer a verdade, incomodava-me apenas vagamente. Estava dominado pela mesma psicologia que faz com que os negros até hoje, embora isso os atormente por dentro, deixem que o homem branco lhes diga quanto “progresso” estão fazendo. Ouviram a mesma coisa tantas vezes que quase sofreram uma lavagem cerebral para acreditar... ou pelo menos para aceitar.

Depois das partidas de basquete, geralmente havia um baile na escola. Sempre que nossa equipe entrava no ginásio de outra escola para o baile, comigo no meio, eu podia sentir o frio súbito. O degelo só começava quando os outros viam que eu não tentava me misturar, ficando perto de alguém do nosso time ou então sozinho. Tenho a impressão de que desenvolvi meios de assumir tal atitude sem que parecesse óbvia. Até mesmo em nossa própria escola, eu podia sentir, quase como uma barreira física, que apesar de todos os sorrisos e manifestações de apreço não podia dançar com qualquer das garotas brancas.

Era alguma espécie de mensagem psíquica, partindo não apenas deles, mas também do fundo de mim. Pelo menos tenho o orgulho de dizer isso a respeito de mim mesmo. Ficava parado num canto e sorria, conversava com quem se aproximasse, tomava ponche, comia sanduíches. Depois apresentava alguma desculpa e ia embora mais cedo.

Eram os típicos bailes de escola de cidade pequena. Às vezes, uma pequena banda branca de Lansing vinha tocar no baile. Na maioria das vezes, no entanto, a música era proporcionada por um fonógrafo, armado em cima de uma mesa, com todo o volume aberto, os discos arranhados, tocando coisas como *Moonlight Serenade*, de Glenn Miller, cuja banda estava no auge na ocasião, ou os Ink Spots, que também eram muito populares, cantando *If I Didn't Care*.

Eu costumava passar muito tempo pensando em algo estranho. Muitos daqueles rapazes brancos de Mason, como já tinha acontecido com outros da escola de Lansing, especialmente os que me conheciam melhor e aos quais eu mais fazia companhia, de vez em quando chamavam-me para um canto e me pressionavam a “cantar” algumas garotas brancas, às vezes suas próprias irmãs. Diziam que já tinham andado com as garotas, até com as próprias irmãs. Ou então que estavam tentando, mas não conseguiam. Mais tarde, compreendi o que acontecia: se eles conseguissem levar as garotas a transgredirem o terrível tabu de andarem comigo, estariam em condições de pressioná-las a darem o que desejassem.

Parecia que os rapazes brancos pensavam que eu, sendo negro, naturalmente sabia mais a respeito de “romance” ou sexo... que instintiva-

mente saberia melhor o que fazer e dizer a suas próprias garotas. Já-mais contei a ninguém que me sentia atraído por algumas garotas brancas e sabia que o sentimento era recíproco. Elas assim me indicavam por diversas maneiras. Mas sempre que nos encontrávamos numa conversa particular ou numa situação potencialmente íntima, parecia se erguer uma muralha entre nós. As garotas que realmente me interessavam eram algumas negras de Lansing que Wilfred e Philbert haviam-me apresentado. Com elas, no entanto, por algum motivo, faltava-me coragem.

Pelo que vi e ouvi nas noites de sábado em que ficava circulando pelo bairro negro de Lansing, eu sabia que havia miscigenação na cidade. Mas, estranhamente, isso não causou qualquer efeito em mim. Acho que todos os negros de Lansing sabiam como homens brancos apareciam de carro em determinadas ruas do bairro negro e apanhavam as meretrizes que estavam fazendo *trottoir*. Mas não ficava nisso. Havia uma ponte que separava os bairros negro e polonês, pela qual passavam mulheres brancas para se encontrarem com homens negros que estavam à sua espera em determinados lugares. As mulheres brancas de Lansing, já naquele tempo, eram famosas por apreciarem os negros. Eu ainda não sabia que muitos brancos atribuíam aos negros a capacidade para proezas sexuais prodigiosas. Jamais ouvi falar de qualquer problema em Lansing por causa dessas relações interracialis. Imagino que todos achavam natural, como eu fazia.

De qualquer forma, graças a minha experiência na escola de Lansing, eu me tornara bastante hábil em evitar a questão das garotas brancas... pelo menos por mais algum tempo.

No segundo semestre do sétimo grau, fui eleito presidente da turma. O que me surpreendeu muito mais que aos outros. Mas posso compreender agora por que a turma me escolheu. Minhas notas estavam entre as mais altas da escola. Eu era o único na turma, como um *poodle* rosa. E me sentia orgulhoso; eis algo que não posso negar. Naquela ocasião, não tinha realmente o sentimento de ser um negro, porque estava me esforçando arduamente, por todos os meios possíveis, em ser branco. É por isso que passo tanto tempo atualmente a dizer ao negro americano que está perdendo tempo em seu esforço de “integração”. Sei disso por experiência pessoal. Bem que tentei, mas de nada adiantou.

— Malcolm, estamos muito orgulhosos de você! — exclamou a Sra. Swerlin, ao saber da minha eleição.

O mesmo aconteceu no restaurante onde eu trabalhava. Até mesmo o homem do governo, Maynard Allen, que ainda aparecia para me ver de vez em quando, não pôde conter algumas palavras de elogio. Disse que jamais vira alguém provar melhor do que eu o que significava exatamente “reformatar”. Eu gostava dele, só me irritando com uma coisa: o fato de insinuar às vezes que minha mãe nos deixara ao desamparo.

Frequentemente eu ia visitar os Lyons, que se mostravam imensamente felizes, como se estivessem recebendo um dos seus próprios filhos. Encontrava a mesma recepção afetuosa quando ia a Lansing e visitava meus irmãos e os Gohannas.

Lembro de uma coisa que me amargurou nessa ocasião: o filme *Gone with the Wind* (...E o Vento Levou). Ao ser exibido em Mason, eu era o único negro no cinema. Senti vontade de me esconder debaixo do tapete quando Butterfly McQueen apareceu em sua cena famosa.

Eu ia para Lansing quase todos os sábados. Estava agora com 14 anos. Wilfred e Hilda ainda moravam sozinhos, na velha casa da família. Hilda mantinha a casa sempre limpa e arrumada. Era mais fácil que no tempo de minha mãe, que tinha de cuidar também de oito filhos, correndo de um lado para outro. Wilfred trabalhava onde quer que pudesse e ainda lia todos os livros que lhe caíam nas mãos. Philbert estava adquirindo a reputação como um dos melhores lutadores de boxe amadores daquela parte do estado. Todos esperavam que ele acabasse se tornando um profissional.

Reginald e eu, depois do meu fracasso estrondoso como lutador, voltáramos a manter o mesmo relacionamento anterior. Eu me sentia muito feliz quando ia visitá-lo e a Wesley, na casa da Sra. Williams. Sempre dava alguns dólares aos dois, a fim de que tivessem algum dinheiro no bolso para qualquer eventualidade. A pequena Yvonne e Robert também estavam indo muito bem, na casa da Sra. McGuire, que também viera das Índias Ocidentais, como minha mãe. Eu dava um quarto de dólar a cada um. Sentia-me feliz por constatar que estavam indo bem.

Nenhum de nós falava muito a respeito de nossa mãe. E jamais mencionávamos nosso pai. Acho que nenhum sabia o que dizer. E creio que também não queríamos que ninguém mais mencionasse nossa mãe. De tempos em tempos, no entanto, fomos todos visitá-la, em Kalamazoo. Com mais frequência, porém, os mais velhos iam vê-la sozinhos, pois era algo que não se queria experimentar na presença de outra pessoa, mesmo sendo um irmão ou irmã.

Durante esse período, a visita à minha mãe de que mais me recordo aconteceu ao final do meu sétimo ano, quando a nossa meia-irmã adulta, filha de papai pelo primeiro casamento, veio de Boston para visitar-nos. Wilfred e Hilda haviam trocado algumas cartas com Ella. Eu também escrevera para ela, de Mason, por sugestão de Hilda.

Ficamos todos excitados e felizes quando recebemos uma carta sua comunicando que viria a Lansing para nos visitar.

Acho que o maior impacto da chegada de Ella, pelo menos sobre mim, foi o fato de ela ser a primeira mulher preta realmente orgulhosa que conheci. Possuía um orgulho óbvio e manifesto de sua pele muito escura. Tal atitude era incomum entre os negros daquele tempo, especialmente em Lansing.

Eu não sabia direito qual o dia de sua chegada. Uma tarde, ao voltar da escola, encontrei-a em casa à minha espera. Ela me abraçou, deu um passo para trás e contemplou-me de alto a baixo. Era uma mulher impressiva, talvez mais que a Sra. Swerlin. Não era simplesmente preta, mas igual a nosso pai, preta retinta. A maneira como sentava, gesticulava, falava, tudo o que fazia, enfim, mostrava que ali estava alguém que fazia e conseguia exatamente o que queria. Era a mulher

que, conforme meu pai tantas vezes se gabara, trouxera muitos membros da família da Geórgia para Boston. Ela possuía alguns bens e pertencia à "sociedade", para usar o termo de meu pai. Viera para o norte sem nada, trabalhara, economizara, investira e começara a mandar dinheiro para a Geórgia, para que um irmão, irmã, sobrinho ou sobrinha viesse também para Boston. Tudo o que eu ouvira a respeito dela se refletia na aparência e postura de Ella. Nunca antes eu ficara tão impressionado com uma pessoa. Ella já estava no segundo casamento; o primeiro marido fora um médico.

Ella fez-me uma porção de perguntas. Já soubera da minha eleição para presidente da turma, por intermédio de Wilfred e Hilda. Interrogou-me especialmente a respeito das notas e fui buscar os boletins para mostrar. Naquela ocasião, eu era um dos três melhores alunos da turma. Ella elogiou-me. Indaguei a respeito de seu irmão, Earl, e de sua irmã Mary. As notícias a respeito de ambos eram sensacionais. Earl era cantor, com uma banda de Boston. Apresentava-se com o nome de Jimmy Carleton. Mary também estava indo bem.

Ella falou-me ainda de outros membros daquele ramo da família, muitos dos quais eu já conhecia de nome. Ajudara a trazer vários da Geórgia. Eles, por sua vez, haviam ajudado outros.

— Nós, Littles, temos que permanecer unidos — comentou Ella.

Fiquei emocionado ao ouvi-la dizer isso, ainda mais pela maneira como falou. Eu me tornara um mascote, nosso ramo da família estava dividido; quase esquecera que era um Little, em qualquer sentido de família. Ela informou que diversos membros da família tinham bons empregos e alguns haviam estabelecido os seus próprios negócios, embora em pequena escala. Quase todos eram donos das casas em que viviam.

Quando Ella sugeriu que todos nós, os Littles de Lansing, a acompanhássemos numa visita à nossa mãe, senti-me profundamente grato. Todos sentíamos que se havia alguém que podia ajudar nossa mãe a se recuperar, essa pessoa era Ella. Todos juntos, pela primeira vez, fomos com Ella para Kalamazoo.

Nossa mãe estava sorrindo quando a trouxeram. Ficou extremamente surpresa ao ver Ella. O contraste entre as duas era extraordinário, a mulher esguia e quase branca, a preta grande, ambas se abraçando. Não me lembro muita coisa sobre o resto da visita, a não ser que se falou um bocado, com Ella sempre no comando da situação. Fomos embora nos sentindo muito melhor do que em qualquer outra ocasião com relação às circunstâncias. Pela primeira vez, eu tinha a sensação de que acabara de visitar alguém que sofria de uma espécie de doença física, que simplesmente perdurava mais do que o habitual.

Alguns dias depois, tendo visitado as casas em que todos nós estávamos, Ella voltou para Boston. Antes de partir, recomendou-me que lhe escrevesse regularmente. E sugeriu que talvez eu pudesse visitá-la em Boston nas férias de verão. Eu sabia que não iria perder aquela oportunidade.

No verão de 1940, peguei o ônibus da Greyhound em Lansing e segui para Boston, com minha valise de papelão, usando o terno verde que comprara. Não poderia chamar mais atenção se alguém pendurasse um cartaz no meu pescoço com a palavra "MATUTO". Naquele tempo, não havia auto-estradas e o ônibus dava a impressão de que parava em qualquer esquina ou beira de trilha no mato. No meu banco, nos fundos do ônibus, como não podia deixar de ser, eu contemplava espantado a América do homem branco desfilar pela janela, pelo que me pareceu um mês inteiro de viagem, mas não deve ter sido mais que um dia e meio.

Quando o ônibus finalmente chegou, Ella estava à minha espera na estação rodoviária e levou-me para sua casa. Ficava em Waumbek Street, em Sugar Hill, um trecho de Roxbury, que é o Harlem de Boston. Conheci o segundo marido de Ella, Frank, que era soldado na ocasião. Conheci também Earl, o cantor que se apresentava como Jimmy Carleton, e Mary, que era muito diferente da irmã mais velha. É curioso como eu pensava em Mary como a irmã de Ella, ao invés de vê-la como minha meia-irmã. Provavelmente era porque Ella e eu sempre fomos mais chegados como tipos básicos: somos pessoas dominantes, enquanto Mary sempre foi suave e quieta, quase tímida.

Ella estava ativamente empenhada em dezenas de coisas. Pertencia a não sei quantos clubes diferentes, era uma figura de destaque na chamada "sociedade preta" local. Conheci uma centena de pretos em Boston, cuja conversa e atitudes de cidade grande me deixaram aturrido.

Não conseguiria simular indiferença, mesmo que tentasse. As pessoas falavam com a maior tranqüilidade sobre Chicago, Detroit, Nova York. E eu não sabia que havia tantos negros no mundo, ao vê-los desfilar pelo centro de Roxbury à noite, especialmente aos sábados. Ah, os cartazes em néon, os *nightclubs*, os salões de sinuca, bares, os carros que dirigiam! Os restaurantes exalavam seus odores para as ruas, os odores fortes, bem temperados, de uma boa comida negra! As vitrolas estrondeavam com os últimos sucessos de Erskine Hawkins, Duke Ellington, Cootie Williams, dezenas de outros. Se alguém me dissesse naquela ocasião que um dia eu iria conhecê-los todos pessoalmente, confesso que dificilmente acreditaria. As maiores bandas se apresentavam no Roseland State Ballroom, na Massachusetts Avenue, em Boston, uma noite para os negros, na noite seguinte para os brancos.

Pela primeira vez, vi ocasionais casais preto-branco, desfilar de braços dados. Aos domingos, quando Ella, Mary ou alguém mais me levava à igreja, pude conhecer igrejas de pretos como nunca antes vira. Eram incomparavelmente melhores que as igrejas de brancos que eu freqüentara em Mason, Michigan. Os brancos simplesmente ficavam sentados e rezavam com palavras. Mas os negros de Boston, como todos os outros negros que eu vira na igreja, lançavam suas almas e seus corpos inteiramente nas preces.

Por duas ou três vezes, escrevi cartas para Wilfred, em Lansing, destinadas também a todos os outros. Disse nas cartas que tentaria descrever tudo o que vira quando voltasse.

Mas descobri que não podia.

Minha inquietação e insatisfação com Mason e, pela primeira vez na minha vida, uma inquietação e insatisfação por viver no meio dos brancos, começaram assim que voltei para casa e pus-me a cursar o oitavo ano da escola.

Continuei a pensar constantemente em Boston e em tudo o que ali vira, como me sentira na cidade grande. Sei agora que experimentava, pela primeira vez, a sensação de ser uma parte real de uma massa da minha própria espécie.

Os brancos, colegas de escola, os Swerlins, as pessoas no restaurante onde eu trabalhava perceberam a mudança. E muitos me diziam:

— Está-se comportando de maneira muito estranha, Malcolm. Não parece mais o mesmo. O que aconteceu?

Mas continuei a ser um dos melhores da turma. Lembro que o primeiro lugar estava sempre sendo trocado entre mim, uma garota chamada Audrey Slauch e um rapaz de nome Jimmy Cotton.

Assim, tudo continuou como antes, enquanto eu me tornava cada vez mais inquieto e perturbado, ao longo de todo o primeiro semestre. Um dia, quando os alunos aprovados estavam prestes a passar para o 8-A, aconteceu algo que iria ser o primeiro grande momento decisivo da minha vida.

Por algum motivo, não me lembro qual, fiquei sozinho na sala de aula com o Sr. Ostrowski, o professor de inglês. Era um homem branco alto, um tanto avermelhado, com um bigode imenso. Fora ele quem me dera algumas das minhas melhores notas e sempre dera a entender que gostava de mim. Era uma espécie de "conselheiro" nato sobre o que um aluno devia ler, fazer ou pensar, a respeito de qualquer coisa. Costumávamos fazer gracejos cruéis a seu respeito: por que estava ensinando em Mason, em vez de estar trabalhando em algum outro lugar, onde pudesse obter para si próprio um pouco do "sucesso na vida" que vivia dizendo que devíamos procurar?

Tenho certeza de que as intenções dele eram provavelmente as melhores possíveis nos conselhos que me deu naquele dia. Duvido muito que tencionasse me causar algum mal. Era simplesmente algo que lhe era inerente, como um homem branco americano. Eu era um dos melhores alunos da turma, um dos melhores alunos da escola. Mas tudo o que ele podia imaginar para mim era um futuro "em seu lugar", como quase todos os brancos imaginam para os pretos.

— Malcolm — disse-me ele —, deve estar pensando na carreira que pretende seguir. Tem alguma idéia a respeito?

A verdade é que eu nunca havia pensado no problema. Jamais pude compreender, assim, por que lhe disse:

— Já, sim, senhor. Estive pensando que gostaria de ser advogado. Naquele tempo, Lansing não tinha advogados negros, nem médicos, que pudessem me inspirar tal aspiração. Tudo o que eu realmente sabia era que um advogado não lavava pratos, a minha atividade no momento.

O Sr. Ostrowski ficou surpreso. Recostou-se na cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça. Exibiu um sorriso incipiente e disse:

— Malcolm, uma das primeiras necessidades na vida para cada um é ser realista. Por isso, peço que não me leve a mal. Sabe perfeitamente que todos aqui gostamos de você. Mas tem que ser realista e encarar de frente os problemas de ser um *nigger*. Ser advogado... isso não é um objetivo realista para um negro. Deve pensar em algo que possa realmente ser. É muito hábil com as mãos, sabe fazer as coisas. Todo mundo admira os seus trabalhos de carpintaria. Por que não planeja tornar-se um carpinteiro? Todo mundo gosta de você e tenho certeza de que teria sempre muitas encomendas.

Mais tarde, quanto mais eu pensava no que ele me dissera, mais inquieto me tornava. Era algo que não me saía dos pensamentos.

O que realmente me incomodava profundamente eram os conselhos que o Sr. Ostrowski dava aos outros alunos da turma, todos brancos. Muitos planejavam virar fazendeiros. Mas aqueles que desejavam se arriscar por conta própria, lançando-se a novas atividades, ele sempre estimulava. Alguns queriam se tornar professores, especialmente as garotas. Uns poucos queriam enveredar por outras profissões, como um rapaz que desejava ser veterinário e uma menina que queria ser enfermeira. Todos comentaram que o Sr. Ostrowski os estimulava a adotarem a profissão que estavam desejando. Contudo, nenhum deles jamais tivera notas tão boas quanto eu.

Era espantoso que eu jamais tivesse pensado daquela maneira antes, mas acabei chegando à conclusão de que era mais inteligente que a maioria dos garotos brancos da turma. Mas, aparentemente, eu ainda não era inteligente o bastante, aos olhos deles, para me tornar o que quer que desejasse.

Foi nesse momento que comecei a mudar por dentro.

Afastei-me gradativamente dos brancos. Ia às aulas, respondia o que me perguntavam. E mais nada. Assistir às aulas de o Sr. Ostrowski tornou-se uma tremenda tensão física.

Enquanto antes não dava a menor importância quando me chamavam de *nigger*, agora parava e olhava fixamente para quem quer que me chamasse assim. E todos ficavam surpresos com a minha reação.

Sempre que alguém me chamava de *nigger*, quase que invariavelmente havia uma pergunta subsequente: “Qual é o problema?” Ninguém, inclusive os professores, conseguia entender o que estava me acontecendo. Eu sabia que todos estavam comentando o meu comportamento.

Mais algumas semanas e o mesmo começou a acontecer no restaurante onde eu lavava pratos e na casa dos Swerlins.

Não demorou muito para que a Sra. Swerlin me chamasse um dia à sala de estar de sua casa, onde fui encontrar o homem do governo, Maynard Allen. Pelas expressões de ambos, compreendi que alguma coisa ia acontecer. Ela disse que não podia compreender por que, depois de me sair tão bem na escola e no emprego, vivendo ali e sabendo

que todos em Mason gostavam de mim, eu recentemente começara a dar a impressão de que não mais me sentia feliz.

Acrescentou que não havia mais necessidade de eu continuar na casa de detenção, que já havia sido providenciada a minha ida para a casa da família Lyons, que tanto gostava de mim.

A Sra. Swerlin levantou-se e estendeu a mão em minha direção.

— Acho que vou lhe fazer a pergunta pela centésima vez, Malcolm: não quer contar qual é o problema?

Apertei a mão dela e respondi:

— Não é nada, Sra. Swerlin.

Subi para buscar as minhas coisas. Na volta, passei pela porta da sala de estar e percebi que a Sra. Swerlin estava enxugando os olhos. Senti-me extremamente angustiado. Agradei-lhe por tudo o que fizera por mim e saí, indo me encontrar com o Sr. Allen, à espera na frente da casa. Fomos para casa dos Lyons.

O casal Lyons, assim como seus filhos, também tentou arrancar-me a informação do que estava errado, durante os dois meses que vivi em sua companhia, enquanto terminava o oitavo ano. Mas, por algum motivo, também não pude contar-lhes.

Todos os sábados eu ia encontrar-me com meus irmãos em Lansing e quase todos os dias escrevia para Ella em Boston. Sem explicar por que, disse a Ella que gostaria de viver em Boston.

Não sei como ela conseguiu, mas o fato é que deu um jeito para que a minha custódia oficial fosse transferida de Michigan para Massachusetts. Na própria semana em que terminei o oitavo ano, embarquei novamente num ônibus da Greyhound, a caminho de Boston.

Tenho pensado muito sobre esse período desde então. Nenhuma mudança física em minha vida foi tão fundamental e teve repercussões tão grandes.

Se eu tivesse ficado em Michigan, provavelmente teria casado com uma das moças negras que conhecera e de quem gostara em Lansing. Poderia ter-me tornado um dos engraxates do capitólio estadual ou um garçom do Lansing Country Club, poderia ter conseguido um dos outros empregos subalternos que naquele tempo faziam de um negro de Lansing um homem “bem-sucedido”. Poderia até mesmo tornar-me um carpinteiro.

Tudo o que fiz desde então, empenhei-me a fundo para fazê-lo com sucesso. Muitas vezes tenho pensado que, se o Sr. Ostrowski tivesse me encorajado a ser advogado, eu provavelmente estaria hoje fazendo parte da comunidade burguesa negra de alguma cidade, tomando meus coquetéis e me imaginando como porta-voz da comunidade e líder das massas negras sofredoras, enquanto a minha preocupação básica seria a de amearhar mais algumas migalhas dos brancos de duas caras, aos quais eles estão implorando a “integração”.

Alá seja louvado por eu ter ido para Boston naquele momento. Se tal não tivesse acontecido, provavelmente ainda seria até hoje um preto cristão dominado pela lavagem cerebral.

Capítulo Três

“CONTERRÂNEO”

Eu parecia Li'l Abner (o Ferdinando Buscapé das histórias em quadrinhos). Mason, Michigan, estava escrito na minha cara. Os cabelos encarapinhados avermelhados estavam cortados ao melhor estilo matuto; eu nem mesmo usava brilhantina. As mangas do casaco do terno verde terminavam muito acima dos pulsos, as pernas da calça mostravam três ou quatro dedos das meias. O sobretudo, comprado na loja de departamentos de Lansing, era também verde, um pouco mais claro que o terno, as lapelas estreitas, não muito comprido. Minha aparência era demais até mesmo para Ella. Mais tarde, ela contou-me que já vira membros da família Little chegarem da Geórgia em pior forma do que eu.

Ella arrumara um pequeno e maravilhoso quarto para mim no alto de sua casa. Era uma verdadeira negra da Geórgia quando se metia na cozinha com suas panelas e caçarolas. Era o tipo de cozinheira que gostava de empilhar o prato da gente com jarrete de porco, ervilhas, peixe frito, repolho, batata-doce, canjica, pão de milho. E quanto mais se comia, melhor ela se sentia. Eu me comportava à mesa da cozinha de Ella como se o amanhã não existisse.

Ela continuava a ser uma mulher tão grande, exuberante e impressionava quanto em Mason e Lansing. Cerca de duas semanas antes da minha chegada, ela se separara do segundo marido, Frank, o soldado, a quem eu conhecera no verão anterior. Mas ela estava indo muito bem, não parecia absolutamente abalada. Compreendi logo, embora não o dissesse, que qualquer homem comum descobriria ser quase impossível viver por muito tempo com uma mulher cujo instinto era dominar e dirigir tudo e todos que estivessem em sua órbita. Inclusive a mim. No meu segundo dia em Roxbury, Ella disse que não queria que eu começasse a procurar emprego imediatamente, como fazia a maioria dos negros recém-chegados à cidade. Explicou que recomendara a todos que trouxera para o Norte a não se precipitarem, a andarem pela cidade, viajarem nos ônibus e metrô, conhecendo Boston, antes de se prenderem a algum trabalho. É que nunca mais teriam a oportunidade de conhecer e sentir a cidade em que estavam vivendo. Ella acrescentou que me ajudaria a arrumar um emprego, quando chegasse o momento de eu procurar trabalho.

Assim, embasbacado, fui conhecer a parte de Roxbury das avenidas Waumbeck e Humboldt, em Hill, bem parecida com a Sugar Hill, do Harlem, onde fui viver mais tarde. Vi negros de Roxbury se comportando e vivendo de maneira inteiramente diferente de todos os outros negros que eu já conhecera, de uma forma que jamais pudera imaginar antes. Aquela era a área dos negros arrogantes, que se intitulavam os “Quatrocentos” e olhavam desdenhosamente para os negros do gueto, onde vivia Mary, a minha outra meia-irmã.

Pensei estar vendo ali em Roxbury negros de alta classe, instruídos, importantes, vivendo bem, trabalhando em bons empregos, ocupando altos cargos. As casas confortáveis ficavam além de gramados bem-cuidados. Aqueles negros desfilavam pelas calçadas altivos e distintos, indo para o trabalho, fazer compras ou visitas, à igreja. Sei agora, é claro, que estava vendo apenas uma versão de cidade grande dos negros “bem-sucedidos” que eram engraxates e serventes em Lansing. A única diferença era o fato dos negros de Boston terem sido submetidos a uma lavagem cerebral ainda mais meticulosa e intensa. Orgulhavam-se de serem incomparavelmente mais “refinados”, “cultos” e “distintos” que seus irmãos negros do gueto, os quais viviam praticamente na outra rua. Sob o equívoco lamentável de que eram “melhores”, aqueles negros estavam se curvando subservientemente para imitar os brancos.

Qualquer família preta que vivesse em Boston há tempo suficiente para possuir a casa em que residia era considerada como integrante da elite. Não fazia a menor diferença se tivesse que alugar quartos para cobrir as despesas. Mesmo entre eles, havia uma distinção. Os que haviam nascido na Nova Inglaterra olhavam do alto os donos de casas que haviam imigrado recentemente do Sul, como era o caso de Ella. E uma parcela considerável dos habitantes daquela área de Roxbury estava na categoria de Ella. Eram negros esforçados e trabalhadores que tinham vindo do Sul ou das Índias Ocidentais. Aliás, os negros das Índias Ocidentais eram chamados tanto pelos nascidos na Nova Inglaterra como os imigrados do Sul de “judeus negros”. Geralmente, eram os negros do Sul e das Índias Ocidentais que não apenas conseguiam possuir as casas em que viviam, mas também pelo menos uma outra casa, que alugavam para terem alguma renda. Os negros arrogantes da Nova Inglaterra geralmente tinham menos do que eles.

Naquele tempo, em Roxbury, qualquer pessoa que pudesse alegar uma situação “profissional” — professores, pregadores, enfermeiras práticas — também se considerava superior. Os diplomatas estrangeiros podiam pautar seu comportamento pela maneira como desfilavam os carteiros, carregadores de malas e garçons de Roxbury, dando a impressão de que estavam de cartola e fraque.

Acho que oito em cada dez negros daquela parte de Roxbury, apesar dos títulos ostentosos que davam a seus empregos, na verdade trabalhavam como criados ou em funções subalternas. “Ele está nos negócios bancários” ou “trabalha em seguros”, era o que se dizia. Pa-

recia que estavam falando de um Rockefeller ou um Mellon, e não de um negro de cabeça grisalha e aparência distinta que não passa de servente num banco ou mensageiro numa companhia de seguros. “Estou com uma família antiga” era o eufemismo que se usava para significar as profissões de cozinheira e empregada de brancos, que falavam de maneira tão afetada entre as pessoas de sua gente em Roxbury que muitas vezes nem se conseguia entendê-las. Não sei quantos negros de 40 a 50 anos, meros “meninos de recados”, desfilavam por Roxbury vestidos como embaixadores, em ternos pretos e colarinho duro branco, a caminho do centro da cidade para seus empregos “no governo”, “nas finanças” ou “na justiça”. Jamais deixei de ficar espantado diante da constatação de que tantos negros, naquela ocasião e agora, podiam suportar a indignidade desse tipo de auto-ilusão.

Não demorei muito a passar dos limites de Roxbury e começar a explorar Boston propriamente dita. Havia prédios históricos por toda parte aonde eu ia, placas, indicadores e estátuas por acontecimentos e homens famosos. Encontrei uma estátua no *Commons* de Boston que me deixou surpreso: a de um negro chamado Crispus Attucks, que fora o primeiro homem a tombar no Massacre de Boston. Nunca antes eu ouvira falar em algo parecido.

Eu vagava por toda parte. Numa direção, fui até a Universidade de Boston. Outro dia, fiz a minha primeira viagem de metrô. Quando a maioria dos passageiros saltou, fui atrás. Estava em Cambridge. Circulei por todo o *campus* da Universidade de Harvard. Já tinha ouvido falar de Harvard, embora não soubesse muita coisa a respeito. Naquele dia, ninguém seria capaz de imaginar que 20 anos depois eu faria uma conferência no Fórum da Faculdade de Direito de Harvard.

Também fiz muitas explorações pelo centro. Não consegui entender por que uma cidade precisava de *duas* grandes estações ferroviárias, a North Station e a South Station. Passei algum tempo nas duas estações, observando as pessoas chegarem e partirem. E fiz o mesmo na estação rodoviária, onde Ella fora me receber. Minhas explorações levaram-me também até o porto, onde vaguei pelas docas, lendo as placas que falavam dos antigos veleiros que ali costumavam atracar.

Numa carta para Wilfred, Hilda, Philbert e Reginald, que continuavam em Lansing, contei tudo o que vira, falei das ruas estreitas e sinuosas, calçadas com pedras arredondadas, das casas espremidas umas contra as outras. Falei também que ficavam no centro de Boston as maiores lojas que eu já vira, assim como os maiores restaurantes e hotéis de brancos. Tomei a decisão de assistir a todos os filmes que fossem exibidos nos excelentes cinemas, dotados de ar-condicionado.

Ao lado de um desses cinemas, o Loew, na Massachusetts Avenue, ficava o imenso e excitante Roseland State Ballroom. Grandes cartazes, na fachada, anunciavam as bandas nacionalmente famosas, tanto brancas como negras, que já haviam se apresentado ali. Quando lá estive pela primeira vez, o espetáculo “NA PRÓXIMA SEMANA” era Glenn Miller. Lembro de ter pensado que quase todas as músicas toca-

das nos bailes da escola de Mason eram de Glenn Miller. O que a turma não daria, pensei, para estar no lugar em que a banda de Glenn Miller iria realmente se apresentar? Naquele momento, eu não tinha a menor idéia de como iria me tornar familiarizado com o Roseland.

Ella começou a ficar preocupada, porque eu não ficava muito na Hill, a parte de Roxbury onde vivia a elite negra, mesmo depois de já haver passeado bastante por Boston. Estava sempre insinuando que eu devia me ligar aos jovens da minha idade, que costumavam se encontrar na Townsend Drugstore, a dois quarteirões da casa dela e mais dois ou três outros lugares. Mas, antes mesmo de ir para Boston, eu já me sentia e me comportava em relação aos jovens da minha idade como se não passassem de “garotos”, no mesmo nível do meu irmão menor Reginald. E eles sempre me consideraram como se fosse bem mais velho. Em Lansing, nos fins de semana, para onde eu ia afastando-me dos brancos de Mason, sempre me ligava à turma de Wilfred e Philbert. Embora todos fossem vários anos mais velhos, eu era maior do que muitos e parecia ter mais idade que a maioria.

Não queria desapontar ou irritar Ella; mas, apesar dos seus conselhos, comecei a frequentar o gueto negro. Aquele mundo de mercearias, prédios de apartamentos sem elevador, restaurantes ordinários, salões de sinuca, bares, igrejas à beira da calçada e lojas de penhor parecia exercer uma atração natural sobre mim.

Não apenas aquela parte de Roxbury era muito mais emocionante, como também eu me sentia mais à vontade entre negros que eram eles mesmos e não procuravam se exhibir. Muito embora vivesse na Hill, meus instintos não eram, e continuam a não ser, o de me sentir melhor que qualquer outro negro.

Passei o primeiro mês em Boston praticamente boquiaberto. Os jovens “gatos” vistosamente vestidos, que faziam ponto nas esquinas e nos salões de sinuca, bares e restaurantes, e que obviamente não trabalhavam em parte alguma, atraíam-me irresistivelmente. Eu ficava admirado com os cabelos deles, esticados e reluzentes como os dos brancos. Nunca antes eu provara uma bebida mais forte, jamais fumara um cigarro. Ali, porém, podia ver crianças pretas de 10 e 12 anos fazendo tudo isso, lançando os dados, jogando cartas, brigando, insistindo com os adultos para apostarem por elas no jogo dos números, coisas assim. E eram essas mesmas crianças que diziam palavras que eu nunca ouvira antes, usavam expressões de gíria que me eram inteiramente desconhecidas, como *stud* (garanhão, para designar um jovem despreocupado ou independente), *cat* (gato, que corresponde aqui à gíria “cara”), *chick* (filhote de pássaro, designando uma garota), *cool* (fresco, temperado, correspondendo a “vamos com calma”) e *hip* (por dentro das últimas novidades). Todas as noites, deitado na cama, eu ficava pensando nessas novas palavras que aprendera. Eu ficava chocado ao ver ocasionalmente, em geral depois do anoitecer, uma garota branca e um negro desfilando pelas calçadas de braços dados ou casais mistos nos bares bem-iluminados, sem se preocuparem em se oculta-

rem nos cantos mais escuros, como acontecia em Lansing. Também contei isso em carta para Wilfred e Philbert.

Eu queria arrumar um emprego pessoalmente, a fim de fazer uma surpresa a Ella. Uma tarde, algo me disse para entrar num salão de sinuca por cuja vitrina estava espiando. Já olhara por aquela vitrina uma porção de vezes. Não estava querendo jogar sinuca; para dizer a verdade, nunca antes pegara num taco. Mas senti-me atraído pela visão dos *gatos* que estavam lá dentro, debruçados sobre as mesas de feltro verde, fazendo apostas, lançando as bolas coloridas nas caças. Olhando pela vitrina naquela tarde em particular, decidi entrar e falar com um cara bem escuro, atarracado, de cabelos esticados, que entregava as bolas aos jogadores de sinuca e a quem já ouvira os outros chamarem de "Shorty". Um dia, ao sair do salão de sinuca e me ver parado na calçada, ele dissera, "Oi, Red", o que me levava a imaginar que era um cara cordial.

Procurando passar o mais despercebido possível, passei pela porta e fui avançando pelo lado do salão de sinuca, evitando as pessoas, a caminhos dos fundos, onde Shorty estava enchendo uma lata de alumínio com o pó que os jogadores passavam nas mãos. Ele levantou a cabeça para me olhar. Mais tarde, Shorty iria se divertir a caçoar de mim, afirmando que aquele primeiro olhar fora suficiente para conhecer toda a minha história.

— Cara, aquele gato ainda cheirava a interior! — dizia ele, rindo. — As pernas eram tão compridas e a calça tão curta que os joelhos estavam à mostra! E a cabeça dele mais parecia um espinheiro!

Naquela tarde, porém, Shorty não deixou transparecer na expressão o quanto "caipira" eu parecia, quando lhe disse que agradeceria se pudesse me informar como alguém conseguiria arrumar um emprego como o dele.

— Se está pensando em ficar cuidando das bolas, não conheço nenhum salão de sinuca por estas bandas que esteja precisando de alguém — disse Shorty. — Ou está querendo simplesmente qualquer *escravo* que possa encontrar?

Um "escravo" significava um trabalho, um emprego qualquer. Shorty perguntou-me em que eu já havia trabalhado. Disse que já tinha sido lavador de pratos num restaurante em Mason, Michigan. Ele quase deixou cair a lata.

— É a minha terra! Cara, essa é demais! Sou de Lansing!

Jamais contei a Shorty — e ele nunca desconfiou — que era pelo menos uns dez anos mais moço. Ele imaginou que tínhamos mais ou menos a mesma idade. A princípio, senti-me meio constrangido em contar-lhe e depois nunca me dei ao trabalho. Shorty largara a escola secundária de Lansing no primeiro ano, passara algum tempo morando com um tio em Detroit e há seis anos morava com um primo em Roxbury. Mencionei os nomes de pessoas e lugares de Lansing; ele se lembrava de muitos. Não demorou muito para que estivéssemos conversando como se houvéssemos sido criados no mesmo quarteirão. Senti

a satisfação genuína de Shorty e fiquei na maior felicidade, achando que era muita sorte ter um amigo tão por dentro das coisas quanto ele obviamente era.

— Cara, esta é uma grande cidade quando se está por dentro — disse Shorty. — Você é meu conterrâneo... e por isso vou escolá-lo nas coisas daqui.

Fiquei parado onde estava, sorrindo como um idiota. Shorty acrescentou:

— Tem que ir a algum lugar agora? Se não tem, fique esperando até eu terminar meu horário.

Uma coisa que me agradou imediatamente em Shorty foi a sua franqueza. Quando falei onde morava, ele foi logo dizendo o que eu já sabia: que ninguém por ali suportava os negros de Hill. Mas ele achava que uma irmã que me dava um "pouso", sem cobrar aluguel nem me pressionar para encontrar "algum escravo", não podia ser tão ruim assim. Shorty explicou que o seu trabalho no salão de sinuca era apenas para se sustentar, enquanto aprendia a tocar sua buzina. Dois anos antes, ele ganhara uma bolada no jogo dos números e comprara um saxofone.

— Está trancado ali no armário, esperando pela minha lição desta noite.

Shorty estava tomando lições "com alguns outros caras" e tentava formar um dia o seu próprio conjunto.

— Há muita grana para se ganhar tocando aqui por Roxbury — explicou Shorty. — Não pretendo me juntar a alguma banda grande para tocar uma noite em cada lugar, só para poder dizer depois que toquei com Count, Duke ou outro qualquer.

Achei que ele era muito esperto e desejei ter estudado algum instrumento de sopro, mas nunca tivera a oportunidade.

Durante toda a tarde, entre viagens para buscar bolas lá na frente, Shorty foi-me falando pelo canto da boca: quais os caras, parados a espiar ou jogando nesta ou naquela mesa, que vendiam maconha, tinham acabado de sair da prisão ou eram arrombadores. Shorty disse que apostava pelo menos um dólar por dia no jogo dos números. Assim que acertasse uma bolada, ia usar o dinheiro para formar a sua banda.

Fiquei envergonhado ao ter de admitir que jamais apostara no jogo dos números.

— Afinal, não tinha nada com que jogar — comentou Shorty, desculpando-me. — Mas assim que começar em algum trabalho, pode começar a apostar para conseguir alguma coisa.

Ele apontou para alguns jogadores e cafetões. Informou, num sussurro, que alguns tinham até putas brancas trabalhando para eles.

— Não preciso mentir — disse Shorty. — E se pode levar uma dessas brancas para a cama por dois dólares. Há muita coisa assim por aqui de noite. Vai ver só.

Declarei que já tinha visto algumas dessas brancas e Shorty perguntou:

— Já comeu alguma?

Meu constrangimento por essa inexperiência era óbvio. Shorty disse:

— Não precisa ficar envergonhado por causa disso, cara. Comi algumas antes mesmo de sair de Lansing... algumas daquelas polacas que atravessavam a ponte. Aqui, quase todas são italianas e irlandesas. Mas não faz muita diferença de que tipo elas são, pois quase todas são uma trepada e tanto! Não faz muita diferença em parte alguma... porque não há nada que elas gostem mais que um garanhão negro!

Ao longo da tarde, Shorty apresentou-me a diversos jogadores e espectadores, dizendo:

— É meu conterrâneo. Está procurando por um trabalho. Se souberem de alguma coisa, podem me dizer.

Todos disseram que avisariam se soubessem de alguma coisa. Às sete horas, quando o cara que ficava cuidando das bolas durante a noite chegou, Shorty me disse que tinha de correr para a sua aula de saxofone. Antes de sair, porém, ele me ofereceu os seis ou sete dólares que ganhara naquele dia em gorjetas.

— Está com grana suficiente, conterrâneo?

Falei que estava, que tinha dois dólares. Shorty obrigou-me a aceitar mais três, dizendo:

— Serve para engordar um pouco o seu bolso.

Antes de sairmos, ele abriu a caixa do saxofone e mostrou-me o instrumento. Era um saxofone alto, de latão, brilhando intensamente contra o veludo verde.

— Não perca a cabeça e apareça de novo amanhã, conterrâneo. Tenho certeza de que algum dos caras vai lhe arrumar um emprego.

Ao chegar em casa, Ella me disse que um homem chamado Shorty telefonara. Deixara um recado: o engraxate do Roseland State Ballroom estava largando o lugar naquela noite e Shorty lhe pedira que guardasse a vaga para mim.

— Não tem a menor experiência em engraxar sapatos, Malcolm — disse Ella.

A expressão e o tom de voz dela disseram-me que não ficaria muito satisfeita se eu aceitasse aquele emprego. Mas confesso que não me importei muito, pois já estava entusiasmado só de pensar em estar por perto de algumas das maiores bandas do mundo. Nem mesmo esperei para jantar.

O salão de baile estava todo iluminado quando lá cheguei. Um homem na porta da frente estava deixando entrar os integrantes da banda de Benny Goodman. Disse-lhe que queria falar com o engraxate, Freddie.

— Vai ser o novo engraxate? — perguntou ele. Respondi que achava que sim e o homem riu. — Quem sabe se não vai também acertar uma bolada no jogo dos números e comprar um Cadillac?

Ele me disse que eu iria encontrar Freddie lá em cima, no banheiro dos homens, no segundo andar. Antes de subir, fui dar uma olhada

no salão de baile. Quase não pude acreditar no imenso tamanho daquele chão todo encerado. Na outra extremidade, sob luzes suaves meio rosadas, ficava o palanque da banda, com os músicos de Benny Goodman, andando de um lado para outro, rindo e falando, arrumando seus instrumentos e as estantes de música.

No banheiro dos homens lá em cima, fui recebido por um cara de pele parda, cabelos esticados.

— Você é o conterrâneo de Shorty?

Respondi que sim e ele disse que era Freddie.

— Shorty é um cara e tanto — disse Freddie. — Veio me procurar assim que soube que eu acertara uma bolada e calculou que iria me mandar daqui.

Contei a Freddie o que o homem lá na entrada falara a respeito de um Cadillac. Ele riu e disse:

— Esses brancos sempre ficam queimando de inveja quando a gente ganha uma bolada. Eu disse mesmo a eles que ia comprar um Cadillac... só para chatear.

Freddie me disse em seguida que ficasse prestando muita atenção que ia passar aquela noite trabalhando. Eu devia observar tudo, mas sem atrapalhar. Ele tentaria me aprontar para assumir no próximo baile, dentro de duas noites.

Enquanto arrumava a cadeira de engraxate, Freddie me disse:

— Chegue aqui bem cedo... deixe os panos e as escovas aqui embaixo... os vidros de verniz, a graxa e as escovas de camurça ali... com tudo no lugar certo, não precisa desperdiçar movimentos...

Aprendi que o engraxate também devia ficar de olho nos fregueses que estavam deixando o mictório... Nesse momento, o engraxate deveria se adiantar e oferecer uma pequena toalha de mãos.

— Muitos caras que não estavam pensando em lavar as mãos ficam embaraçados quando a gente oferece a toalha. É um dos melhores negócios aqui dentro. Custa apenas um *cent* para se lavar cada toalha e dá para ganhar gorjetas de pelo menos cinco *cents*.

Os fregueses de engraxate e os que recebiam uma toalha deviam ser tratados com umas duas escovadelas na roupa.

— Uma gorjeta de cinco ou dez *cents* dá a eles esse direito — disse Freddie. — Mas por 25 *cents* não custa nada dar uma de *Uncle Tom*... os brancos adoram. É assim que faço eles aparecerem por aqui duas e até mesmo três vezes em cada noite.

Os primeiros acordes da música começaram a soar lá embaixo. Acho que fiquei extasiado, porque Freddie disse:

— Nunca viu um baile? Pois pode descer para dar uma olhada.

Uns poucos casais já estavam dançando sob as luzes coloridas. Para mim, no entanto, muito mais emocionante foi observar a multidão que estava entrando. Ali estavam as mulheres brancas mais lindas que eu já tinha visto, jovens e velhas, os gatos brancos comprando ingressos na bilheteria, enfiando maços de notas verdes de volta nos bolsos, dei-

xando os casacos das mulheres na porta, segurando-as pelo braço e levando-as para dentro do salão.

Freddie já estava atendendo alguns fregueses quando voltei lá para cima. Entre a cadeira de engraxate e as toalhas que me entregava, no momento em que os fregueses se aproximavam da pia, Freddie parecia estar fazendo quatro coisas ao mesmo tempo.

— Pegue a escova de roupa e entre em ação — disse-me ele. — Bastam duas ou três escovadelas... mas faça eles sentirem!

Quando o movimento diminuiu um pouco, ele comentou:

— Não viu nada esta noite. Espere só até ter um baile de crioulos. A nossa gente faz este lugar estourar de verdade!

Sempre que tinha um momento de folga, Freddie aproveitava para me dar alguma instrução:

— Guarde os cordões de sapato nesta gaveta. Como está começando, vou lhe dar os que estão aqui de presente. Pode comprá-los por cinco *cents* o par e vender por 25 *cents*. Se o freguês estiver precisando de um cordão novo, nunca se esqueça de dizer.

Parecia que todos os discos de Benny Goodman que eu já tinha ouvido estavam sendo tocados no salão lá embaixo. Durante outra pausa no movimento, Freddie me deixou descer novamente para escutar um pouco. Peggy Lee estava cantando ao microfone. Era sensacional! Ela acabara de entrar na banda. Era de Dakota do Norte e estava cantando com um grupo em Chicago quando a Sra. Benny Goodman a descobrira, segundo ouvimos alguns fregueses comentando. Ela terminou a canção e a multidão prorrompeu em aplausos. Peggy Lee era um tremendo sucesso.

— Também fiquei impressionado quando entrei aqui pela primeira vez — disse Freddie, sorrindo, quando voltei. — Mas quero que me diga uma coisa: alguma vez na vida já engraxou sapatos?

Ele riu quando respondi que não, à exceção dos meus próprios sapatos.

— Pois então vamos tratar de trabalhar. Eu também nunca tinha engraxado antes.

Freddie sentou na cadeira e começou a trabalhar em seus próprios sapatos. Escova, verniz líquido, escova, graxa, o pano do lustro, verniz... etapa por etapa, Freddie mostrou-me o que fazer.

— Mas tem que trabalhar muito mais depressa do que isso. Não se pode perder tempo.

Freddie mostrou o quão depressa podia trabalhar, nos meus próprios sapatos. Depois, como o movimento diminuísse, ele teve tempo de fazer-me uma demonstração de como estalar o pano de lustro como se fosse fogos de artifício.

— Pegou como é? — perguntou Freddie.

Ele repetiu bem devagar. Desci da cadeira e experimentei nos sapatos dele. Tinha pegado o princípio.

— Só que tem de fazer mais depressa — explicou Freddie. — É um barulho para enganar os trouxas, só isso. Faz os gatos darem gor-

jetas melhores, porque pensam que a gente está se matando de trabalhar.

Ao final do baile, Freddie havia me deixado engraxar os sapatos de três ou quatro bêbados extraviados que conseguira persuadir a sentar na cadeira. Eu tinha praticado, aumentando cada vez mais a velocidade, nos sapatos de Freddie, até que ficaram brilhando como espelhos. Terminando o baile, depois que ajudamos os serventes a limparem o salão de baile, jogando fora os papéis, pontas de cigarro e garrafas vazias, Freddie teve a camaradagem de me levar em seu carro até a casa de Ella, em Hill. Era um Buick marrom, que ele disse que ia vender, se fosse comprar seu Cadillac. Falou durante toda a viagem.

— Acho que não há problema se eu lhe disser para ter sempre à mão umas duas dúzias de camisas-de-vênus. Pode cobrar 25 *cents* cada uma. Notou os caras que apareceram por lá quase no final do baile? Quando eles estão com garotas novas e as coisas vão indo bem, vão lhe pedir camisinhas. Cobre um dólar e geralmente ainda vai receber uma gorjeta extra.

Ele fez uma pausa, fitando-me atentamente.

— Acho que ainda é muito novo para outros negócios. Os caras vão lhe pedir uísque, alguns vão querer baseados. Mas não precisa ter nada disso, a não ser as camisas-de-vênus... até saber direito quem é tira e quem não é.

Antes de eu saltar do carro, diante da casa de Ella, Freddie me disse:

— Dá para ganhar 10 ou 12 dólares em cada baile, se trabalhar direitinho. O mais importante é não esquecer que tudo neste mundo é um golpe atrás do outro. Até a vista, Red.

A próxima vez em que me encontrei com Freddie foi no centro de Roxbury, algumas semanas depois, à noite. Ele estava em seu Cadillac cinza-pérola estacionado, na maior pinta.

— Cara, você me escolou direitinho! — comentei.

Freddie riu, sabendo muito bem o que eu estava querendo dizer. Eu não precisara de muito tempo no Roseland para descobrir que Freddie não ganhava tanto dinheiro como engraxate e distribuidor de toalhas quanto com a venda de uísque e baseados e promovendo os encontros de brancos com prostitutas negras. Também havia descoberto que muitas garotas brancas sempre apareciam nos bailes dos negros. Algumas eram prostitutas, cujos cafetões as levavam ao Roseland para misturarem negócios com prazer. Outras vinham com os namoradinhos negros e algumas apareciam sozinhas, a fim de uma trepada sem compromisso com os negros sempre disponíveis, animados e abundantes.

Nos bailes de brancos, é claro, não era permitida a entrada de negros. E era nessas ocasiões que os cafetões de prostitutas negras costumavam mostrar a um novo engraxate como ganhar alguma grana por fora, dando o endereço ou telefone aos brancos que apareciam ao final do baile procurando por garotas negras.

A maioria dos bailes no Roseland era apenas para os brancos, com bandas inteiramente brancas. Mas a única banda branca a tocar ali para um baile de negros, ao que eu me lembro, foi a de Charlie Barnet. A verdade é que bem poucas bandas brancas poderiam satisfazer aos dançarinos negros. Mas também não posso deixar de dizer que *Cherokee* e *Redskin Rhumba*, de Charlie Barnet, sempre deixavam aqueles negros doidos. Eles lotavam o salão, as mulheres em vestidos de seda e cetim, os cabelos penteados em todos os estilos, os homens na maior elegância em seus trajes de *amigo-da-onça*, os cabelos esticados, todo mundo sorrindo, na maior felicidade.

Alguns dos músicos subiam até o banheiro dos homens por volta das oito horas e engraxavam os sapatos antes do trabalho começar. Duke Ellington, Count Basie, Lionel Hampton, Cootie Williams e Jimmie Lunceford foram alguns dos que sentaram em minha cadeira de engraxate naquele tempo. Eu fazia meu pano de lustro estalar como se alguém tivesse acendido fogos de artifícios chineses. O grande sax alto de Duke, Johnny Hodges, o ídolo de Shorty, ainda está me devendo uma engraxada. Ele estava sentado uma noite na cadeira, conversando com o baterista da banda, Sonny Greer, que estava de pé ao lado. Bati na sola dos seus sapatos para indicar que já terminara. Hodges desceu da cadeira, estendeu a mão para o bolso, a fim de tirar o dinheiro para me pagar. Mas depois puxou a mão para gesticular na discussão amigável e simplesmente esqueceu de pagar, indo embora. Eu não podia incomodar o homem que podia fazer o que ele conseguia com *Daydream*, cobrando-lhe 15 cents.

Lembro que tive uma conversa de cadeira de engraxate com o grande cantor de blues de Count Basie, Jimmie Rushing (ele é o cara que ficou famoso por *Sent For You Yesterday, Here You Come Today* e coisas assim). Lembro que os pés de Rushing eram grandes e tinham um formato esquisito. Não eram como a maioria dos pés grandes, mas arredondados e gorduchos como o próprio Rushing. Ele me apresentou a outros músicos de Basie, como Lester Young, Harry Edison, Buddy Tate, Don Byas, Dickie Wells e Buck Clayton. Depois, eles entravam sozinhos no banheiro e jamais deixavam de me dizer:

— Oi, Red!

Sentavam na cadeira e meu pano de lustro repicava na batida de todos os discos deles, que não me saíam da cabeça. Acho que os músicos jamais tiveram, em parte alguma, um engraxate que fosse também um fã maior do que eu. E procurava contar todas aquelas coisas que estavam me acontecendo nas cartas que escrevia a Wilfred, Hilda, Philbert e Reginald, em Lansing.

Eu nunca recebia boas gorjetas até a metade dos bailes de negros. Era quando os dançarinos começavam a se sentir bem e se tornavam generosos. Depois dos bailes de brancos, quando eu ajudava a limpar o salão, jogávamos fora talvez uma dúzia de garrafas vazias de bebida. Mas depois dos bailes de negros, tínhamos de jogar fora caixas

cheias de garrafas pequenas; e não eram porcarias, mas bebidas das melhores marcas, especialmente *scotch*.

Durante as pausas no movimento no banheiro dos homens, eu podia ficar até cinco minutos assistindo ao baile. Os brancos dançavam como se alguém tivesse lhes ensinado: esquerda, um, dois, direita, três, quatro. Eram os mesmos passos e padrões repetidos interminavelmente, como se alguém os estivesse orientado. Mas os negros eram diferentes. Agarravam as suas parceiras, até mesmo as donas brancas que freqüentavam os bailes de negros, com força e decisão. Ninguém no mundo podia coreografar a maneira como eles dançavam, fazendo o que lhes desse na veneta. Meus irmãos negros de hoje podem me odiar pelo que vou dizer agora: mas a verdade é que muitas garotas negras eram atropeladas pelos machos negros correndo atrás das mulheres brancas; parecia até que Deus tinha mandado alguns dos seus anjos à terra. É claro que os tempos mudaram; se acontecesse hoje, aquelas mesmas garotas pretas sairiam atrás daqueles machos negros... e o mesmo fariam as mulheres brancas.

Alguns casais nos bailes de negros eram tão soltos, improvisando passos e movimentos, que mal dava para se acreditar que era possível o que estavam fazendo. Eu podia sentir o ritmo nos ossos, muito embora jamais tivesse dançado.

“*Está na hora do show!*”, o pessoal começava a gritar quando chegava a última hora do baile. Duas dúzias de casais realmente quentes ficavam na pista, as mulheres calçando sapatos de lona brancos, sem saltos. A banda passava a tocar com toda força e os outros dançarinos formavam um círculo, batendo palmas e gritando, para assistir à frenética competição que começava ocupando apenas um quarto ou menos do salão. A banda, os espectadores e os dançarinos faziam com que o Roseland Ballroom parecesse um imenso navio a balançar. As luzes iam mudando de cor, rosa, amarelo, verde e azul, iluminando os casais a pinotear como se estivessem doidos. O pessoal estimulava a banda a apertar o ritmo, que ia aumentando cada vez mais de intensidade, até que primeiro um casal e depois outro e mais outro simplesmente perdia as forças e cambaleava para o meio da multidão, extenuados e encharcados de suor. Algumas vezes eu descia para assistir. Ficava parado logo depois da porta, pulando ao compasso da música, com a escova de roupa no bolso. Volta e meia o gerente aparecia para me gritar que havia fregueses à minha espera lá em cima.

Não consigo me lembrar exatamente quando tomei o meu primeiro uísque, fumei os primeiros cigarros, experimentei o primeiro baseado. Mas sei que foi na mesma ocasião em que comecei a jogar dados e cartas, a apostar o meu dólar por dia no jogo dos números, a me encontrar de noite com Shorty e seus amigos. Todos riam das piadas de Shorty sobre como eu era matuto quando ele me conhecera. Sei agora que continuava a ser um matuto, mas me sentia feliz, porque todo mundo me aceitava. Íamos para a casa de alguém, geralmente de uma das garotas, começávamos a esquentar, os baseados deixando a cabeça da

gente mais leve, o uísque ardendo na barriga. Todos compreendiam que eu precisava continuar com a cabeça encarapinhada por mais algum tempo, a fim de que os cabelos crescessem o bastante para que Shorty pudesse esticá-los para mim. Numa dessas noites, comentei que já tinha economizado quase a metade do que precisaria para comprar um traje de *amigo-da-onça*.

— *Economizar?* — Shorty não podia acreditar. — Nunca ouviu falar de crédito, conterrâneo?

Ele disse que iria telefonar para uma loja de roupas da vizinhança assim que acordasse e que eu deveria ir até lá bem cedo.

O vendedor, um judeu ainda jovem, foi ao meu encontro assim que entrei na loja.

— É o amigo de Shorty?

Eu disse que sim, espantado por verificar como Shorty conhecia uma porção de gente. O vendedor escreveu meu nome num formulário, o do Roseland como local de trabalho, o endereço de Ella como residência. O nome de Shorty foi registrado como o da pessoa que me havia recomendado. E o vendedor informou:

— Shorty é um dos nossos melhores fregueses.

Fui devidamente medido e depois o vendedor foi buscar um traje *amigo-da-onça* num cabide. Era simplesmente sensacional: a calça azul-celeste, com um palmo na altura dos joelhos e se estreitando daí para baixo, até ficar com meio palmo na bainha, um casaco comprido que era justo na cintura e se abria abaixo dos joelhos.

O vendedor disse que, como presente, a loja ia me dar um cinto de couro estreito, com a minha inicial, "L", gravada na fivela. Acrescentou que eu devia também comprar um chapéu. E foi o que fiz, escolhendo um chapéu azul, com uma pena na aba de 10 centímetros. Depois, a loja me deu outro presente: uma corrente comprida, de elos grossos, dourada, que caía mais abaixo do que a bainha do paletó. Eu estava preso ao crédito para sempre.

Quando me apresentei a Ella vestida a caráter, ela me contemplou demoradamente e depois disse:

— Acho que tinha mesmo de acontecer, mais cedo ou mais tarde.

Tirei três daquelas fotografias de 25 cents, em tons sépia, que eram reveladas e copiadas enquanto a gente esperava, posando como os "gatos" que estavam "por dentro": o chapéu caído de banda, os joelhos encostados, os pés bem separados, os dedos indicadores apontando para o chão. O casaco comprido, a corrente pendurada e a calça larga pareciam muito mais espetaculares quando se posava assim. Autografei uma das fotografias e mandei para meus irmãos em Lansing, a fim de que pudessem ver como eu estava me saindo bem na cidade grande. Dei outra a Ella e a terceira a Shorty, que ficou comovido de verdade, o que pude perceber pela maneira como ele disse:

— Obrigado, conterrâneo.

Fazia parte do nosso código de quem estava por dentro das coisas não manifestar esse tipo de afeição.

Shorty finalmente decidiu que meus cabelos já estavam compridos o bastante para serem esticados. Prometera-me ensinar como fazer para me livrar dos preços de três ou quatro dólares das barbearias, preparando o *congolene*, a mistura especial, e depois esticando os cabelos pessoalmente.

Peguei a lista de ingredientes que ele escrevera e fui a uma mercearia, onde comprei uma lata de lixívia Red Devil, dois ovos e duas batatas de tamanho médio. Depois, numa *drugstore* perto do salão de sinuca, comprei um pote grande de vaselina, uma barra de sabão, um pente de dentes largos e um pente de dentes finos, uma mangueirinha de borracha com um *spray* de metal, um avental e um par de luvas de borracha.

— Vai fazer a primeira esticada? — perguntou o homem da *drugstore*.

E sorrindo orgulhosamente respondi:

— Exatamente!

Shorty pagava seis dólares por semana para ter direito a um quarto no apartamento miserável do primo, que não estava no momento em que lá apareci.

— Ele passa tanto tempo com a sua mulher que é como se o apartamento fosse meu — disse Shorty. — Agora, preste atenção...

Ele descascou as batatas e depois cortou-as em fatias finas, jogando um pote grande. Começou a remexer com uma colher de madeira, enquanto ia despejando um pouco mais da metade da lata de lixívia.

— Nunca use uma colher de metal — disse-me ele. — A lixívia a deixaria toda preta.

A mistura da lixívia com as batatas resultou numa massa gelatinosa. Shorty quebrou os dois ovos e jogou lá dentro, passando a mexer bem depressa, o rosto abaixado a examinar atentamente. O *congolene* adquiriu uma cor amarelada. Shorty disse:

— Põe a mão no pote. — Encostei a mão no lado de fora e no instante seguinte retirei-a bruscamente. — Está quente mesmo. É por causa da lixívia. Agora já sabe que vai queimar quando eu passar em você. E pode ter certeza de que queima de verdade. Mas quanto mais tempo você agüentar, mais esticados os cabelos vão ficar.

Shorty me fez sentar e amarrou o avental de borracha novo no meu pescoço. Penteou os meus cabelos encarapinhados para cima. Depois, pegou um punhado de vaselina e espalhou pelos meus cabelos e couro cabeludo. Também passou vaselina no meu pescoço, orelhas e testa.

— Quando eu lavar sua cabeça, não se esqueça de me dizer se algum lugar está ardendo — avisou-me Shorty, lavando as mãos e pondo as luvas de borracha, vestindo em seguida o seu próprio avental de borracha. — Deve lembrar sempre que qualquer *congolene* que ficar vai queimar e fazer uma ferida na sua cabeça.

O *congolene* parecia apenas um pouco quente quando Shorty co-

meçou a aplicá-lo com o pente. Mas, no instante seguinte, tive a sensação de que minha cabeça estava pegando fogo.

Cerrei os dentes e apertei com toda a força os lados da mesa. Parecia que o pente estava me arrancando a pele.

Meus olhos ficaram cheios de lágrimas, o nariz começou a escorrer. Não conseguia mais agüentar. Corri para a bacia. Estava xingando Shorty com todos os palavrões que conhecia quando ele começou a despejar água do chuveirinho na minha cabeça, pondo-se a lavá-la, com bastante espuma.

Ele lavou e enxaguou, lavou e enxaguou, talvez umas 10 ou 12 vezes, a cada vez fechando mais um pouco a torneira de água quente, até que a água ficou fria, o que ajudou um pouco.

— Está sentindo algum ponto arder?

— Não — consegui balbuciar, sentindo que os joelhos tremiam incontrolavelmente.

— Pois então volte a sentar. Acho que saiu tudo certinho.

Minha cabeça voltou a pegar fogo quando Shorty, com uma toalha grossa, começou a enxugá-la, esfregando com toda força.

— Mais devagar! Mais devagar! — eu não parava de gritar.

— A primeira vez é sempre a pior. Não demora muito e vai estar acostumado. A coisa saiu muito bem, conterrâneo. Está com uma boa esticada.

Quando Shorty finalmente me deixou levantar e dar uma olhada no espelho, descobri que meus cabelos estavam caídos, em mechas inertes e úmidas. O couro cabeludo ardia, mas não tanto quanto antes. Dava para suportar. Shorty passou a toalha pelos meus ombros, por cima do avental de borracha, começou a passar novamente vaselina nos meus cabelos.

Eu podia senti-lo a me pentear, puxando os cabelos para trás, primeiro com o pente grosso, depois com o pente fino.

Depois, com uma navalha, ele ajeitou com todo cuidado os cabelos da nuca, ajeitando em seguida as costeletas.

Minha primeira olhada no espelho fez-me esquecer inteiramente toda a dor que sentira. Já tinha visto algumas cabeleiras esticadas sensacionais. Mas quando é a primeira vez, na nossa própria cabeça, depois de uma vida inteira de carapinha, a transformação é espantosa.

O espelho mostrava Shorty atrás de mim. Ambos estávamos sorrindo e suando. E no alto da minha cabeça estava aquela camada suave e lustrosa de cabelos vermelhos — vermelhos de verdade — tão lisos quanto o de qualquer branco.

Como eu era ridículo! E estúpido o bastante para ficar parado ali, imerso na admiração dos meus novos cabelos parecendo “brancos”, refletidos no espelho do quarto de Shorty. Jurei que nunca mais passaria sem uma boa esticada e cumpri a promessa por muitos anos.

Foi o meu primeiro passo realmente grande a caminho da autodegradação: suportar toda aquela dor, literalmente queimar minha carne, só para fazer com que meus cabelos ficassem parecendo com os

de um branco. Eu me juntava à multidão de homens e mulheres negros da América que sofreram uma lavagem cerebral tão grande até acreditarem que os pretos são “inferiores” — e os brancos “superiores” — e que devem até mesmo violar e mutilar os corpos que Deus criou para tentarem parecer “bonitos” pelos padrões dos brancos.

Olhem ao redor hoje, em qualquer cidade pequena ou grande, nas espeluncas mais ordinárias e no saguão “integrado” do Waldorf-Astoria: certamente hão de ver uma porção de pretos com os cabelos esticados. E vão ver também mulheres pretas usando perucas verdes, roxas, rosas, vermelhas e *platinum-blonde*. São mais ridículos que uma comédia-pastelão. Faz a gente se perguntar se o negro não perdeu inteiramente o seu senso de identidade, se não perdeu o contato consigo mesmo.

Vamos encontrar cabelos esticados em muitos dos negros da suposta “classe superior”. E por que eu deteste ter que dizer, vamos encontrar também em muitos artistas negros. Uma das razões pelas quais sinto uma admiração especial por alguns deles, como Lionel Hampton e Sidney Poitier, entre outros, é o fato de terem mantido seus cabelos como são e lutarem assim mesmo para chegar lá em cima. Admiro qualquer negro que nunca esticou os cabelos ou que teve bom senso suficiente para abandonar essa prática... como eu finalmente fiz.

Não sei qual o tipo de esticada autodestruidora que constitui a maior vergonha, se a que se encontra nas cabeças dos pretos das supostas “classe média” e “classe superior”, que deviam pensar melhor, ou a que se vê nas cabeças dos pretos mais pobres, mais oprimidos, mais ignorantes. Estou me referindo ao tipo de negro que vive em gueto e recebe o salário mínimo legal, como era o meu caso quando fiz a primeira esticada. É geralmente entre esses negros pobres que muitas vezes os homens usam lenços pretos na cabeça. É que está tentando fazer sua esticada perdurar mais algum tempo, entre as visitas à barbearia. Os cabelos esticados sem o lenço preto a cobri-los só são exibidos em ocasiões especiais, para mostrar como o seu dono está “por dentro”. O mais irônico é que jamais ouvi qualquer mulher, branca ou preta, manifestar qualquer admiração por cabelos esticados. É claro que qualquer mulher branca que sai com um homem preto não está pensando nos cabelos dele. Mas não entendo como uma mulher, com um mínimo de orgulho de raça, possa andar pelas ruas com um homem preto de cabelos esticados, o emblema da vergonha que ele sente de ser preto.

Para a minha própria vergonha, ao falar de tudo isso, estou me referindo em primeiro lugar a mim mesmo, porque nunca houve nenhum negro que esticasse os cabelos mais assiduamente do que eu. Falo por experiência pessoal quando digo que qualquer homem preto que estica os cabelos hoje em dia, assim como qualquer mulher preta que usa perucas de brancas, estaria mil vezes melhor se desse ao cérebro em sua cabeça só a metade da atenção que dá aos seus cabelos.

Capítulo Quatro

LAURA

Shorty me levava a cenas da pesada, nas casas de diferentes frangas e gatos, com as luzes e a música na maciota, todo mundo numa boa. Conheci frangas que eram um estouro tão grande quanto o vinho de maio, assim como gatos que estavam por dentro das coisas.

Esse parágrafo é deliberado, evidentemente. Serve apenas para mostrar como todo mundo que eu respeitava nessa época falava em gíria. E não demorou muito para que eu estivesse dominando inteiramente essa gíria, como o mais antigo *hipster*, uma pinta que estava por dentro.

Como centenas de milhares de negros criados nos campos que tinham ido para os guetos pretos do Norte antes de mim, assim como os outros que vieram depois, também adquiri todos os demais adornos em voga entre os negros, como os ternos que já descrevi, bebendo bastante, fumando cigarros comuns e depois passando para baseados. Fazia tudo isso numa tentativa de apagar meus antecedentes embaraçosos. Mas ainda acalentava uma humilhação secreta: não sabia dançar.

Não consigo recordar quando foi exatamente que aprendi. Ou seja, não posso recordar a noite ou noites específicas. Mas dançar era a principal atividade daquelas festas. Por isso, não tenho a menor dúvida sobre como e por que ocorreu a minha iniciação na chamada *lindy-hopping*, que consistia em dançar o *swing* em movimentos ainda mais vigorosos e exagerados que o normal. Com o álcool ou marijuana a me inebriar a cabeça e com a música frenética saindo de uma vitrola portátil, não demorou muito para que aflorassem os instintos de dançar da minha herança africana. Tudo o que posso recordar é que, durante uma festa nesse período, quando quase todo mundo estava dançando, menos eu, alguma garota me agarrou — elas freqüentemente tomavam a iniciativa e puxavam um homem para acompanhá-las, pois ninguém poderia imaginar que qualquer um dos presentes não soubesse dançar — e me descobri abruptamente na pista de dança.

Estava no meio da multidão a se sacudir e se acotovelar... e de repente, inesperadamente, peguei toda a coisa. Foi como se alguém tivesse subitamente ligado um interruptor dentro de mim. Meus instintos africanos, por tanto tempo contidos, afloraram bruscamente, se desprenderam.

Tendo passado tanto tempo a viver entre os brancos em Mason, eu sempre acreditara e temera que dançar implicasse uma determinada ordem ou um padrão de passos específicos... como os brancos costumam dançar. Mas ali, entre minha própria gente, menos inibida, descobri que dançar era simplesmente deixar que os pés, mãos e resto do corpo reagissem espontaneamente aos impulsos despertados pela música.

A partir desse momento, dificilmente havia uma festa a que eu não comparecesse, convidando a mim mesmo, se fosse necessário, dançando freneticamente, sem pensar no que estava fazendo.

Sempre fui muito rápido em aprender as coisas novas. Compensei o tempo perdido tão depressa que não demorou muito para que as garotas estivessem pedindo para dançar comigo. Eu exigia o máximo das minhas parceiras e era justamente por isso que elas tanto gostavam de dançar comigo.

Quando eu estava no trabalho, no banheiro do segundo andar do Roseland, não conseguia de jeito nenhum ficar parado. A flanela do lustro estalava no ritmo das grandes bandas que estavam sacudindo o salão lá embaixo. Os fregueses brancos da cadeira de engraxate, especialmente, não conseguiam deixar de rir ao verem meus pés subitamente entrarem em ação, ensaiando alguns passos. Os brancos estão certos ao pensarem que os pretos são dançarinos naturais. Até mesmo as crianças bem pequenas o são... exceto os negros de hoje que estão "integrados", como tinha acontecido comigo, inibindo seus instintos. Vocês conhecem aqueles brinquedos de "crioulo dançarino" em que se dá corda? Pois eu era como um desses bonecos, só que vivo, e a minha corda era a música.

No próximo baile para os pretos de Boston — lembro que era Lionel Hampton quem ia tocar — tratei de avisar antes ao gerente do Roseland que ia largar o trabalho.

Ella riu muito quando lhe contei o motivo pelo qual ia largar o emprego. Disse que não tinha tempo para engraxar sapatos e também dançar. Ela ficou satisfeita, porque jamais lhe agradara a idéia de eu trabalhar num emprego tão subalterno. Quando contei a Shorty, ele comentou que já sabia há algum tempo que eu havia me tornado crescido demais para aquele trabalho.

Shorty sabia dançar muito bem, mas jamais gostou de ir aos grandes bailes. Adorava só a parte da música. Tocava seu saxofone e ficava escutando os discos. Fiquei espantado ao constatar que Shorty não se importava em ir aos grandes bailes para ouvir as bandas mais importantes do país. Ele tinha o seu ídolo no sax alto, Johnny Hodges, da banda de Duke Ellington, mas achava que muitos músicos jovens não passavam de cópias em carbono dos grandes nomes do instrumento que tocavam nas bandas mais importantes. De qualquer forma, Shorty só se interessava de verdade por sua música, trabalhando durante o dia enquanto esperava a oportunidade de fundar o seu próprio conjunto, para se exhibir em Boston.

Na manhã seguinte à noite em que larguei o emprego no Roseland, fui bem cedo à loja de roupas. O vendedor foi verificar e constatou que eu me atrasara em apenas um pagamento semanal. Portanto, tinha o crédito automático. Disse-lhe que havia acabado de largar o emprego, mas ele declarou que isso não fazia a menor diferença. Se necessário, eu podia atrasar o pagamento em até duas semanas. Eles sabiam que eu jamais deixaria de pagar.

Desta vez, examinei atentamente tudo o que havia do meu tamanho nas prateleiras. Finalmente escolhi o meu segundo traje de *amigo-da-onça*. Era cinza lustroso, o paletó largo e comprido, a calça se alargando nos joelhos e depois afinando até as bocas, tão estreitas que eu precisava tirar os sapatos para vestir. Por insistência do vendedor, comprei também outra camisa, chapéu, sapatos novos, do tipo que estava entrando em moda na ocasião, cor de laranja, mais para o escuro, as solas finas como papel, calombos nas pontas. Somando tudo, dava uns 70 ou 80 dólares.

Aquele era um dia tão memorável que fui até mesmo fazer a minha primeira esticada de cabelo numa barbearia. Desta vez não doeu tanto, exatamente como Shorty previra.

De noite, calculei tudo para chegar ao Roseland no momento em que o grosso da multidão estivesse entrando. No saguão apinhado, reparei que alguns *hipsters* de Roxbury estavam olhando com inveja o meu *amigo-da-onça*, ao mesmo tempo em que muitas mulheres me davam aquela mirada. Subi para o banheiro dos homens a fim de tomar um trago da garrafa pequena que levava no bolso interno do paletó. Meu substituto já estava no serviço. Era um cara meio assustado, rosto estreito, olhar faminto, a pele marrom clara, que acabava de chegar de Kansas City. Ao me reconhecer, ele não pôde disfarçar sua admiração e espanto. Disse-lhe que o importante era se manter no controle e não demoraria a ficar por dentro das coisas. Tudo parecia perfeito quando entrei no salão.

A banda de Hamp estava em ação e aquele chão imenso, todo encherado, estava atulhado de negros no mais louco *lindy-hopping*. Agarrei uma garota que eu nunca tinha visto antes e a próxima coisa de que me lembro é que estávamos dançando na maior loucura, sorrindo um para o outro. Depois que esquentei e me larguei de verdade, passei a escolher parceiras entre as centenas de garotas livres e disponíveis à beira do salão, pois quase todas sabiam dançar muito bem. Acho que fiquei meio doidão. A banda de Hamp tocava que era uma beleza. Eu girava as garotas tão depressa que as saias delas estalavam. Puxei para dançar garotas pretas, mulatas, amareladas, até mesmo duas brancas que estavam dando sopa. Empurrava-as sobre os quadris, os ombros, levantava-as no ar. Embora eu ainda não tivesse completado 16 anos na ocasião, já era alto, mais para o magro, parecia ter 21 anos. Era também bastante forte para a idade. Circulando, sapateando, sempre estava por baixo para escorá-las quando aterrissavam, fazendo o *flapping eagle*, o *canguru* e o *split*.

Depois dessa noite, nunca mais perdi um grande baile no Roseland, durante todo o tempo que passei em Boston.

Levando tudo em consideração, a maior parceira que já tive na dança foi uma garota chamada Laura. Conheci-a no meu emprego seguinte. Quando larguei o trabalho de engraxate, Ella ficou tão contente que saiu a procurar um novo emprego para mim... algo que ela aprovasse. A apenas dois quarteirões de sua casa a Townsend *Drugstore* estava precisando de um substituto para o empregado que cuidava do balcão de refrigerantes, pois o cara estava saindo para cursar uma universidade.

Não fiquei muito satisfeito quando Ella me falou. Ela sabia que eu não podia suportar aquela turma da Hill. Mas Ella ficaria furiosa se eu dissesse prontamente o que pensava. Não queria que isso acontecesse e assim meti o jaleco branco e comecei a servir sodas, *sundaes*, *milk shakes* e tudo o mais que lá havia para aqueles negros metidos a besta.

Todas as noites, quando eu largava o emprego, às oito horas, e chegava em casa, Ella sempre me dizia:

— Espero que acabe fazendo amizade com alguns dos bons jovens de sua idade de Roxbury.

Mas aqueles quadrados sem níquel que apareciam na *drugstore*, fazendo ares de milionários, tanto os jovens como os mais velhos, só serviam para me irritar. Eram pessoas como a empregada de dormir em casa de uma família de brancos de Beacon Hill, que costumava aparecer com suas maneiras emproadas e pedia bolo de milho na *drugstore* de judeus para negros. Ou a mulher que servia na cafeteria do hospital e que ia até lá nos seus dias de folga, com uma pele de gato em torno do pescoço, dizendo ao proprietário que era uma “dietista”... ambos sabendo que ela estava mentindo. Até mesmo os jovens, da minha idade, sobre os quais Ella vivia falando, também eram assim. O balcão de refrescos da *drugstore* era um dos pontos de encontro deles. Deixavam-me tão irritado que não demorei a ter vontade de largar o emprego. Não agüentava a maneira como falavam, com um sotaque tão falso que se apenas os ouvisse, sem ver, não se poderia saber que eram negros. Eu mal podia esperar a hora de largar o trabalho, às oito horas, indo para casa, a fim de comer os pratos tão saborosos que Ella fazia. Depois, vestia o meu traje de *amigo-da-onça* e seguia para um dos pontos em que meus amigos se encontravam, a fim de dançar e ficar alto, um tremendo alívio depois de aturar durante o dia inteiro aqueles palhaços da Hill.

Não se passou muito tempo para que eu ficasse desesperado, sem saber como ia agüentar passar oito horas por dia naquela *drugstore*; e quase que não agüentei. Lembro que uma noite estive prestes a largar o emprego, quando acertei uma aposta de 10 *cents* no jogo dos números. Era a primeira vez que eu acertava, embora não fosse na cabeça. Tinha feito a aposta na *drugstore*. (Isso mesmo. Havia diversos

corretores na Hill. Até mesmo os chamados negros distintos costumavam fazer sua fezinha no jogo dos números.) Ganhei 60 dólares. Shorty e eu fizemos uma festa e tanto. Mas o que eu queria mesmo era ter acertado com o dólar que jogava diariamente com outro corretor, pagando toda semana. Se isso tivesse acontecido, eu poderia largar a *drugstore*. E poderia comprar um carro.

Mas voltemos a Laura. Ela morava numa casa que ficava quase em frente à *drugstore*. Depois de algum tempo, eu começava a preparar um *banana split* assim que ela entrava. Era louca por *banana split*. Aparecia todos os dias, ao final da tarde, depois das aulas. Creio que a estava servindo há umas cinco ou seis semanas antes de começar a perceber que Laura não era como os outros. Era a única garota da Hill que aparecia na *drugstore* e se comportava de maneira natural e amistosa.

Sempre estava com algum livro e ficava lendo-o durante a meia hora que levava para consumir o *banana split*. Comecei a notar os livros que ela lia. Eram coisas pesadas, da escola, como latim, álgebra e o resto. Observando-a, comecei a pensar que não lia nem mesmo um jornal desde que saíra de Mason.

Laura. Ouvi seu nome ser chamado por alguns dos outros fregueses que apareciam quando ela estava presente. Mas percebi também que não tinham qualquer intimidade com ela. Diziam "Oi!" e praticamente ficavam por aí. Laura ficava na sua, nunca me dizia mais do que um "obrigada". Uma voz agradável. Suave. Serena. Não dizia outra palavra. Mas também não se mostrava metida a besta, como os outros. Era ela mesma e estava acabado.

O que me agradou bastante. Não demorou muito para que eu puxasse conversa. Não me lembro qual foi o assunto que levantei para a conversa, mas Laura não se fez de rogada e pôs-se a falar. Mostrou-se bastante cordial. Descobri que estava na escola secundária, era uma aluna brilhante. Os pais haviam-se separado quando era pequena e fora criada pela avó, uma velha senhora que vivia de uma pensão, era muito rigorosa, antiquada e religiosa. Laura só tinha uma amiga íntima, uma garota que morava em Cambridge e que tinha sido sua colega de escola. Falavam-se pelo telefone todos os dias. A avó raramente a deixava ir a um cinema, muito menos sair com um rapaz.

Mas Laura gostava de verdade da escola e disse que gostaria de cursar a universidade. Era fascinada por álgebra e planejava fazer um curso superior de ciências. Laura jamais teria imaginado que era um ano mais velha do que eu. Avaliei esse fato indiretamente. Ela parecia me considerar como alguém que tinha todo um mundo de experiência a mais, o que realmente era verdade. Muitas vezes, depois que Laura ia embora, eu me sentia deprimido ao pensar como me afastara dos livros, que eu tanto apreciava quando ainda estava em Michigan.

Cheguei ao ponto em que ficava aguardando ansiosamente o aparecimento dela, depois das aulas. Não a deixei mais pagar e passei a

servir uma porção extra de sorvete. E Laura não escondia o fato de que gostava de mim.

Não demorou muito para que ela deixasse de ler seus livros enquanto estava na *drugstore*. Ficava tomando seu *banana split* e conversando comigo. E logo ela começou a fazer-me falar a respeito de mim mesmo. Fiquei imediatamente arrependido no dia em que contei que pensara outrora em me tornar advogado. Ela não quis mais me dar sossego em relação a isso.

— Não há razão para que não possa continuar de onde está e tornar-se um advogado, Malcolm.

Estava convencida de que minha irmã Ella iria ajudar-me tanto quanto pudesse. No que tinha razão. Se Ella achasse que qualquer membro da família Little tinha a possibilidade de conseguir um diploma, fosse de professor, médico, qualquer coisa, não descansaria enquanto não o fizesse atingir seu objetivo.

Jamais falei de Shorty para Laura. Sabia que ela jamais o compreenderia nem à sua turma. E eles também não a compreenderiam. Tenho certeza de que Laura jamais havia sido tocada, assim como nunca tomara um drinque e nem mesmo sabia o que era um baseado.

Foi uma tremenda surpresa para mim quando, uma tarde, Laura comentou de passagem que "adorava" *lindy-hopping*. Perguntei como ela conseguira sair para dançar. Laura explicou que fora introduzida ao *lindy-hopping* numa festa oferecida pelos pais de uma amiga negra que acabara de ser aceita em Harvard.

Estava quase na hora de encerrar o meu expediente. Falei que Count Basie ia tocar no Roseland naquele fim de semana. Ela não gostaria de ir?

Os olhos de Laura se arregalaram. Ficou tão excitada que achei que estava no papo. Disse que nunca estivera no Roseland, mas já ouvira falar muito a respeito. Podia imaginar como era e daria qualquer coisa para... mas a avó teria um ataque.

Falei então que talvez pudéssemos ir em alguma outra ocasião.

Mas Laura apareceu na *drugstore* no maior entusiasmo na tarde do baile. Sussurrou que nunca antes mentira para a avó, mas dissera que naquela noite teria de ficar até mais tarde na escola. Assim, se eu a levasse cedo para casa, poderia me acompanhar ao baile... se eu ainda quisesse.

Declarei que claro que queria, mas eu precisaria passar em casa primeiro para trocar de roupa. Laura hesitou por um momento, mas acabou dizendo que estava certo. Antes de sairmos, telefonei para Ella, avisando que iria levar uma garota para casa, a caminho do baile. Embora eu nunca antes tivesse feito tal coisa, Ella conseguiu disfarçar perfeitamente a sua surpresa.

Fiquei rindo comigo mesmo por muito tempo depois pela maneira como a boca de Ella se escancarou quando aparecemos na porta da casa... eu e uma garota bem-educada da Hill. Apresentei Laura, que se mostrou cordial e sincera. E a atitude de Ella dava para pensar que estava diante do terceiro marido.

Enquanto as duas ficavam sentadas e conversando lá embaixo, subi para mudar de roupa em meu quarto. Lembro que mudei de idéia e desisti de usar o *amigo-da-onça* cinza lustroso. Em vez disso, preferi vestir o primeiro *amigo-da-onça* que comprara, o azul. Sabia que deveria usar a roupa mais conservadora que possuía.

As duas já pareciam velhas amigas quando descí. Ella até mesmo fizera um chá. Seus olhos implacáveis contemplaram meu *amigo-da-onça* pelo avesso. Mas tenho certeza de que ela ficou pelo menos um pouco aliviada ao constatar que eu resolvera usar o azul e não o cinza lustroso. Conhecendo Ella, eu não tinha a menor dúvida de que ela já tinha conseguido arrancar toda a história da vida de Laura... e só faltava pendurar em meu pescoço os sinos do casamento. Sorri durante toda a viagem até o Roseland, no táxi, porque mostrara a Ella que podia sair com garotas da Hill, se quisesse.

Os olhos de Laura estavam arregalados. Ela disse que praticamente nenhum dos seus conhecidos conhecia sua avó, que só saía de casa para ir à igreja. Assim, não havia muito perigo da avó descobrir. A única pessoa a quem contara que iria ao baile fora sua amiga íntima, que partilhara seu excitação.

E logo estávamos no saguão apinhado do Roseland, todo mundo me acenando, sorrindo, cumprimentando. Gritavam "Tudo bem", "Oi, Red" e eu respondia no mesmo tom.

Laura e eu nunca antes havíamos dançado juntos, mas isso certamente não era problema. Duas pessoas que podem cair no *lindy-hopping* podem fazê-lo juntas, sem a menor dificuldade. Começamos sem muito alarde, junto com uma porção de outros casais.

Acho que só comecei a perceber realmente como ela dançava ao final do primeiro número.

Quem já caiu no *lindy-hopping* alguma vez vai entender o que vou falar. Com a maioria das garotas, o homem dança defronte, circulando, se esquivando, levando. O braço que guia a parceira fica meio dobrado, as mãos dão aquele pequeno empurrão, um puxão suave, tocando na cintura, nos ombros, nos braços. E a parceira se vira, gira, reage de acordo com a orientação. Com as parceiras fracas, a gente pode sentir o peso delas. São lentas e pesadas. Mas com as parceiras realmente boas, tudo o que se precisa fazer é simplesmente a sugestão do puxa-empurra. Elas se deixam guiar praticamente sem qualquer esforço, tanto no chão como no ar. A única manobra solo do homem é feita no chão, antes da parceira aterrissar, girando, sem perder o passo.

Eu já havia dançado antes com muitas parceiras excelentes. Mas o que descobri subitamente, dançando com Laura, foi que nunca antes tinha sentido tão pouco peso! Quase que era suficiente que eu simplesmente *pensasse* numa manobra para que ela reagisse.

Enquanto ela dançava, para cima e para baixo, debaixo do meu braço, se afastando, enquanto eu a sentia e examinava seu estilo, dei

uma olhada no trabalho dos pés. Posso fechar os olhos até hoje e vê-lo, como algum balé fantástico e maravilhoso, movendo-se tão depressa que mal se conseguia acompanhá-los. E Laura era incrivelmente leve, como se fosse apenas uma sombra! Se alguém me perguntasse, eu diria que minha parceira perfeita seria alguém que se mostrasse tão leve quanto Laura e ainda tivesse resistência para agüentar uma exibição prolongada. Mas eu sabia que, pelo menos no início, Laura não agüentaria muito tempo.

No Harlem, anos depois, um amigo meu, "Sammy o Cafetão", ensinou-me algo que eu desejaria ter sabido naquela ocasião, para poder procurar no rosto de Laura. Era o que Sammy declarava ser a sua pista infalível para determinar "a verdadeira personalidade inconsciente" das mulheres. Levando-se em consideração todas as mulheres que ele tirara do meio de multidões e transformara em prostitutas, Sammy podia ser classificado como um perito no assunto. Ele jurava que se uma mulher, qualquer mulher, ficava extasiada de verdade enquanto está dançando, o que ela realmente é, pelo menos potencialmente, vai aflorar à superfície e transparecer em seu rosto.

Não estou insinuando que uma expressão de mulher fácil surgiu no rosto de Laura, embora a vida tenha-lhe desferido golpes terrivelmente cruéis, a começar pelo meu conhecimento. Tudo o que estou querendo dizer é que, se eu tivesse a mesma capacidade de Sammy, poderia ter percebido em Laura naquela ocasião o potencial sob a superfície, destinado a se transformar em realidade, que teria chocado sua avó.

Mais ou menos a um terço do baile, começavam as apresentações vocais e os solos dos músicos. Depois, chegava o hora do *show*, quando somente os grandes *lindy-hoppers* permaneciam na pista, para tentarem se eliminar mutuamente. Os demais dançarinos formavam um imenso "U", com a banda na extremidade aberta.

As garotas que tencionavam competir iam para a beira do salão e tiravam os sapatos de saltos altos, calçando sapatos de lona brancos. Em competição, elas jamais conseguiriam sobreviver de saltos altos. Sempre havia quatro ou cinco garotas sozinhas, que procuravam se ligar a algum cara que sabiam ser capaz de dançar de verdade.

Count Basie anunciou a hora do *show* e os outros dançarinos se afastaram da pista, procurando boas posições para ficarem assistindo e começando a gritar estímulos para seus favoritos.

— Manda brasa, Red! — gritaram para mim. — Mostra para eles quem é o melhor aqui, Red!

E foi nesse momento que uma garota sem parceiro, com quem eu já havia dançado antes, Mamie Bevels, garçõnete e uma tremenda dançarina, correu para mim, com Laura ainda ao meu lado. Fiquei sem saber o que fazer. Mas Laura começou a recuar na direção da multidão à beira da pista, sem desviar os olhos de mim.

A banda de Count já estava esquentando. Agarrei Mamie e entramos em ação. Ela era uma garota grande, ruda, forte, dançava como

um cavalo a corcovar. Lembro perfeitamente da noite em que ela se tornou conhecida como uma das melhores dançarinas do Roseland. Uma banda estava pegando fogo quando Mamie tirou os sapatos e ficou descalça, gritou e sacudiu-se toda, como se estivesse em algum frenesi numa selva africana. E depois se soltou inteiramente na dança, gritando a cada passo. O cara que era seu parceiro quase que teve de brigar para controlá-la. A multidão adorava qualquer estilo diferente de dança que pudesse proporcionar um espetáculo tão pitoresco. Foi assim que Mamie se tornou conhecida.

Comecei a guiá-la como a um cavalo, exatamente como ela gostava. Quando deixamos a pista, depois do primeiro número, estávamos encharcados de suor e as pessoas gritavam e davam tapas em nossas costas.

Lembro que saí mais cedo, com Laura, a fim de levá-la para a casa a tempo. Ela estava meio calada. E nunca tinha muito o que dizer durante a semana seguinte ou pouco mais do que isso, ao aparecer na *drugstore*. Mesmo naquele tempo, eu já havia aprendido o bastante sobre as mulheres para saber que não se deve pressioná-las quando estão pensando em alguma coisa, procurando chegar a uma decisão. Elas próprias se encarregam de dizer tudo, quando estiverem preparadas para isso.

Toda vez que eu me encontrava com Ella, até mesmo quando estava escovando os dentes pela manhã, ela iniciava um interrogatório. Quando eu ia me encontrar novamente com Laura? Ia levá-la até sua casa outra vez?

— Ah, aquela Laura é uma ótima moça!

Ella já a havia escolhido para mim.

Só que eu não conseguia pensar em Laura dessa maneira. Em matéria de interesses pessoais, minha mente se concentrava exclusivamente em vestir o *amigo-da-onça* depois que largava o trabalho e me mandar para o centro, a fim de me encontrar com Shorty e os outros caras, e as garotas que eles conheciam, a um milhão de quilômetros de distância da esnobe Hill.

Eu nem mesmo estava pensando em Laura quando ela me apareceu na *drugstore* e pediu que a levasse ao próximo baile negro no Roseland. Duke Ellington é que ia tocar e ela estava fora de si de excitação. Eu não tinha a menor possibilidade de saber o que ia acontecer.

Laura pediu que, desta vez, eu fosse buscá-la em sua casa. Eu não queria ter qualquer contato com a sua velha avó, que me desagradava antes mesmo de conhecê-la, só pela descrição que Laura fizera. Mas fui assim mesmo. A avó é que me abriu a porta. Era uma preta anti-quada, encarquilhada, os cabelos grisalhos. Abriu a porta apenas o suficiente para que eu pudesse passar, sem me dizer qualquer palavra, nem mesmo “entre, cachorro”. Já enfrentei detetives e gângsteres armados que se mostraram muito menos hostis que a avó de Laura naquela noite.

Lembro da sala de estar bolorenta, repleta com aquelas imagens

antigas de Cristo, preces em tapeçarias, estatuetas da crucificação, incontáveis outros objetos religiosos em cima da lareira, em prateleiras, mesas, paredes, por toda parte.

Já que a velha avó não parecia a fim de falar comigo, também não falei com ela. É claro que agora compreendo perfeitamente a posição dela. O que poderia ter pensado a meu respeito ao me ver no *amigo-da-onça*, cabelos esticados, sapatos cor de laranja? Ela teria prestado um favor a todos nós se tivesse saído correndo a gritar pela polícia. Se alguém parecido como eu naquela ocasião batesse em minha porta hoje, pedindo para falar com uma das minhas quatro filhas, não tenho a menor dúvida de que eu iria explodir.

Quando Laura entrou correndo na sala, vestindo o casaco, percebi imediatamente que ela estava transtornada, irritada e embaraçada. No táxi, ela começou a chorar. Odiara a si mesma por ter mentido antes. Decidira contar a verdade, dizer para onde estava realmente indo. Travara uma batalha de gritos com a avó. Laura declarara à avó que ia começar a sair quando e para onde quisesse. Se a avó não concordasse, ela largaria a escola e arrumaria um emprego, iria morar sozinha. A avó tivera um acesso, mas Laura decidira sair de qualquer maneira.

Chegando ao Roseland, dançamos juntos e com outros parceiros durante a primeira parte da noite. Até que finalmente Duke indicou que havia chegado a hora do *show*.

Eu sabia e Laura sabia também que ela não podia igualar-se às veteranas da hora do *show*. Mesmo assim, ela me disse que queria competir. E no instante seguinte ela estava à beira da pista, junto com as outras garotas, pondo sapatos de lona. Sacudi a cabeça quando uma dupla de garotas livres correu em minha direção.

Como sempre, a multidão batia palmas e gritava em compasso com a banda.

— Manda brasa, Red!

Foi em parte a minha reputação e em parte o estilo de dançar de balé de Laura que contribuíram para focalizar os refletores — e a atenção da multidão — em nós. Nunca antes eles tinham visto aquela leveza de pena que Laura punha no *lindy-hopping*, num estilo inteiramente novo... e olha que eram conhecedores dos mais diversos estilos. Eu me liguei a todo vapor, os pés de Laura voavam. Eu a levantava no ar, ela descia, pelo lado, em torno de mim, para trás, novamente para cima, para baixo, girando...

O refletor se concentrava quase que exclusivamente em nós. Eu podia vislumbrar os quatro ou cinco outros casais que também estavam dançando, as garotas parecendo que estavam em plena selva, lembrando animais, corcovando, investindo. Mas a pequena Laura inspirava-me a alcançar novas alturas. Os cabelos dela estavam caídos sobre o rosto, o suor escorria abundantemente. Eu mal podia acreditar que ela tivesse tanto vigor. A multidão estava gritando, batendo com os pés. Era uma nova favorita que estava sendo descoberta. Ha-

via uma muralha de barulho ao nosso redor. Senti que ela começava a enfraquecer, que estava dançando como um lutador que já não se agüenta mais em cima das pernas. Cambaleando para a beira da pista, enquanto a banda continuava a tocar. Quase que tive de carregar Laura, que estava ofegante, sorvendo o ar sofregamente. Alguns músicos da banda aplaudiram. O próprio Duke Ellington soergueu-se ligeiramente no piano e fez uma medida.

Se a multidão gostou do desempenho, os dançarinos são imediatamente cercados, apertados, ao saírem da pista. Um bando cercou Laura, levantou-a do chão. Eu estava sendo vigorosamente espancado nas costas... quando deparei com os olhos de uma loura... Eu nunca a tinha visto antes entre as mulheres brancas que apareciam nos bailes de negros do Roseland. Ela estava me olhando fixamente.

Naquela ocasião, em Roxbury, assim como em qualquer outro gueto negro da América, ter uma mulher branca, que não fosse uma prostituta ordinária e conhecida, era um símbolo de *status* de primeira classe, pelo menos para o preto médio. E aquela branca, parada ali a me olhar fixamente, era quase boa demais para se acreditar. Os cabelos caíam até os ombros, o corpo era bem-feito, as roupas haviam obviamente custado muito dinheiro a alguém.

É vergonhoso admitir, mas eu tinha esquecido inteiramente de Laura quando ela se livrou da multidão que a cercava, correu em minha direção, com seus olhos imensos... e estacou abruptamente. Acho que ela viu o que havia para se ver no rosto daquela branca, e no meu, quando nos afastamos para dançar.

Vou chamá-la de Sophia.

Ela não dançava bem, pelo menos nos padrões dos negros. Mas quem se importava com isso? Eu podia sentir os olhos dos outros casais concentrados em nós. Conversamos. Disse a ela que era boa dançarina e perguntei onde havia aprendido. Estava querendo descobrir por que estava ali. A maioria das mulheres brancas aparecia nos bailes dos negros por motivos que eu conhecia perfeitamente, mas raramente se podia encontrar uma do tipo de Sophia.

Ela deu respostas vagas a todas as minhas perguntas. Mas, durante aquela única dança, combinamos que eu levaria Laura para casa e depois voltaria correndo de táxi. Em seguida, ela me perguntou se eu não gostaria de dar um passeio de carro mais tarde. Senti que estava com sorte.

Levei Laura em casa e voltei ao Roseland em apenas uma hora. Sophia estava esperando na porta.

Ela deixara o seu conversível estacionado a cerca de cinco quarteirões do Roseland. Ela sabia perfeitamente para onde ir. Saímos de Boston e ela entrou numa estrada secundária, indo parar numa área deserta. E desligou tudo, exceto o rádio.

Nos meses seguintes, Sophia ia sempre me apanhar no centro e eu a levava a bailes e bares em Roxbury. Íamos de carro a toda parte.

Às vezes, já estava quase amanhecendo quando ela me largava diante da casa de Ella.

Eu adorava exibi-la e todos os negros a adoravam. Sophia parecia também adorar todos os negros. Saíamos juntos duas ou três noites por semana. Sophia admitiu que também saía com brancos, "só para salvar as aparências", mas jurava que nenhum homem branco era capaz de interessá-la.

Fiquei pensando nisso por muito tempo, mas jamais consegui compreender por que ela me abordou tão ostensivamente naquela primeira noite. Sempre achei que foi por causa de alguma experiência anterior com outro negro, mas jamais perguntei e ela nunca me contou. Nunca se deve interrogar uma mulher a respeito de outros homens. Ou ela diz uma mentira e você continua sem saber ou então conta a verdade, que você talvez não esteja querendo ouvir.

Seja como for, ela parecia fascinada por mim. Comecei a me encontrar com Shorty cada vez menos. Quando o via e ao resto da turma, ele sempre zombava:

— Tive de acabar com o pichaim da cabeça do conterrâneo e agora ele pega uma dona de Beacon Hill.

Mas a verdade é que, como todos sabiam que fora Shorty quem me "escolara", o fato de eu ter apanhado Sophia aumentava o *status* dele. Quando apresentei-a a Shorty, ela o abraçou como uma irmã, o que o deixou quase fora de si. As melhores experiências de Shorty haviam sido com prostitutas brancas ou com algumas daquelas pobres coitadas que trabalhavam nas fábricas e haviam "descoberto" os negros.

Foi quando comecei a desfilar com Sophia que realmente adquiri um *status* superior em Roxbury. Até aquele momento, não passava de mais um entre incontáveis jovens de cabelos esticados e metidos num *amigo-da-onça*. Mas agora, com a mulher branca mais espetacular que já havia entrado naqueles bares e clubes e que ainda por cima me dava dinheiro para as despesas, até mesmo os mais importantes vigaristas e escroques negros, como os gerentes de clubes, jogadores, banqueiros do jogo dos números e outros, começaram a me dar tapinhas nas costas, providenciando mesas especiais e servindo os drinques pessoalmente, chamando-me de "Red". É claro que eu sabia o motivo para essa atitude, assim como sabia o meu próprio nome: queriam me roubar aquela mulher branca sensacional.

No gueto, assim como nas comunidades suburbanas, é incessante a luta por *status*, para sobressair entre os demais de alguma forma que todos invejam. Aos 16 anos, eu não tinha dinheiro para comprar um Cadillac, mas ela tinha a sua própria "borracha", como chamávamos um carro naquele tempo. E eu a tinha, o que era ainda melhor.

Laura nunca mais voltou à *drugstore* enquanto continuei a trabalhar lá. E quando voltei a encontrá-la, ela já era uma ruína humana, conhecida por todos os negros de Roxbury, entrando e saindo da ca-

deia constantemente. Concluíra o curso secundário, mas a esta altura sua vida já estava seguindo totalmente pelo caminho errado. Desafiando a avó, começara a sair todas as noites, bebendo cada vez mais. O que a levava aos tóxicos e depois a se vender aos homens. Passando a odiar os homens que a compravam, tornara-se também uma lésbica. Uma das vergonhas que tenho carregado ao longo dos anos é o destino de Laura, pelo qual me culpo. Tê-la tratado da maneira como o fiz e por causa de uma mulher branca foi um golpe forte demais. A única desculpa que posso apresentar é que, como muitos dos meus irmãos negros de hoje, eu era surdo, mudo e cego.

Só muito tempo depois que conheci Sophia é que Ella descobriu. Uma madrugada, olhando pela janela, ela me viu saltar do carro de Sophia. Como já era de se imaginar, Ella passou a tratar-me como se eu fosse uma víbora.

Mais ou menos nessa ocasião, o primo de Shorty foi finalmente viver com a mulher pela qual era louco. Sophia financiou-me para partilhar o apartamento com Shorty. Larguei a *drugstore* e logo arrumei outro emprego.

Tornei-me um ajudante de garçom na Parker House, em Boston. Usava um casaco branco engomado e ficava de prontidão no restaurante. Os garçons punham os pratos e talheres sujos dos fregueses em imensas bandejas de alumínio, que eu levava para os lavadores de pratos na cozinha.

Algumas semanas depois, numa manhã de domingo, corri para o trabalho pensando que ia ser despedido, pois estava muito atrasado. Mas todo o pessoal da cozinha estava muito excitado e transtornado para notar meu atraso. Aviões japoneses haviam acabado de bombardear um lugar chamado Pearl Harbor.

Capítulo Cinco

HARLEMITA

— Têm de queijoooo e presuntoooo... sanduíches! Café! Chocolate! Bolo! Sorvete!

Era assim que eu gritava, balançando pelos trilhos de dois em dois, durante quatro horas, entre Boston e Nova York, nos corredores dos vagões de passageiros do *Yankee Clipper*, o expresso da New York, New Haven & Hartford.

O velho Rountree, veterano cabineiro de trens de passageiros e amigo de Ella, havia recomendado o trabalho na ferrovia para mim. Dissera a Ella que a guerra estava levando os empregados da ferrovia tão depressa que poderia me arrumar um emprego, se eu pudesse passar por 21 anos.

Ella queria que eu saísse de Boston e me afastasse de Sophia. Tera certamente adorado me ver como um daqueles negros que já estavam pulando em Roxbury no uniforme cáqui do Exército e sapatos de solas grossas... de licença dos quartéis. Mas minha idade, 16 anos, tornava tal sonho impossível.

Aceitei o emprego na ferrovia por motivos pessoais, que nada tinham a ver com as razões de Ella. Há muito tempo que eu queria visitar a cidade de Nova York. Desde que eu havia chegado a Roxbury que ouvia falar constantemente da *Big Apple* (nome de uma dança bastante animada popular nos anos 20 e que, por extensão, passou a designar Nova York, como uma cidade extremamente animada), como era chamada pelos músicos itinerantes, marinheiros mercantes, vendedores, motoristas de famílias brancas e todos os tipos de pilantras que eu conhecia. Até mesmo em Lansing eu já ouvia falar como Nova York era fabulosa, especialmente o Harlem. Meu pai descrevia o Harlem com orgulho, mostrando-nos fotografias de imensos desfiles dos partidários de Marcus Garvey. E cada vez que Joe Louis ganhava uma luta contra um adversário branco, imensas fotografias nas primeiras páginas de jornais negros, como o *Chicago Defender*, o *Pittsburgh Courier* e o *Afro-American*, mostravam um mar de negros do Harlem aclamando e acenando, enquanto o campeão retribuía aos acenos da sacada do Theresa Hotel. Tudo o que eu já tinha ouvido falar da cidade de Nova York era excitante, coisas como as luzes feéricas da Broadway, o Salão de Bailes Savoy e o Apollo Theater, no Harlem, onde

tocavam grandes bandas, onde eram lançadas canções famosas, novas danças e artistas novos.

Mas a gente não podia se mandar e fazer uma visita a Nova York de Lansing, Boston ou de qualquer outro lugar... não sem dinheiro. Assim, jamais pensei muito em ir a Nova York, até que apareceu um meio gratuito de viajar até lá, através da conversa de Ella com o velho Rountree, que era membro da igreja dela.

O que ela não sabia, é claro, é que eu continuaria a me encontrar com Sophia. De qualquer forma, Sophia só podia sair mesmo algumas noites por semana. Quando lhe falei sobre o emprego no trem, ela disse que daria um jeito para sair comigo todas as noites em que eu estivesse de volta a Boston. O que significava de dois em dois dias, se eu conseguisse pegar o horário que estava querendo. Sophia não queria me deixar por um instante sequer, mas pensava que eu já estava na idade da convocação militar e achava que o emprego no trem iria manter-me fora do Exército.

Shorty achou que seria uma grande oportunidade para mim. Estava na maior preocupação por si mesmo, sabendo que muito em breve seria inevitavelmente convocado para o Exército. Como centenas de jovens do gueto negro, Shorty estava tomando uma coisa qualquer que fazia, ao que se dizia, o coração parecer defeituoso para os médicos da junta de recrutamento.

O que Shorty pensava em relação à guerra era a mesma coisa que eu e a maioria dos negros do gueto:

— Os brancos são donos de tudo. E agora estão querendo que derramemos o nosso sangue por eles? Pois eles é que lutem!

Fui ao departamento de pessoal da ferrovia, na Dover Street, onde fui atendido por um funcionário branco de aparência cansada. Ele chegou finalmente ao ponto crucial, antes de eu ser contratado:

— Idade?

Não hesitei em responder:

— 21 anos.

O cara não tirou os olhos do papel! Não tive mais qualquer dúvida de que conseguira o emprego.

Prometeram-me a primeira vaga disponível no expresso de Boston para Nova York. Por algum tempo, no entanto, fiquei trabalhando no pátio de manobras da Dover Street, ajudando a embarcar nos trens as requisições de comida. Eu sabia que a vaga que me fora prometida, de quarto cozinheiro num trem, não passava de um nome pomposo para a função de lavador de pratos. Mas não seria a primeira vez que eu faria esse serviço. Além do mais, contanto que estivesse viajando para onde queria, isso não fazia qualquer diferença. Mas, temporariamente, eles me designaram para *The Colonial*, o trem que corria para Washington, D.C.

A turma da cozinha, chefiada por um cozinheiro chamado Duke Vaughn, um negro das Índias Ocidentais, trabalhava com uma eficiência quase inacreditável nas instalações apertadas. Contra o barulho do trem

avançando ruidosamente pelos trilhos, os garçons gritavam os pedidos dos fregueses, os cozinheiros funcionavam como máquinas e 800 quilômetros de copos, pratos e talheres sujos iam acabar nas minhas mãos. No pernoite em Washington, é claro que fui passear pelo centro da cidade. Fiquei espantado ao descobrir que na capital da nação, a apenas alguns quarteirões do Capitólio, viviam milhares de negros em condições bem piores que as das áreas mais pobres de Roxbury. Moravam em barracões de chão de terra, ao longo de caminhos incrivelmente sujos, com nomes como Beco dos Porcos e Beco das Cabras. Eu já tinha visto muita coisa, mas nunca antes encontrara uma concentração tão densa de vagabundos, maconheiros, vigaristas, gente jogando dados em plena rua. Havia até crianças pequenas vagueando pelas ruas à meia-noite, pedindo dinheiro, seminuas e descalças. Alguns dos cozinheiros e garçons da ferrovia me avisaram para tomar muito cuidado, pois as agressões e os assaltos ocorriam aos montões entre aqueles negros, todas as noites... e a apenas alguns quarteirões da Casa Branca!

Mas vi também outros negros que pareciam melhor de vida; moravam em quarteirões de casas de tijolos vermelhos quase em ruínas. Os veteranos empregados do *Colonial* haviam me falado que Washington tinha uma porção de negros de "classe média", com diplomas da Universidade de Howard, que estavam trabalhando como operários, zeladores, carregadores, guardas, motoristas de táxi e assim por diante. Para o negro de Washington, ser carteiro era um trabalho de prestígio.

Depois de algumas viagens a Washington, aproveitei imediatamente uma oportunidade que apareceu, quando o departamento de pessoal me avisou um dia que eu poderia temporariamente substituir um dos homens que vendiam sanduíches no *Yankee Clipper* para Nova York. Já estava metido no meu terno *amigo-da-onça* antes que o primeiro passageiro desembarcasse.

Os cozinheiros me levaram para o Harlem de táxi. A Nova York branca passou por mim como um cenário de filme. Depois, abruptamente, quando deixamos o Central Park, na Rua 110, a pele das pessoas começou a mudar.

A movimentada Sétima Avenida tinha um lugar chamado Small's Paradise. A turma me dissera antes de partirmos de Boston que era o seu lugar noturno predileto no Harlem e que eu não deveria deixar de visitá-lo. Nunca antes eu tinha me impressionado tanto com um estabelecimento comercial negro. Em torno do bar imenso, circular, de aparência luxuosa, havia 30 ou 40 negros, quase todos homens, bebendo e conversando.

Tenho a impressão de que o maior impacto inicial em mim foram as atitudes e as roupas conservadoras. Em todas as ocasiões e em qualquer lugar que eu já tinha visto até 10 negros de Boston bebendo, para não falar dos negros de Lansing, havia sempre o maior tumulto. Mas com todos aqueles harlemitas bebendo e conversando havia apenas um murmúrio baixo. Fregueses entravam e saíam a todo instante. Os bar-

tenders sabiam o que a maioria bebia e providenciavam automaticamente. Havia uma garrafa em cima do balcão diante de alguns fregueses.

Cada negro que eu conhecera até então sempre fizera questão de exibir qualquer dinheiro que tivesse. Mas aqueles negros do Harlem deixavam uma nota em cima do balcão discretamente. E bebiam. Displícemente, acenavam para que os *bartenders* servissem um drinque, para algum amigo. Os próprios *bartenders* eram discretos e suaves como os fregueses, providenciando os drinques e o troco sem maior alarde.

O comportamento deles parecia inteiramente natural; não estavam querendo se meter a besta. Fiquei impressionado demais. Cinco minutos depois de entrar no Smasl's, eu já havia deixado Boston e Roxbury para sempre.

Ainda não sabia que aqueles não eram o que se poderia chamar de negros cotidianos ou médios do Harlem. Mais tarde, até mesmo ainda naquela noite, eu iria descobrir que o Harlem continha centenas de milhares de negros que eram tão ruidosos e espalhafatosos quanto os negros de qualquer outro lugar. Mas ali se reunia a nata dos operadores mais antigos e mais amadurecidos do Harlem. As atividades do dia do jogo dos números já estavam encerradas. O jogo noturno em cassinos e outras atividades ainda não haviam começado. A multidão habitual da vida noturna, que trabalhava o dia inteiro em empregos regulares, estava em casa jantando. Era o momento em que os chamados operadores se reuniam, por volta das seis horas da tarde, em seus bares prediletos, em todas as partes do Harlem, praticamente sozinhos.

Do Small's, fui de táxi até o Apollo Theatre (lembro nitidamente que a banda de Jay McShann estava tocando, porque o vocalista iria mais tarde se tornar meu amigo íntimo. Era Walter Brown, o que costumava cantar *Hooty Hooty Blues*). De lá, no outro lado da Rua 125, na Sétima Avenida, eu podia avistar o imenso, alto e cinzento Theresa Hotel. Era o melhor da cidade de Nova York em que os negros podiam se hospedar, anos antes dos hotéis do centro começarem a aceitar pretos. O Theresa é agora mais conhecido como o lugar para onde Fidel Castro foi, por ocasião de sua visita à ONU, desfechando um golpe psicológico no Departamento de Estado americano, que o confinou a Manhattan, jamais sonhando que o líder cubano ficaria no Harlem, causando uma profunda impressão entre os negros.

O Braddock Hotel ficava perto, na Rua 126, próximo da entrada dos bastidores do Apollo. Eu sabia que seu bar era famoso como ponto de encontro de celebridades negras. Fui até lá e avistei, no bar apinhado, entre outros, Dizzy Gillespie, Billy Eckstine, Billie Holiday, Ella Fitzgerald e Dinah Washington.

Quando Dinah Washington estava saindo, com alguns amigos, ouvi alguém falar que ela estava a caminho do Savoy, onde Lionel Hampton se apresentava naquela noite. Na ocasião, ela era a vocalista Hamp. O salão de baile fazia o Roseland de Boston parecer pequeno e esquá-

lido em comparação. E o *lindy-hopping* estava à altura do tamanho e elegância do lugar. A banda de Hampton mantinha um ritmo quente, com seus grandes músicos, como Arnett Cobb, Illinois Jacquet, Dexter Gordon, Alvin Hayse, Joe Newman e George Jenkins. Dei algumas voltas pela pista com garotas que estavam na beira.

Provavelmente um terço dos reservados nos lados da pista estava ocupado por brancos, a maioria apenas observando os negros dançarem. Mas alguns dançavam também; e, como em Boston, podiam-se ver umas poucas mulheres brancas com negros. As pessoas não paravam de gritar para que Hamp tocasse *Flyn' Home*, até que ele finalmente executou o número. Posso perfeitamente acreditar na história que me contaram em Boston a respeito dessa música: certa vez, no Apollo, o número *Flyin' Home* de Hamp fizera um negro que estava no balcão, puxando fumo, pensar que podia mesmo voar e acabar tentando, pulando lá de cima e quebrando a perna. Mais tarde, o incidente foi imortalizado numa canção, quando Earl Hines compôs o seu grande sucesso *Second Balcony Jump*. Nunca antes eu tinha visto uma dança tão quente. Depois de dois ou três números mais lentos, para esfriar o pessoal, Dinah Washington começou a cantar. Quando ela apresentou *Salty Papa Blues*, a multidão ficou frenética, o Savoy chegou a tremer todo (o funeral da pobre Dinah foi realizado em Chicago, não faz muito tempo. Li que mais de 20 mil pessoas desfilaram diante de seu caixão. Eu deveria ter comparecido também. Pobre Dinah! Fomos grandes amigos naqueles tempos).

A minha primeira visita ao Savoy foi na Noite das Motoristas de Fogão, a tradicional folga noturna de quinta-feira das empregadas domésticas. Eu diria que havia duas vezes mais mulheres do que homens no salão. E não eram apenas cozinheiras e arrumadeiras, mas também esposas de soldados e mulheres que trabalhavam nas fábricas do esforço de guerra, todas solitárias e procurando companhia. Na rua, quando deixei o salão, ouvi uma prostituta comentar amargamente que as profissionais já não podiam mais trabalhar por causa das amadoras.

Para cima e para baixo, ao longo e entre as Avenidas Lenox, Sétima e Oitava, o Harlem era como um imenso bazar em technicolor. Centenas de soldados e marinheiros negros desfilavam de um lado para outro, embasbacados e jovens como eu. Àquela altura, o Harlem já era considerado zona proibida para soldados e marinheiros brancos. Muitos deles tinham sido assaltados, alguns foram assassinados. A polícia estava sempre tentando desencorajar os civis brancos a se aventurarem pelo Harlem; mas os que queriam ir de qualquer maneira ainda podiam fazê-lo. Cada homem sem uma mulher a tiracolo estava sendo devidamente "trabalhado" pelas prostitutas:

— Não quer se divertir um pouco, meu bem?

Os cafetões aproximavam-se furtivamente dos homens sozinhos e sussurravam teatralmente:

— Pode escolher qualquer tipo de mulher... vai querer uma branca?

E os vigaristas estavam apregoando suas mercadorias:

— Um anel de cem dólares, cara... de diamante! E o relógio é de 90 dólares! Dê só uma olhada! Pode levar os dois por 25 dólares.

Mais dois anos e eu poderia dar aulas a todos eles. Naquela noite, porém, estava simplesmente fascinado. Não tinha a menor dúvida de que pertencia àquele mundo. Foi a noite em que comecei a me tornar um autêntico harlemita. Ia me tornar um dos mais depravados e parasitas vigaristas entre os oito milhões de habitantes de Nova York, quatro milhões dos quais trabalhavam, enquanto os outros quatro milhões viviam à sua custa.

Eu mal podia acreditar no que ouvira e vira naquela noite, enquanto carregava a caixa de sanduíches, suspensa do ombro por uma correia, assim como uma pesada lata de alumínio com café, pesando mais de 10 quilos, pelos corredores do *Yankee Clipper*, de volta a Boston. Desejei que Ella e eu estivéssemos mantendo um relacionamento mais amistoso, para poder descrever-lhe tudo o que estava sentindo. Mas conversei com Shorty, insistindo para que fosse conhecer pelo menos o mundo musical da Big Apple. Sophia também me escutou. Ela acabou dizendo que eu jamais me sentiria plenamente satisfeito em outro lugar que não Nova York. Sophia estava certa. Em uma única noite, Nova York — ou melhor, o Harlem — deixara-me inteiramente narcotizado.

O homem do sanduíche que eu substituíra não tinha muita chance de recuperar a vaga. Eu saía berrando à vontade pelos corredores do trem. Vendia sanduíches, café, chocolate, bolo e sorvete tão depressa quanto o departamento de suprimento da ferrovia podia me fornecer. Não levei uma semana para descobrir que era necessário apenas dar um pequeno *show* aos brancos para que eles comprassem tudo. Era como estalar a flanela de dar lustro nos sapatos. Os garçons do vagão-restaurante e os cabineiros também sabiam disso e bancavam o Pai Tomás para conseguir gorjetas maiores. Éramos naquele mundo como os negros que ao mesmo tempo se mostram subservientes e são uns tremendos psicólogos, sabendo que os brancos são tão obcecados pela noção de sua importância que estão dispostos a pagar liberalmente, até mesmo muito caro, pela impressão de estarem sendo lisonjeados e distraídos.

Em cada noite de folga no Harlem, eu percorria as ruas e explorava novos lugares. Primeiro, arrumei um quarto na ACM do Harlem, porque ficava a menos de um quarteirão do Small's Paradise. Depois, arrumei um quarto mais barato na pensão da Sra. Fisher, que ficava perto da ACM. A maioria do empregados da ferrovia ficava na pensão da Sra. Fisher. Eu vasculhava não apenas as áreas feericamente iluminadas do Harlem, mas também as zonas residenciais, das melhores às piores, de Sugar Hill, perto de Polo Grounds, onde moravam muitas celebridades, até os quarteirões mais miseráveis, os cortiços em prédios imundos e caindo aos pedaços, pululando com tudo o que se pudesse imaginar de imoral e ilegal. Havia lama por toda parte, latas

de lixo transbordando ou derrubadas, bêbados, viciados em drogas, mendigos. Havia bares ordinários, igrejas à beira da calçada, com o evangelho sendo pregado aos brados lá dentro, lojas de penhores, agências funerárias. Havia imundos restaurantes de “comida caseira”, salões de beleza enfumaçados por dentro dos cabelos das negras sendo esquentados, barbearias anunciando especialistas no esticamento de cabelos. Nas ruas, os Cadillacs imensos e espalhafatosos, de segunda mão e novos, se destacavam entre os demais carros.

Tudo isso era o West Side de Lansing ou o South End de Boston multiplicados mil vezes. Havia pequenos salões de bailes em porões com o cartaz “Aluga-se” na frente. Havia pessoas nas ruas distribuindo cartões de anúncio de “festas de levantamento do aluguel”, uma tradição naquele tempo. Fui a uma dessas festas. Eram 30 ou 40 negros suando, bebendo, comendo, dançando e jogando, apertados num apartamento miserável, a vitrola tocando a todo volume, galinha frita ou tripas com salada de batatas e couve, a um dólar o prato, latas de cerveja ou doses de uísque a 50 cents. Trabalhadores políticos brancos e negros abordavam cada um dos presentes, tentando vender um exemplar do *Daily Worker*, argumentando:

— Este jornal está se empenhando em manter os aluguéis controlados... Temos de obrigar os senhorios gananciosos a matarem os ratos que infestam os apartamentos... Este jornal representa o único partido político que já lançou um preto como candidato à Vice-Presidência dos Estados Unidos... Queremos apenas que o leia, não vai tomar muito o seu tempo... As coisas que eu ouvia os negros comentarem, quando os vendedores do *Daily Worker* estavam por perto, fizeram-me pensar que o jornal estava de alguma forma ligado aos russos. Mas isso nada significava para a minha mente estéril daqueles tempos. As emissoras de rádio e os jornais estavam sempre falando de nossa-aliada-Rússia, um povo forte, musculoso, camponeses, de costas contra a parede e lutando bravamente para ajudar a América a combater Hitler e Mussolini.

A verdade é que Nova York era o paraíso para mim. E o Harlem era o sétimo céu! Eu ia tanto ao Small's e ao bar Braddock que os *bartenders* começaram a servir uma dose de *bourbon*, da minha marca predileta, assim que me viam passar pela porta. E os fregueses habituais, os vigaristas no Small's e os artistas no Braddock, começaram a chamar-me de Red, um apelido mais do que natural, tendo em vista os meus cabelos esticados vermelhos. Agora, eu esticava os cabelos na barbearia de Abbott & Fogey, que era a melhor de todas na Costa Leste, segundo os grandes músicos que me haviam recomendado.

Meus amigos incluíam agora músicos como o grande baterista de Duke Ellington, Sonny Greer, e o cara que sabia fazer de tudo com o violino, Ray Nance. Era ele que costumava cantar no chamado estilo *scat* (no jazz, substituir a letra de uma canção por sílabas sem qualquer significado, procurando imitar o som e o fraseado de um instrumento musical): “blip-blip-de-blop-de-blam-blam...” Havia ainda

gente como Cootie Williams e Eddie *Careca* Vinson, que costumava brincar comigo a propósito de sua esticada de cabelos, pois a única coisa que tinha sobre a cabeça era a pele. Na ocasião, ele estava alcançando o maior sucesso com sua canção *Hey, Pretty Mama, Chunk Me In Your Big Brass Bed*. Também conheci Sy Oliver, que era casado com uma mulher de pele avermelhada. Eles moravam em Sugar Hill. Na ocasião, Sy fazia uma porção de arranjos para Tommy Dorsey. Sua música mais famosa, creio eu, era *Yes, Indeed!*

Ao voltar a trabalhar, o homem dos sanduíches do *Yankee Clipper* foi designado para outro trem. Queixou-se por ser preterido, por causa da sua antiguidade no emprego, mas os meus recordes de vendas levaram os homens a encontrarem outros meios de apaziguá-lo. Os garçons e cozinheiros já haviam começado a me chamar de *Sandwich Red*.

A essa altura, todos já apostavam que eu não ia durar muito no emprego, com recordes de vendas ou não. É que eu me transformara rapidamente num jovem negro rude e agressivo. Dizia palavrão que não acabava mais. Chegava mesmo a xingar os fregueses, especialmente os milicos. Não podia suportá-los. Lembro nitidamente de um incidente. Havia recebido uma advertência, por causa das queixas de diversos passageiros, e precisava tomar cuidado. Naquele dia, estava trabalhando num corredor quando um soldado branco do Sul, grandalhão, robusto, de cara vermelha, tão bêbado que não parava de balançar, anunciou em voz alta o bastante para que todos no vagão o ouvissem:

— Vou dar uma surra em você, seu negro.

Jamais esqueci da tensão. Soltei uma risada e disse:

— Se quiser, posso brigar com você. Mas acho que está com roupa demais.

Ele estava com um daqueles capotes militares. Tratou de tirá-lo, mas continuei a rir e disse que ele continuava vestido demais. Conseguí fazer com que o branco continuasse a tirar as roupas, até que ele ficou parado no meio do corredor, no maior porre, sem coisa alguma acima da calça, enquanto todo mundo ria à custa dele. Finalmente outros soldados foram tirá-lo dali. Segui o meu caminho. Mas jamais esqueceria que... que não poderia ter massacrado aquele branco com um porrete tão bem quanto fizera com a cabeça.

Muitos dos cozinheiros e garçons da New Haven Line ainda em serviço hoje devem se lembrar de Pappy Cousins. Era o chefe do serviço do vagão-restaurant do *Yankee Clipper*... e era um branco, do Maine, como não podia deixar de ser (os negros já trabalhavam nos vagões-restaurantes há uns 30 ou 40 anos, mas naquele tempo ainda não havia na New Haven Line nenhum chefe de serviço negro). Pappy Cousins adorava uísque e gostava de todo mundo, inclusive de mim. Pappy deixava passar muitas queixas dos passageiros contra mim. Pedia aos negros mais velhos que trabalhavam comigo para que tentassem controlar.

— Mas não se pode dizer nada a ele! — diziam os veteranos.

E não podiam. Em casa, em Roxbury, eles me viam desfilan-

do com Sophia, metido nos mais extravagantes ternos *amigo-da-onça*. Quando eu chegava para trabalhar, estava quase que invariavelmente meio alto de uísque ou fumo. Continuava assim, empurrando sanduíches para todo mundo, até chegarmos a Nova York. Ao saltar do trem, quando atravessava a Grand Central Station, por entre a multidão do *rush* da tarde, muitos brancos paravam para me olhar. Um terno *amigo-da-onça* sobressaía tremendamente quando o cara que o usava era alto... e não faltava muito para eu chegar a 1,90m. Meus cabelos esticados eram vermelhos cor de fogo. Era um verdadeiro palhaço, mas minha ignorância fazia-me pensar que estava um “estouro”. Meus sapatos cor de laranja eram simplesmente Florsheims, os Cadillac em matéria de sapatos nos guetos naquele tempo (muitos fabricantes de sapatos criavam aqueles modelos ridículos exclusivamente para vender nos guetos negros, onde negros ignorantes como eu pagavam qualquer preço por algo que associavam à idéia de riqueza). E depois, entre o Small's Paradise, o Braddock Hotel e outros lugares, à medida que me permitiam os 20 ou 25 dólares que ganhava, eu tomava uísque, puxava fumo e aumentava o número de amigos e conhecidos em Nova York. Finalmente ia para a pensão da Sra. Fisher, a fim de dormir umas poucas horas, antes do *Yankee Clipper* partir novamente.

Era inevitável que acabassem me despedindo, mais cedo ou mais tarde. O que finalmente me liquidou foi uma carta furiosa de um passageiro. Os chefes do trem também deram a sua colaboração, declarando que haviam recebido uma porção de reclamações verbais contra mim e me feito diversas advertências.

Mas não me importei, porque naqueles dias de guerra os empregos a que eu podia aspirar estavam dando sopa. Quando a New Haven Line me pagou a dispensa, decidi que uma boa idéia seria visitar meus irmãos em Lansing. Afinal, eu já adquirira privilégios para viajar de graça nos trens.

Em Michigan, ninguém quis acreditar que era eu mesmo. Somente meu irmão mais velho, Wilfred, não estava lá: tinha ido para a Universidade de Wilberforce, no Ohio, a fim de estudar um ofício. Philbert e Hilda estavam trabalhando em Lansing. Reginald, o que sempre me tivera como ídolo, já estava grande o bastante para passar por mais velho e planejava entrar em breve para a marinha mercante. Yvonne, Wesley e Robert estavam na escola.

Os cabelos esticados e toda a minha fatiota eram tão bizarros que eu poderia perfeitamente ser tomado por um homem de Marte. Cheguei a causar uma pequena colisão de carros; um motorista parou bruscamente para me olhar, boquiaberto, e o que vinha por trás deu uma batida. Minha aparência impressionava os caras mais velhos que eu havia outrora invejado. Eu estendia a mão e dizia:

— Aperta os ossos, cara!

As histórias que eu contava sobre Big Apple, os cigarros de mari-

juana que me levavam até o céu... onde quer que eu fosse, era sempre a alma da festa.

A única coisa que me fez voltar à terra foi a visita ao hospital estadual, em Kalamazoo. Mamãe apenas vagamente percebeu quem eu era.

E procurei também a mãe de Shorty. Sabia que ele ficaria como-vindo com isso. Ela já era bastante idosa e ficou satisfeita de saber notícias do filho por meu intermédio. Afirmei que Shorty estava indo muito bem e que um dia iria se tornar o líder de sua própria banda. Ela me pediu para dizer a Shorty que gostaria que ele escrevesse e mandasse algum.

Dei também uma passada por Mason, para visitar a Sra. Swerlin, a mulher da casa de detenção onde eu havia ficado. Ela ficou boquiaberta quando me abriu a porta. O *amigo-da-onça* cinza brilhante, os sapatos de bico fino, o chapéu cinza de aba larga sobre os cabelos vermelhos esticados... era demais para a Sra. Swerlin. Ela mal conseguiu recuperar o controle o suficiente para me convidar a entrar. Entre a minha aparência e o jeito de falar, deixei-a tão nervosa e constrangida que ambos ficamos contentes quando fui embora.

Na noite anterior à minha partida, houve uma festa no ginásio da Lincoln School. Desde então, aprendi que, para se encontrar negros numa cidade estranha, sem perguntar a ninguém, basta pegar o catálogo e procurar a "Lincoln School". Está sempre localizada no gueto negro segregado... ou pelo menos estava naquele tempo. Eu havia deixado Lansing sem saber dançar. Agora, porém, saí pelo ginásio a jogar as garotas por cima dos meus ombros e quadris, dando uma exibição dos meus passos mais espetaculares. Por diversas vezes, a pequena banda quase parou de tocar, de tão aturdida. Praticamente todos saíram da pista, ficando a me contemplar, os olhos arregalados que nem pires. Naquela noite, cheguei mesmo a assinar autógrafos — *Harlem Red* — e deixei Lansing chocada e abalada.

De volta a Nova York, sem dinheiro e sem qualquer meio de sustento, descobri que trabalhar em trens era a única coisa sobre a qual conhecia algo. Por isso, fui ao departamento de pessoal da Seaboard Line. As ferrovias precisavam de empregados tão desesperadamente que tudo o que precisei fazer foi dizer que havia trabalhado na New Haven. Dois dias depois, eu estava trabalhando no *Silver Meteor*, que fazia a linha de St. Petersburg e Miami. Alugando travesseiros, mantendo os vagões limpos e os passageiros brancos satisfeitos, eu fazia quase tanto quanto ganhava com os sanduíches.

Mas não demorei a entrar em atrito com o branco azedo da Flórida que era assistente do chefe do trem. De volta a Nova York, disseram-me que fosse procurar outro emprego. Naquela tarde, quando entrei no Small's Paradise, um dos *bartenders*, sabendo o quanto eu adorava Nova York, chamou-me para um canto e disse que, se estivesse querendo deixar a ferrovia, talvez pudesse substituir um garçom de serviço durante o dia que estava prestes a entrar no Exército.

O dono do bar era Ed Small. Ele e o irmão, Charlie, eram inseparáveis. Acho que o Harlem não tinha duas pessoas mais populares e respeitadas. Sabiam que eu havia trabalhado em trens, o que era a melhor recomendação para um garçom. Na verdade, foi Charlie Small quem conversou comigo no escritório. Fiquei com medo que ele ligasse para algum dos seus amigos veteranos na ferrovia, para pedir uma opinião a meu respeito. Charlie jamais admitiria um cara que lhe dissessem ser criador de casos. Mas ele acabou decidindo com base em sua própria impressão, de me ver tantas vezes no bar, sentado muito quieto, quase intimidado, observando a turma dos grandes golpes. Quando me perguntou, declarei que jamais tivera qualquer problema com a polícia... o que era verdade, até aquele momento. Charlie informou quais eram as suas regras para os empregados: nada de atraso, nada de preguiça, nada de roubo, nada de dar golpes em cima dos fregueses, de qualquer tipo, especialmente os homens de uniforme. E fui contratado.

Isso aconteceu em 1942. Eu tinha acabado de completar 17 anos.

Com o Small's praticamente no centro de tudo, servir as mesas ali era o sétimo céu multiplicado por sete. Charlie Small não tinha a menor necessidade de advertir-me contra os atrasos; eu vivia tão ansioso em estar lá que chegava uma hora mais cedo. Fui substituir um garçom que trabalhava pela manhã. Para ele, aquele era o pior período do dia, com pouco movimento e quase nenhuma gorjeta. Por isso, ele ficou muitas vezes ao meu lado durante quase todo o horário, ensinando as coisas, pois não queria me ver despedido.

Graças a ele, aprendi rapidamente dezenas de pequenas coisas que podiam fazer um garçom novo cair nas boas graças de cozinheiros e *bartenders*, os quais tinham todas as condições de transformar o trabalho do garçom, dependendo de gostarem ou não dele, em algo terrível ou extremamente agradável... e eu pretendia me tornar indispensável. Em apenas uma semana, eu já havia conquistado a boa vontade tanto dos cozinheiros como dos *bartenders*. E os fregueses que me tinham visto antes entre eles no bar, ao me reconhecerem agora no casaco branco de garçom, ficavam ao mesmo tempo surpresos e satisfeitos. Não podiam me tratar de maneira mais amistosa. E eu também não podia me mostrar mais solícito.

— Outro drinque?... Imediatamente, senhor... Não gostaria de almoçar?... Temos pratos excelentes... Quer que eu lhe traga o cardápio, senhor?... Não gostaria então que eu lhe servisse um sanduíche?

Não apenas os *bartenders* e cozinheiros, que sabiam de tudo sobre tudo, pelo que me parecia, mas até mesmo os fregueses começaram a me escolar, em conversas junto ao balcão, quando eu não estava ocupado. Às vezes, um freguês ficava conversando comigo enquanto comia. Às vezes, eu tinha conversas compridas, sobre tudo, com os verdadeiros veteranos, que estavam no Harlem desde que os negros haviam começado a se instalar ali.

E essa foi na verdade a minha maior surpresa: saber que o Harlem nem sempre fora uma comunidade de negros.

Descobri que fora inicialmente povoado por holandeses. Depois começaram a chegar as ondas gigantescas de imigrantes pobres, esfarrapados e famintos da Europa, trazendo em bolsas e sacos nas costas tudo o que possuíam no mundo. Os alemães foram os primeiros, os holandeses se afastaram para lhes dar lugar e o Harlem tornou-se alemão.

Depois chegaram os irlandeses, fugindo da escassez de batata e da grande fome em sua terra. Os alemães se afastaram, olhando desdenhosamente para os irlandeses, que tomaram conta do Harlem. Em seguida, vieram os italianos; a mesma coisa aconteceu: os irlandeses se afastaram. Os italianos estavam com o Harlem quando os judeus começaram a desembarcar dos navios... e os italianos se mandaram.

Hoje, os descendentes desses mesmos imigrantes estão tratando de correr o mais depressa possível para escaparem dos descendentes dos negros que ajudaram a descarregar os navios de imigrantes.

Fiquei aturdido quando os veteranos harlemitas me contaram que enquanto as ondas de imigrantes se sucediam, os negros já estavam na cidade de Nova York desde 1683, sendo isolados em guetos por toda a cidade. Ficaram primeiro na área de Wall Street; depois, foram empurrados para Greenwich Village. O refúgio seguinte dos negros foi a área da Pennsylvania Station. E depois, na última parada antes do Harlem, o gueto negro foi concentrado em torno da Rua 52, que por isso recebeu o nome de Swing Street, um apelido e uma reputação que perduraram por muito tempo depois que os negros se foram.

Em 1910, um corretor imobiliário negro conseguiu de algum modo alojar duas ou três famílias negras num prédio de apartamentos judeu do Harlem. Os judeus deixaram aquele prédio e depois o quarteirão, e mais negros chegaram para ocupar os apartamentos vagos. Não demorou muito para que quarteirões inteiros de judeus se mudassem e mais negros viessem tomar os lugares vazios, até que rapidamente o Harlem se tornou como é hoje: virtualmente todo negro.

No início dos anos 20, a música e o entretenimento se tornaram uma grande indústria no Harlem, com o apoio dos brancos, que iam até lá todas as noites. Tudo começou mais ou menos na mesma ocasião em que um jovem e obstinado pistonista de Nova Orleans, chamado Louis Satchmo Armstrong, desembarcou de um trem em Nova York, usando sapatões de camponês, e começou a tocar com Fletcher Henderson. Em 1925, foi aberto o Small's Paradise, com multidões se derramando pela Sétima Avenida. Em 1926 foi a vez do grande Cotton Club, onde a banda de Duke Ellington iria tocar por cinco anos. Também em 1926 foi inaugurado o Savoy Ballroom, a um quarteirão da Lenox Avenue, com uma pista de dança de 60 metros, sob refletores, com dois palanques para bandas e um palco nos fundos.

A imagem famosa do Harlem espalhou-se rapidamente, até que o lugar enxameava todas as noites com brancos que vinham de todas

as partes do mundo. Os ônibus de turistas iam sempre parar por lá. O Cotton Club só atendia a brancos, enquanto centenas de outros estabelecimentos, que iam até os *speakeasies* (bares clandestinos na época da Lei Seca) em porões, só se interessavam pelo dinheiro dos brancos. Entre os mais conhecidos estavam o Connie's Inn, Lenox Club, Barron's, The Nest Club, Jimmy's Chicken Shack e Minton's. Os salões de bailes Savoy, Golden Gate e Renaissance brigavam pelas multidões. O Savoy introduziu atrações como as Noites das Motoristas de Fogão, às quintas-feiras, concursos de beleza em maiôs e um sorteio de carro todas as noites de sábado. Bandas de todos os cantos do país se apresentavam nesses salões de baile, assim como nos teatros Apollo e Lafayette. Tinham líderes de bandas pitorescos, como, Fess Williams, em seu traje cravejado de diamantes e cartola, e Cab Calloway, em seu *amigo-da-onça* branco, que era o máximo dos máximos, chapéu branco de aba larga e gravata fina, incendiando o Harlem com *Tiger Rag* e "hi-de-hi-de-ho", com *St. James Infirmary* e *Minnie the Moocher*.

O gueto negro fervilhava de brancos, cafetões, prostitutas, contrabandistas de bebidas, vigaristas de todos os tipos, personagens pitorescos, guardas e agentes da Lei Seca. Os negros dançavam como nunca tinham feito antes e como nunca mais voltaram a fazer desde então. Acho que ouvi pelo menos 25 veteranos jurarem no Small's que tinham sido os primeiros a dançar no Savoy o *lindy-hop*, que havia nascido em 1927, batizado em homenagem a Lindbergh, que acabara de fazer seu vôo histórico a Paris.

Até mesmo os pequenos estabelecimentos em porões, com espaço apenas para um piano, contavam com fabulosos artistas do teclado, como James P. Johnson e Jelly Roll Morton, cantores como Ethel Waters. E às quatro horas da madrugada, quando todos os estabelecimentos legítimos tinham de fechar, músicos brancos e negros seguiam de todas as partes da cidade para alguns lugares previamente combinados no Harlem e iniciavam *jam sessions* que se prolongavam pelo dia seguinte.

Quando tudo terminou, com o colapso do mercado de ações em 1929, o Harlem possuía uma reputação internacional como a Casbah da América. O Small's fora uma parte de tudo isso. Era lá que eu ficava ouvindo os veteranos recordarem os grandes tempos de antigamente.

Todos os dias, eu escutava extasiado os fregueses que estavam com disposição de conversar. Tudo ia somando à minha educação. Meus ouvidos absorviam sofregamente, como esponjas, quando um deles, numa rara explosão de confiança ou um pouco além do seu número habitual de drinques, contava-me coisas confidenciais sobre a sua forma particular de vigarice, a que se dedicava como meio de vida. Fui assim bem escolado, por especialistas em atividades ilícitas como o jogo dos números, a prostituição, os mais diversos tipos de golpes, tráfico de drogas e roubos de toda espécie, inclusive assalto a mão armada.

Capítulo Seis

DETROIT RED

Diariamente, eu apostava todas as minhas gorjetas, que muitas vezes somavam 15 a 20 dólares, no jogo dos números, sonhando com o que faria quando acertasse.

Via muitas pessoas em farras prolongadas e espetaculares gastando dinheiro a rodo, depois de acertarem grandes boladas. Não estou me referindo aos escroques, que sempre tinham dinheiro. Estou falando de pessoas comuns, simples trabalhadores, os quais dificilmente entrariam num bar como o Small's em outras circunstâncias. Mas quando acertavam uma boa bolada, tratavam imediatamente de largar seus empregos com os brancos, em algum lugar do centro. Frequentemente compravam um Cadillac e muitas vezes passavam três ou quatro dias a pagar drinques e bifés para todos os amigos. Eu tinha que juntar duas mesas e recebia gorjetas de dois ou três dólares cada vez que aparecia com a bandeja.

Centenas de milhares de negros da cidade de Nova York jogavam todos os dias, à exceção dos domingos, de um *cent* a quantias bem grandes, no jogo dos números. Escolhia-se uma centena e se acertava quando era a mesma dos três últimos algarismos do total das vendas de títulos nacionais e estrangeiros na Bolsa de Valores.

Com a cotação a 600 por um, um *cent* ganhava seis dólares, um dólar valia 600 dólares e assim por diante. Com uma aposta de 15 dólares, podia-se ganhar nove mil dólares. Apostas famosas haviam comprado participações em muitos bares e restaurantes do Harlem ou mesmo integralmente. As chances de acertar eram de uma em mil. Muitos jogadores apelavam para o que se chamava de "inversão". Por exemplo: uma aposta de seis *cents* podia ser feita nas seis inversões possíveis de três algarismos, um *cent* em cada uma. Uma aposta invertida no número 840 incluía o próprio 840 e mais o 804, 048, 084, 408 e 480.

Praticamente todo mundo jogava todos os dias no gueto negro do Harlem, assolado pela miséria. E todos os dias alguém que a gente conhecia estava acertando, o que se transformava em notícia para toda a vizinhança; e se ganhava uma boa bolada, a excitação era total. Os ganhos geralmente eram pequenos, de apostas de cinco, 10 e 25 *cents*. A maioria das pessoas procurava jogar um dólar por dia, mas dividido entre números diferentes e inversões.

A indústria do jogo dos números no Harlem tinha uma atividade intensa todas as manhãs e no início da tarde, com os corretores anotando as apostas em talões nos corredores dos prédios de apartamentos, bares, barbearias, lojas, calçadas. Os guardas estavam sempre de olho; nenhum corretor se mantinha por muito tempo em seu ponto se não desse algum dinheiro aos guardas que faziam a ronda a pé do local. Além disso, todos sabiam que os banqueiros do jogo dos números davam dinheiro aos escalões superiores da polícia.

O pequeno exército de corretores recebia 10 por cento do dinheiro que entregava junto com os talões aos controladores (e quem acertava sempre dava uma gorjeta de 10 por cento ao corretor). Um controlador podia ter até 50 corretores trabalhando para ele. Recebia cinco por cento do dinheiro que entregava ao banqueiro, o qual pagava as apostas vencedoras, pagava a polícia e ficava mais rico a cada dia.

Algumas pessoas jogavam no mesmo número durante o ano inteiro. Muitos tinham listas dos resultados diários de muitos anos, calculando as chances de dar outra vez um determinado número ou usando outros sistemas. Outros jogavam simplesmente com base em palpites: endereços, placas de carros que passavam, quais números em cartas, telegramas, talões de lavanderia e assim por diante. Os livros de interpretação de sonhos, que custavam um dólar, informavam que número indicava praticamente qualquer sonho. Os evangelistas que aos domingos vendiam Jesus nas ruas, assim como os místicos, rezavam por seu número de sorte mediante um módico honorário.

Recentemente, deu a centena dos três últimos algarismos de um novo código postal de um distrito do Harlem, quase levando um banqueiro à falência. Se este livro circular amplamente nos guetos negros do país, sou capaz de apostar, embora não seja mais um jogador, a favor de alguma obra de caridade que milhões de dólares seriam apostados por meus pobres e tolos irmãos no número desta página, por exemplo, ou no total de páginas do livro.

Cada dia no Small's Paradise Bar era fascinante para mim. E de um ponto de vista do Harlem, eu não poderia estar em melhor posição para me instruir devidamente. Alguns dos mais capazes escroques negros de Nova York foram com a minha cara. Sabendo que eu ainda era inexperiente, nos termos deles, logo começaram paternalmente a "dar um jeito no Red".

Os métodos eram indiretos. Um negro das Antilhas, parecendo um homem de negócios, frequentemente sentava a uma das minhas mesas. Um dia, quando servi sua cerveja, ele disse:

— Fique aqui um momento, Red.

E, para meu espanto, começou a medir-me com uma dessas fitas amarelas, anotando os números num caderninho. Na tarde seguinte, quando cheguei para trabalhar, um dos *bartenders* entregou-me um embrulho. Era um terno azul-marinho, bastante caro, de um corte conservador. O presente era objetivo, o recado óbvio.

Os *bartenders* informaram que aquele freguês era um dos princi-

pais executivos da famosa quadrilha dos Quarenta Ladrões. Eram tremendamente organizados e podiam entregar no mesmo dia, a pedido, mediante pagamento à vista, qualquer traje que se pudesse desejar. E a gente só pagava um terço do preço da loja.

Contaram-me como eles realizavam seus assaltos fabulosos. Um membro da quadrilha, muito bem-vestido, do tipo que não despertava suspeitas por suas maneiras, entrava na loja escolhida quase na hora de fechar, escondia-se em algum lugar e permanecia lá dentro depois que a loja era fechada. Já haviam verificado antes os horários das rondas da polícia. Depois que escurecia, ele colocava as roupas em sacos, desligava o alarma contra ladrões e usava o telefone para chamar um caminhão à espera, juntamente com a turma de trabalho. Quando o caminhão chegava, num intervalo entre as rondas da polícia, era carregado rapidamente e partia poucos minutos depois. Mais tarde, vim a conhecer diversos membros dos Quarenta Ladrões.

Não demorou muito para que me indicassem os detetives à paisana, com um ligeiro aceno de cabeça, uma piscadela. O conhecimento dos homens da lei na área era fundamental para os escroques. Com o passar do tempo, eu aprenderia também a identificar qualquer cara da polícia. Ao final de 1942, cada um dos serviços militares tinha os seus agentes à paisana, os ouvidos atentos a qualquer coisa que pudesse interessar, com os golpes que estavam sendo usados para se evitar a convocação ou o alistamento, quais os golpes que estavam sendo aplicados em militares.

Os estivadores ou seus receptores apareciam nos bares vendendo armas, máquinas fotográficas, perfumes, relógios e assim por diante, roubados dos navios atracados. Aqueles negros ficavam com o que sobrava depois que os estivadores brancos roubavam o que lhes apetecia. Os marinheiros de navios mercantes freqüentemente traziam produtos estrangeiros para negociarem. Os melhores cigarros de marijuana eram feitos de *gunja* e *kisca*, que esses marinheiros contrabandavam da África e Pérsia.

Durante o dia, os brancos recebiam um tratamento cauteloso. Os brancos que apareciam à noite tinham uma recepção melhor. Os diversos *nightclubs* do Harlem que freqüentavam estavam empenhados em divertir e passar para trás a multidão branca noturna, a fim de arrancar-lhe o dinheiro.

E com tantas organizações policiais velando pela "moral" dos militares, os que apareciam — e não eram poucos — recebiam apenas o que pediam, eram respondidos se falavam alguma coisa. E ficava por aí, a menos que alguém os conhecesse como nativos do Harlem.

O que eu estava aprendendo era a primeira regra da sociedade dos escroques: não se deve confiar em ninguém fora do seu pequeno círculo de boca fechada e mesmo nele deve-se escolher com tempo e cuidado antes de tomar intimidades.

Os *bartenders* me diziam quais entre os fregueses regulares eram principalmente "fachadas" e os que estavam realmente empenhados

em alguma coisa; os que estavam de fato no submundo, com ligações na polícia ou com políticos; os que manipulavam com dinheiro grosso e continuavam a ganhar cada vez mais; os que eram jogadores de verdade e os que apenas haviam tido um golpe de sorte; e os que eram perigosos e não se devia nunca desafiar.

Os últimos eram bem conhecidos no Harlem, sendo temidos e respeitados. Todos sabiam que, se provocados, podiam rachar a cabeça de um cara sem a menor hesitação. Eram os veteranos, que não deviam ser confundidos com os vários tipos de malandros ainda jovens, estourados, impetuosos, tentando conquistar uma reputação pelo dedo no gatilho ou uma faca na mão. Os veteranos a que estou me referindo eram homens como *Black Sammy*, *Bub Hulan*, *King Padmore* e *West Indian Archie*. A maioria havia trabalhado como capanga para Dutch Schultz, no tempo em que ele entrara a força na indústria do jogo dos números no Harlem, depois que os gângsteres brancos perceberam que se estava ganhando fortunas no que anteriormente consideravam simplesmente como os "tostões dos crioulos". Os gângsteres brancos referiam-se ao jogo dos números como a "loteria dos crioulos".

O apogeu desses negros fora antes da grande Investigação Seabury, em 1931, que assinalara o início do ocaso de Dutch Schultz, até o final de sua carreira, em 1934, quando foi assassinado. Ouvi muitas histórias de como aqueles negros haviam "persuadido" as pessoas com canos de chumbo, cimento fresco, bastões de beisebol, soqueiras de ferro, punhos, pés e cassetetes. Quase todos haviam passado uma temporada na geladeira, voltando a entrar em cena depois, passando a trabalhar como corretores dos maiores banqueiros, que se especializavam nos grandes apostadores.

Parecia haver um acordo tácito entre esses negros e os tiras pretos mais duros, no sentido de nunca entrarem em choque. Acho que os dois lados sabiam que alguém morreria se isso acontecesse. Havia alguns tiras pretos no Harlem que eram terríveis. Os Quatro Cavaleiros que trabalhavam em Sugar Hill, lembro que o pior deles tinha sardas, formavam uma turma que não era brincadeira. O maior, mais preto e pior de todos os guardas negros do Harlem era um antilhano, Brisbane. Os negros atravessavam a rua para evitá-lo, quando ele fazia sua ronda pela Rua 125 e Sétima Avenida. Quando eu estava preso, alguém me contou que Brisbane levava um tiro fatal de um garoto assustado e nervoso que chegara recentemente do Sul e mal tivera tempo de descobrir como Brisbane era terrível.

O cafetão mais improvável do mundo era *Cadillac Drake*. Tinha uma careca reluzente, o corpo parecia uma bola de futebol americano; costumava dizer que sua barriga era "o *playground* das putas". *Cadillac* tinha uma dúzia das mais esqueléticas prostitutas pretas e brancas das ruas do Harlem. Durante as tardes, no bar, os veteranos que bem conheciam *Cadillac* costumavam zombar dele, dizendo não compreender como mulheres que pareciam não ter condições nem de alimentar a si próprias podiam alimentá-lo a ponto de torná-lo assim. Ele caía

na gargalhada, juntamente com todos os presentes. E parece que é hoje que o ouço a dizer:

— As mulheres mais feias são as que trabalham com mais esforço.

Quase que exatamente o oposto de *Cadillac* era um cafetão ainda jovem, afável, independente, conhecido como *Sammy Cafetão*. Como já falei antes, ele era capaz de reconhecer prostitutas em potencial só de observar as expressões das mulheres dançando nos salões públicos. Com o tempo, Sammy e eu acabamos nos tornando amigos íntimos. Ele era do Kentucky, um profissional frio e competente em seu ofício, que era as mulheres. Como *Cadillac*, Sammy tinha tanto prostitutas brancas como pretas trabalhando para ele. Mas as mulheres de Sammy, que de vez em quando apareciam no *Small's*, à procura dele, para dar-lhe dinheiro ou pedir que pagasse um drinque, eram tão bonitas quanto quaisquer outras prostitutas de qualquer lugar do mundo.

Uma das mulheres brancas de Sammy, conhecida como *Alabama Peach* (Boneca do Alabama), uma loura, deixava todo mundo maluco com sua maneira de falar; até mesmo as mulheres negras de controladores do jogo dos números que faziam ponto no *Small's* gostavam dela. O que fazia muitos negros no bar rirem a não poder mais era a maneira como ela dizia a palavra *nigger*, como se fosse formada por três sílabas. Geralmente ela dizia a palavra na mesma frase:

— Ah, eu adoro os *ni-uh-guhs*...

Se lhe pagavam dois drinques, ela contava em um minuto a história de sua vida. Na pequena cidade do Alabama em que nascera a primeira coisa que lhe haviam incutido era de que devia “odiar os negros”. E depois ela começara a ouvir as garotas mais velhas na escola sussurrarem às escondidas que os negros eram gigantes e atletas sexuais. Passara a ter um desejo secreto cada vez maior de experimentar um negro. Finalmente, em sua própria casa, com a família fora, ameaçara um negro que trabalhava para o pai dela: se não deitasse com ela, iria jurar que ele a estuprara. O negro não tivera opção, mas logo depois deixou de trabalhar para a família. E a partir desse momento, até terminar a escola secundária, ela fora para a cama com diversos outros negros. Depois, fora para Nova York, seguindo diretamente para o Harlem. Mais tarde, Sammy me contou como a encontrara no *Savoy*. Ela nem mesmo estava dançando, mas apenas parada à beira da pista, assistindo; mesmo assim, ele percebera imediatamente que ali estava uma prostituta em potencial. E já que ela realmente gostava de negros, jamais aceitando um branco, quantos mais, melhor, disse Sammy. De vez em quando ainda me pergunto o que teria acontecido com ela.

Havia um cafetão grande e gordo a quem chamávamos de *Dollarbill* (Nota de Dólar). Ele adorava exibir o seu “rolo de Kansas City”, provavelmente 50 notas de um dólar com uma de 20 e uma de 100 por fora. Sempre imaginamos o que *Dollarbill* faria se alguém roubasse a sua “cobertura” de 100 dólares.

Um homem que, no auge de sua carreira, poderia ter roubado todo o rolo de dinheiro de *Dollarbill*, de olhos fechados, era o andrajoso

e cômico *Fewclothes* (Pouca-roupa). *Fewclothes* fora um dos melhores punguistas do Harlem, na época em que os brancos por lá apareciam aos enxames todas as noites, nos anos 20. Durante a Depressão, ele contraiu um caso de artrite aguda nas mãos. As articulações dos dedos ficaram encaroçadas e tortas e as pessoas sentiam-se mal só de vê-las. Com chuva, granizo ou neve, todas as tardes, por volta das seis horas, *Fewclothes* aparecia no *Small's*, contando histórias sobre os velhos tempos. Era um dos rituais do dia, para um ou outro dos fregueses habituais, pedir ao *bartender* que lhe servisse uns drinques e a mim que providenciasse alguma comida.

Meu coração se enche de emoção por todos nós que, naquelas tardes no *Small's*, representávamos a cena ritual com *Fewclothes*. Eu gostaria que todos pudessem vê-lo, agradavelmente “alto” com os drinques, sentado à mesa com extrema dignidade, sem suplicar coisa alguma, muito menos à turma da previdência social, e abrir o guardanapo, examinar o cardápio do dia que eu lhe apresentava e depois fazer o pedido. Eu informava aos cozinheiros que era para *Fewclothes* e ele recebia o que havia de melhor na casa. Quando a comida ficava pronta, eu o servia como se fosse um milionário.

Desde então, tenho pensado muitas vezes a respeito e o que realmente significava aquela encenação. Num certo sentido, estávamos todos nos unindo em busca de segurança, amizade e conforto. Só que não sabíamos disso. Todos nós, que poderíamos estar explorando o espaço, descobrindo a cura do câncer ou criando grandes indústrias, éramos, em vez disso, as vítimas negras do sistema social americano instituído pelos brancos. Em outro sentido, a tragédia do antigo mestre dos punguistas transformava-o, para seus irmãos escroques dos velhos tempos, num símbolo de “pela graça de Deus”. Para lobos que ainda eram capazes de abocanhar alguns coelhos, fazia sentido que um velho lobo que perdera as presas ainda pudesse continuar a comer.

Outro freguês habitual era um assaltante, *Jumpsteady* (Pulo Firme). Nos guetos que os brancos criaram para nós, fomos forçados a não aspirar a coisas maiores, encarando a vida cotidiana como *sobrevivência*... e nesse tipo de comunidade a sobrevivência é o que mais se respeita. Em qualquer bar médio de uma comunidade branca não se podia imaginar a presença de um ladrão conhecido a se expor constantemente, como um dos frequentadores mais populares. Mas se *Jumpsteady* não aparecia no *Small's* por alguns dias seguidos, começávamos logo a perguntar por ele.

Jumpsteady ganhara esse apelido porque, ao que se dizia, quando trabalhava em áreas residenciais brancas, pulava de telhado para telhado e era tão firme que tinha a capacidade de se apoiar em peitoris de janelas fechadas com as pontas dos dedos dos pés. Se caísse, seria um homem morto. Ele entrava nos apartamentos pelas janelas. Dizia-se que era tão frio e controlado que já havia até mesmo roubado com pessoas no aposento ao lado. Mais tarde, descobri que *Jumpsteady* sempre se enchia de drogas quando estava trabalhando. Ele ensinou-me

algumas coisas que eu iria aproveitar anos depois, quando os tempos difíceis me obrigaram a formar minha própria quadrilha de ladrões.

Creio que devo ressaltar que o Small's não era absolutamente um covil de bandidos. Estou falando mais dos escroques porque era o mundo deles que me fascinava. Na verdade, para a multidão da vida noturna, o Small's era um dos dois ou três lugares mais decentes do Harlem. O Departamento de Polícia da cidade de Nova York chegava a recomendar o Small's aos brancos que perguntavam por um lugar "seguro" no Harlem.

O primeiro quarto que consegui depois que deixei a ferrovia (metade do Harlem alugava quartos) ficava no quarteirão 800 da St. Nicholas Avenue. Podia-se entrar em diversos quartos da casa para se encontrar um casaco de pele quente, uma boa máquina fotográfica, um perfume caro, uma arma, tudo enfim, de mulheres quentes a carros quentes, até mesmo gelo quente. Eu era um dos poucos homens que moravam na pensão. Isso foi durante a guerra, quando não se podia ligar o rádio sem ouvir falar em Guadalcanal ou África do Norte. Em vários apartamentos, as inquilinas eram prostitutas. A maioria estava metida em uma ou outra atividade ilegal; havia assaltantes, cafetões, corretores do jogo dos números e traficantes de tóxicos. Tenho a impressão que todos os que viviam naquela casa consumiam alguma espécie de tóxico. Mas isso não deve se refletir muito negativamente sobre aquele prédio em particular, pois quase todo mundo no Harlem precisava exercer alguma atividade ilegal para sobreviver e tinha de permanecer alto de alguma forma para esquecer o que necessitava *fazer* para sobreviver.

Foi naquela casa que aprendi mais sobre as mulheres do que em qualquer outro lugar individual. Foram aquelas prostitutas trabalhadoras que me ensinaram as coisas que toda esposa e todo marido deviam saber. Mais tarde, foram principalmente as mulheres que não eram prostitutas que me ensinaram a não confiar na maioria das mulheres. Parecia haver um código de ética e uma fraternidade superiores entre aquelas prostitutas do que entre incontáveis mulheres que vivem na igreja, as quais têm mais homens para se divertir do que as outras por dinheiro. E devo ressaltar que estou falando tanto sobre pretas como sobre brancas. Muitas das mulheres pretas, naqueles tempos da guerra, estavam no mesmo compasso que as brancas, com os maridos combatendo no exterior, enquanto elas iam para a cama com outros homens. Não eram poucas as que davam a outros homens o dinheiro do marido. E muitas mulheres simplesmente fingiam ser boas esposas e mães, enquanto saíam em campo com tanto empenho quanto as prostitutas... e com os maridos e filhos ali mesmo em Nova York.

Recebi as minhas primeiras lições sobre a moral de fossa dos brancos da melhor fonte possível: as suas próprias mulheres. E depois, quando mergulhei cada vez mais fundo na minha vida de mal, vi a moral do homem branco com meus próprios olhos. Cheguei mesmo a ganhar a vida fornecendo aos brancos as coisas doentias que procuravam.

Eu era jovem, trabalhava num bar, não me incomodava muito com aquelas mulheres. Mas provavelmente despertei nelas o instinto de proteção ao irmão caçula ou algo assim. Algumas sempre apareciam em meu quarto quando não estavam ocupadas, ficávamos puxando fumo e conversando. Geralmente acontecia depois do *rush* da manhã... mas deixe-me falar um pouco a respeito disso.

Ver os corredores e escadas sempre com um movimento intenso, a qualquer hora da noite, com brancos e pretos indo e vindo, era algo que se podia perfeitamente esperar, quando se vivia num prédio em que havia prostitutas trabalhando. Mas o que me deixava atônito era a multidão que aparecia de manhã, entre seis e sete e meia, por aí, sem ficar muito tempo. Por volta das nove horas, quase sempre eu era o único homem que havia no prédio.

Essa multidão era formada por maridos, que saíam de casa a tempo de dar uma parada na casa da St. Nicholas Avenue, antes de seguirem para o trabalho. É claro que não eram os mesmos todos os dias, mas sempre havia muitos para criar um movimento intenso. E incluía muitos brancos, que vinham de táxi do centro.

Esposas dominadoras, queixosas e exigentes, que haviam praticamente castrado seus maridos psicologicamente, eram as responsáveis por aquele movimento intenso da manhã. Tais esposas eram tão desagradáveis e haviam deixado seus homens tão tensos que lhes roubavam a situação de serem homens. Para escaparem a essa tensão e à chance de serem ridicularizados pelas próprias esposas, esses homens costumavam se levantar mais cedo e saíam à procura de uma prostituta.

Em seu ofício, as prostitutas precisavam ser estudiosas dos homens. Diziam que a maioria dos homens, depois de passarem pela casa dos 20 anos, em que eram mais viris, ia para a cama principalmente como uma satisfação para o ego. Como muitas mulheres não eram capazes de compreender isso, afetavam e arruinavam o ego de um homem. Não importa quão pouca virilidade um homem tenha a oferecer, as prostitutas fazem-no sentir-se por algum tempo como o maior homem do mundo. É por isso que aquelas prostitutas tinham um movimento tão grande pela manhã. Muitas esposas poderiam conservar seus maridos se compreendessem que a maior necessidade deles é a de *serem homens*.

Aquelas mulheres me contavam tudo. Revelavam histórias engraçadas sobre as diferenças que viam na cama entre os homens pretos e os brancos. E as taras? Eram incríveis. Eu pensava que já tinha ouvido tudo sobre taras até que me tornei, mais tarde, um guia que encaminhava os brancos a tudo o que queriam. Todas as mulheres na casa tinham muito com a história do pequeno italiano a quem chamavam de "O Homem dos Dez Dólares por minuto". Ele aparecia invariavelmente por volta do meio-dia, vindo de seu pequeno restaurante num porão perto de Polo Grounds. A piada era que nunca se demorava por mais que dois minutos... mas sempre deixava 20 dólares.

As prostitutas achavam que era muito fácil controlar a maioria dos homens. Diariamente, elas ouviam os fregueses se queixarem que

nunca recebiam outra coisa que não contrariedades das mulheres de quem haviam tomado conta e às quais davam tudo. As prostitutas diziam que a maioria dos homens precisava conhecer o que os cafetões sabiam. Uma mulher devia ocasionalmente ser mimada o bastante para saber que seu homem lhe tinha afeição; afora isso, no entanto, devia ser tratada firmemente. Aquelas mulheres calejadas afirmavam que tal sistema funcionava com *elas*. Todas as mulheres, por sua própria natureza, são frágeis e fracas, sentem-se atraídas pelo macho no qual encontram força.

De vez em quando, Sophia vinha de Boston para me ver. Mesmo entre os negros do Harlem, a aparência dela dava-me *status*. Eram exatamente como os negros de qualquer outro lugar. Era por isso que as prostitutas brancas ganhavam tanto dinheiro. Não fazia a menor diferença que você estivesse em Lansing, Boston ou Nova York. O que os racistas brancos diziam e ainda dizem era absolutamente certo naquele tempo. Tudo o que se precisava fazer era colocar uma mulher branca perto de um homem preto médio e ele imediatamente reagia. É verdade que as mulheres pretas também faziam com que os olhos dos brancos se iluminassem... mas eles eram matreiros o bastante para disfarçarem.

Sophia chegava no trem do fim da tarde. Ia para o Small's, onde eu a apresentava aos presentes, e ficava esperando até que terminasse meu expediente. A princípio, não ficou muito satisfeita pelo fato de eu viver entre prostitutas. Mas apresentei-a a algumas, elas conversaram e Sophia achou-as sensacionais. As prostitutas diziam a Sophia que estavam me mantendo em forma para ela. Íamos ao bar do Hotel Braddock, onde encontrávamos alguns dos músicos que agora me saudavam como se fosse um velho amigo.

— Ei, Red, mas o que temos aqui?

Eles se desmanchavam em gentilezas com Sophia, não me deixavam pagar um só drinque. Nenhum negro do mundo era mais louco por mulheres brancas naqueles tempos do que a maioria dos músicos. As pessoas no *show business*, evidentemente, eram menos inibidas por tabus sociais e raciais.

O racista branco não vai querer lhe dizer que o inverso também acontece. Quando a noite já ia avançada, Sophia e eu seguíamos para algum *speakeasy* ou outro lugar qualquer que ficava aberto pela madrugada afora. Depois que os *nightclubs* do centro fechavam, a maioria desses lugares no Harlem ficava apinhada de brancos. Esses brancos eram doidos pela "atmosfera" negra, especialmente por alguns lugares que possuíam o que se poderia chamar de *soul* negra. Os negros freqüentemente conversavam sobre o comportamento dos brancos, que pareciam não cansar nunca de se meterem em torno deles ou entre eles... em grupos. Tanto os homens como as mulheres brancas, ao que parecia, ficavam quase mesmerizados pelos negros.

Lembro de um caso desses realmente peculiar, o de uma garota

branca que jamais perdia uma única noite de baile no Savoy. Meu amigo Sammy ficara fascinado por ela, observando-a atentamente por várias vezes. Dançando apenas com negros, ela parecia quase entrar em transe. Se um homem branco a convidava a dançar, invariavelmente recusava. Depois, quando o Savoy já estava fechando, o novo dia começando a amanhecer, ela deixava que um negro a acompanhasse no máximo até a estação do metrô. E ficava por aí. Ela jamais dizia a ninguém qual era o seu nome, muito menos revelava onde morava.

Vou contar agora outro caso peculiar, que terminou de maneira diferente. Ensinou-me algo que desde então tenho visto confirmado de mil maneiras diferentes. Foi a minha primeira grande lição sobre a maneira como os corações e as tripas dos brancos se reviram todos por dentro, por mais que tentem fazê-lo acreditar que isso não está acontecendo, sempre que vêem um homem negro na maior intimidade com uma mulher branca.

Alguns brancos que freqüentavam o Harlem, os mais jovens aos quais chamávamos de *hippies*, comportavam-se mais como negros do que os próprios negros. Esse cara em particular falava mais *hip* do que nós. Teria brigado com qualquer um que insinuasse que ele fazia alguma diferenciação de raça. Os músicos no Braddock mal podiam andar sem tropeçarem nele. Cada vez que eu o encontrava, ele ia logo gritando:

— Ei, meu velho, vamos apertar os ossos!

Sammy não o suportava; ele estava se metendo no caminho da gente aonde quer que fôssemos. Chegava ao ponto de usar um terno *amigo-da-onça* e enchia a cabeça de brilhantina para parecer que tinha os cabelos esticados, usava sapatos de bicos finos, corrente comprida... tudo, enfim. E não apenas só se apresentava com uma mulher preta, como vivia com duas, num pequeno apartamento. Jamais soube com certeza como funcionava o arranjo entre os três, embora tivesse algumas idéias.

Uma madrugada, por volta das três ou quatro horas, esbarramos com esse branco no *speakeasy* de Creole Bill. Ele estava alto, naquela viagem de marijuana em que o mundo todo parece relaxar. Apresentei-o a Sophia e depois me afastei por um momento para falar com outra pessoa. Quando voltei, Sophia estava com uma expressão esquisita, mas não quis me dizer o que era até irmos embora. O branco lhe perguntara:

— Por que uma garota branca como você está se metendo com um crioulo?

Creole Bill — só pelo nome já dava para ver que tinha vindo de Nova Orleans — tornou-se outro dos meus grandes amigos. Depois que o Small's fechava, eu levava muitos brancos, que gastavam a rodo e ainda estavam querendo beber um pouco e ter mais ação, para o *speakeasy* dele. Foi a minha primeira experiência de agenciador de brancos. O *speakeasy* era simplesmente o próprio apartamento de Creole Bill. Acho que ele havia derrubado uma parede divisória para tornar a sala de estar maior. Mas o ambiente, somado à comida, fazia do lugar um dos pontos *soul* do Harlem.

Uma vitrola tocava a música certa, suavemente. Havia qualquer espécie de bebida. E Bill vendia pratos de seus suculentos e bem temperados pratos *creoles*, como *gumbo* (quiabo) e *jambalaya* (cozido de arroz, ervas, vegetais, especialmente tomate, cebola e pimenta, com carne ou peixe, geralmente presunto ou camarão). A garota de Bill, uma negra linda, é que servia os fregueses. Bill só a chamava de *Brown Sugar* (Açúcar Mascavo) e não demorou muito para que todos também a tratássemos assim. Se havia muitos fregueses a serem servidos ao mesmo tempo, Creole Bill levava algumas das panelas. Brown Sugar punha os pratos e Bill servia generosas porções para todos. Muitas vezes servia um prato para si e comia junto com a gente. Era um espetáculo e tanto observá-lo comer, de tanto que ele adorava a própria comida, que era realmente deliciosa. Bill era capaz de cozinhar arroz como os chineses, fazendo um arroz soltinho, cada grão possuindo uma existência. Mas, ao que eu saiba, os chineses nunca foram capazes de fazer o que Bill conseguia com as coisas do mar e feijões.

Bill ganhou dinheiro bastante naquele *speakeasy* em seu apartamento para abrir um restaurante *creole* famoso no Harlem. Ele adorava beisebol. Em todas as paredes havia fotografias emolduradas e autografadas dos grandes astros do beisebol, assim como de celebridades políticas e do *show business* que iam comer no restaurante, sempre levando amigos. O que terá acontecido com Creole Bill? O restaurante foi vendido e nunca mais ouvi falar dele. Devo me lembrar de qualquer dia desses perguntar aos veteranos da Sétima Avenida, que devem saber do paradeiro de Bill.

Certa ocasião, quando fui visitar Sophia em Boston, ela disse que não poderia sair comigo até o fim de semana seguinte. Acabara de casar com algum próspero branco de Boston. Ele estava nas Forças Armadas, voltara para casa em licença e ia partir de novo. Ela disse que não queria que nada mudasse entre nós. Declarei que, por mim, o casamento dela não fazia a menor diferença. É claro que eu havia apresentado Sophia ao meu amigo Sammy e tínhamos saído juntos em algumas noites. Sammy e eu discutíamos minuciosamente a psicologia do homem preto e da mulher branca. E eu tinha de agradecer a Sammy pelo fato de estar totalmente preparado para o casamento de Sophia.

Sammy dizia que as mulheres brancas eram muito práticas. Já ouvira muitas dizerem o que pensavam. Elas sabiam que o preto tinha tudo contra ele, que o branco mantinha o preto por baixo, sob seus tacões, impedindo-o realmente de fazer qualquer coisa. A mulher branca queria ter uma vida confortável, queria ser bem considerada por sua própria gente; mas também queria ter seu prazer. Assim, muitas delas casavam com um branco simplesmente por conveniência e segurança, mas continuavam a se encontrar com um negro. Isso não significava necessariamente que ela estivesse apaixonada pelo negro; no fundo, estava apaixonada era pela luxúria... particularmente a que era tabu.

Não havia nada de excepcional num homem branco ter um emprego de 10, 20, 30, 40 ou mesmo 50 mil dólares por ano. Mas o negro

que conseguia ganhar mesmo cinco mil dólares por ano no mundo dos brancos era um caso excepcional. A mulher branca procurava um homem negro por uma de duas razões: ou porque estivesse loucamente apaixonada por ele ou para satisfazer seus desejos.

Depois que eu já estava no Harlem por tempo suficiente para apresentar sinais de permanência, inevitavelmente ganhei um apelido que iria me identificar além de qualquer confusão com os outros dois *Reds* que por lá existiam, ambos bastantes conhecidos e com os cabelos vermelhos esticados. Um deles, *St. Louis Red*, era um assaltante a mão armada profissional. Quando fui mandado para a prisão, encontrei-o lá, cumprindo uma pena por tentar assaltar um camareiro num trem entre Nova York e Filadélfia. Foi posteriormente libertado. Pelo que me disseram, está agora outra vez na prisão, por um roubo de jóias em Nova York.

O outro era *Chicago Red*. Ficamos amigos num *speakeasy* onde mais tarde trabalhei como garçom. *Chicago Red* era o lavador de pratos mais engraçado que havia no mundo. Agora, está ganhando a vida sendo engraçado, como um comediante de teatro e *nighthclub* conhecido no país inteiro. Não vejo motivo para que o velho *Chicago Red* se incomode se eu disser que ele é *Red Fox*.

Seja como for, não demorou muito para que meu apelido aparecesse. Não sei exatamente quando foi. As pessoas, sabendo que eu era de Michigan, perguntavam de que cidade. Como a maioria dos novaiorquinos nunca ouvira falar de Lansing, eu dizia que era de Detroit. Pouco a pouco, começaram a me chamar de *Detroit Red*... e o apelido pegou.

Uma tarde, no início de 1943, antes que a turma habitual das seis horas aparecesse, um soldado preto sentou a uma das minhas mesas, bebendo sozinho. Já devia estar ali há uma hora ou mais. Parecia aturdido, angustiado, dando a impressão de que acabara de chegar do Deep South (os estados do sudeste americano). No quarto ou quinto drinque que servi ao soldado, inclinei-me sobre a mesa, enxugando-a, e perguntei se não queria uma mulher.

Eu sabia que era uma besteira. Não era apenas uma lei do Small's Paradise, mas uma lei de todas as tavernas que queriam permanecer em atividade: jamais se envolver com qualquer coisa que pudesse ser interpretada como "afetar a moral" dos soldados ou dar qualquer golpe em cima deles. Isso já havia causado problemas para dezenas de estabelecimentos: alguns haviam sido declarados locais proibidos para militares, outros tinham perdido as licenças, estadual ou municipal.

Caí como um patinho nas mãos do espião militar. É claro que ele queria uma mulher. Mostrou-se profundamente grato. Chegou mesmo a exhibir um sotaque sulista. Dei-lhe o telefone de uma das minhas melhores amigas entre as prostitutas do prédio em que morava.

Mas senti que havia alguma coisa errada. Dei ao cara meia hora para chegar lá e depois telefonei. Já esperava a resposta que recebi: nenhum soldado havia aparecido.

Nem me dei ao trabalho de sair de trás do balcão. Fui direto para o gabinete de Charlie Small.

— Acabei de fazer uma coisa errada, Charlie. Não sei explicar por que fiz...

E contei-lhe tudo. Charlie fitou-me com uma expressão pesarosa.

— Gostaria que não tivesse feito isso, Red.

Ambos sabíamos o que ele estava querendo dizer. Quando o detetive à paisana Joe Baker apareceu, eu já estava à espera. Nem mesmo fiz qualquer pergunta. Fomos para a delegacia da Rua 135, apinhada de guardas uniformizados e PMs com soldados a reboque. Fui reconhecido por outros detetives, os quais, como Joe Baker, de vez em quando apareciam no Small's.

Havia duas coisas a meu favor. Nunca antes dera qualquer problema à polícia e quando o soldado negro espião tentara me dar um dinheiro eu recusara, alegando que estava apenas prestando um favor. Eles provavelmente haviam combinado que Joe Baker devia apenas me dar um susto.

Eu não conhecia as coisas o bastante para perceber que não me ficharam. Joe Baker levou-me para uma pequena sala nos fundos da delegacia. Na sala ao lado, podíamos ouvir alguém apanhando. *Pá! Pá!* O cara gritava:

— Por favor, não me batam na cara! É assim que eu ganho a vida! — Compreendi, por isso, que era um cafetão. — Pelo amor de Deus, na cara não!

(Não muito tempo depois, eu soube que Joe Baker havia sido apanhado em Nova Jersey no momento em que tentava achar um cafetão negro e sua prostituta branca. Ele foi expulso da polícia de Nova York, o Estado de New Jersey condenou-o e passou algum tempo fora de circulação.)

Mais amargurante do que ser despedido foi ter a entrada proibida no Small's. Mas eu podia compreender. Mesmo que eu não fosse o que era chamado de "quente", eu estaria agora sob constante vigilância, e os irmãos Small tinham de proteger seus interesses.

Sammy provou ser meu amigo num momento de necessidade. Disse que eu fosse para a sua casa. Nunca antes eu estivera lá. Pareceu-me um pequeno palácio. As mulheres de Sammy realmente o mantinham em grande estilo. Enquanto conversávamos sobre o tipo de negócio em que eu deveria me meter, Sammy deu-me uma das melhores marijuanas que eu jamais consumi.

Diversos controladores do jogo dos números, fregueses habituais do Small's, haviam-me oferecido um emprego de corretor. Mas eu ganharia muito pouco, até conseguir formar uma boa clientela. E não havia a menor possibilidade de me tornar um cafetão, como Sammy. Sentia que não tinha a capacidade necessária para isso e certamente morreria de fome enquanto tentasse recrutar prostitutas a fim de trabalharem para mim.

Sammy e eu logo chegamos à conclusão de que a melhor coisa era

mesmo ser traficante de fumo. Era o tipo de operação na base do lobo solitário, sem maiores envolvimento, na qual se podia ganhar dinheiro imediatamente. Para quem tivesse um pouco de cabeça, não havia qualquer necessidade de experiência, especialmente quando se tinha jeito para lidar com as pessoas.

Tanto Sammy como eu conhecíamos alguns marinheiros mercantes e outros caras que podiam abastecer-me de marijuana a granel. E os músicos, entre os quais eu tinha muitos e bons fregueses, constituíam um dos mercados mais sólidos para os baseados. Não ficava por aí, porque os músicos também usavam os narcóticos mais fortes, para os quais eu poderia passar depois, se quisesse. Seria mais arriscado, mas também daria mais dinheiro. Traficar cocaína e heroína podia render até 100 dólares por dia, mas também exigia muita experiência com a turma especializada em narcóticos da polícia, para se conseguir sobreviver em liberdade pelo tempo suficiente para gastar a grana.

Eu já estava pelo Harlem há tempo suficiente para conhecer ou identificar instintivamente a maioria dos detetives e tiras da polícia regular, embora não a turma de narcóticos. E entre os veteranos que frequentavam habitualmente o Small's eu tinha uma ampla variedade de contatos potencialmente úteis. Isso era muito importante porque, assim como Sammy podia me manter abastecido de marijuana, uma das características de qualquer bandido de sucesso era saber onde podia obter ajuda, quando precisasse. Essa ajuda poderia envolver guardas e detetives, assim como escalões mais altos. Mas eu ainda não havia chegado a esse estágio. Se bem me lembro, foram 20 dólares.

Mais tarde, naquela mesma noite, voltei a procurar Sammy e paguei os 20 dólares, perguntando também se não estava precisando de algum. Eu tinha ido direto da casa de Sammy para um fornecedor que ele me indicara. Consegui apenas uma pequena quantidade de marijuana, arrumei o papel e enrolei os meus próprios baseados. Como eram apenas do tamanho de palitos de fósforo, consegui fazer o suficiente para, depois de vendê-los aos músicos que eu conhecia no Hotel Brad-dock, poder pagar a Sammy e ainda ter um lucro razoável logo na primeira operação. E os músicos ficaram na maior alegria quando viram seu chapa e fã em ação:

— Grande, cara!

— Essa é uma boa, Red!

Em todas as bandas, pelo menos metade dos músicos puxava fumo. Não vou relacionar nomes; teria de incluir alguns dos mais destacados na música popular, inclusive de alguns que ainda estão em atividade atualmente. Numa banda, que ainda hoje é famosa, todos os músicos fumavam marijuana. E muitos músicos podem revelar a quem estou me referindo ao falar de um dos mais famosos cantores americanos que fumava seus baseados num osso de coxa de galinha. Já tinha puxado tanto fumo através do osso que podia simplesmente acender um fósforo diante do osso vazio, aspirar o calor e conseguir o que chamamos de "contato" alto.

Continuei a investir os lucros, aumentando os suprimentos e vendendo baseados a torto e a direito. Quase não dormia; estava sempre em qualquer lugar em que os músicos se reunissem. Vivía com um rolo de dinheiro no bolso. Todos os dias, ganhava pelo menos 50 ou 60 dólares. Naquele tempo (e hoje também, diga-se de passagem) era uma fortuna para um negro de 17 anos. Pela primeira vez na vida, experimentei a sensação espetacular de ser *livre*! Subitamente, eu passava a ser igual a todos os outros jovens vigaristas que tanto admirara.

Foi nessa ocasião que descobri o cinema. Havia ocasiões em que assistia até a cinco filmes num só dia, em cinemas tanto no centro como no Harlem. Adorava os caras durões, os filmes de ação, Humphrey Bogart em *Casablanca*. Adorava também aqueles filmes de dança e música, como *Stormy Weather* e *Cabin in the Sky*. Depois de sair do cinema, fazia meus contatos para obter os suprimentos, enrolava os baseados e, assim que escurecia, começava as rondas. Costumava dar dois baseados extras quando alguém comprava dez, o que valia cinco dólares. E não vendia e ia embora, porque os fregueses eram meus amigos. Muitas vezes eu fumava junto com eles. E nenhum ficava mais alto do que eu.

Livre agora para fazer o que bem desejasse, fui a Boston por um súbito impulso. Claro que procurei Ella. Dei-lhe algum dinheiro; expliquei que era apenas um símbolo de reconhecimento, por me ter ajudado quando eu viera de Lansing. Já não era mais a mesma Ella de antes, pois ainda não me perdoara por Laura. Nunca a mencionou, o que também me absteve de fazer. De qualquer forma, Ella teve uma reação melhor do que na ocasião da minha ida para Nova York. Conversamos sobre os acontecimentos na família. Wilfred se mostrara tão bom em seu ofício que o haviam convidado a permanecer em Wilberforce como instrutor. E Ella recebera uma carta de Reginald, que conseqüira ingressar na marinha mercante.

Liguei para Sophia do apartamento de Shorty. Ela foi me encontrar no apartamento no momento em que Shorty saía para trabalhar. Eu gostaria de levá-la para um dos clubes de Roxbury, mas Shorty avisara-nos de que, como estava acontecendo em Nova York, a polícia de Boston andava usando a guerra como um pretexto para perseguir os casais inter-raciais, detendo-os e interrogando o negro a respeito de sua situação militar. Como Sophia era agora casada, tínhamos que ser ainda mais cautelosos.

Depois que Sophia entrou num táxi a fim de voltar para casa, fui ouvir a banda de Shorty. Isso mesmo, ele tinha uma banda. Ele conseguira arrumar uma isenção do serviço militar. Eu me sentia satisfeito por ele e fui ouvi-lo com o maior prazer. A banda era... bastante boa, digamos assim. Mas Shorty estava indo muito bem em Boston, apresentando-se em pequenos clubes. De volta ao apartamento, conversamos até o dia seguinte.

— Conterrâneo, você é demais.

Era essa a frase que Shorty dizia a todo instante. Conteí algumas

das coisas malucas que fizera no Harlem e os amigos que conquistara. Relatei a história de Sammy o Cafetão.

Na sua cidade natal, Paducah, no Kentucky, Sammy engravidara uma garota. Os pais dela tinham ficado tão furiosos que Sammy fora para o Harlem, onde arrumara um emprego como garçom de restaurante. Quando uma mulher aparecia para comer sozinha e ele descobria que era realmente sozinha, não era casada nem vivia com ninguém, o insinuante Sammy sempre dava um jeito de ser convidado a seu apartamento. Insistia depois em sair para ir buscar comida num restaurante qualquer das proximidades. Enquanto estava fora, Sammy aproveitava para mandar fazer uma duplicata da chave do apartamento. Depois, quando sabia que a mulher não estava, Sammy entrava no apartamento e levava tudo o que tinha algum valor. A mulher ficava desesperada e Sammy oferecia alguma ajuda, para que pudesse se recuperar. Isso podia ser o princípio de uma dependência emocional e financeira, que Sammy sabia como desenvolver, até que a mulher se transformasse em sua virtual escrava.

A turma de narcóticos da polícia que operava no Harlem não demorou muito tempo a descobrir que eu estava vendendo baseados. De vez em quando, um detetive me seguia. Muitos traficantes estavam na cadeia porque tinham sido apanhados com as provas. Imaginei um meio de evitar que isso me acontecesse. A lei determinava que o cara não podia ser preso se a prova não fosse realmente encontrada em seu poder. Saltos de sapatos ocios, falsas bainhas da calça e coisas assim eram manjadas demais pelos detetives.

Eu levava cerca de 50 baseados num pacote pequeno, por dentro do casaco, debaixo da axila, mantendo o braço encostado no corpo. Ficava sempre de olhos bem abertos. Se algum parecia suspeito, atravessava rapidamente a rua, passava por uma porta ou virava uma esquina, abrindo o braço o suficiente para deixar o pacote cair. À noite, quando geralmente fazia minhas vendas, uma pessoa mesmo desconfiada provavelmente não perceberia a coisa. Se chegava à conclusão de que me enganara, voltava e pegava os baseados.

Contudo, eu perdia muita moamba nessa manobra. É verdade que algumas vezes eu tinha certeza de que conseguira frustrar um tira. O mais importante, porém, era que me mantinha longe dos tribunais.

Uma manhã, ao voltar para casa, descobri que haviam revistado meu quarto. Eu sabia que só podia ter sido a polícia. Ouvira contar muitas vezes o golpe que a polícia costumava usar quando não conseguia encontrar qualquer prova com um suspeito. "Plantava" alguma marijuana no quarto do cara, num lugar onde ele jamais conseguiria encontrar, e voltava depois para "descobri-la". Nem mesmo tive de pensar duas vezes para saber o que devia fazer. Arrumei meus poucos pertences e fui embora, sem olhar para trás. Quando voltei a dormir, já era em outro quarto.

Foi nessa ocasião que comecei a andar com uma pequena auto-

mática calibre 25. Troquei-a por alguns baseados com um viciado que eu sabia que a roubara. Levava-a presa debaixo do cinto, no meio das costas. Alguém me dissera que os tiras nunca procuravam ali, nas revistas de rotina. E a menos que eu conhecesse as pessoas, nunca me metia no meio de qualquer multidão. Todo mundo sabia que os tiras de narcóticos plantavam a prova no cara enquanto estavam fazendo a "revista". Eu achava que tinha uma boa chance de escapar, enquanto me mantivesse sempre em movimento e evitasse as situações perigosas. Não sei agora o que realmente pensava ao andar sempre armado. Mas imagino que achava que não ia me deixar encanar se alguém tentasse me incriminar em qualquer situação que eu pudesse evitar.

Estava vendendo menos do que antes, porque consumiam muito tempo todas as precauções que era obrigado a tomar. De vez em quando, por pressentimentos súbitos, mudava de quarto. Não dizia a ninguém onde estava dormindo, exceto a Sammy.

Finalmente foi avisado de que os policiais de narcóticos do Harlem haviam incluído o meu nome em sua lista especial.

A partir desse momento, os tiras volta e meia me exibiam o seu distintivo para me revistarem, geralmente em lugares públicos. Eu dizia imediatamente, alto o bastante para que as pessoas ao redor pudessem ouvir, que não tinha nada comigo e não queria que me plantassem alguma coisa. E eles não o faziam. É que já naquele tempo o Harlem não apreciava muito a polícia e os tiras precisavam tomar cuidado para que uma multidão de negros não resolvesse intervir rudemente. Os negros estavam começando a ficar muito tensos no Harlem. Quase que se podia sentir o cheiro de encrenca prestes a explodir... como aconteceu pouco depois.

Mas o fato é que a minha situação estava bastante difícil. Era obrigado a esconder os baseados em vários lugares, perto dos pontos em que vendia. Punha cinco baseados num maço de cigarros vazio, largava-o perto de um lampião ou atrás de uma lata de lixo. E dizia aos fregueses que primeiro tinham de me pagar, para depois eu os informar onde poderiam pegar a muamba.

Mas meus fregueses regulares não topavam isso. Não se podia esperar que um músico famoso fosse remexer atrás de uma lata de lixo. Por isso, comecei a me meter no comércio de rua, vendendo para desconhecidos que estavam visivelmente altos. Arrumei algumas caixas vazias de ataduras da Cruz Vermelha, usando-as para deixar os baseados. O sistema funcionava bastante bem.

Mas os policiais de narcóticos do Harlem arrumaram tantos meios de me atormentar que tive de mudar de área. Transferi-me para o chamado Harlem inferior, na altura da Rua 110. Havia por ali muitos mais puxadores de fumo, mas eram de um tipo mais ordinário, o que havia de pior no gueto, os negros mais pobres, que tinham de se manter drogados para não precisarem encarar as suas existências miseráveis. Mas também não fiquei muito tempo por lá. Perdia muito produto. Depois que vendia alguns baseados a puxadores que tinham os instintos de ani-

mais, eles me seguiam para descobrir como eu operava. Ficavam escondidos num portal qualquer. No momento em que eu deixava cair a muamba num ponto de entrega, eles caíam em cima como galinhas no milho. Quando se torna um animal, um abutre, no gueto, como me acontecera, entra-se num mundo de animais e abutres. A coisa vira realmente uma luta pela sobrevivência dos mais aptos.

Não demorou muito para que eu estivesse tomando dinheiro emprestado de Sammy, de alguns músicos. O bastante para comprar suprimentos, o bastante para me manter pessoalmente alto, às vezes apenas o bastante para comer.

Foi então que Sammy me deu uma idéia.

— Red, ainda tem o seu velho passe da estrada de ferro?

Eu ainda tinha. Não me haviam tomado.

— Por que não o usa para dar umas voltas por aí, até as coisas esfriarem?

Ele tinha razão.

Descobri que bastava me aproximar e exibir o passe de empregado da ferrovia. O chefe do trem, mesmo quando era um branco morri-nha, acenava para que embarcasse, desde que me aproximasse da maneira certa, sem dar a pinta de estar suplicando. Depois, ele dava um bilhete de poltrona com direito a ir aonde quer que o trem fosse.

Ocorreu-me a idéia de que, assim, poderia viajar por toda a Costa Leste, vendendo fumo entre os meus amigos que estavam em excursão com suas bandas.

Eu tinha o passe de empregado da New Haven. Trabalhei por duas semanas para conseguir passes de outras companhias e finalmente estava pronto para entrar em ação.

Em Nova York, enrolei uma grande quantidade de baseados, metendo-os em vidros. O passe de empregado funcionou perfeitamente. Se se persuadisse o chefe do trem que se era um colega de trabalho, a caminho de casa para tratar de algum problema de família, ele fazia o favor sem pensar duas vezes. A maioria dos brancos não pode admitir que um negro tenha cabeça suficiente para enganá-los... nem coragem bastante para tentar.

Eu ia para as cidades em que meus amigos estavam se apresentando.

— Red!

Era um velho amigo de casa. E com os baseados, era alguém do Hotel Braddock.

— Puxa, que estouro ver você por aqui!

E eu tinha os baseados de Big Apple. Ninguém jamais ouvira falar de um traficante de fumo viajante.

Eu não seguia nenhuma banda em particular. Os músicos de cada banda conheciam as programações das outras bandas. Quando meus suprimentos acabavam, eu voltava a Nova York, providenciava um novo estoque e me mandava de novo. Os auditórios ou ginásios muito iluminados, o ônibus fretado da banda lá fora, os dançarinos locais

todos enfeitados e muito excitados entrando. Na porta, eu anunciava que era irmão de alguém da banda. Na maioria das vezes, pensavam que eu era um dos músicos. Durante o baile, eu mostrava à turma da roça o que era realmente o *lindy-hopping*. Às vezes, eu passava a noite numa cidadezinha. Em outras ocasiões, pegava uma carona no ônibus da banda até a próxima parada. Às vezes, voltava a Nova York e lá ficava por algum tempo. As coisas já tinham esfriado. Correria a notícia de que eu tinha deixado a cidade e a turma de narcóticos se satisfizera com isso. Em algumas cidadezinhas, o pessoal pensava que eu era da banda e me cercava para pedir autógrafos. Uma vez, em Buffalo, quase me rasgaram a roupa.

Um dia, quando voltei a Nova York, encontrei meu irmão Reginald à minha espera. No dia anterior, o navio mercante dele atracara num porto de Nova Jersey. Pensando que eu ainda trabalhava no Small's, Reginald fora até lá. Os *bartenders* haviam-no encaminhado a Sammy, que o pusera em contato comigo.

Senti a maior satisfação em rever meu irmão. Era difícil acreditar que era o mesmo garotinho que antigamente vivia me seguindo por toda parte. Reginald estava agora com mais de 1,80m de altura, mas continuava com alguns centímetros menos do que eu. A pele era mais escura que a minha, mas ele tinha olhos verdes e uma mecha de cabelos brancos. Afora essa mecha, os cabelos eram vermelho escuros, como os meus.

Levei Reginald a uma porção de lugares, apresentando-o a todo mundo. Estudando meu irmão, gostei dele. Reginald era muito mais calmo e seguro do que eu tinha sido aos 16 anos.

Na ocasião, eu não tinha um quarto fixo. Mas como estava com algum dinheiro, fomos para o Hotel St. Nicholas, em Sugar Hill, que mais tarde foi demolido.

Reginald e eu conversamos a noite inteira sobre os anos em Lansing, sobre a nossa família. Conteí coisas a respeito de nosso pai e de nossa mãe que ele não podia lembrar. Reginald falou dos nossos irmãos. Wilfred ainda estava na Universidade Wilberforce. Hilda, ainda em Lansing, estava falando em casar. O mesmo acontecia com Philbert.

Reginald e eu éramos os seguintes. Depois de nós, havia Yvonne, Wesley e Robert, que continuavam em Lansing, na escola.

Rimos muito de Philbert, que se mostrara profundamente religioso, na última vez em que eu o encontrara; ele usava então um desses chapéus de palha redondos.

O navio de Reginald ia ficar cerca de uma semana no porto, fazendo reparos nas máquinas. Fiquei bastante satisfeito ao perceber que Reginald, embora não fizesse qualquer comentário a respeito, admirava o fato de eu viver à custa de expedientes. Achei que Reginald se vestia um pouco espalhafatosamente demais. Um dos meus clientes de fumo providenciou-lhe um terno e um sobretudo mais conservadores. Falei a Reginald o que já tinha aprendido: a fim de se conseguir alguma coisa, era preciso dar a impressão de que já se tinha.

Antes de Reginald partir, insisti para que largasse a marinha mercante e eu o ajudaria a começar a vida no Harlem. Devo ter sentido que seria uma grande coisa contar com meu irmão caçula por perto. Teria então duas pessoas em quem confiar. Sammy era a outra.

Mas Reginald não se mostrou muito entusiasmado. Na idade dele, eu estava disposto a correr atrás do trem para chegar a Nova York e ao Harlem. Mas Reginald, quando partiu, disse simplesmente:

— Vou pensar a respeito.

Não muito tempo depois que Reginald foi embora, comprei o *amigo-da-onça* mais espetacular de Nova York. Era o ano de 1943. A junta de recrutamento de Boston me escrevera para o endereço de Ella. Como não recebessem resposta, encaminharam o caso à junta de recrutamento de Nova York. E acabei recebendo, aos cuidados de Sammy, os cumprimentos de Tio Sam.

Naquele tempo, só havia três coisas no mundo que me metiam medo: cadeia, um emprego e o Exército. Eu tinha cerca de 10 dias antes da data marcada para a minha apresentação no centro de alistamento. Comecei a trabalhar imediatamente. Os soldados do Serviço Secreto do Exército, aqueles espíões pretos em roupas civis, rondavam o Harlem com os ouvidos atentos, a serviço do homem branco. Eu sabia exatamente onde começar a largar as palavras. Passei a dizer a torto e direito que estava louco para entrar no Exército... japonês.

Quando sentia que os ouvidos dos espíões estavam concentrados em mim, punha-me a falar como se estivesse alto e doido. Muitos vigaristas do Harlem já tinham chegado de verdade a esse estado... como eu mais tarde também chegaria. Era inevitável, quando o cara se entregava por muito tempo a tóxicos cada vez mais fortes, sofrendo ainda por cima a pressão constante da vida de bandido. Na encenação, eu lia em voz alta o meu cartão de cumprimentos, para que os espíões soubessem com certeza quem era o doido e quando se apresentaria no centro de alistamento (provavelmente, foi essa a única ocasião em que meu verdadeiro nome foi ouvido no Harlem, naquele tempo).

Vesti-me como um ator no dia em que me apresentei no centro de alistamento. Meti o *amigo-da-onça* espalhafatoso e os sapatos amarelos de bicos finos, frisei os cabelos vermelhos esticados.

Entreí no centro no maior molejo e joguei o cartão já meio rasgado para o soldado branco na mesa de recepção.

— Oi, cara, vamos logo com isso! Mal posso esperar o momento de meter esse uniforme...

É bem possível que aquele soldado até hoje ainda não se tenha recuperado do meu aparecimento.

Os espíões negros já tinham dado o aviso a meu respeito. Mesmo assim, puseram-me na fila. Havia uns 40 ou 50 candidatos a recrutas na sala de espera. Todo mundo estava calado, menos eu, que mexia a boca a um quilômetro por minuto, falando só em gíria. Dizia como ia lutar em todas as frentes, como ia me tornar um general e acabar logo a tal guerra... coisas assim.

Evidentemente, a maioria dos caras era de brancos. Os que tinham pinta de mais delicados pareciam estar prontos a fugir de mim. Outros exibiam aquela expressão irritada de "o pior tipo de negro sujo". E uns poucos estavam achando graça, encarando-me como o arquétipo do "negro do Harlem".

Alguns dos 10 ou 12 negros na sala também estavam achando graça. Mas os outros, de cara impassível, pareciam estar prontos para se alistar e poder começar a matar gente... e certamente gostariam de iniciar por mim.

A fila foi avançando. Pouco depois, eu estava só de cueca, fazendo os meus comentários sobre como estava louco para entrar no Exército, na sala de exames médicos. Todos os caras de casaco branco que me examinaram tinham nos olhos o 4-F, que era a isenção do serviço militar.

Fiquei na fila por mais tempo do que esperava, até que finalmente me tiraram. Um dos casacos-brancos acompanhou-me por um corredor. Eu sabia que estávamos a caminho do psiquiatra do Exército.

A recepcionista era uma enfermeira negra. Lembro que ela devia ter vinte e poucos anos e até que era bonita. Era uma dos negros "primeiros".

Os negros sabem do que estou falando. Naquele tempo, durante a guerra, o homem branco estava com tanta escassez de pessoal que começou a permitir que alguns negros largassem os baldes e esfregões para empunhar uma caneta, sentar atrás de alguma mesa ou usar algum título subalterno. Não se podia ler a imprensa negra sem se deparar com fotografias de presunçosos negros "primeiros".

Havia alguém lá dentro com o psiquiatra. Nem mesmo precisei representar meu ato para aquela garota negra. Só de me ver, ela já estava com nojo de mim.

Quando finalmente soou uma campainha na mesa, a garota não me mandou entrar. Ela é que entrou. Eu sabia o que estava fazendo: ia deixar bem claro, antecipadamente, o que pensava a meu respeito. Esse ainda é atualmente um dos maiores problemas do preto. São muitos os negros da chamada "classe superior" tão ansiosos em impressionarem os brancos, mostrando que são "diferentes dos outros", que não percebem que estão apenas ajudando o homem branco a manter sua opinião desdenhosa a respeito de *todos* os negros.

Depois de empenhar o seu prestígio, a garota saiu e fez-me um aceno com a cabeça para que eu entrasse.

Tenho que ser justo com o psiquiatra. Ele bem que tentou ser objetivo e profissional. Ficou sentado, rabiscando com um lápis azul no bloco, escutando-me falar por três ou quatro minutos, antes de ter uma oportunidade de dizer sua primeira palavra.

A estratégia dele era fazer perguntas tranqüilas, procurando determinar por que eu estava tão ansioso. Não me precipitei. Dei uma volta pela sala, observando-o atentamente, deixando-o pensar que podia me arrancar o que estava querendo. Fiquei me sacudindo todo, jo-

gando a cabeça para trás, como se alguém pudesse estar escutando. Sabia que o psiquiatra ia voltar aos livros para tentar descobrir qual era o meu caso.

Subitamente, avancei e fui dar uma espiada por baixo das duas portas, aquela pela qual entrara e uma outra, que devia ser de um *closet*. Voltei e me inclinei, sussurrando no ouvido dele:

— Nós dois somos aqui do Norte e por isso sei que não vai contar a ninguém... Quero ser mandado para o Sul. Vou organizar os soldados negros, entende? Vamos roubar uma porção de armas e matar todos aqueles brancos azedos!

O psiquiatra largou abruptamente o lápis azul, a sua atitude profissional desmoronou inteiramente. Ficou me olhando, completamente aturdido, como se eu fosse um ovo de cobra que começava a rachar, enquanto tateava à procura do lápis vermelho. Eu sabia que tinha conseguido. Já estava me preparando para sair dali, passando novamente por Miss Primeira, quando ele disse:

— Isso é tudo.

Recebi um cartão de 4-F pelo correio e nunca mais ouvi falar do Exército. E também nunca me dei ao trabalho de perguntar por que tinha sido rejeitado.

Capítulo Sete

VIGARISTA

Não consigo lembrar de todos os golpes que dei no Harlem durante os dois anos seguintes, depois do término abrupto das minhas viagens de trem vendendo fumo para os músicos das bandas em excursão.

Os ferroviários negros ficavam esperando por seus trens no vestiário no subsolo da Grand Central Station. Havia jogos de pôquer e vinte-e-um no vestiário durante as 24 horas do dia. Havia ocasiões em que chegava a haver 500 dólares no bolo. Um dia, num jogo de vinte-e-um, um velho cozinheiro que estava dando as cartas tentou bancar o esperto. Tive que sacudir a pistola na cara dele.

Na próxima vez em que participei de um desses jogos, a intuição me disse para deixar a pistola por baixo do cinto bem no meio das costas. E não demorou muito para que ficasse confirmado que alguém dera com a língua nos dentes. Dois guardas irlandeses de cara vermelha apareceram. Revistaram-me, mas não encontraram a arma, pois estava num lugar em que não podiam imaginar.

Os guardas me disseram para que nunca mais me deixasse apenhar na Grand Central Station, a menos que estivesse com uma passagem para ir a algum lugar. Como eu sabia que no dia seguinte todos os departamentos de pessoal das ferrovias estariam com a minha ficha, numa mais tentei arrumar outro emprego como ferroviário.

Estava de volta às ruas do Harlem, entre o resto dos vigaristas. Não podia vender baseados; a turma de narcóticos já me conhecia. Era um verdadeiro vigarista, sem qualquer instrução, sem saber fazer qualquer coisa honrada. Considerava-me corajoso e esperto o bastante para viver de expedientes, explorando qualquer presa que me aparecesse pelo caminho. Estava disposto a arriscar qualquer coisa.

Ainda hoje, em todo gueto de cidade grande, há dezenas de milhares de caras que deixaram a escola ontem e hoje vivem à custa de golpes, exatamente como eu fazia. E inevitavelmente vão descambando para mais e mais, pior e pior, afundando na ilegalidade e imoralidade. Os vigaristas em tempo integral nunca podem relaxar para avaliar o que estão fazendo e aonde estão inevitavelmente indo. Como acontece em qualquer selva, cada hora desperta do vigarista é vivida com o conhecimento tanto prático como subconsciente de que se relaxar, se

afrouxar um momento sequer, os outros animais famintos que o cercam, raposas, furões, lobos e abutres, não vão hesitar em transformá-lo em presa.

Durante os seis ou oito meses seguintes, pratiquei os meus primeiros roubos e assaltos a mão armada. Coisas pequenas. E sempre em outras cidades, nas proximidades. Como os profissionais faziam, eu me preparava para esses trabalhos com drogas mais fortes. Por recomendação de Sammy, comecei cheirando cocaína.

Agora, para usar na rua, pode-se dizer assim, eu normalmente andava com uma automática .25, de aço azulado, que não fazia qualquer volume. Para trabalhar, no entanto, usava uma .32, .38 ou .45. Via como os olhos se arregalavam ao contemplarem o imenso buraco negro, as caras ficavam apavoradas, as bocas descaíam. E quando eu falava, as pessoas davam a impressão de ouvir como se estivessem muito longe e faziam tudo o que mandava.

Entre os trabalhos, eu ficava alto na base dos narcóticos, a fim de não me deixar dominar pelos nervos. Em súbitos impulsos, apenas por precaução, eu continuava a mudar bruscamente de um quarto para outro, sempre na base de 15 a 20 dólares por semana. Não me afastava da minha área predileta, entre as ruas 147 e 150, à beira de Sugar Hill.

Num trabalho que fiz com Sammy, por pouco não fomos apunhados. Alguém deve ter-nos visto. Já estávamos fugindo, correndo, quando ouvimos as sirenes. No mesmo instante passamos a andar. Quando o carro da polícia parou, os pneus rangendo, saímos para a rua a seu encontro, acenando e pedindo uma orientação. Os guardas devem ter pensado que íamos dar alguma informação. Simplesmente nos xingaram e seguiram adiante. Não passava pela cabeça de homens brancos que negros pudessem aplicar um golpe desses em cima deles.

Os ternos que eu usava, da melhor qualidade, eram mercadoria roubada, comprados por cerca de 35 a 50 dólares. Eu tinha uma regra: nunca tentava roubar mais dinheiro do que precisava para viver. Qualquer bandido experiente pode dizer que ficar ganancioso é o caminho mais curto para a prisão. Eu tinha na cabeça uma relação de lugares e situações vulneráveis. E só me lançava ao trabalho seguinte quando o dinheiro no meu bolso começava a acabar.

Havia semanas em que eu apostava grandes quantias no jogo dos números. Ainda jogava com o mesmo corretor com que começara no Small's Paradise. Jogando em palpites, em mais de um dia apostei até 40 dólares em dois números, sempre sonhando com a bolada fabulosa de seiscientos-por-um. Mas jamais acertei uma bolada. Não há como saber o que poderia ter-me acontecido se algum dia acertasse uma bolada de 10 ou 12 mil dólares de uma só vez. É claro que de vez em quando eu acertava pequenas quantias. Algumas vezes, quando estava forrado assim, telefonava para Sophia e a convidava para passar dois ou três dias em Nova York.

Voltei a ir ao cinema freqüentemente. E jamais deixava de ir ou-

vir os músicos meus amigos, onde quer que estivessem se apresentando, no Harlem, no centro, em grandes teatros ou na Rua 52.

Reginald e eu ficamos muito íntimos na ocasião seguinte em que o navio dele atracou em Nova York. Conversávamos muito sobre a família. Ambos concordamos que era uma pena que nosso irmão mais velho, Wilfred, que tanto adorava os livros, não tivesse qualquer chance de entrar para uma das grandes universidades, onde poderia ter ido longe. E trocávamos pensamentos que nunca antes partilháramos com ninguém.

Reginald, à sua maneira tranqüila, era um fã ardoroso de músicos e música. Quando o seu navio partiu uma manhã, sem levá-lo, umas das principais razões para isso foi o fato de eu tê-lo introduzido no excitante mundo musical. Muitas vezes íamos para os bastidores e ficávamos conversando com os músicos, quando estavam se apresentando no Roxy ou no Paramount. Depois de vender maconha a incontáveis bandas em excursão, eu era conhecido de quase todos os músicos negros populares que andavam por Nova York, na altura de 1944-1945.

Reginald e eu freqüentávamos o Savoy, o Apollo, o bar do Hotel Braddock, os *nightclubs* e *speakeasies*, onde quer que os negros tocassem a sua música. A grande dama da época, Billie Holiday, sempre abraçava Reginald e chamava-o de "irmão caçula". Reginald partilhava os sentimentos de dezenas de milhares de negros que achavam que a maior de todas as bandas era a de Lionel Hampton. Eu era íntimo de muitos dos homens da banda de Hamp. Apresentei Reginald a eles, assim como ao próprio Hamp e à mulher e gerente comercial dele, Gladys Hampton. Hamp sempre foi um dos caras mais maravilhosos do mundo. Quem quer que o conheça pode contar que ele freqüentemente fazia as coisas mais generosas por gente que mal conhecia. Por mais dinheiro que Hamp tenha ganhado e continue a ganhar, estaria totalmente quebrado hoje se seu dinheiro e negócios não fossem cuidados por Gladys, que é uma das mulheres mais inteligentes que já conheci. O dono do Teatro Apollo, Frank Schiffman, geralmente contratava as bandas para tocarem por uma quantia semanal fixa. Mas sei que, naquela ocasião, Gladys Hampton conseguiu fazer um trato para que a banda de Hamp se apresentasse em troca de uma participação na bilheteria. Depois, o número habitual de espetáculos diários foi dobrado. Se bem me lembro, passou para oito, ao invés dos quatro habituais. O prestígio de Hamp enchia o teatro em todos os espetáculos. Gladys Hampton costumava conversar muito comigo e tentou me dar um bom conselho:

— Procure sossegar, Red.

Gladys podia ver como eu era incontrolável e sabia que, continuando assim, estava a caminho de um fim terrível.

Uma das coisas que eu mais gostei em Reginald foi que ele não fazia perguntas quando o deixava para ir "trabalhar". Depois que ele chegou ao Harlem, passei a fazer mais trabalhos do que o habitual. Acho que foi a presença dele que me influenciou a arrumar o meu pri-

meiro apartamento de verdade. Não queria que Reginald ficasse batendo pernas pelo Harlem sem ter um lugar a que pudesse chamar de "lar". Esse meu primeiro apartamento tinha três cômodos e custava 100 dólares por semana, ao que me recordo. Ficava na parte da frente do porão de uma casa na Rua 147, entre as avenidas Convent e St. Nicholas. Morando no apartamento dos fundos do porão, logo atrás de Reginald e de mim, estava um dos mais bem-sucedidos traficantes de narcóticos do Harlem.

Tendo o apartamento como nossa base, pouco a pouco fui introduzindo Reginald no *speakeasy* de Creole Bill e em outros lugares em voga do Harlem que ficavam abertos pela madrugada afora. Por volta das duas horas, todas as madrugadas, quando os *nightclubs* dos brancos no centro fechavam, Reginald e eu ficávamos postados diante deste ou daquele ponto do Harlem. E eu ia lhe explicando o que estava acontecendo.

Especialmente depois que os *nightclubs* do centro fechavam, os táxis e limusines pretas começavam a aparecer, trazendo os brancos que jamais se cansavam do *soul* dos negros. Os lugares populares entre esses brancos iam dos restaurantes grandes e famosos localmente, como o Chicken Shack de Jimmy e o de Dickie Wells, até os clubes privados pequenos na base do aqui-esta-noite-amanhã-ninguém-sabe, onde se cobrava um dólar à entrada como matrícula para ser "sócio".

Dentro de cada um desses lugares que funcionavam depois da hora permitida, a fumaça fazia arder os olhos da gente. Havia lá dentro uma média de quatro brancos para cada negro, tomando uísque em xícaras de café e comendo galinha frita. Os homens brancos, geralmente de rostos corados, assim como suas mulheres, com as caras rebocadas e os olhos brilhando, ficavam dando tapas nas costas uns dos outros, rindo ruidosamente e aplaudindo a música. Muitos brancos, no maior porre, se aproximavam a cambalear de negros, garçons, os donos, negros que estavam nas mesas, apertando-lhes as mãos, até mesmo tentando abraçá-los. E gritavam:

— Você é tão bom quanto eu e quero que saiba disso!

Os lugares mais famosos atraíam tanto celebridades negras como brancas, que se compraziam na companhia mútua. Uma multidão compacta às quatro e meia da madrugada, no Chicken Shack, por exemplo, podia de repente ser presenteada com uma *jam-session*, Hazel Scott tocando piano para Billie Holiday cantar os *blues*. De passagem, devo dizer que mais tarde trabalhei por um breve período no Chicken Shack, como garçom. Foi também o lugar em que Redd Foxx era o lavador de pratos que mantinha a turma da cozinha às gargalhadas.

Depois de algum tempo, meu irmão Reginald estava precisando de arrumar algum expediente para ganhar dinheiro. Pensei muito no que poderia arranjar para ele. Tinha de ser um golpe bom e seguro. Depois que ele soubesse se virar, podia assumir os riscos que quisesse por sua própria iniciativa, se estivesse a fim de ganhar mais dinheiro e mais depressa.

O golpe que arrumei para Reginald era realmente muito simples. Utilizava a psicologia da selva do gueto. Lá no centro, ele pagou os dois dólares ou qualquer que fosse a quantia para tirar uma licença municipal de mascate. Levei-o em seguida para um mercado de fabricantes, onde compramos um suprimento de artigos com algum defeito. Eram camisas, cuecas, anéis ordinários, relógios, tudo coisa de venda rápida.

Observando-me dar esse golpe no Harlem, Reginald rapidamente aprendeu a entrar em barbearias, salões de beleza e bares, comportando-se como se estivesse muito nervoso, deixando os fregueses darem uma espiada na sua pequena valise de "pilhagem". Com tantos ladrões por toda parte ansiosos em se livrarem de mercadorias roubadas de boa qualidade, por preços de ocasião, muitos harlemitas, simplesmente porque estavam assim condicionados, não perdiam a oportunidade de pagar preços altos por artigos de qualidade inferior, cuja venda era perfeitamente legítima. Nunca demorava muito tempo para se esvaziar uma valise cheia, ganhando-se pelo menos o dobro do que se gastara. E se algum guarda por acaso detinha Reginald, ele tinha no bolso tanto a licença de mascate como a nota de venda da mercadoria. O único cuidado de Reginald era evitar que algum freguês a quem vendera suas mercadorias descobrisse que o negócio todo era perfeitamente legítimo.

Imaginei que Reginald, como a maioria dos negros que eu conhecia, acabaria se ligando com uma mulher branca. Apontei para ele uma porção de felizes mulheres brancas que tinham os seus negros e expliquei que um negro com um pouco de cabeça podia fazer o que quisesse com aquelas mulheres. Mas uma coisa devo dizer a favor de Reginald: ele jamais gostou de mulheres brancas. Ainda me lembro da ocasião em que ele conheceu Sophia. Mostrou-se tão frio que Sophia ficou meio perturbada, enquanto eu achava a maior graça.

Reginald acabou arrumando uma mulher preta. Ela devia estar beirando os 30 anos. Era uma *old-settler*, uma coroa, como chamávamos naquele tempo. Era garçonete de um restaurante exclusivo do centro. Gastava tudo o que tinha com Reginald, de tão feliz que se sentia por ter um cara jovem. Comprava roupas para ele, cozinhava e lavava para ele, fazia tudo o mais, tratando Reginald como se fosse um bebê.

Era mais um motivo para que meu respeito pelo meu irmão mais moço continuasse a crescer. Reginald demonstrava, muitas vezes de maneira surpreendente, que tinha muito mais bom senso do que uma porção de vigaristas em atividade com o dobro de sua idade. Reginald estava então com 16 anos, mas já passara do 1,80m de altura. Parecia e se comportava como se fosse muito mais velho.

Ao longo da guerra, o panorama racial no Harlem nunca foi muito animador. A tensão foi-se acumulando a um nível cada vez mais alto. Os veteranos me disseram que o Harlem nunca mais foi o mesmo depois dos distúrbios de 1935, quando houve danos de milhões de dó-

lares, causados por milhares de negros, enfurecidos principalmente porque os comerciantes brancos do Harlem se recusavam a contratar negros, apesar de suas lojas prosperarem com o dinheiro do Harlem.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Prefeito LaGuardia fechou oficialmente o Savoy. O Harlem disse que o verdadeiro motivo era para impedir que negros dançassem com mulheres brancas. O Harlem disse que ninguém arrastava as mulheres brancas até lá. Adam Clayton Powell desfechou a maior briga. Já tinha lutado com sucesso contra a Consolidated Edison e a companhia telefônica de Nova York, até que essas duas empresas passaram a contratar negros. Depois, ajudara a combater a Marinha e o Exército dos Estados Unidos, por causa da segregação de negros de uniforme. Mas Powell não podia ganhar aquela batalha. A prefeitura manteve o Savoy fechado por muito tempo. Foi apenas mais uma das ações dos "liberais do Norte" que em nada contribuíam para que o Harlem pudesse amar o homem branco.

Finalmente correu o rumor de que guardas brancos haviam baleado um soldado negro no Hotel Braddock. Eu estava andando pela St. Nicholas Avenue. Vi um bando de negros gritando e correndo para o norte, saindo da Rua 125. Alguns estavam com os braços cheios de coisas. Lembro que foi o sobrinho do *bandleader* Fletcher Henderson, Shorty Henderson, quem me contou o que havia acontecido. Os negros estavam quebrando as vitrinas das lojas e pegando tudo o que podiam agarrar e carregar, móveis, comida, jóias, roupas, uísque. Uma hora depois, todos os guardas da cidade de Nova York pareciam estar no Harlem. O Prefeito LaGuardia e o então Secretário do NAACP (National Association for the Advancement of Colored People — Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor), Walter White, estavam num carro de bombeiro, andando pelas ruas e suplicando por um alto-falante para que todos aqueles negros furiosos e berrando fossem para suas casas e lá ficassem.

Não faz muito tempo, encontrei com Shorty Henderson na Sétima Avenida. Rimos um bocado com a história do sujeito a quem os distúrbios haviam deixado com o apelido de *Left Feet* (Pés Esquerdos). Numa confusão numa loja de sapatos de mulheres, ele pegara cinco sapatos... e todos para o pé esquerdo! Também rimos um bocado com a história do chinês apavorado cujo restaurante ficou intacto, porque os amotinados morreram de rir com o cartaz que ele pôs às pressas na porta da frente: "Mim de Cor Também."

Depois dos motins, as coisas ficaram tensas e difíceis no Harlem. Foi terrível para o pessoal da vida noturna e para os vigaristas que tinham os seus rendimentos principais no dinheiro do homem branco. O motim de 1935 deixara apenas um filete relativo do dinheiro que se despejara no Harlem durante os anos 20. E o novo motim acabou até mesmo com esse filete.

Hoje, os brancos que visitam o Harlem, principalmente nas noites de fim de semana, não passam de umas poucas dezenas, que dançam o *twist*, o *frug*, o *watusi* e todas as outras danças frenéticas que

estão em voga no Small's Paradise, possuído agora pelo grande campeão de basquete *Wilt the Stilt* Chamberlain, que atrai multidões com sua imagem de grande atleta, um cara limpo e tipicamente americano. A maioria dos brancos de hoje tem um medo físico de ir ao Harlem... e há boas razões para isso, diga-se de passagem. Mesmo para os negros, a vida noturna do Harlem está praticamente liquidada. Quase todos os negros que têm dinheiro para gastar estão indo para algum lugar do centro, nessa "integração" hipócrita, freqüentando lugares em que antes a polícia seria chamada para dar um jeito em qualquer negro que fosse louco o bastante para tentar entrar. O homem branco já rico como Creso não pode erguer outro imenso hotel e inaugurá-lo sem que logo apareçam as multidões de negros obcecados pela integração, que não possuem sequer um barraco para morar, mas se metem nos hotéis grã-finos para "festas" e "convenções". Os brancos ricos podiam se dar ao luxo quando distribuíam seu dinheiro pelo Harlem. Mas os negros não podem se dar ao luxo de levarem seu dinheiro para os brancos lá do centro.

Sammy e eu, num assalto, levamos um tremendo susto e quase fomos apanhados.

As coisas tinham ficado tão difíceis no Harlem que alguns vigaristas foram até obrigados a trabalhar honestamente. Até mesmo algumas prostitutas arrumaram empregos como domésticas e faxineiras de edifícios de escritórios à noite. Os rendimentos de café andavam tão escassos que Sammy topou fazer o trabalho comigo. Escolhemos uma daquelas situações consideradas "impossíveis". Mas sempre que as pessoas pensam assim, os guardas inconscientemente vão ficando cada vez mais relaxados, até que às vezes se tornam os trabalhos mais fáceis.

No meio da coisa, no entanto, tivemos um golpe de azar. Uma bala passou raspando em Sammy. Escapamos por um triz.

Felizmente, Sammy não ficou ferido de verdade. Nós nos separamos, o que é sempre a coisa mais sensata a se fazer nessas ocasiões.

Fui para o apartamento de Sammy pouco antes do amanhecer. Sua mais recente mulher, uma daquelas lindas mas esquentadas negras espanholas, estava lá, gritando e brigando por causa dele. Ela partiu para cima de mim, ameaçando-me com as unhas, porque sabia que eu estivera no trabalho junto com Sammy. Consegui me esquivar. Sem entender por que Sammy não a fazia calar a boca, eu mesmo cuidei disso... e pelo canto do olho vi Sammy estendendo a mão para sua arma.

Aquela reação de Sammy ao fato de eu ter batido em sua mulher, apesar de sermos tão amigos, foi o único ponto fraco que jamais vislumbrei em nosso relacionamento. A mulher gritou e correu para Sammy. Ela sabia, tanto quanto eu, que quando o seu melhor amigo saca uma arma contra você é porque perdeu totalmente o controle de suas emoções e tenciona mesmo atirar. Ela distraiu Sammy pelo tem-

po suficiente para que eu pudesse me mandar pela porta. Sammy saiu em meu encalço, por mais de um quarteirão.

Não demoramos muito a fazer as pazes... na superfície. Mas as coisas não podem voltar a ser como antes com alguém que tentou matá-lo.

A intuição nos dizia que a melhor coisa a fazer era ficarmos na encolha por algum tempo. O pior é que nos tinham visto. A polícia da cidadezinha próxima certamente já espalhara nossas descrições.

E eu não conseguia esquecer o incidente por causa da mulher de Sammy. Passei a me apoiar cada vez mais no meu irmão Reginald, como a única pessoa do mundo em quem podia confiar totalmente.

Descobri que Reginald era meio preguiçoso. Tinha largado inteiramente o golpe que eu lhe ensinara. Mas eu não me preocupava muito com isso. Afinal, um cara podia ser tão preguiçoso quanto quisesse, desde que soubesse usar a cabeça. E era justamente isso que Reginald estava fazendo. A essa altura, ele já tinha deixado o meu apartamento e estava vivendo com a sua "coroa"... quando estava na cidade. Eu também ensinara a Reginald como ele podia trabalhar por algum tempo numa ferrovia e depois usar o seu cartão de identificação para viajar de graça. Reginald adorava viajar. Por diversas vezes, ele saiu a viajar visitando nossos irmãos. Eles haviam começado a se dispersar para cidades diferentes. Em Boston, Reginald era mais chegado a nossa irmã Mary do que a Ella, que era a minha predileta. Tanto Reginald como Mary eram do tipo retraído, enquanto Ella e eu éramos extrovertidos. E Shorty proporcionou a Reginald momentos espetaculares em Boston.

Por causa da minha reputação, foi fácil entrar no negócio do jogo dos números. Essa era provavelmente a única atividade ilegal no Harlem que não sofrera uma queda brusca no movimento. Em troca de um favor a um gângster branco, meu chefe e sua mulher haviam recebido o privilégio de explorar por seis meses o jogo dos números na zona ferroviária do Bronx conhecida como Motthaven Yards. Os gângsteres brancos haviam dividido a exploração do jogo dos números em áreas específicas. Uma área determinada era concedida a alguém, por um período específico. A mulher do meu chefe havia sido secretária de Dutch Schultz na década de 1930, na época em que Schultz conquistara à força o controle do jogo dos números no Harlem.

Meu trabalho era pegar um ônibus e atravessar a Ponte George Washington; do outro lado, havia um camarada à espera, a quem eu entregava uma sacola com talões de aposta do jogo dos números. Jamais nos falávamos. Depois da entrega, eu atravessava a rua e pegava o primeiro ônibus de volta ao Harlem. Jamais soube quem era o camarada. Jamais soube quem recolhia o dinheiro dos talões de aposta que eu entregava. Não se faziam perguntas naquele negócio.

A mulher do meu chefe e Gladys Hampton foram as duas únicas mulheres que conheci no Harlem cuja capacidade nos negócios eu realmente respeitava. A mulher do meu chefe, quando tinha tempo e dis-

posição para falar, contava-me muitas histórias interessantes. Falava sobre os tempos de Dutch Schultz, os negócios que conhecera, o suborno pago a autoridades, policiais corruptos e advogados desonestos, nos altos escalões da polícia e da política. Ela sabia, por experiência pessoal, que o crime só existia na medida em que a lei cooperava. Mostrou-me como, na estrutura social, política e econômica do país, o criminoso, a lei e os políticos são na verdade companheiros inseparáveis.

Foi nessa ocasião que larguei o meu velho corretor do jogo dos números, o cara que eu usava desde que começara a trabalhar no Small's Paradise. Ele detestou perder um jogador constante como eu, mas prontamente compreendeu a minha vontade de passar a apostar com um corretor do grupo para o qual estava agora trabalhando. Foi assim que comecei a apostar com West Indian (Antilhano) Archie. Já falei dele antes. Era um dos negros *maus* do Harlem, um daqueles antigos pistoleiros de Dutch Schultz que ainda estavam por lá.

Archie acabara de cumprir uma sentença em Sing Sing pouco antes da minha chegada ao Harlem. A mulher do meu chefe o contratara não apenas porque o conhecia dos velhos tempos. É que West Indian Archie possuía uma memória fotográfica, o que o situava na elite dos corretores do jogo dos números. Ele jamais precisava de anotar o número em que a pessoa apostava; até mesmo quando se apostava em combinações, Archie se limitava a assentir. Era capaz de gravar todos os números na cabeça e só passar para o papel na hora de entregar o dinheiro ao banqueiro. Isso o transformava no corretor ideal, porque a polícia jamais poderia apanhá-lo com talões de aposta.

Tenho pensado muitas vezes nos negros veteranos no jogo dos números, como West Indian Archie. Se vivessem em outro tipo de sociedade, seus excepcionais talentos matemáticos poderiam ter sido mais bem aproveitados. Mas eram pretos.

Havia *status* em ser conhecido como um cliente de West Indian Archie, porque ele só cuidava de apostadores altos. Ele também exigia integridade e um crédito sólido. Não havia necessidade de pagar no momento em que se fazia aposta. Podia-se deixar para dar o dinheiro a West Indian Archie no final da semana. Ele sempre estava com uns dois mil dólares no bolso, dinheiro seu. Se aparecia um cliente e dizia que acertara uma quantia relativamente pequena, digamos uma combinação de 50 *cent* ou um dólar, West Indian Archie entregava na hora os 300 ou 600 dólares, do seu próprio dinheiro, recebendo mais tarde do banqueiro.

Todo final de semana eu pagava a minha conta, que podia ir de 50 a 100 dólares, se tivesse tido um palpite forte. E quando eu acertava ocasionalmente, e sempre uma combinação, como descrevi acima, West Indian Archie me pagava do seu próprio dinheiro.

Terminaram finalmente os seis meses de concessão que meu chefe e a mulher haviam conseguido. Eles haviam-se saído muito bem. Seus corretores recebiam boas gorjetas e foram prontamente contratados por

outros banqueiros. Continuei a trabalhar para eles, numa casa de jogo que abriram.

Uma madame do Harlem que eu tinha conhecido, através de um favor prestado a um amigo dela, introduziu-me a uma faceta muito especial do mundo noturno do Harlem, algo que os distúrbios haviam apenas interrompido. Era o mundo em que, por trás de portas trancadas, os negros satisfaziam aos mais estranhos gostos sexuais dos brancos.

Os brancos que eu conhecera adoravam se confraternizar publicamente com pretos, nos clubes e *speakeasies* do Harlem que ficavam abertos pela madrugada afora. Mas aqueles, ao contrário, eram brancos que não queriam que ninguém soubesse que tinham sequer passado pelo Harlem. Os distúrbios haviam deixado esses clientes brancos exclusivos extremamente nervosos. Suas incursões pelo Harlem não chamavam tanta atenção antes, quando havia outros brancos por lá. Agora, porém, não conseguiriam passar despercebidos. Além disso, temiam também a ira recém-despertada dos negros do Harlem. Assim, a madame tratou de proteger suas operações cada vez mais prósperas oferecendo-me o lugar de guia.

Durante a guerra, era extremamente difícil conseguir um telefone. Um dia, a madame me disse para não sair do meu apartamento na manhã seguinte. Ela falou com alguém, não sei quem. Mas o fato é que, antes de meio-dia, liguei para a madame do meu próprio telefone... que não constava do catálogo.

Essa madame era uma verdadeira especialista em seu campo de atividade. Se as suas próprias mulheres não podiam — ou não queriam — atender aos desejos específicos de um freguês, ela me mandava para outro lugar, geralmente um apartamento no Harlem, onde se efetuava a “especialidade” exigida.

Meu posto para pegar os fregueses era diante do Hotel Astor, na sempre movimentada esquina noroeste da Rua 34 com a Broadway. Observando o movimento, não demorei muito a ser capaz de reconhecer o táxi, carro comum ou limusine, antes mesmo que diminuísse a velocidade, com uma cara branca procurando ansiosamente pelo negro alto, de pele meio avermelhada, usando um terno escuro ou uma capa, com uma flor branca na lapela.

Se o freguês estava num carro particular e sem motorista, eu sentava ao voltante e guiava até o nosso destino. Mas se estava num táxi, eu invariavelmente dizia ao motorista:

— Vamos para o Teatro Apollo, no Harlem, por favor.

É que, na cidade de Nova York, muitos táxis são guiados por policiais. Saltávamos no Teatro Apollo e pegávamos outro táxi, guiado por um negro, a quem eu dava o endereço certo.

Assim que aquele branco ou grupo de brancos estava entregue, eu telefonava para a madame. Ela quase sempre me mandava voltar de táxi para o centro, a fim de estar em meu posto na esquina da Rua

45 com a Broadway num momento determinado. Os encontros eram rigorosamente pontuais; raramente eu ficava esperando mais de cinco minutos na esquina. E eu sabia como ficar me movimentando, a fim de não atrair a atenção dos policiais à paisana da delegacia de costumes ou dos guardas uniformizados.

Com as gorjetas, que freqüentemente eram altas, tinha noites que eu ganhava mais de 100 dólares levando fregueses isolados ou em grupos para verem qualquer coisa, fazerem qualquer coisa ou terem alguém que fizesse com eles. Tudo o que podiam desejar. Quase nunca conhecia as identidades dos fregueses, mas os poucos que reconhecia ou cujos nomes por acaso ouvia fazem-me pensar agora no Caso Profumo, na Inglaterra. Os ingleses não estão muito à frente dos americanos ricos e influentes em matéria de procurar raridades e estranhezas.

Eram homens ricos, de meia-idade ou mais, homens que já haviam passado há muito pelo chamado vigor dos anos. Os fregueses não eram universitários ardorosos em busca de novas sensações, mas sim os pais dos alunos da Ivy League (o grupo das universidades mais tradicionais e prestigiadas do Leste dos Estados Unidos, como Yale, Columbia, Harvard etc.). Acho que até os avós compareciam. Líderes da sociedade. Políticos importantes. Magnatas do mundo dos negócios. Amigos importantes que vinham de outras cidades. Altas autoridades do governo municipal. Profissionais liberais de todos os tipos. Grandes artistas. Celebidades do teatro e de Hollywood. E, é claro, muitos gângsteres.

O Harlem era o covil do pecado deles, a reserva de carne. Eles se insinuavam furtivamente entre os negros, que eram tabu, tirando as máscaras antissépticas, importantes e dignas que exibiam no seu mundo branco. Eram homens que podiam se dar ao luxo de gastar muito dinheiro para passarem duas, três ou quatro horas entregando-se a seus estranhos apetites.

Mas naquele infernal mundo preto-branco ninguém julgava os fregueses. Podiam fazer ou dar um jeito para que fizessem neles tudo o que pedissem, tudo que pudessem descrever. Contanto que pagassem.

No Caso Profumo, na Inglaterra, a amiga de Christine Keeler declarou que alguns dos seus fregueses gostavam de ser açoitados. Uma das minhas viagens mais constantes, guiando fregueses, era a um apartamento de especialidade, longe da casa de madame, onde havia uma mulher alta e corpulenta, negra que nem carvão, forte como um touro, com músculos de estivador. O mais estranho é que eram geralmente os brancos mais velhos, muitos com sessenta e tantos anos, alguns já passando dos 70 anos, que pareciam se recuperar mais depressa para se encontrarem novamente comigo na esquina da Rua 45 com a Broadway, a fim de que os levasse mais uma vez ao apartamento, onde ficavam de joelhos, chorando e suplicando por misericórdia, diante da mulher negra com um chicote na mão. Alguns chegavam a me pagar um dinheiro extra para ir assistir à surra que levavam. A mulher passava vaselina no seu corpo grande de amazona, a fim de parecer

ainda mais lustrosa e mais negra. Estava ganhando uma pequena fortuna à custa daqueles brancos velhos.

Eu não poderia contar todas as coisas que presenciei naquela ocasião. Mais tarde, quando estava na prisão, muitas vezes pensei no que um psiquiatra faria com toda aquela gente. E muitos daqueles homens ocupavam cargos de responsabilidade, tinham influência e autoridade sobre outros.

Na prisão, pensei muito também em outra coisa. Praticamente todos aqueles brancos manifestavam expressamente a sua preferência por pretas, *pretas*, "quanto mais pretas, melhor!" A madame, tendo aprendido isso há muito tempo, só tinha em sua casa as mulheres mais pretas que podia encontrar.

Em todo o meu tempo no Harlem, jamais vi uma prostituta branca sendo tocada por um homem branco. Havia mulheres brancas em diversas casas de especialidades do Harlem. Elas participavam do pedido de espetáculo mais freqüente dos fregueses: um negro bem preto e lustroso possuindo uma mulher branca. Seria o desejo do homem branco de testemunhar o seu medo sexual mais profundo? Em algumas ocasiões, cheguei a guiar grupos em que havia mulheres brancas, levadas por seus homens para assistirem a esses espetáculos. Jamais guiei quaisquer outras mulheres brancas que não nesses casos, levadas por seus próprios homens, ou que me eram encaminhadas por uma branca lésbica que eu conhecia, a qual era outra variedade de madame especialista.

Essa lésbica, uma branca muito bonita, tinha um verdadeiro estábulo de negros. O vocabulário dela era totalmente obsceno. Fornecia negros, a pedido, para prósperas mulheres brancas.

Muitas vezes, encontrei essa lésbica e sua namorada loura pelo Harlem, bebendo e conversando em bares, sempre em companhia de jovens negros. Ninguém que não soubesse jamais poderia advinhar que a lésbica estava recrutando garanhões negros. Uma noite, dei a ela e à sua namorada alguns baseados. Disseram que eram os melhores que já tinham fumado. As duas moravam num hotel do centro. Depois disso, volta e meia elas me chamavam e eu levava alguns baseados para o hotel. E ficávamos conversando durante horas e horas.

Ela me contou como fora iniciada por acaso em sua especialidade. Como freqüentadora habitual do Harlem, sempre soubera que os negros gostavam de mulheres brancas. A idéia para o seu ofício surgiu das conversas que freqüentemente ouvia de mulheres brancas prósperas e entediadas no lugar em que trabalhava, um salão de beleza no East Side. Ouvindo as mulheres se queixarem de companheiros sexualmente incompetentes, ela contava o que "ouvira falar" dos negros. Observando como algumas dessas mulheres pareciam ficar extremamente excitadas, ela finalmente promovera encontros entre elas e negros do Harlem que conhecia, em seu apartamento.

Acabara alugando três apartamentos de subúrbio, nos quais uma freguesa branca podia se encontrar com um negro, de hora marcada.

As freguesas recomendaram seus serviços a amigas. Ela largara o salão de beleza, criara um serviço de mensageiros como fachada para suas operações e fazia quase todos os seus negócios por telefone.

Também constatara a preferência de cor. Muitas vezes disse-me rindo que eu jamais poderia substituir um dos seus garanhões negros numa emergência, porque tinha a pele clara demais. Contou que quase todas as mulheres brancas de sua clientela sempre especificavam “um negro”, às vezes acrescentando que tinha de ser “um negro de verdade”, para indicar que não aceitariam mulatos ou negros avermelhados como eu.

A lésbica tivera a idéia de criar o serviço de mensageiros porque algumas das freguesas queriam que os negros fossem a suas casas, em horários cuidadosamente combinados pelo telefone. Essas mulheres moravam em bairros de casas ostentosas e prédios de apartamentos exclusivos, com porteiros que mais pareciam almirantes. Mas a sociedade branca jamais pensa em constatar algum negro que se apresenta num papel subserviente. Os porteiros telefonavam para os apartamentos e ouviam as mulheres brancas dizerem:

— Ah, sim, James, ele veio me trazer uma encomenda. Pode deixá-lo subir...

E lá subia o negro rapidamente pelo elevador de serviço, metido num impecável uniforme de mensageiro, a fim de entregar a “encomenda” tão desejada por algumas das mulheres brancas mais privilegiadas de Manhattan.

A ironia é que essas mulheres brancas não tinham mais respeito por aqueles negros do que os homens brancos tinham pelas mulheres negras que têm “usado” desde os tempos da escravidão. Os negros, por sua vez, também não tinham e não têm qualquer respeito pelas brancas com que vão para a cama. Sei como eu me sentia em relação a Sophia, que ainda ia a Nova York sempre que eu a chamava.

O namorado antilhano de Christine Keeler, do escândalo Profumo, um homem chamado Lucky Gordon, devia se sentir da mesma maneira, assim como todos os seus amigos que andavam com mulheres brancas. Depois que os líderes da Inglaterra se encontravam com aquelas garotas brancas, elas iam procurar os negros, a fim de terem sua própria satisfação, puxando um fumo e se divertindo à custa de alguns dos maiores pares ingleses, aos quais consideravam cornos e imbecis. Não tenho a menor dúvida de que Lucky Gordon conhece a identidade do “homem mascarado” e muito mais. Se Gordon revelasse tudo o que aquelas mulheres brancas certamente lhe contaram, a Inglaterra seria profundamente abalada por um novo escândalo.

Não é muito diferente do que acontece em alguns dos círculos brancos mais elevados da América. Há 20 anos, eu via todas as noites o que esses brancos faziam, com os meus próprios olhos, ouvia o que diziam com meus próprios ouvidos.

O homem branco hipócrita costuma falar sobre a “moral inferior” dos negros. Mas quem tem a moral mais baixa do mundo senão os pró-

prios brancos? E os piores são os brancos das chamadas “classes superiores”! Recentemente, foram divulgados detalhes sobre um grupo de donas de casa e mães de comunidades suburbanas de Nova York que operavam como uma rede profissional de *call-girls*. Em alguns casos, essas esposas estavam se prostituindo com a concordância, até mesmo a colaboração, dos maridos, alguns dos quais chegavam a ficar em casa durante os encontros delas, cuidando das crianças. E os fregueses... mas, sobre isso, o melhor é citar o que publicou um jornal matutino de Nova York: “Na batida da noite de sexta-feira, foram apreendidos 16 cadernos de endereços com cerca de 200 nomes, muitos dos quais são destacados líderes políticos, financeiros e sociais.”

Também li recentemente as histórias de grupos de jovens casais brancos que se reuniam, os maridos jogando as chaves de suas respectivas casas num chapéu e depois, vendados, tirando uma ao acaso, a fim de passar a noite com a esposa que lhe coubesse. Nunca ouvi falar de negros fazendo nada parecido, mesmo os negros que vivem nos piores guetos americanos, em becos imundos, nas sarjetas.

Certa manhã, bem cedo, no Harlem, um negro alto e de pele clara, usando chapéu e com uma meia de mulher escondendo a cara, assaltou um *bartender* e um gerente de bar, ambos negros, que estavam naquele momento contando a receita da noite. Como na maioria dos bares do Harlem, os negros apareciam apenas como fachada, pois um judeu era o verdadeiro dono. A fim de se obter uma licença para abrir um bar, era preciso conhecer alguém no Departamento Estadual de Fiscalização de Bares; os judeus, trabalhando com judeus, pareciam ter os melhores contatos do mundo no departamento. O gerente negro contratou alguns arruaceiros negros para descobrirem o assaltante. A descrição do homem levou-os a me incluírem entre os suspeitos. E pouco depois, naquela mesma manhã, esses negros arrombaram a porta do meu apartamento.

Declarei que não sabia de nada, que não tinha nada a ver com o que eles estavam falando. Afirmei que passara a noite toda ocupado em meu ofício, o de guia de brancos, até as quatro horas da madrugada, quando viera diretamente para o apartamento e caíra no sono.

Os caras estavam blefando. Queriam que o assaltante se traísse com a pressão deles e ainda tinham outros suspeitos para verificar. Foi isso o que me salvou.

Vesti-me rapidamente assim que eles saíram, peguei um táxi e fui acordar duas pessoas, a madame e Sammy. Tinha algum dinheiro, mas a madame deu-me mais um pouco. Disse a Sammy que ia visitar meu irmão Philbert, no Michigan. Deixei o endereço com Sammy, a fim de que ele pudesse me avisar assim que estivesse tudo normalizado.

Foi nessa viagem a Michigan que, em pleno inverno, pus *congolene* na cabeça e depois descobri que a água nos canos do banheiro estava congelada. Para evitar que a lixívia me queimasse o couro cabeludo, tive de meter a cabeça no vaso e ficar puxando a descarga, até enxaguar tudo.

Passei uma semana em Michigan, sentindo um frio tremendo, até chegar o telegrama de Sammy. Outro negro avermelhado confessara o assalto, o que me possibilitava voltar a viver no Harlem.

Mas não voltei a ser guia de brancos. Não me lembro qual foi o motivo. Imagino que devo ter achado que era melhor permanecer por algum tempo longe das atividades ilegais, limitando-me a frequentar alguns clubes à noite e tomando narcóticos com os amigos. Seja como for, o fato é que não voltei a trabalhar com madame.

Foi também nessa ocasião que comecei a me sentir doente. Estava sempre resfriado. Devia ser uma irritação tremenda e constante, pois eu estava sempre fungando, sempre assoando o nariz, o diz inteiro, a noite inteira. Vivia tão alto que estava num mundo de sonhos. De vez em quando, fumava ópio com alguns amigos brancos, atores que moravam no centro. E fumava mais marijuana do que em qualquer outra época anterior. A essa altura, já tinha ido tão longe que puxava fumo desde a hora em que acordava até o momento em que ia dormir.

Depois de algum tempo, comecei a trabalhar para um judeu. O camarada gostou de mim porque consegui fazer uma coisa por ele. Chamava-se Hymie e comprava restaurantes e bares falidos ou quase. Reformava tudo e depois fazia uma abertura de gala, com bandeirolas e refletores na fachada. A casa cheia, com um movimento sempre grande, o cartaz de "Sob Nova Direção" na vitrina, acabava atraindo especuladores, geralmente outros judeus, que estavam sempre à procura de bons negócios em que pudessem investir seu dinheiro. Havia ocasiões em que Hymie conseguia vender a casa, com um bom lucro, na própria semana da reabertura.

Hymie gostava de mim de verdade e eu também gostava dele. Adorava conversar. Seus temas prediletos eram os judeus e os negros. Odiava particularmente os judeus que haviam inglesado seus nomes. Cuspindo e contraindo os lábios numa expressão de desprezo, Hymie dizia os nomes das pessoas que haviam feito isso. Havia gente famosa, homens que ninguém poderia imaginar que eram judeus.

— Red, sou judeu e você é preto — dizia ele. — Esses gentios não gostam nem da gente nem de vocês. Se os judeus não fossem mais esportos do que os gentios, seriam tratados de maneira muito pior que os negros.

Hymie me pagava um bom dinheiro enquanto trabalhei para ele, às vezes 200 a 300 dólares por semana. Eu seria capaz de fazer qualquer coisa por Hymie. Na verdade, fazia uma porção de trabalhos, mas minha principal função era transportar as bebidas falsificadas que Hymie fornecia, geralmente, para os bares alinhados que tinha vendido.

Outro sujeito e eu fomos de carro para Long Island, onde funcionava uma grande fábrica de uísque falsificado. Levávamos várias caixas de garrafas vazias de uísque de boa qualidade, que eram guardadas ilegalmente pelos bares a que fornecíamos. Comprávamos recipientes de 15 litros de uísque falsificado, enchíamos as garrafas e depois en-

tregávamos, de acordo com as instruções de Hymie, tantas e tantas caixas para esse ou aquele bar.

Muitas pessoas que afirmavam só beberem tal e tal marca de uísque escocês não tinham a menor idéia de que na verdade estavam tomando uísque falsificado de Long Island, envelhecido uma semana. A grande maioria dos bebedores de uísque pode ser enganada com essa facilidade. Paralelamente, com conhecimento e aprovação de Hymie, eu também fornecia quantidades menores de uísque falsificado a respeitáveis bares do Harlem e aos poucos *speakeasies* que ainda restavam.

Mas aconteceu algo num fim de semana em Long Island, envolvendo o Departamento Estadual de Fiscalização de Bares. Um dos grandes escândalos recentes no Estado de Nova York tinha sido a denúncia de suborno e corrupção nesse departamento. No negócio de falsificação de uísque em que eu estava metido, alguém muito bem situado nos altos escalões do governo devia ter recebido uma tremenda fortuna. Correu o rumor, entre Hymie e os outros na mesma atividade, que alguém "por dentro" estava revelando os nomes de todo mundo. Um dia, Hymie não apareceu no lugar em que marcara encontro comigo. Nunca mais tive notícias dele, mas ouvi dizer que foi levado para um banho de mar... e não sabia nadar.

No Bronx, um negro assaltou alguns gângsteres italianos que estavam num jogo de dados. Eu soube do caso pelo sistema de comunicações do submundo. Quem quer que o tivesse feito, além de ser um idiota, foi descrito como um negro "alto, da pele clara", mascarado com uma meia de mulher. Isso sempre me fez pensar se aquele assalto no bar tinha sido realmente esclarecido ou se o homem errado confessara, depois de muito apanhar. Seja como for, as suspeitas antigas contribuíram para que novamente desconfiassem de mim.

No Fat Man's Bar, no alto da ladeira que dá para Polo Grounds, eu tinha acabado de entrar numa cabina telefônica. Todo mundo no bar, em todo Harlem, diga-se de passagem, estava conversando excitadamente sobre a notícia que acabara de transpirar, segundo a qual Branch Rickey, o dono do Dodgers de Brooklyn, contratara Jackie Robinson, que estrearia no campeonato de beisebol em Montreal, no outono de 1945.

No início da tarde, eu recebera de West Indian Archie uma aposta vencedora de 50 cents no jogo dos números. Ele me pagara 300 dólares do seu próprio bolso. Eu estava telefonando para Jean Parks, uma das mulheres mais bonitas que já viveram no Harlem. Ela cantava antigamente com Sarah Vaughan no Bluebonnets, um quarteto que cantava com Earl Hines. Há já algum tempo que Jean e eu tínhamos um acordo amigável, pelo qual saíamos para comemorar juntos quando qualquer dos dois acertava no jogo dos números. Desde a última vez que eu acertara que Jean já me pagara duas comemorações. Rimos muito pelo telefone, contentes porque eu agora poderia pagar uma comemoração. Combinamos ir a um *nightclub* na Rua 52, a fim de ouvirmos

Billie Holiday, que estivera fazendo uma excursão e acabara de voltar de Nova York.

No momento em que desliguei, avistei dois *paisanos* magros e de cara de mau me olhando.

Eu não precisava de qualquer intuição para saber o que estava acontecendo. E não estava armado. Uma cigarreira era a única coisa que tinha no bolso. Comecei a baixar a mão para o bolso, numa tentativa de blefe... e um dos caras abriu a porta da cabina bruscamente. Eram italianos, de pele azeitonada. Enfiei a mão no bolso.

— Vamos lá para fora que temos um caso a resolver — disse um dos *paisanos*.

Foi nesse instante que um tira entrou no bar. Os dois pistoleiros trataram de sumir. Nunca, em toda a minha vida, me senti tão contente por ver um tira.

Ainda estava tremendo quando cheguei ao apartamento do meu amigo Sammy o Cafetão. Ele contou que, pouco antes, West Indian Archie estivera ali, à minha procura.

Às vezes, recordando tudo isso, não sei explicar como ainda estou vivo para contar a história. Dizem que Deus vela pelos idiotas e bebês. Muitas vezes tenho pensado que Alá estava velando por mim. Durante todo esse período da minha vida, eu estava realmente morto... mentalmente morto. Só que não sabia disso.

Para matar o tempo, Sammy e eu ficamos cheirando um pouco de cocaína dele, até chegar a hora de eu ir buscar Jean Parks para irmos ouvir Billie Holiday. O fato de West Indian Archie estar à minha procura nada significava para mim... não naquele momento.

Capítulo Oito

ACUADO

Houve uma batida na porta. Sammy, deitado na cama, de pijama e roupão, gritou:

— Quem é?

Quando West Indian respondeu, Sammy meteu debaixo da cama o espelho redondo de barbear, com duas faces, contendo o que restava do pó de cocaína, ou cristais, para dizer a verdade, enquanto eu ia abrir a porta.

— Quero o meu dinheiro, Red!

Um .32-20 é uma arma engraçada. É maior do que um .32 comum, mas não chega a ser tão grande quanto um .38. Eu já havia encarado antes alguns negros perigosos. Mas ninguém que não estivesse pronto para morrer não se metia com West Indian Archie.

Eu simplesmente não podia acreditar. Fiquei apavorado. Estava tão incrédulo com o que acontecia que me era difícil formar palavras com o cérebro e a boca.

— Cara, qual é o caso?

West Indian Archie explicou que pensava que eu estava tentando alguma coisa quando lhe dissera que havia acertado a aposta. Mesmo assim me pagara os 300 dólares, até poder verificar os talões de apostas escritos. E como ele já esperava, eu não havia combinado o número que alegara, mas sim outro.

— Ficou doido, cara! — Tratei de falar depressa.

Pelo canto do olho, tinha visto que Sammy estava enfiando a mão por baixo do travesseiro, onde guardava seu .45 do Exército.

— Como um cara esperto como você, Archie, iria pagar a alguém que não tinha acertado?

O .32-20 deslocou-se bruscamente e Sammy ficou paralisado. West Indian Archie disse-lhe:

— Eu deveria dar um tiro no seu ouvido. — Virando-se novamente para mim, ele acrescentou: — Não tem o meu dinheiro.

Devo ter sacudido a cabeça.

— Pois lhe dou o prazo até amanhã ao meio-dia para arrumar. Ele estendeu a mão para trás e abriu a porta. Recuou, saiu para o corredor, bateu a porta.

Era um impasse clássico do código dos marginais. O dinheiro não

era o problema. Eu ainda dispunha de uns 200 dólares do que recebera. Se o dinheiro fosse o problema, Sammy poderia cobrir a diferença; mesmo que não dispusesse no momento, suas mulheres poderiam levantar rapidamente o necessário. O próprio West Indian Archie, diga-se de passagem, teria me emprestado 300 dólares, se eu pedisse, pois já ganhara os 10 por cento de milhares de dólares que eu apostara. Certa ocasião, ao saber que eu estava na pior, ele chegara a me dar algum dinheiro, resmungando:

— Vê se isso gruda no seu bolso.

O problema todo era a situação em que a atitude dele nos deixara. Para um vigarista, em nossa selva do asfalto, “prestígio” e “honra” eram coisas muito importantes. Ninguém podia permitir que se espalhasse a notícia de que fora passado para trás, que alguém o enganara, o fizera de trouxa. E pior do que isso: ninguém podia se dar ao luxo de deixar transparecer que podia ser blefado, que se assustava com uma ameaça, que carecia de coragem.

West Indian Archie sabia que muitos jovens marginais adquiriam prestígio e subiam de posição em nosso mundo tapeando os marginais mais velhos e depois espalhando, para que todo mundo soubesse. Ele pensava que era isso o que eu estava tentando fazer.

Por outro lado, eu sabia que ele estaria defendendo a sua posição ao divulgar a ameaça que me fizera.

Por causa desse código, conheci pessoalmente pelo menos uma dúzia de marginais do Harlem que, ameaçados, acabaram tendo de sair da cidade, caídos em desgraça.

A partir do momento em que a notícia se espalhasse, qualquer recuo de um dos dois seria inconcebível. Todos estariam aguardando as notícias sobre a confrontação.

Eu tinha conhecimento também de pelo menos uma dúzia de confrontações em que um virava um “já era” e seguia direto para o necrotério, enquanto o outro entrava em cana por homicídio culposo ou sentava na cadeira elétrica por homicídio em primeiro grau.

Sammy emprestou-me seu .32. Minhas armas estavam no meu apartamento. Pus o .32 no bolso, juntamente com a mão, e sai.

Não podia sumir de circulação. Tinha de aparecer em todos os lugares que freqüentava habitualmente. Pensei que era ótimo o fato de Reginald não estar em Nova York naquele momento. Ele poderia tentar me proteger e a última coisa que eu queria era que meu irmão levasse um tiro na cabeça dado por West Indian Archie.

Fiquei parado por algum tempo numa esquina, a mente completamente confusa, os pensamentos embotados típicos do viciado. Será que West Indian Archie, comecei a pensar, estava blefando para cima de mim? Será que estava querendo me fazer bancar o palhaço? Alguns marginais mais velhos adoravam fazer os mais novos bancarem os palhaços. Eu sabia que ele não iria assumir uma atitude daquelas, ao contrário de muitos outros, só por causa de 300 dólares. Mas todo mundo naquelas bandas era perigoso. Na selva do Harlem, as pessoas eram

capazes de desafiar e sacanear os próprios irmãos. Os corretores do jogo dos números muitas vezes desafiavam os viciados que tinham acertado; eles viviam tão drogados que nunca podiam ter realmente certeza se haviam ou não apostado num determinado número.

Comecei a me perguntar se West Indian Archie não poderia estar certo. Será que eu realmente me confundira na combinação? Tinha certeza dos dois números que eu jogara; tinha certeza também de que só mandara fazer a combinação de um deles. Será que me enganara na centena que mandara combinar, fazer a inversão?

Alguma vez já tiveram tanta certeza que fizeram alguma coisa que nunca mais tornam a pensar no assunto... a menos que a questão seja outra vez levantada? E começam então a tentar confirmar mentalmente... e já não sentem mais tanta certeza?

Estava na hora de eu ir buscar Jean Parks, a fim de seguirmos para o centro, onde ouviríamos Billie cantando no Onyx Club. Minha cabeça era um verdadeiro turbilhão. Pensei em telefonar para Jean e cancelar o programa, apresentando uma desculpa qualquer. Mas sabia que fugir naquele momento era a pior coisa que poderia fazer. Assim, fui buscar Jean no apartamento dela. Pegamos um táxi e seguimos para a Rua 52. Havia imensas ampliações de Billie Holiday na fachada da casa. Lá dentro, as mesas quase encostavam umas nas outras, comprimidas contra as paredes. Eram mesas grandes o bastante para caber dois copos e quatro cotovelos. O Onyx não era lá muito grande.

Billie, ao microfone, tinha acabado de cantar um número quando me viu e a Jean. O vestido branco cintilava sob o refletor, o rosto tinha aquela aparência de índia, meio avermelhado, os cabelos estavam com o rabo-de-cavalo que era a sua marca registrada. Como próximo número Billie escolheu uma canção que sabia que eu gostava: *You Don't Know What Love Is* (Você Não Sabe o Que É o Amor)... “até enfrentar a madrugada com os olhos insones... até perder um amor que destestou ter perdido...”

Depois da apresentação, Billie veio até nossa mesa. Ela e Jean, que não se viam há muito tempo, abraçaram-se afetuosamente. Billie percebeu que havia algo errado comigo. Ela sabia que eu estava sempre alto, mas me conhecia bastante bem para ver que algo estava errado. Na sua linguagem obscena habitual, indagou o que estava havendo comigo. Respondi na mesma linguagem, que era praticamente todo o meu vocabulário naquele tempo, que estava tudo bem, que não tinha uma única preocupação no mundo. Billie não insistiu.

Nessa noite, o fotógrafo do clube tirou uma fotografia nossa. Foi a última vez em que vi Billie Holiday. Ela está morta. Os tóxicos e um desgosto profundo pararam aquele coração tão grande quanto um celeiro, aquele som e classe que ninguém pode copiar com sucesso. Billie Holiday cantava com a *soul* (alma) dos negros, de séculos de sofrimento e opressão. É uma pena que aquela mulher preta orgulhosa e maravilhosa jamais tenha vivido num lugar em que a verdadeira grandeza da raça negra fosse apreciada!

No banheiro do Onyx Club, aspirei a pequena dose de cocaína que trouxera do apartamento de Sammy. Voltando de táxi para o Harlem, Jean e eu resolvemos tomar mais um drinque. Ela não tinha a menor idéia do que estava acontecendo quando sugeri um dos meus pontos habituais, o bar do Lar Marr-Cheri, na esquina da Rua 147 com a St. Nicholas Avenue. Eu estava armado e com a coragem da cocaína; por isso, concordei. Depois que tomamos o drinque, eu estava tão alto que pedi a Jean que pegasse um táxi e voltasse sozinha para casa. Foi o que ela fez. Nunca mais tornei a ver Jean também.

Como um idiota, não deixei o bar. Continuei por lá, sentado de costas para a porta, o que me fazia um idiota ainda maior, pensando em West Indian Archie. Desde aquele dia que nunca mais sentei de costas para uma porta... e nunca mais irei sentar. Mas até que foi bom eu estar de costas para a porta, naquela ocasião. Tenho certeza absoluta de que, se estivesse de frente e visse West Indian Archie entrar, teria atirado para matar.

A próxima coisa de que tomei conhecimento foi a presença de West Indian Archie na minha frente, me apontando a arma, me xingando, aos brados. Ele estava na verdade fazendo seu espetáculo público, uma demonstração para os outros. Xingou-me dos piores nomes, ameaçou-me.

Todo mundo, *bartenders* e fregueses, ficou completamente imóveis, como se fossem estátuas, sentados ou de pé, muitos com um copo suspenso em pleno ar. A vitrola estava tocando nos fundos do bar. Eu nunca antes tinha visto West Indian Archie tão alto. Mas não era de uísque. Dava para perceber que era de algo mais. E eu conhecia a mania dos marginais de se encherem de tóxicos para fazer algum trabalho.

Comecei a pensar: "Vou matar Archie... Vou só esperar que ele se vire para enchê-lo de chumbo." Podia sentir o .32 comprimido contra as minhas costelas, metido sob o cinto, por baixo do casaco.

Como se lesse meus pensamentos, West Indian Archie parou de me xingar. E o que disse a seguir me deixou embatucado:

— Está pensando que vai me matar primeiro, Red. Mas vou lhe dar algo em que pensar. Estou com 60 anos. Sou um velho. Estive em Sing Sing. Minha vida está acabada. Mas você é um jovem. Mate-me e de qualquer maneira estará perdido. Tudo o que lhe restará será ir para a prisão.

Desde então, tenho pensado muitas vezes que talvez West Indian Archie estivesse querendo me meter medo para que eu fugisse salvando assim o seu prestígio e a própria vida. Ninguém sabia que eu jamais havia matado alguém. Mas todas as pessoas que me conheciam, inclusive eu mesmo, não duvidavam de que seria perfeitamente capaz de matar.

Não posso imaginar o que poderia ter acontecido em seguida. Pelo código, se West Indian Archie saísse do bar naquele momento, depois de ter-me humilhado daquele jeito, eu teria de segui-lo. E traríamos um tiroteio na rua.

Mas alguns amigos de West Indian Archie se aproximaram, chamando-o:

— Archie... Archie...

Ele deixou que os amigos o segurassem e o afastassem. Fiquei observando-os passarem pelo lugar em que estava sentado, lançando-me olhares furiosos. Estavam levando-o para os fundos do bar.

Depois, sem demonstrar qualquer pressa, levantei-me, larguei uma nota no balcão para o *bartender*. Sem olhar para trás, saí do bar.

Fiquei parado na calçada, bem à vista de quem estava dentro do bar, talvez por cinco minutos. Como West Indian Archie não saísse atrás de mim, acabei indo embora.

Deviam ser cinco horas da manhã quando cheguei ao centro e fui acordar um ator branco que conhecia. Ele morava no Howard Hotel, na Rua 45, perto da Sexta Avenida.

Eu sabia que tinha de ficar alto.

Parece-me agora inconcebível a quantidade de tóxicos que tomei nas horas seguintes. Com o tal ator branco, consegui arrumar um pouco de ópio. Peguei um táxi, voltei para meu apartamento, fumei o ópio. Estava com a arma pronta para disparar se ouvisse um mosquito tossindo.

O telefone tocou. Era a branca lésbica que vivia no centro. Ela queria que eu levasse, para si e para sua namorada, cigarros de marijuana no valor de 50 dólares.

Achei que, como sempre fizera isso, teria de fazê-lo outra vez naquele momento. O ópio me deixara sonolento. Eu tinha um vidro de comprimidos de benzedrina no banheiro. Engoli alguns, para me reanimar. As duas drogas atuando em meu organismo davam-me a sensação de que a cabeça seguia em direções opostas ao mesmo tempo.

Fui bater no apartamento logo depois do meu. O traficante me deixava levar marijuana a granel a crédito. Ele viu que eu estava tão alto que me ajudou a enrolar os cigarros. Fiz cem baseados. E enquanto enrolávamos, aproveitamos para fumar um pouco.

Eu estava agora cheio de ópio, benzedrina e marijuana.

Passei pelo apartamento de Sammy a caminho do centro da cidade. A negra espanhola de olhos faiscantes é que me abriu a porta. Sammy estava gamado por aquela mulher. Nunca antes permitira que qualquer uma de suas mulheres fizesse ponto em seu apartamento por tanto tempo. Agora, ela estava até atendendo a porta. A essa altura, Sammy estava bastante viciado. Mal pareceu me reconhecer. Deitado, meteu a mão debaixo da cama e pegou o inevitável espelho de barbear, no qual sempre mantinha os seus cristais de cocaína, por algum motivo, que jamais pude compreender. Ele fez um gesto para que eu aspirasse um pouco. Não recusei.

Seguindo para o centro da cidade a fim de entregar os baseados, experimentei sensações que não dá para descrever, em todos os diferentes níveis ao mesmo tempo. A única palavra que posso usar como

descrição é *intemporal*. Um dia inteiro podia estar contido em cinco minutos. Ou meia hora podia parecer-me uma semana.

Não posso imaginar qual era a minha aparência quando cheguei ao hotel. A lésbica e sua namorada prontamente me levaram para a cama. Caí em cima e apaguei por completo.

Naquela noite, quando acordei, já se havia passado um dia além do prazo fatal marcado por West Indian Archie. Voltei para o Harlem. A coisa já se havia espalhado. Percebi logo que as pessoas que me conheciam tratavam de se afastar apressadamente assim que me viam, como se tivessem negócios a tratar em outra parte. Eu sabia que ninguém queria ser apanhado no meio de um tiroteio.

Mas nada aconteceu. No dia seguinte também não. Simplesmente fiquei alto o tempo todo.

Um garoto metido a besta num bar me provocou e tive de lhe arrebentar a boca. Ele se estatelou no chão, levantou, avançou para mim com uma faca. Eu teria acertado um tiro nele, se alguém não o tivesse segurado. Levaram-no para fora. Ele saiu me xingando, dizendo que ia me matar.

A intuição me disse que eu precisava me livrar da arma. Mal havia entregado o .32 a um conhecido que estava no bar quando apareceu um tira que eu já tinha visto pelo Harlem algumas vezes. Ele estava com a mão na coronha do seu revólver. Sabia o que estava acontecendo e ninguém ignorava, tinha certeza de que eu estava armado. O tira aproximou-se de mim lentamente. Eu não tinha a menor dúvida de que, se sequer espirrasse, ele me estourava os miolos.

Quando chegou perto, ele disse:

— Tire a mão do bolso, Red... e com todo cuidado!

Obedeci. Assim que ele viu a mão vazia, ambos pudemos relaxar um pouco. Ele fez um gesto para que eu saísse, na sua frente. Obedeci. O companheiro dele estava esperando na calçada, do outro lado da radiopatrulha, estacionada em fila dupla, o rádio ligado. Com as pessoas parando para olhar, eles me revistaram ali mesmo, na calçada.

— O que estão procurando? — perguntei, quando terminaram a revista, sem nada encontrarem.

— Red, recebemos o aviso de que está andando armado.

— Eu tinha mesmo um revólver, mas joguei no rio.

O guarda que entrara no bar me disse:

— Se eu fosse você, Red, deixaria a cidade enquanto é tempo.

Voltei para o bar. Ao dizer que tinha uma arma mas a jogara no rio, evitara que os guardas fossem ao meu apartamento. As coisas que eu tinha lá iam me valer uma cana mais firme que dez revólveres e lhes proporcionaria uma promoção.

Tudo estava se acumulando, a situação ia-se tornando cada vez mais crítica. Estava acuado, envolvido em encrencas demais. West Indian Archie estava atrás de mim com um revólver. Os italianos que pensavam que eu havia sido o ladrão do jogo de dados também esta-

vam atrás de mim. Para não falar do garoto assustado em quem eu dera uma porrada. Nem dos tiras.

Durante quatro anos, eu tivera sorte o bastante ou fora esperto o suficiente para escapar à prisão. Jamais havia sido sequer detido. Nunca me metera em nenhuma encrenca séria. Mas eu sabia que, agora, a qualquer momento, alguma coisa podia estourar.

Sammy havia feito algo pelo que muitas vezes pensei que gostaria de poder ter-lhe agradecido.

Estava andando pela St. Nicholas Avenue quando ouvi a buzina do carro. Mas meus ouvidos estavam era esperando o estampido de um tiro. Não podia imaginar que a buzina fosse para mim.

— *Conterrâneo!*

Virei-me bruscamente. Confesso que quase atirei.

Mas era Shorty, de Boston!

Ele ficou apavorado com a minha reação. Mas logo me controlei e gritei:

— Meu velho!

Eu não poderia me sentir mais feliz.

Entrei no carro, Shorty me contou que Sammy lhe telefonara, dizendo que eu estava num beco sem saída e que era melhor ele vir me buscar. E foi o que Shorty fez, tomando emprestado o carro do pianista de sua banda e devorando os quilômetros até Nova York.

Não fiz qualquer objeção à proposta de me mandar de Nova York. Shorty ficou de vigia do lado de fora do meu apartamento, enquanto eu ia buscar e levava para o carro os poucos pertences que me interessava levar. E depois caímos na estrada. Shorty ficou sem dormir por cerca de 36 horas. Mais tarde, ele me contou que eu falei sem parar durante toda a viagem de volta.

Capítulo Nove

PRESO

Ela não podia acreditar que eu tivesse me tornado tão descrente e revoltado. Eu pensava que um homem devia fazer tudo aquilo que a esperteza lhe permitisse, não importava o quanto fosse cruel e temerário, e que uma mulher não passava de um artigo de consumo. Cada palavra que eu dizia era uma gíria ou obscena. Sou capaz de apostar que meu vocabulário cotidiano naquele tempo não tinha mais que 200 palavras.

Até mesmo Shorty, cujo apartamento eu voltara a partilhar, não estava preparado para a maneira como eu falava e pensava, mais parecendo um animal predador. Quando estava acordado, puxava fumo sem parar. Fora Shorty quem originalmente me introduzira no consumo de marijuana, e a quantidade que eu agora consumia deixou-o espantado.

A princípio, eu não estava muito a fim de conversar. Quando acordado, ficava tocando discos sem parar. Os baseados me proporcionavam uma sensação de contentamento. Eu desfrutava horas intermináveis a flutuar, perdido em devaneios, mantendo conversas imaginárias com meus amigos músicos de Nova York.

Em duas semanas, dormi mais que em qualquer duas semanas no Harlem, quando passava dia e noite me virando em tudo que é atividade marginal. Quando finalmente saí pelas ruas de Roxbury, não demorei muito a encontrar um traficante de *neve*, isto é, cocaína. Foi quando voltei a experimentar a sensação familiar da cocaína que comecei a sentir vontade de falar.

Para aqueles que aspiram os seus cristais brancos, a cocaína produz uma ilusão de extremo bem-estar, uma autoconfiança espetacular, tanto na capacidade física como na mental. A gente pensa que pode derrotar facilmente o campeão mundial de boxe e que é mais esperto que qualquer outra pessoa no mundo. Há também a sensação de intemporal. E eu tinha também, a intervalos, a capacidade de recordar e reconstituir coisas que haviam ocorrido anos atrás, com uma clareza extraordinária.

A banda de Shorty se apresentava em diversos lugares nos arredores de Boston, três ou quatro noites por semana. Assim que ele saía para trabalhar, Sophia vinha se encontrar comigo no apartamento e

eu ficava falando sobre os meus planos. Ela já tinha voltado para o marido quando Shorty chegava do trabalho e eu ficava martelando os ouvidos dele até o raiar do dia.

O marido de Sophia tinha deixado o Exército e era vendedor de alguma coisa. Ao que parecia, estava metido em algum negócio grande, que em breve exigiria que viajasse constantemente para a Costa do Pacífico. Eu não fazia perguntas, mas Sophia freqüentemente insinuava que as coisas entre eles dois não estavam indo muito bem. Eu sabia que não tinha nada a ver com isso. Ele nem sequer sabia que eu existia. Uma mulher branca pode explodir com o marido, gritar, berrar, xingá-lo de todos os palavrões que conhecer, dizer as piores coisas, num esforço para magoá-lo. Pode até falar da mãe e da avó dele. Mas há uma coisa sobre a qual jamais irá falar, se for o caso: a de que anda trepando com um negro. Isso é, para o homem branco, como uma capa vermelha para matar. E sua mulher sabe disso.

Sophia sempre me dera dinheiro. Mesmo quando eu tinha centenas de dólares no bolso e ela ia me visitar no Harlem, tirava praticamente tudo o que ela tinha na bolsa, deixando apenas a passagem de volta para Boston. Tenho a impressão de que algumas mulheres adoram ser exploradas. Quando não são exploradas, elas tratam de explorar o homem. Seja como for, devia ser o dinheiro do marido que ela me dava, pois Sophia nunca havia trabalhado. Quando voltei para Boston, minhas exigências aumentaram e Sophia passou a me trazer cada vez mais dinheiro. Não sei como ela arrumava. De vez em quando, eu dava uma prensa nela, só para mantê-la na linha. Toda mulher parece precisar disso de vez em quando. Para dizer a verdade, parece até que fica querendo uma prensa. Agora, porém, eu me sentia mau e batia nela pior do que em qualquer outra ocasião anterior, em algumas das noites em que Shorty estava ausente. Sophia chorava, me xingava, jurava que nunca mais voltaria. Mas eu sabia perfeitamente que ela não estava nem sequer pensando em nunca mais voltar.

A presença de Sophia foi um dos maiores prazeres que a minha volta a Boston proporcionou a Shorty. Como já falei antes, nunca antes, em toda a minha vida, eu tinha encontrado um negro que desejasse as mulheres brancas tão intensamente quanto Shorty. Desde que nos conhecêramos que ele já tivera várias. Mas nunca conseguia manter uma mulher branca por muito tempo, porque era bom demais para elas. Como já disse, qualquer mulher, branca ou preta, parece que fica logo entediada com um homem que se mostra muito bonzinho.

Shorty não tinha nenhuma mulher branca firme na noite em que Sophia levou para o apartamento a sua irmã de 17 anos. Nunca vi nada parecido com a maneira pela qual a garota e Shorty quase pularam nós braços um do outro. Para Shorty, ela não era apenas uma mulher branca, mas uma mulher branca *jovem*. Para ela, Shorty não era apenas um negro, mas um negro *músico*. Na aparência, a garota era uma versão mais jovem de Sophia, uma mulher que ainda fazia muitos homens virarem a cabeça. Algumas vezes, eu levava as duas aos lugares

em que Shorty estava se apresentando. Os negros exibiam todos os seus 32 dentes assim que viam as duas. Aproximavam-se do reservado ou da mesa, ficavam de pé ao lado, dizendo besteiras sem parar. E Shorty não era diferente. Ele se levantava no lugar em que estava tocando e ficava olhando para a garota esperando por ele, acenando para ele, piscando o olho para ele. Assim que parava de tocar, Shorty praticamente atropelava as pessoas no caminho para a nossa mesa.

Eu já não me lançava mais no *lindy-hop*, nem mesmo pensava nisso. Assim como ninguém mais me veria num terno *amigo-da-onça*. Todos os meus ternos eram conservadores. Um banqueiro poderia ter usado meus sapatos.

Tornei a encontrar Laura. Ficamos contentes de verdade por nos revermos. Laura era agora muito mais parecida comigo, uma mulher a fim de se divertir. Conversamos e rimos muito. Laura parecia bem mais velha do que na realidade. Não tinha nenhum homem fixo, simplesmente saía com quem lhe agradava. Há muito que deixara de morar com a avó. Laura me contou que concluíra a escola secundária, mas depois abandonara a idéia de ir para a universidade. E, agora, sempre que eu a encontrava, Laura estava alta também. Mais de uma vez, puxamos fumo juntos.

Depois de mais ou menos um mês a “dar uma de morto”, como a inatividade era chamada, compreendi que tinha de voltar a desenvolver alguma atividade marginal.

Um vigarista, quando está quebrado, precisa acertar uma boa tacada para se recuperar. Algumas noites, quando Shorty estava trabalhando, eu pegava tudo o que Sophia conseguira me arrumar e tentava dar uma boa tacada, jogando pôquer na casa de jogo de John Hughes.

Quando eu vivera antes em Roxbury, John Hughes era um grande jogador que nem sequer se dignava a falar comigo. Durante a guerra, porém, haviam circulado em Roxbury as notícias do que eu andava fazendo no Harlem. Agora, o nome mágico de Nova York me abria as portas. Era a reação dos vigaristas em toda parte; quem era capaz de dar seus golpes em Nova York e sobreviver se tornava conhecido e adquiria um tremendo prestígio. Durante esses mesmos anos de guerra, John Hughes ganhara dinheiro suficiente em suas atividades marginais para abrir uma excelente casa de jogo.

Uma noite, John também participava da minha mesa de jogo. Era pôquer fechado. As duas primeiras cartas foram dadas e eu tinha um ás aberto. Dei uma olhada na carta fechada. Era outro ás. Eu estava com um par, um aberto, outro fechado.

O ás aberto indicava que eu é que devia começar as apostas.

Mas não me precipitei. Fiquei sentado em silêncio por algum tempo, como se analisasse a situação.

Finalmente bati com os nós dos dedos na mesa, indicando que passava, deixando a aposta para o homem seguinte. Minha reação indicava que, além do ás aberto, eu não tinha mais nada, que a carta fecha-

da era insignificante, a ponto de não querer arriscar meu dinheiro.

O jogador sentado ao meu lado mordeu a isca. Apostou alto. E o homem a seguir dobrou a parada. Possivelmente, ambos tinham pares pequenos. Ou talvez estivessem querendo apenas me assustar, fazer com que eu saísse do jogo, antes de tirar outro ás. Chegou finalmente a vez de John apostar. Ele tinha uma dama aberta e levantou as apostas dos outros.

Não havia a menor possibilidade de se adivinhar o que John tinha. John era de fato um jogador excepcionalmente hábil. Sabia jogar tão bem quanto qualquer outra pessoa com quem eu jogara em Nova York.

Voltou a ser minha vez de apostar. Ia me custar um bocado de dinheiro cobrir todas as apostas. Era óbvio que os outros tinham boas cartas, mas eu tinha certeza de que podia vencer a todos. Mas novamente fiquei estudando e estudando a mão, simulei total perplexidade. E finalmente pus meu dinheiro na mesa, cobrindo as apostas.

O mesmo padrão de apostas continuou, a cada nova carta, até a última. E quando essa nova carta foi dada, fiquei com outro ás aberto. Três ases. E John estava com outra dama aberta.

Ele apostou um monte de dinheiro. Agora, todos estudaram a mão demoradamente. Um a um, os outros foram fechando suas cartas e deixando o jogo. Menos eu. Tudo o que podia fazer era cobrir as apostas que estavam na mesa.

Se tivesse dinheiro, poderia ter apostado outros 500 dólares ou mais. Tenho certeza de que John pagaria para ver. Ele jamais poderia passar o resto da vida imaginando se eu o blefara ou não numa mesa tão grande.

Mostrei o ás fechado. John tinha três damas. Enquanto eu recolhia a mesa, mais de 500 dólares, a primeira grande bolada que eu ganhava em Boston, John levantou-se da mesa. Tinha deixado o jogo. E disse para o homem que dirigia a casa:

— Sempre que Red aparecer aqui e quiser alguma coisa, pode atendê-lo. Nunca vi um rapaz jogar pôquer com tanta habilidade.

John falou “rapaz” porque já devia ter seus 50 anos, pelo que eu imaginava, embora nunca se possa ter certeza da idade de um negro. Ele pensava, como acontecia com a maioria das pessoas, que eu já estava em torno dos 30 anos. Ninguém em Roxbury, à exceção das minhas irmãs Ella e Mary, desconfiava da minha verdadeira idade.

A história desse jogo de pôquer ajudou a criar-me uma reputação entre os jogadores e marginais de Roxbury. Outra coisa que aconteceu na casa de jogo de John contribuiu para isso: o incidente em que ficou constatado que eu não carregava apenas uma arma, mas várias.

John tinha uma regra permanente: quem quer que entrasse em sua casa para jogar, tinha que deixar a arma na entrada, se é que levava alguma. Eu sempre deixava duas armas na entrada. Uma noite, quando um jogador tentou me passar para trás, saquei uma terceira arma, do coldre no ombro. Foi o bastante para formar a minha reputação

e se espalhou a notícia de que eu era um “dedo nervoso” e completamente “doido”.

Recordando agora, acho que eu estava de fato, pelo menos ligeiramente, fora do meu juízo perfeito. Encarava os tóxicos como a maioria das pessoas considera comida. Usava minhas armas como hoje uso minhas gravatas. No fundo, acreditava realmente que, depois de viver tão intensamente quanto era humanamente possível, um homem deveria morrer violentamente. Eu esperava naquele tempo, como ainda espero hoje, morrer violentamente a qualquer momento. A diferença é que naquele tempo eu convidava a morte deliberadamente a vir me buscar, sob as mais diversas maneiras, algumas totalmente insanas.

Vou contar um exemplo. Um marinheiro mercante que me conhecia e à minha reputação entrou num bar em que eu estava, carregando um embrulho. Fez-me sinal para que eu o seguisse até o banheiro dos homens lá embaixo. Abriu o embrulho. Era uma metralhadora roubada que estava querendo vender. Perguntei:

— Como vou saber se funciona?

Ele carregou a arma com um pente de balas e disse que tudo o que eu tinha de fazer agora era puxar o gatilho. Peguei a metralhadora, examinei-a... e abruptamente comprimi o cano contra a barriga do marinheiro. E falei que ia cortá-lo ao meio. Ele foi recuando, saiu do banheiro de costas, subiu a escada também assim, da mesma forma como Bill *Bojangles* Robinson costumava dançar para trás. Ele sabia que eu era doido o bastante para matá-lo. E eu era insano o suficiente para nem sequer pensar que ele poderia ficar simplesmente esperando uma ocasião de me matar. Durante quase um mês fiquei com a metralhadora no apartamento de Shorty, até que meu dinheiro se acabou de novo e a vendi.

Ao aparecer em Roxbury para me visitar, Reginald estava chocado com o que encontrara no Harlem ao voltar. Passei algum tempo com ele. Era o meu irmão caçula, aquele a quem eu sentia ser mais minha “família”, mais até do que nossa irmã Ella. Devo dizer que Ella ainda gostava de mim. Eu ia visitá-la de vez em quando. Mas Ella nunca foi capaz de aceitar a maneira como eu mudara. Mais tarde, Ella me contou que tinha um presságio muito forte de que eu acabaria me metendo numa encrenca muito grande, da qual não conseguiria sair. Mas sempre tive à impressão de que Ella, de certa forma, admirava a minha rebelião contra o mundo, porque ela própria, que tinha mais energia e coragem do que muitos homens, freqüentemente sentia-se revoltada por ter nascido mulher.

Se eu estivesse pensando apenas em termos de mim mesmo, talvez tivesse escolhido o jogo como atividade marginal. Na casa de jogo de John Hughes havia sempre muitos jogadores, otários o suficiente para que um bom jogador vivesse à custa deles. E eram otários que geralmente trabalhavam. Havia vários que nunca deixavam de ir jogar no dia em que recebiam o pagamento. Ainda por cima, John Hughes me oferecera um emprego. Mas não era isso o que eu estava querendo.

É que não estava pensando exclusivamente em mim. Queria arrumar alguma coisa que me permitisse ajudar Shorty também. Conversávamos muito e eu sentia muita pena de Shorty. Era a mesma história antiga do músico. O suposto encanto de virar um músico, mas ganhando muito pouco dinheiro. Depois de pagar o aluguel, comprar comida e os baseados, gastar em mais algumas despesas rotineiras, nada restava a Shorty. E as dívidas iam se acumulando. Como Shorty podia ter alguma coisa? Eu passara alguns anos no Harlem e acompanhando os músicos mais populares em excursões, os grandes nomes, os que estavam realmente ganhando muito dinheiro para um músico... e eles nada tinham.

Por falar nisso, eu também nada tinha, apesar de todos os milhares de dólares que conseguira ganhar. Só para custear o meu vício em cocaína, eu gastava pelo menos 20 dólares por dia. Creio que devia gastar outros cinco dólares por dia para os baseados e os cigarros comuns, que também fumava. Além de me encher de entorpecentes, eu também fumava um cigarro atrás do outro, chegando a quatro maços por dia. Se me perguntarem hoje, vou dizer que o tabaco, sob todas as suas formas, é um vício tão terrível quanto qualquer narcótico.

Ao abordar a questão de um golpe qualquer com Shorty, comecei por fazê-lo concordar com o meu conceito, do qual ele era uma prova viva, de que somente os quadrados podiam acreditar que se conseguia alguma coisa numa atividade honesta.

E quando mencionei o que estava pensando, o roubo de casas, Shorty, que sempre fora relativamente conservador, surpreendeu-me ao concordar rapidamente. E ele nem sabia coisa alguma a respeito do roubo de casas.

Quando comecei a explicar como se fazia, Shorty propôs chamar para o nosso esquema um amigo dele, a quem eu já conhecia e gostava, chamado Rudy.

A mãe de Rudy era italiana, o pai era negro. Ele nascera ali mesmo em Boston, um camarada baixo, de pele clara, o chamado tipo bem-apegoado. Rudy trabalhava regularmente para uma agência de empregos, que o mandava servir mesas em festas exclusivas. Tinha uma atividade paralela, que me fazia lembrar os meus velhos tempos de guia no Harlem. Uma vez por semana, Rudy ia à casa de um aristocrata velho e rico de Boston, o chamado pilar da sociedade. O velho pagava a Rudy para despir a ambos. Depois, ele pegava o velho no colo como um bebê e o levava para a cama. Ficando de pé por cima do velho, salpicava-o de talco.

Rudy dizia que o velho chegava ao orgasmo só com isso.

Contei a ele e a Shorty algumas das coisas que tinha visto. Rudy informou que, pelo que sabia, não havia em Boston casas de especialidades sexuais, devidamente organizadas, mas apenas brancos ricos individuais que tinham os seus desejos particulares especiais satisfeitos por negros que entravam em suas casas camuflados como motoristas, criados, garçons ou qualquer outro disfarce socialmente aceito. Exa-

tamente como em Nova York, esses brancos pertenciam à sociedade mais alta, mais rica. Eram predominantemente velhos, além da idade de terem qualquer sexo normal, sempre à procura de novas "sensações".

Lembro que Rudy falou de um branco velho que pagava a um casal de negros para que o deixassem vê-lo mantendo relações sexuais, na cama dele. Havia outro tão "sensível" que pagava para ficar sentado numa cadeira do lado de fora de um quarto em que estava um casal. Ele encontrava satisfação só de imaginar o que estava acontecendo lá dentro.

Eu sabia que uma boa equipe de ladrões de casa inclui o que é chamado de "descobridor". O descobridor é que localiza os bons lugares, os lucrativos, para serem assaltados. Outra necessidade básica é alguém capaz de fazer um levantamento físico desses lugares, determinando os meios de se entrar, os melhores caminhos para uma fuga e assim por diante. Rudy tinha condições de preencher as duas funções. Como era enviado para trabalhar como garçom em casas de ricos, não levantaria suspeitas ao avaliar se havia muita coisa que valesse a pena um assalto e ao fazer um levantamento do local, andando de um lado para outro, metido num casaco branco, fingindo que estava ocupado em alguma coisa.

A reação de Rudy, ao ser informado do que estávamos pensando, foi mais ou menos a seguinte, se bem me lembro:

— Grande! Quando começamos?

Mas eu não estava a fim de me precipitar. Aprendera com vários profissionais e por experiência própria como era importante ser cuidadoso e planejar bem. O roubo de casas, quando executado direito, pode ter os seus perigos, mas oferece o máximo de possibilidades de sucesso, com o mínimo de riscos. Quando se executa o trabalho sem encontrar com nenhuma das vítimas, reduzem-se as possibilidades de ter de atacar ou talvez matar alguém. E se por alguma falha se é mais tarde apanhado pela polícia, não há nenhuma testemunha de vista positiva.

É também importante escolher uma área de assalto e se manter nela. Há áreas de especialidade entre os assaltantes. Alguns só trabalham em apartamentos, outros só em casas, muitos só em lojas ou depósitos. Há também os que só se interessam por cofres, de todos os tipos.

Dentro da categoria de assalto a residências, há novas distinções específicas. Há os assaltantes que só operam durante o dia, os que agem na hora do jantar ou do teatro, os que preferem trabalhar de madrugada. Creio que a polícia de qualquer cidade pode confirmar que raramente um assaltante opera fora do horário em que se especializou. Jumpsteady do Harlem, por exemplo, era um especialista em assaltos noturnos a apartamentos. Teria sido muito difícil persuadir Jumpsteady a trabalhar durante o dia, mesmo que um milionário tivesse saído para almoçar, deixando a porta da frente aberta.

Além das minhas inclinações, eu tinha uma razão muito prática para não querer trabalhar durante o dia. Sendo tão visível, estaria perdido se operasse de dia. Quase que podia ouvir as testemunhas dando todas as indicações à polícia:

— Era um negro meio avermelhado, com quase 1,90m de altura. Um olhar para mim seria o suficiente.

Planejando o que eu queria que fosse uma operação perfeita, pensei em incluir as duas mulheres brancas no esquema. Tinha dois motivos para isso. O primeiro era que ficaríamos muito limitados se só contássemos com os lugares em que Rudy trabalhasse como garçom. Ele não trabalhava em muitos lugares e rapidamente as nossas fontes ficariam esgotadas. E quando tivéssemos de procurar outros lugares e fazer um reconhecimento, nos bairros residenciais de brancos ricos, a presença de negros na área iria sobressair como um polegar inflamado. Mas as mulheres brancas podiam ser convidadas a visitar os lugares certos.

Não me agradava a idéia de ter tanta gente envolvida, tudo ao mesmo tempo. Mas com Shorty e a irmã de Sophia tão íntimos agora, com a própria Sophia e eu parecendo que estávamos juntos há 50 anos, com Rudy tão ansioso em começar logo, achei que ninguém iria dar com a língua nos dentes, pois todos corriam o mesmo risco. Seríamos quase como uma família.

Nunca duvidei que Sophia toparia participar do esquema. Sophia faria qualquer coisa que eu mandasse. E a irmã dela faria qualquer coisa que Sophia mandasse. As duas aceitaram. O marido de Sophia estava numa de suas viagens pela Costa do Pacífico quando contei os nossos planos a ela e à irmã.

Eu sabia que a maioria dos assaltantes era presa não na hora do trabalho, mas quando tentava passar adiante o produto do saque. Descobrir o receptador foi um raro golpe de sorte. Combinamos o plano para as operações. O receptador não trabalharia diretamente conosco. Indicou um representante, um ex-condenado, que tratava comigo e com mais ninguém da minha quadrilha. Além dos seus negócios regulares, o receptador possuía diversas garagens e pequenos armazéns espalhados pela área de Boston. Pelo nosso acordo, antes de um trabalho eu deveria avisar ao representante, dando uma idéia geral do que esperaríamos conseguir. Ele então me indicava em que garagem ou armazém deveríamos largar a muamba. Depois que largávamos tudo no lugar indicado, o representante examinava os artigos roubados. Removia todas as marcas e etiquetas de identificação. Em seguida avisava o receptador, que ia ao local e fazia uma avaliação pessoal. No dia seguinte, o representante me encontrava num local previamente combinado e fazia o pagamento em dinheiro pelo que havíamos roubado.

Lembro-me perfeitamente de uma coisa. O receptador sempre mandava o dinheiro em notas novinhas, ainda estalando. Era um camarada esperto. O efeito psicológico em todos nós era muito grande ao sairmos com aquelas notas estalando de novas no bolso, de-

pois de um trabalho. E talvez ele tivesse também outros motivos.

Precisávamos de uma base de operações, que não podia ser em Roxbury. As mulheres alugaram um apartamento na Harvard Square. Ao contrário dos negros, aquelas mulheres brancas podiam sair procurando pelo local ideal sem que ninguém pensasse nisso duas vezes. O apartamento finalmente encontrado era no andar térreo. Assim, quando entrássemos e saíssemos altas horas da noite, não chamaríamos qualquer atenção.

Em qualquer organização, alguém tem de ser o líder. Mesmo que só tenha uma única pessoa, esta tem que ser a líder de si mesma.

Na primeira reunião da nossa quadrilha no apartamento alugado, discutimos como iríamos operar. As mulheres entrariam nas casas para fazer o levantamento do local. Tocariam a campainha, dizendo que eram vendedoras, universitárias fazendo uma pesquisa ou qualquer outra coisa apropriada. Uma vez dentro das casas, tratariam de circular o máximo possível, sem atrair uma atenção exagerada. Depois, viriam nos informar quais os objetos de valor que tinham visto e onde. Fariam um desenho da disposição da casa para Shorty, Rudy e eu. Concordamos que as mulheres só atuariam nos assaltos propriamente ditos em casos especiais, quando houvesse alguma vantagem considerável nisso. De um modo geral, porém, os três homens é que iriam trabalhar, dois assaltando a casa, enquanto o terceiro ficava de vigia no carro da fuga, com o motor ligado.

Enquanto falava, acertando os planos, eu me sentara na cama, deliberadamente, longe dos outros. De repente, peguei o revólver, tirei as cinco balas. E lentamente, ostensivamente, para que todos vissem, tornei a pôr no tambor apenas uma única bala. Girei o tambor e encostei a ponta do cano na cabeça.

E disse:

— Agora é que eu vou ver quanta coragem vocês têm.

Sorri. Estavam todos boquiabertos. Puxei o gatilho... e todos ouvimos apenas um clique.

— Vou fazer a mesma coisa de novo.

Suplicaram que eu parasse. Percebi nos olhos de Shorty e Rudy que eles estavam pensando em correr para cima de mim e me arrancar o revólver.

Ouvimos novamente o mesmo clique, do martelo batendo em outro cilindro vazio.

As mulheres estavam histéricas. Rudy e Shorty me suplicavam:

— *Cara... Red... Pare com isso, cara!... Não faça isso!*

Puxei o gatilho mais uma vez, antes de dizer:

— Estou fazendo isso para mostrar que não tenho medo de morrer. Jamais pensem em trair um homem que não tem medo de morrer... e agora vamos voltar ao trabalho!

Depois disso, nunca tive qualquer problema com nenhum deles. Sophia ficou totalmente intimidada, a irmã dela só faltava me chamar

de "Mister Red". Shorty e Rudy nunca mais foram os mesmos comigo. Nenhum dos dois jamais mencionou o incidente. Pensavam que eu estava doído. E tinham medo de mim.

Fizemos o primeiro trabalho naquela noite mesmo, na casa do velho que contratava Rudy para salpicá-lo de talco. Não podia ter sido um trabalho mais limpo. Tudo saiu direitinho, funcionando como um relógio. O receptor fez os maiores elogios e provou que falava a sério com as suas notas estalando de novas. Mais tarde, o velho contou a Rudy que um verdadeiro exército de detetives estivera na casa... e todos chegaram à conclusão de que o trabalho tinha as características de uma quadrilha que vinha operando em Boston há cerca de um ano.

Rapidamente chegamos ao ponto em que a coisa era quase uma ciência. As mulheres faziam a exploração e reconhecimento nos bairros ricos. O assalto era executado. Havia ocasiões em que tudo terminava em apenas dez minutos. Shorty e eu quase sempre nos encarregávamos do assalto propriamente dito. Rudy geralmente ficava de vigia no carro de fuga.

Se as pessoas não estavam em casa, usávamos uma chave mestra numa fechadura de porta comum. Se a fechadura era especial, usávamos um pé-de-cabra para arrombar a porta. Às vezes, entrávamos por uma janela, uma saída de emergência de incêndio ou pelo telhado. Mulheres ingênuas freqüentemente mostravam toda a casa a Sophia e à irmã, só para ouvi-las elogiar suas coisas. Com as indicações das duas e a ajuda de uma lanterna de bolso, íamos direto para as coisas que nos interessavam.

Às vezes, as vítimas estavam em suas camas, dormindo. Isso pode parecer muito arriscado, mas na verdade era quase fácil. A primeira coisa que tínhamos de fazer, quando os moradores estavam na casa, era ficar esperando, silenciosos e imóveis, até percebermos os ritmos de respiração. Adorávamos os roncadores, pois facilitavam tudo. Os pés metidos em meias, entrávamos até nos quartos. Movendo-nos rapidamente, como sombras, pegávamos roupas, relógios, carteiras, bolsas, caixas de jóias.

A época de Natal era o nosso Papai Noel. As pessoas sempre tinham presentes valiosos espalhados por toda a casa. E tiravam do banco mais dinheiro que habitualmente. Às vezes, operando mais cedo do que normalmente, chegávamos a assaltar casas nas quais não tínhamos feito um reconhecimento. Se as cortinas estavam fechadas, todas as luzes apagadas e ninguém atendia quando uma das mulheres tocava a campainha, corríamos o risco e entrávamos.

Posso dar uma boa indicação para quem está querendo manter os assaltantes longe de sua casa. Uma luz acesa, para o assaltante ver, é a melhor maneira de se proteger. Uma boa idéia é deixar uma luz de banheiro acesa durante a noite inteira. O banheiro é o lugar da casa em que sempre pode estar alguém, por qualquer tempo, a qualquer hora da noite, podendo ouvir o menor ruído estranho. Sabendo disso, o as-

saltante nem tenta entrar na casa. Os kilowatts são muito mais baratos que os seus bens mais valiosos.

Nós nos tornamos extremamente eficientes. De vez em quando, o receptor nos dava indicações de casas em que poderíamos encontrar um bom saque. Foi dessa maneira que, por algum tempo, num dos nossos melhores períodos, ficamos especializados em tapetes orientais. Sempre desconfiei que o receptor vendia os tapetes às próprias pessoas das quais os havíamos roubado. Seja como for, ninguém podia imaginar como aqueles tapetes eram valiosos. Lembro de um, bem pequeno, que nos valeu mil dólares. Não há como saber quanto o receptor conseguiu por esse tapete. Todo assaltante sabia que os receptores os roubavam de forma bem pior do que roubavam as vítimas.

Só uma única vez estivemos perto de ser apanhados. Estávamos escapando, os três sentados no banco da frente, com o banco de trás cheio de muamba. Subitamente, avistamos um carro da polícia dobrar a esquina, vindo em nossa direção. Passou por nós. Os guardas estavam apenas fazendo a ronda. Mas no instante seguinte, pelo espelho retrovisor, vimos o carro da polícia fazer a volta em U. Sabíamos que eles iam nos fazer sinal para pararmos. Ao passar, tinham visto que éramos negros e sabiam que negros não tinham o que fazer por ali àquela hora da noite.

Era uma situação crítica. Havia muitos assaltos em Boston naquela ocasião, pois havia muitas quadrilhas operando. Mas eu sabia que era raro o homem branco que podia sequer imaginar que um negro teria condições de enganá-lo. Antes que os guardas comessem a fazer sinal para que parássemos, eu disse a Rudy que encostasse no meio-fio. Fiz a mesma coisa que já tinha feito antes: saltei e acenei para o carro da polícia, avançando em sua direção. Quando eles pararam, eu estava encostado no carro. Perguntei, enrolando as palavras como um negro confuso, se podiam me informar como chegar a um determinado endereço em Roxbury. Os guardas deram a informação e todos fomos embora, cada um para o seu lado.

Estávamos indo muito bem. Ganhamos um bom dinheiro e ficamos de molho por algum tempo, gastando-o. Shorty ainda tocava com a sua banda. Rudy jamais deixava de atender aos chamados do seu velho nem de ser garçom em festas exclusivas, as mulheres mantinham a rotina de visita às casas.

Às vezes, eu ainda levava as mulheres aos lugares em que Shorty estava tocando, além de outros, gastando dinheiro como se fosse perder o valor. As mulheres saíam cobertas de jóias e peles, que escolhiam entre os produtos dos assaltos. Ninguém sabia qual era a nossa atividade marginal, mas era evidente para todos que estávamos indo muito bem. Havia ocasiões em que as mulheres iam se encontrar conosco no apartamento de Shorty, em Roxbury, ou no apartamento de Harvard Square, e ficávamos simplesmente puxando fumo e ouvindo música. É uma pena contar uma coisa assim de um homem, mas a verdade é

que Shorty estava tão obcecado pela garota branca que, quando as luzes estavam apagadas, ele abria a cortina para poder ver aquela carne branca à luz do lampião da rua.

Ao cair da noite, quando estávamos de molho entre trabalhos, eu ia frequentemente a um *nightclub* da Massachusetts Avenue, chamado Savoy. E Sophia invariavelmente me telefonava para lá. Mesmo quando estávamos trabalhando, eu partia de lá e depois voltava rapidamente, assim que o assalto estava concluído. O motivo para isso era que, se alguma vez fosse necessário, as pessoas poderiam testemunhar que tinham me visto no Savoy mais ou menos na hora em que o assalto fora realizado. Os negros interrogados pela polícia dificilmente podiam ser levados a fixar a hora exata de qualquer coisa.

Naquele tempo, Boston tinha dois detetives negros. Desde que eu voltara a Roxbury que um desses detetives, um camarada meio amulhado chamado Turner, não ia com a minha cara. E o sentimento era recíproco, diga-se de passagem. Ele espalhou o que faria comigo e prontamente espalhei uma resposta. Todo mundo sabia que eu andava armado. E ele tinha juízo bastante para saber que eu não hesitaria em usar uma arma... inclusive nele, fosse ou não detetive.

Num princípio de noite, eu estava no Savoy quando o telefone da cabina começou a tocar, na hora de sempre. E foi nesse momento que o detetive Turner entrou pela porta da frente. Ele me viu começar a levantar, percebeu que o telefonema era para mim e avançou rapidamente para a cabina, atendendo. Ouvi-o dizer, olhando diretamente para mim:

— Alô, alô, alô...

Eu tinha certeza de que Sophia, não querendo correr qualquer risco ao ouvir uma voz estranha, havia desligado.

— O telefonema não era para mim? — perguntei a Turner.

Ele disse que era.

— Então por que não me chamou?

Ele me deu uma resposta grosseira. Eu sabia que estava querendo me provocar, fazer com que eu agisse primeiro. Ambos estávamos sendo cautelosos. Ambos sabíamos que um queria matar o outro. Nenhum dos dois queria dizer a coisa errada. Turner não queria dizer nada que, repetido, pudesse deixá-lo mal. Eu não queria dizer nada que pudesse ser interpretado como uma ameaça a um tira.

Lembro nitidamente o que disse a ele, deliberadamente em voz alta o bastante para que algumas pessoas no bar pudessem ouvir:

— Acho que está tentando fazer história à minha custa, Turner. Sabe que se se meter comigo vai entrar para a história por ter-me tentado matar, não é mesmo?

Turner fitou-me em silêncio por algum tempo. E depois meteu o rabo entre as pernas. Passou por mim, sem dizer nada. Acho que ele não estava pronto para entrar na história.

Eu tinha chegado a um ponto em que estava pronto para vestir um paletó de madeira.

Uma das leis do mundo dos marginais é a de que todo criminoso sempre espera ser apanhado. Ele simplesmente tenta se esquivar ao inevitável por tanto tempo quanto puder.

As drogas me ajudavam a afastar o pensamento para o fundo da mente. Eram o próprio centro da minha vida. Chegara a um estágio em que consumia diariamente tantas drogas — cigarros de marijuana ou cocaína, muitas vezes as duas coisas — que me sentia acima de quaisquer preocupações, de quaisquer tensões. Se alguma preocupação conseguia abrir caminho à força até a superfície da minha consciência, eu podia fazê-la recuar para o lugar de onde tinha vindo até o dia seguinte e depois para o outro.

Mas enquanto antes eu era capaz de puxar fumo e aspirar *neve* sem deixar transparecer coisa alguma, agora já não era tão fácil assim.

Numa semana em que não estávamos trabalhando, depois de um trabalho que nos rendera uma boa grana, fiquei alto quase o tempo todo, indo de um bar a outro. Uma noite, entrei no Savoy e percebi que alguma coisa estava errada pela cara do *bartender* quando me disse:

— Oi, Red.

Mas não perguntei coisa alguma. Sempre tive essa regra: numa situação dessas, nunca pergunte nada a ninguém, pois a pessoa vai dizer o que está querendo que você saiba. Seja como for, o *bartender* não chegou a ter uma oportunidade de me dizer qualquer coisa, se é que pretendia fazê-lo. Quando sentei num tamborete e pedi um drinque, vi imediatamente o grupo.

Sophia e a irmã estavam sentadas a uma mesa, perto da pista de dança, em companhia de um homem branco.

Até hoje não sei como cometi um erro tão grande quanto o que fiz a seguir. Poderia ter conversado com Sophia depois. Não sabia nem me importava quem era o branco. Mas a cocaína que tinha tomado me fez levantar.

Não era o marido de Sophia, mas sim o maior amigo dele. Tinham servido juntos na guerra. Com o marido dela fora da cidade, ele convidara Sophia e a irmã a jantarem fora. Depois do jantar, ele subitamente sugerira que fossem ao gueto negro.

Todo negro que vive numa cidade grande americana já viu o tipo mil vezes; o branco racista das classes inferiores, que de vez em quando faz uma incursão pelo gueto, para se divertir um pouco com os “crioulos”.

As duas mulheres, bastante conhecidas nas casas negras de Roxbury, haviam tentado fazer com que ele mudasse de idéia. Mas o camarada insistira. Assim, com a respiração suspensa, elas haviam entrado ali, onde já tinham estado uma centena de vezes. Entraram empertigadas, olhando fixamente para os *bartenders* e garçons, que perceberam o recado e passaram a se comportar como se nunca as tivessem visto antes. E elas estavam agora sentadas ali à mesa, com drinques à sua frente, rezando para que nenhum negro que conheciam se aproximasse para falar-lhes.

Mas eu fui até a mesa. Não me lembro muito bem o que falei, mas sei que as chamei de “meu bem”. Elas ficaram extremamente pálidas, o camarada ficou vermelho que nem uma beterraba.

Naquela mesma noite, de volta ao apartamento na Harvard Square, passei mal de verdade. Não era tanto uma doença física, mas os últimos cinco anos da minha vida a desabarem em cima de mim. Estava de pijama, na cama, meio adormecido, quando ouvi alguém bater na porta.

Compreendi logo que algo estava errado. Todos nós tínhamos uma chave do apartamento. Ninguém jamais batia naquela porta. Tratei de me esconder debaixo da cama. Estava tão grogue que não me passou pela cabeça pegar a arma na cômoda.

Já debaixo da cama, ouvi uma chave girar na fechadura e vi sapatos e bairns de calça entrarem. Fiquei observando andarem ao redor. Vi-os parar. E cada vez que paravam, eu sabia para o que os olhos estavam olhando. E sabia também, antes mesmo que o camarada o fizesse, que ele ia se abaixar e olhar debaixo da cama. Não deu outra coisa. Era o amigo do marido de Sophia. O rosto dele ficou a dois palmos do meu. O cara pareceu ficar congelado.

— Ah! Ah! Ah! Eu o enganei direitinho, não é mesmo? — murmurei.

A situação nada tinha de engraçada. Saí de baixo da cama, ainda simulando um acesso de riso. Uma coisa devo dizer em favor dele: não correu. Deu dois passos para trás e ficou me olhando como se estivesse diante de uma cobra venenosa.

Não tentei ocultar o que ele já sabia. As mulheres tinham algumas coisas nos armários e espalhadas pelo resto do apartamento. Ele vira tudo. Chegamos mesmo a nos falar calmamente. Informei que Sophia e a irmã não estavam e ele foi embora. Mas o que me deixou mais abalado foi constatar que me havia encurralado debaixo da cama sem uma arma. Estava começando a descambar.

Eu tinha deixado um relógio roubado numa joalheria, para substituir o vidro quebrado. Quando fui buscar o relógio, dois dias depois, tudo desmoronou.

Como falei antes, uma arma fazia parte da minha vestimenta tanto quanto uma gravata. E eu estava com um revólver no coldre no ombro, por baixo do paletó.

Descobri mais tarde que o perdedor do relógio, ou seja, o cara de quem o tínhamos roubado, descrevera o conserto que estava precisando. Era um relógio muito caro e fora por isso que eu decidira guardá-lo para mim. E todos os joalheiros de Boston haviam sido alertados.

O judeu esperou que eu pagasse, antes de colocar o relógio em cima do balcão. Deu um sinal... e um camarada apareceu subitamente, dos fundos da loja, avançando em minha direção.

Estava com uma das mãos metida no bolso. Eu sabia que era um tira. Deu-me uma ordem:

— Passe para os fundos.

No momento em que eu me preparava para obedecer, um negro inocente entrou na joalheria. Lembro que mais tarde me disseram que ele tinha deixado o Exército naquele mesmo dia. O detetive, pensando que ele estivesse comigo, virou-se para falar-lhe.

Lá estava eu, armado, com o detetive de costas para mim, falando com o outro negro. Hoje, estou convencido de que Alá já estava comigo naquele tempo. Não tentei atirar no detetive. Foi o que me salvou a vida.

Lembro que o nome dele era Detetive Slack.

Levantei o braço e fiz um gesto para ele:

— Ei, pegue a minha arma!

Vi a cara dele quando pegou o revólver. Estava completamente aturdido. Por causa do súbito aparecimento do outro negro, não chegara a pensar na possibilidade de eu estar armado. E ficou impressionado pelo fato de eu não ter tentado matá-lo.

Segurando a minha arma, ele fez um sinal. E dois outros detetives saíram dos lugares em que estavam escondidos. Estavam me observando. Um movimento em falso e eu teria morrido.

Eu iria ter uma longa temporada na prisão para pensar em tudo isso.

Se eu não tivesse sido preso naquele momento, poderia ter sido morto. O amigo do marido de Sophia falara a meu respeito com o marido. E o marido, que voltara a Boston naquela manhã, fora ao apartamento da Harvard Square com uma arma, à minha procura. Estava no apartamento na hora em que me levaram para a delegacia.

Os detetives me interrogaram. Não me espancaram. Eu sabia que estavam agindo assim porque eu não tentara matar o detetive na joalheria.

Descobriram meu endereço em alguns documentos que estavam comigo. Sophia e a irmã foram presas. Agarraram Shorty naquela noite, quando ele estava tocando com a sua banda. As mulheres denunciaram Rudy também. Até hoje ainda não sei como Rudy descobriu o que estava acontecendo. Sei que ele deve ter apanhado a primeira condução que estava saindo de Boston e se mandou. Jamais conseguiram agarrá-lo.

Tenho pensado mais de mil vezes sobre como escapei da morte por um triz duas vezes naquele dia. É por isso que acredito que tudo está escrito.

Os tiras encontraram provas suficientes no apartamento, como casacos de pele, algumas jóias, miudezas diversas, além das ferramentas do nosso ofício, chave mestra, pé-de-cabra, cortadores de vidro, chaves de fenda, lanternas, gazuas... e o meu pequeno arsenal.

As duas mulheres tiveram uma fiança reduzida. Apesar de tudo, ladras ou não, eram brancas. No final das contas, o pior crime delas era o de terem se metido com negros. Mas a minha fiança e a de Shorty foi fixada em 10 mil dólares cada. Eles sabiam que jamais teríamos condições de levantar esse dinheiro.

Os agentes sociais caíram em cima de nós. A grande obsessão deles era o fato de mulheres brancas estarem associadas com negros. E Sophia e a irmã não eram as chamadas “vagabundas ordinárias”, mas sim brancas prósperas, da classe média superior. Isso perturbava os agentes sociais e as forças da lei mais do que qualquer outra coisa.

Como, onde e quando eu as conhecera? Tínhamos ido para a cama? Ninguém queria saber coisa alguma sobre os assaltos. Tudo o que os incomodava era o fato de termos tirado as mulheres do homem branco.

Eu me limitava a olhar para os agentes sociais e indagava:

— O que vocês acham?

Até mesmo os funcionários do tribunal não escondiam a sua revolta e dava para ouvi-los comentar:

— Mulheres brancas educadas... Esses malditos negros!

Até mesmo os advogados designados pelo tribunal para nos defenderem tiveram a mesma reação. Ao nos sentarmos para o julgamento, com guardas a nos vigiarem, eu disse a um advogado, antes do juiz entrar:

— Parece que vamos ser inapelavelmente condenados por causa das duas mulheres.

O advogado ficou todo vermelho, remexeu em seus documentos e murmurou:

— Vocês não tinham que se meter com mulheres brancas!

Mais tarde, quando descobri toda a verdade sobre o homem branco, pensei muitas vezes que a sentença comum para ladrões que eram primários, como nós, era invariavelmente em torno de dois anos. Mas nós não íamos pegar a sentença normal... não para o *nosso* crime.

Quero dizer, antes de continuar, que nunca antes contei a ninguém o meu sórdido passado em detalhes. E não estou contando agora para dar a impressão de que posso estar orgulhoso de como era terrível e mau.

Mas as pessoas estão sempre especulando. Por que sou como sou? Para compreender isso, de qualquer pessoa, é preciso analisar toda a sua vida, desde o nascimento. Todas as experiências se fundem em nossa personalidade. Tudo o que nos acontece é um ingrediente

Hoje, quando tudo o que eu faço tem um objetivo e muita urgência, não passaria sequer uma hora nos preparativos de um livro que tivesse apenas a ambição de talvez agradar a alguns leitores. Mas estou gastando muitas horas porque a história completa é a melhor maneira que conheço para que todos possam saber e compreender que eu tinha afundado até o fundo do poço da sociedade do homem branco americano quando, na prisão, encontrei Alá e a religião do Islã, transformando completamente a minha vida.

Capítulo Dez

SATÃ

Shorty não sabia o que significava “concomitantemente”.

A velha mãe de Shorty conseguiu de alguma maneira arrumar o dinheiro para a passagem de ônibus de Lansing para Boston. Visitando-o constantemente na cadeia, enquanto esperávamos o julgamento, ela lhe dizia, a todo momento:

— Filho, leia o Livro das Revelações e reze a Deus!

Shorty passou a ler essa parte da Bíblia (o Livro do Apocalipse). Chegou mesmo a um ponto em que volta e meia ficava de joelhos, rezando como algum diácono batista negro.

Finalmente fomos julgados e chegou o momento de ouvirmos a sentença, no Tribunal do Condado de Middlesex (creio que 14 das nossas acusações eram por crimes cometidos nesse condado). A mãe de Shorty estava soluçando, abaixando e levantando a cabeça para o seu Jesus, sentada perto de Ella e Reginald. Shorty foi o primeiro a receber a ordem de ficar de pé para ouvir a sentença.

— Acusação um, de oito a dez anos...

— Acusação dois, de oito a dez anos...

— Acusação três...

E finalmente o juiz declarou:

— As sentenças serão cumpridas concomitantemente.

Shorty, suando tanto que o rosto preto parecia estar coberto de vaselina e sem compreender o que significava “concomitantemente”, havia somado mentalmente as sentenças e chegara à conclusão de que teria de passar mais de cem anos na prisão. Começou a chorar desesperadamente, as pernas bambas. Os guardas tiveram que se adiantar para ampará-lo.

Em oito a dez segundos, Shorty se tornara tão ateu quanto eu fora desde o início.

Peguei dez anos de prisão.

As mulheres pegaram de um a cinco anos, no Reformatório Feminino, em Framingham, Massachusetts.

Era o mês de fevereiro de 1946. Eu ainda não havia completado 21 anos. Nem mesmo começara a me barbear.

Levaram-me e a Shorty, algemados juntos, para a Penitenciária Estadual de Charlestown.

Não me lembro de nenhum dos números que tive na prisão. O que parece surpreendente, mesmo depois da dúzia de anos que já transcorreu desde que saí da prisão. É que o número na prisão torna-se uma parte da gente. Nunca se ouve o próprio nome na prisão, apenas o número. Em todas as roupas, em todas as coisas do preso, lá está o número, gravado. Ficava gravado até no cérebro.

Qualquer pessoa que alega ter sentimentos profundos pelos outros seres humanos deve pensar muito tempo, mas muito tempo mesmo, antes de mandar outras pessoas para trás das grades, enjauladas. Não estou querendo dizer que não deve haver prisões, mas sim que não deve haver grades. Por trás das grades, um homem nunca se reforma. Jamais esquece. Nunca vai conseguir se livrar totalmente da recordação das grades.

Ao sair da prisão, a mente tenta apagar a experiência. Mas não é possível. Tenho conversado com muitos homens que já estiveram na prisão. Sempre achei interessante verificar que muitos detalhes dos anos na prisão foram inteiramente apagados de nossas mentes. Mas, em todos os casos, pode-se descobrir uma coisa: um ex-presos jamais consegue esquecer as grades.

Como um *peixe* (a gíria da prisão para indicar um novo preso) em Charlestown, senti-me fisicamente desesperado e hostil como uma cobra venenosa, por ficar subitamente privado das drogas. As celas não tinham água corrente. A prisão fora construída em 1805, nos tempos de Napoleão, e ainda tinha o mesmo estilo da Bastilha. Na cela suja e pequena, eu podia deitar no catre e encostar as mãos nas duas paredes. O banheiro era um balde coberto. Por mais forte que um camarada seja, não dá para agüentar o cheiro das fezes de uma ala de prisão.

O psicólogo da prisão entrevistou-me e ouviu todos os insultos e palavrões de que pude me lembrar. O capelão da prisão recebeu uma enxurrada de palavrões ainda pior. Lembro que a primeira carta que recebi foi do meu irmão religioso Philbert, que vivia em Detroit, dizendo que sua igreja ia rezar por mim. Escrevi uma resposta de que me sinto envergonhado só de pensar hoje em dia.

Ella foi a primeira visita. Lembro de ter percebido que ela fez um tremendo esforço para se controlar e tentar me sorrir, vindo-me no macacão desbotado ordinário, com um número no peito. Nenhum de nós dois conseguia encontrar muita coisa para dizer, a um ponto tal em que cheguei a desejar que ela não tivesse vindo. Os guardas com espingardas vigiavam cerca de 50 presos e visitantes. Muitas vezes, ouvi dezenas de novos presos jurando em suas celas que a primeira coisa que fariam, ao sair, seria toçaiar aqueles guardas da sala de visitas. Todo o ódio que sentíamos geralmente se concentrava neles.

A primeira vez que fiquei alto em Charlestown foi com noz-moscada. Meu companheiro de cela era um entre pelo menos uma centena de viciados em noz-moscada, que compravam, por dinheiro ou cigarros, dos presos que trabalhavam na cozinha, caixas de fósforos cheias de noz-moscada roubada. Arrumei uma caixa como se fosse meio

quilo de drogas fortes. Remexida num copo de água gelada, uma caixa de fósforo de noz-moscada tem o mesmo efeito de três ou quatro cigarros de marijuana.

Com algum dinheiro enviado por Ella, pude finalmente conseguir coisas melhores dos guardas da prisão. Arrumei baseados, Nembutal, benzedrina. Contrabandear coisas para os presos era a atividade paralela dos guardas; qualquer homem que já esteve preso sabe que é assim que os guardas ganham a maior parte do seu sustento.

Passei um total de sete anos na prisão. Agora, quando tento separar aquele primeiro ano e um pouco que passei em Charlestown, tudo se mistura numa recordação de noz-moscada e outras semidrogas, de xingar os guardas, lançar coisas para fora da cela, furar filas, deixar a bandeja cair no chão no refeitório, recusar a responder a meu número na chamada, alegando que havia esquecido, e coisas assim.

Eu preferia a solitária que esse comportamento invariavelmente me acarretava. Ficava andando de um lado para outro durante horas, como um leopardo enjaulado, a praguejar furiosamente para mim mesmo. Meus alvos prediletos eram a Bíblia e Deus. Havia um limite legal para o tempo em que se podia manter um preso na solitária. Chegou um momento em que os homens naquela ala da prisão arrumaram um apelido para mim: *Satã*. Por causa da minha atitude anti-religiosa.

O primeiro homem que conheci na prisão e que me causou uma impressão positiva, qualquer que tenha sido, foi outro preso, *Bimbi*. Conheci-o em 1947, em Charlestown. Era um negro de pele clara, meio avermelhado, como eu. Tinha a minha altura e era cheio de sardas. *Bimbi* era um assaltante veterano e já estivera em muitas prisões. Na oficina de fabricação de placas de carros, onde nossa turma trabalhava, *Bimbi* operava a máquina que gravava os números. Eu trabalhava ao lado da correia transportadora, onde os números eram pintados.

Bimbi foi o primeiro preso negro que conheci que não reagia às provocações. Muitas vezes, depois que terminávamos a nossa cota de placas diárias, ficávamos sentados em torno de *Bimbi*, escutando-o falar. Havia sempre umas 15 pessoas, daí para cima. Normalmente, os prisioneiros brancos não estavam interessados em escutar as opiniões dos prisioneiros negros sobre qualquer coisa que fosse. Mas até mesmo os guardas de vez em quando chegavam perto para ouvir *Bimbi* discorrer sobre qualquer assunto.

As pessoas concentravam toda a sua atenção nele, muitas vezes absorvidas por assuntos sobre os quais ninguém normalmente pensaria. *Bimbi* nos provava, com base em seus conhecimentos da ciência do comportamento humano, que a única diferença entre nós e os homens que estavam lá fora era a de que havíamos sido apanhados. Ele gostava muito de falar sobre acontecimentos e vultos históricos. Quando falava sobre a história de Concord, para onde eu seria posteriormente transferido, era de se pensar que havia sido contratado pela Câmara de Comércio local. É possível garantir que não fui o primeiro preso que nunca tinha ouvido falar de Thoreau até o momento em que *Bimbi* se referiu a ele. *Bimbi*

era conhecido como o melhor freguês da biblioteca da prisão. O que mais me fascinava nele era o fato de ser o primeiro homem que eu conheci que impunha um respeito total... com suas palavras.

Bimbi raramente se dirigia especificamente a mim. Era meio ríspido com os indivíduos, mas eu sentia que ele ia com a minha cara. O que me levou a procurar sua amizade foi ouvi-lo discutir religião. Eu me considerava além do ateísmo, era o próprio *Satã*. Mas *Bimbi* apresentou a filosofia atéia dentro de uma estrutura, por assim dizer. O que acabou com os meus violentos acessos de blasfêmias. Meus ataques pareciam débeis em comparação com as coisas que *Bimbi* dizia... e ele jamais usava uma palavra mais pesada.

Um dia, sem mais nem menos, *Bimbi* me disse, quando cruzei em seu caminho, que eu era um cara que tinha miolos, desde que aprendesse a usá-los. Eu queria a amizade dele, mas não aquele tipo de conselho. Se fosse outro preso, eu poderia tê-lo xingado; mas ninguém xingava *Bimbi*. Ele me disse que eu deveria tirar proveito dos cursos por correspondência que nos permitiam e da biblioteca da prisão.

Quando eu terminara o oitavo ano, em Mason, Michigan, fora a última vez em que pensara em estudar alguma coisa que não tivesse por objetivo uma atividade marginal e ilegal. E as ruas haviam apagado tudo o que eu aprendera na escola, a um ponto tal em que não sabia mais distinguir um verbo de uma casa. Minha irmã *Hilda* sugerira-me numa carta que, se fosse possível, eu deveria estudar na prisão inglês e caligrafia; ela mal conseguira decifrar alguns cartões-postais que eu lhe enviara quando estava vendendo baseados às bandas em excursão.

Assim, sentindo que tinha tempo disponível suficiente, comecei um curso de inglês por correspondência. Quando as listas mimeografadas dos livros disponíveis na biblioteca da prisão passavam de cela em cela, eu escrevia meu número ao lado dos títulos que me atraíam e que ainda não haviam sido pedidos.

Através dos exercícios e lições do curso por correspondência, fui gradativamente me recordando de todas as regras gramaticais que aprendera na escola.

Cerca de um ano depois, eu já era capaz de escrever uma carta decente e legível. Também nessa ocasião, influenciado por ter ouvido *Bimbi* explicar as derivações de palavras, iniciei outro curso por correspondência... de latim.

Também sob a tutela de *Bimbi*, eu me iniciara em algumas das batotas na prisão. Apostando maços de cigarro, eu era capaz de derrotar qualquer um no dominó. Sempre tinha vários pacotes na minha cela. Na prisão, os cigarros constituíam um meio de troca quase tão valioso quanto o dinheiro. Eu apostava cigarros e dinheiro em quase todas as lutas de boxe e partidas de beisebol. Jamais esquecerei a sensação que houve na prisão em abril de 1947, quando *Jackie Robinson* foi contratado para jogar pelos *Dodgers* de Brooklyn. Naquela ocasião, *Jackie Robinson* não tinha um admirador mais fanático do que

eu. Quando ele jogava, eu ficava de ouvido grudado no rádio e não terminava uma partida sem que eu tivesse calculado meticulosamente a sua média de pontos.

Um dia, em 1948, depois que eu havia sido transferido para a Penitenciária de Concord, meu irmão Philbert, que estava sempre aderindo a alguma coisa, escreveu para dizer que, desta vez, descobrira a “religião natural para o homem preto”. Ele pertencia agora a alguma coisa chamada “a Nação do Islã”. Disse que eu deveria rezar a Alá por salvação. Escrevi em resposta uma carta que, embora num inglês melhor, era pior do que a que enviara anteriormente, quando Philbert me comunicara que a sua igreja da “santidade” estava rezando por mim.

Ao receber uma carta de Reginald, nunca me passou pela cabeça associá-la com a de Philbert. É verdade que eu sabia que Reginald estava passando muito tempo em Detroit, com Wilfred, Hilda e Philbert. A carta de Reginald continha muitas notícias e também uma instrução para mim: “Malcolm, não coma mais carne de porco e pare de fumar. Eu lhe mostrarei como sair da prisão.”

Minha reação automática foi a de pensar que Reginald encontrara algum meio pelo qual eu poderia dar um golpe em cima das autoridades penais. Fui dormir — e acordei — tentando imaginar que tipo de golpe poderia ser. Seria algo psicológico, aproveitando o ato que eu encenara na junta de recrutamento em Nova York? Será que eu poderia, depois de passar algum tempo sem comer carne de porco nem fumar, alegar que tinha algum problema físico que me valesse a liberdade?

“Sair da prisão...” As palavras pairavam no ar ao meu redor. Eu queria desesperadamente sair.

Senti vontade de conversar a respeito com Bimbi. Mas algum instinto muito forte me disse que não devia falar com ninguém.

Parar de fumar não ia ser muito difícil. Eu já tinha sido condicionado pelos muitos dias na solitária sem cigarros. Qualquer que fosse a chance de que Reginald falara na carta, eu não ia querer perdê-la. Depois de ler a carta, terminei o maço que já tinha aberto. E desde então, desde aquele dia em 1948, até hoje nunca mais fumei outro cigarro.

Três ou quatro dias depois é que serviram carne de porco na hora do almoço.

Eu nem mesmo estava pensando em carne de porco quando me sentei à mesa comprida. Sentar-servir-engolir-levantar-sair, era essa a etiqueta das refeições na prisão. Quando a travessa de carne me foi passada, eu nem mesmo sabia que carne era; geralmente, não se podia mesmo saber qual era. Mas, subitamente, tive a sensação de que as palavras *não coma carne de porco* surgiram numa tela à minha frente.

Hesitei, com a travessa em pleno ar. Depois, passei-a ao preso que estava ao meu lado, esperando. Ele começou a servir-se; parou, abruptamente. Lembro que ele se virou para me olhar, com uma cara espantada. E eu lhe disse:

— Não como carne de porco.

A travessa continuou a avançar ao longo da mesa.

A reação foi muito engraçada. A notícia se espalhou rapidamente. Na prisão, onde bem poucas coisas quebram a rotina monótona, os menores incidentes provocam uma tempestade de conversas. Naquela noite, em toda a ala onde ficava minha cela, não havia quem não estivesse comentando que Satã não comia carne de porco.

O que me deixou muito orgulhoso, de uma estranha maneira. Uma das imagens universais do negro, tanto na prisão como fora, era a de que não podia passar sem carne de porco. Fez-me bem constatar que o fato de eu não comer a carne deixara espantados especialmente os presos brancos.

Mais tarde, quando li e estudei o Islã, descobri que inconscientemente manifestara minha primeira submissão pré-islâmica. Eu havia experimentado, pela primeira vez, o ensinamento muçulmano: “Se você der um passo na direção de Alá, Alá dará dois passos em sua direção.”

Meus irmãos e irmãs, em Detroit e Chicago, já haviam se convertido ao que lhes era anunciado como a “religião natural para o homem preto”, da qual Philbert falara em sua carta. Todos rezavam para que eu me convertesse enquanto estava na prisão. Depois que Philbert informou-os da minha resposta violenta, eles começaram a discutir qual era a melhor coisa a fazer. Decidiram que Reginald, o último convertido, a quem eu me sentia mais ligado, saberia como encontrar o caminho certo, já que me conhecia tão bem.

Independentemente de tudo isso, minha irmã Ella estava trabalhando incansavelmente para providenciar minha transferência para a Prisão-Colônia em Norfolk, Massachusetts, que era uma prisão de reabilitação experimental. Em outras prisões, os presos freqüentemente comentavam que quem tinha o dinheiro ou as ligações certas podia ser transferido para essa Colônia, cujas políticas penais pareciam quase boas demais para serem verdadeiras. Os esforços de Ella em meu favor acabaram dando certo. Ao final de 1948, fui transferido para Norfolk.

Comparativamente, a Colônia era um paraíso, sob muitos aspectos. Tinha vasos sanitários com descarga. Não havia grades, apenas muros... e dentro dos muros tinha-se muito mais liberdade. Havia bastante ar fresco para se respirar. Não ficava na cidade.

Havia 24 unidades que eram chamadas de “casas”, com 50 homens vivendo em cada uma, se a memória me serve corretamente. Isso significava que a Colônia tinha um total aproximado de 1.200 presos. Cada “casa” tinha três andares e cada preso tinha o seu próprio quarto, o que era para nós a maior das bênçãos.

Cerca de 15 por cento dos presos eram negros, distribuídos numa proporção de cinco a nove negros em cada casa.

A Prisão-Colônia de Norfolk era a forma mais esclarecida de prisão que já conheci. Em vez do ambiente de intrigas maldosas, perversões, subornos, guardas odiosos, havia mais uma “cultura” relativa, como se entende “cultura” nas prisões. Uma alta porcentagem dos presos da

Prisão-Colônia de Norfolk se dedicava a coisas “intelectuais”, discussões em grupo, debates e assim por diante. Os instrutores dos programas educacionais de reabilitação vinham de Harvard, Universidade de Boston, e de outras instituições importantes da região. Os regulamentos sobre as visitas, muito mais tolerantes que nas outras prisões, permitiam visitantes quase todos os dias, podendo ficar por duas horas. Tinha-se opção de ficar sentado ao lado da visita ou de frente.

A biblioteca da Prisão-Colônia de Norfolk era um dos seus elementos mais importantes. Um milionário chamado Parkhurst deixara a sua biblioteca para a prisão; provavelmente era um camarada que se interessava por programas de reabilitação. Histórias e religiões eram os interesses especiais dele. Milhares de seus livros enchiam as prateleiras. Nos fundos, havia caixas e caixotes com outros livros, pois não havia mais lugar nas prateleiras. Em Norfolk, podíamos entrar na biblioteca sem precisar de uma permissão especial, examinar as prateleiras, pegar qualquer livro. Havia centenas de volumes antigos, alguns dos quais provavelmente muito raros. Eu lia a esmo, até que aprendi a ler seletivamente, com um propósito definido.

Depois que fui transferido para a Prisão-Colônia de Norfolk, passei algum tempo sem receber notícias de Reginald. Mas cheguei lá sem fumar e sem comer carne de porco, quando era servida. Isso causou muito espanto entre os outros presos. Finalmente recebi uma carta de Reginald, informando quando iria visitar-me. A esta altura, eu estava na maior excitação, querendo saber qual era o golpe que ele ia me explicar.

Reginald sabia como funcionava a minha mentalidade de marginalidade da cidade grande. Foi por isso que o método que ele usou se mostrou tão eficaz.

Meu irmão sempre se vestira bem. E agora, ao ir me visitar, estava ainda impecavelmente arrumado. Eu estava morrendo de curiosidade sem saber a explicação para o “não coma carne de porco nem fume”. Mas ele pôs-se a falar sobre a família, o que estava acontecendo em Detroit, o que vira no Harlem na última vez em que lá estivera. A maneira espontânea como Reginald falava e se comportava me indicou que algo grande estava para vir.

Finalmente, como se a idéia tivesse acabado de lhe ocorrer, Reginald disse:

— Malcolm, se um homem soubesse tudo o que há para saber, quem seria ele?

No Harlem, ele sempre gostava de chegar a algum ponto pelo caminho indireto. Isso freqüentemente me irritava, porque sempre fui muito direto e objetivo.

— Ele teria de ser algum deus...

— Pois há um homem que sabe de tudo, Malcolm.

— E quem é ele?

— Deus é um homem — disse Reginald. — E seu verdadeiro nome é Alá.

Alá. Recordei a palavra da carta de Philbert; era o meu primeiro

indício de uma relação. Reginald continuou. Disse que Deus possuía 360 graus de conhecimento. Disse que os 360 graus representavam “a soma total de conhecimento”.

Dizer que eu estava confuso seria pouco. Não preciso recordar a quem está me lendo os antecedentes que me levaram a estar sentado naquele lugar, ouvindo meu irmão Reginald falar dessa maneira. Simplesmente fiquei escutando, convencido de que ele estava me preparando para alguma coisa grande. E se alguém está tentando metê-lo em algo grande, a gente não pode deixar de escutar.

— O demônio tem apenas 33 graus de conhecimento. É o que se conhece como Maçonaria. — Posso me recordar das frases exatas, já que mais tarde eu iria dizê-las para incontáveis pessoas. — O demônio usa a sua Maçonaria para dominar as pessoas.

Reginald me disse que esse Deus viera para a América e se apresentara a um homem chamado Elijah, “um homem preto, assim como nós”. Esse Deus comunicara a Elijah que o “tempo do demônio está acabado”.

Eu não sabia o que pensar e continuei a ouvir, sem fazer qualquer comentário.

— O demônio também é um homem — disse Reginald.

— Como assim?

Com um ligeiro movimento da cabeça, Reginald indicou alguns presos brancos e seus visitantes, que estavam conversando exatamente como nós, no outro lado da sala.

— São eles, Malcolm. O homem branco é o demônio.

Ele me disse que todos os homens brancos sabiam que eram demônios, “especialmente os maçons”.

Jamais esquecerei: minha mente involuntariamente recordou todos os brancos que eu conhecera, detendo-se por algum motivo em Hymie, o judeu, que sempre me tratara tão bem.

Algumas vezes, Reginald me acompanhava à fábrica clandestina de uísque em Long Island, onde comprávamos e engarrafávamos a bebida falsificada.

— Sem exceção? — perguntei.

— Sem nenhuma exceção.

— E o que me diz de Hymie?

— O que me diria se eu o deixasse ganhar 500 dólares para me fazer lucrar dez mil?

Depois que Reginald foi embora, fiquei pensando, pensando, pensando.

Não conseguia tirar aquela conversa da cabeça.

Os brancos que eu conhecera desfilaram diante do olho da mente. Desde o início da minha vida. Os brancos que trabalhavam para o governo sempre em nossa casa, depois que outros brancos que eu desconhecia tinham matado meu pai... os brancos que viviam chamando minha mãe de “louca” na cara dela, na minha frente e dos meus irmãos, até que ela finalmente fora levada por brancos para o sanatório

de Kalamazoo... o juiz branco e os outros que nos haviam separado... os Swerlins, os outros brancos de Mason... os brancos jovens que tinham sido meus colegas na escola e os professores, inclusive o que me dissera, quando eu estava no oitavo ano, que devia pensar em me tornar carpinteiro, pois a simples idéia de que um negro podia se tornar advogado era absurda demais...

Minha cabeça transbordava com o desfile de rostos brancos. Os brancos de Boston, nos bailes só para brancos do Roseland, onde eu lhes engraxava os sapatos... na Parker House, onde eu levava seus pratos sujos de volta para a cozinha... os brancos que eram funcionários e passageiros da estrada de ferro... Sophia...

Os brancos da cidade de Nova York, os guardas, os criminosos brancos com os quais eu tratara... os brancos que se amontoavam nas casas negras para saborearem uma pitada da *soul* negra... as mulheres brancas que queriam homens negros... os homens que eu guiava para as “especialidades sexuais” negras que eles estavam querendo...

O receptador branco na volta a Boston e seu representante que era um ex-condenado... os tiras de Boston... o amigo do marido de Sophia e o próprio marido, a quem eu nunca vira, mas sobre quem tanto sabia... a irmã de Sophia... o joalheiro judeu que ajudara a me agarrar... os agentes sociais... o pessoal do tribunal do Condado de Middlesex... o juiz que me condenara a dez anos... os outros prisioneiros que eu conhecera, os guardas, as autoridades...

Uma celebridade entre os presos da Prisão-Colônia de Norfolk era um camarada rico e mais velho, um paralítico chamado John. Tinha matado o filho, uma dessas mortes de “misericórdia”. Era um homem importante, orgulhoso, sempre recordando a todos que era um maçom do 33º e os poderes que os maçons tinham... que somente maçons já tinham sido Presidentes dos Estados Unidos, que os maçons em dificuldades podiam secretamente fazer sinais para juízes e outros maçons em posições de influência e poder.

Continuêi a pensar no que Reginald me dissera. E resolvi testar com John. Ele tinha um trabalho mole na escola da prisão. Fui até lá.

— John, quantos graus têm num círculo? — perguntei.

— Tem 360.

Desenhei um quadrado.

— E quantos graus têm nisso?

Ele disse que eram 360. Perguntei se 360 graus era o máximo de graus que havia em qualquer coisa.

— É, sim — respondeu John.

— Então por que os maçons vão apenas a 33 graus?

John não tinha uma resposta satisfatória. Para mim, no entanto, a resposta era de que a Maçonaria está a apenas 33 graus da religião do Islã, que é a projeção plena, para sempre negada aos maçons, embora eles saibam que existe.

Quando foi me visitar novamente, alguns dias depois, Reginald pôde avaliar por minha atitude o efeito que suas palavras haviam tido

em mim. Ele pareceu ficar extremamente satisfeito. Depois, muito sério, ele falou durante duas horas inteiras sobre “o demônio, que é o homem branco” e a “lavagem cerebral do homem preto”.

Quando Reginald foi embora, deixou-me abalado com alguns dos primeiros pensamentos sérios que eu já tivera na vida: que o homem branco estava perdendo rapidamente seu poder de oprimir e explorar o mundo negro; que o mundo negro estava começando a se elevar para dominar o mundo novamente, como já acontecera antes; que o mundo do homem branco estava a caminho do desmoronamento, a caminho da saída.

— Você nem mesmo sabe quem é — dissera Reginald. — E não sabe por que o demônio branco tem escondido de você o fato de que pertence a uma raça de grandes civilizações antigas, com muitas riquezas em ouro, reis fabulosos. Nem mesmo sabe o seu verdadeiro nome de família, não reconheceria a sua verdadeira língua se a ouvisse. O demônio branco isolou-o de todo o verdadeiro conhecimento da sua espécie. Tem sido uma vítima do mal do demônio branco desde que ele assassinou, violentou e roubou-o de sua terra natal, nas sementes dos seus antepassados...

Comecei a receber pelo menos duas cartas por dia dos meus irmãos e irmãs que estavam em Detroit. Meu irmão mais velho, Wilfred, também escreveu, assim como sua primeira mulher, Bertha, a mãe de seus dois filhos (depois da morte dela, Wilfred conheceu e casou com sua mulher atual, Ruth). Philbert escrevia, assim como minha irmã Hilda. E Reginald me visitava, passando algum tempo em Boston, antes de voltar para Detroit, onde se tornara o mais recente convertido da nossa família. Todos eram muçulmanos, seguidores de um homem que me descreviam como “O Honrado Elijah Muhammad”, um homem pequeno e gentil, a quem de vez em quando se referiam como “O Mensageiro de Alá”. Disseram que ele era “um homem preto, como nós”. Ele nascera na América, numa fazenda da Geórgia. Mudara-se com a família para Detroit e ali conhecera um certo Sr. Wallace D. Fard, que afirmava ser “Deus em pessoa”. O Sr. Wallace D. Fard transmitira a Elijah Muhammad a mensagem de Alá para os pretos que constituíam “a Nação Perdida-Encontrada do Islã aqui nesta selva da América do Norte”.

Todos me recomendavam que aceitasse “os ensinamentos do Honrado Elijah Muhammad”. Reginald explicou-me que a carne de porco não podia ser comida pelos que seguiam a religião do Islã e não fumar era uma regra dos adeptos do Honrado Elijah Muhammad, que não deviam admitir coisas prejudiciais a seus corpos, como tabaco, tóxicos e álcool. Eu lia e ouvia incessantemente uma frase:

— A chave para um muçulmano é a submissão, a sintonia com Alá.

O que eles classificavam como “o verdadeiro conhecimento do homem preto”, que era possuído pelos seguidores do Honrado Elijah Muhammad, foi assumindo forma para mim nas cartas compridas que me escreviam, algumas vezes acompanhadas por literatura impressa.

“O verdadeiro conhecimento”, aqui reconstituído muito mais sucintamente do que me foi explicado, era o de que a história havia sido “embranquecida” nos livros de história do homem branco e que o homem preto sofrera “uma lavagem cerebral por centenas de anos”. O Homem Original era preto, no continente chamado África, onde a raça humana surgira no planeta Terra.

O homem preto, o homem original, construíra grandes impérios, civilizações e culturas, enquanto o homem branco ainda estava vivendo de quatro em cavernas. “O demônio homem branco”, ao longo da história, movido por sua natureza demoníaca, saqueara, assassinara, violentara e explorara todas as raças de homens que não a branca.

O maior crime da história humana era o tráfico de carne preta, quando o demônio homem branco fora para a África, assassinara, seqüestrara, a fim de levar para o Ocidente, acorrentados, em navios negreiros, milhões de homens, mulheres e crianças pretos, que eram tratados, espancados e torturados como escravos.

O demônio homem branco isolava os pretos de todo e qualquer conhecimento de sua própria espécie, de todo e qualquer conhecimento de sua própria língua, religião e cultura passadas, até que o homem preto na América se tornara a única raça da Terra que não tinha absolutamente nenhum conhecimento de sua verdadeira identidade.

Em uma geração, as mulheres pretas escravas na América haviam sido estupradas pelo homem branco escravista, até que começara a emergir uma raça doméstica, criada pelo homem branco, submetida a uma lavagem cerebral, que nem mesmo era mais de sua verdadeira cor, que nem mesmo sabia mais os seus verdadeiros nomes de família. O senhor de escravos impunha o seu próprio nome de família a essa raça mista, nascida pelo estupro, a que ele passou a chamar de “o negro”.

Ensinavam a esse “negro” que sua África natal era povoada por selvagens pretos pagãos, que se balançavam das árvores como macacos. Esse “negro” aceitava essa alegação, assim como todas as outras alegações do senhor de escravos, visando a fazê-lo acatar, obedecer e idolatrar o homem branco.

Enquanto as religiões de todos os povos da terra falavam a seus crentes de um Deus com quem podiam se identificar, um Deus que pelo menos se parecia com um dos seus, o senhor de escravos inculcava sua religião “cristã” ao negro... O “negro” era ensinado a cultuar um Deus estranho, com os mesmos cabelos louros, pele clara e olhos azuis do senhor de escravos.

A religião ensinava ao “negro” que o preto era uma maldição. Ensinava-o a odiar tudo o que era preto, inclusive a si próprio. Ensinava que tudo que era branco era bom, devia ser admirado, respeitado e amado. O “negro” levava uma lavagem cerebral para pensar que seria superior se sua pele mostrasse mais da poluição branca do senhor de escravos. Essa religião cristã do homem branco iludiu e fez uma lavagem cerebral ainda maior do “negro”, levando-o sempre a virar a outra face, sorrir, a rastejar, se humilhar, cantar e rezar, aceitar tudo o que lhe era dado co-

mo lambujem pelo demônio homem branco; era ensinado a procurar o seu paraíso na vida depois da morte, enquanto aqui na terra o senhor de escravos homem branco desfrutava esse mesmo paraíso.

Mais de uma vez, tenho olhado para trás, procurando avaliar, para mim mesmo, quais as minhas primeiras reações a tudo isso. Cada instinto da selva do gueto, cada instinto da raposa furtiva e do lobo criminoso que havia em mim, o que me levaria a escarnecer e rejeitar tudo o mais, estava estranhamente entorpecido. Era como se toda essa vida simplesmente tivesse ficado para trás, sem qualquer efeito ou influência persistentes. Lembro como, algum tempo depois, lendo a Bíblia na biblioteca da Prisão-Colônia de Norfolk, encontrei o trecho, que li várias vezes, descrevendo como Paulo, a caminho de Damasco, ouve a voz de Cristo e fica tão perturbado que acaba caindo do cavalo, atordoado. Não me comparo agora nem me comparei naquela ocasião a Paulo, mas compreendo perfeitamente a experiência dele.

Apreendi desde então, ajudando-me a compreender o que começou a acontecer comigo naquela ocasião, que a verdade só pode ser rapidamente recebida pelo pecador que sabe e admite que é culpado de pecar muito. Em outras palavras: somente a culpa admite as verdades aceitas. A Bíblia novamente: as únicas pessoas às quais Jesus não podia ajudar eram os fariseus, pois eles não achavam que estivessem precisando de qualquer ajuda.

A própria enormidade da culpa da minha vida anterior preparou-me para aceitar a verdade.

Muitas semanas ainda iriam se passar antes que eu pensasse na aplicação direta e pessoal da verdade a mim mesmo, como um homem preto. Naquele momento, ainda era como uma luz ofuscante.

Reginald deixou Boston e voltou para Detroit. Eu ficava sentado no meu quarto a olhar para o espaço. Na mesa do refeitório, eu quase não comia, apenas bebia água. Quase passava fome. Os outros presos, preocupados, e os guardas, apreensivos, indagavam o que havia de errado comigo. Sugeriram que eu procurasse o médico, o que não fiz. O médico, avisado, foi me procurar. Não sei qual foi o diagnóstico dele, provavelmente o de que eu estava encenando alguma farsa.

Eu estava na verdade passando pela coisa mais árdua e também a maior que um ser humano pode enfrentar: aceitar o que já está dentro de si e ao seu redor.

Soube mais tarde que meus irmãos e irmãs em Detroit juntaram o dinheiro para que minha irmã Hilda fosse me visitar. Ela disse-me que o Honrado Elijah Muhammad iria a Detroit e ficaria hospedado na casa do nosso irmão Wilfred, que ficava na McKay Street. Hilda insistiu para que eu escrevesse para o Sr. Muhammad. Ele compreendia o que significava estar na prisão do homem branco, disse-me Hilda, porque saíra não fazia muito tempo da penitenciária federal em Milan, Michigan, onde passara cinco anos condenado por se recusar a aceitar a convocação militar.

Hilda disse que o Honrado Elijah Muhammad ia a Detroit para

reorganizar o seu Templo Número Um, que ficara desorganizado durante o tempo que ele passara na prisão. Mas ele vivia em Chicago, onde estava organizando e construindo o Templo Número Dois.

Foi Hilda quem me disse:

— Gostaria de saber como o homem branco chegou ao planeta Terra?

E ela me contou a lição básica dos ensinamentos do Sr. Elijah Muhammad, que aprendi mais tarde ser a demoniologia que toda religião possui, chamada a “História de Yacub”. Elijah Muhammad ensinava a seus seguidores que, primeiro, a Lua havia-se separado da Terra. Depois, surgiram os primeiros humanos, o Homem Original, eram homens pretos. Tinham fundado a Cidade Santa de Meca.

Entre essa raça preta, havia 24 sábios cientistas. Um dos cientistas, em disputa com os outros, criou a tribo preta especialmente forte de Shabbazz, da qual descendiam os chamados negros da América.

Há cerca de 6600 anos, quando 70 por cento das pessoas estavam satisfeitas e 30 por cento insatisfeitas, entre as insatisfeitas nasceu um certo “Sr. Yacub”. Ele nasceu para criar problemas, para acabar com a paz e para matar. Sua cabeça era anormalmente grande. Entrou para a escola quando tinha quatro anos de idade. Aos 18 anos, Yacub já tinha cursado todos os colégios e universidades de sua nação. Era conhecido como “o cientista de cabeça grande”. Entre muitas outras coisas, ele aprendera como procriar raças cientificamente.

Esse cientista de cabeça grande, Sr. Yacub, começou a pregar nas ruas de Meca, fazendo tantos convertidos que as autoridades, cada vez mais preocupadas, finalmente exilaram-no com 59.999 seguidores para a ilha de Patmos, descrita na Bíblia como a ilha em que João recebeu a mensagem contida no Livro do Apocalipse, do Novo Testamento.

Embora fosse um homem preto, o Sr. Yacub, agora amargurado com Alá, decidiu como vingança criar sobre a Terra uma raça demoníaca, uma raça de gente descorada, de homens brancos.

Por seus estudos, o cientista de cabeça grande sabia que os homens pretos possuíam dois germes, preto e pardo. Sabia também que o germe pardo permanecia adormecido, por ser o mais fraco, como o mais claro. O Sr. Yacub, para desequilibrar a lei da natureza, concebeu a idéia de usar o que hoje conhecemos como a estrutura de genes recessivos, a fim de separar os dois germes, preto e pardo, enxertando em seguida o germe pardo a estágios cada vez mais claros e fracos. Sabia que os humanos resultantes seriam, na medida em que se tornassem mais claros e fracos, progressivamente mais sujeitos ao mal. E dessa maneira ele finalmente alcançaria a tencionada raça branca descorada de demônios.

Ele sabia que precisaria de vários estágios de mudança de cor para passar do preto ao branco. O Sr. Yacub começou o seu trabalho instituindo uma lei eugênica na ilha de Patmos.

Entre os 59.999 seguidores inteiramente pretos do Sr. Yacub, cada terceiro filho que nascia apresentava algum vestígio de pardo. Quan-

do eles ficaram adultos, só se permitia o casamento de pardo com pardo ou de pardo com preto. Quando os filhos deles nasciam, a lei do Sr. Yacub determinava que, se a criança fosse preta, a enfermeira ou a parteira devia enfiar uma agulha em seu cérebro e entregar o corpo para cremação. As mães eram informadas que nascera um “bebê anjo”, que partira para o paraíso a fim de preparar o seu lugar lá.

Mas a mãe de uma criança parda era avisada de que devia tomar muito cuidado com seu filho.

O Sr. Yacub preparou assistentes para continuarem a trabalhar por seus objetivos. Ao morrer na ilha, aos 152 anos de idade, o Sr. Yacub deixou leis e regulamentos para que eles seguissem. Segundo os ensinamentos do Sr. Elijah Muhammad, o Sr. Yacub nunca viu, exceto em sua mente, a raça descorada demoníaca que criou com seus métodos, leis e regulamentos.

Foi preciso um prazo de 200 anos para eliminar da ilha de Patmos todas as pessoas pretas. Finalmente só havia pessoas pardas.

Os 200 anos seguintes foram necessários para passar da raça parda para a raça vermelha. Não restou mais nenhuma pessoa parda na ilha.

Em outros 200 anos, passou da raça vermelha para a raça amarela. E 200 anos depois a raça branca estava finalmente criada.

Na ilha de Patmos não havia mais ninguém além desses demônios louros, de pele clara, olhos azuis frios, selvagens, nus e desavergonhados. Cabeludos como animais, eles andavam de quatro e viviam nas árvores.

Mas 600 anos se passaram antes que essa raça de gente voltasse ao continente, onde viviam as pessoas pretas naturais.

O Sr. Elijah Muhammad ensina a seus seguidores que, no prazo de seis meses, através de mentiras que lançaram os homens pretos a guerrearem entre si, essa raça demoníaca transformara o que fora antes um paraíso pacífico na Terra num inferno abalado por conflitos e lutas.

Mas finalmente os homens pretos originais reconheceram que seus súbitos problemas derivavam daquela raça branca demoníaca que o Sr. Yacub tinha criado. Cercaram os homens brancos, acorrentaram-nos. Com pequenas tangas para cobrir sua nudez, a raça demoníaca foi levada através do deserto arábico para as cavernas da Europa.

A pele de cordeiro usada na Maçonaria hoje é simbólica de como a nudez do homem branco foi coberta quando ele foi acorrentado e levado pela areia quente.

O Sr. Elijah Muhammad ensina ainda que a raça branca demoníaca levou uma vida selvagem nas cavernas da Europa. Os animais tentaram matar o homem branco. Ele subiu nas árvores fora da cavernas, fez porretes, tentando proteger sua família das bestas selvagens que estavam querendo devorá-la.

Depois que essa raça demoníaca tinha passado dois mil anos nas cavernas, Alá criou Moisés para civilizá-la, tirá-la das cavernas. Esta-

va escrito que essa raça branca demoníaca dominaria o mundo por seis mil anos.

Os Livros de Moisés estão perdidos. É por isso que não se sabe que ele esteve nas cavernas.

Quando Moisés chegou, os primeiros desses demônios a aceitam seus ensinamentos, os primeiros que ele tirou das cavernas, foram os que hoje chamamos de judeus.

Segundo os ensinamentos dessa “História de Yacub”, quando a Bíblia diz “Moisés elevou a serpente no ermo”, a serpente representa a raça branca demoníaca que Moisés tirou das cavernas da Europa, ensinando-lhe a civilização.

Estava escrito que depois que a raça branca descorada de Yacub dominasse o mundo por seis mil anos, até os nossos tempos, a raça preta original daria nascimento àquele cuja sabedoria, conhecimento e poder seriam infinitos.

Estava escrito que algumas das pessoas pretas originais seriam levadas como escravas para a América do Norte, a fim de aprender a melhor compreender, em primeira mão, a verdadeira natureza do demônio branco nos tempos modernos.

Elijah Muhammad ensina que o maior e mais poderoso Deus que apareceu na terra foi Mestre W. D. Fard. Ele veio do Oriente para o Ocidente, aparecendo na América do Norte num momento em que a história e a profecia que estão escritas começavam a se consumir, com as pessoas não-brancas no mundo inteiro começando a se rebelar, com a civilização branca, demoníaca, condenada por Alá, começando a destruir-se, por sua própria natureza demoníaca.

Mestre W. D. Fard era meio preto e meio branco. Ele foi feito dessa maneira para que pudesse ser aceito pelo homem preto da América, ao mesmo tempo que podia passar despercebido do homem branco a fim de poder compreender e julgar o inimigo dos pretos.

Em 1931, quando passava por um vendedor de sedas em Detroit, Michigan, Mestre W. D. Fard conheceu Elijah Muhammad. Mestre W. D. Fard transmitiu a Elijah Muhammad a mensagem de Alá, a orientação divina de Alá, para salvar a Nação Perdida-Encontrada do Islã, os chamados negros, aqui “nesta região inculta da América do Norte”.

Minha irmã Hilda foi embora depois que terminou de me contar essa “História de Yacub”. Não sei se fui capaz de abrir a boca para me despedir.

Eu iria descobrir mais tarde que as histórias de Elijah Muhammad, como essa de “Yacub”, enfureciam os muçulmanos do Oriente. Quando estive em Meca, lembrei-lhes que a culpa era deles, pois não haviam feito o suficiente para tornar o verdadeiro Islã conhecido no Ocidente. O silêncio deles deixou um vácuo em que qualquer impostor religioso podia avançar e levar a nossa gente por caminhos errados.

Capítulo Onze

SALVO

Escrevi para Elijah Muhammad. Ele vivia em Chicago na ocasião, na South Michigan Avenue, 6116. Devo ter escrito pelo menos 25 vezes aquela primeira carta de uma página. Queria que fosse ao mesmo tempo legível e compreensível. Eu próprio quase não conseguia decifrar a minha letra; sinto vergonha só de lembrar. Minha ortografia e gramática eram péssimas. Mas da melhor maneira que pude, acabei despachando a carta, dizendo que ouvira falar a seu respeito por intermédio de meus irmãos e irmãs e pedindo desculpas pela maneira como escrevia.

O Sr. Muhammad enviou-me uma resposta datilografada. O efeito que teve sobre mim a assinatura do “Mensageiro de Alá” foi espetacular. Depois de dar-me as boas-vindas ao “verdadeiro conhecimento”, ele deu-me algo em que pensar. Disse que o prisioneiro preto simbolizava o crime da sociedade branca de manter homens pretos oprimidos, despojados de tudo e ignorantes, incapazes de conseguirem empregos decentes, o que os transformava em criminosos.

Disse-me que tivesse coragem. Até mesmo enviou-me dinheiro, uma nota de cinco dólares. O Sr. Muhammad manda dinheiro para prisioneiros que lhe escrevem de todo o país, provavelmente até hoje.

Minha família escrevia-me regularmente: “Volte-se para Alá... reze para o Oriente.”

O teste mais difícil que já enfrentei na vida foi rezar. Tenho certeza de que todos podem compreender. Compreender e acreditar nos ensinamentos do Sr. Muhammad exigia apenas que minha mente me dissesse: “Mas é isso mesmo!” ou “Eu nunca tinha pensado nisso!”

Mas curvar meus joelhos para rezar — esse ato — exigiu-me pelo menos uma semana.

Já descobriram como tinha sido minha vida. Pegar uma gazua para arrombar a casa de alguém era a única ocasião em que meus joelhos antes se dobravam.

Eu tinha de fazer um tremendo esforço para dobrar os joelhos. E ondas de vergonha e constrangimento me forçavam a ficar em pé novamente.

Para o mau, dobrar os joelhos, admitir sua culpa, implorar o perdão de Deus, é a coisa mais difícil do mundo. É fácil para mim com-

prender e dizer isso agora. Mas naquela ocasião, quando eu era a personificação do mal, a coisa foi terrível. Vezes sem conta, eu me forçava a ficar na postura da prece a Alá. Quando finalmente consegui assumi-la sem me erguer imediatamente... descobri que não sabia o que dizer a Alá.

Durante os anos seguintes, fui a coisa mais próxima de um eremita na Prisão-Colônia de Norfolk. Nunca estive mais ocupado em toda a minha vida. Ainda me espanto o quão rapidamente meu padrão de pensamento da vida que levava anteriormente deslizou para fora da minha mente, como a neve de um telhado. Era como se alguma outra pessoa que eu conheci é que tivesse levado aquela vida de marginal, vivendo do crime. Volta e meia eu me surpreendia a pensar de uma maneira remota no meu eu anterior como se fosse outra pessoa.

Não conseguia expressar direito as coisas que sentia na carta de uma página que enviava diariamente para o Sr. Elijah Muhammad. E escrevia pelo menos mais uma carta por dia, respondendo às cartas de meus irmãos e irmãs. Cada carta que eu recebia deles acrescentava alguma coisa ao meu conhecimento dos ensinamentos do Sr. Muhammad. Eu ficava sentado por horas a fio, examinando as fotografias dele.

Nunca fui muito dado à inação. Sempre fui de fazer alguma coisa em relação a tudo o que sentia intensamente. Acho que foi por isso, porque eu era incapaz de ficar sem fazer nada, que comecei a escrever para pessoas que tinha conhecido no mundo dos marginais, como Sammy o Cafetão, John Hughes, o dono da casa de jogo, o ladrão Jumpsteady e diversos traficantes de tóxicos. Nas cartas dizia-lhes tudo o que sabia a respeito de Alá, do Islã e do Sr. Elijah Muhammad. E enviava as cartas aos cuidados dos bares do Harlem ou Roxbury em que os conhecia.

Nunca recebi uma única resposta. O marginal e criminoso comum era analfabeto demais para escrever uma carta. Já conheci muitos vigaristas maneirosos, de olhar altivo, que dão até a impressão de que têm algum interesse em Wall Street. Em particular, porém, eles precisam arrumar alguém para ler uma carta, se a recebem. Além do mais, eu também não teria respondido a alguém que me escrevesse dizendo uma coisa tão esdrúxula como "o homem branco é o demônio".

O que certamente estava sendo falado no Harlem e Roxbury é que Detroit Red estava ficando louco na prisão ou então tentando dar algum golpe nas autoridades penitenciárias.

Durante os anos que passei na Prisão-Colônia de Norfolk nunca alguma autoridade me falou diretamente sobre essas cartas, embora todas passassem pela censura da prisão. Mas tenho certeza de que vigiavam tudo o que eu escrevia, para acrescentar às fichas que todas as prisões estaduais e federais mantêm, sobre a conversão de prisioneiros negros aos ensinamentos do Sr. Elijah Muhammad.

Naquela ocasião, porém, eu achava que a verdadeira razão era o fato de o homem branco saber que era mesmo o demônio.

Mais tarde, cheguei mesmo a escrever para o Prefeito de Boston,

Governador de Massachusetts e Harry S. Truman. Eles nunca responderam; provavelmente nem viram as minhas cartas. Escrevi para dizer como a sociedade do homem branco era responsável pelas condições do homem preto na selva que era a América do Norte.

Foi por causa dessas cartas que fui forçado a começar a adquirir alguma instrução improvisada.

Fui ficando cada vez mais frustrado por não conseguir expressar o que desejava transmitir nas cartas que escrevia, especialmente as que mandava para o Sr. Elijah Muhammad. Nas ruas, eu havia sido o marginal mais articulado que se podia imaginar, atraindo a atenção de todo mundo sempre que dizia alguma coisa. Mas agora, tentando escrever em simples inglês, eu não apenas não era articulado, como nem mesmo conseguia ser funcional. Como eu podia escrever em gíria, da maneira como falava, para dizer algo como "Escuta aqui, meu velho, deixa eu meter seu casaco num gato, Elijah Muhammad"?

Muitos dos que me ouvem hoje pessoalmente, em algum lugar, ou através da televisão, muitos dos que lêem alguma coisa do que falei, certamente pensam que estudei muito além do oitavo ano. Essa impressão é decorrente exclusivamente dos meus estudos na prisão.

Eu tinha começado realmente na prisão em Charlestown, quando Bimbi me despertou inveja do seu estoque de conhecimentos. Bimbi sempre tomava conta de qualquer conversa de que participasse e eu tentava imitá-lo. Mas cada livro que eu pegava tinha algumas frases que não conseguia absolutamente entender. Para mim, aquelas palavras eram como se estivessem escritas em chinês. É claro que, depois de pular essas frases, eu ficava sem entender direito o que o livro estava querendo dizer. Ao chegar à Prisão-Colônia de Norfolk, eu ainda tinha o hábito de pegar livros para ler. Mas continuava a ler do mesmo jeito que antes, sem entender nada direito. E assim teria continuado se não fosse a motivação muito forte que tive.

Cheguei à conclusão de que a melhor coisa que podia fazer era arrumar um dicionário, a fim de estudar, de aprender algumas palavras. Tive sorte também ao raciocinar que precisava igualmente melhorar a caligrafia. A minha era terrível. Nem mesmo conseguia escrever em linha reta. As duas idéias juntas é que me levaram a pedir um dicionário, assim como alguns cadernos e lápis, na escola da Prisão-Colônia de Norfolk.

Passei dois dias apenas folheando as páginas do dicionário, indeciso. Nunca imaginara que existissem tantas palavras! Não sabia *quais* as palavras que precisava aprender. Finalmente, só para iniciar alguma ação, comecei a copiar.

Lentamente, com a maior dificuldade, nos meus garranchos, copieei num caderno tudo o que estava impresso na primeira página do dicionário, até os sinais de pontuação.

Creio que levei um dia inteiro. Depois, em voz alta, li para mim mesmo tudo o que havia escrito. E li repetidas vezes.

Acordei na manhã seguinte pensando naquelas palavras, imensa-

mente orgulhoso por compreender que não apenas escrevera tanto de uma só vez, mas também escrevera palavras que nunca antes pensara que existissem no mundo. Além disso, com um pouco de esforço, eu podia lembrar o que muitas dessas palavras significavam. Repassei as palavras cujo significado me escapava. Uma coisa engraçada: neste momento, a palavra que me surge à mente, daquela primeira página de dicionário, é *aardvark* (uma espécie de porco africano). O dicionário tinha uma fotografia do bicho, de rabo comprido, orelhas compridas, um mamífero africano, que vive de térmitas, pegando-as com a língua como os tamanduás fazem com as formigas.

Fiquei tão fascinado que segui em frente, copiando a página seguinte do dicionário. A mesma experiência ocorreu quando a estudei. A cada página subsequente, eu aprendia mais alguma coisa de pessoas, lugares e ocorrências da história. Na verdade, o dicionário é como uma enciclopédia em miniatura. Acabei finalmente de copiar toda a letra A do dicionário, ocupando um caderno inteiro. Passei para a letra B. Foi assim que comecei a copiar o que acabaria sendo todo o dicionário. Passei a avançar muito mais depressa depois que alguma prática ajudou-me a escrever mais rapidamente. Entre o que escrevia nos cadernos e as cartas que enviava, acho que escrevi cerca de um milhão de palavras, durante o resto do tempo que passei na prisão.

Suponho que era inevitável que, na medida em que se ampliou o meu conhecimento de palavras, eu pudesse pela primeira vez pegar um livro, ler todo e começar a compreender o que estava querendo dizer. Qualquer pessoa que lê muito pode imaginar o mundo novo que isso me abriu. Deixei-me dizer uma coisa: a partir dessa ocasião e até o momento em que deixei a prisão, eu aproveitava todo e qualquer momento livre de que dispunha para ler, na biblioteca ou no meu quarto. Nem à força podiam me afastar dos livros. Entre os ensinamentos do Sr. Muhammad, a correspondência, as visitas — geralmente de Ella e Reginald — e a leitura de livros, os meses foram passando sem que eu sequer pensasse que estava preso. Para dizer a verdade, até aquele momento eu nunca fora tão verdadeiramente livre.

A biblioteca da Prisão-Colônia de Norfolk ficava no prédio da escola. Diversos cursos eram ensinados ali, por instrutores que vinham de lugares como as universidades de Harvard e Boston. Os debates semanais entre grupos de prisioneiros eram também realizados no prédio da escola. Qualquer um ficaria espantado ao descobrir como eram animados os debates entre os presos e como a audiência acompanhava atentamente, em temas como “Deve-se Dar Leite aos Bebês?”.

Nas prateleiras da biblioteca podiam-se encontrar livros praticamente sobre qualquer assunto, de caráter geral. Uma parte considerável da imensa coleção particular que Parkhurst legara à prisão ainda estava em caixas nos fundos da biblioteca. Eram milhares de livros antigos. Alguns pareciam mesmo muito velhos, com as páginas amareladas, as encadernações antigas parecendo pergaminho. Parkhurst, como já mencionei, parecia ter tido um interesse especial por história e religião. Dispunha

do dinheiro e da autoridade para possuir uma porção de livros que não se encontravam normalmente nas livrarias. Qualquer biblioteca de universidade ficaria na maior satisfação em obter aquela coleção.

Como se pode imaginar, especialmente numa prisão em que a ênfase maior era na reabilitação, qualquer preso que demonstrasse um interesse intenso por livros não podia deixar de ser encarado com a maior simpatia. Havia um número considerável de presos que liam muito, especialmente entre os debatedores mais populares. Alguns eram apontados como verdadeiras enciclopédias ambulantes. Eram quase celebridades. Tenho certeza de que nenhuma universidade exigiria de qualquer estudante que devorasse tantos livros como fiz quando esse mundo novo se abriu para mim, quando descobri que podia ler e *compreender*.

Eu lia mais no meu quarto do que na biblioteca. Um preso que se sabia ler muito podia pegar mais do que o número máximo de livros permitido. Eu preferia ler no isolamento total do meu quarto.

Quando progredi para a leitura de coisas realmente sérias, ficava profundamente irritado todas as noites, por volta das 10 horas, com o aviso de “todas as luzes apagadas”. Tinha a impressão de que as luzes sempre se apagavam justamente no momento em que eu estava no meio de um trecho absorvente.

Felizmente, havia uma luz no corredor bem diante da minha porta, projetando alguma luz no quarto. Era o suficiente para que eu pudesse continuar a ler, depois que os olhos se ajustavam. Assim, quando as luzes apagavam, eu ficava sentado no chão do quarto, lendo à claridade fraca que vinha do corredor.

A intervalos de uma hora, os guardas do plantão noturno passavam por cada quarto. Cada vez que ouvia os passos se aproximando, eu pulava para a cama e fingia estar dormindo. Assim que o guarda passava, voltava a sentar no chão e continuava a ler por mais 58 minutos, até que o guarda se aproximava outra vez. Isso se prolongava até três ou quatro horas da madrugada. Eu só precisava de três ou quatro horas de sono por noite. Muitas vezes, nos anos que passara nas ruas, dormira muito menos.

Os ensinamentos do Sr. Muhammad ressaltavam como a história fora “embranquecida”; ao escreverem os livros de história, os homens brancos simplesmente deixaram o homem preto de lado. O Sr. Muhammad não poderia ter falado qualquer outra coisa que me atingisse mais profundamente. Jamais esquecera do curso de história dos Estados Unidos, quando estava no sétimo ano, na escola de Mason: a participação do negro fora resumida num único parágrafo e o professor soltara uma gargalhada ao contar sua piadinha, que toda a turma adorava, segundo a qual “os pés dos negros são tão grandes que eles deixam um buraco no chão quando andam”.

Essa é uma das razões pelas quais os ensinamentos do Sr. Muhammad se espalharam tão rapidamente por todos os Estados Unidos, entre todos os negros, quer ou não se tornassem seguidores do Sr. Muhammad.

Os ensinamentos soam como verdadeiros... para todos os negros. Difícilmente poderiam me apontar um negro adulto na América — ou um branco, diga-se de passagem — que tenha algum conhecimento pelos livros de história sobre a verdade do papel do homem preto. No meu próprio caso, a partir do momento em que ouvi falar da “gloriosa história do homem preto”, empenhei-me a fundo em procurar na biblioteca por livros que me revelassem detalhes sobre a história negra.

Posso recordar acuradamente a primeira coleção de livros que realmente me impressionou. Mais tarde, comprei essa coleção, guardando-a em casa para meus filhos lerem ao crescerem. É chamada *Wonders of the World* (Maravilhas do Mundo). Está repleta de descobertas arqueológicas, estátuas que geralmente representam povos não-europeus.

Encontrei livros como *Story of Civilization* (História da Civilização), de Will Durant. Li *Outline of History* (Esboço da História), de H.G. Wells. *Souls of Black Folk* (A Alma dos Negros), de W.E.B. Du Bois, permitiu-me vislumbrar a história dos negros antes de virem para a América. *Negro History* (História Negra), de Carter G. Woodson, abriu-me os olhos sobre os impérios negros, antes dos pretos serem levados como escravos para os Estados Unidos, e sobre as primeiras lutas dos negros para conquistarem a liberdade.

Os três volumes de *Sex and Race* (Sexo e Raça), de J. A. Rogers, falaram-me sobre a miscigenação racial dos tempos de Cristo; sobre Esopo, um preto que contava fábulas; sobre os faraós do Egito; sobre os grandes impérios coptas cristãos; sobre a Etiópia, a mais antiga civilização preta contínua da Terra, assim como a China é a mais antiga civilização contínua.

Os ensinamentos do Sr. Muhammad sobre como o homem branco fora criado levaram-me a ler *Findings in Genetics* (Descobertas em Genética), de Gregor Mendel (foi na letra G do dicionário que descobri o que significava “genética”). Estudei atentamente esse livro do monge austríaco. Lendo-o inúmeras vezes, especialmente determinados trechos, pude compreender que, começando-se com um homem preto, podia-se produzir um homem branco; mas começando-se com um homem branco, jamais se poderia produzir um homem preto, porque o cromossoma branco é recessivo. E como ninguém contesta que houve apenas um Homem Original, a conclusão é óbvia.

Há cerca de um ano ou por aí, no *New York Times*, Arnold Toynbee usou a palavra “descorado” para descrever o homem branco. (As palavras dele foram: “Os seres humanos brancos (isto é, descorados), de origem norte-européia...”) Toynbee também se referiu à área geográfica européia como uma mera península da Ásia. Disse que não existe nenhum continente chamado Europa. Olhando-se para o globo, vai-se verificar que a América é apenas uma extensão da Ásia. Ao mesmo tempo, porém, deve-se reconhecer que Toynbee está entre os que contribuíram para branquear a história. Ele já disse que a África era o único continente que não produziu nenhuma história. Não vai tornar a escrever isso. Agora, a cada dia que passa, a história se torna mais e mais patente.

Jamais esquecerei como fiquei chocado ao começar a ler sobre o horror total da escravidão. O impacto foi tão grande que mais tarde tornou-se um dos meus temas prediletos quando me tornei um ministro do Sr. Muhammad. O crime mais monstruoso do mundo, o pecado e o sangue nas mãos do homem branco são quase impossíveis de se acreditar. Livros como o de Frederick Olmstead abriram-me os olhos para os horrores sofridos quando os escravos foram desembarcados nos Estados Unidos. Uma mulher européia, Fannie Kimball, casada com um senhor de escravos sulista, descreveu como seres humanos eram degradados. É claro que li *Uncle Tom's Cabin* (A Cabana do Pai Tomás). Na verdade, creio que foi o único romance que li, desde que comeci as minhas leituras sérias.

A coleção de Parkhurst também continha alguns panfletos da Sociedade Abolicionista Antiescravista da Nova Inglaterra. Li descrições de atrocidades, vi ilustrações de mulheres pretas escravas amarradas e açoitadas; de mães pretas observando seus filhos serem levados para longe, para nunca mais serem vistos; de cães atrás de escravos e dos caçadores de escravos fugitivos, homens brancos demoníacos, com açoites, porretes, correntes, armas de fogo. Li sobre o pregador escravo Nat Turner, que incutia o temor de Deus no senhor de escravos brancos. Nat Turner não saiu a pregar a ilusão de uma felicidade futura e a liberdade “não-violenta” para o homem preto. Uma noite, na Virgínia, em 1831, Nat e sete outros escravos começaram suas atividades na casa de seu amo e, ao longo da noite, foram de uma “casa-grande” de plantação para outra, matando sempre. Na manhã seguinte, havia 57 brancos mortos e Nat contava com cerca de 70 escravos a segui-lo. Os brancos, apavorados por suas vidas, fugiram para longe, trancaram-se nos prédios públicos, esconderam-se no mato, alguns até mesmo deixaram o estado. Um pequeno exército de soldados levou dois meses para pegar e enforcar Nat Turner. Li em algum lugar que o exemplo de Nat Turner é que inspirou John Brown a invadir a Virgínia e atacar Harper's Ferry, quase 30 anos depois com 13 homens brancos e cinco negros.

Li Heródoto, “o pai da história”; ou melhor, li a respeito dele. E li as histórias de várias nações, o que me abriu os olhos gradativamente, depois cada vez mais, sobre a maneira como todo o mundo dos homens brancos realmente se comportara como formado por demônios, pilhando, saqueando, massacrando e explorando o mundo dos povos não-brancos. Lembro, por exemplo, de livros como a história da civilização oriental de Will Durant e os relatos do Mahatma Gandhi sobre a luta para expulsar os britânicos da Índia.

Livro após livro mostrou-me como o homem branco investira contra o mundo dos povos pretos, pardo, vermelho e amarelo, impondo todos os sofrimentos e explorações. Descobri como, desde o século XVI, o homem branco supostamente “mercador cristão”, começou a percorrer os mares, em sua ânsia de dominar os impérios africanos e asiáticos, em sua ânsia de poder e pilhagem. Lendo, compreendi que o

homem branco jamais fora à procura dos povos não-brancos levando a Cruz à verdadeira maneira e espírito dos ensinamentos de Cristo, em paz e humildade, à imagem e semelhança de Cristo.

Compreendi como o homem branco coletivo não fora na verdade nada mais que um oportunista pirático, recorrendo a maquinações faustinas para fazer do seu próprio cristianismo o instrumento inicial em conquistas criminosas. Primeiro, sempre “religiosamente”, o homem branco marcara com os rótulos de “pagão” e “idólatra” as culturas e civilizações antigas não-brancas. Assim preparado o cenário, o homem branco lançava sobre as vítimas não-brancas as suas armas de guerra.

Li como, entrando na Índia, onde vivia meio *bilhão* de homens pardos profundamente religiosos, o homem branco britânico, por volta de 1759, através de promessas, embustes e manipulações, conseguiu controlar uma parte considerável da Índia, por intermédio da Companhia das Índias Orientais, da Grã-Bretanha. A administração britânica parasitária continuou a estender seus tentáculos por metade do subcontinente. Em 1857, alguns dos povos desesperados da Índia finalmente se rebelaram... e excetuando-se o tráfico de escravos africanos, a história não registrou em tempo algum uma carnificina humana tão desnecessária, bestial e impiedosa quanto a repressão britânica aos povos indianos não-brancos.

Mais de 115 milhões de pretos africanos, aproximadamente a população dos Estados Unidos em 1930, foram assassinados ou escravizados durante o tráfico de escravos. Li também como, depois que o mercado de escravos ficou saciado, as potências brancas canibalistas da Europa em seguida transformaram as regiões mais ricas do continente negro em colônias. E as chancelarias da Europa, ao longo do século seguinte, empenharam-se num jogo de xadrez de exploração brutal e luta pelo poder, do Cape Horn ao Cairo.

Dez guardas e o diretor da prisão não teriam conseguido me arrancar daqueles livros. Nem mesmo Elijah Muhammad poderia ter sido mais eloqüente do que aqueles livros, proporcionando-me provas incontestáveis de que o homem branco coletivo se comportara como um demônio praticamente em todos os contatos com o mundo do homem coletivo não-branco. Fico hoje escutando o rádio, assistindo à televisão e lendo as manchetes sobre o medo e tensão do homem branco coletivo em relação à China. Quando o homem branco declara a sua ignorância dos motivos pelos quais os chineses tanto o odeiam, minha mente não pode deixar de recordar tudo o que li na prisão, sobre a maneira como os impiedosos antepassados desse mesmo homem branco saquearam a China, num momento em que a China estava confiante e impotente. Os “mercadores cristãos” brancos originais mandaram para a China milhões de quilos de ópio. Por volta de 1839, eram tantos os chineses viciados que o desesperado governo da China destruiu 20 mil barricas cheias de ópio. A Primeira Guerra do Ópio foi prontamente declarada pelo homem branco. Imaginem só! Declarar guerra contra alguém que se recusa a ser narcotizado! Os chineses foram fra-

gorosamente derrotados, com a pólvora que eles próprios haviam inventado!

O Tratado de Nanking obrigou a China a pagar ao homem branco britânico pelo ópio destruído; obrigou a China a abrir os grandes portos da China ao comércio britânico; obrigou a China a abandonar Hong Kong; fixou tão baixas as tarifas de importação da China que não demorou muito para que produtos britânicos ordinários inundassem o país, mutilando o desenvolvimento industrial da China.

Depois de uma segunda Guerra do Ópio, os Tratados de Tientsin legalizaram o terrível comércio do ópio, legalizaram um controle britânico-franco-americano do serviço aduaneiro chinês. A China tentou protelar a ratificação desses Tratados. Por causa disso, Pequim foi saqueada e incendiada.

— Matem os demônios brancos estrangeiros! — foi o grito de guerra dos chineses na Rebelião Boxer, em 1901. Perdendo novamente, desta vez os chineses foram expulsos das áreas mais selecionadas de Pequim. O homem branco perverso e arrogante espalhou pela cidade as placas que ficaram famosas: “Não é permitida a entrada de chineses e cachorros”

A China Vermelha, depois da Segunda Guerra Mundial, fechou suas portas ao mundo branco ocidental. Os gigantescos esforços chineses, nos setores agrícola, científico e industrial, estão descritos num livro que a revista *Life* publicou recentemente. Alguns observadores no interior da China Vermelha informam que o mundo jamais conheceu uma campanha de ódio ao branco tão intensa quanto a que se realiza atualmente nesse país, que dentro de 50 anos terá a metade da população da Terra, se continuarem os atuais índices de natalidade. E tudo indica que alguns privilegiados cérebros chineses voltarão em breve para a sua terra, tendo em vista os recentes testes nucleares bem-sucedidos da China.

Vamos enfrentar a realidade. Podemos ver na ONU uma nova ordem mundial sendo moldada, ao longo da fronteira de cor, com uma aliança, entre as nações não-brancas. O Embaixador Adlai Stevenson, representante da América na ONU, queixou-se não faz muito tempo que estava sendo travado nas Nações Unidas “um jogo sujo”. Ele estava certo. Estava enfrentando a realidade. Um “jogo sujo” está mesmo sendo jogado. Mas o Embaixador Stevenson falou como Jesse James acusando o xerife de estar empunhando uma arma. Porque, na história mundial, quem já jogou um “jogo sujo” pior do que o homem branco?

O Sr. Muhammad, para quem eu escrevia diariamente, não tinha a menor idéia do mundo novo que se abriu para mim através dos esforços que fiz para confirmar seus ensinamentos nos livros.

Ao descobrir a filosofia, tentei me enfronhar em todos os grandes marcos do desenvolvimento filosófico. Pouco a pouco, li a maioria dos filósofos antigos, ocidentais e orientais. Acabei tendo preferência pelos filósofos orientais; finalmente, fiquei com a impressão de que a maior parte da filosofia ocidental fora extraída dos pensadores orientais. Sócrates

tes, por exemplo, viajou pelo Egito. Algumas fontes chegam mesmo a dizer que Sócrates foi iniciado em alguns dos mistérios egípcios. Obviamente, Sócrates tirou uma parte de sua sabedoria de pensadores orientais.

Tenho refletido muitas vezes sobre as novas perspectivas que a leitura me abriu. Já sabia, quando ainda estava na prisão, que a leitura mudara para sempre o curso da minha vida. Pelo que entendo hoje, a leitura despertou dentro de mim uma ânsia há muito adormecida de estar mentalmente vivo. É certo que eu não estava procurando conquistar nenhum diploma, o símbolo de *status* que uma universidade confere a seus estudantes. O fato é que minha educação autodidata proporcionou-me, a cada livro a mais que lia, uma extrema sensibilidade à surdez, mudez e cegueira que estavam afligindo a raça preta na América. Não faz muito tempo, um escritor inglês telefonou-me de Londres, fazendo diversas perguntas. Lembro perfeitamente de uma delas:

— Qual foi a sua universidade?

Ao que respondi:

— Os livros.

Ninguém jamais me surpreenderá em 15 minutos livres que eu não esteja aproveitando para estudar alguma coisa que possa contribuir para ajudar o homem preto.

Fui ontem fazer uma conferência em Londres. No avião, voando através do Atlântico, nas duas direções, fiquei estudando um documento sobre a maneira como a ONU pretende garantir os direitos humanos das minorias oprimidas do mundo. O homem preto americano é o mais vergonhoso caso de opressão de minoria do mundo. O que faz o homem preto pensar em si mesmo como uma simples questão interna dos Estados Unidos é uma expressão, apenas duas palavras: “direitos civis”. Mas como pode o preto obter os “direitos civis” antes de conquistar primeiro os direitos *humanos*? Se o preto americano começar a pensar sobre os seus direitos *humanos* e depois passar a pensar em si mesmo como parte de um dos maiores povos do mundo, vai descobrir que o seu caso deve ser tratado pela ONU.

É não posso imaginar um caso melhor! São 400 anos de sangue e suor negros investidos aqui na América; apesar disso, o homem branco continua a obrigar o preto a suplicar por tudo o que cada nova leva de imigrantes recebe de mão beijada, no instante mesmo em que desce do navio.

Mas estou divagando. Respondi ao inglês que a minha universidade eram os livros, uma boa biblioteca. Cada vez que embarco num avião, levo um livro que estou querendo ler... e atualmente isso representa muitos livros. Se eu não tivesse de sair às ruas todos os dias, para batalhar com o homem branco, poderia passar o resto da vida lendo, só para satisfazer a minha curiosidade... porque não se pode mencionar qualquer assunto pelo qual eu não tenha alguma curiosidade. Não creio que alguém jamais tenha aproveitado tanto quanto eu o fato de ir para a prisão. A prisão permitiu-me estudar muito mais intensamente, o que teria feito se minha vida transcorresse de maneira diferente e eu tivesse cursa-

do alguma universidade. Imagino que um dos maiores problemas das universidades é a existência de distrações em demasia, como as tradicionais caçadas às calcinhas das colegas, as fraternidades e coisas assim. Em que outro lugar, além da prisão, eu poderia atacar minha ignorância estudando às vezes até 15 horas por dia?

Schopenhauer, Kant, Nietzsche, li a todos. Não os respeito; estou apenas tentando recordar alguns dos filósofos cujas teorias absorvi naqueles anos. Dizem que esses três fixaram as bases sobre as quais se construiu a filosofia fascista e nazista. Não os respeito porque acho que gastaram a maior parte do seu tempo a discutir coisas que não são realmente importantes. Fazem-me lembrar de muitos dos negros supostamente “intelectuais”, com os quais tenho entrado em contato. Estão sempre discutindo sobre algo sem o menor valor.

Spinoza impressionou-me por algum tempo, quando descobri que era preto. Um judeu preto espanhol. Os judeus excomungaram-no porque ele defendia uma doutrina panteísta, algo como a “totalidade de Deus” ou “Deus em tudo”. Os judeus fizeram seus serviços fúnebres por Spinoza, indicando assim que, para eles, o filósofo estava morto. A família de Spinoza foi expulsa da Espanha; se bem me lembro, acabaram se fixando na Holanda.

Vou dizer uma coisa. Todo o fluxo da filosofia ocidental meteu-se agora num beco sem saída. O homem branco cometeu contra si mesmo, assim como contra o homem preto, uma fraude tão gigantesca que está numa entaladela. E isso aconteceu por causa de sua necessidade elaborada e neurótica de esconder o verdadeiro papel do homem preto na história.

O homem branco tem de enfrentar hoje o que está acontecendo no Continente Preto, a África. Pense nos artefatos que estão sendo descobertos ali, comprovando repetidamente que o homem preto possuía uma civilização excepcional e sensível, muito antes do homem branco sair das cavernas. Abaixo do Saara, nas regiões em que a maioria dos antepassados dos negros da América foi seqüestrada, estão sendo desenterradas algumas das melhores peças de artesanato, esculturas e outros objetos que o homem moderno já conheceu. Algumas dessas coisas estão sendo atualmente expostas em lugares como o Museu de Arte Moderna da cidade de Nova York. Há trabalhos em ouro que demonstraram uma perícia incomparável. Objetos antigos produzidos por mãos pretas... refinados por essas mãos pretas com resultados que nenhuma outra mão humana pode hoje igualar.

A história tem sido tão “embranquecida” pelo homem branco que até mesmo os professores pretos conhecem pouco mais que um homem negro ignorante sobre os talentos, as ricas civilizações e culturas do homem preto de milênios atrás. Já fiz várias conferências em universidades pretas. Alguns desses pretos Ph.D., que sofreram lavagem cerebral, os suspensórios a se arrastarem pelo chão de tão carregados de diplomas, foram correndo dizer aos jornais do homem branco que sou um “fanático preto”. Ora, muitos deles estão 50 anos atrasados no

tempo! Se eu fosse presidente de uma dessas universidades pretas, empenharia até o *campus*, se fosse necessário, para enviar um bando de estudantes pretos para a África, a fim de desenterrar mais e mais provas da grandeza histórica da raça preta. O homem branco está agora escavando e procurando na África. Um elefante africano não pode tropeçar sem cair em cima de algum homem branco com uma pá. Praticamente todas as semanas lemos alguma notícia sobre uma nova grande descoberta de civilizações perdidas da África. O novo é apenas a atitude da ciência branca. As antigas civilizações do homem preto estão enterradas no Continente Preto durante todo o tempo.

Vou dar um exemplo. Um antropólogo britânico, Dr. Louis S.B. Leakey, está exibindo alguns ossos fossilizados: um pé, parte de uma mão, algumas mandíbulas e fragmentos de crânio. Com base nesses ossos, o Dr. Leakey vem dizendo que está na hora de reescrever inteiramente a história da origem do homem.

Essa espécie de homem viveu 1.818.036 anos antes de Cristo. E esses ossos foram encontrados em Tanganica. No Continente Preto.

É um crime a mentira que vem sendo impingida a gerações de homens pretos e também de homens brancos. Crianças pretas inocentes, nascidas de pais que acreditavam que sua raça não tinha história. Crianças pretas vendo, antes de poderem falar, que seus pais consideravam-se inferiores. Crianças pretas inocentes crescendo, desperdiçando suas vidas, morrendo de velhice... e o tempo todo envergonhadas de serem pretas. Mas a verdade está sendo agora revelada.

Duas outras áreas de experiência que me têm sido extremamente importantes na vida, desde que recuperei a liberdade, foram-me inicialmente abertas na Prisão-Colônia de Norfolk. Por um lado, tive as primeiras experiências de abrir os olhos dos meus irmãos pretos, submetidos à lavagem cerebral, para algumas verdades sobre a raça preta. E a outra coisa: depois que lera o bastante para conhecer alguma coisa, comecei a participar do programa de debates semanais da Prisão-Colônia, o meu batismo de falar em público.

Tenho de admitir um fato triste e vergonhoso. Eu gostava tanto de viver no meio dos brancos que, na prisão, não me agradava a maneira como os presos negros ficavam unidos. Mas quando os ensinamentos do Sr. Muhammad mudaram minha atitude em relação aos meus irmãos pretos, por um sentimento de culpa e vergonha comecei a aproveitar toda e qualquer oportunidade de recrutar novos membros para as hostes dele.

É preciso ter cuidado, muito cuidado mesmo, ao apresentar a verdade ao homem preto que nunca antes ouviu a verdade a respeito de si mesmo, de sua espécie e do homem branco. Meu irmão Reginald dissera-me que todos os muçulmanos passavam por essa experiência, no trabalho de recrutamento para o Sr. Muhammad. O irmão preto foi submetido a uma lavagem cerebral tão grande que pode até mesmo sentir-se inicialmente repellido, ao ouvir a verdade. Reginald aconselhou que a verdade devia ser apresentada em gotas, pouco a pouco.

E era preciso esperar um pouco até que a primeira parte fosse absorvida, antes de se avançar para a etapa seguinte.

Comecei falando aos meus irmãos pretos que estavam presos sobre a gloriosa história do homem preto. Eram coisas com as quais eles nunca haviam sonhado. Contei-lhes as terríveis verdades do tráfico de escravos, das quais nunca tinham ouvido falar. Ficava observando os rostos deles quando lhes falava a respeito; porque o homem branco apagara completamente o passado dos escravos. Um negro na América nunca podia saber qual o seu verdadeiro nome de família ou sequer de que tribo descendia: os mandingos, wolof, serer, fula, fanti, ashanti e outras. Contei que alguns escravos trazidos da África falavam árabe e eram da religião islâmica. Muitos daqueles condenados pretos não queriam acreditar nas minhas palavras; só acreditariam se ouvissem aquelas coisas da boca de um homem branco. Por isso, freqüentemente eu lia para aqueles irmãos trechos escolhidos de livros dos brancos. Explicava que a verdade era conhecida por alguns homens brancos, os estudiosos do assunto; mas houvera uma conspiração ao longo das gerações para manter a verdade oculta dos pretos.

Eu observava atentamente como cada um reagia. Tinha sempre que tomar todo cuidado, pois nunca sabia quando algum preto que sofrera uma lavagem intensa demais, algum Pai Tomás, iria assentir ao ouvir as minhas palavras e depois sairia correndo para contar ao homem branco. Quando sentia que alguém estava maduro, e sempre dava para sentir, tratava de separá-lo dos demais e dizia o que o Sr. Muhammad ensinava:

— O homem branco é o demônio.

Isso deixava muitos chocados... até começarem a pensar a respeito.

Provavelmente, essa é uma das grandes preocupações do sistema penitenciário americano hoje em dia: a maneira como os ensinamentos muçulmanos, circulando entre todos os negros do país, estão convertendo novos muçulmanos entre os pretos nas prisões. O problema é que os pretos estão nas prisões em porcentagem muito maior do que a sua proporção na população em geral.

Entre todos os negros, o condenado preto é o que está mais predisposto a aceitar a afirmação de que “o homem branco é o demônio”.

Diga isso a qualquer negro. Exceto pelos negros, relativamente poucos, que são partidários da “integração”, os chamados “intelectuais”, e pelos que são gordos e felizes, surdos, mudos e cegos, vivendo das migalhas da mesa opulenta do homem branco, estará se tocando num nervo vital do homem preto americano. Ele pode levar um dia para reagir, um mês, um ano; pode nunca reagir abertamente. Mas de uma coisa podemos ter certeza: quando ele pensa em sua própria vida, vai verificar que, no seu caso pessoal, o homem branco indubitavelmente tem-se comportado como um demônio.

Deixe esse homem preto enjaulado começar a pensar da mesma maneira que eu, quando tomei conhecimento dos ensinamentos do Sr. Elijah Muhammad. Deixe-o começar a pensar como, se tivesse melhores

oportunidades quando era jovem e ambicioso, poderia ter-se tornado um advogado, médico, cientista, qualquer coisa. Deixei esse homem preto enjaulado começar a compreender, como me aconteceu, que desde o primeiro desembarque de um navio negroiro os milhões de negros da América têm sido como ovelhas num covil de lobos. É por isso que os prisioneiros pretos tornam-se muçulmanos rapidamente, quando os ensinamentos de Elijah Muhammad chegam a suas celas, através de outros presos, já convertidos ao Islã. "O homem branco é o demônio" é um eco perfeito para a experiência da vida inteira desse condenado preto.

Já falei como os debates constituíam um grande acontecimento semanal na Prisão-Colônia de Norfolk. As leituras mantinham minha mente como vapor sob pressão. De alguma forma, eu precisava começar a falar ao homem branco a respeito de si mesmo, francamente. Cheguei à conclusão de que podia fazê-lo inscrevendo-me para os debates.

Ficar de pé e falar para uma audiência era algo que nunca me passara pela cabeça, ao longo de toda a minha vida anterior. Nas ruas, dando golpes de toda espécie, traficando tóxicos, roubando, eu poderia sonhar com um quilo de haxixe. Jamais teria um sonho tão desviado como o de que um dia iria falar em anfiteatros nas maiores universidades americanas, em programas de rádio e televisão, para não mencionar conferências no Egito, por toda a África, na Inglaterra.

Mas uma coisa posso dizer: ali na prisão, debatendo, falando para uma multidão de presos, a experiência foi tão inebriante quanto havia sido a descoberta do conhecimento, através da leitura. De pé na frente da multidão, todos me olhando, as coisas que estavam na minha cabeça saindo pela boca, enquanto o cérebro trabalhava incessantemente à procura da melhor coisa para dizer em seguida, sabendo que podia carrear todo mundo para o meu lado se desenvolvesse corretamente os pensamentos, ganhando assim o debate... a partir do momento em que comecei, passei a ficar ansioso para que começasse logo um novo debate. Qualquer que fosse o tema selecionado que me era atribuído, eu tratava de estudar tudo o que podia encontrar a respeito. Punha-me no lugar do oponente e determinava como tentaria vencer, se estivesse no outro lado; e depois arrumava um jeito de rebater todos os argumentos em contrário à minha tese. E se havia algum meio qualquer no mundo de consegui-lo, eu punha em minhas palavras o próprio espírito diabólico do homem branco.

"Serviço Militar Obrigatório — Ou Não?" Lembro que foi essa uma das boas oportunidades com que me deparei inesperadamente. Meu oponente falou de etíopes arremessando pedras e lanças contra aviões italianos, "provando" assim que o serviço militar obrigatório era uma necessidade. Eu disse que a carne preta dos etíopes fora despedaçada por bombas que o Papa em Roma abençoara e que os etíopes teriam lançado até mesmo seus próprios corpos contra os aviões, porque haviam compreendido que estavam lutando contra o demônio encarnado.

Protestaram, alegando que eu transformara o assunto numa questão racial. Rebatí que não era nada racial, mas um fato histórico, que

deviam ler *Days of Our Years* (Dias de Nossos Anos), de Pierre van Paassen. Aconteceu algo que não me surpreendeu: esse livro, logo depois do debate, desapareceu da biblioteca da prisão. Foi na prisão que tomei a decisão de dedicar o resto da minha vida a falar ao homem branco a respeito de si mesmo... ou morrer. Num debate sobre a existência ou não de Homero, lancei na cara daqueles brancos a teoria de que Homero simplesmente simbolizava como os brancos europeus sequestraram pretos africanos, cegando-os em seguida, para que nunca mais pudessem voltar para o meio de seu povo. (Homero, Omar e *Mouro* são termos relacionados; é a mesma coisa que dizer Peter, Pedro e *petra*, todas as três palavras indicando rocha.) Os europeus ensinavam a esses mouros cegos a cantarem os feitos gloriosos dos europeus. Deixei bem claro que essa era a concepção de emoção para o homem branco demoníaco. Outro caso igual é o Esopo das *Fábulas*. "Esopo" era apenas o nome grego para um etíope.

Lembro que outro debate acalorado em que me empenhei estava relacionado com a identidade de Shakespeare. Não havia o problema de cor envolvido neste caso, mas eu me sentia atraído pelo dilema shakesperiano. A tradução do Rei James da Bíblia é considerada a maior obra de literatura em inglês. Sua linguagem de Shakespeare e a linguagem da Bíblia são iguais. Pelo que dizem, o Rei James contratou, de 1604 a 1611, poetas para traduzirem e escreverem a Bíblia. Se Shakespeare existiu, era então o maior poeta. Mas não há qualquer menção a Shakespeare em relação com a Bíblia. Se ele existiu, por que o Rei James não o aproveitou no trabalho? E se o aproveitou, por que esse é um dos segredos mais bem guardados do mundo?

Sei que muitos dizem que Francis Bacon é que foi Shakespeare. Se isso é verdade, por que Bacon guardaria o segredo? Bacon não pertencia à realeza, que algumas vezes usava um *nom de plume*, porque era "impróprio" que se dedicasse a atividades artísticas ou teatrais. O que Bacon teria a perder? Na verdade, seria justamente o contrário: Bacon teria tudo a ganhar.

Nos debates na prisão, formulei a teoria de que havia sido o próprio Rei James o verdadeiro poeta que usara o *nom de plume* Shakespeare. O Rei James era extraordinário. Foi o maior rei que já sentou no trono britânico. Quem mais entre a realeza, no seu tempo, teria o talento fabuloso para escrever as obras de Shakespeare? Foi ele quem deu os últimos "retoques poéticos" na Bíblia, que por si mesma e na versão ainda atual do Rei James cativou o mundo.

Quando meu irmão Reginald ia visitar-me, eu lhe falava a respeito das novas informações que descobrira para confirmar os ensinamentos muçulmanos. Li *Paradise Lost* (Paraíso Perdido), de Milton, no volume 43 ou 44 dos "Clássicos de Harvard". O demônio, expulso do Paraíso, estava tentando reconquistá-lo. Usava as forças da Europa, personificadas pelos Papas, Carlos Magno, Ricardo Coração de Leão e outros cavaleiros. Interpretei isso como uma comprovação de que

os europeus eram motivados e comandados pelo demônio ou a personificação do demônio. Assim, Milton e o Sr. Elijah Muhammad estavam na verdade dizendo a mesma coisa.

Não pude acreditar quando Reginald começou a falar mal de Elijah Muhammad. Não posso especificar as coisas exatas que ele disse. Eram mais insinuações contra o Sr. Muhammad, no tom de voz de Reginald, na expressão dele, do que propriamente nas coisas que falava.

Fui apanhado totalmente de surpresa. Caí num estado de confusão. Meu irmão de sangue, Reginald, em quem eu tinha tanta confiança, por quem tinha tanto respeito, a pessoa quem me introduzira à Nação do Islã! Eu simplesmente não poderia acreditar! E agora o Islã significava para mim mais do que qualquer outra coisa que conheceria antes na vida. O Islã e o Sr. Elijah Muhammad haviam mudado inteiramente o meu mundo.

Fui informado de que Reginald havia sido suspenso da Nação do Islã por Elijah Muhammad. Ele não praticara qualquer restrição moral. Depois que aprendera e aceitara a verdade e as leis muçulmanas, Reginald ainda estava mantendo relações impróprias com a então secretária do Templo de Nova York. Algum outro muçulmano tomara conhecimento do caso e apresentara uma denúncia contra Reginald ao Sr. Muhammad, em Chicago. O Sr. Muhammad prontamente suspendera Reginald.

Depois que Reginald foi embora, fiquei dominado pelo maior tormento. Naquela mesma noite, escrevi para o Sr. Muhammad, tentando defender meu irmão, fazendo um apelo veemente. Disse-lhe o que Reginald era para mim, o que meu irmão representava para mim.

Deixei a carta na caixa que ia para o censor da prisão. Passei o resto daquela noite rezando por Alá. Não creio que alguém jamais tenha rezado tão sinceramente para Alá. Rezei por alguma espécie de alívio da minha confusão.

Na noite seguinte, quando estava deitado na cama, percebi subitamente, com um sobressalto, que havia um homem sentado ao meu lado, na cadeira. Usava um terno preto. Lembro perfeitamente. Podia vê-lo tão nitidamente quanto vejo qualquer pessoa para quem olho. Ele não era preto e não era branco. Tinha a pele parda, mais para o claro, um semblante de asiático, cabelos pretos oleosos.

Olhei diretamente para o seu rosto.

Não fiquei assustado. Sabia que não estava sonhando. Não podia me mexer. Não falei, ele também não. Não podia situá-lo racialmente, além de perceber que era um não-europeu. Não tinha a menor idéia de quem ele era. O homem ficou simplesmente sentado ali. Depois, tão subitamente como aparecera, ele se foi.

O Sr. Muhammad não demorou a enviar-me uma resposta a respeito de Reginald. Escreveu: "Se alguma vez acreditou na verdade e está agora começando a duvidar da verdade, então em primeiro lugar não acreditou na verdade. O que mais poderia fazê-lo duvidar da verdade que não o seu próprio ego fraco?"

Fiquei impressionado. Reginald não estava levando a vida disciplinada de um muçulmano. E eu sabia que Elijah Muhammad estava

certo e meu irmão de sangue estava errado. Porque o certo é o certo e o errado é o errado. Não me poderia passar pela cabeça naquela ocasião que chegaria o dia em que Elijah Muhammad seria acusado por seus próprios filhos de culpado dos mesmos atos de imoralidade pelos quais julgara Reginald e tantos outros.

Naquele tempo, porém, toda a confusão e dúvida foi removida de minha mente. Estava rompida toda a influência que meu irmão sempre tivera sobre mim. A partir desse dia, tudo o que meu irmão Reginald tem feito está errado, para mim.

Mas Reginald continuou a me visitar. Quando era muçulmano, ele sempre se apresentava impecavelmente arrumado. Agora, porém, começava a usar coisas como *T-shirts*, calças que pareciam poídas, sapatos de lona. Compreendi que ele estava começando a descer, cada vez mais. Quando ele falava, eu escutava friamente. Mas escutava. Ele era meu irmão de sangue.

Gradativamente, vi a punição de Alá — que os cristãos chamariam de "maldição" — se abater sobre Reginald. Elijah Muhammad disse que Alá estava punindo Reginald... e que qualquer um que desafiasse Elijah Muhammad seria também punido por Alá. No Islã, somos ensinados que uma pessoa viveu nas trevas, enquanto não conheceu a verdade. Mas a partir do momento em que a verdade foi aceita e reconhecida, ele passou a viver na luz, e quem quer que se volte contra isso será inevitavelmente punido por Alá.

O Sr. Muhammad ensinava que a estrela de cinco pontas representa justiça e também os cinco sentidos do homem. Éramos ensinados que Alá executa a justiça atuando sobre os cinco sentidos daqueles que se rebelam contra Seu Mensageiro ou contra Sua verdade. Éramos ensinados que essa era a maneira de Alá fazer os muçulmanos conhecerem Sua capacidade de defender Seu Mensageiro contra toda e qualquer oposição, enquanto o próprio Mensageiro não se desviasse do caminho da verdade. Éramos ensinados que Alá transformava as mentes dos desertores num turbilhão. Eu pensava realmente que tudo o que estava acontecendo com meu irmão era obra de Alá.

Recebi uma carta, creio que do meu irmão Philbert, informando que Reginald estava com eles em Detroit. Não tive mais notícias de Reginald até o dia em que, semanas depois, Ella foi visitar-me. Disse que Reginald estava em sua casa, em Roxbury, dormindo. Ella estava em casa, ouvira alguém bater e fora abrir a porta. Lá estava Reginald, com uma aparência horrível! Ella perguntara:

— De onde você vem?

Reginald respondera que viera de Detroit. Ella indagara:

— Como chegou até aqui?

Ao que Reginald informara:

— Vim andando.

Acreditei que Reginald realmente cobrira o percurso a pé. Acreditava em Elijah Muhammad e ele me convencera de que a punição de Alá sobre a mente de Reginald tirara de meu irmão a capacidade de avaliar tempo

e distância. Há uma dimensão de tempo com a qual não estamos familiarizados aqui no Ocidente. Elijah Muhammad dizia que, sob a punição de Alá, os cinco sentidos de um homem ficam tão perturbados, por poderes mentais que são maiores que os seus, que em cinco minutos seus cabelos podem se tornar brancos como a neve. Ou ele pode caminhar por 1.400 quilômetros como se tivesse andando por cinco quarteirões.

Na prisão, depois que me tornei um muçulmano, deixei crescer a barba. Quando foi visitar-me, Reginald ficou se remexendo nervosamente na cadeira. Disse-me que cada fio da minha barba era uma serpente. Via serpentes em toda parte.

Começou em seguida a acreditar que era o "Mensageiro de Alá". Ella me contou que Reginald saía pelas ruas de Roxbury dizendo às pessoas que possuía um poder divino. Passou disso para afirmar que era Alá.

E finalmente começou a dizer que era *maior* do que Alá.

As autoridades pegaram Reginald e meteram-no numa instituição especializada. Não conseguiram descobrir o que estava errado. É que não tinham condição de compreender a punição de Alá. Reginald foi solto. Depois, foi novamente recolhido e internado em outra instituição.

Reginald está atualmente numa instituição de tratamento. Sei qual é, mas não vou dizer. Não gostaria de causar-lhe mais problemas do que ele já teve.

Acredito hoje que estava escrito, que Reginald tinha de ser usado com um único propósito: como uma isca, como um peixinho para mergulhar no oceano de escuridão em que eu me encontrava, para salvar-me.

Não posso compreender o que lhe aconteceu de outra maneira qualquer.

Depois que o próprio Elijah Muhammad foi mais tarde acusado de ser um homem extremamente imoral, passei a acreditar que a aflição de Reginald não havia sido uma punição divina. Ele ficara assim pela dor que sentira ao ser totalmente rejeitado por sua própria família, por causa de Elijah Muhammad. Essa mágoa fez Reginald voltar-se insanamente contra Elijah Muhammad.

É impossível sonhar, imaginar ou ter uma visão de alguém que nunca se viu antes... e vê-lo exatamente como é. Ver alguém e vê-lo exatamente como parece é ter uma antevisão.

Mais tarde, eu iria acreditar que a minha antevisão foi do Mestre W. D. Fard, o Messias, aquele a quem Elijah Muhammad afirmava tê-lo designado como Seu Último Mensageiro para o povo preto da América do Norte.

Passei o último ano preso de volta à Prisão de Charlestown. Mesmo entre os prisioneiros brancos, já se espalhara a notícia a meu respeito. Alguns dos condenados pretos vítimas de lavagem cerebral falavam demais. E sei que os censores haviam feito relatórios sobre a minha correspondência. As autoridades da Prisão-Colônia de Norfolk ficaram perturbadas. Usaram como razão para a minha transfe-

rência o fato de me ter recusado a tomar algumas injeções, num programa de imunização ou algo parecido.

A única coisa que me preocupava era o fato de não me restar muito tempo antes de ter direito a solicitar livramento condicional. Mas raciocinei que poderiam encarar a minha pregação do Islã de outra forma: ao invés de me manterem preso, talvez fosse melhor que me soltassem logo de uma vez.

Eu entrara na prisão com uma vista 20/20. Mas quando voltei para Charlestown, depois de tanto ler à luz fraca do corredor, no meu quarto na Prisão-Colônia de Norfolk, estava com astigmatismo e fui obrigado a usar o meu primeiro par de óculos.

Eu não tinha tanta facilidade de movimentos na Prisão de Charlestown, que era muito mais rigorosa. Mas descobri que muitos negros estavam num curso sobre a Bíblia e resolvi comparecer também.

Quem dirigia o curso era um estudante do Seminário de Harvard, alto, louro, de olhos azuis (um perfeito "demônio"). Ele fazia uma preleção e depois começava uma sessão de perguntas e respostas. Não sei qual dos dois havia lido a Bíblia mais, se ele ou eu. Mas eu não podia deixar de dar-lhe o crédito que merecia: conhecia realmente a sua religião. Fiquei procurando e procurando por um meio de perturbá-lo e dar àqueles negros algo em que pensarem e falarem.

Finalmente, levantei a mão. Ele assentiu. Estava falando sobre Paulo. Levantei e perguntei:

— De que cor era Paulo? — E continuei a falar, com pausas: — Ele devia ser preto... porque era um hebreu... e os hebreus originais eram pretos... não é mesmo?

Ele tinha começado a ficar vermelho. Todos sabem como os brancos ficam quando estão embaraçados. E acabou balbuciando:

— É sim...

Mas eu ainda não havia acabado.

— De que cor era Jesus... ele também era hebreu... não é mesmo?

Tanto os presos pretos como os brancos estavam rígidos, tensos. Não importa quão duro seja o condenado, não importa que seja um preto cristão submetido a lavagem cerebral ou branco cristão "demônio", nenhum deles está preparado para ouvir alguém dizer que Jesus não era branco. O instrutor encontrou um meio de contornar a coisa. Não deve ter-se sentido muito constrangido. Em todos os anos desde então, jamais conheci algum homem branco inteligente que tentasse insistir na tese de que Jesus era branco. E como poderiam? O instrutor respondeu:

— Jesus era pardo.

Deixei-o livrar-se do problema com essa concessão.

Exatamente como eu sabia que iria acontecer, quase que da noite para o dia, os prisioneiros de Charlestown, tanto pretos como brancos, começaram a comentar a história. Em toda parte a que eu ia, podia sentir os homens sacudindo a cabeça na minha direção. E sempre que tinha alguma oportunidade de conversar com um irmão preto preso, ia logo dizendo:

— Já ouviu falar de um homem chamado Sr. Elijah Muhammad?

Capítulo Doze

SALVADOR

Na primavera de 1952, com a maior alegria, escrevi para Elijah Muhammad e para minha família informando que a Junta de Livramento Condicional do Estado de Massachusetts aprovara a minha libertação. Mas ainda se passaram alguns meses de atraso burocrático, com o papelório indo de um lado para outro, até que tudo ficasse resolvido. Eu ficaria sob a custódia de meu irmão mais velho, Wilfred, que era agora gerente de uma loja de móveis em Detroit. Wilfred fez com que o judeu que era dono da loja assinasse uma promessa de que me daria imediatamente um emprego, assim que eu fosse solto.

Pelo sistema de comunicações da prisão, eu soube que Shorty também fora aprovado para liberdade condicional, mas estava encontrando dificuldade em arrumar alguma pessoa respeitável que se responsabilizasse por ele (mais tarde, fui saber que Shorty estudara composição musical na prisão. Progredira ao ponto de compor algumas peças; sei que deu a uma delas o nome de *The Bastille Concerto*).

Minha ida para Detroit, ao invés de voltar para o Harlem ou Boston, foi influenciada pelo sentimento da família, expresso nas cartas. Minha irmã Hilda, especialmente, ressaltara numa carta que eu podia pensar que já compreendia perfeitamente os ensinamentos de Elijah Muhammad, mas ainda tinha muito o que aprender e devia ir até Detroit e tornar-me membro de um templo de muçulmanos praticantes.

Foi em agosto que me deram um sermão, um terno ao melhor estilo de Ferdinando Buscapé e um pouquinho de dinheiro, deixando-me sair livre pelo portão da prisão. Não olhei para trás, mas nisso não me diferenciei de um milhão de outros condenados que já saíram da prisão.

Minha primeira parada foi num banho turco. Tirei com o vapor um pouco daquela sensação física do cheiro da prisão. Ella, com quem passei a noite, também concordara que Detroit seria o melhor lugar para eu começar vida nova. Em outra cidade, a polícia não ficaria em cima de mim: essa era a consideração de Ella, não o ponto de vista muçulmano, pelo qual absolutamente não se interessava. Tando Hilda como Reginald haviam tentado converter Ella. Mas com sua vontade sempre firme e forte, Ella não se deixou convencer. Disse-me que achava que qualquer um podia ser o que bem quisesse, Holy Roller (nome de-

preciativo dado aos membros de uma seita pentecostal), adventista do sétimo dia, qualquer coisa, mas não adiantava que ninguém iria fazê-la se tornar muçulmana.

Na manhã seguinte, Hilda deu-me algum dinheiro para os gastos iniciais. Antes de partir, comprei três coisas de que me lembro nitidamente. Comprei um par de óculos melhor do que aquele que recebera na prisão, uma valise e um relógio de pulso.

Desde então, tenho pensado que, sem o saber, estava me preparando para o que iria ser a minha vida a partir daquele momento. Porque são essas as três coisas que tenho usado mais que quaisquer outras. Os óculos corrigem o astigmatismo que adquiri de tanto ler na prisão. Viajo tanto agora que minha esposa sempre mantém valises alternadas prontas, de tal forma que preciso apenas pegar uma e embarcar, quando é necessário. E não existe ninguém mais preocupado com horário do que eu. Vivo pelo relógio, correndo de um compromisso para outro. Até mesmo quando estou viajando de carro, guio pelo relógio e não pelo velocímetro. Para mim, o tempo é mais importante que a distância.

Peguei um ônibus para Detroit. A loja de móveis que meu irmão Wilfred dirigia ficava no gueto negro; é melhor eu não dizer seu nome, se vou contar como roubavam os negros. Wilfred apresentou-me aos judeus que eram donos da loja. E, conforme tinha sido acertado, comecei logo a trabalhar, como vendedor.

Anúncios de "Sem Entrada" atraíam negros pobres como papel pega-moscas. Era uma vergonha a maneira como pagavam três e quatro vezes mais o que os móveis haviam custado, só porque aqueles judeus lhes davam crédito. Eram as mesmas porcarias ordinárias, mas de aparência espalhafatosa, que se pode encontrar hoje em qualquer loja de móveis nos guetos negros. Os estofamentos de pano eram grampeados nos sofás. Havia colchas de imitação de "pele de leopardo", tapetes de "pele de tigre", uma porção de porcarias no gênero. Eu via mãos desajeitadas, rudes, calejadas pelo trabalho duro, rabiscando penosamente assinaturas no contrato, concordando com juros de salteador de estradas, nos contratos impressos em letras miúdas, que nunca eram lidos.

Eu estava testemunhando na vida real a mesma piada que a revista *Jet* informou ter o Senador Barry Goldwater contado em algum lugar, durante a campanha presidencial de 1964. Era a história de um homem branco, um negro e um judeu. A cada um foi concedido um único desejo. O homem branco pediu ações e outros títulos. O negro pediu um monte de dinheiro. O judeu pediu algumas jóias de imitação e "o endereço daquele rapaz de cor".

Em todos os meus anos nas ruas de cidade grande eu vira a exploração que agora compreendia pela primeira vez. Podia agora observar, sabendo o que estava acontecendo, como meus irmãos se jogavam nas garras econômicas do homem branco, que ia para casa todas as noites com mais um saco de dinheiro, drenado do gueto negro. Podia

constatar que o dinheiro, ao invés de ajudar o homem preto, estava contribuindo para enriquecer ainda mais aqueles comerciantes brancos, que geralmente moravam num bairro “exclusivo”, onde era melhor um homem preto não aparecer, a menos que fosse ali porque trabalhava para algum homem branco.

Wilfred convidou-me a morar em sua casa e aceitei, profundamente grato. O calor de um lar e uma família eram uma mudança curadora para quem passara tanto tempo na jaula da prisão. Creio que deve comover quase tão profundamente qualquer condenado recém-saído da prisão. Mas aquele ambiente de lar muçulmano, em especial, fazia-me frequentemente cair de joelhos para louvar Alá. As cartas da família, enquanto eu estava na prisão, haviam incluído descrições da rotina de um lar muçulmano. Mas para se poder realmente apreciar o que era, tinha-se de fazer parte dessa rotina. Cada ato e o seu significado eram-me gentil e pacientemente explicado por Wilfred.

Não havia a confusão matutina que ocorria na maioria das casas. Wilfred, o pai, o protetor e o provedor da família, era o primeiro a levantar.

— O pai prepara o caminho para a sua família — disse-me ele. Ele fazia as abluções matinais. Depois, era a minha vez. Em seguida era a esposa de Wilfred, Ruth, e finalmente as crianças. Havia uma ordem tranqüila e aceita no uso do banheiro.

— Em nome de Alá, faço as minhas abluções — dizia o muçulmano em voz alta, antes de lavar primeiro a mão direita, depois a esquerda.

Os dentes eram meticulosamente escovados, depois se enxaguava a boca três vezes. As narinas eram também lavadas três vezes. Um banho de chuveiro completava a purificação do corpo e a pessoa estava pronta para a prece.

Cada membro da família, até mesmo as crianças, ao se encontrarem com outro pela primeira vez no novo dia, murmurava baixinho e cordialmente “As-Salamm-Alaikum” (o equivalente árabe para “A paz seja convosco”). “Wa-Alaikum-Salaam” (“E convosco seja a paz”) era a resposta do outro. Repetidamente, o muçulmano dizia mentalmente “Allahu-Akbar, Allahu-Akbar” (“Alá é o maior”).

O tapete de oração era estendido por Wilfred, enquanto o resto da família se purificava. Foi-me explicado que uma família muçulmana orava com o sol perto do horizonte. Se esse horário era perdido, a oração tinha que ser adiada até que o sol estivesse além do horizonte.

— Os muçulmanos não são adoradores do sol. Oramos de frente para o oriente a fim de estarmos em união com o resto dos nossos 725 milhões de irmãos e irmãs, em todo o mundo muçulmano.

Toda a família, em túnicas, se alinhava de frente para o oriente. Ao mesmo tempo, tirávamos os pés das sandálias para pisarmos no tapete de oração.

Hoje, pronuncio em árabe, junto com a minha família, a oração que aprendi inicialmente em inglês:

— Efetuo a oração matutina a Alá, o Mais Alto, Alá é o maior. Glória a Ti, Ó Alá, a Ti todo o louvor, Abençoado é o Teu Nome, Sublime a Tua Majestade. Testemunho que nada merece ser servido ou adorado além de Ti.

Na primeira refeição do dia, o desjejum, não comíamos nada sólido, apenas sucos e café. Wilfred e eu saíamos para trabalhar. Ao meio-dia e por volta das três horas da tarde, sem que os outros empregados da loja de móveis percebessem, lavávamos as mãos, rostos e bocas, meditando por algum tempo.

As crianças muçulmanas faziam a mesma coisa na escola e as esposas e mães muçulmanas interrompiam suas tarefas domésticas para se juntarem aos 725 milhões de muçulmanos no mundo, na comunhão com Deus.

Os dias de reunião do Templo Número Um de Detroit, relativamente pequeno, eram quarta-feira, sexta-feira e domingo. Perto do templo, que era na verdade uma loja à beira da rua, havia três matadouros de porcos. Podíamos ouvir os guinchos dos porcos sendo abatidos nas reuniões de quarta e sexta-feira. Estou-me referindo às condições que os muçulmanos encontravam no início da década de 1950.

O endereço do Templo Número Um era Frederick Street, 1470, se não me engano. O primeiro Templo muçulmano, fundado em 1931 por Mestre W.D. Fard, havia sido em Detroit, Michigan. Eu jamais tinha visto negros cristãos se comportarem como os muçulmanos, tanto individualmente como em família. Os homens se vestiam discretamente, com bom gosto. As mulheres usavam vestidos que caíam até os tornozelos, sem maquilagem, lenços cobrindo as cabeças. As crianças impecáveis eram bem-comportadas e amáveis, não só com os adultos, mas também com as outras crianças.

Nunca antes eu sonhara que algo assim fosse possível, jamais pudera imaginar aquele clima entre pretos, que haviam aprendido a ter orgulho de serem pretos, que haviam aprendido a amar outras pessoas pretas, ao invés de se mostrarem invejosos e desconfiados. Ficava emocionado ao ver como os homens muçulmanos usavam as duas mãos para segurar as duas mãos de um irmão preto, sorrindo e manifestando a sua felicidade por encontrá-lo. As irmãs muçulmanas, tanto casadas como solteiras, eram honradas e respeitadas, de forma tal como eu nunca vira homens pretos fazerem com suas mulheres. Tudo isso me deixava maravilhado. As saudações que todos trocávamos eram calorosas e afetuosas, repletas de respeito mútuo e extrema dignidade: “Irmão”... “Irmã”... “Madame”... “Senhor”. Até mesmo as crianças usavam esses termos ao falarem com outras crianças. Era simplesmente maravilhoso!

Naquela ocasião, o Ministro do Templo Número Um era Lemuel Hassam.

- As-Salaikum — dizia-nos ele, quando chegávamos.
- Wa-Salaikum — respondíamos.

O Ministro Lemuel ficava de pé diante de nós, perto de um quadro-negro. Nesse quadro-negro podia-se ver, em tinta permanente, a um lado, a bandeira dos Estados Unidos e por baixo as palavras “Escravidão, Sofrimento e Morte”. Havia também a palavra “Cristianismo”, ao lado da Cruz. Por baixo da Cruz, havia o desenho de um homem preto enforcado numa árvore. No outro lado, estava pintado o que nos ensinavam ser a bandeira muçulmana, o crescente e a estrela sobre um campo vermelho, com as palavras “Islã: Liberdade, Justiça, Igualdade”. Por baixo estava escrito “Qual Irá Sobreviver à Guerra de Armagedon?”.

Por mais de uma hora, o Ministro Lemuel ficava falando sobre os ensinamentos de Elijah Muhammad. Eu ficava sentado extasiado, absorvendo cada palavra e cada gesto do Ministro Lemuel. Frequentemente, ele ilustrava as suas preleções escrevendo com giz, no quadro-negro, palavras e frases fundamentais.

Achei que era uma vergonha que o nosso pequeno templo ainda tivesse alguns lugares vazios. Comentei com meu irmão Wilfred que não deveria haver lugares vazios, com as ruas ao redor repletas de irmãos negros que haviam sofrido lavagem cerebral, bebendo, blasfemando, brigando, dançando, consumindo tóxicos, as próprias coisas que o Sr. Muhammad ensinava que contribuíam para fazer com que o homem preto na América permanecesse sob os tacões do homem branco.

Pelo que eu podia perceber, a atitude em relação ao recrutamento de novos muçulmanos equivalia a uma posição de espera derrotista... uma pressuposição de que Alá iria nos trazer novos membros. Eu achava que Alá estaria mais propenso a ajudar aos que se ajudavam a si mesmos. Vivera por muitos anos nas ruas dos guetos, conhecia os negros que andavam por aquelas ruas. Não havia qualquer diferença entre o Harlem e Detroit. Declarei que discordava da posição, que achava que deveríamos sair às ruas e recrutar novos muçulmanos. Durante toda a vida, sempre fora um ativista e por isso estava impaciente com aquela atitude de espera. Meu irmão Wilfred aconselhou-me a ser paciente. Tornou-se mais fácil para mim ter paciência pelo fato de que em breve poderia ver, talvez mesmo ser apresentado pessoalmente, ao homem que era chamado de “O Mensageiro”, o próprio Elijah Muhammad.

Hoje, tenho encontros com pessoas famosas no mundo inteiro, inclusive alguns chefes de estado. Mas naquele ano de 1952 fiquei aguardando o domingo anterior ao Dia do Trabalho com uma ansiedade que jamais se repetiu desde então. É que os muçulmanos do Templo Número Um, de Detroit, iam numa caravana motorizada — acho que eram uns dez automóveis — visitar o Templo Número Dois, de Chicago, a fim de ouvirem Elijah Muhammad.

Desde a infância que eu não me sentira tão excitado como naquela ocasião em que seguimos para Chicago, no carro de Wilfred. Desde então, em grandes concentrações muçulmanas, tenho visto, ouvido e

sentido até dez mil pretos, aplaudindo e aclamando. Mas naquela tarde de domingo, quando os membros de nossos dois pequenos templos se reuniram, os de Chicago dando boas-vindas aos de Detroit, experimentei vibrações na espinha que nunca mais tive.

Eu estava totalmente despreparado para o impacto físico sobre as minhas emoções da presença do Mensageiro Elijah Muhammad. O rosto pequeno, sensível, gentil, que eu tanto examinara em fotografias, até sonhar com ele, olhava fixamente para a frente, enquanto o Mensageiro avançava dos fundos do Templo Número Dois, a caminho da plataforma, cercado pelos guardas enormes do Fruto do Islã. Comparado com os guardas, o Mensageiro parecia frágil, quase minúsculo. Todos estavam vestidos em ternos escuros, camisas brancas, gravatas-borboletas. O Mensageiro usava um fez com bordados dourados.

Fiquei olhando fixamente para o grande homem que se dera ao trabalho de me escrever quando eu não passava de um simples preso, sobre o qual nada sabia. Ali estava o homem que me haviam dito ter passado muitos anos de sua vida no sofrimento e sacrifício, a fim de poder nos liderar, o povo preto, porque nos amava imensamente. E quando ouvi sua voz, inclinei-me para a frente no banco, hipnotizado pelas palavras (vou tentar reconstituir o que Elijah Muhammad disse naquela ocasião pelo que o ouvi falar daquele dia, em centenas de reuniões):

— Não parei um só dia nos últimos 21 anos. Tenho ficado de pé, pregando para vocês, durante esses 21 anos, enquanto estava em liberdade e até mesmo enquanto estive em grilhões. Passei três anos e meio numa penitenciária federal e também mais de um ano numa cadeia municipal por ensinar a verdade. Fui também privado de um amor de pai pela família dele por sete longos anos, enquanto estava fugindo dos hipócritas e outros inimigos da palavra e revelação de Deus... que darão vida a todos vocês e os colocarão no mesmo nível de todas as outras nações e povos civilizados e independentes deste planeta Terra...

Elijah Muhammad falou como, naquele deserto da América do Norte, o “demônio homem branco de olhos azuis” fizera uma lavagem cerebral no “chamado negro”, por muitos séculos. Em consequência, disse-nos ele, o homem preto da América estava “mental, moral e espiritualmente morto”. Elijah Muhammad contou que o homem preto era o Homem Original, que fora seqüestrado da sua pátria e despojado de sua língua, cultura, estrutura de família e nome de família, até que o homem preto na América nem mesmo era capaz de compreender quem era.

Disse e mostrou como seus ensinamentos do verdadeiro conhecimento de nós mesmos iriam elevar o homem preto do fundo da sociedade do homem branco. O homem preto acabaria voltando ao lugar em que começara, no topo da civilização.

Ao final, depois de fazer uma pausa para respirar, ele chamou meu nome.

Foi como um choque elétrico. Sem olhar diretamente para mim, Elijah Muhammad pediu-me que ficasse de pé.

Disse a todos que eu acabara de sair da prisão. E contou como eu me mostrara “forte” na prisão.

— Todos os dias, durante anos, o Irmão Malcolm escreveu-me uma carta da prisão. E procurei escrever-lhe tão freqüentemente quanto me era possível.

De pé no meio do templo, sentindo os olhos de 200 muçulmanos fixados em mim, ouvi Elijah Muhammad contar uma parábola a meu respeito.

Enquanto Deus se gabava como Jó permanecera fiel, disse Elijah Muhammad, o diabo respondera que isso só acontecera por causa da cerca protetora de Deus em torno dele.

— “Tire essa cerca protetora” — declarou o diabo — “e farei com que o Jó o amaldiçoe.”

O diabo podia alegar que, na cerca protetora da prisão, eu simplesmente me aproveitara do Islã, acrescentou o Sr. Muhammad. Mas o diabo diria que agora, fora da prisão, eu voltaria a beber, fumar, consumir tóxicos, a me dedicar a uma vida de crime.

— Agora que a cerca em torno do nosso bom irmão Malcolm foi removida, vamos ver como ele se comporta — disse Sr. Muhammad. — Creio que ele vai permanecer fiel.

E Alá me abençoou, permitindo-me permanecer firme e sincero em minha fé no Islã, apesar das muitas tentações e provocações que surgiram em meu caminho. E mesmo quando os acontecimentos provocaram uma crise entre mim e Elijah Muhammad, disse-lhe logo no início, com toda sinceridade, que ainda acreditava nele mais fortemente do que ele próprio acreditava em si.

O Sr. Muhammad e eu não estamos juntos hoje apenas por causa da inveja e ciúme. Eu tinha mais fé em Elijah Muhammad do que jamais terei em qualquer outro homem deste mundo.

Devem estar lembrados de que eu contei que o Sr. Muhammad era hóspede da casa de meu irmão Wilfred, sempre que visitava o Templo Número Um, em Detroit, durante o tempo que passei na prisão. Naquele domingo, depois da reunião, ele convidou toda a nossa família e o Ministro Lemuel Hassan para sermos seus convidados para o jantar, em sua nova casa.

O Sr. Muhammad contou que seus filhos e seguidores haviam insistido para que mudasse para aquela casa maior e melhor de Chicago, com 18 aposentos, na Woodlawn Avenue, 4847. Se bem me lembro, haviam acabado de se mudar, naquela semana mesmo. Ao chegarmos, o Sr. Muhammad levou-nos para o lugar que estava pintando. Tive de conter o impulso para correr e pegar uma cadeira para o Mensageiro de Alá. Em vez disso, como já tinha me falado, ele estava preocupado com o meu conforto.

Esperávamos ouvir sua sabedoria durante o jantar. Em vez disso, porém, ele estimulou-nos a falar. Fiquei sentado ali, pensando como

o nosso Templo de Detroit se limitava a esperar que Alá trouxesse novos convertidos... e pensei também nos milhões de pretos por toda a América que jamais haviam ouvido os ensinamentos que poderiam despertar e ressuscitar o homem preto. Ali, à mesa do Sr. Muhammad, acabei encontrando a língua. Sempre fui de falar o que estava pensando.

Aproveitando uma pausa na conversa, perguntei ao Sr. Muhammad quantos muçulmanos deveriam integrar nosso Templo Número Um, em Detroit.

— Devem ser milhares.

— Senhor, na sua opinião, qual a melhor maneira de atrair esses milhares de muçulmanos?

— Procurem os jovens — disse Elijah Muhammad. — A partir do momento em que eles forem atraídos, os mais velhos os seguirão, nem que seja por vergonha.

Tomei naquele mesmo instante a decisão de que iríamos seguir tal conselho.

De volta a Detroit, conversei com meu irmão Wilfred. Ofereci meus serviços ao Ministro do nosso Templo, Lemuel Hassan. Ele partilhava a minha determinação de que deveríamos aplicar a fórmula do Sr. Muhammad numa campanha de recrutamento. Começando naquele mesmo dia, todo fim de tarde, ao sair do trabalho na loja de móveis, eu me empenhava no que os muçulmanos mais tarde chamariam de “pescaria”. Afinal, eu conhecia a maneira de pensar e a linguagem dos guetos:

— Cara, deixa eu te contar uma boa...

É claro que meu pedido de inscrição na Nação do Islã já tinha sido feito. Nessa ocasião, recebi de Chicago o meu “X”. O “X” de um muçulmano simbolizava o seu verdadeiro nome de família africano, que ele jamais poderia conhecer. Para mim, o “X” substituíra o nome de senhor de escravos brancos “Little”, que algum demônio de olhos azuis impusera aos meus antepassados paternos. O “X” significa que dali por diante eu seria sempre conhecido na Nação do Islã como Malcolm X. O Sr. Muhammad ensinava que manteríamos esse “X” até que o próprio Deus voltasse e nos desse um Santo Nome de Sua própria boca.

Recrutando nos bares, salões de sinuca e esquinas do gueto de Detroit, descobri que meus irmãos pretos, pobres, ignorantes, vítimas de lavagem cerebral, estavam em sua maioria cegos, surdos e mudos, mental, moral e espiritualmente, para manifestar qualquer reação. Fiquei furioso ao constatar que só de vez em quando um deles demonstrava alguma curiosidade em relação aos ensinamentos que iriam ressuscitar o homem preto.

A esses poucos, eu tinha quase de implorar para que visitassem o Templo Número Um e nossa próxima reunião. Mas nem a metade dos que concordavam em ir terminava aparecendo.

Gradativamente, no entanto, mais e mais foram se interessando. A cada mês, mais alguns automóveis se incorporavam à nossa carava-

na para o Templo Número Dois, em Chicago. Mas mesmo depois de verem e ouvirem Elijah Muhammad pessoalmente, apenas uns poucos dos visitantes interessados encaminhavam cartas formais pedindo para serem aceitos como membros da Nação do Islã.

Apesar de tudo, com uns poucos meses de recrutamento triplicou o número de membros do Templo Número Um. O Sr. Muhammad ficou tão satisfeito que nos concedeu a honra de uma visita pessoal.

Na ocasião, o Sr. Muhammad fez-me um elogio caloroso, depois que o Ministro Lemuel Hassan contou-lhe como eu me empenhara arduamente pela causa do Islã.

Nossas caravanas continuaram a crescer. Lembro do orgulho intenso que sentimos quando uma caravana de 25 automóveis seguiu para Chicago. E a cada vez que íamos até lá, éramos honrados com um convite para jantar na casa de Elijah Muhammad. Pude perceber, pelas coisas que ele dizia, que estava muito interessado no meu potencial.

E eu o idolatrava.

Deixei a loja de móveis no início de 1953. Fui trabalhar, por um salário semanal um pouco melhor, na fábrica Gar Wood, de Detroit, onde se fabricavam carrocerias de caminhão de lixo. Limpava os aparelhos de solda sempre que se terminava a fabricação de mais uma carroceria.

A esta altura, o Sr. Muhammad estava dizendo à mesa de jantar que uma das suas maiores necessidades era de jovens dispostos a trabalhar tão arduamente quanto era preciso, a fim de assumirem as responsabilidades como seus ministros. Comentava que seus ensinamentos estavam se disseminando rapidamente e havia uma necessidade urgente de criar templos em outras cidades.

Simplesmente nunca me ocorrera que *eu* podia me tornar um ministro. Jamais me sentira sequer remotamente qualificado para representar o Sr. Muhammad. Se alguém me interrogasse sobre a perspectiva de virar um ministro, eu teria ficado espantado e responderia que estava satisfeito e disposto a servir ao Sr. Muhammad como o mais humilde dos auxiliares.

Não sei se foi o Sr. Muhammad quem fez a sugestão ou se a idéia foi do nosso próprio Ministro do Templo Número Um, Lemuel Hassan, que me estimulou a falar perante os nossos irmãos e irmãs reunidos. Lembro que falei sobre o que os ensinamentos do Sr. Muhammad haviam feito por mim:

— Se eu lhes contasse a vida que levava, achariam muito difícil acreditar em minhas palavras... Quando digo alguma coisa sobre o homem branco, não estou falando de alguém que não conheço...

Não demorou muito para que o Ministro Lemuel Hassan insistisse para que eu falasse novamente aos meus irmãos e irmãs, com um sermão de improviso. Fiquei indeciso, hesitante, mas acabei falando. Pelo menos tinha alguma experiência dos debates na prisão e esforcei-me para falar o melhor possível (claro que não posso me recordar exatamente do que falei, mas sei que meus esforços iniciais se concentra-

vam num dos meus temas prediletos, o cristianismo e os horrores da escravidão, sobre o qual me sentia bastante bem preparado, das leituras que fizera na prisão).

— Meus irmãos e irmãs, a religião cristã do senhor de escravos tem-nos ensinado que as pessoas pretas, aqui neste deserto da América do Norte, vão criar asas quando morrerem e subirão para o céu, onde Deus terá para nós um lugar especial chamado paraíso. Mas essa é a religião cristã do homem branco usada para fazer uma *lavagem cerebral* nas pessoas pretas! E temos *aceitado!* E temos *adotado!* E temos *acreditado!* E temos *praticado!* E enquanto estamos fazendo tudo isso, esse demônio de olhos azuis *torceu* o seu cristianismo para manter os *pés* calcando as nossas costas... para mantermos os olhos fixados nas promessas de um paraíso nos céus no futuro... enquanto *ele* desfruta o *seu* paraíso *aqui...* nesta terra... nesta vida!

Hoje, quando milhares de muçulmanos e outros se reúnem para me ouvir, quando audiências de milhões estão ao alcance da minha voz através dos microfones das emissões de rádio e televisão, tenho certeza de que raramente sinto tanta emoção e eletricidade quanto a que era gerada em mim pelos rostos levantados daqueles 75 a 100 muçulmanos, além de mais alguns visitantes curiosos, sentados na loja de beira de rua que era o nosso templo, com os guinchos dos porcos vindo dos matadouros nas proximidades.

No verão de 1953 — Alá seja louvado! — fui nomeado Ministro Assistente do Templo Número Um de Detroit.

Todos os dias, depois do trabalho, eu saía a “pescar” convertidos em potencial, no gueto negro de Detroit. Podia ver as características africanas dos meus irmãos e irmãs pretos, que haviam sido vítimas da lavagem cerebral do homem branco diabólico. Os cabelos deles eram como tinham sido os meus durante anos, esticados com lixívia, até que parecessem lisos como os cabelos do homem branco. Vezes sem conta, os ensinamentos do Sr. Muhammad eram repelidos e até mesmo ridicularizados...

— Ah, cara, não enche! Isso é papo de negro doido!

Havia ocasiões em que sentia uma vertigem, dominado pela raiva e compaixão dos meus pobres irmãos pretos, completamente cegos. Mal podia esperar pela próxima ocasião em que o Ministro Lemuel Hassan me deixaria falar novamente no Templo.

— Não desembarcamos no Rochedo de Plymouth, meus irmãos e irmãs... o Rochedo de Plymouth é que aterrissou em cima de nós!... Dêem *tudo* o que puderem para ajudar o programa de independência do homem do Mensageiro Elijah Muhammad!... Esse homem branco sempre nos dominou e controlou, mantendo-nos a rastejar diante de seus pés a implorar: “Por favor, meu senhor, por favor, Mister Homem Branco, pode deixar outra migalha cair de sua mesa que está carregada de riquezas...”

“...meus *lindos* irmãos e irmãs pretos! E quando nos referimos a ‘preto’, estamos falando de tudo que não é branco, meus irmãos e

nãs! Somos todos pretos para o homem branco, mas temos mil e umas diferentes. Olhem só para as suas peles! Virem-se, olhem um para o outro! Que tom de preto africano poluído pelo homem branco vocês são? Estão me vendo... pois saibam que as ruas costumavam me chamar de Detroit Red! É isso mesmo! Um demônio estuprador de cabeça vermelha foi *meu avô*! É tão perto assim! Era o pai da minha mãe! Ela não gostava de falar a respeito. E alguém pode culpá-la por isso? Dizia que jamais vira o pai. E sentia-se contente por isso! E eu me sinto contente por ela! Se eu pudesse tirar todo o sangue *dele* que polui *meu* corpo e polui *minha* pele, podem estar certos de que o faria! Porque odeio cada gota de sangue do estuprador que está em mim!

“E isso acontece não apenas comigo, mas com *todos* nós! Durante a escravidão... pensem nisso!... foi raro que uma das nossas avós pretas, das nossas bisavós, das nossas tataravós, pudesse escapar ao senhor de escravos branco estuprador! O senhor de escravos estuprador que emasculava o homem preto... com ameaças, com o medo... até que hoje o homem preto vive com o medo do homem branco no coração! E até hoje ainda vive sob os tacões do homem branco!

“Pensem nisso! Pensem naquele escravo preto cheio de medo e temor, ouvindo os gritos da mulher, da mãe, da filha... sendo estupradas... no estábulo, na cozinha, no mato! Pensem nisso, meus queridos irmãos e irmãs! Pensem em ouvir esposas, mães e filhas sendo estupradas! E vocês também estão com medo do estuprador para fazerem alguma coisa! E à prole dos seus atos ignóbeis e animais, esse homem branco chamou de coisas como ‘mulato’ e ‘quadrarão’, de tantas outras coisas que ainda nos chamam... a vocês e a mim... quando não estão desdenhosamente nos chamando de crioulos!

“Virem-se e olhem uns para os outros, meus irmãos e irmãs... e pensem nisso! Você e eu, poluídos em todas essas cores... e esse demônio tem a arrogância e o descaramento de pensar que nós, suas vítimas, devemos amá-lo!

Eu me sentia tão incensado que às vezes ficava andando pelas ruas até tarde da noite. Havia ocasiões em que passava horas sem falar com ninguém, pensando no que o homem branco fizera com a nossa pobre gente aqui na América.

Na fábrica da Gar Wood, onde eu trabalhava, o supervisor foi me procurar um dia, parecendo bastante nervoso. Disse que havia um homem no escritório querendo me falar.

O homem branco que estava lá me esperando foi logo dizendo, assim que apareci:

— Sou do FBI.

Ele abriu com um piparote — é assim que eles fazem, para intimidar a pessoa — a carteira preta de couro em que estava a sua identidade. Disse que eu tinha de acompanhá-lo. Não explicou para que nem por quê.

Fui com ele. No escritório local do FBI, perguntaram por que eu

não havia me alistado para a convocação para a Guerra da Coreia.
— Acabei de sair da prisão — respondi. — Não sabia que estavam aceitando homens com antecedentes de condenado.

Eles realmente acreditaram que eu achava que os ex-condenados não precisavam se alistar. Fizeram-me uma porção de perguntas. Fiquei contente por não indagarem se eu tencionava vestir o uniforme do homem branco, pois responderia que não. Jamais lhes passou pela cabeça que eu poderia recusar. Disseram que não iam me mandar para a cadeia porque eu deixara de me alistar, que iam me dar uma oportunidade. Mas eu teria que me alistar imediatamente.

Sai dali direto para a junta do recrutamento. Deram-me um formulário para preencher e escrevi nos lugares indicados que era muçulmano e tinha objeção de consciência à guerra.

Entreguei o formulário preenchido. O demônio de meia-idade e de ar entediado que o recebeu deu uma rápida olhada e depois me fitou. Levantou em seguida e foi para outra sala, obviamente a fim de consultar algum superior. Voltou depois de algum tempo e fez um gesto para que eu entrasse na outra sala.

Havia três demônios mais velhos — pelo que posso me lembrar, eram três — lá dentro, sentados atrás de escrivainhas. Todos haviam assumido a expressão de “crioulo criador de casos”. Fitei-os nos olhos com a expressão de “demônio branco”. Perguntaram por que eu alegava que tinha a religião muçulmana. Respondi que o Mensageiro de Alá era o Sr. Elijah Muhammad e todos os seguidores do Sr. Muhammad na América eram muçulmanos. Eu sabia que eles já tinham ouvido a mesma coisa antes, de outros jovens membros do Templo Número Um que haviam estado ali.

Indagaram se eu sabia o que significava “objeção de consciência”. Respondi que, quando o homem branco me pedia para ir a algum lugar, a fim de lutar e talvez morrer para preservar a maneira como ele tratava o homem preto na América, então minha consciência levava-me a objetar.

Disseram-me que meu caso ficaria “pendente”. De qualquer forma, tive que fazer os exames físicos. Depois, mandaram-me um cartão com uma classificação qualquer. Isso foi em 1953. Nunca mais tive qualquer notícia a respeito durante sete anos, quando recebi outro cartão de classificação pelo correio. Para dizer a verdade, está na minha carteira neste momento. O número do cartão é 20 219, 25 1377, datado de 21 de novembro de 1960. Diz que pertencço à “Classe 5-A”, o que quer que isso signifique. O carimbo no verso é da “Junta de Recrutamento Local de Michigan N° 19, Condado de Wayne, South Wayne Road, 3604, Michigan”.

Cada vez que eu falava no Templo Um, minha voz ainda estava meio rouca da última vez. A garganta levava muito tempo para voltar à forma.

— Querem saber *por que* o homem branco realmente odeia vo-

cês? É porque toda vez que olha para os rostos de vocês vê o seu crime refletido... e sua consciência culpada faz com que não suporte olhar para isso!

“Cada homem branco da América, quando fita nos olhos um homem preto, deveria cair de joelhos e dizer: ‘Perdoe, perdoe... Minha espécie cometeu o maior crime da história contra a sua espécie. Pode me dar a oportunidade de reparar esse crime?, Mas por acaso estão esperando, meus irmãos e irmãs, que algum homem branco faça isso? Claro que não! Sabem que isso nunca vai acontecer! E por que o homem branco jamais fará isso? Porque não pode! O homem branco foi criado como um demônio, para trazer o caos a este mundo...”

Nessa ocasião, deixei a fábrica da Gar Wood e fui trabalhar para a Ford Motor Company, numa das linhas de montagem da Divisão Lincoln-Mercury.

Como um jovem ministro, eu ia para Chicago e conversava com o Sr. Elijah Muhammad cada vez que podia. Ele encorajava-me a procurá-lo sempre que fosse possível. Eu era tratado como se fosse um dos filhos do Sr. Muhammad e de sua esposa meiga e preta, Irmã Clara Muhammad. Só ocasionalmente é que eu via os filhos deles. Naquela ocasião, quase todos trabalhavam em Chicago ou arredores, nos mais diversos empregos, como operários, motoristas de táxi e coisas do gênero. Também morava na casa a querida Mãe Marie do Sr. Muhammad.

Eu passava quase tanto tempo com a Mãe Marie quanto com o próprio Sr. Muhammad. Adorava ouvir as reminiscências dela a respeito do início da vida do filho Elijah, quando viviam em Sandersville, Geórgia, onde ele nascera, em 1897.

O Sr. Muhammad ficava conversando comigo durante horas a fio. Depois de comermos uma boa e saudável comida muçulmana, continuávamos sentados à mesa de jantar, falando e falando. Ou então eu o acompanhava nas rondas diárias de carro que ele fazia pelas poucas mercearias que os muçulmanos possuíam em Chicago. Essas mercearias eram exemplos para ajudar os pretos a compreenderem o que podiam fazer por si mesmos, contratando empregados da sua própria espécie e comerciando com a sua própria espécie, deixando assim de ser explorados pelo homem branco.

No misto de *drugstore* e mercearia de propriedade muçulmana, na esquina de Wentworth com a Rua 31, o Sr. Muhammad varria o chão ou realizava algum outro serviço humilde semelhante. Fazia esses trabalhos como um exemplo para seus seguidores, aos quais ensinava que a ociosidade e a preguiça estavam entre os maiores pecados que o homem preto cometia contra si mesmo. Minha vontade era arrancar a vassoura das mãos do Sr. Muhammad, porque achava que ele era valioso demais para ficar varrendo o chão de uma loja. Mas ele não me permitia fazer qualquer outra coisa que não ficar de lado e escutar, enquanto me aconselhava sobre as melhores maneiras de divulgar sua mensagem.

Da maneira como éramos um para o outro, eu não podia deixar de pensar em Sócrates na escadaria do mercado de Atenas, transmitindo sabedoria aos discípulos. Ou como um desses discípulos, Aristóteles, fazia com que os seus discípulos o seguissem, enquanto atravessava o Liceu.

Lembro perfeitamente de um dia em que havia um copo sujo no balcão. O Sr. Muhammad pôs um copo limpo ao lado.

— Quer saber como espalhar meus ensinamentos? — Ele apontou para os copos. — Não condene se encontrar uma pessoa que tenha um copo sujo, apenas mostre o copo limpo que possui. E quando a pessoa o examinar, não precisará dizer que o seu é melhor.

De todas as coisas que o Sr. Muhammad me ensinou, essa é a que sobressai em minha mente. Não sei por quê. É verdade que nem sempre tenho seguido tal ensinamento, pois sou muito afeiçoado ao combate. Estou sempre propenso a dizer a alguém que seu copo está sujo.

Mãe Marie, quando o Sr. Muhammad estava ocupado, falava-me da infância do filho e de seu crescimento na Geórgia, até o final da adolescência.

O relato de Mãe Marie sobre o filho começava quando ela própria estava com sete anos de idade. Contou-me que nessa ocasião tivera uma visão de que um dia seria mãe de um grande homem. Casara com um ministro batista, o Reverendo Poole, que trabalhava nas fazendas e serrarias em Sandersville e nos arredores. Entre os seus 13 filhos, dizia Mãe Marie, o pequeno Elijah sempre fora bastante diferente, quase desde o momento em que começara a andar e falar.

O menino pequeno e frágil geralmente resolvia as discussões entre os irmãos e irmãs mais velhos, disse Mãe Marie. Embora mais moço, começara a ser encarado como o líder de todos. E Elijah, na ocasião em que ingressara na escola, começara a demonstrar uma intensa consciência de raça. Depois do quarto ano, Elijah tivera que largar a escola e começar a trabalhar em tempo integral, já que a família era muito pobre. Uma irmã mais velha ensinara a Elijah tudo o que sabia, à noite.

Mãe Marie contou que Elijah passava horas e horas lendo a Bíblia, com lágrimas brilhando nos olhos (o próprio Sr. Muhammad contou-me mais tarde que, quando menino, achava que as palavras da Bíblia representavam uma porta fechada, que poderia ser destrancada se alguém soubesse como fazê-lo; chorava por causa de sua ansiedade frustrada em encontrar a compreensão). Elijah se tornara um adolescente ainda frágil, que demonstrava um amor excepcionalmente intenso por sua raça. Mãe Marie contou que, ao invés de condenar as faltas dos negros, Elijah sempre procurava explicar as razões para que existissem.

Mãe Marie já morreu. Creio que ela teve um dos maiores funerais a que Chicago já assistiu. Não apenas os muçulmanos mas também muitos outros compareceram, pois todos sabiam do profundo vínculo entre o Mensageiro Elijah e sua mãe.

— Não me sinto envergonhado em contar que tive bem pouca ins-

trução — disse-me o Sr. Muhammad. — O fato de ter estudado até o quarto ano apenas prova que não posso saber de nada além da verdade que me foi ensinada por Alá. Alá ensinou-me matemática. Descobriu que eu tinha a língua meio presa e ensinou-me a pronunciar corretamente as palavras.

O Sr. Muhammad contou que nunca pôde suportar a maneira como os fazendeiros brancos, os capatazes das serrarias e outros patrões brancos de Sandersville costumavam insultar os trabalhadores negros. Disse que pedia polidamente a todos aqueles para os quais trabalhava que nunca o insultassem.

— Dizia a eles que podiam me despedir se não gostassem do meu trabalho, mas que não me insultassem.

(A conversa normal do Sr. Muhammad era processada da mesma maneira como ele falava quando discursava. Não era um homem “eloqüente”, como se entende habitualmente a eloqüência, mas tudo o que ele dizia tinha um tremendo impacto sobre mim, que oradores experientes jamais puderam igualar.) Disse que se empenhava com tanto zelo nos empregos que teve que geralmente acabava sendo posto no comando de outros negros.

Depois que o Sr. Muhammad e a Irmã Clara se conheceram e casaram, depois que nasceram os dois primeiros filhos do casal, um patrão branco insultou-o, no início de 1923. O Sr. Muhammad, que então ainda se chamava Elijah Poole, resolveu mudar-se para Detroit com a família, a fim de evitar problemas. Ali chegou quando estava com 25 anos. Ali nasceriam mais cinco filhos e depois nasceria o último em Chicago.

Foi em Detroit, em 1931, que o Sr. Muhammad conheceu o Mestre W. D. Fard.

Os efeitos da Depressão eram terríveis por toda parte, mas no gueto negro eram ainda piores, contou-me o Sr. Muhammad. Um homenzinho de pele clara, meio parda, batia de porta em porta dos apartamentos dos negros atormentados pela miséria. O homem vendia sedas e outros artigos e se identificava como “um irmão do Oriente”.

Esse homem começou a contar aos negros como tinham vindo de uma terra distante, nas sementes de seus antepassados.

Advertiu-os contra o “porco imundo” e outros “alimentos errados”, que os negros habitualmente comiam.

Entre os negros mais receptivos, começou a realizar pequenas reuniões, nas habitações miseráveis deles. O homem ensinava tanto o Quran (Alcorão) como a Bíblia. Entre os seus discípulos estava Elijah Poole.

O homem revelou que seu nome era W. D. Fard e disse que nasceria na tribo *Koreish*, de Muhammad ibn Abdullah, o próprio profeta árabe. Esse mascate de sedas, Sr. W. D. Fard, conhecia a Bíblia melhor do que qualquer um dos negros criados como cristão.

Na essência, o Sr. W. D. Fard ensinava que o verdadeiro nome de Deus era Alá, que Sua verdadeira religião era o Islã, que o ver-

dadeiro nome para os seguidores dessa religião era muçulmanos.

O Sr. W. D. Fard ensinava que os negros da América descendiam diretamente de muçulmanos. Ensinava que os negros da América eram as Ovelhas Perdidas, há mais de 400 anos desgarradas da Nação do Islã. Ele, Sr. W. D. Fard, viera redimir e devolver ao negro a sua verdadeira religião.

Não havia qualquer paraíso no céu, ensinava o Sr. Fard, assim como não havia qualquer inferno debaixo da terra. Ao contrário, tanto paraíso como inferno eram condições que os pobres enfrentavam aqui mesmo no planeta Terra. O Sr. Fard ensinava que os negros da América há 400 anos estavam vivendo no inferno e ele viera para levá-los de volta ao seu paraíso perdido, a própria terra deles, entre sua própria espécie.

Mestre Fard ensinava que assim como o inferno estava ali na terra, também na terra se encontrava o demônio: era a raça branca, que fora criada a partir do Homem Original preto, há seis mil anos, para criar um inferno na terra pelos seis mil anos seguintes.

O povo preto, os filhos de Deus, eram eles próprios Deuses, ensinava Mestre Fard. E ensinava ainda que entre eles se encontrava também um ser humano como os outros que era o Deus dos Deuses, O Maior, O Mais Elevado, O Ser Supremo, superior em sabedoria e poder... e Seu nome próprio era Alá.

Entre aquele punhado de primeiros convertidos, em Detroit, em 1931, Mestre W. D. Fard ensinava que cada religião diz que ao se aproximar o Dia Final, o Fim dos Tempos, Deus viria para buscar as Ovelhas Perdidas, levá-las de volta a seu próprio povo. Mestre Fard ensinava que a Profecia falava desse Descobridor e Salvador das Ovelhas Perdidas como o Filho do Homem, Deus em Pessoa, Aquele Que Dá a Vida, O Redentor ou O Messias, que viria como o raio do Oriente e apareceria no Ocidente.

Ele era Aquele a quem os judeus se referiam como O Messias, os cristãos como O Cristo e os muçulmanos como O Mahdi.

Eu ficava como que hipnotizado, ouvindo o Sr. Muhammad falar o que na ocasião aceitava como a verdadeira história da nossa religião, a verdadeira religião do homem preto. O Sr. Muhammad contou-me que uma noite tivera uma revelação de que Mestre W. D. Fard representava a realização da profecia.

— Perguntei a Ele: Quem é você e qual o seu verdadeiro nome? E ele disse: “Sou Aquele que o mundo está esperando há dois mil anos.” Indaguei novamente a Ele: “Qual o seu verdadeiro nome?” E Ele me respondeu: “Meu nome é Mahdi. Vim orientá-lo para o caminho certo.”

O Sr. Muhammad disse que ficou escutando com o coração e mente abertos... da mesma forma como eu ficava escutando o Sr. Muhammad. E o Sr. Muhammad disse que jamais duvidou, por um momento sequer, das palavras do “Salvador”.

Começando a se organizar, Mestre W. D. Fard instituiu um curso para preparar os ministros que levariam os seus ensinamentos para o povo preto da América. Ao dar nomes a esses primeiros ministros, Mestre Fard chamou Elijah Poole de "Elijah Karriem".

Em seguida, Mestre Fard instituiu em Detroit, ainda em 1931, uma Universidade do Islã. Tinha cursos para adultos, ensinando, entre outras coisas, noções de matemática, para ajudar os negros pobres a não se deixarem mais enganar pela "truquenologia" do "demônio homem branco de olhos azuis".

Começar uma escola de improviso implicava necessariamente a ausência de professores qualificados. Mas era preciso começar de alguma forma. O Sr. Elijah Karriem tirou seus filhos das escolas públicas de Detroit, para iniciar um núcleo de crianças na Universidade do Islã.

O Sr. Muhammad disse que a deficiência da instrução formal de seus filhos mais velhos refletia o sacrifício deles para formar a estrutura das atuais Universidades do Islã, em Detroit e Chicago, que dispõem de professores mais habilitados.

Mestre W. D. Fard escolheu Elijah Karriem para ser o Supremo Ministro, acima de todos os outros ministros, o que provocou ciúmes amargos. Todos eles tinham mais instrução que Elijah Karriem e eram também mais compreensíveis, sabiam falar melhor. Ficaram furiosos, até mesmo na presença dele, dizendo:

— Por que devemos nos curvar diante de alguém que é menos qualificado?

Mas o Sr. Elijah Karriem foi mantido no posto, sendo rebatizado como "Elijah Muhammad". Como Supremo Ministro, começou a receber ensinamentos particulares de Mestre W. D. Fard, durante os três anos e meio seguintes, durante os quais, disse-me ele, "ouvi coisas jamais reveladas a outros".

Durante esse período, o Sr. Elijah Muhammad e Mestre W. D. Fard foram a Chicago e ali fundaram o Templo Número Dois. Também criaram em Milwaukee as bases para um Templo Número Três.

Em 1934, Mestre W. D. Fard desapareceu, sem deixar o menor vestígio.

Elijah Muhammad diz que houve atentados contra a sua vida, porque o ciúme dos outros ministros chegara a esse ponto de intensidade. Diz que esses "hipócritas" obrigaram-no a fugir para Chicago. O Templo Número Dois tornou-se seu quartel-general, até que os "hipócritas" perseguiram-no até ali, obrigando-o a fugir de novo. Em Washington, ele começou o Templo Número Quatro. Enquanto ali estava, aproveitou para ir à Biblioteca do Congresso e estudar alguns livros, indicados por Mestre W. D. Fard, porque continham diferentes fragmentos da verdade, registrados pelo demônio branco, mas que não se encontravam em livros geralmente disponíveis para o público.

Dizendo que ainda era perseguido pelos "hipócritas", o Sr. Muhammad acabou fugindo também de Washington. Passou a viajar de cidade em cidade, jamais se demorando por muito tempo em qualquer

uma. Sempre que podia, ia para casa, a fim de visitar a esposa e os oito filhos, que eram alimentados por outros muçulmanos pobres, que com eles partilhavam o pouco que possuíam. Até mesmo os seguidores originais do Sr. Muhammad em Chicago não sabiam quando ele aparecia em casa, pois ele diz que os "hipócritas" faziam todos os esforços para matá-lo.

O Sr. Muhammad foi preso em 1942. Ele diz que os negros Pai Tomás haviam alertado o demônio homem branco para os seus ensinamentos. Foi acusado pelo demônio homem branco de insubmisso, embora já estivesse velho demais para o serviço militar. Foi condenado a cinco anos de prisão. Na penitenciária federal de Milan, Michigan, o Sr. Muhammad passou três anos e meio, até receber livramento condicional. Voltou ao trabalho em 1946, a fim de remover as vendas dos olhos do homem no deserto da América do Norte.

Posso me ouvir agora, em nosso pequeno Templo Muçulmano, a falar veementemente para meus irmãos e irmãs pretos:

"Ah, esse homem pequeno, suave e gentil! O Honrado Elijah Muhammad, que neste momento está ensinando a nossos irmãos e irmãs em Chicago! É o Mensageiro de Alá, que o torna o mais poderoso homem preto da América! Por vocês e por mim, ele sacrificou sete anos de sua vida a fugir dos repulsivos hipócritas, passou outros três anos e meio numa prisão! Foi metido lá pelo demônio homem branco! O demônio homem branco não está querendo que Elijah Muhammad desperte o gigante adormecido que existe em mim e vocês, em todos os nossos irmãos ignorantes vítimas da lavagem cerebral, que aqui vivem, neste lugar que é o paraíso do homem branco e o inferno do homem preto, aqui nesta selva e deserto que é a América do Norte!

"Tenho passado muito tempo sentado aos pés do nosso Mensageiro, ouvindo a verdade de seus lábios! Tenho suplicado de joelhos a Alá para que revele ao homem branco os crimes que ele cometeu e ao homem preto os ensinamentos do Venerável Elijah Muhammad. Não me importo se isso pode me custar a vida..."

Era essa a minha atitude. Eram essas as minhas palavras firmes e decididas, pronunciadas em toda parte, sem qualquer hesitação ou medo. Eu era o seu servidor mais fiel e sei hoje que acreditava nele mais firmemente do que o próprio Elijah Muhammad acreditava em si mesmo.

Nos anos que teria pela frente, eu iria enfrentar uma terrível crise psicológica e espiritual.

Capítulo Treze

MINISTRO MALCOLM X

Deixei a Divisão Lincoln-Mercury da Ford Motor Company. Tornara-se evidente para mim que o Sr. Muhammad precisava de ministros para divulgar seus ensinamentos, criando mais templos entre os 22 milhões de irmãos pretos que estavam adormecidos, vítimas de lavagem cerebral, nas cidades da América do Norte.

Minha decisão foi relativamente rápida. Sempre fui um ativista e minha química pessoal provavelmente permitiu-me chegar a um estágio de intensa dedicação muito mais depressa que a maioria dos ministros da Nação do Islã. Mas cada ministro da Nação, em seu próprio tempo, à sua própria maneira, na intimidade de sua alma, chegou à convicção de que estava escrito que toda a sua vida “anterior” fora apenas condicionamento e preparativo para se tornar um discípulo do Sr. Muhammad.

Tudo o que acontece, ensina o Islã, está escrito.

O Sr. Muhammad convidava-me a visitar sua casa em Chicago, tão freqüentemente quanto era possível, por muitos meses, enquanto me instruí.

Mesmo na prisão, nunca estudara e absorvera tão intensamente quanto agora, sob a orientação do Sr. Muhammad. Mergulhei nos rituais do culto; estudei o que ele nos ensinava serem as verdadeiras naturezas de homens e mulheres; aprendi técnicas e métodos de organização e administração; descobri os verdadeiros significados e os significados relacionados da Bíblia e Corão.

Todas as noites, ia deitar cada vez mais impressionado. Se não havia sido Alá, quem mais poderia ter conferido tanta sabedoria a um homem humilde da Geórgia, que não fora além do quarto ano primário e trabalhara em serrarias? Era o “cordeiro de um homem”, uma analogia que eu mesmo extraí do Livro do Apocalipse, que tem a profecia de um cordeiro simbólico com uma espada de dois gumes na boca. A espada de dois gumes do Sr. Muhammad eram os seus ensinamentos, que cortavam para um lado e outro, a fim de libertar a mente do homem preto do domínio do homem branco.

Minha adoração pelo Sr. Muhammad foi crescendo, no sentido da palavra latina original *adorare*. Significa muito mais do que a “adoração” em inglês. Significa que minha veneração por ele era tão gran-

de que se tornou o primeiro homem a quem eu temia, mas não o temor de um homem que tem um revólver na mão, mas sim o temor de um homem que possui todo o poder do sol.

Quando senti que eu já estava em condições, o Sr. Muhammad permitiu-me ir para Boston. O Irmão Lloyd X vivia ali. Convidou pessoas que conseguira interessar pelo Islã para me ouvirem em sua sala de estar.

Vou citar o que costumava dizer quando estava começando, conforme posso me recordar. Lembro bem das linhas gerais que usava, em frases sucessivas, naquele tempo. Sei que gostava sempre de iniciar com a minha analogia predileta do Sr. Muhammad.

“Deus concedeu ao Sr. Muhammad uma verdade afiada. É como uma espada de dois gumes. Penetra na gente, causa uma dor intensa. Mas se puderem aceitar a verdade, irá curá-los e salvá-los do que seria, em caso contrário, a morte certa.”

Em seguida, eu não perdia tempo e começava imediatamente a abrir-lhe os olhos para o demônio que era o homem branco:

“Sei que não compreendem a enormidade, os horrores indescritíveis, do crime do homem branco supostamente cristão...”

“Nem mesmo na *Bíblia* existe um crime tão horrendo! Deus, em sua ira, liquidava com *fogo* os que cometiam crimes *menores*! São *cem milhões* de pretos! Os seus avós! Os meus! *Assassinados* pelo homem branco! Para trazer 15 milhões de nós para a América como escravos, o homem branco assassinou no processo cem milhões! Gostaria que me fosse possível mostrar-lhes o fundo do mar naqueles tempos... os corpos pretos, o sangue, os ossos quebrados por botas e porretes! As mulheres pretas grávidas que eram lançadas ao mar se ficavam doentes! Lançadas ao mar para os tubarões, que haviam aprendido que seguir aqueles navios negreiros era a maneira certa de se alimentarem fartamente!

“O estupro da mulher de raça preta pelo homem branco começou já naqueles navios negreiros! O demônio de olhos azuis nem mesmo pôde esperar até que chegassem aqui! Meus irmãos e irmãs, a humanidade civilizada jamais conheceu uma orgia tão grande de ganância, luxúria e brutalidade...”

A dramatização da escravidão jamais deixava de impressionar intensamente os negros que ouviam pela primeira vez os relatos de seus horrores. É incrível como tantos homens e mulheres pretos deixaram que o homem branco os enganasse, inculcando-lhes uma noção quase romântica do que foram os tempos de escravidão. Depois que os enfurecia com as descrições da escravidão, eu passava a falar deles próprios:

“Quero que vocês, ao deixarem esta sala, comecem a *ver* tudo isso, onde quer que encontrem o demônio homem branco. É isso mesmo: ele é um demônio! Gostaria apenas que comessem a observá-lo, nos lugares em que ele não deseja vê-los por perto. Observem-no se deleitando em suas riquezas, em sua exclusividade, em sua vaidade, enquanto continua a subjugar e explorar a mim e a vocês. Cada vez

que avistarem um homem branco, pensem no demônio que estão vendo! Pensem como foi que eles usaram o sangue de seus antepassados escravos, o suor de seus rostos, para construir este império que é hoje a mais rica de todas as nações... e pensem que sua maldade e ganância levaram-no a ser odiado no mundo inteiro!”

A cada nova reunião, as pessoas que já haviam estado ali antes voltavam, trazendo amigos. Nenhuma delas jamais ouvira alguém arrancar a máscara do homem branco. Não posso me recordar de qualquer homem preto, naquelas audiências na sala de estar da casa do Irmão Lloyd X, na Wellington Street, 5, que não se levantasse imediatamente quando, ao final de cada preleção, eu perguntava:

— Os que acreditam no que acabaram de ouvir podem se levantar?

E nas noites de domingo, vários se levantavam, enquanto outros mostravam que ainda não estavam preparados, quando eu indagava:

— Quantos de vocês vão querer seguir o Venerável Elijah Muhammad?

Havia pessoas suficientes ficando de pé, depois de três meses, para que abrissemos um pequeno templo. Lembro nitidamente do prazer imenso com que alugamos algumas cadeiras dobradiças. Eu estava fora de mim de tanta alegria quando pude informar ao Sr. Muhammad o endereço de um novo templo.

Foi depois que instalamos a pequena mesquita que minha irmã Ella começou a aparecer para me ouvir. Ficava sentada, olhando com uma cara de espanto, como se não pudesse acreditar que fosse eu mesmo! Ella jamais se mexia, mesmo quando eu simplesmente pedia para que todos os que acreditavam nas minhas palavras ficassem de pé. Mas sempre contribuía por ocasião da coleta. Jamais me preocupei ou me senti desafiado por Ella. Nunca sequer pensei em convertê-la. Sabia pessoalmente que Ella era obstinada e se recusava tenazmente a aderir a qualquer coisa. Não podia imaginar que alguém, a não ser o próprio Alá, fosse capaz de converter Ella.

Eu encerrava as reuniões como o Sr. Muhammad me ensinara:

“Em nome de Alá, o benfeitor, o misericordioso, todo louvor é devido a Alá, o Senhor de todos os mundos, o mestre benfeitor e misericordioso do dia do julgamento em que agora vivemos... a Ti somente servimos, a Ti somente suplicamos por orientação. Guie-nos pelo caminho certo, o caminho daqueles a quem concedes Teus favores, não o caminho daqueles sobre os quais se abate a Tua ira nem o caminho daqueles que, se desgarram depois de terem ouvido os Teus ensinamentos. Declaro que não existe nenhum outro Deus que não Alá e que o Venerável Elijah Muhammad é o Teu Servo e Apóstolo.”

Eu realmente acreditava que ele fora enviado para o nosso povo pelo próprio Alá. Ao final, eu levantava a mão para dispensá-los, arrematando:

“Não façam a ninguém nada que não queiram que façam a vocês. Procurem a paz e jamais sejam o agressor... mas se alguém os atacar, não lhes ensinamos a oferecerem a outra face. Que Alá possa

abençoá-los para que sejam bem-sucedidos e vitoriosos em tudo o que façam!”

Exceto pelo dia em que ficara hospedado com Ella, ao sair da prisão e quando estava em trânsito para Detroit, eu não percorria as velhas ruas de Roxbury há sete anos. Fui me encontrar com Shorty.

A princípio, Shorty se mostrou indeciso e desconfiado. Já fora informado de que eu estava na cidade e envolvido em algum “negócio religioso”. Shorty não sabia se eu estava levando a coisa a sério ou se não passava de mais um desses proxenetas vigaristas que bancam os pregadores e podem ser encontrados em qualquer gueto negro. Instalamos suas igrejas em lojas de beira de calçada, sendo quase todos sustentados por mulheres mais velhas, que trabalhavam arduamente e gostam de manter seu jovem pregador, um *pretty boy* (menino bonito), em roupas *bacanas* e ao volante de um carro luxuoso e espalhafatoso. Tratei de informar imediatamente a Shorty que o Islã era algo muito sério para mim. Depois, no entanto, passei a falar na velha gíria das ruas, deixando-o inteiramente à vontade. O encontro foi extremamente agradável. Rimos muito, a ponto de chorar, quando Shorty fez uma encenação de suas reações ao ouvir o juiz dizendo:

— Acusação um: dez anos... acusação dois: dez anos...

Comentamos como a companhia daquelas mulheres brancas nos valera sentenças de dez anos, enquanto outros homens que havíamos conhecido na prisão e tinham cometido crimes muito piores eram condenados a penas bem mais leves.

Shorty ainda tinha uma pequena banda e estava indo muito bem. Sentia-se muito orgulhoso, com toda razão, por ter estudado música na prisão. Falei-lhe o bastante a respeito do Islã para perceber, por suas reações, que não estava interessado em tomar conhecimento de nossa religião. Na prisão, Shorty ouvira muitas informações erradas sobre o Islã. Fez-me abandonar o assunto ao dizer uma piada. Comentou que ainda não se saciara o bastante de costeletas de porco e mulheres brancas. Não sei se ele já se fartou ou não. Sei apenas que está casado atualmente com uma mulher branca... e que está gordo como um porco de tanto comer porco.

Também me encontrei com John Hughes, o dono da casa de jogo, e algumas outras pessoas que conhecera nos tempos em que vivia pelas ruas de Roxbury. As informações a meu respeito haviam deixado todos meio constrangidos, mas fui logo entrando com um tratamento íntimo e na base da gíria, o que nos permitiu pelo menos conversarmos um pouco. Jamais mencionei o Islã à maioria deles. Sabia perfeitamente, por tudo o que conhecia deles, como era profunda a lavagem cerebral que lhes fora infligida.

Servi apenas por um breve período como ministro do Templo Onze. Assim que estava tudo devidamente organizado, deixei o Templo aos cuidados do Ministro Ulysses X e o Mensageiro transferiu-me para a Filadélfia, em março de 1954.

O povo preto da Cidade do Amor Fraternal reagiu ainda mais de-

pressa que o bostoniano à verdade sobre o homem branco. O Templo Doze, em Filadélfia, foi fundado ao final de maio. Fora necessário pouco menos de três meses.

No mês seguinte, por causa dos sucessos em Boston e Filadélfia, o Sr. Muhammad designou-me para ser o ministro do Templo Sete, que ficava na vital Cidade de Nova York.

Não posso sequer tentar descrever o turbilhão das minhas emoções naquele momento. Para que os ensinamentos do Sr. Muhammad realmente ressuscitassem os pretos americanos, o Islã obviamente tinha de crescer e crescer muito. E em nenhum lugar da América havia um templo com um potencial tão grande quanto o que servia os cinco distritos negros de Nova York.

É que ali viviam mais de um milhão de negros.

Já se haviam passado nove anos desde que West Indian Archie e eu havíamos caminhado cautelosamente pelas ruas do Harlem, esperando encontrar um ao outro a qualquer momento e nos fuzilarmos mutuamente, como cachorros.

— Red!... Meu chapa!... Mas não pode ser o Red que eu conheci!

Com os meus cabelos vermelhos naturalmente encrespados agora cortados bem rente, ao invés de compridos e esticados como nos velhos tempos, eu de fato parecia muito diferente.

— Senta aqui, cara! Ei, traga um trago aqui para o meu chapa! O quê? Não bebe mais? Ora, cara, não venha com essa para cima de mim!

Era ótimo tornar a encontrar tanta gente que eu conhecera tão bem. Creio que todos podem compreender como eu me sentia. Mas, para dizer a verdade, as pessoas que eu mais queria encontrar eram West Indian Archie e Sammy o Cafetão. E o primeiro choque desagradável ocorreu quando descobri o que acontecera com Sammy. Ele deixara de ser cafetão, se metera no jogo dos números e começara a ganhar muito dinheiro. Sammy chegara mesmo a casar. Com alguma garota leviana. Pouco depois do casamento, fora encontrado morto em sua cama pela manhã. Diziam que havia 25 mil dólares em seus bolsos (as pessoas não querem acreditar nas somas manipuladas até mesmo pelas figuras menores do submundo. Vou citar só um caso: em março de 1964, Lawrence Wakefield, que tinha uma dessas Rodas da Fortuna em que se apostam apenas níqueis, morreu de repente. Mais de 760 mil dólares foram encontrados em seus apartamentos, em sacos e bolsas... tudo tirado de negros pobres... e depois ainda nos perguntamos por que permanecemos tão pobres).

Angustiado pelo que acontecera com Sammy, saí perguntando aos veteranos, de bar em bar, por West Indian Archie. As informações que circulavam pelo submundo não davam conta se ele estava morto ou vivendo em algum outro lugar, mas ninguém parecia saber de seu paradeiro. Nas minhas andanças, tomei conhecimento dos destinos de muitos outros. Balas, facas, prisão, tóxicos, doenças, insanidade, al-

coolismo. Pelo que posso me lembrar, a ordem era mesmo essa. Muitos dos sobreviventes, aos quais eu conhecera como hienas e lobos ferozes e resistentes das ruas, nos velhos tempos, eram agora figuras lamentáveis. Tinham conhecido todos os ângulos. Mas, sob a superfície, não passavam de homens pretos, pobres, ignorantes, despreparados. A vida os enganara. Encontrei cerca de 25 desses veteranos. No período de nove anos, haviam sido reduzidos a marginais em busca de carniça, mal conseguindo arrumar alguns níqueis para um quarto e comida. Alguns trabalhavam agora no centro da cidade, como contínuos, faxineiros, coisas assim. Dei graças a Alá por ter-me tornado um muçulmano e escapado ao destino deles.

Encontrei *Cadillac* Drake. Era um camarada muito gordo, jovial, bem preto, um cafetão que adorava se vestir espalhafatosamente, um dos fregueses regulares da tarde quando eu era garçom no Small's Paradise. Reconheci-o quando se arrastava em minha direção, na rua. Virara um viciado em heroína, algo de que já me haviam avisado. Era o vagabundo mais sujo e desleixado que se podia imaginar. Passei apressadamente por ele. Ambos teríamos ficado constrangidos, se ele reconhecesse, em mim, o garoto a quem costumava jogar uma gorjeta de um dólar.

O serviço de comunicações das ruas do Harlem acabou localizando West Indian Archie para mim. Esse serviço, quando está querendo, é como a Western Union operando com agentes do FBI como mensageiros. Num dos meus primeiros serviços no Templo Sete, um marginal decaído a quem eu dera alguns dólares foi procurar-me ao final. Disse que West Indian Archie estava doente, vivendo num quarto alugado no Bronx.

Peguei um táxi e fui ao endereço que ele me deu. West Indian Archie abriu a porta. Ficou parado ali, num pijama todo amarrotado, descalço, me fitando com os olhos semicerrados.

Já encontraram alguém que parecia um fantasma da pessoa que outrora conhecera? Ele levou alguns segundos para me identificar. E exclamou, a voz rouca:

— Red! Como estou contente em vê-lo!

Abracei o velho. Ele estava doente, extremamente fraco. Tive que ampará-lo. West Indian Archie sentou na beira da cama, enquanto eu me acomodava na única cadeira que havia no quarto. Contei como o fato de ele me forçar a deixar o Harlem salvara-me a vida, virando-me na direção do Islã.

— Sempre gostei de você, Red — murmurou West Indian Archie.

Ele disse que jamais quisera realmente me matar. Comentei que muitas vezes estremeceira de horror só de pensar como estivéramos perto de matar um ao outro. Declarei que pensara sinceramente ter acertado aquela combinação no jogo dos números, pela qual ele me pagara 300 dólares. Archie disse que mais tarde ficara pensando se não cometera algum erro, já que eu me mostrava disposto a morrer pelo dinheiro. Logo concordamos que nem valia a pena falar sobre o assunto, já que

não significava absolutamente mais nada. Archie continuou a dizer, repetidamente, entre outras coisas, que estava muito contente por ver-me.

Disse a Archie alguns dos ensinamentos do Sr. Muhammad. Conteí com descobrira que todos nós, que vivíamos nas ruas dos guetos, éramos vítimas da sociedade do homem branco. Conteí a Archie que pensara muito nele quando estava na prisão, chegando à conclusão de que seu cérebro, que podia gravar centenas de combinações de números por dia, deveria ter sido posto a serviço da matemática ou ciência. Lembro que ele comentou:

— Red, isso seria uma coisa sensacional.

Mas nenhum dos dois quis dizer que ainda não era muito tarde. Tenho a impressão de que Archie sabia, como eu próprio podia perceber, que o seu fim estava próximo. Fiquei comovido demais ao recordar o que Archie fora e constatar o que se tornara para poder ficar muito tempo. Eu não tinha muito dinheiro e Archie não queria aceitar o pouco que tinha para oferecer. Mas acabei fazendo com que aceitasse.

Estou sempre tendo que recordar a mim mesmo que em junho de 1954 o Templo Sete, na Cidade de Nova York, não passava de uma pequena loja de beira de calçada. É quase inacreditável pensar que não se podia sequer encher um ônibus com todos os muçulmanos da Cidade de Nova York! Mesmo entre os negros do gueto do Harlem, podia-se falar “muçulmano” a mil pessoas e talvez apenas uma não tivesse perguntado “O que é isso?”. Quanto aos brancos, excetuando-se os poucos que tinham acesso aos arquivos policiais ou penitenciários, nem 500 em toda a América sabiam que existíamos.

Comecei a apresentar os ensinamentos do Sr. Muhammad aos membros de Nova York e aos poucos amigos que eles conseguiam arrastar. E a cada reunião, minha angústia crescia ao constatar que no Harlem, atulhado de homens pretos miseráveis e ignorantes, sofrendo de todos os males que o Islã podia curar, apenas dois ou três se levantavam, depois que eu falava com todo o meu coração e indagava quem queria acompanhar o Sr. Muhammad. E tenho de confessar que algumas vezes nem tantos se levantavam.

Acho que eu estava mais furioso por minha inépcia porque conhecia tão bem as ruas do Harlem. Tive de fazer um tremendo esforço para manter o controle e tentar chegar a uma conclusão. E o grande problema, obviamente, era o fato de sermos apenas uma entre as muitas vozes de descontentes pretos a soarem em todas as esquinas movimentadas do Harlem. Havia os diferentes grupos nacionalistas, as forças “Buy Black!” (Compre Preto!) e outras similares. Dezenas de oradores independentes tentavam recrutar adeptos. Eu nada tinha contra quem quer que estivesse tentando promover a independência e a união entre os pretos, mas a verdade é que tais oradores estavam tornando muito difícil que a voz do Sr. Muhammad fosse ouvida.

No meu primeiro esforço para superar esse obstáculo, mandei imprimir alguns volantes. Não houve uma única esquina movimentada

do Harlem que cinco ou seis bons irmãos muçulmanos e eu deixássemos de visitar. Ficávamos bem na frente de um irmão ou irmã preto que viesse andando de forma a que tivesse de aceitar o volante; se a pessoa hesitava, tinha de ouvir-nos dizer alguma frase que despertava o seu interesse, como por exemplo:

— Sabia como o homem branco seqüestrou, roubou e estuprou a raça preta...

Em seguida, passamos a fazer nossas “pescarias” nas esquinas do Harlem em que se realizavam comícios nacionalistas. O método possui hoje diversos refinamentos, mas naquele tempo consistia em operar nas margens das multidões que outros conseguiam atrair. Num comício nacionalista, todos os presentes estavam interessados na revolução do homem preto. Começamos a obter resultados palpáveis quase que imediatamente, depois que passamos a meter folhetos nas mãos das pessoas, dizendo:

— Venha nos ouvir também, irmão. O Venerável Elijah Muhammad ensina como curar as doenças espirituais, mentais, morais, econômicas e políticas do homem preto...

Vi caras novas começando a aparecer nas reuniões do Templo Sete. E não demorou muito para que descobríssemos a melhor de todas as audiências de “pescaria”, a que estava mais condicionada para receber os ensinamentos do Sr. Muhammad: a das igrejas cristãs.

Nossos serviços dominicais eram realizados às duas horas da tarde. Por todo o Harlem, naquela hora, ou um pouco antes, os serviços das igrejas cristãs estavam sendo encerrados. Ignorávamos as igrejas maiores, com a sua alta proporção de negros da chamada “classe média”, tão presunçosos e preocupados com o *status* que não se deixariam atrair por nossa pequena igreja a funcionar numa loja.

Íamos “pescar” furiosamente nas pequenas igrejas evangélicas que também funcionavam em lojas de beira de calçada, no momento em que despejavam 30 ou 50 pessoas na rua.

— Venha nos ouvir, irmão... Ainda não ouviu nada enquanto não tomar conhecimento dos ensinamentos do Venerável Elijah Muhammad...

Essas congregações eram normalmente de pessoas que haviam emigrado do Sul, geralmente mais velhas, dispostas a irem a qualquer lugar em que pudessem ouvir o que chamavam de “um bom sermão”. Eram as igrejas que estavam exibindo pequenos cartazes avisando que lá dentro se vendia galinha frita ou tripas, com o objetivo de angariar algum dinheiro. E três ou quatro noites por semana as congregações se reuniam nas pequenas igrejas, ensaiando para o domingo seguinte, sacudindo-se e cantando os evangelhos, acompanhadas por guitarras e pandeiros.

Não sei se vocês sabem, mas há todo um círculo de artistas comerciais do evangelho que saíram dessas pequenas igrejas nos guetos das cidades ou do interior do Sul. Exemplos disso são Sister Rosetta Tharpe e The Clara Ward Singers. Deve haver pelo menos 500 artistas

menores da mesma classe. Mahalia Jackson, a maior de todos, era filha de um pregador da Louisiana. Foi para Chicago, onde trabalhou como cozinheira e faxineira para gente branca e depois numa fábrica, enquanto cantava em igrejas negras no estilo evangélico. Quando esse estilo pegou, ela se tornou a primeira negra que os negros sozinhos tornaram famosa. Já estava vendendo centenas de milhares de discos entre os negros antes que os brancos sequer soubessem quem era Mahalia Jackson. Lembro que li em algum lugar que Mahalia Jackson disse em certa ocasião que sempre que podia entrava sem se anunciar em alguma pequena igreja de gueto, dessas que funcionam em lojas, cantando junto com a congregação. Ela diz que é “meu posto de abastecimento”.

Descobri que os cristãos pretos que “pescávamos” para o nosso Templo eram condicionados pelo próprio choque que eu podia dar ao falar o que estava lhes acontecendo enquanto cultuavam um Deus louro e de olhos azuis. Eu sabia como seria o templo que poderia construir se conseguisse realmente atingir aqueles cristãos. Ajustava os ensinamentos especialmente para eles. Começava a falar e às vezes ficava tão carregado emocionalmente que tinha de me explicar:

— “Estão vendo as minhas lágrimas, meus irmãos e irmãs... Não surgem lágrimas em meus olhos desde que eu era pequeno. Mas não posso me conter agora, quando sinto a responsabilidade que tenho de ajudá-los a compreender pela primeira vez o que essa religião do homem branco, a que chamamos de cristianismo, tem feito conosco...”

“Irmãos e irmãs que estão aqui pela primeira vez, por favor, não fiquem chocados. Sei que não esperavam por isso. Porque quase nenhum de nós, pretos, tem pensado que talvez estejamos cometendo um erro por não tentar descobrir se não existe alguma religião especial para nós... uma religião especial para o homem preto.

“Pois existe tal religião. É chamada Islã. Deixe-me soletrar para vocês: I-s-l-a-til! *Islã!* Mas vou falar-lhes sobre o Islã daqui a pouco. Primeiro, precisamos compreender algumas coisas sobre esse cristianismo, antes de podermos entender por que a *resposta* para nós é o Islã.

“Irmãos e irmãs, o homem branco fez uma lavagem cerebral em todos nós, pretos, impingindo-nos um Jesus de cabelos louros e olhos azuis! Estamos adorando um Jesus que nem ao menos se parece conosco! Pois é isso mesmo! Pois agora me escutem, prestem atenção aos ensinamentos do Mensageiro de Alá, o Venerável Elijah Muhammad. Pensem muito no que vou lhes dizer! O homem branco de cabelos louros e olhos azuis ensinou a vocês e a mim a adotar um Jesus *branco*, a gritar, a cantar e rezar para esse Deus que é o Deus *dele*, o Deus do homem branco. O homem branco nos ensinou a gritar, cantar e rezar até *morrermos*, a esperar até a *morte*, por algum vago paraíso na outra vida, depois que estivermos *mortos*. Enquanto isso, o homem branco tem seu leite e mel nas ruas calçadas com dólares de ouro, aqui mesmo nesta terra!

“Não querem acreditar no que estou lhes dizendo, meus irmãos e irmãs? Pois vou lhes dizer o que devem fazer. Ao saírem daqui, dêem

uma olhada pelo lugar em que vivem. Vejam não apenas como *vocês* vivem, mas também como vivem todos os que conhecem... pois assim poderão ter certeza de que não se trata apenas de um azar. E depois de se cansarem de olhar para o lugar onde vivem, dêem um passeio pelo Central Park e comecem a olhar o que esse Deus branco proporcionou ao homem branco. Isso mesmo, vejam como o homem branco está vivendo!

“E não parem nisso. Na verdade, não vão poder ficar parados por muito tempo... pois os porteiros do homem branco vão dizer logo para saírem de lá! Mas peguem o metrô e sigam até o centro. Aonde quer que tenham vontade de sair, olhem para os apartamentos do homem branco, olhem para as empresas dele! Sigam até a extremidade da ilha de Manhattan, que esse homem branco diabólico roubou dos índios ingênuos e confiantes por 24 dólares! Olhem para o prédio da Prefeitura que existe lá! Olhem para Wall Street! E olhem para si mesmos! Olhem para o Deus *dele!*”

Eu havia aprendido desde o início algo muito importante: que se deve sempre ensinar em termos que as pessoas possam compreender. Constatei também que enquanto os nacionalistas que “pescávamos” eram quase todos homens, entre as levas que vinham das pequenas igrejas cristãs a predominância era de mulheres. Eu tinha o bom senso de oferecer às mulheres algo especial:

— *Linda* mulher preta! O Venerável Elijah Muhammad nos ensina que o homem preto sai por aí dizendo que quer respeito. Pois bem: o homem preto jamais conseguirá o respeito de ninguém antes de aprender primeiro a respeitar suas próprias mulheres! O homem preto precisa *hoje* se levantar e se livrar das fraquezas que lhe foram impostas pelo senhor de escravos branco! O homem preto precisa hoje começar a defender, proteger e *respeitar* as suas mulheres pretas!

Cem por cento das pessoas se levantavam sem qualquer hesitação quando eu dizia:

— Quantos acreditam no que ouviram?

Mas nunca mais que uns poucos, angustiantemente, ficavam de pé quando eu convidava:

— Podem se levantar aqueles que querem *seguir* o Venerável Elijah Muhammad?

Eu sabia que nosso código moral e disciplina rigorosos eram os fatores que repeliam a maioria. Ataqueei esse ponto, argumentando em defesa do nosso código:

— O homem branco *quer* que os homens pretos permaneçam imorais, depravados e ignorantes. Enquanto permanecermos nessas condições, continuaremos a suplicar e o homem branco nos controlará. Jamais poderemos conquistar liberdade, justiça e igualdade enquanto não estivermos fazendo algo por nós mesmos!

É claro que o código precisava ser explicado a todos que demonstrassem algum interesse em se tornarem muçulmanos. As notícias logo se espalharam pelas pequenas igrejas e muitos iam me ouvir. Mas hesi-

tavam na hora da adesão total aos ensinamentos do Sr. Muhammad. Qualquer fornicação era expressamente proibida na Nação do Islã. Também era proibido comer a carne de porco imunda ou outros alimentos prejudiciais. Não se podia consumir tabaco, álcool e narcóticos. Nenhum muçulmano que seguia Elijah Muhammad podia dançar, jogar, sair com mulheres, ir ao cinema ou competições esportivas, tirar férias prolongadas. Os muçulmanos não dormiam mais do que a saúde exigia. Não se permitia qualquer atrito doméstico, qualquer descortesia, especialmente com as mulheres. Não se podia mentir nem roubar. Era proibida qualquer insubordinação com a autoridade civil, exceto nos casos de obrigação religiosa.

Nossas leis morais eram policiadas pelo Fruto do Islã, muçulmanos capazes, dedicados, devidamente preparados. As infrações resultavam em suspensão pelo Sr. Muhammad ou isolamento por vários períodos, até mesmo expulsão nos casos mais graves “do único grupo que realmente se importa com você”.

O Templo Sete crescia um pouco a cada reunião. Mas crescia devagar demais para o meu gosto. Durante a semana, eu viajava de ônibus e de trem. Às quartas-feiras, ensinava no Templo Doze, em Filadélfia. Fui para Springfield, Massachusetts, a fim de tentar fundar ali um novo templo. E conseguimos, um Templo a que o Sr. Muhammad deu o número Treze, com a ajuda do Irmão Osborne, que ouvira falar do Islã pela primeira vez na prisão, por meu intermédio. Uma mulher que compareceu a uma reunião em Springfield perguntou-me se não queria ir a Hartford, onde ela vivia. Marcou a visita para a quinta-feira seguinte e disse que reuniria alguns amigos para me ouvirem. E no dia marcado lá estava eu.

A quinta-feira é tradicionalmente o dia de folga de empregados domésticos. Essa irmã reuniu em seu apartamento, num conjunto habitacional, cerca de 15 arrumadeiras, cozinheiras, motoristas e caseiros que trabalhavam para brancos na área de Hartford. Creio que todos conhecem o ditado: “Nenhum homem é herói para o seu valete.” Aquelles negros que serviam a brancos ricos abriam os olhos mais depressa do que a maioria dos negros. E quando saíram “pescando”, entre mais criados e outros pretos, em Hartford e nos arredores, recrutaram pessoas suficientes para que o Sr. Muhammad pudesse em breve indicar o número Quatorze para o templo local. E todas as quintas-feiras eu aparecia lá para a pregação.

Quase todas as vezes que eu ia visitá-lo em Chicago, o Sr. Muhammad me censurava por alguma coisa. É que eu não conseguia deixar de demonstrar, de alguma maneira, que achava que a Nação deveria se desenvolver muito mais depressa, com os ministros dispondo da força de sua mensagem. A paciência e sabedoria com que ele me censurava deixavam-me humilhado, da cabeça aos pés. Certa ocasião, ele disse que nenhum líder sobrecarregava seus seguidores com uma carga maior do que poderiam suportar e que nenhum verdadeiro

líder fixa uma velocidade superior à que seus seguidores podem acompanhar.

— A maioria das pessoas vendo um homem num carro velho, a avançar lentamente, pensa que ele é que não quer ir mais depressa — disse o Sr. Muhammad. — Mas o homem sabe que poderia destruir o carro se avançasse mais depressa. Quando ele tiver um carro mais veloz, então poderá avançar mais depressa.

E lembro-me nitidamente do que ele disse em outra ocasião, quando me queixei de um ministro ineficiente que havia numa de suas mesquitas:

— Prefiro ter um mulo em quem possa confiar do que um cavalo de corrida em que não confie.

Eu sabia que o Sr. Muhammad *queria* ter o carro mais veloz para guiar. Não creio que se possa encontrar hoje o mesmo número de fiéis irmãos e irmãs da Nação do Islã que formem grupos de “pescaria” capazes de superar os esforços dos que ajudaram a desenvolver os templos de Boston, Filadélfia, Springfield, Hartford e Nova York. Claro que estou mencionando apenas os que eu mais conhecia, por estar diretamente envolvido. Isso aconteceu em 1955. E 1955 foi o ano em que fiz a minha primeira viagem a longa distância. Foi para ajudar a fundar o templo que hoje é o número Quinze, em Atlanta, Geórgia.

Qualquer muçulmano que se mudava de uma cidade para outra, por motivos pessoais, era exortado a plantar sementes para o Sr. Muhammad. O Irmão James X, um dos membros principais do Templo Doze, conseguiu interessar gente preta suficiente em Atlanta para que o Sr. Muhammad, quando aconselhado, me mandasse ir até lá para realizar uma primeira reunião. Acho que tive uma participação na maioria dos templos do Sr. Muhammad, mas jamais esquecerei a fundação do templo de Atlanta.

O único lugar grande o bastante que o Irmão James X teve condições de alugar foi uma sala numa agência funerária. Tudo o que a Nação do Islã fazia naquele tempo, do Sr. Muhammad para baixo, era invariavelmente dificultado pela escassez de recursos. Quando chegamos à agência funerária, estava terminando o serviço fúnebre de um negro cristão. Tivemos de esperar um pouco e ficamos observando as pessoas saírem. Depois que entramos e nos acomodamos, fui logo dizendo:

— Viram todas aquelas pessoas chorando por causa do seu morto físico. Mas a Nação do Islã está se regozijando por vocês, que estão mentalmente mortos. Isso pode chocá-los, mas é a pura verdade. Simplesmente não podem perceber como toda a raça preta na América está mentalmente morta. Estamos aqui hoje para trazer-lhes os ensinamentos do Sr. Elijah Muhammad, que vai ressuscitar o homem preto do meio dos mortos...

E por falar em funerais, devo mencionar que jamais deixávamos de recrutar novos adeptos quando membros da família e amigos não-muçulmanos de um muçulmano morto compareciam a nossa cerimô-

nia fúnebre, breve e comovente, ilustrando muito bem os ensinamentos do Sr. Muhammad:

— Os cristãos fazem os seus funerais para os vivos, os nossos são para os que partiram.

Como ministros de vários templos, muitas vezes tive de conduzir uma cerimônia fúnebre. Como o Sr. Muhammad me ensinara, começava por ler junto ao caixão do irmão ou irmã falecido uma prece a Alá. Em seguida, lia um obituário simples de sua vida. Depois, geralmente lia duas passagens de Jó, dos capítulos sete e quatorze, nas quais ele fala que não existe vida depois da morte. Lia outra passagem da Bíblia, em que Davi também fala, depois que seu filho morreu, que não existe vida após a morte.

Explicava para a audiência por que não se derramavam lágrimas, não havia flores, cantos ou músicas tocadas no órgão.

— Derramamos lágrimas por nosso irmão e lhe demos música quando ele estava vivo. Se não o pranteamos, se não lhe demos música e flores antes, agora não há mais necessidade, porque ele não vai tomar conhecimento. Agora, vamos dar à família dele qualquer dinheiro de que possamos dispor.

Irmãs muçulmanas especialmente designadas passavam rapidamente pela audiência com pequenas bandejas, das quais cada um tirava uma pastilha pequena e redonda de menta. A um sinal meu, todos punham a pastilha na boca.

— Vamos agora entrar em fila para dar uma última olhada em nosso irmão. Não vamos chorar... assim como não choramos por causa dessa pastilha de menta que temos na boca. E assim como essa pastilha doce vai se dissolver, a doçura de nosso irmão, que tanto desfrutamos enquanto ele estava vivo, vai se dissolver em nossas recordações.

Pelo menos umas duas centenas de muçulmanos me disseram que se voltaram para Alá ao comparecerem a um dos nossos funerais por um irmão ou irmã falecido. Mais tarde, eu iria descobrir que o ensinamento do Sr. Muhammad sobre a morte e o funeral muçulmano estava em drástica contradição com o que o Islã ensinava no Oriente.

Por volta de 1956, já crescêramos... a proporções consideráveis, digamos assim. Cada templo "pescara" com sucesso suficiente para que houvesse muito mais muçulmanos, especialmente nas grandes cidades, como Detroit, Chicago e Nova York, do que poderia imaginar qualquer um que estivesse por fora. Nas cidades realmente grandes, pode-se ter uma organização imensa sem que ninguém a perceba, se não houver demonstrações públicas ou notícias a respeito.

Mais importante do que o crescimento em números era o fato de que a versão do Islã do Sr. Muhammad estava agora atraindo alguns outros tipos de pretos. Passamos a receber pretos que tinham alguma instrução, ofícios definidos, até mesmo ocupavam "posições" no mundo branco. Tudo isso estava nos levando mais para perto do carro velho tão desejado para o Sr. Muhammad guiar. Tínhamos agora, por

exemplo, funcionários públicos, enfermeiras, escriturários, vendedores de lojas de departamentos. E o que era melhor ainda: alguns dos irmãos desse tipo estavam se tornando ativos e agressivos jovens ministros para o Sr. Muhammad.

Eu vivia correndo de um lado para outro, dormindo muito pouco, tentando corresponder a esse aumento de fé e confiança nos meus esforços para desenvolver a Nação do Islã. Foi em 1956 que o Sr. Muhammad pôde autorizar o Templo Sete a comprar para o meu uso um Chevrolet novo (o carro era da Nação e não meu. Eu não tinha de meu a não ser as roupas, o relógio de pulso e a valise. Como acontecia com todos os ministros da Nação, minhas despesas eram pagas e eu tinha algum dinheiro para levar no bolso. Enquanto antes eu era capaz de fazer qualquer coisa por dinheiro, agora o dinheiro era a última preocupação que me passava pela cabeça). Ao me comunicar a aquisição do carro, o Sr. Muhammad disse que sabia o quanto eu gostava de andar de um lado para outro, plantando sementes para novos muçulmanos ou mais templos. Por isso, não queria que eu ficasse com os movimentos tolhidos.

Em cinco meses, percorri cerca de 50 mil quilômetros no carro, em "pescaria", antes de sofrer um acidente. Tarde da noite, um irmão e eu estávamos atravessando Weathersfield, Connecticut. Parei num sinal vermelho e um carro bateu em mim por trás. Fiquei apenas abalado, não me machuquei. O excitado demônio branco estava com uma mulher ao lado, escondendo o rosto. Por isso, tive certeza de que não se tratava de sua esposa. Estávamos trocando informações sobre as nossas identidades (ele morava em Meriden, Connecticut) quando a polícia chegou. Pela reação dos guardas, percebi logo que se tratava de alguém importante. Mais tarde, descobri que era um dos políticos mais destacados de Connecticut, cujo nome não vou citar. Seja como for, o Templo Sete aceitou um acordo, a conselho de um advogado, e o dinheiro foi aplicado na compra de um Oldsmobile, a marca de carro que tenho dirigido desde então.

Sempre tomei muito cuidado para permanecer longe de qualquer intimidade pessoal com qualquer uma das irmãs muçulmanas. Minha dedicação total ao Islã exigia que não tivesse qualquer outro interesse, especialmente mulheres, conforme eu pensava na ocasião. Em quase todos os templos, pelo menos uma irmã insinuava que eu estava precisando de uma esposa. Por isso, eu fazia questão de deixar sempre bem claro que o casamento não me interessava, pois era um homem ocupado demais.

Todos os meses, quando eu ia a Chicago, descobria que alguma irmã escrevera para o Sr. Muhammad queixando-se de que minhas palavras contra as mulheres eram veementes demais, nas aulas sobre as naturezas diferentes dos dois sexos. A verdade é que o Islã possui leis e ensinamentos extremamente rigorosos em relação às mulheres. Diz que a verdadeira natureza de um homem é ser forte e a verdadeira na-

tureza de uma mulher é ser fraca; um homem deve sempre respeitar sua mulher, mas precisa também compreender que deve controlá-la, se deseja conquistar seu respeito.

Mas naquele tempo eu tinha razões pessoais. Não julgava que fosse possível para mim amar alguma mulher. Tinha a experiência de que as mulheres não passavam de carne falsa, insidiosa, que não merecia qualquer confiança. Já vira muitos homens arruinados ou pelo menos reduzidos à impotência, as suas vidas estragadas de alguma forma por causa das mulheres. As mulheres falavam demais. Dizer a uma mulher para não falar demais era a mesma coisa que dizer a Jesse James para não andar com um revólver ou dizer a uma galinha para não cacarejar. Podem imaginar Jesse James sem um revólver ou uma galinha que não cacareja? E para alguém que ocupava uma posição de liderança, como era o meu caso, a pior coisa do mundo que poderia acontecer seria arrumar a mulher errada. Até mesmo Sansão, o homem mais forte do mundo, havia sido destruído pela mulher que dormira em seus braços. As palavras dela é que o tinham ferido fundo.

Quando falo que tinha muita experiência, era uma experiência específica. Havia conversado com incontáveis prostitutas e amantes. Elas sabiam mais a respeito de uma porção de maridos do que as próprias esposas desses maridos. As esposas sempre viviam enchendo os ouvidos dos maridos com problemas típicos de esposa, queixas intermináveis, que não eram elas e sim as prostitutas e amantes que ouviam os problemas mais íntimos e os segredos dos maridos. Tinham consideração por ele e se mostravam dispostas a confortá-lo, o que incluía escutar. Assim, ele contava tudo o que o atormentava.

Fazia dez anos que eu não pensava em ter uma amante. E, como ministro, também não pensava em ter uma esposa. O próprio Sr. Muhammad encorajava-me a permanecer solteiro.

As irmãs do Templo Sete costumavam dizer aos irmãos:

— Vocês estão ficando solteiros só porque o Ministro Malcolm não olha para ninguém.

Eu não fazia segredo para qualquer uma dessas irmãs sobre o que pensava. E sempre dizia aos irmãos que deviam ser extremamente cuidadosos.

Mas havia uma irmã... Ela ingressou no Templo Sete em 1956. É claro que a notei, sem maior interesse. Durante o ano seguinte, continuei simplesmente a notá-la. Ela jamais teria sonhado que eu sequer pensava nela. Provavelmente ninguém poderia convencê-la de que eu sequer sabia o seu nome. Era a Irmã Betty X. Era alta, a pele parda, mais escura que a minha. E tinha os olhos castanhos.

Eu sabia que ela nascera em Detroit e estudara no Instituto Tuskegee, no Alabama, onde se formara. Estava em Nova York na escola de enfermagem de um dos grandes hospitais da cidade. Dava aulas de higiene e conhecimentos médicos às mulheres muçulmanas.

Devo explicar aqui que cada noite da semana se realizava um curso ou evento especial nos templos muçulmanos. Na noite de segunda-

feira, por exemplo, há o treinamento em cada templo do Fruto do Islã. As pessoas pensam que é apenas treinamento militar, judô, caratê, essas coisas. Isso faz parte do treinamento do Fruto do Islã, mas é apenas uma parte. Os homens do Fruto do Islã gastam muito mais tempo em preleções e discussões sobre como aprenderem a ser homens. Estudam as responsabilidades de um marido e pai; o que esperar das mulheres; os direitos das mulheres que não devem ser anulados pelo marido; a importância da imagem de pai viril numa família; os acontecimentos atuais; por que a honestidade e castidade são vitais numa pessoa, lar, comunidade, nação e civilização; por que se deve tomar banho pelo menos uma vez a cada 24 horas; princípios de administração de negócios; e uma porção de outras coisas.

A noite de terça-feira, em todos os templos muçulmanos, é a Noite da União, em que os irmãos e irmãs desfrutam a companhia mútua, conversando, comendo bolinhos e doces, tomando refrescos de frutas. Nas noites de quarta-feira, às oito horas, começa o que chamamos de Educação Especial, em que são discutidas as questões básicas do Islã; é mais ou menos equivalente às aulas de catecismo da religião católica.

Nas noites de quinta-feira, há o T.M.M. (Treinamento de Moças Muçulmanas) e o C.C.G. (Curso de Civilização Geral), em que as mulheres e moças do Islã aprendem a cuidar de suas casas, educar os filhos, tratar dos maridos, cozinhar, costurar, como se comportar em casa e fora dela, além de muitas outras coisas que são importantes para ser uma boa irmã, esposa e mãe muçulmana.

As sextas-feiras são dedicadas à Noite da Civilização, com preleções para irmãos e irmãs sobre relações domésticas, ressaltando como tanto os maridos quanto as esposas devem compreender e respeitar as verdadeiras naturezas um do outro. As noites de sábado são livres para todos os muçulmanos, que geralmente se visitam em suas casas. E, evidentemente, todos os templos muçulmanos realizam seus serviços aos domingos.

Nas noites de quinta-feira, eu aparecia de vez em quando nos cursos, talvez durante uma aula da Irmã Betty X... assim como em outras noites podia aparecer nas aulas de diferentes irmãos. A princípio, eu me limitava a perguntar se as irmãs estavam aprendendo direito, coisas assim. E ela respondia:

— Está tudo correndo muito bem, Irmão Ministro.

Ao que eu murmurava:

— Obrigado, Irmã.

Não passava disso. Depois de algum tempo, passei a ter rápidas conversas com a Irmã Betty X, só para me mostrar amistoso.

Um dia, achei que poderia ajudar os cursos femininos se a levasse... só porque ela era instrutora... a uma visita ao Museu de História Natural. Queria mostrar-lhe algumas exposições do Museu relacionadas com a árvore da evolução, o que a ajudaria bastante em suas aulas. Poderia mostrar-lhe provas dos ensinamentos do Sr. Muhammad, como a de que o porco repulsivo não passa de um roedor grande.

O Sr. Muhammad nos ensinava que o porco é um enxerto entre um rato, um gato e um cachorro. Quando falei a respeito com a Irmã Betty X, deixei bem claro que só a estava convidando para a visita porque isso iria ajudar em suas preleções. Cheguei mesmo a convencer a mim próprio de que era essa a única razão.

Perto da hora da tarde que combináramos, telefonei para ela, dizendo que tinha de cancelar a visita, pois inesperadamente surgira um problema importante que precisava da minha atenção. Ao que ela disse:

— Esperou muito tempo para me dizer isso, Irmão Ministro. Eu já estava me preparando para sair.

— Está certo — falei —, então vamos logo; darei um jeito de adiar o problema. Mas não vou poder ficar muito tempo — acrescentei.

Durante a visita, perguntei-lhe uma porção de coisas. Queria ter uma idéia do que ela pensava. Era isso, disse a mim mesmo, só estava interessado em saber *como* ela pensava. Estava impressionado com a sua inteligência e também com a sua instrução. Naquele tempo, ela era uma das poucas pessoas que havíamos conseguido atrair que tinha curso superior.

Pouco depois disso, uma das irmãs mais velhas contou que a Irmã Betty X estava enfrentando um problema difícil. Fiquei surpreso por descobrir que a Irmã Betty X não me falara a respeito, apesar de ter tido uma boa oportunidade para isso. Todo ministro muçulmano está sempre ouvindo os problemas de jovens que foram rejeitados pelos pais só porque se tornaram muçulmanos. Quando a Irmã Betty X contara aos pais adotivos que estavam custeando seus estudos que se tornara uma muçulmana, eles lhe apresentaram uma opção: ou deixava os muçulmanos ou eles não mais pagavam a escola de enfermagem.

Ela estava quase chegando ao final do curso, mas nem por isso renunciou ao Islã. Começou a aceitar trabalhos como *baby-sitter* dos filhos dos médicos que trabalhavam no hospital em que ela estudava.

Na minha posição, eu jamais tomaria qualquer decisão sem pensar antes em como isso poderia afetar a organização da Nação do Islã como um todo.

Fiquei resolvendo o problema na mente. O que aconteceria, por exemplo, se eu pensasse em casar com alguém? Com a Irmã Betty X, por exemplo... embora pudesse ser com qualquer irmã, de qualquer templo. Só estava pensando na Irmã Betty X porque ela tinha a altura certa para alguém do meu tamanho e também a idade apropriada.

O Sr. Elijah Muhammad ensinava-nos que quando um homem alto casa com uma mulher muito baixa ou vice-versa o casal fica parecendo esquisito, não combina. E ensinava ainda que a idade ideal para uma esposa é a metade da idade do homem, mais sete anos. Ensinava que as mulheres são fisiologicamente mais adiantadas que o homem. E dizia que nenhum casamento pode dar certo se a mulher não sente respeito pelo homem. E que o homem devia ter algo acima e além da mulher, a fim de que ela pudesse recorrer a ele em busca de segurança psicológica.

Fiquei tremendamente chocado comigo mesmo ao perceber o que estava pensando. Deixei de me aproximar da Irmã Betty X, nem mesmo ia a qualquer lugar onde sabia que ela pudesse estar. Se ela entrava em nosso restaurante quando eu estava presente, tratava de sair rapidamente, alegando que precisava ir a algum outro lugar com urgência. Sentia-me contente por ter certeza de que ela não tinha a menor idéia do que eu andara pensando. O fato de eu não falar com ela não lhe dava motivos para pensar qualquer coisa, já que nunca fora trocada nenhuma palavra pessoal entre nós... mesmo que ela tivesse *pensado* em alguma coisa.

Fiquei imaginando qual seria a reação dela se lhe falasse alguma coisa. Sabia que ela não teria qualquer oportunidade de me deixar embaraçado. Já ouvira muitas mulheres se gabando:

— Eu disse àquele traste imprestável: “Não enche!”

Já tivera bastante experiência desse tipo de coisa para ser extremamente cauteloso.

Eu sabia de uma coisa boa: ela tinha poucos parentes. Minha impressão a respeito de parentes era de que eram sempre nocivos. Entre os muçulmanos do Templo Sete, já vira mais casamentos destruídos por parentes, geralmente antimuçulmanos, do que por qualquer outro fator isolado.

Eu não estava disposto a dizer nenhuma daquelas besteiras românticas com que Hollywood e a televisão enchiam a cabeça das mulheres. Se ia fazer alguma coisa, seria direto e objetivo. E qualquer coisa que fizesse, seria à *minha* maneira. E porque *eu* queria fazer. Não porque vira alguém fazer. Ou porque lera algum livro. Ou assistira em algum filme.

Naquele mês, quando fui visitar o Sr. Muhammad em Chicago, disse-lhe que estava pensando em dar um passo muito sério. Ele sorriu ao saber do que se tratava.

Falei que estava apenas pensando no assunto, mais nada. O Sr. Muhammad disse que gostaria de conhecer essa irmã.

A esta altura, a Nação já tinha condições financeiras de arcar com as despesas do envio de irmãs instrutoras de diferentes templos para Chicago, a fim de participarem das preleções femininas do quartel-general, que era o Templo Dois. Enquanto ali estavam, elas também conheciam pessoalmente o Venerável Elijah Muhammad. É claro que a Irmã Betty X sabia de tudo isso. Assim, não teve motivo para pensar nada demais quando foi providenciada a sua ida a Chicago. E como todas as irmãs instrutoras visitantes, ela foi hóspede do Mensageiro e da Irmã Clara Muhammad.

O Sr. Muhammad disse-me depois que tivera a melhor das impressões da Irmã Betty X.

— Se estão pensando em fazer alguma coisa, devem tomar logo a decisão se vão ou não fazer.

Numa noite de domingo, depois da reunião no Templo Sete, peguei o carro e saí pela auto-estrada Garden State. Estava a caminho

de Detroit, a fim de visitar meu irmão Wilfred. No ano anterior, 1957, Wilfred se tornara o ministro do Templo Um, em Detroit. Fazia já algum tempo que eu não o via. Nem a qualquer outro membro da minha família, diga-se de passagem.

Eram cerca de 10 horas da manhã quando finalmente cheguei a Detroit. Parando num posto para pôr gasolina, fui até um telefone público na parede. Liguei para a Irmã Betty X. Tive de falar primeiro com Informações, para descobrir o número do alojamento das enfermeiras no hospital. Eu costumava decorar a maioria dos telefones, mas sempre fizera questão de não decorar o número dela. Alguém chamou-a finalmente ao telefone:

— Alô, Irmão Ministro...

Fui direto ao ponto:

— Quer casar?

Como era de se esperar, ela ficou surpresa e aturdida.

Quanto mais penso a respeito, até hoje, mais convencido fico de que não passou de uma encenação. Porque as mulheres sabem dessas coisas. Sempre sabem.

Ela respondeu exatamente o que eu sabia que iria dizer:

— Quero.

Falei então que não tinha muito tempo, que era melhor que ela pegasse um avião para Detroit.

E ela pegou o avião. Conheci os pais adotivos dela, que viviam em Detroit. A esta altura, eles já não eram tão intransigentes. Foram amistosos e mostraram-se satisfeitos. Ou pelo menos foi essa a impressão que tive.

Depois, apresentei a Irmã Betty X a meu irmão mais velho, Wilfred, e sua família. Eu já tinha perguntado a Wilfred onde as pessoas podiam casar sem muita espera nem confusão. Ele dissera que em Indiana.

Na manhã seguinte, bem cedo, fui buscar Betty na casa dos pais dela. Paramos na primeira cidade de Indiana. E descobrimos que apenas alguns dias antes a lei estadual fora mudada e Indiana exigia agora um longo período de espera antes do casamento.

Era o dia 14 de janeiro de 1958, uma terça-feira. Não estávamos longe de Lansing, onde vivia meu irmão Philbert. Fomos para lá. Philbert estava no trabalho quando chegamos. Betty X e a mulher de Philbert estavam conversando quando descobri, pelo telefone, que poderíamos casar em apenas um dia, se nos apressássemos.

Fizemos os exames de sangue necessários, depois tiramos a licença. No lugar em que o certificado dizia "Religião", escrevi "muçulmana". E depois fomos procurar o Juiz de Paz.

Um homem branco velho e meio corcunda realizou o casamento. E todas as testemunhas eram brancas. Dissemos todos aqueles "sins" exigidos. Todos estavam de pé ao nosso redor, sorrindo e observando tudo atentamente. Ao final, o demônio velho disse:

— Eu os declaro marido e mulher. — Fez uma pausa e acrescentou: — Agora, beija a noiva.

Sai dali o mais depressa possível. Não agüentava mais todas aquelas coisas ao melhor estilo de Hollywood. Como essas mulheres que ficam querendo que o homem as pegue no colo e passe pela porta... e muitas pesam bem mais que o homem! Não sei quantos casamentos já foram desfeitos por causa das idéias incutidas nas mulheres viciadas em cinema e televisão, que ficam sonhando com buquês, beijos e abraços, em serem levadas como Cinderela, para jantar fora e dançar... e depois ficam furiosas quando um pobre e desganhado marido chega em casa cansado e suado de trabalhar como um cão durante o dia inteiro, querendo apenas comer alguma coisa e descansar.

Fomos jantar na casa de Philbert, em Lansing.

— Tenho uma surpresa para você — falei, ao chegarmos.

— Não tem surpresa nenhuma para mim — respondeu Philbert.

Ao chegar em casa, de volta do trabalho, e ser informado de que eu lá estivera, apresentando uma irmã muçulmana, Philbert imediatamente compreendera que eu casara ou estava prestes a fazê-lo.

A programação da escola de enfermagem que Betty estava cursando exigia que ela voltasse de avião para Nova York, imediatamente. Só poderia vir encontrar-se novamente comigo dentro de quatro dias. Betty afirma que não contou a ninguém do Templo Sete que havíamos casado.

Naquele domingo, o Sr. Muhammad ia fazer uma preleção no Templo Um, em Detroit. A essa altura, eu tinha um Ministro-Assistente em Nova York. Telefonei para ele e pedi que tomasse conta de tudo por mim. Betty voltou no sábado. Depois de sua preleção no domingo, o Mensageiro anunciou o casamento. Mesmo em Michigan, o meu afastamento das irmãs era tão conhecido que muitos não queriam acreditar.

Voltamos de carro para Nova York. A notícia realmente abalou todo mundo no Templo Sete. Alguns irmãos jovens me olharam como se eu os tivesse traído. Mas todos os demais estavam sorrindo. As irmãs prontamente cercaram Betty. Jamais esqueci o comentário que uma delas fez:

— Você conseguiu agarrá-lo!

Isso ilustra muito bem o que acabei de falar sobre a *natureza* das mulheres. Betty havia me *agarrado*. Essa é uma das razões pelas quais jamais pude tirar da cabeça a impressão de que ela sabia de alguma coisa... durante todo o tempo. Talvez ela tenha mesmo me agarrado!

Moramos durante os dois anos e meio seguintes em Queens, partilhando uma casa de dois apartamentos pequenos com o Irmão John Ali e sua esposa. Ele é agora o Secretário Nacional, sediado em Chicago.

Attilah, nossa filha mais velha, nasceu em novembro de 1958. Recebeu esse nome em homenagem a Átila o Huno (o que saqueou Roma). Pouco depois do nascimento de Attilah, mudamos para a casa de sete aposentos que ainda ocupamos, na parte toda negra de Queens, Long Island.

Outra menina, Qubila (por causa de Qubila Khan ou Kublai Kan),

nasceu no Natal de 1960. E Ilyah (“Ilyas” é o nome árabe para “Elijah”) nasceu em julho de 1962. E em 1964 nasceu nossa quarta filha, Amilah.

Acho que, agora, vou dizer que amo Betty. É a única mulher por quem já senti amor. E é também uma das poucas, apenas quatro mulheres, em quem já confiei. A verdade é que Betty é uma boa mulher e esposa muçulmana. O Islã é a única religião que proporciona tanto ao marido como à esposa a compreensão do que é amor. O conceito de “amor” ocidental, se dissecado, não passa no fundo de luxúria. Mas o amor transcende ao simples aspecto físico. O amor é disposição, comportamento, atitudes, pensamentos, gostos, desgostos. São essas coisas que fazem uma mulher bonita, que tornam uma esposa linda. É a beleza que jamais se desvanece. Na civilização ocidental, a esposa de um homem perde toda atração quando sua beleza física se desvanece. Mas o Islã nos ensina a olhar para dentro da mulher e ensina a ela a fazer a mesma coisa em relação ao homem.

É o que Betty faz e por isso ela me compreende. Eu diria mesmo que tenho a impressão de que não são muitas as mulheres que poderiam agüentar o jeito que tenho. Betty é capaz de compreender que despertar o homem preto, vítima de lavagem cerebral, e revelar ao homem branco arrogante e demoníaco a verdade a respeito de si mesmo é uma missão absorvente, que me toma muito tempo. Se tenho trabalho a fazer quando estou em casa, no pouco tempo que passo em casa, Betty me deixa ter a tranqüilidade de que preciso para trabalhar. Raramente passo em casa mais do que a metade de qualquer semana; já passei até cinco meses longe de casa. Jamais tenho muitas oportunidades de levá-la a qualquer lugar e sei que Betty gosta de ficar ao lado do marido. Ela está acostumada a receber meus telefonemas dos mais diferentes aeroportos, de Boston a San Francisco, de Miami a Seattle. Recentemente, acostumou-se também a receber meus telegramas de lugares como o Cairo, Acra ou a Cidade Santa de Meca. Um dia, num telefonema interurbano, Betty me disse o que pensa, numa frase linda que jamais esquecerei:

— Você está presente quando está longe.

Ao final daquele ano, depois que Betty e eu casamos, eu me esgotei tentando estar ao mesmo tempo em toda parte, tentando ajudar a Nação a continuar a crescer. Fazendo uma preleção a convite no Templo de Boston, terminei como sempre, indagando:

— Quem deseja seguir o Venerável Elijah Muhammad?

Fiquei surpreso ao ver, entre as pessoas que se levantavam, minha irmã... *Ella!* Temos o ditado de que os mais difíceis de convencer tornam-se os melhores muçulmanos. E haviam sido necessários cinco anos para convencer Ella!

Como devem estar lembrados, mencionei que, numa cidade grande, uma organização de dimensões consideráveis pode permanecer praticamente desconhecida, a menos que aconteça alguma coisa que atraia

para ela a atenção do público. Ninguém na Nação do Islã jamais poderia prever o que iria acontecer numa noite no Harlem.

Dois guardas brancos, acabando com uma briga de rua entre alguns negros, mandaram que os espectadores se afastassem. Entre esses outros negros, dois por acaso eram muçulmanos, o irmão Johnson Hinton e outro membro do Templo Sete. Eles não correram do jeito que os guardas brancos estavam querendo. O irmão Johnson Hinton foi atacado e agredido com os cassetetes. Abriam-lhe o couro cabeludo. Apareceu um carro da polícia e levou-o para uma delegacia próxima.

O segundo irmão telefonou para o nosso restaurante. E com alguns telefonemas, em menos de meia hora estavam reunidos cerca de 50 homens do Fruto do Islã do Templo Sete, parados em formação diante da delegacia.

Outros negros, curiosos, se aproximaram e ficaram postados atrás dos muçulmanos, na maior excitação. Os policiais, aparecendo na porta da frente da delegacia e olhando pelas janelas, não podiam acreditar no que viam. Entrei, como ministro do Templo Sete, e pedi para ver nosso irmão. A princípio, os policiais disseram que ele não estava ali. Acabaram admitindo que estava realmente, mas alegaram que eu não podia vê-lo. Declarei que enquanto não o visse e até que me certificasse de que estava recebendo os cuidados médicos apropriados, os muçulmanos permaneceriam onde estavam.

Os policiais estavam nervosos, começando a ficar assustados com a multidão agrupada lá fora. Quando finalmente vi o irmão Hinton, tive de fazer o maior esforço para me conter. Ele estava apenas semi-consciente. A cabeça, rosto e ombros estavam cobertos de sangue. Espero nunca mais ter que testemunhar outro exemplo da brutalidade policial igual àquele.

Declarei ao tenente da polícia que estava no comando da delegacia:

— Esse homem tem que ser levado imediatamente para um hospital.

Chamaram uma ambulância. Depois que o Irmão Hinton foi levado para o Hospital do Harlem, nós todos, muçulmanos, fomos atrás, seguindo em formação relaxada por cerca de 15 quarteirões, ao longo da Lenox Avenue, provavelmente a artéria mais movimentada do Harlem. Os negros, que nunca tinham visto nada parecido, saíram das lojas, restaurantes e bares, aumentando a multidão que nos acompanhava.

Diante do Hospital do Harlem, a multidão por trás dos muçulmanos era imensa e estava furiosa. Os pretos do Harlem há muito que estavam cansados e revoltados com a brutalidade policial. E nunca tinham visto qualquer organização de homens pretos assumir uma posição firme e decidida, como a nossa.

Uma alta autoridade policial veio ao meu encontro, dizendo:

— Tire essa gente daqui!

Respondi que nossos irmãos estavam parados ali pacificamente,

na mais perfeita disciplina, sem fazerem mal a ninguém. Ele me disse que os outros, por trás dos muçulmanos, nada tinham de disciplinados. Declarei polidamente que os outros eram problema dele.

Depois que os médicos garantiram que o Irmão Hinton estava recebendo os melhores cuidados médicos, dei a ordem e os muçulmanos foram embora. A disposição dos outros negros era a pior possível, mas eles também se dispersaram, depois que nos retiramos. Só mais tarde é que iríamos saber que houve necessidade de colocar uma placa de aço no crânio do Irmão Hinton (depois da operação, a Nação do Islã ajudou-o a mover um processo; um júri concedeu-lhe uma indenização de 70 mil dólares, a mais alta que a Cidade de Nova York já pagou em decorrência da brutalidade da polícia).

Para os milhões de leitores dos jornais do centro de Nova York, foi apenas, na ocasião, mais uma das pequenas notícias periódicas de "Inquietação Racial no Harlem". O incidente não foi explorado pela imprensa. Mas a polícia ficou preocupada e tratou de examinar tudo o que tinha nos arquivos sobre a Nação do Islã, passando a nos encarar de maneira diferente. E o que foi mais importante: no Harlem, o gueto negro mais densamente povoado do mundo, o *Amsterdam News* contou a história em manchete. Pela primeira vez, os homens, mulheres e crianças das ruas do Harlem começaram a comentar "aqueles muçulmanos".

Capítulo Quatorze

MUÇULMANOS PRETOS

Na primavera de 1959, alguns meses antes do caso do Irmão Johnson Hinton despertar o gueto negro do Harlem para a nossa existência, um jornalista negro, Louis Lomax, então vivendo em Nova York, perguntou-me uma manhã se a Nação do Islã estaria disposta a colaborar para um programa documentário de televisão, a ser apresentado no *Mike Wallace Show*, que sempre exibia assuntos controversos. Respondi a Lomax que um assunto assim, como não podia deixar de ser, devia ser tratado diretamente com o Venerável Elijah Muhammad. Lomax pegou um avião e foi para Chicago, a fim de conversar com o Sr. Muhammad. Depois de interrogar Lomax, alertando-o para algumas coisas que não queria, o Sr. Muhammad acabou dando o seu consentimento.

Os cinegrafistas começaram a filmar cenas da Nação do Islã, em nossas mesquitas em Nova York, Chicago e Washington. Foram gravadas entrevistas com o Sr. Muhammad e alguns ministros, inclusive eu, nas quais revelávamos às audiências pretas as verdades sobre a lavagem cerebral do homem preto e as culpas do demônio homem branco.

Mais ou menos nessa ocasião, C. Eric Lincoln, um estudioso negro, então trabalhando para obter seu doutorado, na Universidade de Boston, escolheu a Nação do Islã como o tema para a sua tese. O interesse de Lincoln fora despertado no ano anterior, quando, ao dar uma aula no Clark College, em Atlanta, Geórgia, recebera de um dos seus alunos de Religião um estudo cuja introdução posso agora citar do livro dele. O estudo apresentava as convicções de numerosos jovens estudantes pretos de Atlanta, que visitavam freqüentemente o nosso templo local, o Quinze. O estudante escrevera:

"A religião cristã é incompatível com as aspirações do negro, de dignidade e igualdade na América. Tem prejudicado e estorvado, onde poderia estar ajudando; tem-se mostrado evasiva, quando estava moralmente obrigada a ser franca e objetiva; tem separado os crentes com base na cor, embora declare sempre que sua missão é a de formar uma fraternidade universal, sob Jesus Cristo. O amor cristão é o amor do homem branco por si mesmo e por sua raça. Para o homem que não é branco, o Islã é a esperança de justiça e igualdade no mundo que devemos construir amanhã."

Depois que alguma pesquisa preliminar mostrou ao Professor Lincoln que o assunto era promissor, ele conseguiu obter diversas bolsas para poder se dedicar inteiramente ao assunto. Também recebeu a proposta de um editor para desenvolver a tese num livro.

Em nossa Nação relativamente pequena, esses dois acontecimentos, um programa de televisão e um livro a nosso respeito, eram naturalmente sensacionais. Todos os muçulmanos previam, na maior felicidade, que agora, através dos poderosos meios de comunicação do homem branco, nossos irmãos e irmãs pretos dos Estados Unidos, vítimas de lavagem cerebral, iriam ver, ouvir e ler os ensinamentos do Sr. Muhammad, que cortavam para um lado e outro, como uma espada de dois gumes. E os demônios também tomariam conhecimento.

Já fizéramos os nossos próprios esforços, um tanto limitados, de aproveitar o poder da palavra impressa. Como medida inicial, algum tempo antes eu procurara o editor James Hicks, do *Amsterdam News*, publicado no Harlem. O editor Hicks declarou que achava que todas as vozes na comunidade deviam ser ouvidas. Não demorou muito para que o *Amsterdam News* publicasse todas as semanas uma coluna que eu escrevia. Depois, o Sr. Muhammad concordou em escrever uma coluna para aproveitar esse valioso espaço no *Amsterdam News* e minha coluna passou a sair em outro jornal preto, o *Herald Dispatch*, de Los Angeles.

Mas eu continuava querendo encontrar um jeito de iniciar o nosso próprio jornal que seria inteiramente ocupado por notícias da Nação do Islã.

Em 1957, o Sr. Muhammad mandou-me organizar um Templo em Los Angeles. Depois que já tinha cuidado de tudo, resolvi fazer uma visita ao *Herald Dispatch*, já que estava mesmo ali. Mostraram-me como era feito um jornal, em todas as etapas, da primeira à última. Sempre fui abençoado com uma qualidade excepcional: basta-me observar uma vez uma coisa sendo feita para que, de um modo geral, seja capaz de pegar o jeito e fazê-la depois pessoalmente. O aprendizado rápido era provavelmente a principal regra de sobrevivência quando eu vivia pelas ruas como um marginal.

De volta a Nova York, comprei uma máquina fotográfica de segunda mão. Não sei quantos rolos de filme gastei até conseguir tirar algumas fotos aproveitáveis. Em todas as oportunidades escrevia pequenas notícias de acontecimentos interessantes da Nação do Islã. Um dia por mês, eu me trancava numa sala e montava o material, notícias e fotografias, imprimindo numa tipografia que arrumara. Dei ao jornal o nome de *Muhammad Speaks* (Muhammad Fala) e os irmãos muçulmanos começaram a vendê-lo nas calçadas do gueto. Eu não podia sonhar que mais tarde, quando o ciúme se instalou entre nossa hierarquia, nada a meu respeito seria publicado no jornal que fundei.

Uma publicidade nacional estava à disposição da Nação do Islã quando o Sr. Muhammad enviou-me numa viagem de três semanas à África. Apesar de pequenos como éramos na ocasião, algumas perso-

nalidades africanas e asiáticas haviam comunicado particularmente ao Sr. Muhammad que apreciavam devidamente os esforços desenvolvidos para despertar e elevar os homens pretos da América. Muitas mensagens desse tipo haviam sido enviadas por meu intermédio. Como emissário do Sr. Muhammad, fui ao Egito, Arábia, Sudão, Nigéria e Gana.

Hoje, muitos líderes negros se queixam de que o destaque internacional conquistado pelos muçulmanos foi obtido graças aos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão e outros meios de comunicação do homem branco. Não tenho como contestar tal argumento. Eles estão absolutamente corretos. E posso declarar que nenhum de nós, na Nação do Islã, imaginava sequer remotamente o que estava prestes a acontecer.

O programa de televisão foi exibido ao final de 1959. O título era *O Ódio que o Ódio Gerou*. Foi editado numa sucessão de imagens "chocantes"... o Sr. Muhammad, eu e outros falando... homens pretos vigorosos de expressões determinadas, o nosso Fruto do Islã... irmãs muçulmanas de todas as idades, de túnicas brancas... muçulmanos em nossos restaurantes e outras empresas muçulmanas... muçulmanos e outras pessoas pretas entrando e saindo de nossas mesquitas...

Cada frase era editada para aumentar ainda mais o impacto. Como os produtores tencionavam, acho que as pessoas ficaram inteiramente aturdidas quando o programa terminou.

De certa forma, a reação pública foi semelhante à que ocorreu na década de 1930, quando Orson Welles apavorou a América com um programa de rádio descrevendo, como se estivesse realmente acontecendo, uma invasão de "marcianos".

É verdade que, em 1959, ninguém pulou pela janela. Mas em Nova York houve uma avalanche imediata de reação pública. Na minha opinião pessoal, o título do programa, *O Ódio que o Ódio Gerou*, foi basicamente responsável pela reação. Centenas de milhares de novaiorquinos, pretos e brancos, puseram-se a falar:

— Vocês ouviram? Vocês viram? Estão pregando o ódio contra o homem branco!

Era um dos mais característicos padrões de comportamento do homem branco... no que se relaciona com os homens pretos. O homem branco adora tanto a si mesmo que fica espantado ao descobrir que suas vítimas não partilham as mesmas opiniões presunçosas e vaidosas. Na América, por muitos séculos, tudo corria bem para o homem branco, enquanto ele sacrificava, brutalizava e explorava o homem preto, que se limitava a sorrir, a suplicar: "Sim, Massa", a bancar o Pai Tomás. Mas, agora, as coisas eram diferentes. Primeiro, veio a reação dos jornais brancos, editorialistas e colunistas clamando: "alarmante"... "mensageiros do ódio"... "ameaça às boas relações entre as raças"... "segregacionistas pretos"... "defensores da supremacia negra"...

E a tinta dos jornais ainda não havia secado quando as grandes revistas nacionais semanais começaram: “Pregadores do ódio”... “semeadores de violências”... “racistas pretos”... “fascistas pretos”... “anticristãos”... “possivelmente inspirados por comunistas”...

Tudo isso saiu dos prelos do maior demônio da história da humanidade. E, depois, o homem branco provocado deu o passo seguinte.

Desde a escravidão, o homem branco americano sempre manteve à mão alguns negros selecionados, que passavam muito melhor que as massas pretas sofredoras, trabalhando até a morte nos campos escaldantes. O homem branco usava esses negros de “casa e quintal” como servos especiais. Dava mais migalhas de sua mesa farta para esses negros, deixava-os até mesmo comerem na cozinha. Sabia que podia sempre contar com esse negro para manterem o “bom massa” feliz em sua imagem de ser “generoso” e “justo”. O “bom massa” sempre ouvia apenas o que queria ouvir desses pretos de “casa e quintal”.

— Ah, o massa é um homem tão bom!

Ou então:

— Massa, aqueles negros fedorentos que trabalham nos campos são felizes do jeito que estão. Não são inteligentes o bastante para que tente fazer alguma coisa para melhorar a vida deles, massa...

Os negros de “casa e quintal” dos tempos da escravidão haviam-se tornado mais sofisticados. Afora isso, em nada tinham mudado. E agora, quando o homem branco pegou o telefone e ligou para os seus negros de “casa e quintal”... ora, nem mesmo precisou das instruções a esses títeres pretos tão bem treinados. Eles tinham visto o programa de televisão, tinham lido os jornais. Já estavam escrevendo os seus ataques. Sabiam o que deviam fazer.

Não vou citar nomes. Mas se fizerem uma lista dos maiores “líderes” negros — supostos líderes — em 1960, então estarão sabendo quais foram os que começaram a nos atacar, os negros “dos campos”, que estavam bancando os loucos, falando daquele jeito sobre o “bom massa”.

“Não se deve pensar, em hipótese alguma, que esses muçulmanos representam as massas negras...”

Essa foi a primeira preocupação: tranquilizar o “bom massa” de que não tinha razão para se preocupar com os negros dos “campos” que viviam nos guetos.

“Um irresponsável culto de ódio”... “uma infeliz imagem dos negros, justamente no momento em que a situação racial começa a melhorar”...

Eles se empenhavam arduamente em serem citados:

“Um deplorável racismo ao contrário”... “Uma pretensão ridícula de defender a antiga doutrina islâmica”... “Anticristianismo herético”...

O telefone do restaurante do nosso então pequeno Templo Sete quase saltava da parede. Eu ficava com o fone grudado no ouvido pelo menos cinco horas por dia. Escutava e anotava tudo, enquanto o

pessoal de jornais, rádio e televisão ligava, todos querendo saber qual era a reação muçulmana aos ataques citados desses supostos “líderes” pretos. Ou então eu estava ocupado numa ligação interurbana, falando com o Sr. Muhammad em Chicago, lendo as anotações que fizera e pedindo instruções.

Não podia compreender como o Sr. Muhammad era capaz de manter a calma e paciência ao ouvir as coisas que eu lhe dizia. Eu mesmo mal conseguia me controlar.

O telefone da minha casa, que não constava do catálogo, foi descoberto por todo mundo. Minha esposa Betty desligava o telefone, depois de anotar um recado; no instante seguinte, o telefone já estava tocando novamente. Parecia que os telefones estavam sempre tocando aonde quer que eu ia.

Os telefonemas naturalmente eram dirigidos para mim, já que Nova York é o grande centro dos meios de comunicação e eu era o ministro ali do Sr. Muhammad. As chamadas vinham de longe, de San Francisco ao Maine... até mesmo de Londres, Estocolmo, Paris. Eu via um irmão muçulmano em nosso restaurante ou Betty em casa fazendo um esforço visível para manterem a calma. Passavam-me o fone; eu próprio mal podia acreditar. Havia um fato curioso, naquele período de atividade febril, que rapidamente me chamou a atenção: os europeus não estavam muito interessados no aspecto do “ódio”. Somente o homem branco americano se mostrava atormentado e obcecado por ser “odiado”. Para mim, isso era sinal de que se sentia terrivelmente culpado por odiar os negros.

— Sr. Malcolm X, por que prega a supremacia negra e o ódio?

Era como se me acenassem uma capa vermelha. Alguma estranha reação química devia acontecer dentro de mim sempre que ouvia essa pergunta. Quando nós, muçulmanos, falávamos sobre “o demônio homem branco”, estávamos nos referindo a alguém relativamente abstrato, alguém com que os muçulmanos raramente tinham contato. Mas, agora, ali estava aquele demônio, em carne e osso, ao telefone, com sua desfaçatez e descaramento, com seus truques calculistas, frios, suas atitudes indignadas e virtuosas. As vozes que me interrogavam eram como demônios vivos, a respirarem.

E eu me empenhava em responder com o fogo da verdade a cada pergunta:

“O homem branco é tão culpado da supremacia branca que não pode ocultar o seu sentimento de culpa tentando acusar o Venerável Elijah Muhammad de pregar a supremacia preta e o ódio! Tudo o que o Sr. Muhammad está fazendo é tentar elevar a mentalidade do homem preto e suas condições sociais e econômicas neste país!

“O homem branco culpado, de duas caras, não consegue determinar o que ele quer. Nossos antepassados escravos teriam sido executados se defendessem a suposta “integração” com o homem branco. Agora, quando o Sr. Muhammad prega a “separação”, o homem branco nos chama de “pregadores do ódio” e “fascistas”!

“O homem branco não quer os pretos! Não quer os pretos que são parasitas dele! Não quer esse homem preto cuja presença e condições neste país denunciam ao mundo quem o homem branco realmente é! Por que então atacam o Sr. Muhammad?”

Eu tinha fogo na voz; podia senti-lo.

“O homem branco perguntar ao homem preto se ele o odeia é a mesma coisa que o estuprador perguntar ao estuprado ou o lobo perguntar ao cordeiro: “Você me odeia?” O homem branco não tem moral para acusar ninguém de ódio!

“Quando todos os meus ancestrais foram mordidos por cobra, quando eu fui mordido por cobra, por que me acusam de pregar o ódio quando ensino meus filhos a evitarem as cobras?”

E os demônios perguntavam:

— Sr. Malcolm X, por que o Fruto do Islã aprende judô e caratê?

Uma imagem de homens pretos aprendendo qualquer coisa que insinuasse autodefesa parecia aterrorizar o homem branco. Eu respondia a essa pergunta com outra pergunta:

— Por que o judô e o caratê parecem subitamente ser coisas tão terríveis só porque estão sendo aprendidos pelos homens pretos? Por toda a América, os escoteiros, os membros da ACM, até mesmo as bandeirantes, todos aprendem judô! Não há problema, é tudo muito certo... até que o homem preto começa a aprender! Mesmo nas escolas primárias, até as meninas, todos são ensinados a se defenderem...

— Quantas pessoas integram a sua organização, Sr. Malcolm X? O Reverendo Bispo T. Chickenwing diz que contam apenas com um punhado de membros...

— Quem quer que lhes diga quantos são os muçulmanos não sabe de nada. E os que sabem jamais dirão.

Os Bispos Chickenwings (uma expressão desdenhosa, indicando uma pessoa subalterna) eram freqüentemente citados em relação ao nosso “anticristianismo”. Eu não hesitava em responder:

— O cristianismo é a religião do homem branco. A Bíblia Sagrada, nas mãos e nas interpretações do homem branco, tem sido a maior arma ideológica individual para escravizar milhões de seres humanos não-brancos. Em cada país que o homem branco conquistou com seus canhões, sempre abriu o caminho e resguardou sua consciência com a Bíblia, interpretando-a para chegar à conclusão de que tinha o dever de converter de qualquer maneira os “pagãos” e “incrédulos”. E depois ele manda os seus canhões, os missionários aparecendo em seguida para terminarem de destruir o que os canhões não liquidaram...

Os repórteres brancos, em tons furiosos, chamavam-nos de “demagogos”. Depois que me disseram a mesma coisa duas ou três vezes, tratei de me preparar para responder à altura:

— Vamos voltar aos gregos e talvez possam assim aprender a primeira coisa que precisam saber a respeito da palavra “demagogo”. Na verdade, a palavra “demagogo” significa “mestre do povo”. Podemos analisar alguns demagogos. O maior de todos os gregos, Sócrates,

foi morto como um “demagogo”. Jesus Cristo morreu na cruz porque os fariseus daqueles tempos defendiam a letra da lei e não o espírito. Os fariseus modernos estão tentando provocar a destruição do Sr. Muhammad, chamando-o de demagogo, maluco, fanático. E o que me dizem de Gandhi? O homem que Churchill chamou de “um mísero faquir pelado”, recusando qualquer alimento numa prisão britânica? Mas depois um quarto de bilhão de pessoas, todo um subcontinente, se agrupou por trás de Gandhi... e torceram o rabo do Leão Britânico! E o que me dizem de Galileu, erguendo-se diante de seus inquisidores e declarando categoricamente: “A Terra se move”? E o que me dizem de Martinho Lutero, pregando numa porta a sua tese contra a toda-poderosa Igreja Católica, que o chamava de “herege”? Nós, os seguidores do Venerável Elijah Muhammad, somos hoje nos guetos como foram outrora os seguidores da seita do cristianismo, termítas em catacumbas e grutas... e eles estavam escavando o túmulo do poderoso Império Romano!

Posso recordar nitidamente as conversas ao telefone com aqueles repórteres como se tivessem ocorrido ontem. Os repórteres ficavam furiosos. Eu ficava furioso. Quando eu começava a falar em fatos históricos, eles tentavam me trazer de volta ao presente. Eles logo esqueciam a entrevista, esqueciam o seu trabalho, tentando defender seus egos pessoais de demônios brancos. Ressuscitam Lincoln e o seu ato libertando os escravos. Eu falava coisas que Lincoln dissera em seus discursos... *contra* os pretos. Eles lembravam a decisão de 1954 do Supremo Tribunal dos Estados Unidos sobre a integração escolar. E eu respondia:

— Essa foi uma das maiores façanhas mágicas já realizadas na América! Está querendo me dizer que nove ministros do Supremo Tribunal, nove mestres consumados da terminologia jurídica, não poderiam formular sua decisão de maneira a que se impusesse como lei? Nada disso! Eles fizeram a coisa de tal maneira a poderem dizer aos negros que não há mais segregação... Hurra! Hurra!... ao mesmo tempo em que diziam aos brancos: “Aqui estão as brechas na lei para não precisarem cumprir a nossa decisão!”

Os repórteres se empenhavam ao máximo em descobrir algum homem branco “bom”, a quem eu não pudesse refutar como tal. Jamais esquecerei quando um deles praticamente perdeu a voz. Perguntou-me se eu achava que algum homem branco jamais fizera qualquer coisa em favor do homem preto na América. Ao que eu respondi:

— Claro que houve. E posso me lembrar de dois: Hitler e Stalin. O homem preto na América jamais conseguiu arrumar um emprego decente numa fábrica até que Hitler pressionou demais o homem branco. E depois Stalin manteve essa pressão...

Mas não tinham qualquer importância os argumentos que eu apresentava nas entrevistas. Quase nunca publicavam exatamente o que eu dizia. Foi um aprendizado na prática, debaixo de fogo, como a imprensa, quando quer, pode distorcer tudo o que a gente diz. Se eu dis-

sesse “Mary tinha um cordeirinho”, a imprensa provavelmente publicaria “Malcolm X Calunia Mary”.

Mesmo então, a minha armadura maior não era contra a imprensa branca, mas sim contra aqueles “líderes” negros que continuavam a nos atacar. O Sr. Muhammad dizia que devíamos nos empenhar ao máximo para não contra-atacarmos os “líderes” pretos, porque um dos recursos do homem branco era manter a raça preta dividida, lutando entre si. O Sr. Muhammad dizia que isso tradicionalmente impedia os negros de alcançarem a união, que era a maior necessidade da raça preta na América.

Mas em vez de se conterem, os títeres pretos continuaram a atacar violentamente o Sr. Muhammad e a Nação do Islã, até que começou a parecer que estávamos com medo de falar contra esses negros “importantes”. Foi quando a paciência do Sr. Muhammad se esgotou. E com o assentimento dele, comecei a retribuir o fogo:

— O Pai Tomás de hoje não usa um lenço na cabeça. Esse moderno Pai Tomás do século XX muitas vezes usa uma cartola. É geralmente bem-vestido e educado. Frequentemente, é a própria imagem da cultura e refinamento. O Pai Tomás do século XX às vezes fala com sotaque de Yale ou Harvard. Às vezes é conhecido como Professor, Doutor, Juiz e Reverendo, até mesmo como o Reverendo Doutor. Esse Pai Tomás do século XX é um negro profissional... e sua profissão é a de ser um negro para o homem branco.

Nunca antes, na América, esses negros supostos “líderes” foram publicamente atacados dessa maneira. Eles reagiram à verdade sobre si mesmos ainda mais furiosamente que o demoníaco homem branco. Começaram as suas denúncias “institucionais” contra nós. Em vez de “líderes” falando por si mesmos, agora eram as suas organizações poderosas que atacavam o Sr. Muhammad.

— Corpos pretos com cabeças brancas!

Eu chamava essas organizações pelo que realmente eram. Todas as organizações pelo “progresso negro” tinham a mesma composição. Os “líderes” pretos estavam em primeiro plano, aos olhos do público, para serem vistos pelos negros a favor dos quais supostamente estavam lutando contra o homem branco. Mas, nos bastidores, quem mandava era sempre um branco, presidindo a organização, com um título qualquer, puxando todos os cordões.

Era uma matéria muito quente, tanto para a imprensa branca como para a preta. *Life*, *Look*, *Newsweek* e *Time* publicaram reportagens a nosso respeito. Alguns jornais de cadeia começaram a publicar não apenas uma reportagem, mas séries de três, quatro ou cinco, de “denúncias” da Nação do Islã. *Reader's Digest*, com sua circulação mundial de 24 milhões de exemplares em 13 línguas, publicou um artigo intitulado “O Sr. Muhammad Fala”, pelo autor a quem estou relatando este livro. Isso fez com que outras grandes revistas mensais nos dessem reportagens de capa.

Não se passou muito tempo para que o pessoal de rádio e televisão começasse a me convidar a defender a nossa Nação do Islã em debates e mesas-redondas. Eu iria enfrentar estudiosos cuidadosamente escolhidos, tanto brancos como alguns dos negros de “casa e quintal” com títulos de Ph.D. que vinham nos atacando. A cada dia, eu me tornava mais furioso com as deturpações e distorções dos ensinamentos do Sr. Muhammad. Creio que não me passou pela cabeça que nunca antes estivera dentro de uma emissora de rádio ou televisão, muito menos enfrentara um microfone para audiências de milhões de pessoas. Os debates na prisão haviam sido as minhas únicas experiências de falar para pessoas que não eram muçulmanas.

Dos meus velhos tempos de marginal, eu sabia que havia truques para tudo. Nos debates na prisão, aprendera muitos truques para perturbar os oponentes, para apanhá-los onde menos esperavam. Eu sabia que não podia deixar de haver truques que não conhecia em debates no ar.

Sabia também que, se estudasse atentamente o que os outros faziam, poderia aprender rapidamente coisas que me ajudariam a defender o Sr. Muhammad e seus ensinamentos.

Entrava nos estúdios. Os demônios e os títeres pretos Ph.D. comportavam-se de maneira amistosa e “integrada”, rindo e se tratando pelos primeiros nomes, coisas assim. Era uma impostura tão grande que me deixava com o estômago embrulhado. Procuravam até mesmo me tratar cordialmente, embora todos soubessem que estavam ali para me arrasar. Ofereciam-me café e eu respondia “não, obrigado”. Faziam questão de indicar onde eu deveria sentar. Às vezes, o microfone ficava sobre uma mesa diante da gente; em outras ocasiões, penduravam um microfone menor, cilíndrico, em nossos pescoços. Desde o início, gostei mais desses microfones, porque não precisava ficar constantemente calculando a distância de um microfone em cima da mesa.

Os apresentadores do programa começavam com uma introdução minha, não religiosa. Era algo mais ou menos assim:

— ...e temos hoje conosco o inflamado e veemente chefe Malcolm X, dos muçulmanos de Nova York...

Eu procurava compensar fazendo a minha própria introdução, assim que me deixavam falar. Praticava em casa ou guiando o carro, até ser capaz de interromper um apresentador para fazer a minha própria introdução:

— Represento o Sr. Elijah Muhammad, o chefe espiritual do grupo de muçulmanos que mais cresce no Hemisfério Ocidental. Nós, que o seguimos, sabemos que ele foi divinamente instruído e enviado pelo próprio Deus. Acreditamos que a terrível situação dos 20 milhões de pretos da América é a realização de uma profecia divina. Também acreditamos que a presença hoje na América do Venerável Elijah Muhammad, seus ensinamentos entre os chamados negros, seu alerta à América contra o tratamento desses chamados negros também representam a

realização de profecia divina. Tenho o privilégio de ser o ministro do Templo Número Sete, aqui na cidade de Nova York, que é parte da Nação do Islã, sob a liderança divina do Venerável Elijah Muhammad...

Eu olhava ao redor, para aqueles demônios e seus papagaios pretos treinados, todos me fitando, enquanto recuperava o fôlego. Havia fixado o tom da minha atitude.

Eles se sucediam uns aos outros, atacando o Sr. Muhammad, a mim, à Nação do Islã. Aqueles negros doidos pela "integração"... podem imaginar como eles se comportavam. *Por que* os muçulmanos não podiam *ver* que a "integração" era a solução para os problemas dos negros na América? Eu me empenhava em demolir todos os argumentos deles:

"Nenhum homem preto *são* quer realmente a integração! Nenhum homem branco *são* quer realmente a integração! Nenhum homem preto *são* acredita realmente que o homem branco jamais concederá ao homem preto qualquer coisa além de uma integração simbólica. Nada disso! O Venerável Elijah Muhammad ensina que a única solução para o homem preto na América é a completa *separação* do homem branco!"

Qualquer pessoa que já me ouviu em programas de rádio ou televisão sabe que minha técnica é falar sem parar, até falar tudo o que tenho para dizer. Naquela ocasião, eu já estava desenvolvendo essa técnica:

"O Venerável Elijah Muhammad ensina que a sociedade ocidental está-se deteriorando e foi dominada pela imoralidade. Por isso, Deus vai julgá-la e destruí-la. E a única maneira dos pretos enredados nessa sociedade se salvarem *é não se integrarem* numa sociedade corrompida, mas sim se *separarem*, para uma terra *nossa*, em que possamos nos reformar, elevar nossos padrões morais e tentar sermos piedosos. Os diplomatas mais doutos do mundo ocidental não conseguiram resolver esse grave problema racial. Os mais doutos especialistas jurídicos também fracassaram. Os sociólogos fracassaram. Os líderes civis fracassaram. Os líderes fraternais fracassaram. Já que toda essa gente fracassou na hora de resolver o problema racial, chegou o momento de *nós* sentarmos e pensarmos! Tenho certeza de que só poderemos chegar à conclusão de que apenas o próprio Deus será capaz de resolver o grave dilema racial!"

Cada vez que eu falava em "separação", alguns clamavam que os muçulmanos estavam defendendo as mesmas coisas por que se batiam os racistas e demagogos brancos. Eu tratava de explicar a diferença:

"Nada disso! Rejeitamos a *segregação* ainda mais veementemente do que vocês dizem que o fazem! Queremos a *separação*, que não é a mesma coisa! O Venerável Elijah Muhammad ensina que a *segregação* ocorre quando sua vida e liberdade estão controladas e reguladas por outras pessoas! *Segregar* significa controlar. *Segregação* é o que superiores impõem a inferiores. Mas *separação* é o que se faz vo-

luntariamente, por partes iguais... e para o bem de ambos! O Venerável Elijah Muhammad ensina que, enquanto nosso povo aqui na América for dependente do homem branco, estaremos sempre suplicando por seus empregos, comida, roupa e casa. E o homem branco estará sempre controlando nossas vidas, regulando nossas vidas, terá sempre o poder de nos segregar. O negro na América tem sido tratado como uma criança. Uma criança fica dentro da mãe até o momento do nascimento! Quando chega o momento do nascimento, a criança deve ser separada ou destruirá a mãe e a si própria. A mãe não pode continuar a carregar o filho depois que chega o momento do nascimento. A criança exige e necessita o seu próprio mundo!

Qualquer um que tenha me ouvido naquele tempo não pode deixar de concordar que eu acreditava em Elijah Muhammad e representava-o cem por cento. Jamais tentei adquirir algum crédito pessoal.

Jamais participei de qualquer um desses debates sem que alguém aproveitasse a primeira oportunidade de me acusar de "incitar os negros à violência". Eu nem precisava fazer qualquer estudo especial para responder a essa acusação:

"O maior milagre que o cristianismo realizou na América é o de fazer com que o homem preto, nas mãos brancas cristãs, não se tornasse violento. É um milagre que 22 milhões de pretos não tenham se levantado em armas contra os seus opressores... no que estariam plenamente justificados por todos os critérios morais e até mesmo pelas tradições democráticas! É um milagre que uma nação de pretos tenha continuado a acreditar tão firmemente na filosofia de ofereça-a-outra-face e um-paraiso-para-você-depois-da-morte. É um milagre que o povo preto americano tenha permanecido um povo pacífico, enquanto sofria por tantos séculos de inferno, aqui, no paraíso do homem branco! O milagre é o fato de que os supostos "líderes" negros, verdadeiros títeres do homem branco, seus pregadores e os negros instruídos, carregados de diplomas, todos os outros negros que têm permissão para explorar seus pobres irmãos pretos, tenham sido capazes de conter as massas pretas, mantê-las quietas até agora!"

Uma coisa posso garantir: cada vez que eu entrava naqueles estúdios, envolvido com os pretos títeres loucos por "integração", que tinham sofrido uma lavagem cerebral total, além daqueles demônios astuciosos, sempre tentando me arrasar de qualquer maneira, eu procurava representar Elijah Muhammad e a Nação Islã com o máximo de empenho e sinceridade, enquanto brilhava a luzinha vermelha de "no ar".

O livro do Dr. C. Eric Lincoln foi publicado em meio a uma controvérsia cada vez mais profunda em relação aos muçulmanos, mais ou menos na ocasião em que começávamos a realizar as nossas primeiras grandes concentrações de massas.

Assim como o título do programa de televisão, *O Ódio que o Ódio Gera*, projetou uma imagem nossa de "pregação do ódio", o livro do

Dr. Lincoln, intitulado *The Black Muslims in America* (Os Muçulmanos Pretos na América), também teve um grande impacto. A imprensa tratou de aproveitar o nome. A expressão “muçulmanos pretos” estava em todos os comentários sobre o livro, quase que invariavelmente citando apenas as críticas que nos eram feitas e de um modo geral elogiando o trabalho do Dr. Lincoln.

A opinião pública fixou a expressão “muçulmanos pretos”. Do Sr. Muhammad para baixo, todos ficamos desolados com tal referência à Nação do Islã. Tentei destruir a expressão “muçulmanos pretos” pelo menos durante dois anos. A todo repórter de jornal e revista que me procurava, em todo microfone que aparecia na minha frente, eu sempre dizia:

— Somos pretos aqui na América. Nossa religião é o Islã. Somos apropriadamente chamados “muçulmanos”!

Mas nunca foi possível eliminar a expressão “muçulmanos pretos”.

Nossas concentrações de massa foram um sucesso espantoso desde o início. Enquanto outrora o pequeno Templo Um, de Detroit, lutando com imensas dificuldades, enviava orgulhosamente uma caravana de dez carros a Chicago, para ouvir o Sr. Muhammad, agora, de todos os Templos da costa do Atlântico, os mais antigos assim como os mais novos, criados com a ajuda da publicidade maciça que nos fora concedida, partiam 150, 200 e até mesmo 300 ônibus grandes fretados, seguindo pelas estradas para o lugar em que o Mensageiro ia falar. Em cada ônibus, havia dois homens do Fruto do Islã no comando. Imensas faixas pintadas, com um metro de altura por três de largura, estavam penduradas nos lados dos ônibus, para serem lidas pelas pessoas em trânsito nas estradas, pelas pessoas nas calçadas das pequenas cidades pelas quais passavam os ônibus.

Outras centenas de muçulmanos e negros curiosos seguiam em seus próprios carros. E o Sr. Muhammad partia de Chicago em seu avião a jato pessoal. Do aeroporto ao salão em que se realizava a concentração, a caravana de carros do Sr. Muhammad seguia com uma escolta policial, as sirenes ligadas. As entidades policiais outrora zombavam da Nação do Islã, dizendo que era “um bando de negros doidos”; agora, porém, tomavam todas as providências possíveis para evitar que alguns “brancos doidos” causassem “incidentes” ou “acidentes”.

A América nunca antes assistira a concentrações tão fantásticas só de pretos. Para ouvir Elijah Muhammad, dez mil pretos ou mais despejavam-se de transportes públicos e particulares para lotar os imensos salões que alugávamos, como a St. Nicholas Arena, em Nova York, o Coliseum, em Chicago, e a Uline Arena, em Washington.

Era proibida a presença de qualquer homem branco — a primeira vez na América em que o homem preto sequer sonhava com tal coisa. E isso provocou novos ataques do homem branco e de seus títeres pretos: “Segregacionistas pretos... racistas!” Era muita desfaçatez nos acusarem de segregacionistas. Por toda a América, eram os brancos que proibiam o acesso dos pretos!

Muitas centenas de pessoas chegavam tarde demais para que pudessem acomodá-las lá dentro. Tínhamos sempre que instalar altofalantes do lado de fora. Uma atmosfera eletrizante agitava as imensas massas pretas. As filas compridas, de três e quatro pessoas lado a lado, seguindo para o salão em que se realizaria a concentração, eram mantidas na mais absoluta ordem por homens do Fruto do Islã, comunicando-se por *walkie-talkies*. Na ante-sala, mais homens do Fruto do Islã e irmãs muçulmanas mais velhas, de véu e vestindo túnicas brancas, revistavam todos os homens, mulheres e crianças que desejavam entrar. Álcool e tabaco não podiam passar e procuravam-se quaisquer objetos que pudessem ser usados num atentado contra o Sr. Muhammad. Ele parecia estar sempre temeroso de que alguém pudesse cometer um atentado contra a sua pessoa e insistia para que todos fossem revistados, a fim de se impedir que isso acontecesse. Hoje, posso compreender melhor os motivos de tal atitude.

As centenas de homens do Fruto do Islã representavam contingentes que haviam chegado no início da manhã, de seus Templos em cidades próximas. Alguns eram designados para indicadores, levando as pessoas a seus devidos lugares. Os balcões e a metade posterior do andar principal eram ocupados por pretos do público em geral. Na frente, ficavam as seções exclusivas dos muçulmanos, as lindas irmãs pretas em seus trajes, os irmãos de ternos pretos e camisas brancas. Quase na frente, havia um lugar especial para os chamados “dignitários” pretos. Muitos deles eram convidados, entre os quais os títeres e papagaios que viviam nos atacando, intelectuais e profissionais negros que o Sr. Muhammad tanto lamentava, pois eram os mais instruídos, os que deviam estar na vanguarda do esforço para arrancar seus pobres irmãos pretos do labirinto de miséria e carência. Não queríamos que eles perdessem uma única palavra das verdades que o Sr. Muhammad ia dizer pessoalmente.

As duas ou três filas da frente estavam reservadas para a imprensa, ocupadas por repórteres, fotógrafos e cinegrafistas pretos, representando a imprensa negra ou contratados pelos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão do homem branco. Os escritores pretos da América deveriam oferecer um banquete ao Sr. Muhammad. Escrever sobre a Nação do Islã era o caminho mais certo para o sucesso de muitos dos escritores pretos que hoje são aclamados.

No palco, sentavam os ministros e outros dirigentes da Nação, que entravam pelos bastidores e iam ocupar as cadeiras das cinco ou seis filas por trás da cadeira grande reservada para o Sr. Muhammad. Alguns ministros haviam viajado centenas de quilômetros para estarem presentes. Ficávamos nos virando nas cadeiras, com sorrisos radiantes, apertando as mãos uns dos outros, trocando “As-Salaam-Alaikum” e “Wa-Alaikum-Salaam”, em nosso regozijo genuíno e profundo por nos revermos.

Havia sempre, encontrando-se pela primeira vez conosco, veteranos no serviço do Sr. Muhammad, diversos novos ministros, de Tem-

plos novos e ainda pequenos. Meus irmãos Wilfred e Philbert eram agora os ministros dos Templos de Detroit e Lansing, respectivamente. O Ministro Jeremiah X chefiava o Templo de Atlanta. O Ministro John X estava encarregado do Templo de Los Angeles. O filho do Mensageiro, Ministro Wallace Muhammad, tinha o Templo de Filadélfia. O Ministro Woodrow X tinha o Templo de Atlantic City. Alguns dos nossos ministros tinham antecedentes extraordinários. O Ministro Lucius X, do Templo de Washington, fora anteriormente um adventista do sétimo dia e um maçom do 32º grau. O Ministro George X, do Templo de Camden, Nova Jersey, era um patologista. O Ministro David X fora antes o ministro de uma igreja cristã em Richmond, Virginia. Ele e muitos membros de sua congregação se tornaram muçulmanos. A congregação se dividiu e a maioria transformou a igreja em nosso Templo de Richmond. O jovem e extraordinário Ministro Louis X, do Templo de Boston, fora anteriormente um cantor popular famoso em ascensão, conhecido como *The Charmer*. Compusera a primeira canção popular da Nação, *White Man's Heaven Is Black Man's Hell* (O Paraíso do Homem Branco É o Inferno do Homem Preto). O Ministro Louis X era também o autor de nossa primeira peça, *Orgena* ("A Negro", escrito de trás para frente): o tema era o julgamento por pretos de um homem branco simbólico, pelos crimes mundiais cometidos contra os não-brancos; considerado culpado, condenado à morte, o homem branco era arrastado a gritar que fizera tudo "pelos crioulos".

Ainda mais jovens que o nosso talentoso Louis X eram alguns ministros mais novos, como o Ministro J. X, do Templo de Buffalo.

Eu havia originalmente fundado ou organizado para o Sr. Muhammad a maioria dos templos representados. Cumprimentando cada um desses irmãos ministros dos Templos, eu me recordava dos tempos de "pescaria" de novos convertidos pelas ruas, de porta em porta, onde quer que os pretos se reunissem. Recordava as incontáveis reuniões em salas de estar, em que sete pessoas formavam uma multidão; os convertidos engrossando cada vez mais, até se alugarem cadeiras dobradiças para lojinhas miseráveis, que os muçulmanos limpavam até ficarem imaculadas.

Todos nós reunidos no palco de um vasto salão, com aquela vasta audiência à nossa frente, milagrosamente reunida, representava para mim o poder incompreensível de Alá. Pela primeira vez, podia realmente compreender algo que o Sr. Muhammad me dissera: ele afirmava que, quando enfrentava terríveis atribulações, fugindo dos hipócritas pretos de cidade em cidade, Alá muitas vezes lhe mandara visões de imensas audiências que iriam um dia ouvir seus ensinamentos. O Sr. Muhammad dizia que as visões haviam-no sustentado quando passara anos trancafiado na prisão do homem branco.

Os sussurros inquietos da grande audiência cessavam...

Ao microfone estava o Secretário Nacional da Nação, John Ali, ou o Ministro Louis X, do Templo de Boston. Eles estimulavam ainda

mais a atmosfera toda preta, falando do novo mundo que se abria para o homem preto através da Nação do Islã. A Irmã Tynetta Dyneer falava maravilhosamente sobre as contribuições imensas e vitais das mulheres muçulmanas, sobre o papel das mulheres muçulmanas em nossos esforços para elevar as condições físicas, mentais, morais, sociais e políticas do povo preto na América.

Eu ocupava o microfone em seguida, especificamente a fim de preparar a audiência para ouvir o Sr. Muhammad, que viera de avião de Chicago para nos ensinar a todos pessoalmente.

Eu levantava a mão e dizia:

— *As-Salaikum-Salaam...*

— *Wa-Alaikum-Salaam!*

A resposta era um verdadeiro rugido da parte imensa da audiência ocupada pelos muçulmanos. Havia um padrão geral que eu sempre seguia nessas ocasiões:

"Meus irmãos e irmãs pretos, de todas as crenças religiosas ou sem nenhuma crença religiosa, temos todos em comum o maior vínculo que poderíamos ter... somos todos *pretos!*"

"Não vou passar o dia inteiro contando algumas das grandezas do Venerável Elijah Muhammad. Só vou lhes dizer agora a maior de suas grandezas! Ele é o *primeiro* e o *único* líder preto a identificar, para vocês e para mim, *quem* é o nosso inimigo!"

"O Venerável Elijah Muhammad é o primeiro líder preto com a *coragem* de nos dizer, em público, algo que, quando começarem a pensar a respeito em suas casas, vão chegar à conclusão de que nós, pretos, sempre vivemos com isso, sempre vimos, sempre sofremos, por todas as nossas vidas!"

"Nosso *inimigo* é o *homem branco!*"

"E por que o fato do Sr. Muhammad nos ensinar isso é algo tão espetacular? Porque, a partir do momento em que vocês souberem *quem* é o inimigo, ele não mais poderá nos manter divididos e lutando, irmão contra irmão! Porque, a partir do momento em que vocês reconhecerem o inimigo, ele não poderá mais usar seus truques, promessas, mentiras, hipocrisia e atos diabólicos para mantê-los surdos, mudos e cegos!"

"Quando vocês reconhecerem *quem* é o inimigo, ele não mais poderá submetê-los a uma lavagem cerebral, não mais poderá pôr uma venda diante de seus olhos para que não vejam que estão vivendo no *inferno* nesta terra, enquanto *ele vive no paraíso* aqui nesta mesma terra! É esse inimigo quem lhes diz que devem adorar o mesmo Deus branco cristão, um Deus que, segundo eles dizem, representa as *mesmas* coisas para *todos* os homens!"

"Esse demônio é o nosso inimigo. E vou provar! Peguem qualquer jornal diário. Leiam as falsas acusações contra o nosso amado líder religioso. Ressalta apenas o fato de que a raça caucasiana não quer que qualquer homem preto que não seja seu títere ou *papagaio* fale por nossa raça. Esse demônio caucasiano senhor de escravos não

quer ou não confia que o deixaremos... mas se permanecemos aqui, ao seu lado, ele continua a nos manter no nível mais baixo de sua sociedade!

“O homem branco sempre adorou quando podia nos manter, homens pretos, escondidos em algum lugar, fora das vistas, além da esquina! O homem branco sempre *adorou* o tipo de líderes aos quais podia perguntar: “Como vão as coisas com seu povo lá naquele buraco?” Mas porque o Sr. Elijah Muhammad assume uma posição intransigente diante do homem branco, o homem branco o odeia! Quando ouvirem o homem branco odiá-lo, também vão, porque não compreendem a profecia bíblica rotular erroneamente o Sr. Muhammad, como um racista, um pregador de ódio ou de ser um antibranco e defender a supremacia preta...”

A audiência começava subitamente a se virar...

O Sr. Muhammad estava avançando rapidamente pelos fundos do salão pelo corredor central, da mesma forma como outrora entrava em nossas mesquitas pequenas e humildes, o homem a quem considerávamos como o suave, delicado e pardo Cordeiro do Islã. Guardas escolhidos do Fruto do Islã, altos, robustos, cabelos cortados bem rentes, formavam um círculo ao seu redor. Ele trazia a Bíblia Sagrada e o Corão Sagrado. O fez preto pequeno em sua cabeça tinha bordada a ouro a bandeira do Islã, o sol, a lua, as estrelas. Os muçulmanos gritavam:

— Pequeno Cordeiro! As-Salaikum-Salaam! Louvado seja Alá!

Havia lágrimas em muitos olhos além dos meus. Ele me salvara quando eu era um condenado, quando estava na cadeia; o Sr. Muhammad me ensinara em sua casa, como se fosse um filho. Acho que os auges de emoção da minha vida, pelo menos até recentemente, eram aqueles momentos em que os guardas do Fruto do Islã subitamente ficavam em posição de sentido e o Sr. Muhammad subia sozinho os vários degraus para o palco, enquanto os seus ministros, inclusive eu, se adiantavam para abraçá-lo, apertar-lhe ambas as mãos...

Eu voltava ao microfone, para não deixar esperando aquelas que eram as maiores audiências pretas do mundo, que ali estavam para ouvi-lo.

— Meus irmãos e irmãs pretos, *ninguém* jamais saberá *quem* nós somos... até *nós* sabermos quem somos! Nunca seremos capazes de *ir* a qualquer lugar, se não soubermos *onde* estamos! O Venerável Elijah Muhammad está nos proporcionando uma verdadeira identidade, uma autêntica posição... a primeira vez que tais coisas já foram oferecidas ao homem preto americano!

“Vocês podem viver perto desse homem e jamais *sonhar*, por suas ações, todo o poder e autoridade que ele possui... (Juro que, ao falar isso, eu podia *sentir* o *poder* do Sr. Muhammad.)

“Ele não *exibe* o seu *poder*! Mas nenhum outro líder preto da América tem seguidores dispostos a sacrificarem suas vidas, se ele assim o disser! E não estou falando desse tipo de morrer não-violento,

suplicando-ao-homem-branco... a toda essa história de senta-levanta-deita-não-como e tudo o mais...

“Meus irmãos e irmãs pretos, saíram de seus lares e vieram até aqui para ouvir... e agora vão mesmo ouvir... o *mais sábio* homem preto da América! O *mais arrojado* homem preto da América! O *mais destemido* homem preto da América! O *mais poderoso* homem preto nesta selva da América do Norte!”

O Sr. Muhammad aproximava-se rapidamente do microfone, olhando para a audiência silenciosa, o rosto sereno por um momento. E depois explodia:

— As-Salaikum-Salaam...

— WA-ALAIKUM-SALAAM!

Os muçulmanos rugiam a resposta e depois se ajeitavam para escutar. Por experiência, sabiam que durante as duas horas seguintes o Sr. Muhammad brandiria a sua espada de dois gumes da verdade. Todo muçulmano se preocupava com a possibilidade de ele exagerar na duração do discurso, levando-se em consideração o seu problema de bronquite asmática.

— Não tenho um diploma como muitos dos que estão sentados à minha frente. Mas a história não dá a menor atenção a seus diplomas.

“O homem branco tem incutido em vocês um medo dele, desde que eram pequenos bebês pretos. Assim, paira sobre vocês o maior inimigo que um homem pode ter... e que é o medo. Sei que alguns de vocês temem escutar a verdade, pois foram condicionados pelo medo e por mentiras. Mas vou pregar-lhes a verdade, até que estejam livres do medo...”

“O senhor de escravos os trouxe e tudo do passado de vocês foi destruído. Hoje, não conhecem a sua verdadeira língua. De que tribo vieram? Não reconheceriam o nome de sua tribo se o ouvissem! Nada sabem de sua verdadeira cultura. Nem mesmo conhecem o verdadeiro nome de suas famílias. Estão usando um nome de *homem branco*! O nome do senhor de escravos branco que odeia vocês!

“Vocês pensam que sabem tudo a respeito da Bíblia e sabem tudo a respeito do cristianismo. E são tolos o bastante para acreditarem que nada está certo a não ser o cristianismo!

“Constituem o único grupo de pessoas do planeta Terra ignorante de si mesmo, ignorante de sua própria espécie, de sua verdadeira história, ignorante de seu inimigo! Não sabem absolutamente nada, a não ser o que o senhor de escravos brancos decidiu lhes dizer. E ele só lhes disse o que vai beneficiar a si mesmo e à sua própria espécie. Ele tem-lhes ensinado, para o benefício dele, que vocês não passam de uma espécie neutra, inepta, indolente, desamparada, chamada de “negro”.

“Mas vocês não são ‘negros’. Não existe nenhuma raça de ‘negros’. Vocês são membros da nação asiática, da tribo de *Shabazz*! ‘Negro’ é um falso rótulo que foi imposto pelo senhor de escravos branco! Ele vem impingindo coisas a vocês e a mim, à nossa raça, desde que o primeiro navio negreiro trouxe a sua carga de escravos para cá...”

Quando o Sr. Muhammad fazia uma pausa, os muçulmanos à sua frente punham-se a gritar “Pequeno Cordeiro!”... “Louvado seja Alá!”... “Ensine, Mensageiro!” E ele continuava:

— A *ignorância* que nós, da raça preta aqui na América, temos e o *ódio* por *nós mesmos* que possuímos são exemplos do que o senhor de escravos branco nos impingiu. Vamos demonstrar um mínimo de bom senso, como fazem todos os outros povos deste planeta Terra, de nos unirmos? Não é o que temos feito até agora! Estamos nos humilhando, sentando no chão, suplicando para nos *unirmos* ao senhor de escravos! Não posso imaginar nada mais ridículo. Mil vezes por dia, o homem branco está lhes dizendo: “Não podem viver aqui, não podem entrar aqui, não podem comer aqui, beber aqui, andar aqui, trabalhar aqui, não podem passar aqui, não podem se divertir aqui, não podem estudar aqui.” Será que ainda não viram o bastante para perceber que o homem branco não tem a menor intenção de se unir com vocês?

“Vocês trabalharam nos campos dele! Cozinharam a comida dele! Lavaram as roupas dele! Tomaram conta da mulher e dos filhos dele, quando ele estava longe. Em muitos casos, até o amamentaram em seus seios! Têm sido muito melhores cristãos do que esse senhor de escravos que lhes ensinou o cristianismo!

“Suaram sangue para ajudar o homem branco a construir um país tão rico que ele pode hoje se dar ao luxo de dar milhões... até mesmo a seus *inimigos*! E quando esses inimigos recebem o suficiente dele para poder atacá-lo, vocês é que se tornam os seus bravos soldados, *morrendo* por ele! E têm sido sempre os seus servos mais fiéis, durante os supostos períodos ‘pacíficos’...”

“E apesar de tudo isso, esse homem branco americano cristão não consegue encontrar em si mesmo a *decência* humana, suficiente senso de *justiça*, para nos reconhecer e aceitar, a nós, os pretos, que tanto temos feito por ele, como seres humanos iguais!”

— É isso mesmo!

— Ensine para eles, Mensageiro!

— Tem toda razão!

— Fale tudo, Mensageiro!

A essa altura, outros além dos muçulmanos estavam gritando. Nós, muçulmanos, éramos menos extrovertidos que os negros cristãos. A reunião parecia agora com um daqueles antigos encontros tumultuados que os negros cristãos realizavam nos campos.

— Por tudo isso, nós, o povo preto, vamos nos separar desse homem branco senhor de escravos, que tanto nos despreza! Vocês ficam lá fora-suplicando que o homem branco lhes conceda alguma suposta ‘*integração*’! Mas o que esse senhor de escravos branco estuprador está dizendo? Ele está dizendo que não vai se integrar porque o sangue preto vai tornar a sua raça inferior! Ele diz isso... e olha para nós! Esse homem branco senhor de escravos já nos “*integrou*”, até que dificilmente se pode encontrar entre nós mais que uns poucos que tenham a verdadeira cor preta de nossos antepassados!

— Deus Todo-Poderoso, o homem está certo!

— Ensine a eles, Mensageiro!

— Fale tudo! Fale tudo!

E o Sr. Muhammad continuava:

— Ele deixou tão pouco de preto em nós que agora nos despreza terrivelmente... ou seja, despreza a si mesmo, pelo que nos fez... e diz que, legalmente, se temos uma única gota de sangue preto, isso significa que somos totalmente pretos perante as suas leis! Pois se isso é tudo com que ficamos, queremos recuperar essa única gota de sangue preto!”

A esta altura, podia-se ver que as *débeis* energias do Sr. Muhammad estavam quase no fim. Mesmo assim, ele continuava em sua preleção:

— Vamos nos separar desse homem branco e pela mesma razão que ele defende... a tempo de nos salvarmos de mais “*integração*”!

“Por que não deveria esse homem branco, que gosta de pensar e de se intitular tão bom, tão generoso, esse homem branco que financia até mesmo seus inimigos... por que não deveria ele financiar um estado separado, um território separado, para nós, o povo preto, que sempre fomos escravos e servos tão fiéis? Um território separado em que possamos ter uma vida melhor do que nos cortiços que o homem branco tem para nós, do que nas suas filas de sopa grátis! E mesmo por tão pouca coisa o homem vive se queixando de que está gastando demais com a gente! Podemos fazer alguma coisa por nós mesmos! Nunca fizemos o que podemos... porque o homem branco senhor de escravos nos submeteu a uma lavagem cerebral tão grande que devemos sempre ir atrás dele, suplicar por tudo o que queremos e precisamos...”

Depois de uns 90 minutos, todos os ministros por trás do Sr. Muhammad tinham que fazer a maior força para se conterem, para não correrem para o seu lado, para não dizer-lhe que já chegava. Ele estaria apertando as mãos com toda força na banqueta do orador, para se apoiar.

— Nós, o povo preto, não sabemos o que podemos fazer. Vocês nunca sabem que qualquer coisa pode ser feita... até que estejam livres para agir por si mesmos! Se vocês têm um gato em sua casa, um gato que mimam, precisam libertar esse gato, deixá-lo no mato, entregue à sua própria sorte, para descobrirem que o gato possui todas as condições para, sozinho, encontrar abrigo e se alimentar!

“Nós, o povo preto aqui na América, nunca fomos livres para descobrir o que realmente podemos fazer! Temos experiência e conhecimentos somados para podermos fazer tudo por nós mesmos! Por toda a nossa vida temos plantado... e podemos cultivar os nossos próprios alimentos! Podemos construir fábricas para fazer tudo o que precisamos! Podemos criar outros empreendimentos, desenvolver o comércio... e nos tornarmos independentes como o são outros povos civilizados!

“Podemos nos livrar de toda a lavagem cerebral e do *ódio* que sentimos por nós mesmos e vivermos como irmãos!

“...em alguma terra *nossa!*... alguma coisa para *nós mesmos!*... deixando o homem branco senhor de escravos entregue à sua própria sorte...”

O Sr. Muhammad sempre parava de falar abruptamente, quando não tinha mais qualquer condição de continuar.

A ovação, com todos de pé, era uma sólida muralha de som, que se prolongava interminavelmente.

Levantando-me, eu ficava sacudindo os braços, até finalmente conseguir aquietar a audiência, enquanto os homens do Fruto do Islã começavam a passar pelas fileiras as cestas grandes, de papel encerado, que usávamos na coleta. E eu falava:

— Já sabem, pelo que acabaram de ouvir, que nenhum dinheiro branco financia o Venerável Elijah Muhammad e seu programa... para “aconselhá-lo”, para “contê-lo”! O programa e a organização do Sr. Muhammad e seus seguidores não são “integrados”. O programa e a organização do Sr. Muhammad são totalmente pretos!

“Somos a *única* organização preta totalmente sustentada *somente* por pretos! As chamadas organizações pelo ‘progresso negro’... ora, constituem um insulto à inteligência de vocês tais organizações alegarem que estão lutando em sua defesa, para proporcionar-lhes os direitos iguais que estão pedindo. Alegam que estão lutando contra o homem branco, que se recusa a conceder-lhes os direitos. Mas quem sustenta essas organizações é o homem branco! Se vocês pertencessem, se pagassem dois, três ou cinco dólares por ano... mas quem dá a essas organizações, os dois, três e cinco *mil* dólares em donativos? O *homem branco!* Ele é que sustenta essas organizações! E por isso é o homem branco quem controla essas organizações! Ele os *aconselha*... e assim as *contém!* Usem o bom senso... não vão aconselhar a refrear as pessoas que sustentam, como seus filhos?”

“O homem branco adoraria sustentar o Sr. Elijah Muhammad. Porque se o Sr. Muhammad depender desse apoio, o homem branco poderá *aconselhar* o Sr. Muhammad. Meus irmãos e irmãs pretos, é apenas porque *somente* o dinheiro de *vocês*, dinheiro *preto*, sustenta o Sr. Muhammad que ele pode realizar essas concentrações exclusivas de pretos, de cidade em cidade, para contar a todos nós, homens pretos, a *Verdade!* É por isso que estamos lhes pedindo um apoio exclusivamente preto!”

Quase todas as notas, e nem todas eram de um dólar, enchiam as cestas de papel encerado. As cestas eram rapidamente esvaziadas, tornavam a ser enchidas, enquanto os homens do Fruto do Islã percorriam toda a audiência.

O clima da audiência era quase como se as pessoas tivessem perdido as energias. As coletas sempre cobriam as despesas com as concentrações e qualquer coisa a mais ajudava a continuar a desenvolver a Nação do Islã.

Depois de diversas grandes concentrações, o Sr. Muhammad determinou que passássemos a admitir a imprensa branca. Os homens

do Fruto do Islã revistavam meticulosamente os repórteres brancos, assim como todos os outros eram também revistados. Verificavam seus blocos de anotações, máquinas fotográficas, bolsas, tudo o que pudessem estar levando. Mais tarde, o Sr. Muhammad disse que quaisquer brancos que quisessem ouvir a verdade poderiam comparecer às nossas concentrações públicas, até que se começou a reservar uma pequena seção especial para os brancos.

A maioria dos brancos que comparecia era de estudantes e estudiosos do problema racial. Eu ficava observando os seus rostos vermelhos, quando o Sr. Muhammad dizia:

— O homem branco *sabe* que seus atos têm sido os atos de um demônio!

Eu observava também as reações dos homens pretos profissionais, os supostos intelectuais que nos atacavam. Eles possuíam o *know-how* acadêmico, possuíam os conhecimentos técnicos e científicos que poderiam ajudar consideravelmente a massa de seus irmãos pretos pobres a se livrarem das condições de oprimidos. Mas todos aqueles homens pretos intelectuais só pensavam em se humilhar, em suplicar, tentado se “integrar” com o homem branco supostamente “liberal”, que via lhes dizendo:

— Com o tempo... um dia tudo vai acabar dando certo... basta esperarem e terem paciência!

Esses negros intelectuais e profissionais não podiam usar o que sabiam em benefício de sua própria raça preta simplesmente porque eram desunidos, até mesmo entre si. Unidos entre si, unidos à sua própria espécie, podiam beneficiar as pessoas pretas do mundo inteiro!

Eu ficava observando os rostos desses negros intelectuais e profissionais se tornando cada vez mais graves e compenetrados, enquanto a verdade os atingia.

Éramos vigiados. Nosso telefonemas eram interceptados. Ainda hoje, se eu dissesse pelo telefone da minha casa “vou explodir o Empire State Building”, garanto que cinco minutos depois o prédio estaria cercado. Às vezes, quando eu falava em público, ficava imaginando quais os rostos na audiência que eram homens do FBI ou outros tipos de agentes. Tanto a polícia como o FBI nos visitavam e interrogavam constantemente. O Sr. Muhammad dizia:

— Não os temo. Tenho tudo o que preciso: a verdade.

Mais uma noite, caí no sono pensando, espantado, como os ensinamentos da espada de dois gumes tanto feriam, confundiam, preocupavam e transtornavam o governo de homens altamente preparados em todas as ciências modernas. Achava que isso nunca poderia ter acontecido se O Mais Douro, O Próprio Alá, não tivesse dado alguma coisa ao Mensageiro, um homem que não fora além do quarto ano primário.

Agentes pretos foram enviados para se infiltrarem entre nós. Mas o espião “secreto” do homem branco muitas vezes demonstrava ser,

antes de mais nada, um homem preto. Não posso dizer, é claro, que esse era o caso de todos, pois é muito difícil saber com certeza. Mas não foram poucos os que, depois de se infiltrarem, ouvirem, verem e *sentirem* a verdade para o homem preto, acabavam revelando-nos seus papéis. Alguns se afastaram dos organismos policiais do homem branco e passaram a trabalhar para a Nação do Islã. Uns poucos mantiveram seus trabalhos para um serviço de contra-espionagem, informando-nos das declarações e planos do homem branco em relação à nossa Nação. Foi assim que soubemos que, depois do interesse pelo que acontecia dentro de nossos Templos, a segunda grande preocupação dos organismos policiais do homem branco era a coisa que creio ser ainda hoje um dos grandes problemas dos penalistas americanos: a proporção sempre crescente dos condenados negros que adotavam o Islã.

Geralmente, enquanto ainda estavam na prisão, os presos-convertidos condicionavam-se a aceitar as leis morais do Islã. Como acontecera comigo, ao deixarem a prisão e entrarem num Templo estavam plenamente qualificados para se tornar muçulmanos registrados. Na verdade, os presos convertidos geralmente estavam mais bem preparados que numerosos muçulmanos em perspectiva que nunca haviam estado numa prisão.

Não era tão fácil entrar para a Nação do Islã quanto era para uma igreja cristã. A pessoa não podia simplesmente se declarar seguidora do Sr. Muhammad e depois continuar a levar a mesma vida pecaminosa e imoral de antes. O muçulmano precisava primeiro mudar o seu eu físico e moral, para atender às nossas regras rigorosas. Para permanecer um muçulmano, tinha que observar essas regras.

Poucas reuniões nos templos se realizavam, por exemplo, sem que o ministro contemplasse algumas cabeças recentemente raspadas de irmãos muçulmanos novos na audiência. Eles haviam acabado de banir de suas vidas para sempre aqueles falsos cabelos, de aparência metálica, esticados na base da líxivia, "o processo", como era chamado naquele tempo. Lamento profundamente quando encontro, não importa aonde vá, esse símbolo de ignorância e ódio por si mesmos nas cabeças de tantos negros. Sei que isso vai ferir os sentimentos de alguns dos meus amigos não-muçulmanos que usam os cabelos esticados, mas a verdade é que, se se estudar atentamente algum negro de cabelos esticados ou "processados", vai-se descobrir invariavelmente que é um negro ignorante. Qualquer que seja a "fachada" que ele exibir, os cabelos esticados para "parecer branco" proclamam a todos que olham para a sua cabeça: "sinto vergonha de ser um negro". Ele descobrirá, assim como eu fiz, que irá melhorar muito mentalmente no momento em que encontrará suficiente orgulho de ser preto para cortar os cabelos esticados e passar a usar os cabelos naturais que Deus concedeu aos homens pretos.

Nenhum muçulmano fuma, era outra das nossas regras. Alguns muçulmanos em perspectiva achavam mais difícil largar o tabaco do

que outros abandonar o vício do tóxico. Mas os homens e mulheres pretos abandonavam o fumo mais depressa quando os fazíamos compreender que o governo do homem branco se importava menos com a saúde pública e mais em receber os bilhões em impostos das fábricas de cigarros. Perguntávamos sempre a um novo convertido que ainda fumava:

— Quanto um soldado paga por um pacote de cigarros?

Sempre ajudava ele compreender que cada pacote de preço regular que ele comprava proporcionava ao governo do homem branco dois dólares em impostos do dinheiro arduamente ganho pelo homem preto.

Talvez já tenham lido a respeito em algum lugar, pois muito se escreveu sobre o assunto; o fenomenal registro de curas de antigos viciados em tóxicos pela Nação do Islã. O *New York Times* chegou a publicar uma reportagem contando como algumas agências de serviços sociais têm solicitado a colaboração de representantes do programa muçulmano, para a apresentação de sugestões clínicas.

O programa muçulmano começava por reconhecer que a cor e o vício possuem uma relação evidente. Não é por acaso que, em todo o Hemisfério Ocidental, a maior concentração localizada de viciados está justamente no Harlem.

O primeiro ingrediente importante do nosso programa de cura era o trabalho difícil e paciente de muçulmanos que anteriormente eram também viciados.

Na selva dos tóxicos do gueto, os muçulmanos ex-viciados "pescavam" viciados que haviam conhecido no passado. Depois, com uma paciência angustiante, num processo que podia se prolongar de poucos meses a um ano, os muçulmanos ex-viciados levavam os viciados através do programa terapêutico muçulmano de seis pontos.

Primeiro, o viciado era levado a admitir para si mesmo que era um viciado. Em segundo lugar, era-lhe explicado *por que* consumia tóxicos. Terceiro, era-lhe mostrado que havia um meio de acabar com o vício. Quarto, a auto-imagem e o ego abalados do viciado eram reconstituídos, até ele compreender que dispunha das forças necessárias para se livrar do vício. Quinto, o viciado se submetia voluntariamente a um tratamento de choque, com a brusca suspensão dos tóxicos, auxiliado por medicamentos. E sexto, finalmente curado, o ex-viciado completa o círculo, passando a "pescar" outros viciados que conhece e supervisionando a recuperação deles.

O sexto estágio sempre eliminava instantaneamente o que tão frequentemente frustra os esforços das agências de serviços sociais comuns: a hostilidade e desconfiança características do viciado. O viciado "pescado" conhecia pessoalmente o muçulmano que o abordava, sabia que até recentemente ele tivera o mesmo vício caro, de 15 a 30 dólares por dia. O muçulmano talvez tivesse sido um companheiro de vício, podiam ter caminhado juntos pela selva dos tóxicos. Podiam até ter sido ladrões que trabalhavam juntos. O viciado podia ter visto o muçulmano cair no sono encostado num muro ou pulando para não pisar num

palito de fósforo, como se fosse um cachorro. E o muçulmano falava a mesma linguagem da selva dos tóxicos.

Como o alcoólatra, o viciado em tóxicos não pode começar a curar a si mesmo enquanto não reconhecer e aceitar sua verdadeira condição. O muçulmano grudava como uma sanguessuga, martelando em seu antigo companheiro de vício:

— Você é viciado, cara!

Pode levar meses até que o viciado finalmente admita isso. O programa de cura, a rigor, não começa enquanto isso não acontecer.

O estágio seguinte do processo de cura é o reconhecimento pelo viciado do motivo pelo qual consome tóxicos. Ainda trabalhando em seu homem, em plena selva dos tóxicos, em lugares que as pessoas comuns não imaginam que existem, o muçulmano freqüentemente tinha audiências de até uma dúzia de viciados. Eles escutavam apenas porque sabiam que aquele muçulmano impecável fora antes um viciado igual.

Todo viciado toma tóxico para escapar de alguma coisa, explica a o muçulmano. Acrescentava que a maioria dos viciados pretos estavam no fundo se narcotizando contra o fato de ser um homem preto na América do homem branco. Mas na verdade, dizia o muçulmano, o homem preto que toma tóxicos está simplesmente ajudando o homem branco a “provar” que o homem preto não vale coisa alguma.

O muçulmano falava objetivamente:

— Cara, você sabe que eu sei como se sente. Eu não vivia exatamente como você vive agora? Me coçando como um macaco, fedendo de ninguém agüentar, vivendo numa pior, sempre com fome, roubando e fugindo, me escondendo o tempo todo dos brancos. Cara, o que um homem preto está fazendo ao comprar tóxicos dos brancos a não ser enriquecer ainda mais os brancos... e matar a si próprio?

O muçulmano podia sentir quando o viciado estava pronto a receber a revelação de que o meio de largar os tóxicos era ingressar na Nação do Islã. O viciado era levado ao restaurante muçulmano local, podendo ser ocasionalmente exposto a algumas outras situações sociais, entre muçulmanos orgulhosos e limpos, que demonstravam afeição e respeito mútuo, ao invés da hostilidade comum nas ruas do gueto. Pela primeira vez em muitos anos, o viciado ouvia alguém chamá-lo, com toda sinceridade, de “Irmão”, “Senhor” e assim por diante. Ninguém se importava com o meu passado. O vício podia ser mencionado; mas se isso acontecia, era apenas como um desafio extremamente difícil que ele teria de enfrentar. Todas as pessoas com que se encontrava estavam confiantes de que ele poderia vencer o vício.

Tudo isso constituía uma combinação muito forte para um homem que estava vivendo na lama da sociedade. A verdade é que, a partir do momento em que está motivado, ninguém pode mudar mais completamente do que o homem que estava no fundo da escala social. Posso falar com conhecimento do problema, pois sou o melhor exemplo disso.

Finalmente, o passo vital: o viciado decidia por sua livre e espon-

tânea vontade que queria submeter-se ao tratamento de choque, que é a retirada abrupta dos tóxicos. Isso significa que teria de suportar todas as agonias físicas inerentes.

Quando chegava o momento, muçulmanos ex-viciados se revezavam 24 horas por dia, durante o período que fosse necessário, cuidando do viciado que tencionava se purificar, a caminho para se tornar um muçulmano.

A partir do momento em que o viciado começava a sofrer a agonia da suspensão dos tóxicos, gritando, praguejando, implorando “Só mais uma dose, cara!”, os muçulmanos estavam ao seu lado, falando-lhe no jargão dos viciados:

— Não caia nessa, cara! Fique por fora do vício! Não entra na dos brancos!

O viciado, contorcendo-se em dor, o nariz e os olhos purgando, coberto de suor da cabeça aos pés, tentava bater com a cabeça nas paredes, sacudia os braços, procurava lutar contra os muçulmanos que o assistiam, punha-se a vomitar, tinha diarreia.

— Não fique com nada em você, cara! Deixe tudo que é do branco sair! Vai poder levantar a cabeça, cara! Já posso ver você formando no Fruto do Islã!

Depois que o terrível sofrimento acabava, depois que o domínio dos tóxicos era rompido, os muçulmanos confortavam o ex-viciado; agora extremamente débil, alimentando-o com sopas e caldos quentes, para ajudá-lo a recuperar as forças. Ele nunca mais irá esquecer aqueles irmãos que ficaram ao seu lado durante os momentos terríveis. Nunca esquecerá que foi o programa da Nação do Islã que o salvou do inferno especial dos tóxicos. Esse irmão (ou irmã, que era cuidada pelas irmãs muçulmanas) raramente voltava ao vício dos narcóticos. Em vez disso, depois que se tornava orgulhoso, limpo, renovado, o ex-viciado mal podia esperar o momento de voltar à selva dos tóxicos em que vivia e “pescar” algum companheiro para salvá-lo.

Se algum homem branco ou homem preto “aprovado” criasse um programa de cura do vício em narcóticos tão bem-sucedido quanto o realizado sob a égide dos muçulmanos certamente receberia subsídios do governo, elogios, manchetes. Mas nós éramos atacados. Por que os muçulmanos não deveriam receber subsídios para salvar milhões de dólares por ano de despesas do governo e das cidades? Não sei quanto custam os crimes dos viciados em termos nacionais, mas dizem que se eleva a bilhões de dólares por ano só na cidade de Nova York. Somente no Harlem, calcula-se que os ladrões roubam cerca de 12 milhões de dólares por ano.

Um viciado não trabalha para suprir o seu vício, que pode custar-lhe de 10 a 50 dólares por dia. Como poderia ganhar tanto dinheiro? Não tem a menor possibilidade. O viciado rouba, aplica todos os golpes que pode imaginar, se lança sobre outros seres humanos como um gaião ou um abutre... como eu fazia. Muito provavelmente, é um camarada que largou os estudos cedo, como foi o meu caso, um rejeita-

do pelo Exército, psicologicamente incapaz de exercer qualquer trabalho, mesmo que lhe ofereçam, como acontecia comigo.

As mulheres viciadas roubam lojas ou se prostituem. As irmãs muçulmanas falam asperamente com as prostitutas pretas que estão lutando para deixar os tóxicos, para que possam se tornar qualificadas a serem muçulmanas registradas:

— Está ajudando o homem branco a encarar seu corpo como uma lata de lixo...

Diversas “denúncias” da Nação do Islã têm insinuado que os seguidores do Sr. Muhammad são principalmente ex-condenados e viciados. Nos primeiros anos, os convertidos das camadas mais baixas da sociedade realmente representavam uma parcela considerável dos membros da Nação. O Sr. Muhammad sempre nos instruíra:

— Procurem o homem preto que está na lama.

Ele nos dizia que freqüentemente esses convertidos se tornavam os melhores muçulmanos.

Mas, gradativamente, passamos a recrutar outros pretos, os “bons cristãos”, os quais “pescávamos” de suas igrejas. Depois, começou a aumentar a porcentagem de negros instruídos e bem preparados. Cada reunião atraía para o templo local mais alguns dos chamados negros de “classe média” da cidade, os mesmos que anteriormente nos desdenhavam como “muçulmanos pretos”, “demagogos”, “pregadores do ódio”, “racistas pretos” e todos os outros epítetos. As verdadeiras muçulmanas — ouvidas, meditadas — nos proporcionavam uma cota cada vez maior de jovens pretos. Para os que tinham preparo e talento, a Nação do Islã sempre tinha muitas posições em que suas faculdades eram necessárias.

Havia alguns muçulmanos registrados que jamais revelavam que eram membros da Nação, a não ser a outros muçulmanos, por causa das posições que ocupavam no mundo do homem branco. Sei que havia uns poucos que, por causa de suas posições, só eram conhecidos por seus ministros e pelo Sr. Elijah Muhammad.

Em 1961, a Nação florescia. Nosso jornal, *Muhammad Speaks*, publicou na última página o projeto para um Centro Islâmico, no valor de 20 milhões de dólares, que seria construído em Chicago. Cada muçulmano estava fazendo uma contribuição financeira pessoal para o Centro. Teria uma linda mesquita, escola, biblioteca, hospital, um museu documentando a história gloriosa do homem preto.

O Sr. Muhammad visitou os países muçulmanos e, na volta, determinou que começássemos a chamar nosso templos de “mesquitas”.

Havia agora também um aumento acentuado das pequenas empresas pertencentes a muçulmanos. Essas empresas procuravam demonstrar aos pretos o que os pretos podiam fazer por si próprios, se se unissem, comerciássem entre si, exclusivamente sempre que isso fosse possível, contratassem apenas pretos. Dessa forma, o dinheiro preto seria mantido dentro da comunidade preta, como faziam outras minorias.

Gravações dos discursos do Sr. Muhammad eram agora regularmente transmitidas por toda a América, através de pequenas emissoras de rádio. Em Detroit e Chicago, crianças muçulmanas em idade escolar cursavam as nossas duas Universidades do Islã, até o final da escola secundária em Chicago e até os dois primeiros anos da escola secundária em Detroit. Começando no jardim-de-infância, essas crianças aprendiam a história gloriosa do homem preto; a partir do terceiro ano, estudavam a língua original do homem preto, o árabe.

Os oito filhos do Sr. Muhammad estavam agora todos envolvidos em diversos postos importantes da Nação do Islã. Eu sentia um profundo orgulho pessoal por ter participado nisso... ou pelo menos em alguns casos, anos antes. Quando o Sr. Muhammad me escolhera para seu ministro, comecei a achar que era inadmissível que os filhos dele trabalhassem para o homem branco, como alguns faziam, em fábricas, construção civil, como motoristas de táxi, coisas assim. Achava que deveria trabalhar pela família do Sr. Muhammad tão sinceramente quanto trabalhava por ele. Insisti junto ao Sr. Muhammad para que me permitisse fazer um esforço especial em nossas poucas mesquitas, a fim de levantar recursos para que os seus filhos que trabalhavam para o homem branco passassem a trabalhar exclusivamente para a Nação do Islã. O Sr. Muhammad concordou, a campanha foi bem-sucedida e os filhos dele gradativamente começaram a trabalhar para a Nação. Emanuel, o mais velho, dirige hoje as nossas instalações de lavagem a seco. A Irmã Ethel (Muhammad) Shariëff é a Suprema Instrutora das Irmãs Muçulmanas (o marido dela, Raymond Shariëff, é Supremo Capitão do Fruto do Islã). A Irmã Lottie Muhammad supervisiona as duas Universidades do Islã. Nathaniel Muhammad é assessor de Emanuel nas instalações de lavagem a seco. Herbert Muhammad é agora o editor de *Muhammad Speaks*, o jornal da Nação, que fundei. Elijah Muhammad Jr. é o Assistente do Capitão Supremo do Fruto do Islã. Wallace Muhammad era o Ministro da Mesquita de Filadélfia, até ser finalmente suspenso da Nação, juntamente comigo... por motivos que apresentarei mais adiante. O filho mais jovem, Akbar Muhammad, o estudante da família, cursa a Universidade do Cairo, em El-Azhar. Akbar também rompeu com o pai.

Creio que foi uma maratona árdua demais de discursos do Sr. Muhammad em nossas concentrações de massa que, abruptamente, agravou o seu estado crônico de bronquite asmática.

Apenas conversando, o Sr. Muhammad começava de repente a tossir; a tosse ia aumentando sempre, até sacudir todo o seu corpo franzino.

Havia ocasiões em que o Sr. Muhammad quase se dobrava de tanto tossir. Não demorou muito para que fosse forçado a ficar de cama. Por mais que tentasse não fazê-lo, por mais que lamentasse, teve de cancelar diversos comparecimentos programados a concentrações em grandes cidades. Milhares de pessoas ficaram desapontadas, por terem que me ouvir ou outros substitutos inadequados, no lugar do Sr. Muhammad.

Os membros da Nação ficaram profundamente preocupados. Os médicos recomendaram um clima seco. A Nação comprou para o Sr. Muhammad uma casa em Phoenix, Arizona. Numa das primeiras vezes em que fui visitar o Sr. Muhammad lá, desembarquei do avião sob o zumbido de câmeras. Fiquei imaginando quem seriam, até descobrir que eram da Divisão de Serviço Secreto do Estado do Arizona.

Os serviços de comunicação da Nação do Islã levaram a todos os muçulmanos a notícia feliz de que o clima do Arizona aliviara consideravelmente o sofrimento do Mensageiro. Desde então, o Sr. Muhammad tem passado a maior parte do ano em Phoenix.

Apesar de o Sr. Muhammad, convalescente, não mais poder trabalhar tantas horas por dia como fazia em Chicago, tinha agora de assumir encargos mais árduos e difíceis, tomando decisões e arcando com funções administrativas. Sob todos os aspectos, a Nação estava se expandindo, tanto interna como externamente. O Sr. Muhammad simplesmente não podia mais dispensar tanto tempo como antes para analisar e decidir quais os convites para falar em público ou em programas de rádio ou televisão que eu deveria aceitar. Também não podia mais assumir determinados problemas de organização, que eu lhe levava anteriormente, em busca de conselho ou decisão.

O Sr. Muhammad demonstrou então quão grande era a confiança que depositava em mim. Nessas áreas a que me referi, determinou que eu tomasse as decisões pessoalmente. Disse que a minha orientação deveria ser o que julgasse mais sensato, sempre no interesse geral da Nação do Islã.

— Irmão Malcolm, quero que se torne bastante conhecido — disse-me o Sr. Muhammad um dia. — Porque, se for bastante conhecido, eu também me tornarei mais conhecido.

Ele fez uma pausa, antes de acrescentar:

— Mas há uma coisa que precisa saber, Irmão Malcolm. Vai se tornar odiado quando se tornar famoso. Porque geralmente as pessoas sentem ciúmes das personalidades públicas.

Nada que o Sr. Muhammad me falou jamais foi tão profético.

Capítulo Quinze

ÍCARO

Quanto mais eu representava o Sr. Muhammad, em programas de rádio e televisão, em universidades e outros lugares, mais cartas recebia de pessoas que me tinham ouvido. Eu diria que 95 por cento das cartas eram de brancos.

Apenas umas poucas cartas se enquadravam na categoria do “Prezado Crioulo X” ou continham ameaças de morte. A maior parte da correspondência revelava os dois maiores temores do homem branco. O primeiro era a sua convicção particular de que Deus, irado, vai destruir esta civilização. O segundo maior temor constante do homem branco era a imagem do homem preto entrando no corpo da mulher branca.

Uma porcentagem surpreendente dos autores de cartas brancas concordava inteiramente com a análise do problema feita pelo Sr. Muhammad, mas não com a solução. Uma estranha ambivalência era como algumas cartas, afora isso defendendo a posição do Sr. Muhammad, reagiam diante da expressão “demônios brancos”. Em discursos subsequentes, procurei explicar o que estávamos querendo dizer com isso:

“A menos que chamemos um homem branco especificamente de ‘demônio’, com uma referência expressa a seu nome, não estamos falando de qualquer homem branco *individual*. Estamos falando dos antecedentes *históricos* do homem branco *coletivo*. Estamos falando das crueldades e ganância do homem branco coletivo, que tem agido como um demônio em relação ao homem não-branco. Qualquer pessoa inteligente, honesta e objetiva não pode deixar de concordar que o tráfico de escravos promovido pelo homem branco e suas diabólicas ações subsequentes são diretamente *responsáveis* não apenas pela *presença* do homem preto na América, mas também pelas *condições* que o homem preto enfrenta aqui. Não é possível encontrar um único homem preto, quem quer que seja, que tenha sofrido pessoalmente, de alguma forma, pelos atos diabólicos do homem branco coletivo!”

Quase que diariamente aparecia um ataque aos “muçulmanos pretos” em alguns jornais. Cada vez mais, o alvo desses ataques era algo que eu dissera. “Malcolm X” era invariavelmente apresentado como um “demagogo”. Eu ficava furioso sempre que lia os ataques implacáveis ao Sr. Muhammad, mas não me importava com o que dissessem a meu respeito.

Os agentes sociais e sociológicos estavam sempre tentando me arasar. Especialmente os pretos, por alguma razão. É claro que eu sabia qual era essa razão: o homem branco é que assinava os cheques de pagamento deles. Se eu não estava “polarizando a comunidade”, de acordo com esse bando, havia “avaliado erroneamente o quadro social”. A respeito de alguma declaração específica, podiam dizer que eu “generalizara em demasia”. E quando eu apresentava algum argumento absolutamente verdadeiro, alegavam que “Malcolm X convenientemente manipulou...”

Certa ocasião, um dos meus irmãos muçulmanos da Mesquita Sete, que trabalhava com adolescentes num centro comunitário bastante conhecido do Harlem, mostrou-me um relatório confidencial. Um agente social preto veterano recebera um mês de folga para investigar os muçulmanos pretos na área do Harlem. Cada parágrafo desse relatório levava-me ao dicionário. Creio que foi por isso que nunca mais esqueci uma frase a meu respeito. Escutem só: “Os interstícios dinâmicos da subcultura do Harlem foram exageradamente simplificados e distorcidos por Malcolm X, a fim de atender a suas próprias necessidades.”

Qual de nós mais conhecia a “subcultura” do gueto do Harlem? Eu, que vivera durante anos como marginal nas ruas do Harlem, ou aquele agente social preto esnobe, símbolo de *status*?

Mas isso não é importante. O que é importante, na minha maneira de pensar a respeito, é que entre os 22 milhões de pretos da América só relativamente poucos haviam tido a sorte de poderem cursar uma universidade... e ali estava um daqueles que tivera sorte suficiente. Ali estava, na minha maneira de pensar, um daqueles negros “educados” que nunca haviam compreendido a verdadeira intenção, propósito ou aplicação da educação. Ali estava uma daquelas educações estagnadas, jamais usada a não ser para exibir uma porção de palavras sonoras e vazias.

Será que podem compreender que esse é um dos principais motivos pelos quais o homem branco da América tem conseguido tão facilmente reprimir e oprimir o homem preto da América? Porque até recentemente, entre os poucos negros instruídos, praticamente nenhum aplicava os seus conhecimentos como não posso deixar de reconhecer que o homem branco faz, com um pensamento inquisitivo e criativo, para promover a si mesmo e à sua espécie, neste mundo do homem branco competitivo, materialista, impiedoso. Por muitas gerações, os chamados negros “educados” se limitaram a “liderar” seus irmãos pretos ecoando o pensamento do homem branco, evidentemente em proveito da exploração mantida pelo homem branco.

O homem branco — temos que lhe fazer justiça — possui uma inteligência extraordinária, uma astúcia excepcional. Seu mundo está cheio de provas disso. Não se pode apontar uma coisa que o homem branco não seja capaz de fazer. Difícilmente se pode pensar num problema científico que ele não seja capaz de resolver. Ele está agora, por exemplo, resolvendo os problemas de enviar homens para explorarem o espaço exterior... e trazê-los de volta à terra em segurança.

Mas na arena de lidar com seres humanos, a inteligência funcional do homem branco titubeia. E essa inteligência falha inteiramente se por acaso os outros seres humanos não são brancos. É capaz de cometer contra os não-brancos os atos emocionais espontâneos mais inacreditáveis, tão profundamente arraigado é o seu complexo da “superioridade branca”.

Onde foi lançada a bomba atômica... “para salvar vidas americanas”? Será que o homem branco pode ser tão ingênuo a ponto de pensar que as implicações disso poderão ser esquecidas algum dia pelos dois terços não-brancos da população da Terra?

E antes que a bomba fosse lançada... o que dizer dos 100 mil leais cidadãos americanos naturalizados ou aqui nascidos e filhos de japoneses que foram metidos em campos de concentração, por trás de arame farpado? Mas quantos americanos naturalizados, nascidos na Alemanha, foram metidos por trás de arame farpado? Eles eram *brancos*!

Historicamente, a pele não-branca tem despertado e ativado o “demônio” na natureza do homem branco.

O que mais, além de um “demônio” emocional no controle, poderia ofuscar a inteligência do branco americano a ponto de não prever que os milhões de escravos pretos “libertados”, aos quais se permitia receber uma instrução limitada, iriam um dia se erguer como um monstro aterrador no meio da América branca?

O cérebro do homem branco, que hoje explora o espaço, deveria ter dito ao senhor de escravos que qualquer escravo, se recebe alguma instrução, deixa de temer o antigo arno. A história mostra que um escravo instruído sempre começa a pedir e depois a exigir igualdade com seu antigo amo.

Hoje, sob muitos aspectos, o homem preto encara o homem branco coletivo na América muito melhor do que o próprio homem branco considera a si mesmo. E os 22 milhões de pretos cada vez mais estão conscientes de que, fisicamente, politicamente, economicamente, até mesmo socialmente, o homem preto despertado pode criar um turbilhão nos elementos vitais da América... para não falar da imagem internacional da América.

Eu não tinha a menor intenção de me desviar do assunto. Estava contando como, em 1963, eu procurava enfrentar os repórteres dos jornais, rádios e televisões brancos, que estavam determinados a arrasar com os ensinamentos do Sr. Muhammad.

Criei uma imagem mental de repórteres como furões humanos, sempre farejando, insidiosos, procurando um meio de me enganarem, tentando me acuar, em todas as entrevistas.

Se algum “líder” dos direitos civis fazia alguma declaração que desagradava à estrutura de poder público branco, os repórteres prontamente tentavam me usar, num esforço para fazê-lo voltar a seu lugar. Vou citar um exemplo. Perguntavam-me coisas assim:

— Sr. Malcolm X, muitas vezes já se manifestou contra as manifestações de pretos sentando em vias públicas e outros atos de protesto similares. Qual é a sua opinião sobre o boicote que o Dr. King está promovendo em Montgomery?

Embora os “líderes” dos direitos civis continuassem insistentemente a atacar os muçulmanos, eu achava que mesmo assim eles eram pretos, mesmo assim eram da nossa própria raça. Seria tolice permitir que o branco me levasse a ficar contra o movimento dos direitos civis.

Quando perguntavam minha opinião sobre o boicote de Montgomery, eu recordava cuidadosamente os fatos que haviam levado ao protesto. A Sra. Rosa Parks viajava num ônibus a caminho de sua casa quando o motorista branco mandara que ela levantasse, para dar lugar a algum passageiro branco que acabara de entrar. E eu dizia:

— Imaginem só uma coisa dessas! Essa boa mulher preta trabalhadora, cristã, pagou o dinheiro da passagem, está sentada em seu lugar. Mas só porque ela é *preta*, mandam que se levante! Às vezes, tenho dificuldades em acreditar na arrogância do homem branco!

Ou então eu poderia dizer:

— Ninguém jamais saberá exatamente qual o ingrediente emocional que transformou esse incidente relativamente trivial num estopim para os negros de Montgomery. Houve séculos dos piores ultrajes cometidos contra os pretos do Sul, linchamentos, estupros, fuzilamentos, espancamentos! Mas todos sabem que grandes acontecimentos históricos têm sido desencadeados por incidentes aparentemente triviais. Certa vez, um advogado indiano insignificante foi expulso de um trem e, revoltado contra a injustiça, acabou dando um nó na cauda do Leão Britânico. O nome dele era Mahatma Gandhi!

Ou eu podia repetir um truque que já vira os advogados usarem, tanto na vida real como na televisão. Era a maneira como os advogados costumam apresentar diante de um júri alguma coisa que de outra forma seria inadmissível (às vezes, penso que poderia ter-me tornado um excelente advogado, como dissera outrora a um professor no oitavo ano da escola em Mason, Michigan, que desejava me tornar, ocasião em que recebera o conselho de que era melhor ser um carpinteiro). Eu contornava a pergunta do repórter, jogando em suas mãos uma batata quente de desdobramento lógico do assunto:

— Acho que o mesmo raciocínio que levou a esse boicote deveria se aplicar aos negros que são chamados a servir ao Exército, Marinha e Força Aérea. Por que deveríamos ir morrer em algum lugar longe daqui para preservar uma suposta “democracia”, que concede a um imigrante branco de um só dia muito mais que ao homem preto com 400 anos de escravidão neste país?

Os brancos preferiam 50 boicotes locais a 22 milhões de negros começando a pensar da maneira que eu acabara de falar. Não preciso dizer que os jornais jamais publicavam as minhas declarações na íntegra, com toda exatidão. Se eram publicadas, sofriam os cortes julgados necessários. Pude perceber quando os repórteres brancos começaram a

se tornar mais cautelosos, porque deixaram de me fazer determinadas perguntas.

Mas se eu imaginava um bom argumento, lançava uma isca para poder dizê-lo, quando comparecia a um programa de rádio ou televisão. Dava a impressão de haver cometido um deslize e mencionava de passagem algum recente “progresso” suposto na luta pelos direitos civis. Todos sabem que “progressos” eram esses: alguma indústria gigantesca que contratava 10 negros como vitrines; alguma cadeia de restaurantes que passara a ganhar mais dinheiro servindo a negros; alguma universidade do Sul que matriculara um aluno preto no primeiro ano sem a presença de baionetas. E outras coisas assim. Quando eu cometia o “deslize”, o apresentador prontamente mordida a isca:

— Ah! Não pode negar, Sr. Malcolm X, que isso realmente constitui um progresso para a sua raça!

E era nesse momento que eu dava o puxão no anzol:

— Por toda parte aonde vou, há alguém falando sobre algum “progresso” na luta pelos direitos civis! Os brancos parecem pensar que o homem preto deveria estar gritando “aleluia”. Há 400 anos, o homem branco enfiou sua faca de mais de um palmo nas costas do homem preto... e agora o homem branco começa a retirar essa faca, retorcendo-a, puxando não mais que um dedo! Por que o homem preto deveria se sentir agradecido? Mesmo que o homem branco tirasse toda a faca de uma só vez, ainda deixaria a cicatriz!

Algum prefeito ou conselho municipal se gabava que não tinha “problemas com os negros”. A declaração era transmitida pelos tele-tipos a todas as redações e logo vinham me jogar a coisa na cara. Eu dizia que nem precisavam me informar onde isso acontecera, porque sabia que era alguma cidade em que viviam relativamente poucos negros. E isso é uma verdade que se aplica no mundo inteiro. Vejam, por exemplo, o caso da “democrática” Inglaterra. Quando 100 mil pretos das Antilhas desembarcaram lá, a Inglaterra imediatamente suspendeu a migração preta. A Finlândia recebeu calorosamente um embaixador negro dos Estados Unidos. Pois quero ver só qual vai ser a reação se outros negros o seguirem para a Finlândia! Ou o caso da Rússia, quando Krushev estava no poder e ameaçou cancelar os vistos dos estudantes pretos africanos, cujas manifestações antidiscriminação anunciavam ao mundo: “A Rússia também...”

A imprensa branca do Sul geralmente me censurava. Mas publicavam na primeira página as minhas declarações a respeito dos brancos e pretos do Norte que iam ao *Sul* para fazer “manifestações”, os chamados Freedom Riders (manifestantes que seguiam de ônibus para o Sul dos Estados Unidos, a fim de lutarem pela integração). Eu os classificava de “ridículos”. Dizia que em suas próprias cidades, nos guetos do Norte, havia ratos e baratas suficientes para se matar a fim de manter os Freedom Riders ocupados por muitos anos. Afirmava que os ultraliberais de Nova York tinham mais problemas de integra-

ção que o Mississippi. Se os Freedom Riders do Norte queriam mais coisas para fazer, poderiam trabalhar nas raízes dos males dos guetos, como as crianças pequenas andando pelas ruas à meia-noite, as chaves do apartamento penduradas no pescoço para poderem entrar na hora em que bem quisessem, enquanto os pais e mães estavam tão embriagados que não sabiam de nada, os viciados em drogas, ladrões, prostitutas. Os Freedom Riders do Norte poderiam também pressionar algumas prefeituras, sindicatos e grandes indústrias nortistas, a fim de proporcionarem mais empregos a negros, o que iria retirá-los das listas de beneficiados do seguro social para desempregados, um fator que provocava a indolência e inexoravelmente ia deteriorando os guetos nos piores lugares para seres humanos viverem. Era tudo — e é! — verdade absoluta: mas por que eu queria dizer tudo isso? As serpentes venenosas não me revoltavam tanto quanto os liberais.

Isso mesmo, eu tinha de arrancar o halo que os liberais tanto se esforçavam em cultivar! Os liberais do Norte estavam há tanto tempo apontando dedos acusadores para o Sul e escapando impunes, que tinham acessos quando eram denunciados como os piores hipócritas.

Creio que minha própria vida *espelha* essa hipocrisia. Nada conhecido do Sul. Sou uma criação do homem branco do Norte e de sua atitude hipócrita em relação ao negro.

O branco do Sul sempre recebeu justiça do Sr. Muhammad. Uma coisa se pode dizer a respeito do branco do Sul: ele é honesto. Mostra os dentes para o homem preto. Diz ao homem preto, na cara, que os brancos do Sul jamais aceitarão a falsa “integração”. O branco do Sul vai mais longe, dizendo ao homem preto que pretende combatê-lo em todos os passos do caminho, até mesmo contra o chamado “simbolismo”. A vantagem disso é que o homem preto do Sul jamais teve quaisquer ilusões sobre a oposição que tem de enfrentar.

Pode-se dizer a favor dos brancos do Sul que, individualmente, têm ajudado de uma maneira paternalista muitos negros individualmente. Mas o homem branco do Norte sorri com os dentes e apresenta a boca sempre cheia de truques e mentiras de “igualdade” e “integração”. Um dia, por toda a América, uma mão preta vai tocar no ombro do branco; e ele vai-se virar e deparar com um negro a lhe dizer:

— Eu também...

O liberal do Norte tem pavor desse homem preto, pois se sente tão culpado quanto qualquer homem branco do Sul.

Na verdade, o homem preto mais perigoso e ameaçador da América é o que vem sendo mantido pelo homem branco do Norte nos guetos pretos. A estrutura de poder branco do Norte vive falando em democracia, enquanto mantém o homem preto fora de vista, em algum buraco, do outro lado da esquina.

A palavra “integração” foi inventada por um liberal do Norte. A palavra não possui qualquer significado objetivo. Faço uma pergunta: não sentido racial, em que é tão usada hoje, pode-se definir precisamente o que significa “integração”? A verdade é que “integração” não pas-

sa de uma *imagem*, uma astuciosa cortina de fumaça do liberal do Norte, que confunde os verdadeiros anseios do homem preto americano. Aqui, nestes 50 estados racistas e neo-racistas da América do Norte, a palavra “integração” tem confundido e enfurecido milhões de brancos, que acreditam erroneamente que as massas pretas estão querendo viver misturadas com o homem branco. Mas isso só acontece com o punhado de negros que sonham com a “integração”.

Esses são os negros “simbolicamente integrados”, que fogem de seus irmãos pretos pobres e oprimidos... que fogem do ódio que sentem por si mesmos. No fundo, é disso que estão tentando realmente escapar. Estou falando desses negros que não cansam de se aconchegar ao homem branco. Esses poucos negros “escolhidos” têm mais mentalidade de branco, são mais antipretos que o próprio homem branco.

Direitos humanos! Respeito com *seres humanos*! É isso o que as massas pretas americanas estão querendo. É esse o verdadeiro problema. As massas pretas não querem ser repelidas como se estivessem contaminadas. Não querem ser aprisionadas em cortiços, nos guetos, como se fossem animais. Querem viver livremente, numa sociedade livre em que possam andar de cabeça erguida, como homens e mulheres!

Poucos brancos percebem que atualmente muitos pretos detestam e evitam passar mais tempo que o necessário junto ao homem branco. A imagem de “integração”, como é popularmente interpretada, faz com que muitos brancos pensem que os pretos estão querendo dormir na mesma cama... o que é uma tremenda mentira! Não se pode fazer o homem branco médio acreditar que o maior desejo de um homem preto não é possuir uma mulher branca. Isso é uma mentira deslavada. Um irmão preto recentemente comentou comigo:

— Por acaso já sentiu o cheiro de uma mulher branca quando está no *cio*?

As massas pretas preferem a companhia de sua própria espécie. Ora, até mesmo esses negros burgueses, ao voltarem para casa depois de suas festas “integradas”, tiram os sapatos e põem-se a falar sobre os liberais brancos como se não passassem de cachorros. E os liberais brancos provavelmente fazem a mesma coisa. Não posso ter certeza sobre os brancos, pois nunca privei da intimidade deles... mas os negros burgueses sabem que não estou mentindo.

Podem estar certos de que estou contando o que realmente acontece. Nunca vão ter que se preocupar com a possibilidade de eu morder a língua e não contar alguma verdade que tenho na cabeça. A verdade nua e crua, trocada entre o homem preto e o homem branco, é uma das coisas que mais se precisa neste país, para tirar do ar as miragens raciais, os clichês e as mentiras que impregnam a própria atmosfera da América há 400 anos.

Em muitas comunidades, especialmente as pequenas, os brancos criaram uma imagem benevolente de si mesmos, como tendo “muita boa vontade em relação a nossos negros”. Mas cada vez que algum “negro local” começa subitamente a dizer a verdade aos brancos locais, de que os pretos estão cansados de serem passados para trás, trata-

dos como cidadãos de segunda classe, privados de seus direitos, pode estar certo de que se ouvirão frases como as seguintes, em tom de tristeza:

— Infelizmente, por causa disso, nossos brancos de boa vontade estão agora se virando contra os negros... É lamentável... logo agora que estávamos fazendo tanto progresso... mas agora as relações entre as raças foram rompidas!

Sobre o que estão falando? Nunca houve qualquer relação! Até depois da Segunda Guerra Mundial, não havia uma única comunidade em todos os Estados Unidos em que o homem branco ouvisse dos “líderes” negros locais a verdade sobre o que os negros sentiam a respeito das condições que lhes eram impostas pelos brancos.

Precisam de alguma prova? Por que, quando os negros começaram a se revoltar por toda a América, praticamente todos os brancos foram apanhados de surpresa, ficaram até mesmo chocados? Eu detestaria ser general de um exército tão mal informado quanto o homem branco americano estava em relação ao negro neste país.

Essa é a situação que permitiu que a combustão negra fosse lentamente se acumulando ao ponto de revolução, sem que o homem branco sequer percebesse. Por toda a América, o “líder” negro local, a fim de sobreviver como “líder”, ficava tranqüilizando o homem branco:

— Está tudo bem, está tudo sob controle, chefe!

E quando o “líder” queria alguma coisa pequena para o seu povo, dizia:

— Ei, chefe, estão falando que precisamos de uma escola melhor.

E se os negros locais não estivessem causando qualquer “encrenca”, o homem branco “benevolente” podia assentir e dar-lhes uma escola ou alguns empregos.

Os homens brancos que pertencem à estrutura de poder em milhares de comunidades através da América sabem que estou absolutamente certo! Sabem que estou descrevendo o que tem sido o verdadeiro padrão das “relações” entre os “brancos locais de boa vontade” e os negros locais. É um padrão criado pelos brancos egocêntricos e opressores. Permitia que o homem branco se sentisse “nobre” por jogar algumas migalhas para o homem preto, ao invés de se sentir culpado pelo sistema da comunidade local de explorar cruelmente os negros.

Mas quero dizer uma coisa. Esse padrão, esse “sistema” que o homem branco criou, de ensinar os negros a esconderem a verdade dele, por trás de uma fachada de sorriso, “sim-senhor-meu-chefe”, pés arrastando, coçando a cabeça, tem causado mais danos ao homem branco americano do que poderia fazê-lo um exército invasor.

Por que digo isso? Porque tudo isso tem contribuído para fazer com que o homem branco americano criasse em sua psique uma convicção absoluta de que é mesmo “superior”. Em quantas comunidades, por exemplo, homens brancos que não chegaram a terminar a escola secundária encaram com superioridade e condescendentemente os “líderes” negros locais que cursaram universidades e são diretores de escolas, professores, médicos?

O sistema do homem branco tem sido imposto aos povos não-brancos no mundo inteiro. É exatamente por isso que, em todas as partes do mundo em que vivem pessoas não-brancas, os governos do homem branco estão se descobrindo mergulhados em problemas cada vez maiores, correndo perigos sempre crescentes.

Vamos enfrentar a verdade. Os fatos! Quer seja ou não o homem branco do mundo capaz de enfrentar a verdade e os fatos a respeito das verdadeiras razões de seus problemas, é isso o que essencialmente irá determinar se *ele* vai ou não sobreviver.

Estamos assistindo hoje à revolução dos povos não-brancos, que há alguns anos teriam ficado paralisados de horror se as poderosas nações brancas sequer franzissem as sobancelhas. A verdade é que os povos pardos, pretos, vermelhos e amarelos finalmente, depois de centenas de anos de exploração e “inferioridade” imposta, se cansaram da opressão, dos tacões do homem branco.

Como pode o governo branco americano vender as imagens de “democracia” e “fraternidade” aos povos não-brancos, se eles lêem e ouvem todos os dias o que está acontecendo aqui mesmo na América, vendo fotografias, que-falam-melhor-que-mil-palavras, do homem branco americano negando “democracia” e “fraternidade” até mesmo aos nascidos na América que não são brancos? Os não-brancos do mundo sabem como o negro daqui tem amado o homem branco americano, servindo-o como escravo, cuidando dele, ajudando-o em tudo. O negro daqui tem-se metido em uniforme e partido para lutar e morrer todas as vezes que a América foi atacada, por inimigos tanto brancos como não-brancos. Mas apesar de ter um não-branco tão fiel e leal, mesmo assim a América o agride, atíça cachorros contra ele, lança jorros de mangueira de incêndio contra ele, mete-o na cadeia aos milhares, espanca-o até tirar sangue, inflige-lhe todos os crimes possíveis e imagináveis.

É claro que essas coisas, conhecidas e lembradas todos os dias para o resto dos não-brancos do mundo, constituem um fator vital nessas queimas de carros de embaixadores, apedrejamentos, manifestações, depredações de embaixadas e legações, os gritos de “homem branco, vá para sua casa!”, os ataques aos missionários brancos cristãos, as explosões de bombas, as bandeiras rasgadas.

Está evidente agora por que eu disse que o maligno complexo de superioridade do homem branco americano tem-lhe causado mais danos que um exército invasor?

O homem preto americano deveria estar concentrando todos os seus esforços para criar os seus próprios empreendimentos, construir as suas próprias casas. Como outros grupos étnicos têm feito, os pretos devem, sempre que possível, na medida do possível, ser clientes de outros pretos, só contratar pretos, começando assim a desenvolver a capacidade da raça preta de fazer tudo por si mesma. É a única maneira do homem preto americano conseguir conquistar algum respeito. Uma coisa que o homem branco jamais poderá dar ao homem preto é auto-respeito! O homem preto nunca poderá se tornar independente

e reconhecido como um ser humano realmente igual aos outros seres humanos, enquanto não possuir o que os outros têm, até que esteja fazendo por si mesmo o que os outros estão fazendo por eles próprios.

O homem preto nos guetos, por exemplo, precisa começar a corrigir por sua própria iniciativa os seus próprios defeitos e males materiais, morais e espirituais. O homem preto precisa começar o seu próprio programa para livrar-se do alcoolismo, do vício em tóxicos, da prostituição. O preto na América precisa elevar o próprio senso de valores.

Apenas uns poucos milhares de negros, relativamente uma pequena fração, estão tentando participar de uma "integração". São novamente aqueles poucos negros burgueses, correndo a jogar fora seus pouco dinheiro nos hotéis de luxo, *nightclubs* grã-finos e restaurantes exclusivos do homem branco. Os brancos que freqüentam tais lugares podem se dar a esse luxo. Mas os negros que se encontram nesses lugares não podem; ou pelo menos a maioria não pode. O que leva um negro que está a uma prestação do desastre a ir jantar em algum restaurante de luxo no centro, sorrindo para um *maitre* que tem mais dinheiro do que ele? Esses negros burgueses desdobram guardanapos do tamanho de toalhas de mesa sobre os joelhos, pedem codorniz e lesmas guisadas... e os negros nem mesmo gostam de lesmas! O que eles estão fazendo é um esforço para provar que são integrados.

Se querem mesmo chegar ao fundo do resultado final dessa suposta "integração", o que vão encontrar é o casamento interracial.

Estou de acordo com o homem branco do Sul, que acredita que não se pode ter essa suposta "integração", pelo menos não por muito tempo, sem que aumente a quantidade de casamentos inter-raciais. E de que adianta isso para quem quer que seja? Vamos outra vez enfrentar a realidade. Num mundo em que existe tanta hostilidade por causa de cor como este, homem ou mulher, branco ou preto, o que podem querer com um companheiro ou companheira de outra raça?

Não resta a menor dúvida de que os brancos fazem questão de manifestar sua hostilidade a quaisquer pretos em suas famílias ou nas vizinhanças. E pela maneira como a maioria dos negros se sente atualmente, um casal misto provavelmente descobriria que as famílias pretas, as comunidades pretas, são ainda mais hostis que as brancas. Assim, qual seria o destino dos casamentos "integrados", senão o de serem indesejáveis, "desajustados", qualquer que seja o mundo em que tentarem viver? Chegamos assim à conclusão de que, socialmente, a "integração" não é boa para nenhum dos lados. A "integração", em última análise, destruiria a raça branca... e destruiria também a raça preta.

A "integração" do homem branco com as mulheres pretas já mudou a pele e as características da raça preta na América. O que foi provado pelos "pretos" cuja pele são "mais brancas" que as de muitas pessoas "brancas"? Dizem que existem atualmente na América entre dois e cinco milhões de "negros brancos", que estão sendo "aceitos" na sociedade branca. Imaginem só a tortura deles! Vivem no temor constante de que alguma pessoa preta que conheceram possa encontrá-

los e denunciá-los. Imaginem a angústia de viver diariamente uma mentira. Imaginem ouvir os próprios maridos brancos, as esposas brancas, até mesmo os filhos brancos, falando sobre "aqueles negros".

Duvido muito que alguém na América tenha ouvido negros mais amargurados contra o homem branco do que alguns que tenho conhecido. E uma coisa posso garantir, sem a menor sombra de dúvida: as diatribes contra os brancos *mais* amargas que já ouvi foram de negros que "passam por brancos", vivendo como brancos, entre brancos, ouvindo todos os dias o que os brancos dizem entre si a respeito dos negros, coisas que um negro jamais ouviria. Se houvesse uma confrontação racial, esses negros que "passam por brancos", vivendo nos círculos dos brancos, iriam se tornar os mais valiosos "espiões" e aliados do lado dos pretos.

Os chamados "bebês pardos" da Europa, agora rapazes e moças começando a casar e a constituir suas próprias famílias... será que as experiências que tiveram ao longo de suas vidas, marcadas como anomalias raciais, provaram algo de positivo a favor da "integração"?

A "integração" é chamada de "assimilação" se somente grupos étnicos brancos estão envolvidos. É combatida com unhas e dentes por aqueles que desejam ter sua herança preservada. Vejam como os irlandeses expulsaram os ingleses da Irlanda. Os irlandeses sabiam que os ingleses iriam absorvê-los inteiramente. Vejam o caso dos franco-canadenses, lutando fanaticamente para manterem sua identidade.

O resultado mais trágico registrado pela história de uma identidade étnica miscigenada e assim diluída e enfraquecida foi o experimentado por um grupo étnico branco: o judeu na Alemanha.

O judeu alemão fez maiores contribuições à Alemanha do que os próprios alemães. Foram judeus que conquistaram metade dos Prêmios Nobel da Alemanha. Cada aspecto da cultura na Alemanha teve a liderança de um judeu. Foi um judeu, por exemplo, quem comandava o maior jornal da Alemanha. Os judeus eram os maiores pintores, poetas, compositores, diretores teatrais. Mas esses judeus cometeram um erro fatal: o da assimilação.

Da Primeira Guerra Mundial à ascensão de Hitler, os judeus na Alemanha estavam se entregando cada vez mais a casamentos inter-raciais. Muitos mudavam de nome, muitos assumiam outras religiões. Anestesiavam e eliminavam a sua própria religião judaica, as tão ricas raízes étnicas e culturais... até começarem a se considerar "alemães".

E a próxima coisa de que tomaram conhecimento foi a presença de Hitler, saindo das cervejarias para a tomada do poder, com sua teoria emocional da "raça ariana superior". E à disposição, para bode expiatório, lá estava o judeu "alemão", enfraquecido, pela própria iniciativa.

O mais misterioso é como todos esses judeus, com suas inteligências extraordinárias, com todo o seu poder nos mais diversos setores da sociedade alemã, permanecem inativos, quase como se estivessem hipnotizados, assistindo a algo que não lhes aconteceu da noite para o dia, mas sim foi-se desenvolvendo gradativamente: um plano monstruoso para o assassinato em massa de todos eles.

A lavagem cerebral a que haviam submetido a si mesmos fora tão grande que não muito tempo depois, nas câmaras de gás, muitos ainda estavam balbuciando:

“Não pode ser verdade!”

Se Hitler tivesse conquistado o mundo, como pretendia... só de pensar nisso, qualquer judeu do mundo que esteja vivo não pode conter um estremecimento.

O judeu jamais esquecerá a lição. Os serviços secretos judeus vigiam atentamente todas as organizações neonazistas. Logo depois da guerra, o Haganah dos judeus acelerou as negociações com os britânicos, que se vinham prolongando interminavelmente. Desta vez, as metralhadoras estavam disparando contra os britânicos. E desta vez os britânicos acabaram cedendo e ajudaram os judeus a arrancar a Palestina dos árabes, os legítimos donos. Os judeus fundaram ali o Estado de Israel, seu próprio país, a única coisa que qualquer raça de homem do mundo respeita e compreende.

Não faz muito tempo, o homem preto da América recebeu uma dose de outra forma de efeitos enfraquecedores, ilusórios e destinados a embaf-lo. Foi a “Farsa de Washington”, como a chamo.

A idéia de uma massa de pretos marchando sobre Washington foi concebida originalmente por A. Philip Randolph, que presidia a Fraternidade dos Cabineiros de Vagões-Dormitórios. Durante 20 anos ou mais, a idéia da Marcha sobre Washington persistiu entre os negros, de uma maneira difusa. E, espontaneamente, a idéia começou a pegar.

Negros das regiões rurais do Sul, negros das pequenas cidades, negros dos guetos do Norte, até mesmo milhares de negros que antes se comportavam como Pai Tomás, começaram a falar “marchemos!”

Desde Joe Louis que nada mobilizava e unia mais as massas de negros. Grupos de negros falavam em chegar a Washington de qualquer maneira que pudessem, em carros velhos e caindo aos pedaços, de ônibus, pedindo carona, até mesmo andando, se fosse necessário. Imaginavam milhares de irmãos pretos convergindo de todos os pontos para Washington, a fim de se postarem nas ruas, nas pistas do aeroporto, nos gramados dos prédios oficiais, exigindo do Congresso e da Casa Branca providências concretas em relação aos direitos civis.

Era uma amargura nacional, um movimento militante, sem organização, sem líderes. Predominantemente, era insuflado por jovens negros, dispostos a desafiar quaisquer que fossem as conseqüências, cansados de sentirem o tacão do homem branco.

O homem branco tinha boas razões para ficar nervoso e preocupado. A centelha certa, alguma imprevisível química emocional, poderia desencadear um levante dos negros. O governo sabia que milhares de pretos furiosos poderiam não apenas conturbar a vida de Washington, mas também fazê-la explodir. Em outras palavras, era um barril de pólvora preto.

Qualquer estudioso de como a “integração” pode enfraquecer o

movimento do preto estava prestes a observar uma lição de mestre. A Casa Branca apressou-se em convocar para uma reunião os “líderes” dos principais movimentos negros de direitos civis. Pediram-lhes que detivessem a planejada Marcha. Eles responderam, com toda sinceridade, que não a haviam instigado, não tinham qualquer controle. A idéia era nacional, espontânea, sem qualquer liderança.

A Casa Branca, com uma fanfarrinha de publicidade internacional, “aprovou”, “endossou” e “acolheu” a Marcha sobre Washington. Naquela ocasião, as grandes organizações de direitos civis estavam discutindo por causa de donativos. A NAACP dizia que as manifestações de outros grupos, contando com uma boa divulgação, atraíam uma parcela considerável dos donativos para o movimento dos direitos civis. Enquanto isso, a NAACP ficava com a responsabilidade de proporcionar as fianças custosas e os advogados para os manifestantes presos de outras organizações.

Foi como um filme. A cena seguinte foi o encontro em Nova York dos “seis grandes” líderes dos direitos civis dos negros com o diretor branco de uma grande instituição filantrópica. Foram advertidos de que as brigas por causa de dinheiro estavam afetando a imagem de todo o movimento. E, ao que se diz, 800 mil dólares foram doados a um conselho da Liderança Unida dos Direitos Civis, rapidamente organizado pelos “seis grandes”.

O que proporcionou a rápida união preta? O dinheiro do homem branco. E qual era a condição inerente ao dinheiro? Conselho. Não houve apenas esse donativo, sendo prometido também outro equivalente, depois da Marcha... obviamente se tudo corresse bem.

A Marcha sobre Washington original, um movimento de raiva e revolta, estava agora prestes a ser totalmente mudada.

Uma publicidade internacional maciça projetou os “seis grandes” como os líderes da Marcha sobre Washington. Era uma novidade para os negros das bases, que cada vez mais acrescentavam pressão a seus planos para a Marcha. Provavelmente pensaram que aqueles “líderes” famosos endossavam a idéia, que participariam com as mesmas intenções.

Em seguida, foram convidadas a participar da Marcha quatro famosas personalidades públicas brancas: um católico, um judeu, um protestante e um líder trabalhista.

A publicidade maciça insinuava agora que os “dez grandes” iriam “supervisionar” o “ânimo” da Marcha e sua “orientação”.

As quatro personalidades brancas começaram a manifestar sua aprovação. Rapidamente espalhou-se entre os chamados “liberais” católicos, judeus, protestantes e trabalhistas a convicção de que seria “democrático” participar daquela Marcha preta. E, de repente, os brancos que antes se mostravam nervosos e apreensivos com a Marcha, começaram a anunciar que iriam também participar.

Foi como se uma corrente elétrica tivesse passado pelas fileiras dos negros burgueses, os chamados negros da “classe média” e “classe superior”, que anteriormente deploravam as conversas da Marcha sobre Washington das massas negras.

A diferença era que, agora, os brancos iam também marchar. Por que deixar que algum negro miserável, sem emprego, fome, tivesse a primazia? Aqueles negros obcecados por “integração” virtualmente saíram correndo para descobrir onde podiam aderir. A Marcha dos “pretos furiosos” transformara-se subitamente numa manifestação chique. Era como se tivesse agora a imagem de um Derby de Kentucky. Para quem queria *status*, era um símbolo de *status*. “Você esteve lá?” Até hoje, ainda se pode ouvir essa indagação.

A Marcha tornara-se um passeio, um piquenique.

Na manhã da Marcha, qualquer carro caindo aos pedaços, levando negros furiosos, cobertos de poeira e suados, procedentes de pequenas cidades, acabaria passando despercebido entre os aviões a jato fretados, os vagões ferroviários especiais e os ônibus com ar-condicionado. O que originalmente fora planejado como um vagalhão incontrolável, foi apropriadamente descrito por um jornal inglês como uma “suave marola”.

E a “integração”? Tudo agora parecia salpicado de branco e preto. E não havia um único fator logístico sem controle.

Os manifestantes haviam recebido instruções para não levarem cartazes... pois os cartazes estavam prontos à espera deles. Foram avisados de que só deveriam cantar uma única canção: *We Shall Overcome* (Nós Venceremos). Foram instruídos *como* chegar, *quando*, *aonde* chegar, *onde* se concentrar, quando *começar* a marchar, o *percurso* pelo qual deveriam marchar. Postos de primeiros socorros foram estrategicamente colocados ao longo do percurso. Havia até mesmo locais determinados para se *desmaiar*!

Isso tudo é verdade. Eu estava lá. Assisti ao circo. Quem já ouviu falar de revolucionários irados cantando *We Shall Overcome* de braços dados com as próprias pessoas contra as quais deveriam supostamente estar se revoltando? Quem já ouviu falar de revolucionários furiosos molhando os pés juntamente com seus opressores nos tanques dos parques, com evangelhos, guitarras, discursos de *I Have A Dream* (Eu Tenho um Sonho, discurso famoso de Martin Luther King, o líder dos direitos civis)?

E as massas pretas da América estavam, e ainda estão, tendo um pesadelo!

Esses “revolucionários furiosos” acataram até mesmo as instruções finais: as de não se demorarem. Com tantos milhares e milhares de “revolucionários furiosos”, bem poucos ficaram até a manhã seguinte, de tal forma que a associação dos hotéis de Washington queixou-se de um vultoso prejuízo em quartos vagos.

Hollywood não poderia ter feito melhor.

Numa pesquisa subsequente da imprensa, não houve um único deputado ou senador com um registro anterior de oposição aos direitos civis que dissesse ter mudado de posição. O que se podia esperar? Como um piquenique “integrado” de um dia poderia anular as influências dos representantes do preconceito enraizado na psique do homem branco americano por 400 anos?

O próprio fato de que milhões de pessoas, pretas e brancas, acreditaram nessa farsa monumental é outro exemplo de como este país se contenta em ficar na superfície dos problemas, se empenha em encontrar artifícios para procrastiná-los indefinidamente, ao invés de realmente enfrentar as raízes de suas dificuldades.

O que a Marcha sobre Washington conseguiu foi embair os negros por algum tempo. Mas, inevitavelmente, as massas pretas começaram a compreender que haviam sido enganadas pelo homem branco. E, inevitavelmente também, a raiva do homem preto se reacendeu, mais profunda do que nunca, explodindo em diferentes cidades, durante as crises raciais sem precedentes do “longo e quente verão” de 1964.

Cerca de um mês antes da “Farsa de Washington”, o *New York Times* noticiou que, segundo pesquisa recente realizada nos *campi* universitários, eu era o “segundo orador mais procurado nos meios estudantis. O único que estava à minha frente era o Senador Barry Goldwater.

Creio que foi o livro do Dr. Lincoln, *The Black Muslims in America*, que gerou a minha popularidade nos meios universitários. Tornar-se leitura obrigatória em diversos cursos universitários. Depois, uma entrevista longa e muito franca minha foi publicada pela revista *Playboy*, cuja circulação nos *campi* universitários é a maior entre todas as revistas. E muitos estudantes, tendo lido primeiro o livro e depois a entrevista a *Playboy*, queriam ouvir pessoalmente o chamado “belicoso muçulmano preto”.

Quando a pesquisa do *New York Times* foi publicada, eu já havia falado em mais de 50 centros universitários, como Brown, Harvard, Yale, Columbia e Rutgers, da Ivy League (grupo de universidades da Costa Leste dos Estados Unidos que possuem reputação de qualidade escolar e prestígio social), além de outras, por todo o país. Neste momento, tenho convites de Cornell, Princeton e provavelmente uma dúzia de outras universidades, assim que o meu tempo e as datas disponíveis delas possam ser combinados. Entre as instituições negras, já falei na Universidade de Atlanta e no Clark College, também em Atlanta, na Universidade Howard, em Washington, além de haver comparecido também a diversos outros centros estudantis menores.

Depois das audiências inteiramente pretas, as audiências universitárias sempre foram as melhores para mim. Essas sessões nas universidades geralmente se prolongavam de duas a quatro horas, muitas vezes ultrapassando os tempos previstos. Contestações, indagações e críticas eram disparadas contra mim pelos estudantes e professores, quase sempre objetivos, inteligentes, inquisitivos. Esses encontros nas universidades sempre me deixavam exultante. Jamais deixavam de me ajudar a melhorar ainda mais a minha própria educação. Jamais passei por qualquer sessão universitária em que não aprendesse algum meio de melhorar minha apresentação e defesa dos ensinamentos do Sr. Muhammad. Às vezes, num comparecimento a uma mesa-redonda, eu encontrava uma audiência lotada para me ouvir, tendo que enfrentar

sozinho seis ou oito estudantes e professores, chefes de departamentos como os de sociologia, psicologia, filosofia, história e religião. Cada um deles me enfrentava em sua especialidade.

Logo no início, eu enfrentava essas mesas-redondas com uma declaração mais ou menos assim:

“Senhores, concluí o oitavo ano primário em Mason, Michigan. Minha escola secundária foi o gueto preto de Roxbury. Minha universidade foram as ruas do Harlem e tirei o diploma na prisão. O Sr. Muhammad ensinou-me que nunca preciso temer o intelecto de qualquer homem que tente defender ou justificar os antecedentes criminosos do homem branco contra o homem não-branco... especialmente do homem branco e do homem preto aqui na América do Norte.”

Era como estar num campo de batalha... com balas intelectuais e filosóficas. Era um combate excitante com idéias. Eu podia sentir as disposições das audiências. Tenho conversado a respeito com outros oradores públicos; todos concordam que essa capacidade é natural em qualquer pessoa que possua o dom do “apelo de massa”, que são capazes de atingir e comover o público. É como um radar psíquico. Assim como um médico, encostando o dedo num pulso, pode sentir as batidas do coração, quando estou falando em público posso, também, *sentir* a reação ao que estou dizendo.

Acho que eu poderia falar vendado e depois de cinco minutos dizer se a audiência que não estou vendo é inteiramente branca ou inteiramente preta. As audiências pretas e as brancas são nitidamente diferentes. As audiências pretas transmitem uma recepção calorosa, possuem um ritmo quase musical, mesmo numa reação silenciosa.

Os períodos de perguntas-e-respostas também me permitem, vendado, quase sempre determinar qual a fonte étnica de uma indagação. A fonte mais facilmente reconhecível é um judeu em qualquer audiência e um negro burguês em audiências “integradas”.

Minha pista para descobrir que uma pergunta ou contestação parte de um judeu é a de que, entre todos os grupos étnicos, os pensamentos e preocupações que expressa são sempre os mais subjetivos. E o judeu é geralmente extremamente sensível. O que estou querendo dizer é que nem ao menos se pode pronunciar a palavra “judeu” sem que ele o acuse de anti-semitismo. Não importa o que um judeu seja profissionalmente, médico, comerciante, dona de casa, estudante ou qualquer outra coisa: antes de mais nada, ele pensa como um judeu.

É claro que agora posso compreender a extrema sensibilidade do judeu. Durante dois mil anos, preconceitos religiosos e pessoais têm sido manifestados e exercidos contra os judeus, tão fortes quanto os preconceitos brancos contra os não-brancos. Mas sei que os cinco e meio milhões de judeus da América (dois milhões dos quais estão concentrados em Nova York) encaram o problema de maneira muito prática, conscientemente ou não: toda a intolerância e ódio concentrados no homem preto afasta dos judeus uma pressão considerável, que sofreriam se não fosse por isso.

Vou dar uma ilustração do que estou dizendo: em quase todos os guetos pretos, são os judeus que possuem os grandes empreendimentos. Todas as noites, os donos desses empreendimentos vão para suas casas levando o dinheiro da comunidade preta, o que contribui para que o gueto permaneça pobre. Mas duvido que jamais eu tenha dito essa verdade irrefutável perante uma audiência sem que me contestassem veementemente, sem que algum judeu me acusasse de anti-semitismo. Por quê? Aposto que já disse mais de 500 vezes a contestadores que os judeus, como um grupo, jamais permitiriam que alguma outra minoria sistematicamente drenasse os recursos de sua comunidade sem tomarem alguma providência. Já falei incontáveis vezes que dizer a verdade pura e simples não significava que eu seja um anti-semita; significa apenas que sou contra toda e qualquer exploração.

O liberal branco pode ficar um pouco desapontado ao saber que em todas as audiências totalmente pretas jamais deparei com alguma contestação que defendesse o homem branco. Isso aconteceu mesmo quando havia muitos “burgueses pretos” e negros ansiosos pela “integração” na audiência. Todos os negros, entre si, reconhecem os antecedentes criminosos do homem branco. Podem não conhecer tantos detalhes quanto eu, mas conhecem o quadro geral.

Mas deixem-me dizer algo significativo: esse mesmo negro burguês que, entre os negros, jamais banca o tolo tentando defender o homem branco, assume uma atitude inteiramente diferente quando a audiência é mista, preta e branca, e ele sabe que está sendo ouvido por seu amado “Mr. Charlie”. Deviam então ouvir esses negros me atacarem, tentando justificar ou perdoar os crimes do homem branco! Esses negros são as pessoas que mais perto me levam de quebrar uma das principais regras que me impus: a de jamais me deixar dominar pelas emoções e pela raiva. Em muitas ocasiões, já senti vontade de pular do palanque e me atracar fisicamente com esses negros que são instrumentos, títeres e *papagaios* do homem branco. Nas universidades, desenvolvi meios de pô-los em seu lugar. Perguntava, por exemplo:

— Você é estudante de Direito, não é mesmo?

Eles diziam sim ou não e eu arrematava:

— Pensei que fosse. Defende esse homem branco criminoso com mais empenho do que ele próprio defende o seu ego culpado!

Numa universidade “simbolicamente integrada” encontrei um professor-assistente preto Ph.D. que jamais esquecerei. Ele me deixou tão furioso que eu já não podia mais pensar direito. Nossos 22 milhões de pretos privados de instrução precisavam desesperadamente de toda a inteligência que ele possuísse. Mas, ao invés de dar a sua contribuição, lá estava ele como uma mosca no leite, entre os seus “colegas” brancos... e estava tentando me arrasar! Estava arengando que eu era um “demagogo divisionista” e um “racista ao contrário”. Eu sacudia a cabeça, querendo dar uma lição naquele idiota. Finalmente levantei a mão e ele parou de falar.

— Sabe como os racistas brancos chamam os pretos que são Ph.D.?

Ele disse algo mais ou menos assim:

— Creio que não estou a par disso.

Era um desses negros que gostam de falar direitinho. E eu aproveitei para berrar a palavra que o liquidou de vez:

— *Nigger!*

Falar nas universidades era extremamente útil, eu dizia ao Sr. Muhammad, porque as melhores inteligências do homem branco eram ali desenvolvidas e influenciadas. Mas por alguma razão que só pude compreender muito mais tarde, o Sr. Muhammad não desejava realmente que eu falasse nas universidades.

Eu iria descobrir mais tarde, por intermédio dos próprios filhos do Sr. Muhammad, que ele se sentia invejoso, por achar que não tinha condições para falar pessoalmente nas universidades. Não obstante, falando em nome do Sr. Muhammad naquele tempo, eu descobria que aquelas audiências altamente inteligentes eram surpreendentemente abertas e objetivas em relação às verdades nuas e cruas que eu lhes apresentava:

“Vezes sem conta, as raças preta, parda, vermelha e amarela testemunharam e sofreram a pouca capacidade do homem branco de compreender as coisas mais simples do espírito. O homem branco parece surdo à orquestração total da humanidade. Todos os dias, as primeiras páginas dos jornais mostram-nos o mundo que ele criou.

“O julgamento irado de Deus está prestes a atingir esse homem branco, cambaleando e tateando às cegas, na perversidade e no mal, nas trevas espirituais.

“Contemplem o mundo. Só restam hoje duas gigantescas nações brancas, América e Rússia, com seus satélites desconfiados e nervosos. A América está amparando a maior parte do restante mundo branco. Os franceses, belgas, holandeses, portugueses e espanhóis, além de muitas outras nações, enfraqueceram-se incessantemente, depois que os asiáticos e africanos não-brancos recuperaram suas terras.

“A América está financiando o que restou do prestígio e da força da outrora poderosa Inglaterra. O sol se pôs para sempre sobre aquele colonialista residente, de monóculo, capacete pontudo, tomando chá com sua *lady* delicada nas colônias não-brancas, que eram sistematicamente roubadas de todos os seus recursos valiosos. A realeza e a nobreza supérfluas da Inglaterra só existem agora pelo dinheiro que cobram dos turistas para visitarem velhos castelos, pela venda de memórias, perfumes, autógrafos, títulos e até de si mesmos.

“O mundo inteiro sabe que o homem branco não pode sobreviver a outra guerra. Se qualquer uma das duas nações brancas gigantescas apertar o botão, a civilização branca morrerá!

“E o que constatamos mais uma vez é que não são as ideologias, e sim a raça e a cor os fatores que dividem e unem os seres humanos. É por acaso que no momento em que os chineses vermelhos começam a visitar países africanos e asiáticos, a Rússia e a América resolvem se aproximar?

“A história do homem branco coletivo também não tem deixado alternativa aos povos não-brancos que não a de se aproximarem, para a defesa comum. E como sempre acontece, o homem branco demoníaco carece da força e da coragem moral para se despojar de sua arrogância. Ele quer, hoje, “comprar” amigos entre os não-brancos. Tenta ocultar os seus antecedentes históricos. Não possui a humildade de admitir sua culpa, de tentar se redimir de seus crimes. O homem branco desvirtuou a mensagem simples de amor que o Profeta Jesus viveu e ensinou ao caminhar por esta terra.”

As audiências ficavam surpresas quando eu falava sobre Jesus. Eu explicava que os muçulmanos acreditavam no Profeta Jesus. Ele era um dos três mais importantes Profetas da religião do Islã, sendo os outros dois Maomé e Moisés. Em Jerusalém, há santuários muçulmanos construídos para o Profeta Jesus. Explicava também a nossa convicção de que o cristianismo não pregava o que Jesus ensinara. Jamais deixava de mencionar que até mesmo Billy Graham, contestado na África, tratara de fazer a distinção:

— Acredito em Cristo, não no cristianismo.

Jamais esquecerei uma estudante louca que cursava uma universidade da Nova Inglaterra em que fui falar. Ela deve ter embarcado no avião seguinte àquele que peguei para voltar a Nova York. Encontrou o restaurante muçulmano no Harlem. Eu por acaso estava lá quando ela entrou. As roupas da moça, o jeito, a atitude, o sotaque, tudo indicava o dinheiro e a criação daquele Sul dos Estados Unidos mais tradicional e retrógrado. Na universidade, eu dissera que o senhor de escravos branco, anterior à Guerra Civil, manipulava diabolicamente até mesmo a sua própria mulher. Convencera-a de que ela era “pura demais” para os baixos “instintos animais” dele. E como esse “nobre” estrategema, levava a própria esposa a desviar os olhos de sua preferência óbvia pela mulher preta “animal”. Assim, a “delicada sinhá” ficava sentada na varanda a observar as crianças de pele mestiça da plantação, evidentemente geradas por seu pai, marido, irmãos, filhos. Eu dissera ainda na universidade que a culpa dos brancos americanos incluía o conhecimento de que, ao odiarem os negros, estavam odiando, rejeitando e negando o seu próprio sangue.

Seja como for, nunca antes eu tinha visto alguém ficar tão afetado por minhas palavras quanto aquela universitária louca. Ela indagou, veementemente:

— Não acredita que exista nenhum branco bom?

Eu não queria ferir os sentimentos dela e respondi:

— Acredito nos atos das pessoas, moça... não em suas palavras.

— O que posso fazer? — exclamou ela.

Ao que respondi:

— Nada.

Ela desatou a chorar, saiu correndo para a Lenox Avenue e embarcou num táxi.

O Sr. Muhammad, a cada vez que eu ia visitá-lo em Chicago ou em Phoenix, acolhia-me com manifestações de aprovação e confiança em mim.

Deixou-me no comando dos assuntos da Nação do Islã quando fez uma peregrinação Omra à Cidade Santa de Meca.

Eu acreditava tão intensamente no Sr. Muhammad que teria me interposto sem hesitar entre ele e um assassino.

Um acontecimento casual fez-me lembrar que havia algo, uma coisa, maior do que minha reverência pelo Sr. Muhammad.

Era a minha razão para reverenciá-lo.

Fui convidado a falar no Fórum da Faculdade de Direito de Harvard. Por acaso, olhei pela janela. Abruptamente, descobri que estava olhando na direção do prédio de apartamentos que fora outrora o esconderijo da minha quadrilha de assaltantes.

Fiquei abalado como se tivesse sido atingido por um maremoto. Cenas da minha vida outrora depravada surgiram-me abruptamente à mente. *Vivendo* como um animal; *pensando* como um animal!

A percepção me dominou: quão profundamente a religião do Islã descera até a lama para me elevar, para salvar-me do que inevitavelmente teria sido, um criminoso morto numa sepultura ou, se ainda vivo, um preso de 37 anos, amargurado, em alguma penitenciária ou asilo de loucos. Na melhor das hipóteses, poderia ser agora um Detroit Red velho e no ocaso, ainda marginal, ainda vivendo de golpes, conseguindo roubar apenas o suficiente para comida e narcóticos, sendo espreitado como possível presa por marginais mais jovens e cruelmente ambiciosos, como Detroit Red outrora também fora.

Mas Alá me abençoara, permitindo-me aprender a religião do Islã, o que me propiciara erguer-me acima do esterco e do lodaçal deste mundo podre.

E agora ali estava eu, como um orador convidado, em Harvard.

Uma história que eu lera na prisão, quando me enfronhara na mitologia grega, surgiu-me de repente na mente.

O menino Ícaro. Lembram-se da história?

O pai de Ícaro fizera asas, que grudara com cera. E dissera ao filho:

— Nunca voe muito alto com estas asas.

Mas alçando vôo, indo para um lado, indo para outro, Ícaro sentiu-se tão satisfeito por voar que começou a pensar que o estava fazendo por seu próprio mérito. E começou a voar mais para o alto, cada vez mais alto, até que o calor do sol derreteu a cera que prendia as asas. E Ícaro despencou lá de cima.

De pé ali, olhando por aquela janela da Faculdade de Direito de Harvard, prometi silenciosamente a Alá que jamais esqueceria que as asas que eu usava haviam sido postas em mim pela religião do Islã. E esse é um fato que jamais esqueci... nem por um segundo.

Capítulo Dezesseis

FORA

Em 1961, o estado do Sr. Muhammad agravou-se subitamente.

Quando conversava comigo nas ocasiões em que eu ia visitá-lo, quando conversava com qualquer pessoa, começava imprevisivelmente a tossir, cada vez mais forte, até que seu corpo se sacudia todo, em agonias que eram terríveis só de se ver. Era preciso levar o Sr. Muhammad para a cama.

A família e os principais auxiliares do Sr. Muhammad mantivemos a situação em segredo, enquanto foi possível. Eram bem poucos os muçulmanos que sabiam do verdadeiro estado do Sr. Muhammad, até que houve cancelamentos de último minuto de compromissos de aparecimentos pessoais há muito anunciados em algumas grandes concentrações muçulmanas. Os muçulmanos sabiam que apenas alguma coisa realmente grave poderia impedir o Mensageiro de cumprir os compromissos de comparecer às concentrações. As perguntas deles tinham de ser respondidas e a notícia da doença do nosso líder espalhou-se rapidamente pela Nação do Islã.

Quem não for um muçulmano não pode conceber o que representaria para os seus seguidores a possível perda do Sr. Muhammad. Para nós, a Nação do Islã era o Sr. Muhammad. O que nos ligava na melhor organização que os pretos americanos já tiveram era que cada devoto muçulmano encarava o Sr. Muhammad como o reformador moral, mental e espiritual da América preta.

Em outras palavras, nós, muçulmanos, nos considerávamos como exemplos morais, mentais e espirituais para os outros pretos americanos, porque seguíamos o exemplo pessoal do Sr. Muhammad. As comunidades pretas comentavam com respeito como os muçulmanos eram suspensos se mentissem, jogassem, trapaceassem ou fumassem. Para os crimes morais, como fornicação e adultério, o Sr. Muhammad impunha pessoalmente as sentenças, de um a cinco anos de "isolamento", se não mesmo a completa expulsão da Nação. E o Sr. Muhammad punia os seus ministros mais prontamente que o mais novo dos convertidos numa mesquita. Dizia que qualquer ministro que errasse traía tanto a si mesmo como à sua posição de líder e exemplo para os outros muçulmanos. Para cada muçulmano, em seus esforços para a rejeição das tentações imorais, o farol era o Sr. Muhammad.

Todos os muçulmanos sentiam que, sem a sua luz, ficaríamos mergulhados na escuridão.

Como já mencionei, os médicos recomendaram um clima seco para melhorar o estado do Sr. Muhammad. Descobrimos uma casa à venda em Phoenix, que pertencia ao saxofonista Louis Jordan. O tesouro da Nação comprou a casa e o Sr. Muhammad mudou-se para lá.

Somente sendo duas pessoas é que eu poderia trabalhar mais arduamente a serviço da Nação do Islã. Contribuíra para fomentar o progresso e o impacto nacional, tão grande que ninguém poderia chamar-nos de mentirosos se disséssemos que o Sr. Muhammad era o mais poderoso homem preto da América. Ajudara o Sr. Muhammad e seus outros ministros a revolucionarem o pensamento do homem preto americano, abrindo-lhe os olhos de tal forma que nunca mais tornaria a olhar para o homem branco com a mesma atitude temerosa e de veneração. Participara da divulgação das verdades que tanto haviam contribuído para ajudar o homem preto americano a livrar-se da miragem de que a raça branca era constituída por esses "superiores". Tivera uma parcela no desencadear de algo na alma secreta do homem preto.

Se acalentava algum desapontamento pessoal, era o de estar particularmente convencido de que nossa Nação do Islã poderia ser uma força ainda maior na luta global do homem preto americano... se nos empenhássemos em mais *ação*. O que estou querendo dizer é que, particularmente, deveríamos alterar ou relaxar a nossa política geral de não-engajamento. Achava que onde quer que os pretos estivessem engajados em suas lutas, como Little Rock, Birmingham e outros lugares, muçulmanos pretos militantes e disciplinados deviam estar também presentes, para que o mundo inteiro visse, respeitasse e comentasse.

Podia-se ouvir, cada vez mais, nas comunidades negras:

— Aqueles muçulmanos falam muito, mas nunca fazem coisa alguma, a menos que alguém os incomode.

Eu convivía com pessoas de fora mais que a maioria dos outros dirigentes muçulmanos. Podia perceber as verdadeiras conseqüências que, levando-se em consideração o ânimo volúvel das massas pretas, esse rótulo de "falamos apenas" podia acarretar para os muçulmanos. Por mais poderosos que fôssemos, um dia ficaríamos subitamente separados da linha de frente da luta dos negros.

Mas além dessa única preocupação pessoal, eu não poderia pedir a Alá que abençoasse meus esforços mais do que já estava fazendo. Na cidade de Nova York, o Islã estava crescendo mais depressa que em qualquer outro lugar da América. De uma pequena mesquita para a qual o Sr. Muhammad originalmente me enviara, eu tinha agora três das mais poderosas e agressivas mesquitas da Nação: a Sete-A do Harlem, em Manhattan, a Sete-B de Corona, em Queens, e a Sete-C, no Brooklyn. E numa escala nacional, eu fundara diretamente ou ajudara a fundar uma grande parte das cento e tantas mesquitas que agora existiam, nos 50 estados. Vivia cruzando a América do Norte de um

lado para outro, em muitas ocasiões até quatro vezes por semana. Frequentemente, só conseguia mesmo dormir nos aviões a jato. Estava mantendo uma verdadeira maratona de compromissos, concedendo entrevistas à imprensa, comparecendo a programas de rádio e televisão, falando em público. A única maneira pela qual podia cumprir o meu serviço para o Sr. Muhammad era voando com as asas que ele me dera.

Já em 1961, quando a doença do Sr. Muhammad se agravava, eu ouvia de vez em quando comentários negativos a meu respeito. Ouvia insinuações veladas. Percebia outros indícios da inveja e do ciúme que o Sr. Muhammad profetizara. Comentava-se, por exemplo, que "o Ministro Malcolm está tentando assumir o controle da Nação"; que eu estava "tomando todo o crédito" pelos ensinamentos do Sr. Muhammad; que eu estava tentando "construir um império" pessoal. Diziam que eu adorava bancar "o Mr. Importante, de costa a costa".

Para dizer a verdade, eu não ficava irritado ao ouvir tais coisas. Ajudavam-me a reforçar a minha determinação interior de que tais mentiras jamais se tornariam verdadeiras em relação a mim. Sempre me lembrava de que o Sr. Muhammad profetizara toda aquela inveja e ciúme. Isso me ajudava a ignorar os comentários, porque sabia que *ele* compreenderia, se algum dia ouvisse tais coisas.

Um rumor freqüente, entre os não-muçulmanos, era o de que "Malcolm X está ganhando um monte de dinheiro". Mas pelo menos todos os muçulmanos sabiam que isso não acontecia. *Eu* ganhando dinheiro? O FBI, a CIA e o Serviço do Imposto de Renda, combinados, não podem descobrir qualquer coisa que eu tenha, além de um carro para andar e uma casa de sete aposentos para viver (e, agora, a Nação do Islã está ciumenta e gananciosamente tentando me arrancar até mesmo essa casa). Eu tinha *acesso* ao dinheiro. Isso é verdade. Elijah Muhammad me autorizava a retirada de qualquer quantia que eu pedisse. Mas ele sabia, como qualquer dirigente muçulmano também sabia, que até o último níquel que já peguei sempre foi usado para promover a Nação do Islã.

Minha atitude em relação ao dinheiro gerou a única crise doméstica que já tive com minha amada esposa Betty. À medida que aumentava o número de filhos, aumentavam também as insinuações de Betty de que eu deveria providenciar *alguma coisa* para a nossa família. Mas sempre me recusei e finalmente tivemos uma briga por causa disso. Fiz pé firme. Sabia que tinha em Betty uma esposa que sacrificaria a sua própria vida por mim, se a ocasião se apresentasse. Argumentei que muitas organizações haviam sido destruídas por líderes que tentavam se beneficiar pessoalmente, muitas vezes impelidos pelas esposas. Quase nos separamos por causa dessa discussão. Finalmente convenci Betty de que, se alguma coisa um dia me acontecesse, a Nação do Islã tomaria conta dela pelo resto de sua vida, assim como de nossos filhos, até que estivessem crescidos. Eu não poderia ter sido um tolo maior!

Cada vez que eu falava no rádio ou televisão, em cada entrevista

de jornal, eu fazia sempre questão de deixar bem claro que era apenas o representante do Sr. Muhammad. Qualquer um que tenha me ouvido fazer um discurso em público nessa ocasião sabe que eu dizia pelo menos uma vez por minuto:

— O Sr. Muhammad ensina que...

Eu me recusava a falar com qualquer pessoa que tentasse fazer algum suposto “gracejo” a respeito da minha constante referência ao Sr. Muhammad. Sempre que alguém dizia ou escrevia “Malcolm X, o muçulmano preto número dois...”, eu ficava revoltado. Por várias vezes, telefonei para repórteres e locutores de rádio e televisão em outras cidades, pedindo que jamais tornassem a usar tal frase e explicando:

— Todos os muçulmanos não número dois... depois do Sr. Muhammad.

Minha pasta estava sempre repleta de fotografias do Sr. Muhammad. Entregava-as aos fotógrafos que tiravam chapas minhas. E telefonava depois para os editores, pedindo:

— Por favor, usem a fotografia do Sr. Muhammad em vez da minha.

Ficava na maior alegria quando o Sr. Muhammad concordava em conceder entrevista a repórteres brancos. Raramente falava a um repórter branco ou preto sem insistir para que visitasse pessoalmente o Sr. Muhammad, em Chicago, declarando:

— Ouça a verdade diretamente do Mensageiro.

E muitos foram a Chicago para entrevistar pessoalmente o Sr. Muhammad.

Tanto brancos como pretos, até mesmo muçulmanos, deixavam-me constrangido, sempre que me davam algum crédito pelos progressos constantes da Nação do Islã. Eu dizia a todos:

— Todo o louvor é devido a Alá. E se fiz alguma coisa que mereço crédito, foi só graças ao Sr. Elijah Muhammad.

Creio que nenhum homem na Nação do Islã poderia ter adquirido tanta proeminência internacional como ganhei com as asas que o Sr. Muhammad me deu, além de ter a liberdade que ele me concedia para fazer as coisas por minha própria iniciativa, e ainda assim permanecer um servidor tão fiel e desprendido quanto eu era.

Eu diria que foi em 1962 que comecei a perceber que cada vez apreciavam menos notícias a meu respeito no jornal da Nação, *Muhammad Speaks*. Descobri que o filho do Sr. Muhammad, Herbert, que era o editor do jornal, recebera instruções para publicar o menos possível a meu respeito. Na verdade, havia mais notícias do jornal muçulmano a respeito dos “líderes” negros integracionistas do que sobre mim. A imprensa européia, asiática e africana publicava muito mais notícias a meu respeito.

Jamais tive qualquer desejo de ter publicidade pessoal. Já recebera mais publicidade do que muitos personagens mundiais. Mas fiquei ressentido ao constatar que o próprio jornal muçulmano negava aos seus leitores o noticiário sobre as coisas importantes que eu fizera pe-

los muçulmanos, simplesmente porque fora eu quem as fizera. Estava promovendo grandes comícios, tentando propagar os ensinamentos do Sr. Muhammad. Por causa do ciúme e da mentalidade tacanha, chegou o momento em que eu já não tinha mais nenhuma cobertura. Houvera uma ordem para que o meu nome fosse totalmente excluído do jornal. Eu falava, por exemplo, para oito mil estudantes na Universidade da Califórnia. A imprensa de lá dava ampla cobertura ao que eu dissera sobre o poder e o programa do Sr. Muhammad. Mas quando chegava a Chicago, esperando pelo menos uma reação favorável e alguma cobertura, encontrava apenas uma recepção fria. A mesma coisa aconteceu quando, no Harlem, realizei um comício que atraiu sete mil pessoas. Nessa ocasião, o quartel-general em Chicago estava inclusive me desestimulando a promover grandes concentrações. Mas na semana seguinte realizei outro comício no Harlem, ainda maior e mais bem-sucedido que o primeiro. Evidentemente, isso só contribuiu para aumentar ainda mais a inveja do quartel-general em Chicago.

Mas eu preferia tirar esses problemas dos pensamentos, à medida que ocorriam. Pelo menos na medida em que era humanamente possível, não me preocupava com tais coisas. Não estou tentando bancar o certo e nobre ao falar assim. Estou simplesmente dizendo a verdade. *Amava* a Nação e o Sr. Muhammad. *Vivia* para a Nação e o Sr. Muhammad.

Mas outros dirigentes muçulmanos ficavam invejosos e ciumentos porque minha fotografia aparecia freqüentemente nos jornais. Não se lembravam de que isso acontecia porque eu defendia tão fervorosamente o Sr. Muhammad. Não pensavam que a Nação do Islã era extremamente vulnerável a rumores distorcidos e a mentiras diretas e por isso precisávamos de um porta-voz público, para negar constantemente as falsas acusações. O bom senso deveria dizer a qualquer um que o Sr. Muhammad certamente não poderia estar correndo de um lado para outro do país, como o seu próprio porta-voz. E quem quer que ele designasse como seu porta-voz, não poderia evitar a atenção da imprensa.

Sempre que eu surpreendia quaisquer pensamentos ressentidos na mente, sentia-me envergonhado de mim mesmo, considerando um sinal de fraqueza. Mas tinha certeza de que pelo menos o Sr. Muhammad sabia que minha vida era totalmente dedicada a representá-lo.

Durante o ano de 1963, no entanto, não pude mais deixar de ser hipersensível aos meus críticos nos altos escalões da Nação do Islã. Dei-xei de escolher alguns dos meus irmãos de Nova York e dar-lhes dinheiro para prepararem as condições para a criação de novas mesquitas em outras cidades... porque estavam fazendo alguns comentários sobre os “ministros de Malcolm”. Num momento na América em que era de extrema importância que uma voz preta militante atingisse as audiências de massa, a revista *Life* propôs-me uma reportagem pessoal e prontamente recusei. Tornei a recusar quando uma reportagem de capa me foi oferecida pela revista *Newsweek*. Recusei novamente

quando poderia ter sido um convidado num dos mais assistidos programas de televisão do país, *Meet the Press* (Encontro com a Imprensa). Cada recusa representava uma perda em termos gerais para o homem preto... e cada recusa era decidida por causa da atitude de Chicago. Havia inveja e ciúme porque eu fora convidado a receber tais destaques na imprensa e televisão.

Quando uma bala de rifle penetrou nas costas de Medgar Evers, secretário na NAACP, no Mississippi, eu queria falar as verdades brucas que precisavam ser ditas. Quando uma bomba explodiu numa igreja cristã negra em Birmingham, Alabama, extinguindo as vidas de quatro lindas meninas pretas, fiz alguns comentários... mas não o que se deveria dizer a respeito do clima de ódio que o homem branco americano estava gerando e acalentando. Quanto mais ódio se permitia ser desencadeado, quando havia meios para cometê-lo, mais temerário o ódio se tornava... até que finalmente estava irrompendo até mesmo contra o próprio homem branco, inclusive seus líderes. Em Dallas, Texas, por exemplo, o então vice-presidente e Sra. Johnson foram insultados da maneira mais vulgar que se podia imaginar. E o Embaixador dos Estados Unidos na ONU, Adlai Stevenson, foi atingido no rosto por cusparadas de um piquete de mulheres.

O Sr. Muhammad fez-me o primeiro Ministro Nacional da Nação. Numa grande concentração em Filadélfia, ao final de 1963, ele abraçou-me e disse à audiência:

— Este é o meu ministro mais fiel e empenhado em servir-me. Ele me seguirá até a morte.

Nunca antes o Sr. Muhammad fizera tamanho elogio a qualquer muçulmano. Nenhum elogio de qualquer outra pessoa do mundo teria representado mais para mim.

Mas aquela seria também a última vez em que o Sr. Muhammad e eu apareceríamos juntos em público.

Poucos antes, eu estava no programa de rádio de Jerry Williams, em Boston, quando alguém me entregou uma notícia que acabara de chegar pelo teletipo da Associated Press. Dizia que uma seção do Conselho de Cidadãos de Saint Louis acabara de oferecer uma recompensa de 10 mil dólares por minha morte.

Mas a ameaça de morte que pairava sobre mim era muito mais próxima que a de alguém na Louisiana.

O que vou contar é a pura verdade. Quando descobri quem mais me queria morto, quase fui parar no Bellevue.

Em meus 12 anos como um ministro muçulmano, sempre fui tão insistente nas questões morais que muitos muçulmanos acusavam-me de ser "contra as mulheres". A própria base das minhas preleções e a minha convicção pessoal mais profunda era a de que Elijah Muhammad, em todos os aspectos de sua existência, era um símbolo da reforma moral, mental e espiritual dos pretos da América. Durante 12 anos, eu ensinara que, em toda a Nação do Islã, minha própria transforma-

ção era o melhor exemplo que conhecia do poder do Sr. Muhammad de transformar as vidas dos homens pretos. Desde o momento em que entrara na prisão e até casar, cerca de 12 anos, por causa da influência do Sr. Muhammad, eu jamais tocara numa mulher.

Por volta de 1963, no entanto, se alguém observou atentamente, passei a falar cada vez menos em religião. Ensinava a doutrina social aos muçulmanos, falava nos acontecimentos atuais, discorria sobre política. Mantinha-me totalmente afastado da questão moral.

E a razão para isso é que minha fé fora profundamente abalada, de uma maneira que nem agora posso descrever direito. É que descobrira que os muçulmanos haviam sido traídos pelo próprio Elijah Muhammad.

Quero relatar o caso o mais rápido possível, dizendo apenas o suficiente para que minha posição e reações possam ser compreendidas. Quanto à dúvida se devo ou não relatar o caso, já não há mais necessidade de pensar a respeito, pois o público agora sabe de tudo. Para ser conciso, reproduzirei a notícia transmitida por uma agência noticiosa, conforme apareceu nos jornais e foi divulgada pelas emissoras de rádio e televisão, em todos os Estados Unidos:

"Los Angeles, 3 de julho (UPI) — Elijah Muhammad, de 67 anos, líder do movimento dos muçulmanos pretos, foi acusado hoje em processos de paternidade, movidos por duas antigas secretárias, que alegaram ser ele o pai de seus quatro filhos... As duas mulheres estão na casa dos 20 anos... A Srta. Rosary e a Srta. Williams afirmaram que tiveram intimidades com Elijah Muhammad de 1957 até este ano. A Srta. Rosary declarou que ele era o pai de seus dois filhos e que está esperando um terceiro filho dele... a outra queixosa disse que ele era o pai de sua filha..."

Já em 1955 eu ouvira insinuações. Mas podem estar certos de uma coisa: para mim, sequer considerarei a possibilidade de acreditar em insinuações tão absurdas de comportamento imoral do Sr. Muhammad... ora, simplesmente de pensar a respeito eu já começava a tremer de medo.

Assim, minha mente se recusou intransigentemente a aceitar algo tão grotesco como adultério, mencionado junto com o nome do Sr. Muhammad.

Adultério! Ora, qualquer muçulmano culpado de adultério imediatamente caía em desgraça. Um dos escândalos mais bem guardados da Nação era o de que diversas secretárias pessoais do Sr. Muhammad haviam ficado grávidas. Foram levadas a julgamento em tribunais muçulmanos e acusadas de adultério, todas confessando. Humilhadas dessa maneira, elas receberam sentenças de um a cinco anos de "isolamento". Isso significa que não teriam qualquer contato com outros muçulmanos durante esse período.

Não creio que eu possa dizer qualquer outra coisa que melhor testemunhe a profundidade da minha fé no Sr. Muhammad do que o fato de que rejeitava, total e absolutamente, as minhas próprias

informações. Eu simplesmente me recusava a acreditar. Não queria que Alá "queimasse meu cérebro", como achava que o cérebro do meu irmão Reginald fora queimado por acalentar pensamentos nocivos em relação ao Sr. Elijah Muhammad. Vi Reginald pela última vez no dia em que ele entrou no restaurante da Mesquita Sete. Vi-o passando pela porta. Fui ao seu encontro. Fitei meu próprio irmão nos olhos e disse-lhe que não era bem-vindo entre os muçulmanos. Reginald virou-se e foi embora; desde então, nunca mais o vi. Fiz isso com meu próprio irmão de sangue porque, anos antes, o Sr. Muhammad condenara Reginald ao "isolamento" de todos os outros muçulmanos... e eu considerava que era primeiro um muçulmano e depois irmão de Reginald.

Ninguém no mundo poderia convencer-me de que o Sr. Muhammad iria trair a reverência que lhe era conferida por todas as mesquitas, repletas de pobres e confiantes muçulmanos, poupando níqueis para fielmente sustentarem a Nação do Islã... quando muitos desses fiéis mal tinham com que pagar os seus próprios aluguéis.

Ao final de 1962, fui informado de que numerosos muçulmanos estavam deixando a Mesquita Dois, em Chicago. O rumor terrível se espalhava rapidamente, mesmo entre negros não-muçulmanos. Quando eu pensava como a imprensa estava sempre procurando meios de desacreditar a Nação do Islã, tremia só de pensar no que poderia acontecer se aquele rumor chegasse aos ouvidos de algum repórter de jornal, branco ou preto.

Comecei a ter pesadelos, podia ver as manchetes.

Estava dominado por um medo opressivo, enquanto continuava a falar publicamente por toda a América. Sempre que um repórter se aproximava, quase que podia ouvi-lo dizer:

— Sr. Malcolm X, é verdade o rumor de que...

E o que eu ia responder?

Não chegou a haver um momento específico em que eu tenha admitido o problema para mim mesmo. Conforme a mente humana pode fazer, dei um jeito de me esquivar ao fato terrível, até que comecei a enfrentá-lo sem ter antes admitido a perspectiva para mim mesmo.

Tanto em Nova York como em Chicago, não-muçulmanos que eu conhecia começaram a me dizer indiretamente que tinham ouvido... ou me perguntavam se eu sabia de alguma coisa. Eu me comportava como se não tivesse a menor idéia do que eles estavam falando... e me sentia grato quando preferiam não detalhar o que tinham ouvido. Continuei em frente, sabendo que parecia um idiota rematado aos olhos dessas pessoas. E eu me sentia mesmo como um idiota rematado, continuando a pregar todos os dias, aparentemente sem saber o que estava acontecendo debaixo do meu nariz, na minha própria organização, envolvendo o próprio homem a quem tanto elogiava. Parecer um idiota desenterrava emoções que eu não experimentava desde os tempos de marginal no Harlem. A pior coisa no mundo dos marginais é ser um trouxa.

Vou citar um exemplo. Um dia, nos bastidores do Apollo Theatre, no Harlem, o comediante Dick Gregory olhou para mim e disse:

— Cara, Muhammad não passa de um...

Não posso dizer a palavra que ele usou. *Pam!* Foi assim mesmo. Meus instintos de muçulmano diziam que devia atacar Dick... mas, ao invés disso, senti-me débil e vazio. Acho que Dick percebeu como fiquei transtornado, deixando-me mudar de assunto. Eu sabia que Dick era de Chicago, um homem que tinha a sabedoria das ruas, falava rudemente. Tive vontade de suplicar-lhe que não dissesse a ninguém mais o que acabara de me falar. Mas não pude fazê-lo; teria sido a minha própria admissão de que era verdade.

Não posso esquecer os tormentos por que passei naquela ocasião.

Antes, em qualquer situação difícil, eu sempre pegara o primeiro avião e fora procurar o Sr. Elijah Muhammad. Ele virtualmente me arrancava do meio dos mortos. Tudo o que eu era e que merecia algum crédito fora obra dele. Sentia que não podia abandoná-lo, não importava o que pudesse acontecer.

Não havia mais ninguém a quem eu pudesse levar o problema, a não ser o próprio Sr. Muhammad. Em último caso, era isso mesmo o que teria de ser feito. Primeiro, porém, fui a Chicago e procurei o segundo mais moço dos filhos do Sr. Muhammad, Wallace Muhammad. Achava que Wallace era o filho mais espiritual do Sr. Muhammad, o filho que possuía uma perspectiva mais objetiva das coisas. Wallace e eu sempre partilhávamos uma excepcional intimidade e confiança.

Wallace sabia, assim que me viu, por que eu o estava procurando. E me disse simplesmente:

— Já sei.

Falei que deveríamos nos unir para ajudar o pai dele. Wallace respondeu que, em sua opinião, o pai não acolheria qualquer esforço para ajudá-lo. Disse a mim mesmo que Wallace devia estar doido.

Em seguida, infringi o regulamento pelo qual nenhum muçulmano deve ter contato com outro muçulmano que esteja no estado "isolado". Fui conversar com três das antigas secretárias pessoais do Sr. Muhammad. De seus próprios lábios, ouvi o relato de quem era o pai dos filhos delas. E de seus próprios lábios soube também que Elijah Muhammad lhes dissera que eu era o melhor e o maior de todos os ministros que já tivera, mas que algum dia iria deixá-lo, virar-me contra ele... e por isso era "perigoso". Soube por essas ex-secretárias que o Sr. Muhammad, enquanto me elogiava pela frente, por trás estava tentando me destruir.

O que me deixou profundamente abalado.

Todos os dias, eu tinha de enfrentar microfones, câmeras, repórteres de jornais e outros compromissos, inclusive os muçulmanos da minha própria Mesquita Sete. Tive a sensação de que ia perder o juízo.

Cheguei finalmente a uma conclusão. Enquanto continuasse sem fazer nada, seria a mesma coisa que ser desleal. Enquanto continuasse sentado, de braços cruzados, não estaria ajudando o Sr. Muhammad... e no momento em que alguém precisava levantar e estender-lhe as mãos.

Assim, uma noite escrevi ao Sr. Muhammad sobre o veneno que estavam espalhando a seu respeito. Ele telefonou para mim em Nova York. Disse que discutiria o assunto assim que nos encontrássemos pessoalmente.

Eu queria desesperadamente encontrar algum meio, alguma espécie de ponte, pela qual a Nação do Islã pudesse ser salva da auto-destruição. Tinha fé total na Nação. Afinal, não éramos um grupo de negros cristãos, pulando e gritando, a lamentar seus pecados.

Pensei numa ponte que poderia ser usada, quando e se a revelação terrível se tornasse pública. Os muçulmanos leais poderiam ser ensinados de que as realizações de um homem na vida são mais importantes que as suas fraquezas humanas pessoais. Wallace Muhammad ajudou-me a repassar o Quran e a Bíblia, em busca de documentação. O adultério de Davi com Betsabá, por exemplo, valia menos em termos históricos do que o fato positivo de que Davi matara Golias. Pensando em Lot, não pensamos tanto em incesto, e sim no fato de que salvou sua gente da destruição de Sodoma e Gomorra. E a imagem que ficou de Noé não é a da sua embriaguez, mas sim do homem que construiu a Arca e salvou sua gente do dilúvio. Pensamos em Moisés libertando o povo hebreu da escravidão, não em Moisés cometendo adultério com as mulheres etíopes. Em todos os casos que eu analisava, o positivo superava o negativo.

Comecei a pregar na Mesquita Sete, em Nova York, que as realizações de um homem em sua vida superam as suas fraquezas humanas, pessoais. Dizia que as coisas boas que uma pessoa fazia eram mais importantes que os atos reprováveis. Jamais mencionava os assuntos anteriormente familiares de adultério e fornicção, jamais me referia aos crimes imorais.

Por algum milagre, os rumores de adultério tão disseminados em Chicago pareciam ter chegado apenas muito debilmente em Boston, Detroit e Nova York. Aparentemente, ainda não haviam atingido as outras mesquitas espalhadas pelo país. Fui informado de que era cada vez maior o número de muçulmanos que estavam deixando a Mesquita Dois, em Chicago. E muitos muçulmanos que anteriormente se mostravam simpáticos à Nação eram agora francamente antimuçulmanos. Em fevereiro de 1963 fui presidir a cerimônia de formatura na Universidade do Islã; quando apresentei diversos membros da família Muhammad, pude perceber a frieza com que foram recebidos pelos muçulmanos na audiência.

Em abril de 1963, Elijah Muhammad pediu-me que pegasse um avião e fosse visitá-lo em Phoenix.

Nós nos abraçamos, como sempre... e quase que imediatamente ele levou-me para fora de casa e nos pusemos a andar à beira da piscina.

Ele era O Mensageiro de Alá. Quando eu era um condenado sórdido e depravado, tão terrível que os outros presos me chamavam de Sātā, fora aquele homem que me salvara. Era o homem que me preparara, que me tratara como se fosse alguém de sua própria carne e san-

gue. Era o homem que me dera asas... para ir a lugares, para fazer coisas que, se não fosse por isso, eu jamais teria sonhado. Ficamos andando em torno da piscina; eu estava dominado por um turbilhão de emoções.

— Então, filho, o que está pensando? — indagou o Sr. Muhammad.

Objetivamente, francamente, sem rodeios, contei ao Sr. Muhammad os rumores que estavam circulando. E sem esperar por qualquer resposta dele, acrescentei que, com a ajuda de seu filho Wallace, encontrara no Quran e na Bíblia o que poderia ser dito aos muçulmanos, se houvesse necessidade, como a consumação da profecia.

— Não estou surpreso, filho — disse Elijah Muhammad. — Você sempre teve uma boa compreensão da profecia e das coisas espirituais. É capaz de reconhecer o que realmente representa tudo isso: a profecia. Possui o tipo de compreensão que somente um velho tem.

O Sr. Muhammad fez uma pausa, antes de acrescentar:

— Sou Davi. Quando você lê na Bíblia como Davi tomou a esposa de outro homem, sou esse Davi. Leu a respeito de Noé, que se embriagava. Sou Noé. Leu a respeito de Lot, que ia para a cama com as próprias filhas. Tenho de cumprir todas essas coisas. É a profecia.

Lembrei-me de que, quando uma epidemia está prestes a atingir algum lugar, as pessoas da comunidade são inoculadas contra o contágio pelos mesmos germes que estão sendo esperados, ficando assim em condições de resistir ao vírus iminente.

Decidi que era melhor preparar seis outros dirigentes muçulmanos, aos quais escolhi cuidadosamente, para o que pudesse acontecer.

Contei-lhes tudo. E depois expliquei por que estava contando: achava que não deveriam ser apanhados de surpresa e dominados pelo choque se tivessem de ensinar aos muçulmanos em suas mesquitas a “consumação da profecia”. Descobri que alguns já tinham ouvido falar a respeito; um deles, o ministro Louis X, de Boston, soubera dos rumores sete meses antes. Eles já vinham convivendo com aquele dilema terrível.

Nunca imaginei que os dirigentes muçulmanos de Chicago iam fazer com que parecesse que eu estava jogando gasolina no fogo, ao invés de água. Jamais sonhei que iam tentar fazer com que parecesse que, ao invés de inocular contra uma epidemia, eu é que a desencadeara.

O cenário estava sendo armado em Chicago para que os muçulmanos desviassem sua atenção da epidemia e a concentrassem... em mim.

Odiar-me iria se tornar a causa para que as pessoas com a fé abalada pudessem se reunir.

Negros não-muçulmanos que me conheciam bem e até mesmo alguns dos repórteres brancos com os quais mantinha um contato regular estavam me dizendo, quase em toda a parte em que aparecia:

— Está parecendo extremamente cansado, Malcolm X. Precisa descansar um pouco.

Eles não tinham a menor idéia do que estava acontecendo. Desde que eu me tornara muçulmano, era a primeira vez que brancos se interessavam por mim em caráter pessoal. Um deles, cujo nome não vou dizer para que não perca o emprego, chegou a dizer-me:

— Malcolm X, os brancos precisam de sua voz mais do que os negros.

Lembro-me nitidamente desse comentário porque antecedeu a primeira conversa que tive, desde que me tornara muçulmano, com um homem branco sobre algum assunto que não fosse a Nação do Islã e a luta atual do homem preto americano.

Não me lembro como ou por que ele mencionou de passagem os Pergaminhos do Mar Morto. Fiz um comentário mais ou menos assim:

— Esses pergaminhos vão tirar Jesus dos vitrais e afrescos em que ele aparece imaculado como um lírio e devolvê-lo ao verdadeiro fluxo da história, no qual Jesus figura realmente como um não-branco.

O repórter ficou surpreso e acrescentei que os Pergaminhos do Mar Morto iam confirmar que Jesus era um membro da fraternidade de videntes egípcios conhecida como Essênios, um fato já conhecido por Philo, o famoso historiador egípcio da época de Jesus. O repórter e eu passamos duas horas a conversar sobre arqueologia, história e religião. Foi extremamente agradável. Quase esqueci as terríveis preocupações que tinha na mente... por aquela breve trégua. Lembro que acabamos concordando que, por volta do ano 2000, todas as crianças aprenderiam na escola a verdadeira cor dos grandes homens da antiguidade.

Já falei que esperava manchetes a qualquer momento. Mas não esperava absolutamente a manchete que aconteceu.

Ninguém precisa ser recordado de quem foi assassinado em Dallas, Texas, a 22 de novembro de 1963.

Horas depois do assassinato, e não estou contando nada mais além da verdade, cada ministro muçulmano recebeu do Sr. Elijah Muhammad uma instrução; ou melhor, *duas* instruções. Todos os ministros receberam ordem de não fazer qualquer comentário a respeito do assassinato. O Sr. Muhammad determinou que, se nos pressionassem por comentários, deveríamos simplesmente dizer: “Sem comentários.”

Durante o período de três dias em que não se podia ler nem ouvir qualquer outra notícia que não a respeito do presidente assassinado, o Sr. Muhammad tinha um compromisso anteriormente marcado para falar em Nova York, no Manhattan Center. Ele cancelou a sua presença. Como não pudemos recuperar o dinheiro já pago pelo aluguel do centro, o Sr. Muhammad disse-me que falasse em seu lugar. E eu falei.

Muitas vezes, desde então, tenho examinado as anotações de discurso que usei naquele dia e que haviam sido preparadas pelo menos uma semana antes do assassinato. O título do meu discurso foi “O Julgamento de Deus da América Branca”. Era sobre o tema, familiar para mim, de “assim como semear, assim colherás”, ou como o hipócrita homem branco americano estava colhendo o que semeara.

Quando se iniciou o período de perguntas-e-respostas, imaginei que, inevitavelmente, alguém me perguntaria:

— O que acha do assassinato do Presidente Kennedy? Qual é a sua opinião?

Sem pensar duas vezes, respondi o que sinceramente pensava: que era, a meu ver, um caso típico de “tiro que saía pela culatra”. Expliquei que o ódio nos homens brancos não se havia detido com a morte de pretos indefesos; esse ódio, que haviam permitido que se espalhasse sem qualquer controle, acabara agora por atingir o próprio Chefe de Estado deste país. Acrescentei que era a mesma coisa que acontecera com Medgar Evers, Patrice Lumumba e com o marido de Madame Nhu.

As manchetes e os noticiários de rádio e televisão prontamente repetiram a minha imagem: “*Malcolm X dos Muçulmanos Pretos: ‘Tiro Saiu Pela Culatra’.*”

Sinto-me cansado e enojado só de pensar em tudo isso agora. Por toda a América, por todo o mundo, alguns dos mais importantes personagens internacionais estavam dizendo, de várias maneiras e muito mais incisivamente, que o clima de ódio predominante na América é que era responsável pela morte do presidente. Mas quando Malcolm X disse a mesma coisa, a declaração assumiu um caráter sinistro.

Deveria fazer minha visita mensal regular ao Sr. Muhammad no dia seguinte. Já no avião, tive o pressentimento de que algo de grave iria acontecer. Sempre tive uma intuição muito forte.

O Sr. Muhammad e eu nos abraçamos, como sempre fazíamos. Mas senti que faltava alguma coisa na cordialidade habitual dele. E fiquei subitamente tenso. Para mim, isso era bastante significativo. Durante anos, orgulhara-me de que o Sr. Muhammad e eu éramos tão chegados que podia sentir a maneira como ele se sentia, pela maneira como me sentia. Se ele estava nervoso, eu também me sentia nervoso. Se ele estava desconfiado, eu também me sentia assim. Agora, eu sentia uma tremenda tensão...

Primeiro, falamos de outras coisas, sentados na sala de estar da casa dele. Depois, o Sr. Muhammad perguntou-me:

— Já viu os jornais de hoje?

— Já, sim, senhor.

— Foi uma declaração muito ruim. O país amava aquele homem. Todo o país está de luto. Foi bastante inoportuno. Uma declaração assim pode ser bastante prejudicial aos muçulmanos em geral.

E depois, como se a voz do Sr. Muhammad viesse de muito longe, ouvi as seguintes palavras:

— Vou ter de silenciá-lo pelos próximos 90 dias... a fim de que os muçulmanos por toda parte possam se dissociar do seu erro crasso.

Fiquei aturdido.

Mas era um seguidor do Sr. Muhammad. Muitas vezes, dissera aos meus próprios auxiliares que qualquer pessoa em posição de disciplinar outras deve ser capaz também de aceitar medidas disciplinares. Assim, declarei ao Sr. Muhammad:

— Senhor, concordo com a sua decisão e me submeto cem por cento.

Voei de volta a Nova York, preparando-me psicologicamente para contar aos meus auxiliares na Mesquita Sete que fora suspenso... ou “silenciado”.

Ao chegar, fiquei atônito ao descobrir que meus auxiliares já haviam sido informados.

E o que me deixou ainda mais espantado: um telegrama fora enviado a todos os jornais e emissoras de rádio e televisão de Nova York. Era o mais rápido e metucioso trabalho de publicidade que eu já vira ser realizado pelos dirigentes de Chicago.

Todos os telefones em que eu podia ser encontrado estavam tocando sem parar. Londres. Paris. AP, UPI. Cada emissora de rádio e televisão e todos os jornais estavam me procurando. Contei-lhes tudo:

— Desobedei ao Sr. Muhammad. Submeto-me inteiramente à sabedoria dele. Espero estar falando novamente dentro de 90 dias.

A manchete era inevitável: “*Malcolm X Silenciado!*”

Minha maior preocupação era a de que, se algum escândalo prejudicial à Nação do Islã irrompesse nos próximos 90 dias, eu estaria amordaçado, quando poderia ser de grande ajuda, já que era o homem mais experiente entre os muçulmanos no atrito com os meios de comunicação, que certamente procurariam tirar o maior proveito do escândalo.

Descobri logo em seguida que o meu “silêncio” era ainda mais total do que imaginara. Eu não apenas estava proibido de falar à imprensa, como também nem mesmo podia ensinar na Mesquita Sete.

Em seguida, houve um comunicado à Nação do Islã de que eu seria reintegrado dentro de 90 dias, “*se ele se submeter*”.

Isso me deixou desconfiado... pela primeira vez. Afinal, eu me submetera totalmente. Mas, deliberadamente, estavam procurando dar aos muçulmanos a impressão de que eu me rebelara.

Não fora marginal das ruas durante anos a troco de nada. Sabia quando estavam me preparando uma armadilha.

Três dias depois, fui informado de que um dirigente da Mesquita Sete, que fora anteriormente um dos meus principais auxiliares, estava dizendo a alguns irmãos:

— Se soubessem o que o Ministro fez, sairiam daqui imediatamente para matá-lo.

Foi então que compreendi tudo. Como qualquer dirigente da Nação do Islã imediatamente teria sabido, qualquer conversa de morte para mim só poderia ser aprovada — senão mesmo iniciada — por um único homem.

Experimentei a sensação de que a cabeça estava sangrando por dentro. Tinha a sensação de que meu cérebro estava avariado. Fui procurar a Dra. Leona. A. Turner, que há anos era médica da minha família, com consultório em East Elmhurst, Long Island. Pedi-lhe que me examinasse o cérebro.

E ela examinou. Declarou que eu estava sob grande tensão... e precisava urgentemente de repouso.

Cassius Clay e eu não estamos juntos hoje. Mas sempre me senti grato pelo que ele fez naquela ocasião, quando estava em Miami, preparando-se para lutar com Sonny Liston. Cassius convidou-me, a Betty e às crianças, para irmos até lá como seus convidados. Era um presente do sexto aniversário de casamento para Betty e eu.

Conheci Cassius Clay em Detroit, em 1962. Ele e seu irmão Rudolph entraram na Lanchonete dos Estudantes, que ficava ao lado da Mesquita de Detroit, onde Elijah Muhammad estava prestes a falar, numa grande concentração. Cada muçulmano presente ficou impressionado com o porte e a autenticidade evidente daquela dupla de irmãos lutadores de boxe. Cassius aproximou-se e apertou-me a mão vigorosamente, apresentando-se da mesma forma como mais tarde se apresentaria ao mundo:

— Sou Cassius Clay.

Ele se comportava como se eu devesse saber quem era. Assim, comortei-me como se soubesse. Até aquele momento, porém, jamais tinha ouvido falar dele. Vivíamos em dois mundos inteiramente diferentes. Na verdade, Elijah Muhammad ensinava aos muçulmanos que devíamos ser contra todas as formas de esporte.

Quando Elijah Muhammad falou, os irmãos Clay praticamente comandaram os aplausos, impressionando ainda mais a todos com sua sinceridade... já que uma concentração de muçulmanos era o último lugar do mundo em que se poderia encontrar fãs de lutas de boxe.

A partir de então, volta e meia eu era informado de que Cassius aparecera em mesquitas e restaurantes muçulmanos em diversas cidades. E se por acaso eu aparecia para falar em algum lugar a uma distância razoável da cidade em que Cassius se encontrava, ele invariavelmente ia me ouvir. Eu gostava dele. Cassius possuía um entusiasmo contagiante, a tal ponto que foi uma das poucas pessoas que já convidei a ir à minha casa. Betty gostava dele. As crianças eram loucas por ele. Cassius era simplesmente um jovem simpático, jovial, franco, de pés no chão. Percebi desde o início como ele era alerta até mesmo nas pequenas coisas. Desconfiei que havia um plano por trás das palhaçadas que fazia em público. Desconfiei e Cassius me confirmou que estava fazendo tudo o que era possível para iludir Sonny Liston, levando-o a entrar no ringue furioso, mal treinado e excessivamente confiante, esperando outro dos seus tão gabados nocautes no primeiro round. Cassius não apenas era receptivo a conselhos, como até os solicitava. Basicamente, procurei adverti-lo de que o sucesso de uma personalidade pública depende, em grande parte, de quão alerta e perceptivo se mostra às verdadeiras naturezas e motivos das pessoas que o cercam. Alertei-o contra as “raposas”, a expressão que ele usava para se referir às jovens atraentes e agressivas que viviam atrás dele. Disse a Cassius que elas não eram propriamente “raposas”, sendo mais apropriado chamá-las de lobas.

Foram as primeiras férias de Betty desde que nos casáramos. E nossas três filhas brincaram a valer com o desafiante do campeão mundial de boxe.

Não sei o que poderia ter acontecido se eu ficasse em Nova York durante aquele período crucial, assediado por telefones a tocarem insistentemente, procurado pela imprensa e por incontáveis pessoas ansiosas em tripudiarem, especularem ou se “compadecerem”.

Eu me encontrava em estado de choque emocional. Era como alguém que durante 12 anos tivera um casamento feliz e inseparável... e bruscamente, numa bela manhã, à mesa do café, o cônjuge empurra por cima da mesa o pedido de divórcio para ser assinado.

Sentia-me como se algo na natureza tivesse de repente falhado, como se o sol ou as estrelas não tivessem aparecido no céu. Era um fenômeno inacreditável assim para mim, algo estupendo demais para que pudesse ser concebido. Não estou tentando me poupar. No campo de treinamento de Cassius Clay, no Motel Hampton House, onde minha família estava hospedada, conversei com minha esposa e outras pessoas. Mas, na verdade, estava apenas pronunciando palavras que nada significavam para mim. O que quer que eu dissesse na ocasião estava sendo formulado apenas por uma pequena parte da minha mente. O resto da mente estava ocupado por um desfile de mil e uma cenas diferentes dos últimos 12 anos... cenas nas mesquitas muçulmanas... cenas com o Sr. Muhammad... cenas com a família do Sr. Muhammad... cenas com muçulmanos, individualmente, como minhas audiências, em nossas reuniões sociais... e cenas com o homem branco nas audiências e na imprensa.

Eu andava, falava, fazia tudo o que tinha de fazer. No campo de treinamento de Cassius Clay, dizia repetidamente a diversos repórteres esportivos o que gradativamente passara a saber interiormente que era uma mentira: que não tinha a menor dúvida de que seria reintegrado em todas as minhas funções depois de transcorridos os 90 dias fixados. Mas ainda não estava psicologicamente preparado para enfrentar o que eu já sabia: que a Nação do Islã e eu estávamos para sempre fisicamente divorciados. Podem compreender o que estou querendo dizer? A assinatura de um juiz num pedaço de papel pode conceder o divórcio físico a um casal... mas para qualquer um deles ou talvez para ambos, se o casamento era muito unido, pode levar anos para que se tornem *psicologicamente* divorciados.

Mas no divórcio físico, eu não podia esquivar-me às estratégias e conspiração óbvias que se irradiavam de Chicago para eliminar-me da Nação do Islã... senão mesmo deste mundo. E eu achava que podia perceber a anatomia da conspiração.

Qualquer muçulmano poderia perceber que a minha declaração não passara de um pretexto para executar o plano da minha expulsão da Nação. E a primeira etapa já fora executada: haviam procurado transmitir aos muçulmanos que eu me rebelara contra o Sr. Muhammad. Podia agora prever a segunda etapa: ficaria “suspenso” (e mais

tarde seria “isolado”) indefinidamente. A terceira etapa seria estimular algum muçulmano ignorante da verdade a se incumbir de matar-me, como um “dever religioso”... ou “isolar-me” de tal forma que eu gradativamente desapareceria da cena pública.

A única pessoa que sabia de tudo era minha esposa. Eu nunca imaginara que um dia iria depender tanto de uma mulher, para me proporcionar a força necessária, quanto agora dependia de Betty. Não conversávamos a respeito. Betty não fazia qualquer comentário, sendo uma esposa do calibre que é, com a profunda compreensão que possui. Mas eu podia sentir todo o envolvimento de seu apoio. Sabia que ela era uma servidora tão fiel de Alá quanto eu, assim como sabia também que Betty ficaria ao meu lado, o que quer que pudesse acontecer.

A perspectiva de morte não era o meu maior temor. A cada segundo dos meus 12 anos com o Sr. Muhammad, sempre estivera pronto a dar minha vida por ele. Para mim, a coisa pior do que a morte era a traição. Podia conceber a morte. Não podia conceber a traição... não da lealdade que eu sempre dera à Nação do Islã e ao Sr. Muhammad. Durante os 12 anos anteriores, se o Sr. Muhammad tivesse cometido algum crime punido com a morte, eu teria dito e tentado provar que era o culpado, para salvá-lo. Seria capaz de ir para a cadeira elétrica, como fiel servidor do Sr. Muhammad.

Como convidado de Cassius Clay em Miami, tentei desesperadamente afastar a mente dos meus problemas pessoais e concentrá-la nos problemas da Nação. Ainda me debatia para tentar persuadir-me de que o Sr. Muhammad estava cumprindo a profecia. Porque realmente acreditava que se o Sr. Muhammad não era Deus, então certamente estava logo depois de Deus.

O que começou a destruir a minha fé, por mais que tentasse impedir que isso acontecesse, foi o fato de que não podia me esquivar à certeza de que o Sr. Muhammad, ao invés de enfrentar seus seguidores com os atos que cometeu, apresentando-os como fraquezas humanas ou consumação da profecia — e acredito sinceramente que os muçulmanos teriam compreendido ou pelo menos aceitado —, estava tentando ocultar ou encobrir o que fizera.

Foi o grande golpe para mim.

Foi quando comecei a compreender que acreditara no Sr. Muhammad mais do que ele acreditara em si mesmo.

E foi assim que, depois de 12 anos sem jamais pensar em mim mesmo por mais de cinco minutos, fui finalmente capaz de reunir a coragem e força necessárias para começar a enfrentar os fatos, pensar por mim mesmo.

Deixei a Flórida brevemente, a fim de levar Betty e as meninas de volta à nossa casa em Long Island. Soube que os dirigentes muçulmanos de Chicago estavam ainda mais irritados comigo por causa do noticiário da imprensa sobre a minha presença no campo de treinamento de Cassius Clay. Achavam que Cassius Clay não tinha a menor possibilidade de vencer. Achavam que a Nação seria prejudicada com

a vinculação da imagem muçulmana a ele, por meu intermédio (não sei se o campeão hoje se importa em recordar que a maioria dos jornais da América estava representada em seu campo de treinamento naquela ocasião... à exceção do *Muhammad Speaks*. Muito embora Cassius fosse um irmão muçulmano, o jornal muçulmano achava que sua luta não merecia uma cobertura).

Voltei de avião para Miami sentindo que era intenção de Alá que eu ajudasse Cassius a provar a superioridade do Islã perante o mundo, provando que a mente pode triunfar sobre os músculos. Não preciso recordar a ninguém como todo mundo desdenhava a possibilidade de Cassius Clay derrotar Liston.

Desta vez, levei de Nova York algumas fotografias de Floyd Patterson e Sonny Liston em seus campos de treinamento, nas quais apareciam sacerdotes brancos como seus "conselheiros espirituais". Cassius Clay, sendo um muçulmano, não precisava que ninguém lhe dissesse como o cristianismo branco tratara o homem preto americano.

— Essa luta é a *verdade* — falei para Cassius. — A Cruz e o Crescente vão se enfrentar num ringue, pela primeira vez. É como uma Cruzada moderna, com um cristão e um muçulmano se enfrentando, as câmeras de televisão transmitindo para o mundo inteiro, através do Telstar, o que vai acontecer! Acha que Alá propiciou tudo isso para que você deixe o ringue de outra forma que não como o campeão?

(Devem estar lembrados que, por ocasião da pesagem, Cassius gritava coisas como: "Está profetizado que serei o vitorioso! Não posso ser derrotado!")

Os manipuladores e conselheiros de Sonny Liston faziam-no se empenhar mais a fundo para "integrar-se" do que nos treinamentos para enfrentar Cassius. Liston finalmente conseguira alugar uma casa grande num bairro branco exclusivo. Para que possam ter uma idéia, basta dizer que o proprietário da casa ao lado, Dan Topping, era o dono do clube de beisebol Yankees, de Nova York. No início da noite, quando Cassius e eu saíamos às vezes a passear pelos lugares em que viviam os pretos, os negros ficavam boquiabertos de surpresa por vê-lo ali e não entre os brancos, como preferiam quase todos os campeões negros. Inúmeras vezes, Cassius surpreendeu ainda mais esses negros ao dizer-lhes:

— Vocês são a minha gente, e é de vocês que tiro toda a minha força.

O que Sonny Liston estava prestes a enfrentar era uma das coisas mais temíveis que podem surgir diante de alguém: alguém que cultua Alá e não sente qualquer medo.

Entre as oito mil pessoas com assentos numerados no grande Salão de Convenções de Miami, fiquei com o número sete. O sete sempre foi o meu número predileto. Sempre me acompanhara, por toda a minha vida. Encarei isso como uma mensagem de Alá, confirmando que Cassius Clay ia vencer. Juntamente com Cassius, eu estava realmente

mais preocupado com as possibilidades de seu irmão Rudolph, que iria travar a sua primeira luta como profissional nas preliminares.

Enquanto Rudolph lutava e vencia por pontos, em quatro *rounds*, um negro da Flórida chamado *Chip Johnson*, Cassius permaneceu nos fundos do auditório calmamente, metido num *smoking* preto. Depois de todos aqueles meses de extravagâncias, depois do espetáculo que Cassius oferecera na pesagem, aquela calma deveria ter servido de aviso a alguns repórteres esportivos que estavam prevendo o massacre dele.

Depois, Cassius desapareceu, indo vestir-se para a luta com Liston. Conforme havíamos combinado, juntei-me a ele numa prece silenciosa pelas bênçãos de Alá. Finalmente, Cassius e Liston estavam em seus cantos no ringue. Cruzei os braços e tentei parecer o homem mais calmo e controlado entre todos os espectadores, porque uma câmera de televisão pode mostrá-lo parecendo um idiota, a gritar e a torcer numa luta de boxe.

Exceto pelo elemento químico qualquer que penetrou nos olhos de Cassius, deixando-o temporariamente cego no quarto e quinto *rounds*, a luta transcorreu de acordo com os planos dele. Conseguiu esquivar-se aos socos potentes de Liston. No terceiro *round*, começou automaticamente o cansaço do envelhecido Liston, que se mostrara excessivamente confiante e se preparara apenas para dois *rounds*. Desesperado, Liston acabou perdendo. O segredo para uma das vitórias mais surpreendentes da história do boxe foi que, meses antes daquela noite, Cassius superara Liston na inteligência.

Provavelmente nunca houve uma festa tão tranqüila para um novo campeão do mundo. O rei juvenil do ringue foi para o meu motel. Tomou sorvete, bebeu leite, conversou com o astro do futebol Jimmy Brown e outros amigos, além de alguns repórteres. Sentindo sono, Cassius tirou um cochilo em minha cama e depois foi para casa.

Tomamos café juntos na manhã seguinte, pouco antes da entrevista coletiva em que Cassius calmamente anunciou o que a imprensa internacional publicou em manchete: que ele era um "muçulmano preto".

Mas deixem-me contar algo a respeito. Cassius jamais se declarou membro de qualquer organização de "muçulmanos pretos". Os repórteres é que tiraram essa idéia de sua declaração, que foi a seguinte:

— Creio na religião do Islã, o que significa que creio que não existe outro Deus que não Alá e que Maomé é Seu Apóstolo. Essa é a mesma religião de mais de 700 milhões de pessoas de pele preta, através da África e Ásia.

Em meio à tremenda repercussão, nada foi mais ridículo do que a declaração de Floyd Patterson de que era católico e queria lutar com Cassius Clay, a fim de evitar que a coroa dos pesos-pesados continuasse em poder de um muçulmano. Era um caso triste de um preto cristão, que sofrera uma lavagem cerebral tão grande que estava disposto a lutar pelo homem branco... que não queria saber dele. Menos de três semanas depois, os jornais noticiaram que em Yonkers, Nova York,

Patterson estava pondo à venda sua casa de 140 mil dólares, com um prejuízo de 20 mil dólares. É que ele se “integrara” num bairro de brancos, que estavam tornando sua vida miserável. Nenhum deles se mostrava amistoso. As crianças só chamavam os filhos de Patterson de *niggers*. Um vizinho treinara seu cachorro para estragar o jardim de Patterson. Outro erguera um muro para esconder os negros. Patterson disse aos repórteres:

— Bem que tentei, mas não deu certo.

A primeira ordem direta para a minha morte foi emitida por intermédio de um dirigente da Mesquita Sete, que fora anteriormente um dos meus auxiliares mais chegados. Outro dos meus antigos auxiliares foi designado para executar o serviço. Era um irmão com conhecimentos de explosivos; pediram-lhe que colocasse uma bomba em meu carro, para explodir assim que eu virasse a chave de ignição. Mas esse irmão conhecia a minha total lealdade à Nação e não podia executar tal ordem. Em vez disso, foi procurar-me. Agradei-lhe por minha vida. Contei o que estava realmente acontecendo em Chicago. Ele ficou completamente atordoado.

Esse irmão era muito ligado a outros da Mesquita Sete que poderiam subsequenteemente ser encarregados de me eliminar. Ele declarou que se encarregaria de esclarecer devidamente a todos sobre o que estava acontecendo, para evitar que fossem usados.

Foi com essa primeira ordem expressa para a minha morte que finalmente comecei a me divorciar psicologicamente da Nação do Islã.

Aonde quer que fosse, nas ruas, lojas, elevadores, calçadas, carros que passavam, comecei a reparar nos rostos de muçulmanos que conhecia. Sabia que qualquer um deles podia estar aguardando uma oportunidade de me liquidar com um tiro.

Comecei a pensar desesperadamente. Minha vida estava irremediavelmente comprometida com a luta do homem preto americano. De um modo geral, eu era encarado como um “líder”. Por muitos anos, atacara inúmeros dos supostos “líderes pretos” por suas fraquezas e omissões. Agora, tinha de perguntar a mim mesmo, com toda sinceridade, o que tinha a oferecer, como estava genuinamente qualificado a ajudar o homem preto a vencer sua luta pelos direitos humanos. Tinha experiência suficiente para saber que, a fim de ser um bom organizador de qualquer coisa com uma chance mínima de sucesso, inclusive de si mesmo, é preciso antes analisar quase matematicamente os fatos.

Eu sabia que contava com uma vantagem: tinha uma imagem internacional. Nenhum dinheiro poderia comprar isso. Sabia que, se dissesse alguma coisa que merecesse virar notícia, as pessoas iriam ler ou ouvir, talvez mesmo no mundo inteiro, dependendo do que fosse. Em termos mais imediatos, na cidade de Nova York, onde naturalmente teria que basear qualquer operação, sabia que contava com um apoio direto e pessoal de não-muçulmanos. Esse apoio vinha aumentando constantemente desde que eu comandara os muçulmanos no protesto

dramático contra a polícia, por ocasião do espancamento do Irmão Hinton. Centenas de negros do Harlem haviam visto e centenas de milhares tinham ouvido falar como quase tudo podia ser conseguido por homens pretos que enfrentassem o homem branco sem medo. Todo o Harlem sabia como, a partir daquele incidente, a polícia passara a respeitar os muçulmanos. Foi nessa ocasião que o Inspetor-Chefe que era o subcomandante da 28ª Delegacia comentou a meu respeito:

— Nenhum homem deveria ter tanto poder assim.

Ao longo dos anos subsequentes, eu tivera diversos indícios de que uma elevada porcentagem dos pretos da cidade de Nova York reagia ao que eu dizia, inclusive muitos que jamais o admitiriam publicamente. Quando eu falava em comícios de rua, por exemplo, atraía 10 ou 12 vezes mais pessoas que a maioria dos outros “líderes negros”. Sabia que, em qualquer sociedade, um verdadeiro líder é aquele que conquista e merece os partidários com que conta. Os verdadeiros adeptos o procuram, por vontade própria, movidos por suas emoções. Eu sabia que o grande defeito dos famosos “líderes negros” era a falta de um relacionamento autêntico com os negros do gueto. Como poderiam ter qualquer relacionamento se passavam a maior parte do seu tempo se “integrando” com brancos? Sabia ainda que os habitantes do gueto tinham certeza de que eu jamais deixara o gueto em espírito e não me afastara fisicamente mais do que o necessário. Ainda possuía o instinto do gueto. Podia, por exemplo, sentir se a tensão estava acima do normal numa audiência do gueto. E podia falar e compreender a linguagem do gueto. Houve um exemplo disso que sempre me surgia à mente cada vez que ouvia algum dos “líderes negros famosos” declarar que “falava pelos pretos do gueto”.

Depois de um comício de rua do Harlem, um desses “líderes” e eu estávamos conversando quando fomos abordados por um marginal do Harlem. Ao que eu saiba, nunca tinha visto antes esse marginal. E ele me disse mais ou menos o seguinte:

— Ei, cara! Estou sabendo que está dando uma grande... Vou jogar uma baba de quiabo no judeu para arrancar um dezinho e dar as caras na pista... A maré está braba e tenho de me virar para não ficar no zero... E agora, cara, vou me mandar, para pegar um rango por aí e depois puxar um ronco...

E o marginal se afastou pela Sétima Avenida.

Eu não teria pensado duas vezes no assunto se o tal “líder” não ficasse olhando para o marginal com uma expressão aturdida, como se tivesse acabado de ouvir alguém falar em sânscrito. Ele perguntou-me o que o homem acabara de dizer e expliquei. O marginal dissera que sabia que os muçulmanos iam realizar um bazar preto no Rockland Palace, que é um salão de dança. Tencionava empenhar um terno por 10 dólares, para poder comparecer. Tinha pouco dinheiro, mas estava fazendo tudo para ganhar algum. Ia comer alguma coisa e depois dormir um pouco.

O que estou querendo mostrar é que, como um “líder”, eu podia

falar pelos microfones da ABC, CBS ou NBC, em Harvard ou em Tuskegee; podia falar com os chamados negros da "classe média" e com os pretos do gueto (enquanto os outros líderes simplesmente falavam *a respeito* deles). E como eu fora um marginal, sabia melhor que todos os brancos e melhor que quase todos os "líderes" pretos que o mais perigoso homem preto da América era o marginal do gueto.

Por que digo isso? O marginal, vivendo nas selvas do gueto, tem menos respeito pela estrutura de poder branco que qualquer outro negro da América do Norte. Interiormente, o marginal do gueto não se sente reprimido por coisa alguma. Não tem religião, não tem conceito de moral, não tem responsabilidade cívica, não tem medo, não há nada, absolutamente nada, para reprimi-lo. Para sobreviver, vive pelas ruas espreitando os outros como possíveis presas, sondando como um furão em busca de fraquezas humanas. O marginal do gueto é um homem eternamente frustrado, inquieto, ansioso por alguma "ação". Em tudo o que faz, empenha-se a fundo, plenamente, absolutamente.

O que torna o marginal do gueto ainda mais perigoso é o "fascínio" que exerce sobre o jovem que larga os estudos no gueto. Esses adolescentes do gueto vêem o inferno em que vivem seus pais, debatendo-se para chegar a algum lugar. Ou vêem o que eles tiveram de renunciar, lutando no mundo preconceituoso e intolerante do homem branco. Os adolescentes do gueto decidem então que preferem ser como os marginais, que vêem sempre bem-vestidos e com dinheiro no bolso, não demonstrando qualquer respeito por ninguém ou por nada. Assim, o jovem do gueto sente-se atraído para os mundos do marginal, dos tóxicos, roubo, prostituição, todos os crimes possíveis e imagináveis, e imoralidade total.

Fiquei assustado quando compreendi pela primeira vez o perigo representado por esses adolescentes do gueto, se alguma centelha os levar à violência. Numa tarde escaldante de verão, compareci a um comício numa rua do Harlem em que havia muitos desses adolescentes na multidão. Fora convidado por alguns líderes negros "responsáveis", que normalmente nem falavam comigo. Sabia que tinham simplesmente usado meu nome para atrair uma multidão. Quanto mais pensava nos motivos da minha presença ali, mais furioso ficava. E quando subi ao palanque para falar, disse à multidão reunida na rua que a minha presença ali não era realmente desejada, que simplesmente tinham usado o meu nome... e desci do palanque.

O que eu estava querendo com essa atitude? Os adolescentes negros ficaram transtornados, começaram a gritar, perturbando os negros mais velhos na multidão. Não demorou muito para que o tráfego estivesse bloqueado em todas as direções por uma multidão cujo ânimo era cada vez mais ameaçador, a tal ponto que fiquei apreensivo. Subi na capota de um carro e comeci a sacudir os braços, gritando para que se aquietassem. Eles se aquietaram e pedi então que se dispersassem... no que fui atendido.

Foi quando comeci a dizer que era o único negro da América que

"podia conter um distúrbio racial... ou provocá-lo". Não sei se poderia mesmo fazer qualquer uma das duas coisas. Mas de uma coisa tenho certeza: em poucos minutos, aprendi a ter um respeito muito maior pela combustão humana latente entre os marginais e seus jovens admiradores que vivem nos guetos, em que o homem branco do Norte isolou o negro, longe dos brancos, por um século.

O "longo e quente verão" de 1964, no Harlem, Rochester e outras cidades, deu uma idéia do que pode acontecer... e não passou disso, foi apenas uma pálida idéia. Pois todos os distúrbios ficaram restritos aos lugares em que os negros viviam. Imaginem o que pode acontecer quando esses guetos amargurados e revoltados por toda a América tiverem o incidente de ignição certo, ficarem realmente inflamados e explodirem além de suas fronteiras, para as áreas em que os brancos vivem! Imaginem o que pode acontecer na cidade de Nova York se os pretos enfurecidos deixarem o Harlem, atravessando o Central Park ou passando pelos túneis das avenidas Madison, Quinta, Lexington e Park. Ou pensem no South Side de Chicago, um gueto mais antigo e ainda pior, imaginando os negros de lá a se espalharem pelo centro. Pensem nos negros revoltados de Washington avançando pela Pennsylvania Avenue. Detroit já testemunhou uma concentração pacífica de mais de 100 mil pretos... pensem nisso! Podem falar em qualquer cidade. Existe uma dinamite social preta em Cleveland, Filadélfia, San Francisco, Los Angeles... a raiva do homem preto está presente em toda parte, fermentando.

Desviei-me para alguns dos incidentes e situações que me ensinaram a respeitar o perigo latente nos guetos. Antes, estava tentando explicar como avaliava minhas qualificações, com toda sinceridade, para apresentar-me como um "líder" independente entre os homens pretos.

Ao final, cheguei à conclusão de que a decisão já havia sido tomada por mim. As massas do gueto já haviam me confiado uma imagem de liderança. Sabia que o gueto, instintivamente, só concede essa confiança a quem já demonstrou que nunca o venderá ao homem branco. É claro que jamais tive tal intenção, pois vender e trair os outros era algo que não estava em minha natureza.

Senti que era um desafio planejar e construir uma organização que pudesse ajudar a curar o homem preto da América do Norte das doenças que o haviam mantido sob o tacão do homem branco.

O homem preto da América do Norte estava mentalmente doente em sua aceitação cooperativa, como um cordeiro, da cultura do homem branco.

O homem preto da América do Norte estava espiritualmente doente porque, durante séculos, aceitara o cristianismo do homem branco... que exigiria do preto supostamente cristão que não esperasse uma verdadeira fraternidade do homem, mas que suportasse as crueldades dos brancos supostamente cristãos. O cristianismo fizera com que o pensamento dos homens pretos se tornasse vago, nebuloso, confuso. En-

sinara o homem preto a pensar que, se não tinha sapatos e estava com fome, “vamos ter sapatos, leite e mel, até peixe frito, no Paraíso”.

O homem preto da América do Norte estava economicamente doente e isso era evidente por um único fato: como um consumidor, recebia menos que a sua cota, e como um produtor dava menos. O preto americano de hoje mostra-nos a perfeita imagem do parasita: o carapato preto com a ilusão de que está progredindo, por estar na teta gorda da vaca que é a América branca. Por exemplo: o homem preto gasta anualmente mais de três bilhões de dólares em automóveis, mas não existe na América praticamente nenhum revendedor autorizado preto. Por exemplo: 40 por cento do importado e dispendioso uísque escocês consumido na América descem pelas gargantas de negros ávidos por *status*, mas as únicas destilarias pertencentes a negros estão instaladas em banheiras ou escondidas no mato. Outro exemplo, uma vergonha escandalosa: na cidade de Nova York, com mais de um milhão de negros, não existem 20 empresas de proprietários negros com mais de 10 empregados. Isso acontece porque os homens pretos não possuem nem controlam os próprios estabelecimentos varejistas de sua comunidade, o que se impede para que não possam estabilizar a sua própria comunidade.

A maior doença do homem preto da América do Norte era a política. Permitia que o homem branco o dividisse em tais absurdos como o de considerar-se um “democrata preto, um “republicano” preto, um “conservador” preto ou um “liberal” preto... quando uma massa de 10 milhões de votos pretos poderia estar decidindo o equilíbrio do poder na política americana, já que o voto do homem branco está quase sempre dividido em partes mais ou menos iguais. As urnas representam um lugar em que cada homem preto pode “lutar pela causa do homem preto com dignidade, usando o poder e os instrumentos que o homem branco compreende, respeita, teme, com os quais coopera. Escutem, pensem nisso! Já imaginaram o que aconteceria se um comitê preto dissesse ao pior racista de Washington “representamos 10 milhões de votos”? Ora, o racista iria prontamente reagir:

— Como têm passado? Vamos, entrem, entrem!

Se o homem preto do Mississippi votasse em bloco, Eastland fingiria ser mais liberal que Jacob Javits... ou não conseguiria sobreviver no cargo. Qual o outro motivo que leva os políticos racistas a se empenharem em manter os negros afastados das urnas?

Sempre que qualquer grupo pode votar em bloco e decidir o resultado de eleições, mas deixa de fazê-lo, então esse grupo está politicamente doente. Os imigrantes fizeram outrora de Tammany Hall a mais poderosa força na política americana. Em 1880, a cidade de Nova York elegeu o seu primeiro prefeito católico irlandês. Em 1960, a América elegeu o seu primeiro presidente católico irlandês. O homem preto da América, votando como um bloco, pode manejar uma força política ainda mais poderosa.

A política dos Estados Unidos é controlada por blocos e grupos

de pressão representando interesses especiais. E que grupo mais possui um interesse especial mais urgente, que grupo precisa mais de um bloco, de um grupo de pressão, que o homem preto? Os sindicatos possuem um dos maiores prédios não pertencentes ao governo de Washington, situado em posição tal que podem literalmente observar a Casa Branca. Não se toma qualquer providência política sem se sondar primeiro a posição dos sindicatos. Um grupo de pressão está sempre lutando por privilégios para as grandes empresas petrolíferas. Os fazendeiros, através de seu grupo de pressão, constituem o grupo de interesses especiais mais financiado pelo governo na América de hoje, porque um milhão de fazendeiros votam não como democratas ou republicanos, conservadores ou liberais, mas como fazendeiros.

Os médicos possuem o melhor grupo de pressão existente em Washington. Possuem influência suficiente para travar a aprovação do programa Medicare, que é desejado e necessitado por milhões de outras pessoas. Ora, existe até um grupo de pressão da beterraba! Um grupo de pressão do trigo! Um grupo de pressão do gado! Um grupo de pressão da China! Pequenos países, de que ninguém jamais ouviu falar, dispõem de grupos de pressão em Washington, defendendo os seus interesses especiais.

O governo possui departamentos para lidar com os grupos de interesses especiais que se fazem ouvir e sentir. Um Departamento de Agricultura cuida dos interesses dos fazendeiros. Há um Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar. Há um Departamento do Interior... em que os índios estão incluídos. O maior problema da América de hoje é o fazendeiro, o médico ou o índio? Claro que não! É o homem preto. Devia haver um departamento de Washington do tamanho do Pentágono cuidando de todos os problemas do homem preto.

São 22 milhões de pretos! Eles deram à América 400 anos de trabalho árduo, sangraram e morreram em todos os campos de batalha desde a Revolução, estavam na América antes dos Peregrinos e muito antes das imigrações em massa... e até hoje ainda estão no fundo de todas as coisas!

Esses 22 milhões de pretos deviam dar um dólar por cabeça amanhã para se construir um gigantesco prédio em que ficaria alojado seu grupo de pressão em Washington. Todas as manhãs, cada legislador receberia um comunicado sobre o que o homem preto da América espera, quer e precisa. A voz exigente do grupo de pressão preto deveria estar soando nos ouvidos de cada legislador que vota sobre qualquer questão.

As pedras fundamentais do funcionamento deste país são a força e o poder econômico e político. O homem preto não dispõe da força econômica... e levará tempo para alcançá-la. Mas, neste momento, o homem preto americano possui a força e o poder político para mudar seu destino da noite para o dia.

Era um plano grandioso. A organização que eu estava criando

SBD / FFLCH / USP

mentalmente iria ajudar a estimular o homem preto americano a conquistar seus direitos humanos e a curar suas doenças mental, espiritual, econômica e política. Mas quem tencionava fazer algo grande precisa começar com um plano à altura.

Basicamente, a organização que eu esperava criar iria diferir da Nação do Islã por abranger todas as fés dos negros. Além disso, iria pôr em prática o que a Nação do Islã apenas pregava.

Os rumores estavam fervilhando, particularmente nas cidades da Costa Leste. O que eu iria fazer? Pois a primeira coisa que pretendia fazer era atrair outras pessoas dispostas a colaborar. E, a cada dia, mais irmãos militantes que haviam sido meus companheiros na Mesquita Sete anunciavam seu rompimento com a Nação do Islã e se passavam para o meu lado. E a cada dia eu era informado também, de um jeito ou de outro, do apoio de negros não-muçulmanos, inclusive de uma surpreendente quantidade de representantes da burguesia preta, as chamadas classes "média" e "superior", que estavam cansados da luta angustiante por símbolos de *status*. E havia um clamor crescente:

— Quando vai convocar a sua primeira reunião? Quando vai iniciar a sua organização?

A fim de realizar a primeira reunião, providenciei o aluguel do Salão de Baile Carver, do Hotel Theresa, que fica na esquina da Rua 125 com a Sétima Avenida. Pode-se dizer que é um dos centros nervosos do Harlem.

O *Amsterdam News* anunciou a planejada reunião e muitos leitores pensaram que estávamos instalando nossa primeira mesquita no Theresa. Chegaram ao hotel telegramas, cartas e telefonemas para mim, do país inteiro. O tom geral era o de que se tratava de uma medida pela qual todos estavam esperando. Pessoas de quem eu nunca tinha ouvido falar manifestavam sua confiança em mim, de maneira comovente. Incontáveis pessoas disseram que as restrições morais rigorosas da Nação do Islã os repeliam... e queriam agora se juntar a mim.

Um médico que possuía um pequeno hospital em outra cidade telefonou para hipotecar-me o seu apoio total. Muitos outros enviaram contribuições... antes mesmo que nossas políticas fossem apresentadas publicamente. Muçulmanos escreviam de outras cidades para comunicar que iriam aderir ao meu movimento, comentando de um modo geral que "o Islã é por demais inativo"... "A Nação está indo devagar demais".

Números surpreendentes de brancos me procuravam, telefonavam e escreviam, oferecendo contribuições ou indagando se poderiam participar do movimento. A resposta era *não*, não poderiam participar. Nossos membros seriam exclusivamente pretos... mas se a consciência deles assim determinava, podiam ajudar financeiramente a desenvolver um meio construtivo de enfrentar os problemas raciais da América.

Começaram a chegar convites para falar em público; numa determinada manhã de segunda-feira, recebi 22 convites na correspondên-

cia. Fiquei surpreso ao verificar que inúmeros convites partiam de grupos de ministros cristãos brancos.

Convoquei uma entrevista coletiva. Incontáveis microfones surgiram à minha frente. Os *flashes* espocavam. Os repórteres, homens e mulheres, brancos e pretos, representando meios de comunicação que atingiam o mundo inteiro, sentaram diante de mim, empunhando lápis e canetas, os blocos de anotações abertos.

Fiz o comunicado:

— Vou organizar e liderar uma nova mesquita na cidade de Nova York, a ser conhecida como Mesquita Muçulmana, Inc. Isso nos proporcionará uma base religiosa e a força espiritual necessária para livrar nosso povo dos vícios que destroem a fibra moral da comunidade preta.

"A Mesquita Muçulmana, Inc. terá o seu quartel-general provisório no Hotel Theresa, no Harlem. Será a base de operações para um programa de ação visando a eliminar a opressão política, exploração econômica e degradação social sofridas diariamente pelos 22 milhões de afro-americanos."

E depois os repórteres começaram a me disparar suas perguntas.

Não era tão simples como pode parecer. Eram poucos os lugares a que eu ia sem estar constantemente consciente de que muitos dos meus antigos irmãos achavam que poderiam se tornar heróis para a Nação do Islã se me matassem. Sabia como os seguidores de Elijah Muhammad pensavam, pois ensinara muitos deles a pensarem. Sabia que ninguém seria capaz de matar um homem tão depressa quanto um muçulmano, se achar que é isso o que Alá está querendo que ele faça.

Havia mais um preparativo importante que eu sabia ser necessário. Há muito tempo que estava pensando nisso, como um fiel servidor de Alá. Mas exigiria um dinheiro que eu não possuía.

Peguei um avião para Boston. Estava recorrendo novamente a minha irmã Ella. Embora muitas vezes tivesse deixado Ella furiosa comigo, desde que eu chegara de Michigan e fora morar em sua casa, como um matuto adolescente, minha irmã jamais hesitara em dar-me o seu apoio, sempre que necessário.

— Ella, quero fazer a peregrinação a Meca.

Mais uma vez, ela não hesitou:

— De quanto você precisa?

Capítulo Dezessete

MECA

A peregrinação a Meca, conhecida como Hajj, é uma obrigação religiosa que todo muçulmano ortodoxo cumpre, se for humanamente possível, pelo menos uma vez na vida.

O Santo Corão diz: “A peregrinação à Kaaba é um dever que os homens têm para com Deus; os que são capazes fazem a jornada.”

Alá disse: “E proclamar a peregrinação entre os homens; virão ao seu encontro a pé e no dorso de camelo, virão de toda parte, das ravinas mais profundas.”

Em uma que outra universidade, geralmente em encontros informais depois que eu falara num auditório, talvez uma dúzia de pessoas, geralmente de pele branca, ia me procurar, identificando-se como muçulmanos árabes, do Oriente Médio ou da África do Norte, que estavam visitando, estudando ou residindo nos Estados Unidos. Diziam-me que, apesar das minhas acusações aos brancos, achavam que eu estava sendo sincero ao considerar-me um muçulmano... e que se conhecesse o que chamavam de “verdadeiro Islã”, iria “compreendê-lo e adotá-lo”. Automaticamente, como um seguidor de Elijah Muhammad, eu me empertigava ao ouvir tal declaração.

Mas na intimidade dos meus próprios pensamentos, depois de várias experiências assim, passei a interrogar-me: se alguém era sincero ao professar uma religião, por que deveria esquivar-se a ampliar seus conhecimentos dessa religião?

Certa ocasião, abordei o assunto numa conversa com Wallace Muhammad, o filho de Elijah Muhammad. Ele disse que sim, certamente, um muçulmano devia procurar aprender tudo o que podia a respeito do Islã. Sempre tive em alta conta a opinião de Wallace Muhammad.

Os muçulmanos ortodoxos a quem eu conhecia, um depois do outro, insistiam para que fosse procurar e conversar com um certo Dr. Mahmoud Youssef Shawarbi. Descreveram-me o Dr. Shawarbi como um muçulmano douto e eminente, formado pela Universidade do Cairo, com um curso de doutorado pela Universidade de Londres, conferencista sobre o Islã, assessor da ONU e autor de diversos livros. Era professor catedrático da Universidade do Cairo, de licença para residir em Nova York, como o Diretor da Federação das Associações Islã-

micas dos Estados Unidos e Canadá. Por diversas vezes, passando de carro por aquela parte da cidade, tive de resistir ao impulso de parar no prédio da FAI, na Riverside Drive, 1. Finalmente, o Dr. Shawarbi foi-me um dia apresentado por um jornalista.

Ele se mostrou cordial, dizendo que acompanhava minhas atividades pela imprensa. Respondi que já ouvira falar muito a respeito dele e conversamos por 15 ou 20 minutos. Ambos tínhamos de ir embora para compromissos assumidos anteriormente. Mas quando nos separamos, ele disse algo que jamais me sairia da cabeça:

— Nenhum homem crê perfeitamente até desejar para seu irmão o que deseja para si mesmo.

E havia também a posição de minha irmã Ella. Não podia esquecer o que ela fizera. Já disse antes que Ella é uma mulher preta excepcionalmente forte de personalidade, nascida na Geórgia. Seu comportamento intransigente e dominador fez com que a afastassem da Mesquita Onze, de Boston, da Nação do Islã. Mais tarde, foram buscá-la de volta, mas Ella acabou saindo novamente, por sua própria iniciativa. Ella começara a estudar com muçulmanos ortodoxos de Boston e depois fundara uma escola em que se ensinava árabe! Como não sabia falar a língua, contratou professores para darem as aulas. Assim é Ella. Negocia com imóveis e estava guardando dinheiro para fazer a peregrinação a Meca. Conversamos na sala de estar de sua casa durante quase a noite toda. Ella disse que não havia o que pensar duas vezes: era muito mais importante que *eu* fosse a Meca. Fiquei pensando nela durante todo o vôo de volta a Nova York. Uma mulher de forte personalidade. Quebrara os espíritos de três maridos, sendo mais dinâmica e determinada que todos eles juntos. Desempenhara um papel extremamente importante em minha vida. Nenhuma outra mulher jamais fora forte o bastante para apontar-me direções; eu é que apontava as direções para as mulheres. Levava Ella para o Islã e agora ela estava financiando minha ida a Meca.

Alá sempre envia seus sinais, quando se está com Ele, de que está com a gente.

Quando solicitei o visto para ir a Meca, no Consulado da Arábia Saudita, o embaixador disse-me que nenhum muçulmano convertido da América podia ter um visto para a peregrinação Hajj sem a aprovação por escrito do Dr. Mahmoud Shawarbi. Mas esse era apenas o primeiro sinal de Alá. Quando telefonei para o Dr. Shawarbi, ele manifestou seu espanto.

— Estava mesmo querendo falar com você. Venha para cá imediatamente.

Quando cheguei ao escritório dele, o Dr. Shawarbi entregou-me a carta já assinada, aprovando minha peregrinação Hajj a Meca. Entregou-me também um livro, *The Eternal Message of Muhammad* (A Eterna Mensagem de Maomé), de Abd ar-Rahman Azzam.

O autor acabara de enviar-lhe o livro, para que me entregasse. O Dr. Shawarbi explicou que o autor era um cidadão saudita, nascido

no Egito, estadista internacional e um dos principais conselheiros do Príncipe Faisal, o soberano da Arábia.

— Ele tem acompanhado atentamente suas atividades, pela imprensa.

Era-me difícil acreditar.

O Dr. Shawarbi deu-me o telefone de seu filho, Muhammad Shawarbi, um estudante no Cairo, e também o telefone do filho do autor, Omar Azzam, que vivia em Jeddá, “sua última parada antes de chegar a Meca. Não deixe de ligar para ambos”.

Deixei Nova York discretamente (sem imaginar que iria voltar ruidosamente). Poucas pessoas foram sequer informadas de que eu ia viajar. Não queria que houvesse algum empecilho do Departamento de Estado ou qualquer outro, posto em meu caminho no último minuto. Somente minha esposa Betty, as três meninas e uns poucos associados mais íntimos é que me acompanharam ao Aeroporto Internacional Kennedy. Quando o jato da Lufthansa decolou, meus dois companheiros da fila de poltronas e eu nos apresentamos. Outro sinal! Ambos eram muçulmanos, um seguia para o Cairo, assim como eu, o outro estava indo para Jeddá, para onde eu também iria alguns dias depois.

Durante toda a viagem até Frankfurt, na Alemanha, li o livro que ganhara ou conversei com meus dois companheiros de vôo. Ao aterrissarmos em Frankfurt, o irmão que seguia para Jeddá despediu-se afetuosamente de mim e do irmão a caminho do Cairo. Tivemos algumas horas de espera, antes de embarcarmos em outro avião para o Cairo. Decidimos aproveitar esse prazo para conhecer um pouco de Frankfurt.

No banheiro do aeroporto, encontrei-me com o primeiro americano no exterior que me reconheceu. Era um estudante branco de Rhode Island. Ele ficou me olhando fixamente, depois se aproximou e perguntou:

— Você é X?

Soltei uma risada, respondi que sim e que nunca antes ninguém me chamara assim. O estudante exclamou:

— Não é possível! Ninguém vai acreditar quando eu contar isso na escola!

Ele informou que estava estudando na França.

O irmão muçulmano e eu ficamos impressionados com a cordial hospitalidade dos habitantes de Frankfurt. Entramos em diversas lojas, querendo ver mais do que tencionando comprar qualquer coisa. Entrávamos em qualquer loja e todos nos cumprimentavam cordialmente. Eram pessoas que nunca nos tinham visto antes, que sabiam que éramos estrangeiros. E a mesma cordialidade persistia quando saíamos, sem comprar nada. Na América, ao se entrar numa loja e gastar 100 dólares, ainda se continua a ser um estranho ao sair. Tanto o freguês como os balconistas se comportam como se estivessem prestando um favor um ao outro. Os europeus se comportam de maneira mais humana. Meu irmão muçulmano, que sabia falar alemão o suficiente

para se fazer entender, explicava que éramos muçulmanos. Percebi algo que já experimentara quando era encarado como um muçulmano e não como um negro, na América. As pessoas que me viam como um muçulmano julgavam que tinham diante de si um ser humano, assumindo uma expressão diferente, uma conversa diferente, tudo diferente. Numa loja de Frankfurt, bem pequena, o dono inclinou-se por cima do balcão e sacudiu a mão, indicando os alemães que passavam pela rua:

— Por um lado hoje, pelo outro lado amanhã...

Meu irmão muçulmano explicou-me que o homem estava querendo dizer que os alemães voltariam a se levantar.

Voltamos ao aeroporto de Frankfurt e pegamos um avião da United Arab Airlines para o Cairo. Ao desembarcar, deparei com incontáveis pessoas, obviamente muçulmanos vindos dos mais diferentes lugares e iniciando a peregrinação a Meca. Todos se abraçavam, o clima era de extrema cordialidade. Subitamente, compreendi que não existia ali qualquer problema de cor. O efeito que experimentei foi o de que acabara de sair de uma prisão.

Disse ao irmão muçulmano com quem fizera amizade que queria ser um turista no Cairo durante dois dias, antes de seguir viagem para Jeddá. Ele deu-me seu telefone e pediu que não deixasse de tornar a procurá-lo, já que tinha um grupo de amigos que sabia inglês e ia fazer a peregrinação. Tinha certeza de que todos teriam o maior prazer na minha companhia.

Assim, passei dois dias felizes conhecendo o Cairo. Fiquei impressionado com as modernas escolas, os conjuntos habitacionais para as massas, as estradas e a industrialização. Já lera e ouvira que a administração do Presidente Nasser transformara o Egito num dos países mais industrializados do continente africano. Creio que o fato que mais me impressionou foi descobrir que se fabricavam automóveis e ônibus no Cairo.

Tive um ótimo encontro com o filho do Dr. Shawarbi, Muhammad Shawarbi, um rapaz de 19 anos que estudava economia e ciência política na Universidade do Cairo. Ele contou-me que o sonho de seu pai era criar uma Universidade do Islã nos Estados Unidos.

Encontrei muitas pessoas amistosas e todas ficaram espantadas ao saber que eu era um muçulmano... da América! Conheci inclusive um cientista egípcio e sua esposa que também estavam a caminho de Meca, para a Hajj. Insistiram para que eu fosse jantar com eles num restaurante de Heliópolis, um subúrbio do Cairo. O casal era inteligente e extremamente bem informado. O cientista explicou que a crescente industrialização do Egito era uma das razões pelas quais as potências ocidentais eram tão anti-Egito, pois isso estava apontando o caminho a seguir para outros países africanos. A esposa dele perguntou-me:

— Por que tantas pessoas no mundo estão passando fome quando a América dispõe de tantos excedentes de alimentos? O que fazem com esses alimentos excedentes? Jogam no mar?

Ao que respondi:

— Exatamente. Mas também guardam uma parte dos excedentes em porões de navios que estão fora de uso, em celeiros financiados e silos refrigerados, deixando ficar nesses lugares, sob a vigilância de um pequeno exército de guardas, até que não estejam mais em condições de serem comidos. Quando isso acontecer, outro exército de pessoas se encarrega de jogar fora os excedentes deteriorados, criando espaço para a próxima remessa.

Ela me olhou com uma expressão de total incredulidade. Provavelmente pensou que eu estivesse brincando. Mas o contribuinte americano sabe que é a pura verdade. Não contei que até mesmo nos Estados Unidos há muitas pessoas que passam fome.

Telefonei para o meu amigo muçulmano, como ele pedira. Os seus amigos que tinham formado um grupo para a Hajj estavam à minha espera. No total, éramos oito pessoas, inclusive um juiz e um alto funcionário do Ministério da Educação. Falavam inglês fluentemente e aceitaram-me como um irmão. Considerei que era outro dos sinais de Alá: para onde quer que eu fosse, sempre havia alguém para me ajudar, para me guiar.

O significado literal de Hajj, em árabe, é partir para um objetivo definido. Na lei islâmica, significa partir para Kaaba, a Casa Sagrada, cumprir os rituais da peregrinação. O aeroporto do Cairo era o lugar em que incontáveis grupos Hajj se tornavam *Muhrim*, peregrinos, ao entrarem no estado de *Ihram*, a pressuposição de um estado espiritual e físico de devoção. Seguindo um conselho, deixei no Cairo toda a minha bagagem, inclusive quatro máquinas fotográficas e uma câmera de filmar. Comprara no Cairo uma valise, que dava apenas para um terno, uma camisa, duas cuecas e um par de sapatos, o que iria levar para a Arábia. Seguindo de carro para o aeroporto com o nosso grupo Hajj, comecei a ficar nervoso, pensando que dali por diante iria observar outros que sabiam o que estavam fazendo e disposto a imitar tudo o que fizessem.

Entrando no estado de *Ihram*, tiramos as roupas e vestimos duas toalhas brancas. Uma, a *Izar*, nos envolvia a virilha. A outra, *Rida*, era passada pelo pescoço e ombros, deixando de fora o ombro direito e o braço. Um par de sandálias simples, *na'l*, deixava os tornozelos à mostra. Por cima da *Izar*, usava-se um cinto de dinheiro e uma bolsa, para se guardar o passaporte e outros documentos de valor, como a carta que eu levava do Dr. Shawarbi.

Cada uma das milhares de pessoas no aeroporto, prestes a partir para Jeddá, estava vestida dessa maneira. Podia-se ser um rei ou um camponês e ninguém veria a menor diferença. Alguns personagens poderosos, que me foram discretamente apontados, estavam vestidos da mesma maneira que eu. Depois que nos vestíamos assim, todos se punham a gritar intermitentemente:

— *Labbayka! Labbayka!* (Aqui vou eu, Ó Senhor!)

O aeroporto ressoava com o murmúrio dos *Muhrim*, manifestando a sua intenção de realizarem a jornada da Hajj.

Aviões carregados de peregrinos decolavam a cada poucos minutos, mas o aeroporto continuava atulhado com muitos mais, juntamente com seus amigos e parentes, aguardando o momento de vê-los partir. Os que não iam pediam aos outros que rezassem por eles em Meca. Já estávamos no avião, em pleno vôo, quando me disseram pela primeira vez que, por causa do intenso movimento, não deveria haver lugar para mim. Mas haviam sido feitos pedidos especiais e outra pessoa perdera o lugar para mim, porque não queriam desapontar um americano muçulmano. Senti uma emoção profunda de pesar por ter sido a causa de tamanho inconveniente para alguém, quem quer que fosse, que perdera seu lugar no avião para mim. Ao mesmo tempo, senti também uma profunda humildade e gratidão, por terem me prestado tanta honra e respeito.

No avião, havia pessoas brancas, pretas, pardas, vermelhas e amarelas, olhos azuis e cabelos louros, o meu cabelo encarapinhado vermelho... e todos juntos, irmãos! Todos honrando o mesmo Deus Alá, todos honrando uns aos outros.

De alguém do nosso grupo, a notícia foi-se espalhando de assento para assento que eu era um muçulmano da América. Rostos se viraram, sorrindo para mim em cumprimento. Foi distribuído um lanche e todos comemos. A notícia de que havia a bordo um muçulmano da América chegou à cabina de comando.

O comandante do avião veio me conhecer. Era um egípcio, a pele mais escura que a minha; poderia ter andado pelo Harlem que ninguém lhe daria maior atenção. Ficou na maior satisfação por conhecer um muçulmano americano. Convidou-me para visitar a cabina de comando e tratei de aproveitar a oportunidade.

O co-piloto era mais escuro do que eu. Não posso descrever a sensação que isso me proporcionou. Nunca antes vira um homem preto pilotando um jato. Aquele painel de instrumentos... ninguém jamais poderia saber o que significavam todos aqueles mostradores e botões! Os dois pilotos estavam sorrindo para mim, tratando-me com a mesma honra e respeito que eu recebera desde que deixara a América. Fiquei parado ali, olhando para o céu à nossa frente. Na América, eu andara de avião provavelmente mais que qualquer outro negro e nunca fora convidado a visitar a cabina de comando. E agora ali estava eu, com dois companheiros de assento muçulmanos, um do Egito, outro da Arábia, todos a caminho de Meca... e eu na cabina de comando do avião! Irmão, eu tinha certeza de que Alá estava comigo!

Voltei para o meu lugar. Durante toda a viagem, de cerca de uma hora, os peregrinos periodicamente gritavam:

— *Labbayka! Labbayka!*

O avião pousou em Jeddá. É uma cidade portuária, no Mar Vermelho, ponto de chegada de desembarque de todos os peregrinos que

entram na Arábia para irem a Meca. Meca fica ao leste, cerca de 65 quilômetros para o interior.

O aeroporto de Jedda parecia ainda mais apinhado que o do Cairo. Nosso grupo tornou-se uma pequena unidade da imensa massa em movimento, na qual estavam representadas todas as raças. Cada grupo entrava na longa fila de espera para passar pela alfândega. Antes de chegar à alfândega, um *Mutawaf* era designado para cada grupo Hajj, sendo responsável por sua ida de Jedda para Meca. Alguns peregrinos gritavam "*Labbayka!*". Outros, às vezes grupos bem grandes, entoavam em uníssono uma prece que pode ser assim traduzida: "Não me submeto a ninguém a não ser a Ti, Ó Alá, não me submeto a ninguém a não ser a Ti. Eu me submeto a Ti porque não tens igual. Todo louvor e bênçãos vêm de Ti e Tu estás sozinho em Teu reino." A essência da prece é a Unidade de Deus.

Somente as autoridades não estavam usando o traje *Ihram* ou os solidéus brancos e as túnicas compridas e igualmente brancas dos *Mutawaf*, responsáveis pela orientação de cada grupo de peregrinos. Em árabe, um som *mmmm* antes de um verbo produz um substantivo; assim *Mutawaf* significa "aquele que guia" os peregrinos na *Tawaf*, que é a volta pela Kaaba, em Meca.

Eu estava extremamente nervoso, no meio de nosso grupo, esperando na fila para que nossos passaportes fossem verificados. Sentia-me apreensivo, pensando no que ia apresentar. Estava no mundo muçulmano, próximo da própria Fonte, e ia apresentar-lhes um passaporte americano, que significa exatamente o oposto de tudo o que o Islã representa.

O juiz em nosso grupo percebeu a tensão que me dominava. Afagou meu ombro. Amor, humildade e verdadeira fraternidade eram quase uma sensação física, aonde quer que eu fosse. Depois, nosso grupo chegou aos funcionários que examinavam cada passaporte e valise meticulosamente, autorizando em seguida que os peregrinos seguissem em frente.

Eu estava tão nervoso que não consegui abrir a mala ao girar a chave. Tratei de arrombá-la, receando que pudessem pensar que tinha algo a esconder. O funcionário verificou que meu passaporte era americano. Fitou-me atentamente e disse algo em árabe. Meus amigos começaram a falar rapidamente em árabe, gesticulando e apontando, tentando interceder em minha defesa. O juiz perguntou-me em inglês pela carta do Dr. Shawarbi. Entreguei-a e ele a apresentou ao funcionário, que a leu. O homem devolveu a carta, protestando. Pelo menos isso eu podia perceber. Estava havendo uma discussão por minha causa. Senti-me como um idiota, incapaz de dizer qualquer coisa. Nem mesmo podia entender o que estava acontecendo. Mas, finalmente, o juiz virou-se para mim com uma expressão triste.

Explicou que eu tinha de comparecer ao *Mahgama Sharia*. Era o alto tribunal muçulmano que examinava os casos de convertidos à religião islâmica que possivelmente careciam de autenticidade e esta-

vam tentando entrar em Meca. Nenhum não-muçulmano podia entrar em Meca.

Meus amigos teriam que seguir viagem para Meca sem me levarem. Pareciam aflitos. Mas descobri as palavras certas para dizer-lhes:

— Não se preocupem. Tudo acabará bem. Alá me guia.

Disseram que iriam rezar todas as horas por mim. O *Mutawaf* todo de branco estava insistindo para que se afastassem logo, a fim de dar vazão à imensa multidão que aguardava a vez no aeroporto. E com todos nós acenando, fiquei observando-os se afastarem.

Deviam ser três horas da madrugada, numa sexta-feira. Nunca antes eu estivera no meio de uma multidão tão compacta, assim como nunca antes me sentira tão sozinho e desamparado, desde que era bebê. A sexta-feira, no mundo muçulmano, é mais ou menos um equivalente do domingo no mundo cristão. Na sexta-feira, todos os membros de uma comunidade muçulmana se reúnem para orar juntos. O acontecimento é chamado *yaum aljumu'a*, "o dia da reunião". Nenhum tribunal realizava uma sessão na sexta-feira. O que significava que eu teria de esperar pelo menos até sábado.

Uma autoridade chamou um jovem árabe assistente de *Mutawaf*. Num inglês trôpego, explicou-me que eu seria levado para um lugar ali mesmo no aeroporto. Meu passaporte ficou retido na Alfândega. Pensei em protestar, pois a primeira regra de um viajante é jamais se separar de seu passaporte. Mas não o fiz. Com as toalhas enroladas no corpo, os pés metidos em sandálias, segui o jovem árabe, em sua túnica branca e sandálias. Creio que constituíamos um espetáculo e tanto. As pessoas ao nosso redor falavam todas as espécies de línguas. Mas eu não podia falar a língua de ninguém. Sentia-me numa situação terrível.

Bem em frente ao aeroporto havia uma mesquita; por cima do prédio do terminal, erguia-se uma construção que parecia um imenso dormitório, com quatro andares. Ainda estava meio escuro, um pouco antes do amanhecer. Aviões decolavam e aterrissavam a todo instante, as luzes de pouso iluminando as pistas, as luzes das asas e das caudas piscando no céu. Peregrinos de Gana, Indonésia, Japão e Rússia, para mencionar apenas alguns, estavam entrando e saindo do dormitório para onde o jovem árabe me levava. Não creio que câmeras de cinema jamais tenham filmado um espetáculo humano tão pitoresco como o que se desenrolava diante de meus olhos. Chegamos ao dormitório e começamos a subir, até o quarto e último andar, passando por membros de todas as raças do mundo. Ali estavam chineses, indonésios, afegãos. Muitos não tinham mudado para o traje *Ihram* e ainda usavam os trajes típicos de suas terras. Eram como páginas da revista *National Geographic*.

No quarto andar, meu guia gesticulou para um compartimento em que já estavam cerca de 15 pessoas. Muitos estavam enroscados em cima de seus tapetes, dormindo. Percebi logo que havia também mulheres ali, cobertas da cabeça aos pés. Um velho muçulmano russo e

sua esposa não estavam dormindo. Ficaram me olhando abertamente. Dois muçulmanos egípcios e um persa despertaram e ficaram também me olhando, enquanto o guia me levava para um canto. Através de gestos, ele mostrou-me que iria ensinar as posturas rituais apropriadas para a prece. Imaginem só! Eu era um ministro muçulmano, um líder na Nação do Islã, de Elijah Muhammad, e aquele rapaz pensava que não conhecia o ritual da prece!

E não sabia mesmo. Tentei fazer tudo o que ele fazia. Mas sabia que não estava fazendo certo. Podia sentir os olhos dos outros muçulmanos fixados em mim. Os tornozelos ocidentais não conseguem fazer o que os tornozelos muçulmanos estão acostumados a fazer pela vida inteira. Os asiáticos se acocoram quando sentam, enquanto os ocidentais permanecem empertigados na cadeira. Quando o guia ficou numa posição agachada, tentei fazer todo o possível para imitá-lo com exatidão. Mas continuei a ficar meio empertigado. Depois de cerca de uma hora, o guia se retirou, indicando que voltaria mais tarde.

Não pensei em dormir por um momento sequer. Observado pelos muçulmanos, continuei a praticar as posturas da prece. Não me permiti pensar em como deveria parecer ridículo aos olhos deles. Depois de algum tempo, acabei aprendendo um pequeno truque que me levava mais para perto do chão. Ao cabo de dois ou três dias, no entanto, meus tornozelos iriam ficar inchados.

À medida que os muçulmanos adormecidos foram despertando, depois que o dia amanheceu, quase que imediatamente todos se aperceberam da minha presença. Fiquei observando-os por algum tempo, enquanto eles cuidavam de seus afazeres. Foi nessa ocasião que comencei a compreender o papel de extrema importância que o tapete desempenhava na vida cultural dos muçulmanos. Cada indivíduo possui um pequeno tapete de orações, cada homem e sua esposa ou um grupo grande possuíam um tapete comunal maior. Aqueles muçulmanos fizeram suas preces em cima de seus tapetes, ali no compartimento. Depois, estenderam toalhas sobre os tapetes e comeram. O tapete transformava-se assim numa sala de jantar. Removendo os pratos e a toalha, sentavam no tapete, que passava a ser uma sala de estar. Depois, eles se enroscavam no tapete e dormiam; era um quarto. Naquele compartimento, antes de ir embora, compreendi pela primeira vez por que o receptor pagava preços tão altos por tapetes orientais, nos meus tempos de ladrão em Boston. Era porque se tinha um extremo cuidado em fazer tapetes excepcionais, nos países em que os tapetes eram tão versáteis culturalmente. Mais tarde, em Meca, eu tomaria conhecimento de mais outro uso para o tapete. Quando surgia qualquer espécie de conflito, alguém que era altamente respeitado e não estava envolvido sentava num tapete, com os oponentes ao redor. Assim, o tapete virava um tribunal. Em outras ocasiões, era uma sala de aula.

Um dos muçulmanos egípcios, em particular, ficou me observando atentamente pelo canto dos olhos. Sorri-lhe. Ele se levantou e aproximou-se de mim, murmurando:

— A-lô...

Para mim, sou como o Discurso de Gettysburg. Fiquei radiante.

— Alô!

Perguntei-lhe o seu nome.

— Nome? Nome?

Ele estava se empenhando a fundo, mas não conseguia entender. Experimentamos algumas palavras um para o outro. Creio que o vocabulário de inglês dele não ia além de 20 palavras. Apenas o suficiente para me deixar frustrado. Mas continuei a tentar fazê-lo compreender alguma coisa.

— Céu.

Eu apontava, ele sorria e respondia:

— Céu.

Eu dizia novamente a palavra, gesticulando para que ele a repetisse. E o homem o fazia. Fomos continuando:

— Avião... tapete... pé... sandália... olhos...

E, de repente, algo espantoso aconteceu. Sentia-me tão contente por poder me comunicar com uma ser humano que comeci a dizer todas as coisas que me passavam pela cabeça. E falei:

— Muhammad Ali Clay...

Todos os muçulmanos que estavam escutando se iluminaram como árvores de Natal.

— Você? Você?

Meu amigo apontava a cabeça. Sacudi a cabeça.

— Não, não! Muhammad Ali Clay meu amigo... *amigo!*

Alguns me compreenderam mais ou menos, outros não. Foi assim que começou a se espalhar a notícia de que eu era Cassius Clay, o campeão mundial de boxe. Mais tarde, eu viria a descobrir que aparentemente todo homem, mulher e criança no mundo muçulmano ouviram falar como Sonny Liston (que no mundo muçulmano tinha a imagem de um ogre devorador de crianças) fora derrotado, ao melhor estilo de Davi e Golias, por Cassius Clay, que em seguida revelara ao mundo que seu nome era Muhammad Ali e sua religião o Islã, que fora Alá quem lhe proporcionara a vitória.

Estabelecer um relacionamento foi a melhor coisa que poderia ter-me acontecido ali. O fato de eu ser um americano muçulmano mudou a atitude de todos. Começaram a me sorrir, chegaram mais perto, examinaram-me da cabeça aos pés. Sempre amistosamente. Parecia até que eu era um marciano.

O jovem assistente de *Mutawaf* voltou pouco depois, indicando que eu deveria acompanhá-lo. Apontou pela janela para a mesquita e compreendi que viera me buscar para a prece matutina, *El Sohh*, sempre feita antes do nascer do sol. Desci atrás dele. Passamos por peregrinos aos milhares falando incontáveis línguas... menos o inglês. Fiquei furioso comigo mesmo por não ter despendido algum tempo a aprender os rituais da prece ortodoxa, antes de deixar a América. Não rezávamos em árabe na Nação do Islã de Elijah Muhammad. Cerca de uma

dúzia de anos antes, quando eu estava na prisão, um membro do movimento muçulmano ortodoxo de Boston, chamado Abdul Hameed, fora visitar-me e depois mandara-me as preces em árabe. Na ocasião, eu aprendera essas preces foneticamente. Mas não as usara desde então.

Tomei a decisão de deixar que o guia fizesse tudo primeiro, observando-o atentamente e imitando. Não foi difícil levá-lo a fazer tudo primeiro. Era isso mesmo o que ele estava querendo. Do lado de fora da mesquita, havia uma espécie de pia comprida, com diversas torneiras. Era preciso fazer as abluções antes da prece. Eu sabia disso. Mesmo observando atentamente o assistente de *Mutawaf*, não consegui fazer a coisa direito. Há uma maneira exata pela qual um muçulmano ortodoxo se lava e essa maneira exata é extremamente importante.

Entrei na mesquita um passo atrás dele, observando-o. Ele se prostrou, encostando a cabeça no chão. Fiz o mesmo.

— *Bi-smi-llabi-r-Rahmain-r-Rabin...* (Em nome de Alá, o Generoso, o Misericordioso...)

Todas as preces muçulmanas começam assim. Depois disso, posso não ter murmurado as coisas certas, mas pelo menos tentei murmurá-las.

Não tenho a menor intenção de que isso pareça engraçado. Para mim, nada tinha de engraçado. Ninguém que por acaso estivesse me observando poderia dizer que eu não estava dizendo as mesmas coisas que os outros.

Depois da prece do nascer do sol, o guia levou-me de volta ao quarto andar do dormitório. Pela linguagem dos sinais, disse que voltaria dentro de três horas e depois retirou-se.

Lá de cima, à luz do dia, eu tinha uma vista excelente de toda a área do aeroporto. Fiquei assistindo a tudo. Aviões pousavam e decolavam a todo instante. Milhares e milhares de pessoas do mundo inteiro formavam os mais pitorescos padrões de movimentos. Observei grupos partindo para Meca em ônibus, caminhões e carros. Observei alguns partindo a pé para a jornada de 65 quilômetros. Desejei poder começar a andar. Pelo menos, sabia como fazer isso.

Tinha receio até de pensar no que poderia estar à minha espera. Seria rejeitado como um peregrino a Meca? Fiquei imaginando no que consistiria o teste a que seria submetido e quando teria de enfrentar o alto tribunal muçulmano.

O muçulmano persa no compartimento veio postar-se ao meu lado. Cumprimentou-me, hesitante:

— Ame... americano?

Indicou-me que desejava que eu fosse fazer a primeira refeição com ele e a esposa, no tapete do casal. Eu sabia que era um oferecimento excepcional. Não se toma chá com a esposa de um muçulmano. Mas eu não queria me impor. Não sei se o persa entendeu quando sacudi a cabeça e sorri, querendo indicar “Não, obrigado”. Mesmo assim, ele trouxe-me chá e bolinhos. Até aquele momento, eu não havia pensado em comer.

Vários outros me fizeram gestos cordiais. Simplesmente se aproximavam, sorriam, sacudiam a cabeça para mim. Meu primeiro amigo, o que falava um pouco de inglês, não estava mais ali. Eu ainda não sabia, mas já estava se espalhando a notícia de que havia um americano muçulmano no quarto andar. O movimento de pessoas passando pelo nosso compartimento começou a aumentar. Muçulmanos no traje *Ihram* ou ainda em seus trajes nacionais passavam por ali lentamente, sorrindo. O desfile continuou enquanto ali permaneci para ser visto. Só que eu ainda não sabia que era a atração.

Sempre fui irrequieto e curioso. O assistente de *Mutawaf* não voltou três horas depois, como havia combinado, o que me deixou bastante nervoso. Fiquei pensando que desistira do meu caso, achando que nada se podia fazer para me ajudar. A esta altura, comecei a ficar também com muita fome. Todos os muçulmanos no compartimento haviam-me oferecido comida e eu recusara. Tenho de admitir que, àquela altura, o problema era que não sabia se poderia comer como eles. Toda a comida estava numa panela no tapete-sala de jantar e cada um ia tirando porções com as próprias mãos.

Continuei a observar o pátio lá embaixo e acabei decidindo fazer alguma exploração por conta própria. Desci para o primeiro andar. Mas pensei que não deveria ir muito longe, pois alguém poderia aparecer à minha procura. Voltei para o nosso compartimento. Cerca de 45 minutos depois, resolvi descer novamente. Fui um pouco mais longe agora, examinando tudo, cuidadosamente. Avistei um pequeno restaurante no pátio. Fui imediatamente até lá. Estava lotado, com pessoas falando em muitas línguas. Por meio de gestos, comprei uma galinha assada inteira e algo que parecia com batatas fritas, muito grossas. Voltei para o pátio e destrinchei a galinha com as mãos, pondo-me a comer. Ao meu redor, havia inúmeros muçulmanos fazendo a mesma coisa. Vi homens que deviam ter pelo menos 70 anos ajeitando as pernas debaixo do corpo, de tal forma que pareciam nós humanos, comendo com tanto apuro e satisfação como se estivessem num restaurante de primeira, com garçons por toda parte. Todos comiam como Um, dormiam como Um. Tudo no clima da peregrinação ressaltava a União do Homem sob Um Deus.

Ao longo do dia, fiz diversas excursões ao pátio lá embaixo, sempre voltando depois ao compartimento, a cada vez explorando um pouco mais além que na ocasião anterior. Numa dessas excursões, cumprimentei com um aceno de cabeça dois homens pretos que estavam de pé juntos. Quase gritei quando um deles falou-me em inglês, com um sotaque britânico. Antes que o grupo deles se aproximasse, com tudo pronto para a viagem a Meca, pudemos conversar um pouco. Informei que era americano e ele me disse que era etíope. Fiquei deprimido. Encontrara finalmente dois muçulmanos que falavam inglês... e logo depois eles estavam de partida. Os dois etíopes haviam estudado no Cairo e estavam vivendo em Ryadh, a capital política da Arábia. Mais tarde, eu iria descobrir, surpreso, que entre os 18 milhões

de habitantes da Etiópia há 10 milhões de muçulmanos. A maioria das pessoas pensa que a Etiópia é um país cristão. Mas somente o governo é cristão. O Ocidente sempre tem ajudado a manter o governo cristão no poder.

Eu acabara de fazer a minha Prece do Pôr-do-Sol. Estava deitado em meu canto, sentindo-se solitário e deprimido, quando subitamente surgiu uma luz na escuridão!

Foi, na verdade, uma súbita lembrança. Numa das minhas excursões ao pátio, avistara quatro homens, que pareciam autoridades, sentados a uma mesa, com um telefone. Lembrei-me de tê-los visto e do telefone, o que levou meus pensamentos ao Dr. Shawarbi, em Nova York, que me dera o telefone do filho do autor do livro que me entregara. Omar Azzam vivia ali mesmo em Jeddá!

Em poucos minutos, eu havia descido para o pátio e estava diante dos quatro homens. Um deles falava um pouco de inglês. Muito excitado, mostrei-lhe a carta do Dr. Shawarbi. Ele leu-a. Depois, leu em voz alta para os outros três, exclamando ao final:

— Um muçulmano da América!

Pude perceber como isso despertava a imaginação e a curiosidade dos quatro. Perguntei ao que falava inglês se podia fazer o favor de ligar para o Dr. Omar Azzam, cujo telefone lhe dei. Ele fez a ligação com a maior satisfação. Conversou em árabe por um momento com a pessoa que atendeu.

O Dr. Omar Azzam veio imediatamente para o aeroporto. Com os quatro homens que me haviam ajudado exibindo expressões radiantes, ele cumprimentou-me efusivamente. Era jovem, alto, bastante forte. Eu diria que tinha pelo menos 1,90m de altura. Era extremamente polido. Na América, teria sido considerado um homem branco. Mas, pela maneira como agia, o que imediatamente me impressionou, não tive qualquer sensação de estar diante de um homem branco.

— Por que não me ligou antes? — perguntou-me ele.

Ele exibiu algum documento de identidade aos quatro homens e depois usou o telefone que estava na mesa. Falando em árabe, comunicou-se com algumas autoridades do aeroporto. Depois, virou-se para mim e disse:

— Vamos embora!

Em menos de meia hora, ele providenciou a minha liberação e a devolução de meu passaporte e da valise. Entramos em seu carro e partimos pela cidade de Jeddá. Eu estava vestido no *Ihram*, duas toalhas e sandálias. Estava aturdido com a atitude do homem e com a minha própria sensação física de que não havia qualquer diferença entre nós, como seres humanos. Ouvira falar durante anos da hospitalidade muçulmana, mas jamais poderia imaginar uma recepção tão calorosa. Fiz algumas perguntas. O Dr. Azzam era um engenheiro que estudara na Suíça. Sua especialidade era o planejamento urbano. O governo da Arábia Saudita tomara-o emprestado à ONU, para dirigir todo o trabalho de reconstrução dos lugares santos árabes. E a irmã do Dr. Azzam era

a esposa do filho do Príncipe Faisal. Eu estava num carro ao lado do cunhado do filho do soberano da Arábia! E não foi apenas isso o que Alá fizera, pois o Dr. Azzam logo disse:

— Meu pai ficará extremamente feliz por conhecê-lo.

Era o autor do livro que eu tanto admirara.

Fiz algumas perguntas a respeito do pai dele. Abd ir-Rahman Azzam era conhecido como Azzam Pasha ou Lord Azzam, até a revolução egípcia, quando o Presidente Nasser eliminara todos os títulos de “Lord” e “Nobre”.

— Ele deverá estar em minha casa quando chegarmos — informou o Dr. Azzam. — Passa muito tempo em Nova York, a serviço da ONU. E tem acompanhado as suas atividades com grande interesse. Fiquei novamente aturdido.

Estava amanhecendo quando chegamos à casa do Dr. Azzam. O pai dele estava lá, assim como o tio, irmão do pai, que era químico, e um amigo. Estavam à minha espera. Todos me abraçaram como se eu fosse um filho há muito perdido. Nunca antes vira aqueles homens, mas como me tratavam bem! Posso dizer que nunca antes, em toda a minha vida, me sentira tão honrado, jamais recebera uma hospitalidade igual.

Um empregado trouxe chá e café e depois desapareceu. Recomendaram-me que ficasse à vontade. Não havia mulheres presentes. Na Arábia, pode-se facilmente pensar que não existem mulheres.

O Dr. Abd ir-Rahman Azzam dominou a conversa. Por que eu não telefonara antes? Era algo que não podiam entender. Estava à vontade. Pareciam estar constrangidos pelo fato de eu haver passado tanto tempo no aeroporto, de ter sido retardada a minha ida para Meca. Por mais que eu protestasse que não houvera qualquer inconveniente, que estava tudo bem, eles se recusavam a aceitar.

— Você precisa descansar — disse o Dr. Azzam.

E foi falar ao telefone.

Eu não tinha a menor idéia do que aquele homem tão distinto estava fazendo. Nem sonhava. Quando me disseram que eu seria trazido de volta aquela noite para jantar, mas devia agora voltar ao carro a fim de ir para o lugar em que repousaria, como poderia imaginar que estava prestes a testemunhar a epitome da hospitalidade muçulmana?

Quando estava na cidade, Abd ir-Rahman Azzam residia numa suíte do Palace Hotel de Jeddá. Como eu me apresentara com uma carta de um amigo, ele ia ficar hospedado na casa do filho e me deixaria usar sua suíte, até que eu partisse para Meca.

Quando descobri, já não tinha mais como protestar. Estava na suíte, o jovem Dr. Azzam se retirara, não havia ninguém para quem protestar. A suíte de três cômodos tinha um banheiro que era tão grande quanto o banheiro duplo do Hilton de Nova York. Era a suíte número 214. Tinha até uma varanda, de onde se podia descortinar uma linda vista daquela antiga cidade à beira do Mar Vermelho.

Nunca antes, entre as minhas emoções, tivera tamanho impul-

so para orar... e foi o que fiz, prostrando-me no tapete da sala de estar.

Nada nas minhas duas carreiras como homem preto na América contribuíra para me dar tendências idealistas. Meus instintos automaticamente procuravam os motivos, as razões, sempre que alguém fazia por mim o que não era obrigado. Em toda a minha vida, especialmente se era um branco, sempre pude perceber um motivo egoísta.

Mas ali, naquele hotel, naquela manhã, a apenas um telefonema e poucas horas do canto que ocupara no compartimento do quarto andar do dormitório, foi uma das poucas ocasiões em que me senti tão aturdido que fiquei totalmente sem resistência. Aquele homem branco, pelo menos teria sido considerado “branco” na América, aparentado com o soberano da Arábia, de quem era um conselheiro, um homem realmente internacional, sem nada a ganhar com isso, abrira mão de sua suíte de hotel em meu favor, para o meu conforto transitório. Ele nada tinha a ganhar, absolutamente nada. Não precisava de mim. Tinha tudo. Na verdade, tinha mais a perder do que a ganhar. Acompanhara o que a imprensa americana dissera a meu respeito. Se tal acontecera, sabia que havia apenas estigma ligado a mim. Eu era um “racista”. Era um “antibranco”... e ele, por toda aparência, era branco. Eu era supostamente um criminoso; não apenas isso, como também me acusavam de usar a religião do Islã como um manto para encobrir as minhas atividades e filosofias criminosas.

Mesmo que ele tivesse algum motivo para usar-me, já devia saber que eu me afastara de Elijah Muhammad e da Nação do Islã, a minha “base de poder”, segundo a imprensa americana. A única organização de que eu dispunha contava apenas com umas poucas semanas de existência. Não tinha um emprego. Não tinha dinheiro. Para poder chegar até ali, tivera inclusive que pedir dinheiro emprestado à minha irmã.

Foi naquela manhã que comecei a reavaliar o “homem branco”. Foi quando comecei a compreender que “homem branco”, na acepção comum do termo, significa a cor da pele apenas secundariamente; primariamente, descrevia atitudes e atos. Na América, “homem branco” significa atitudes e atos específicos em relação ao homem preto, em relação a todos os homens não-brancos. Mas no mundo muçulmano eu conhecera homens de pele branca que eram mais genuinamente fraternais que quaisquer outros que encontrara anteriormente.

Aquela manhã assinalou o início de uma mudança radical em toda a minha perspectiva sobre os homens “brancos”.

Gostaria de citar aqui o meu caderno de anotações. Naquele dia, no hotel, por volta de meio-dia, escrevi o seguinte: “Meu excitamento, sentado aqui, aguardado o momento de comparecer ao Comitê Hajj, é indescritível. A janela dá para o mar, a oeste. As ruas estão repletas de peregrinos que chegam de todas as partes do mundo. As orações são para Alá e os versos do Corão estão nos lábios de todos. Nunca antes testemunhei uma cena tão comóvete, jamais senti um clima assim. Embora esteja excitado, sinto-me a salvo e seguro, a milhares de

quilômetros da vida totalmente diferente que sempre conheci. Lembro que há apenas 24 horas estava no quarto andar do dormitório do aeroporto, cercado por pessoas com as quais não podia me comunicar, sentindo-me inseguro em relação ao futuro, extremamente solitário. E, depois, dei um único telefonema, seguindo as instruções do Dr. Shalwarbi. E conheci um dos homens mais poderosos do mundo muçulmano. Iria em breve dormir na cama dele, no Palace Jeddah. Sei que estou cercado por amigos, cuja sinceridade e fervor religioso posso sentir. Devo rezar novamente para agradecer a Alá por esta bênção, devo rezar novamente para que minha esposa e filhas na América sejam sempre abençoadas também pelos sacrifícios que têm feito.”

Fiz mais duas preces, conforme anotei. Depois dormi durante cerca de quatro horas, até que o telefone tocou. Era o jovem Dr. Azzam. Dentro de uma hora, ele viria me buscar para o jantar. Balbuciei algumas palavras, tentando manifestar meus agradecimentos por tudo o que estavam fazendo. Ele interrompeu-me:

— *Ma sha'a-allah...*

O que significa “É como apraz a Alá.”

Aproveitei a oportunidade para descer ao saguão, a fim de poder vê-lo novamente antes da chegada do Dr. Azzam. No momento em que saía da suíte, um homem em trajes cerimoniais também saía de sua suíte, no outro lado do corredor. Era evidente que estava hospedado ali e também descia, cercado por uma comitiva. Lá fora, uma pequena caravana de automóveis estava esperando. Meu vizinho apareceu à entrada da frente do Palace Hotel de Jeddah e no mesmo instante inúmeras pessoas correram em sua direção, cercando-o, beijando-lhe a mão. Descobri quem ele era: o Grande Mufti de Jerusalém. Mais tarde, no hotel, eu teria a oportunidade de conversar com ele durante meia hora. Era um homem cordial, da maior dignidade. Ele estava a par de todos os problemas internacionais, até mesmo dos últimos acontecimentos na América.

Jamais esquecerei o jantar na casa do Dr. Azzam. Vou reproduzir novamente o que escrevi na ocasião: “Eu não podia dizer, na mente, que se tratava de homens ‘brancos’. Comportavam-se como se fossem meus irmãos, o Dr. Azzam mais velho como se fosse meu pai. Falava de maneira paternal, deixando transparecer a sua extraordinária erudição. Senti mesmo que ele era como meu pai. Pode-se dizer que era um diplomata extremamente eficiente, com uma mente ampla e receptiva. Seus conhecimentos eram vastos. Estava tão a par dos acontecimentos mundiais quanto uma pessoa está do que ocorre em sua sala de estar.

“Quanto mais conversávamos, mais parecia ilimitado e variado o seu vasto reservatório de conhecimentos e informações. Discorreu sobre os descendentes de Maomé o Profeta e demonstrou como eram tanto pretos como brancos. Ressaltou também que a cor, as complexidades da cor e os problemas decorrentes da cor só existiam nas áreas do mundo muçulmano que haviam sofrido a influência do Ocidente.

Comentou que em qualquer lugar em que encontravam diferenças baseadas numa atitude em relação a cor podia-se ter certeza de que isso refletia diretamente o grau da influência ocidental.”

Durante o jantar, disseram-me que o Tribunal Hajj já fora informado do meu caso e que eu deveria comparecer pela manhã. E lá estava eu na hora marcada.

O juiz era o Xeque Muhammad Harkon. O tribunal estava vazio e as únicas pessoas a serem ouvidas éramos eu e uma irmã da Índia, anteriormente uma protestante que se convertera ao Islã e estava também tentando realizar a Hajj. A pele dela era parda, o rosto pequeno, quase que totalmente coberto. O Juiz Harkon era um homem gentil e impressivo. Conversamos. Ele me fez algumas perguntas, relacionadas com a minha sinceridade. Respondi-lhe da melhor forma possível, dizendo sempre a verdade. Ele não apenas reconheceu-me como um verdadeiro muçulmano, como também me deu dois livros, um em inglês, outro em árabe. Escreveu meu nome no Registro Sagrado dos verdadeiros muçulmanos. Antes de nos separarmos, o Juiz Harkon ainda me disse:

— Espero que se torne um grande pregador do Islã na América.

Respondi que também partilhava essa esperança e envidaria todos os esforços para concretizá-la.

A família Azzam ficou exultante ao saber que eu havia sido considerado apto a fazer a peregrinação a Meca. Almocei no hotel. Depois, dormi por várias horas, até que o telefone me acordou.

Era Muhammad Abdul Azziz Maged, o Subchefe do Protocolo do Príncipe Faisal, que me disse:

— Um carro especial estará à sua espera para levá-lo a Meca, logo depois do jantar.

Ele aconselhou-me a comer bastante, pois os rituais Hajj exigiam muitas energias.

A esta altura, eu estava mais que espantado.

Dois jovens árabes acompanharam-me a Meca. Uma rodovia moderna, bem iluminada, tornou a viagem extremamente fácil. Ao longo do percurso, a intervalos, havia guardas, que examinavam o carro. O motorista lhes fazia um sinal e seguíamos adiante, jamais tendo que parar. Sentia-me, ao mesmo tempo, excitado, importante, humilde e grato.

Quando entramos em Meca, a cidade pareceu-me tão antiga quanto o próprio tempo. O carro diminuiu a velocidade para avançar vagarosamente por ruas sinuosas, com lojas nos dois lados, ônibus, carros e caminhões, dezenas de milhares de peregrinos, de todos os cantos do mundo, por toda parte.

O carro parou por um instante num lugar em que havia um *Mutawaf* à minha espera. Usava o mesmo barrete branco e a túnica igualmente branca que eu já vira no aeroporto. Era um árabe baixo, de pele escura, chamado Muhammad. Não falava uma só palavra de inglês.

Estacionamos perto da Grande Mesquita. Fizemos a ablução e en-

tramos. Os peregrinos pareciam estar uns por cima dos outros, de tantos que havia, deitados, sentados, dormindo, rezando, andando de um lado para outro.

Meu vocabulário não pode descrever a nova mesquita que estava sendo construída em torno da Kaaba. Fiquei emocionado ao compreender que era simplesmente uma das espetaculares obras de reconstrução que estavam sendo realizadas sob a orientação do jovem Dr. Azzam, que acabara de ser meu anfitrião. A Grande Mesquita de Meca, quando concluída, vai ultrapassar a beleza arquitetônica do Taj Mahal, da Índia.

Carregando as sandálias, segui o *Mutawaf*. Vi então a Kaaba, uma gigantesca casa de pedra preta, no meio da Grande Mesquita. Estava sendo circulada por milhares e milhares de peregrinos a orarem, de ambos os sexos, todos os tamanhos, cores e raças do mundo. Eu sabia qual era a prece que se devia pronunciar quando os olhos dos peregrinos se fixavam pela primeira vez na Kaaba. Traduzida, diz mais ou menos o seguinte: “Ó Deus, Tu és paz e a paz deriva de Ti. E assim nos cumule, Ó Senhor, com paz.” Ao entrar na Mesquita, o peregrino deve tentar beijar a Kaaba, se possível; mas se as multidões impedirem-no de chegar tão perto, deve tocá-la com a mão; e se nem isso conseguir, levanta a mão e grita:

— *Takbir!* (Deus é grande!)

Fui detido a alguns metros da Kaaba e gritei:

— *Takbir!*

Meu sentimento, ali na Casa de Deus, era de torpor. Meu *Mutawaf* levou-me através da multidão de peregrinos a orarem e entoarem cânticos, dando sete voltas em torno da Kaaba. Muitos estavam encurvados e encarquilhados pela idade; era uma cena que se grava indelevelmente na mente. Vi peregrinos incapacitados sendo carregados por outros. Todos os rostos estavam dominados pela fé. Na sétima volta, rezei duas *Ra'ka*, prostrando-me, a cabeça no chão. Na primeira prostração, rezei o versículo do Corão “Diga Ele é Deus, o único”; na segunda prostração, rezei “Diga Ó vós que sois incréus, não adoro o que adorais...” Enquanto eu me prostrava, o *Mutawaf* desviava os peregrinos que passavam para que não me pisoteassem.

Em seguida, o *Mutawaf* e eu bebemos água da fonte de Zem Zem. Depois, corremos entre as duas colinas. Safa e Marwa, por onde Hajar vagara procurando água para seu filho Ismael.

Em três ocasiões diversas, depois disso, visitei a Grande Mesquita e circudei a Kaaba. No dia seguinte, logo depois do nascer do sol, parti junto com outros milhares de peregrinos para o Monte Arafat, todos gritando em uníssono:

— *Labbayka! Labbayka! Allah Akbar!*

Meca está cercada pelas montanhas de aparência mais inóspita que já conheci; parecem ser feitas da escória de um alto-forno. Não há qualquer vegetação. Chegando por volta de meio-dia, oramos e cantamos até o pôr-do-sol, fazendo as preces *asr* (tarde) e *Maghrib* (pôr-do-sol).

Finalmente, erguemos as mãos em prece e agradecimento, repentinamente as palavras de Alá:

— Não há outro Deus que não Alá. Ele não tem igual. A Alá cabem todo louvor e autoridade. O bem emana d'Ele e Ele tem poder sobre todas as coisas.

Ir ao Monte Arafat encerrava os rituais essenciais de ser um peregrino a Meca. Quem não vai não pode a rigor considerar-se um peregrino.

O *Ihram* terminara. Lançamos as sete pedras tradicionais no demônio. Alguns raspam os cabelos e a barba. Decidi que continuaria com a barba e fiquei imaginando o que minha esposa Betty e nossas filhas iriam dizer quando me vissem assim, na volta a Nova York. E pensei também que, naquele momento, Nova York parecia estar a um milhão de quilômetros de distância. Desde que deixara Nova York que não via um jornal que pudesse ler. Não tinha a menor idéia do que estava acontecendo por lá. Uma associação de negros atiradores do Harlem, que possuíam rifles, existente há mais de 12 anos, fora “descoberta” pela polícia; estava se anunciando que eu é que estava “por trás” de tudo. A Nação do Islã de Elijah Muhammad iniciou um processo legal contra mim, para obrigar-me e à minha família a deixarmos a casa em que morávamos em Long Island.

Os grandes jornais, emissoras de rádio e televisão da América tinham representantes no Cairo à minha procura, tentando localizar-me, a fim de me entrevistarem sobre a confusão que eu supostamente causara... sem saber absolutamente de nada.

Sabia apenas o que deixara na América e como contrastava com o que encontrara no mundo muçulmano. Cerca de 20 muçulmanos que haviam encerrado a Hajj estavam sentados numa imensa tenda, no Monte Arafat. Como um muçulmano da América, eu era o centro das atenções. Perguntaram-me o que mais me impressionara na Hajj. Um dos vários que falavam inglês formulou a pergunta, traduzindo a resposta para os outros. Não respondi o que todos estavam esperando, mas fui direto ao centro do problema:

— A fraternidade! Pessoas de todas as raças, cores, de todas as partes do mundo, se reunindo como se fossem uma só! Provou-me o poder do Único Deus!

Pode ter sido inoportuno, mas aproveitei a oportunidade para fazer um pequeno sermão sobre o racismo na América e seus males.

Posso garantir que o impacto sobre eles não foi pouco. Estavam a par da situação “difícil” do homem preto na América, mas não sabiam que era tão desumana, que havia uma castração psicológica. Aquelas pessoas, de todas as partes do mundo, ficaram chocadas. Como muçulmanos, possuíam uma profunda compaixão por todos os desventurados e uma extrema sensibilidade à verdade e justiça. E em tudo o que lhes disse, enquanto conversamos, compreenderam a medida que eu usava para avaliar todas as coisas, que considerava que o pior mal da Terra, o mais explosivo e pernicioso, era o racismo, a incapacidade

das criaturas de Deus de viverem como uma só, especialmente no mundo ocidental.

Tenho refletido desde então que a carta que finalmente escrevi já estava se moldando subconscientemente em minha mente há algum tempo.

A *cegueira de cor* da sociedade religiosa do mundo muçulmano e a *cegueira de cor* da sociedade humana do mundo muçulmano: essas duas influências estavam a cada dia causando-me um impacto maior e a uma crescente persuasão contra a minha maneira de pensar anterior.

A primeira carta que escrevi, evidentemente, foi para a minha esposa Betty. Nunca tive a menor dúvida de que Betty, depois do espanto inicial, mudaria também a sua maneira de pensar, para me acompanhar. Sabia que ela compreenderia o que me acontecera: na terra de Maomé e na terra de Abraão, eu fora abençoado com uma nova perspectiva por Alá, uma nova compreensão da verdadeira religião do Islã e uma melhor avaliação do dilema racial da América.

Depois da carta para minha esposa, escrevi outra carta, essencialmente igual, para a minha irmã Ella. Sabia como Ella reagiria, pois estava economizando para fazer a peregrinação a Meca.

Escrevi para o Dr. Shawarbi, cuja convicção na minha sinceridade permitira-me obter o visto no passaporte para ir a Meca.

Durante toda a noite, escrevi outras cartas similares, sempre longas, para as pessoas que me eram mais chegadas. Entre elas estava o filho de Elijah Muhammad, Wallace Muhammad, que me manifestara a sua convicção de que a única salvação possível para a Nação do Islã seria a aceitação e projeção de uma melhor compreensão do Islã ortodoxo.

Escrevi também para meus leais assistentes na recém-formada Mesquita Muçulmana, Inc., no Harlem, anexando um bilhete, pedindo que a carta fosse copiada e distribuída à imprensa.

Sabia que, quando a carta fosse divulgada na América, muitos ficariam surpresos, os entes queridos, os amigos, até os inimigos. E não menos surpresas ficariam milhões de pessoas que eu não conhecia, mas que haviam adquirido uma imagem de “ódio” de Malcolm X, durante os 12 anos que eu passara com Elijah Muhammad.

Até mesmo eu estava atônito. Mas havia um precedente em minha vida para aquela carta. Toda a minha vida sempre fora uma cronologia de... *mudanças*.

Eis aqui o que escrevi... do fundo do meu coração:

“Jamais conheci uma hospitalidade tão sincera e um espírito tão superior da verdadeira fraternidade como os que são praticados por pessoas de todas as cores e raças aqui na Terra Santa, o lar de Abraão, Maomé e todos os outros profetas das Sagradas Escrituras. Ao longo da última semana, tenho estado atônito e fascinado pela boa vontade e cordialidade que vejo ao meu redor, praticadas por pessoas de todas as cores.

“Fui abençoado pela oportunidade de visitar a Cidade Santa de Meca. Já fiz sete circuitos em torno da Kaaba, levado por um jovem *Mutawaf* chamado Muhammad. Tomei água da fonte de Zem Zem. Corri sete vezes entre as colinas de Al-Safa e Al-Marwah. Rezei na antiga cidade de Mina e rezei no Monte Arafat.

“Vi dezenas de milhares de peregrinos de todas as partes do mundo. Eram de todas as cores, de louros de olhos azuis a africanos de pele preta. Mas estávamos todos participando do mesmo ritual, exibindo um espírito de união e fraternidade que minhas experiências na América haviam-me levado a acreditar que nunca poderiam existir entre os brancos e os não-brancos.

“A América precisa compreender o Islã, porque é a única religião que pode erradicar de sua sociedade o problema racial. Nas minhas andanças pelo mundo muçulmano, tenho-me encontrado, conversado e até mesmo comido junto com pessoas que na América seriam consideradas brancas... mas a atitude branca fora eliminada de suas mentes pela religião do Islã. Nunca antes eu tinha visto uma fraternidade tão *sincera e verdadeira* praticada por pessoas de todas as cores em comunhão, independente de suas cores.

“Podem estar chocados ao tomarem conhecimento de tais palavras, partindo de mim. Mas tudo o que vi e experimentei nesta peregrinação levou-me a reformular consideravelmente os padrões de pensamentos que tinha anteriormente, revogando algumas das minhas conclusões prévias. O que não foi difícil para mim. Apesar das minhas convicções decididas, sempre fui um homem que procura enfrentar os fatos e aceitar a realidade da vida, à medida que novas experiências e novos conhecimentos se apresentam. Sempre mantive a mente aberta e receptiva, o que é necessário para a flexibilidade que deve ser inerente a qualquer busca inteligente e sincera da verdade.

“Durante os últimos 11 dias, aqui, no mundo muçulmano, tenho comido do mesmo prato, bebido do mesmo copo e dormido na mesma cama (ou no mesmo tapete), sempre rezando ao *mesmo* Deus, com irmãos muçulmanos cujos olhos são do azul mais azul, os cabelos do louro mais louro, a pele do branco mais branco. E nas *palavras, atos e ações* dos muçulmanos ‘brancos’ senti a mesma sinceridade que encontrei entre os muçulmanos africanos pretos da Nigéria, Sudão e Gana.

“Éramos verdadeiramente iguais (irmãos), porque a convicção em um só Deus removera o ‘branco’ de suas *mentes*, o ‘branco’ de seu *comportamento* e o ‘branco’ de suas *atitudes*.

“Pude compreender, por isso, que se os americanos brancos puderem aceitar a Unidade de Deus, talvez então possam aceitar também *na realidade* a Unidade do Homem... e deixar de avaliar, estorvar e prejudicar os outros com base em suas ‘diferenças’ de cor.

“Com o racismo atormentando a América como se fosse um câncer incurável, o chamado coração branco ‘cristão’ americano deveria ser mais receptivo a uma solução já comprovada para um problema tão destrutivo. Talvez se possa chegar à solução a tempo de salvar a

América do desastre iminente, a mesma destruição imposta à Alemanha pelo racismo e que acabou por destruir os próprios alemães.

“Cada hora que passo aqui, na Terra Santa, permite-me ter perspectivas mais amplas e profundas, em termos espirituais, do que está acontecendo na América entre pretos e brancos. O negro americano nunca pode ser culpado por suas animosidades raciais, pois está apenas reagindo a 400 anos de racismo consciente dos brancos americanos. Mas enquanto o racismo leva a América pela trilha do suicídio, acredito firmemente, pelas experiências que com eles tive, que os brancos de geração mais jovem, nos colégios e universidades, verão as palavras na parede e muitos se voltarão para o caminho *espiritual da verdade...* o *único* caminho deixado à América para evitar o desastre a que o racismo inevitavelmente levará.

“Nunca fui tão honrado e homenageado. Nunca me senti tão humilde e insignificante. Quem poderia acreditar nas bênçãos com que foi cumulado um *negro americano*? Há poucas noites, um homem que na América seria considerado um homem ‘branco’, um diplomata na ONU, um embaixador, um companheiro de reis, cedeu-me a *sua* suíte de hotel, a *sua* cama. Por intermédio desse homem, Sua Excelência o Príncipe Faisal, que governa a Terra Santa, foi informado da minha presença em Jeddá. Na manhã seguinte, o filho do Príncipe Faisal informou-me pessoalmente que, por vontade e determinação de seu estimado pai, eu seria um Hóspede Oficial do Estado.

“O próprio Subchefe do Protocolo levou-me ao Tribunal Hajj. Sua Santidade Xequê Muhammad Harkon aprovou pessoalmente a minha ida a Meca. Sua Santidade deu-me dois livros sobre o Islã, com seu sinete e autógrafo pessoais, dizendo que rezava para que eu me tornasse um bem-sucedido pregador do Islã na América. Um carro, um motorista e um guia foram postos à minha disposição, permitindo-me viajar pela Terra Santa quase à vontade. O governo providencia alojamentos com ar-condicionado e empregados para me servirem em todas as cidades que visito. Jamais eu teria sequer pensado em sonhar que um dia seria o alvo de tantas honrarias... honrarias que na América seriam concedidas a um rei, nunca a um negro.

“Todo o louvor cabe a Alá, o Senhor de todos os Mundos.”

Sinceramente,

El-Hajj Malik El-Shabazz
(Malcolm X)

Capítulo Dezoito

EL-HAJJ MALIK EL-SHABAZZ

O Príncipe Faisal, o soberano absoluto da Arábia, tornara-me um hóspede oficial. Entre as cortesias e privilégios que isso me proporcionava, apreciei especialmente — não posso deixar de confessá-lo — o carro que foi posto à minha disposição e no qual percorri toda Meca, com o motorista-guia indicando-me os locais com algum significado específico. Algumas partes da Cidade Santa pareciam tão antigas quanto o próprio tempo. Outras assemelhavam-se a um moderno subúrbio de Miami. Não posso descrever os sentimentos que experimentei ao encostar as mãos na mesma terra que fora percorrida pelos grandes Profetas há quatro mil anos.

O “muçulmano da América” despertava o mais intenso interesse e curiosidade por toda parte. Em diversas ocasiões, confundiram-me com Cassius Clay. Um jornal local publicara uma fotografia em que aparecíamos Cassius e eu, na ONU. Através do meu motorista-guia-intérprete, fizeram-me incontáveis perguntas a respeito de Cassius. Ali, no mundo muçulmano, até mesmo as crianças o conheciam e amavam. Por exigência popular, os cinemas por toda a África e Ásia haviam exibido sua luta. Naquele momento da carreira do jovem Cassius, ele conquistara a imaginação e o apoio de todo o mundo escuro.

O carro levou-me a participar de preces especiais no Monte Arafat e em Mina. As viagens pelas estradas foram as mais impressionantes que já fiz, com um tráfego de pesadelo, freios guinchando, carros derrapando, buzinas tocando (creio que na Terra Santa todo mundo guia com a bênção de Alá). Já começara a aprender as preces em árabe. Agora, minha maior dificuldade na prece era física. A postura da prece a que não estava acostumado fizera com que o dedão inchasse e estava doendo muito.

Mas os costumes do mundo muçulmano já não me pareciam mais tão estranhos. Minhas mãos agora prontamente tiravam comida de um prato comum partilhado com irmãos muçulmanos; estava bebendo sem qualquer hesitação do mesmo copo que os outros; estava me lavando do mesmo cântaro com água; e dormindo com oito ou dez outros na mesma esteira, ao ar livre. Lembro especialmente de uma noite em Muzdalifa em que tinha apenas o céu estrelado por cima da cabeça. Fiquei acordado, entre irmãos muçulmanos que dormiam. Descobri que os

peregrinos de todas as terras, de todas as cores, de todas as classes, tanto altas autoridades quanto mendigos, sem exceção, todos roncavam na mesma língua.

Sou capaz de apostar que nos lugares da Terra Santa que visitei um milhão de garrafas de refrigerantes eram consumidas... e dez milhões de cigarros deviam ser fumados. Especialmente os muçulmanos árabes fumavam constantemente, mesmo na própria peregrinação Hajj. O mal do fumo não havia sido inventado nos tempos do Profeta Maomé; se já tivesse sido, creio que seria proibido.

Foi a maior Hajj da história, segundo me disseram depois. Kasem Gulick, do Parlamento turco, radiante de orgulho, informou-me que somente da Turquia haviam partido para a peregrinação mais de 600 ônibus e inúmeros carros, levando mais de 50 mil muçulmanos. Comentei que sonhava com o dia em que navios e aviões carregados de muçulmanos americanos seguiriam para Meca na peregrinação Hajj.

Havia um padrão de cor nas imensas multidões. A partir do momento em que notei isso, passei a observar atentamente. Sendo da América, era extremamente sensível a questões de cor. Percebi que as pessoas que se pareciam eram mutuamente atraídas e permaneciam juntas na maior parte do tempo. Era uma atitude totalmente voluntária; não havia qualquer outro motivo para isso. Mas os africanos ficavam com os africanos, os paquistaneses com os paquistaneses. E assim por diante. Decidi que, quando voltasse, falaria a respeito para os americanos: onde existia uma verdadeira fraternidade entre todas as cores, onde ninguém se sentia segregado, onde não havia qualquer complexo de “superioridade” nem complexo de “inferioridade”, então voluntariamente, naturalmente, as pessoas da mesma espécie sentiam-se atraídas pelo que tinham em comum.

Na minha próxima peregrinação Hajj, pretendo ter pelo menos um vocabulário prático de árabe. No estado de ignorância em que visitei a Terra Santa, tive a sorte de encontrar amigos pacientes que me permitiram conversar com os outros, servindo de intérpretes. Nunca antes, em toda a minha vida, senti-me tão surdo e mudo quanto nas ocasiões em que não havia nenhum intérprete para traduzir o que estava sendo dito ao redor, a meu respeito ou até mesmo para mim, por outros muçulmanos... antes de saberem que “o muçulmano da América” conhecia apenas algumas preces em árabe e, afora isso, podia apenas assentir e sorrir.

Por trás dos acenos e sorrisos, no entanto, eu estava empenhado em pensamentos e reflexões ao melhor estilo americano. Cheguei à conclusão de que as conversões ao Islã no mundo inteiro podiam ser dobradas ou mesmo triplicadas se a animação e a verdadeira espiritualidade da peregrinação Hajj fossem devidamente divulgadas e comunicadas ao mundo exterior. Percebi que os árabes não compreendem muito bem a psicologia dos não-árabes e a importância das relações públicas. Os árabes dizem “*insha Allah*” (“Deus querendo”) — e depois ficam esperando por convertidos. Mesmo assim, o Islã estava

avançando. Mas eu sabia que, com métodos de relações públicas melhorados, o número de novos convertidos ao Islã poderia ser transformando em milhões.

Constantemente, aonde quer que eu fosse, faziam-me perguntas sobre a discriminação racial na América. Mesmo com a minha experiência, fiquei surpreso por constatar que a grande imagem projetada pela América parecia ser a da discriminação.

Numa centena de conversas diferentes na Terra Santa, com muçulmanos importantes e humildes, de todos os cantos do mundo, como também me aconteceu depois na África preta, jamais me contive uma vez sequer nem perdi qualquer oportunidade de contar a verdade a respeito dos crimes, males e indignidades de que é vítima o homem preto da América. Através do meu intérprete, não perdi qualquer oportunidade de revelar a verdadeira situação do homem preto americano. Preguei na montanha, em Arafat, preguei no movimentado saguão do Palace Hotel, em Jeddá. Apontava um a um, para que sentissem melhor as minhas palavras:

— Você... você... você... porque têm a pele escura, na América seriam chamados de “negros”. Poderiam ser baleados, cercados como gado, ser alvo de mangueladas contra incêndio, espancados brutalmente, só por causa de suas peles.

Alguns dos peregrinos mais pobres me ouviram pregar, assim como muitos dos personagens mais importantes do Mundo Santo. Conversei com Hussein Amini, de olhos azuis, cabelos louros, o Grande Mufti de Jerusalém. Fomos apresentados no Monte Arafat por Kasem Gulick, do Parlamento turco. Ambos eram homens cultos, ambos haviam lido bastante sobre a América. Kasem Gulick perguntou por que eu romperia com Elijah Muhammad. Respondi que preferia não me aprofundar sobre as nossas divergências, a fim de preservar a união do homem preto americano. Ambos compreenderam e aceitaram tal resposta.

Conversei com o Prefeito de Meca, Xequê Abdullah Eraif, que era antes jornalista e criticara os métodos da administração da cidade... sendo nomeado prefeito pelo Príncipe Faisal, a fim de mostrar se era capaz de fazer melhor. De um modo geral, todos reconheciam que o Xequê Eraif estava se saindo muito bem. Ahmed Horyallah e seu associado Essid Muhammad, da emissora de televisão de Túnis, estavam fazendo um filme intitulado *O Muçulmano da América*. Na América, Ahmed Horyallah estivera em Chicago para entrevistar Elijah Muhammad.

O saguão do Palace Hotel de Jeddá proporcionava-me freqüentes audiências informais de tamanho considerável, formadas por homens importantes de muitos países diferentes, curiosos em ouvirem “o muçulmano da América”. Conheci muitos africanos que tinham passado algum tempo na América ou tinham ouvido os depoimentos de outros africanos sobre o tratamento do homem preto na América. Lembro que, numa grande audiência, encontrei um Ministro de Estado da África

Preta (ele conhecia mais os acontecimentos internacionais que qualquer outra pessoa que conheci), que falou de suas viagens ocasionais pelos Estados Unidos, Norte e Sul, não usando deliberadamente o traje típico de seu país. Só de recordar as indignidades que sofrera como um homem preto esse homem culto e distinto ficava revoltado. Os olhos brilhavam numa ira impetuosa, as mãos golpeavam o ar furiosamente:

— Por que o homem preto americano é tão complacente ao ser pisoteado? Por que o homem preto americano não *luta* para se tornar um ser humano?

Uma alta autoridade sudanesa abraçou-me:

— Você é o defensor do povo preto americano!

Uma autoridade indiana chorou de compaixão “por meus irmãos em sua terra”. Refleti muitas e muitas vezes como o homem preto americano sofre uma lavagem cerebral tão intensa que jamais se vê ou pensa em si mesmo como parte dos povos não-brancos do mundo, como deveria fazer. O negro americano não tem a menor idéia da preocupação com ele de centenas de milhões de não-brancos; não tem a menor idéia do sentimento de fraternidade que existe por ele.

Foi na Terra Santa e mais tarde na África que formei a convicção que tenho mantido desde então: a de que um dos requisitos principais para qualquer líder negro da América deve ser uma viagem prolongada pelas terras não-brancas do mundo. Essa viagem deve incluir muitas conversas com homens em altas posições nessas terras. Garanto que qualquer líder negro honesto e de mentalidade aberta voltaria com um pensamento mais objetivo sobre os caminhos alternativos para a solução dos problemas do homem preto americano. Acima de tudo, os líderes negros descobririam que muitas altas autoridades não-brancas, especialmente africanas, lhes diriam particularmente que teriam a maior satisfação em apoiar a causa dos negros americanos, na ONU e por outros meios. Mas essas autoridades, compreensivelmente, acham que o negro da América está tão confuso e dividido que nem mesmo sabe qual é a sua causa. Não foram poucas as pessoas, especialmente africanas, que me manifestaram de várias maneiras que ninguém desejaria ficar constrangido a tentar ajudar um irmão que não dá qualquer sinal de que deseja ajuda... e que parece se recusar a cooperar na defesa dos seus próprios interesses.

O problema mais crítico dos “líderes” do preto americano é o da falta de imaginação! Seu pensamento, suas estratégias, se é que alguma existe, são sempre limitados, pelo menos basicamente, ao que é aconselhado ou aprovado pelo homem branco. E uma coisa que a estrutura de poder americano não quer de jeito nenhum é que os negros comecem a pensar *internacionalmente*.

Acho que o maior erro cometido pelas organizações pretas americanas e seus líderes é o de não terem estabelecido um contato direto de fraternidade com as nações independentes da África. A cada dia, os chefes de estado pretos africanos deveriam receber relatos diretos dos acontecimentos nas lutas do homem preto americano, ao invés dos

comunicados do Departamento de Estado americano para os africanos, sempre insinuando que a luta do homem preto americano está sendo "solucionada".

Dois escritores americanos, *bestsellers* na Terra Santa, contribuíram para disseminar e intensificar a preocupação pelo homem preto americano. Os livros de James Baldwin, traduzidos, causaram um tremendo impacto, assim como o livro *Black Like Me* (Preto Como Eu), de John Griffin. Para quem não conhece o livro, conta como o homem branco Griffin escureceu a pele e passou dois meses viajando como um negro pela América, relatando em seguida as experiências por que passou.

— Uma experiência terrível — comentaram muitas pessoas que haviam lido o livro, no Mundo Santo.

E em todas as ocasiões que ouvi esse comentário, tratei de aprofundar:

— Se foi uma experiência terrível para ele, que se limitou a ser um falso negro por 60 dias, pense no que os *verdadeiros* negros da América vêm sofrendo há 400 anos.

Recebi uma honra pela qual havia rezado: Sua Eminência o Príncipe Faisal convidou-me para uma audiência pessoal.

Assim que entrei na sala, o Príncipe Faisal, um homem alto, bonito, saiu de trás de sua escrivaninha. Jamais esquecerei o pensamento que me ocorreu nesse instante: ali estava um dos homens mais importantes do mundo e, por trás de sua imensa dignidade, podia-se perceber uma sincera humildade. Inclinou-me uma cadeira à sua frente. Nosso intérprete foi o Subchefe de Protocolo, Muhammad Abdul Aziz Maged, um árabe nascido no Egito, que mais parecia um negro do Harlem.

O Príncipe Faisal gesticulou impacientemente quando comecei a gaguejar, procurando palavras para expressar minha gratidão pela grande honra que me prestara, ao designar-me como um hóspede oficial. Ele explicou-me que era apenas a hospitalidade muçulmana para com outro muçulmano e que eu era um muçulmano excepcional, por ser da América. Pediu-me que compreendesse, acima de tudo, que assim agira por seu prazer, sem quaisquer outros motivos.

Um servidor discreto trouxe duas variedades de chá enquanto o Príncipe Faisal falava. O filho dele, Muhammad Faisal, conhecera-me pela televisão, quando cursava uma universidade no norte da Califórnia. O Príncipe Faisal lera vários artigos de autores egípcios sobre os "muçulmanos pretos" americanos, comentando:

— Se é verdade o que dizem esses autores, então os muçulmanos pretos americanos acreditam no Islã errado.

Falei sobre o papel que desempenhara nos últimos 12 anos, ajudando a organizar e expandir a Nação do Islã. Expliquei que o meu propósito ao fazer a Hajj era adquirir uma compreensão do verdadeiro Islã.

— Isso é ótimo — declarou o Príncipe Faisal.

Ele ressaltou que havia uma abundância de literatura sobre o Islã traduzida para o inglês. Assim, não havia qualquer desculpa para a ignorância e nenhuma razão para que as pessoas sinceras se deixassem enganar.

No último dia de abril de 1964 voei para Beirute, a capital do Líbano. Deixei uma parte de mim na Cidade Santa de Meca. Em troca, levei comigo, para sempre, uma parte de Meca.

Estava a caminho da Nigéria e depois iria a Gana. Mas alguns amigos que conhecera na Terra Santa haviam recomendado e insistido para que eu fizesse algumas paradas no caminho. Acabei concordando. Ficou combinado, por exemplo, que eualaria para os professores e alunos da Universidade Americana de Beirute.

No Hotel Palm Beach, em Beirute, entreguei-me ao meu primeiro sono profundo e prolongado desde que deixara a América. Depois, saí a passear pela cidade, revigorado por algumas semanas na Terra Santa. Imediatamente, tive a atenção atraída pelo comportamento e trajés das mulheres libanesas. Na Terra Santa, encontrara mulheres árabes extremamente femininas e recatadas... e de repente deparava com o contraste daquelas mulheres meio francesas, meio libanesas-árabes, que projetavam em seus trajés e comportamento nas ruas mais liberdade e audácia. Percebi nitidamente a óbvia influência européia sobre a cultura libanesa. Serviu para mostrar-me como a força moral — ou a fraqueza moral — de qualquer país pode ser prontamente avaliada pelos trajés e atitudes nas ruas de suas mulheres, especialmente as jovens. Sempre que os valores morais foram sufocados, senão mesmo destruídos, por uma ênfase nas coisas materiais, isso se reflete invariavelmente nas mulheres. Prova disso são as mulheres na América, tanto as jovens como as mais idosas. É que quase não restam valores morais na América. Parece que na maioria dos países se vai de um extremo a outro. Poderia existir um verdadeiro paraíso no país em que houvesse um equilíbrio entre o progresso material e os valores espirituais.

Na Universidade de Beirute, falei a verdade sobre a situação do homem preto americano. Já comentei antes que qualquer orador público experiente pode sentir as reações da audiência. Enquanto falava, senti as reações subjetivas e defensivas dos estudantes brancos americanos presentes. Mas, gradativamente, a hostilidade foi-se atenuando, à medida que expus os fatos incontestáveis. Já os estudantes de ascendência africana... jamais vou deixar de me impressionar com a maneira pela qual o africano demonstra as suas emoções.

Mais tarde, com espanto, soube que a imprensa americana divulgara que meu discurso em Beirute provocara um "distúrbio". Que espécie de distúrbio? Não entendo como algum repórter, de boa-fé, poderia ter transmitido alguma notícia dessas para o outro lado do oceano. A notícia sobre o meu discurso, na primeira página do *Daily Star* de Beirute, não mencionava qualquer "distúrbio"... porque simplesmente não houve nenhum. Quando acabei de falar, os estudantes afri-

canos praticamente me assediaram em busca de autógrafos; alguns chegaram a me abraçar. Nunca as audiências negras americanas aceitaram-me tão efusivamente quanto os africanos, menos inibidos, mais práticos e realistas.

De Beirute, segui de avião para o Cairo e de lá peguei um trem para Alexandria, que fica também no Egito. Mantinha a minha câmera em funcionamento incessante por toda parte a que ia. Finalmente embarquei num avião para a Nigéria.

Durante o vôo de seis horas, quando não estava conversando com o piloto (que havia sido um nadador olímpico em 1960), sentava ao lado de um político africano arrebatado. Ele quase que gritava em seu fervor:

— Quando o povo se encontra num estado de estagnação e está sendo arrancado dele, não há tempo para eleições!

A tese central dele era a de que nenhuma nova nação africana em processo de descolonização precisava de um sistema político que propiciasse a divisão e conflitos.

— O povo não sabe o que significa o voto! Cabe aos líderes esclarecidos elevarem a inteligência do povo!

Em Lagos, fui recebido pelo Professor Essien-Udom, da Universidade de Ibadan. Ficamos ambos felizes em nos encontrarmos novamente. Havíamos nos conhecido nos Estados Unidos, quando ele pesquisara a Nação do Islã para o seu livro *Black Nationalism* (Nacionalismo Preto). Naquela noite, na casa dele, houve um jantar em minha homenagem, a que compareceram outros professores e profissionais liberais. Enquanto comíamos, um jovem médico perguntou se eu sabia que a imprensa de Nova York estava bastante transtornada com o assassinato recente no Harlem de uma mulher branca... e muitos estavam me culpando pelo crime, ao menos indiretamente. Um casal branco idoso, que possuía uma loja de roupas no Harlem, fora atacado por diversos negros jovens, sendo a esposa apunhalada mortalmente. Alguns desses jovens negros, presos pela polícia, haviam declarado que pertenciam a uma organização chamada "Irmãos de Sangue". Esses jovens, supostamente, haviam declarado também ou insinuado que eram "muçulmanos pretos", tendo se afastado da Nação do Islã para se juntarem a mim.

Declarei a todos que era a primeira vez que tomava conhecimento daquele crime, mas que não me surpreendia quando havia violência em qualquer dos guetos da América, nos quais os negros viviam espremidos como animais e eram tratados como leprosos. Acrescentei que a acusação contra mim era típica da atitude do homem branco, sempre à procura de um bode expiatório; sempre que acontecia na comunidade preta algo de que os homens brancos não gostavam, a atenção pública era dirigida não para a causa, e sim para um bode expiatório escolhido.

Quanto aos "Irmãos de Sangue", declarei que considerava todos os negros meus irmãos de sangue. Comentei que os esforços do ho-

mem branco para manchar meu nome só haviam servido para que milhões de pretos passassem a me considerar como um Joe Louis.

Falando no Salão Trenchard, da Universidade de Ibadan, insisti que as nações independentes da África precisavam compreender a necessidade de ajudar o problema afro-americano a ser levado à ONU. Assim como o judeu americano está em harmonia política, econômica e cultural com os judeus do mundo inteiro, declarei estar convencido de que era chegado o momento de todos os afro-americanos se unirem aos pan-africanistas do mundo. Falei que, fisicamente, os afro-americanos podiam permanecer na América, lutando por seus direitos constitucionais, mas filosófica e culturalmente precisavam desesperadamente "voltar" à África... e desenvolver uma unidade ativa na estrutura do pan-africanismo.

Jovens africanos formularam-me perguntas politicamente mais objetivas e profundas que a maioria dos adultos americanos. Foi então que aconteceu algo surpreendente, quando um velho antilhano se levantou e começou a me atacar... por atacar a América.

— Cale-se! Cale-se! — gritaram os estudantes, vaiando, assoviando.

O velho antilhano tentou desafiá-los. Subitamente, um grupo de estudantes avançou na direção dele. O homem saiu correndo. Nunca antes eu tinha visto algo assim. Gritando, os estudantes perseguiram o antilhano pelo *campus* (mais tarde, descobri que esse antilhano era casado com uma mulher branca e estava tentando conseguir um emprego numa organização influenciada por brancos, que o haviam incumbido de ir me contestar. Compreendi então o problema dele).

Não foi a única ocasião em que presenciei a maneira quase fanática com que os africanos manifestam as suas emoções políticas.

Posteriormente, na União dos Estudantes, crivaram-me de perguntas. Fizera-me um membro honorário da Sociedade dos Estudantes Muçulmanos Nigerianos. Aqui mesmo, na minha carteira, está o cartão de membro: "Alhadji Malcolm X. Registro N° M-138." Recebi também, como membro, um novo nome: "Omowale". Significa, na língua ioruba, "o filho que volta para casa". E falei sério quando declarei aos estudantes que jamais recebera uma homenagem mais preciosa.

Soube que havia cerca de 600 membros dos Voluntários da Paz na Nigéria. Alguns Voluntários da Paz brancos que conversaram comigo mostraram-se abertamente constrangidos pelos crimes cometidos por sua raça na América. Entre os vinte e tantos Voluntários da Paz com que conversei, houve um que me impressionou consideravelmente, Larry Jackson, graduado do Morgan State College, de Fort Lauderdale, Flórida, tendo entrado para os Voluntários da Paz em 1962.

Apareci em programa de rádio e televisão na Nigéria. Quando me lembro de homens pretos operando os seus próprios meios de comunicação, ainda sinto um calafrio de emoção percorrer-me o corpo. Entre os repórteres que me entrevistaram estava um negro americano da re-

vista *Newsweek*, chamado Williams. Viajando pela África, ele entrevistara recentemente o Primeiro-Ministro Nkrumah.

Conversando comigo em particular, um grupo de autoridades nigerianas contou como a Agência de Informações dos Estados Unidos estava habilmente tentando espalhar entre os africanos a impressão de que os negros americanos progrediam constantemente e o problema racial em breve estaria resolvido. Uma alta autoridade me disse:

— Nossos líderes bem informados e muitos e muitos outros sabem perfeitamente que não é isso o que acontece.

Acrescentou que, por trás da “fachada diplomática” de todo representante africano na ONU, estava o reconhecimento da gigantesca duplicidade e conspiração do homem branco para manter os povos de ascendência africana do mundo separados, tanto física como ideologicamente.

— Em sua terra, quantos pretos se lembram que as Américas do Norte, Sul e Central contêm mais de 80 milhões de pessoas de ascendência africana? O curso da história do mundo vai mudar no dia em que os povos de ascendência africana se unirem como irmãos!

Jamais tinha ouvido antes esse pensamento preto global de qualquer homem preto da América.

De Lagos, Nigéria, voei para Acra, Gana.

Creio que em nenhum outro lugar do continente preto a riqueza e a beleza natural de seu povo são mais evidentes do que em Gana, que se orgulha de ser a própria fonte do pan-africanismo.

Desembarquei do avião para ter uma surpresa imediata. Um homem branco americano de cara vermelha reconheceu-me e teve a desfaçatez de vir apertar-me a mão, dizendo em voz arrastada que era do Alabama e depois convidando-me a jantar em sua casa.

O restaurante do hotel, onde fui tomar o café da manhã, estava repleto de mais brancos iguais, discutindo a riqueza inexplorada da África, como se os garçons africanos não tivessem ouvidos. Quase que me estragou a refeição pensar como na América eles ataçavam cães policiais contra os pretos, lançavam bombas nas igrejas pretas ao mesmo tempo em que barravam a entrada nas igrejas brancas... e agora, mais uma vez na terra em que seus antepassados haviam roubado os pretos para torná-los escravos, ali estava o homem branco.

Ali mesmo, no restaurante daquele hotel ganense, tomei a decisão de que, enquanto estivesse na África, aproveitaria toda e qualquer oportunidade de tornar as coisas difíceis para o homem branco, que sorriam ostensivamente, enquanto tentavam explorar a África novamente. Na última vez, fora a riqueza humana; agora, o homem branco estava querendo a riqueza mineral da África.

Sabia que tal reação não apresentava nenhum conflito com as convicções de fraternidade que adquirira na Terra Santa. Os muçulmanos de pele “branca” que haviam mudado minhas opiniões eram homens que demonstravam praticar uma fraternidade genuína. E eu sabia perfeitamente que qualquer homem branco americano com um sentimen-

to fraternal autêntico por um homem preto era difícil de encontrar, por mais que ostensivamente ele estivesse sorrindo.

O escritor Julian Mayfield parecia ser o líder da pequena colônia de expatriados afro-americanos em Gana. Telefonei para Mayfield e, no que me pareceu ser o instante seguinte, estava sentado na casa dele, cercado por cerca de 40 americanos pretos expatriados; já estavam ali, esperando pela minha chegada. Eram empresários e profissionais liberais, tais como os antigos militantes do Brooklyn, Dr. e Sra. Robert E. Lee, ambos dentistas, que haviam renunciado à cidadania americana. Lá estavam também Alice Windom, Maya Angelou Make e Victoria Garvin, além de Leslie Lacy, que formara um “Comitê Malcolm X”, para orientar-me através de uma agenda vertiginosa de compromissos públicos e eventos sociais.

Tenho em meus arquivos os recortes de vários comentários que apareceram na imprensa africana a meu respeito:

“O nome de Malcolm X é quase tão familiar para os ganenses quanto o que acontece no Sul dos Estados Unidos, os cães ataçados contra os pretos, os jatos de mangueiras contra incêndio, as bombas, os tiros, os linchamentos, os rostos brancos horrendos e contorcidos pelo ódio...”

“A decisão de Malcolm X de se lançar no mais aceso da luta é uma esperança de que haja algo mais que as cenas repulsivamente melancólicas e sempre brutalizadas da resistência passiva e não-violenta...”

“Um fato extremamente importante é o de que Malcolm X é o primeiro líder afro-americano de destaque nacional a fazer uma viagem independente à África, desde que o Dr. Du Bois esteve em Gana. Este pode ser o início de uma nova fase em nossa luta. Não vamos dar menos importância ao fato do que o Departamento de Estado indubitavelmente está dando.”

“Malcolm X é um dos nossos líderes mais destacados e militantes. Estamos numa batalha. Serão envidados todos os esforços para difamá-lo e desacreditá-lo...”

Eu simplesmente não podia acreditar numa recepção assim, a oito mil quilômetros da América! Dirigentes da imprensa se incumbiram de pagar todas as minhas despesas de hospedagem e não quiseram aceitar qualquer objeção. Entre eles, estavam T.D. Baffoe, editor-geral do *Ghanaian Times*, G.T. Anim, diretor-executivo da Agência de Notícias de Gana, Kofi Batsa, editor de *Spark* e secretário-geral da União Pan-Africana de Jornalistas, o Sr. Cameron Duodu e outros. Não posso deixar de agradecer-lhes profundamente. Durante o magnífico jantar preparado pela esposa porto-riquenha de Julian Mayfield, Ana Livia (que estava encarregada do programa sanitário de Acra), fui crivado de perguntas pelos expatriados pretos da América, ansiosos em saberm de tudo, que haviam retornado à Mãe África.

Posso apenas desejar que cada homem preto americano tivesse meus ouvidos, meus olhos e minhas emoções, através da sucessão de compromissos que me haviam acertado durante a minha estada em Ga-

na. E quero ressaltar que não estou me referindo à recepção pessoal como um indivíduo de quem tinham ouvido falar, mas sim à recepção dispensada a mim como o símbolo do homem preto americano militante, como eu tinha a honra de ser considerado.

Numa entrevista coletiva bastante movimentada, creio que a primeira pergunta foi sobre o motivo pelo qual eu havia me separado de Elijah Muhammad e da Nação do Islã. Os africanos tinham ouvido rumores de que Elijah Muhammad construía um palácio no Arizona. Tratei de contestar essa falsidade e evitar as críticas. Declarei que nossa divergência fora em termos de orientação política e envolvimento na luta extra-religiosa pelos direitos humanos. Disse que respeitava a Nação do Islã por ser um movimento de revitalização psicológica e uma fonte de reforma moral e social, que a influência de Elijah Muhammad sobre o homem preto americano fora fundamental.

Ressaltei para os jornalistas a necessidade de comunicação e apoio mútuos entre africanos e afro-americanos, cujas lutas estavam entrelaçados. Lembro que, na entrevista coletiva, usei a palavra "negro" e fui firmemente corrigido.

— Essa palavra não é muito apreciada aqui, Sr. Malcolm X. O termo afro-americano possui mais significado e muito mais dignidade.

Pedi desculpas, com toda sinceridade. Não creio que tenha dito "negro" novamente enquanto continuei na África. Comentei que os 22 milhões de afro-americanos dos Estados Unidos poderiam se tornar uma força extremamente positiva para a África, enquanto as nações africanas, por sua vez, podiam e deviam exercer uma pressão positiva, nos níveis diplomáticos, contra a discriminação racial na América. Declarei:

— Toda a África se une em oposição ao *apartheid* na África do Sul e à opressão nos territórios portugueses. Mas estão perdendo tempo se não compreendem que Verwoerd e Salazar, assim como a Inglaterra e a França, não poderiam resistir um único dia se não contassem com o apoio dos Estados Unidos. Assim, enquanto não denunciarem o homem em Washington, nada terão feito.

Eu sabia que G. Mennen Williams, do Departamento de Estado, estava visitando oficialmente a África. Por isso mesmo comentei:

— Aceitem um conselho meu: desconfiem de todas as autoridades americanas que chegam à África sorrindo para vocês, embora não sorrissem para nós nos Estados Unidos.

Contei que meu pai fora assassinado por brancos no Estado de Michigan, do qual G. Mennen Williams fora outrora governador.

Fui homenageado no Clube de Gana, por mais jornalistas e altas autoridades. Fui o convidado de honra na casa da filha do falecido escritor americano preto Richard Wright, linda, esguia, a voz suave, chamada Julia, cujo jovem marido francês edita um jornal ganense. Mais tarde, em Paris, eu iria conhecer a viúva de Richard Wright, Ellen, e uma filha mais moça, Rachel.

Conversei com embaixadores, em suas embaixadas. O embaixa-

dor argelino impressionou-me como um homem totalmente dedicado à militância e à revolução mundial, como meio de resolver o problema das massas oprimidas do mundo. Sua perspectiva estava sintonizada não apenas com os argelinos, mas incluía também os afro-americanos e todos os povos oprimidos do mundo. O embaixador chinês, Sr. Huang Hua, um homem perceptivo e militante, falou sobre os esforços do Ocidente em afastar os africanos dos povos de descendência africana de outros lugares. O embaixador nigeriano estava profundamente preocupado com a situação dos afro-americanos na América. Tinha conhecimento pessoal dos sofrimentos deles, já que vivera e estudara em Washington. O extremamente afável embaixador de Mali também já morara nos Estados Unidos, em Nova York, quando servia na ONU. Conversei com o Dr. Makonnen, da Guiana Britânica. Discutimos a necessidade de uma espécie de unidade pan-africana que também incluísse os afro-americanos. E tive uma conversa longa e profunda sobre os problemas afro-americanos com Nana Nketsia, o Ministro da Cultura ganense.

Certa ocasião, ao voltar para o hotel, encontrei à minha espera um telefonema da rede de televisão americana ABC. Quem estava falando era Mal Goode, que me fez diversas perguntas, gravando as respostas, sobre os "Irmãos de Sangue", clubes de rifles para negros e outros assuntos, com os quais eu estava sendo identificado na imprensa americana.

No auditório da Universidade de Gana, falei para a maior audiência que tive na África, quase todos africanos, mas também numerosos brancos. Perante essa audiência, empenhei-me ao máximo em demolir a falsa imagem das relações raciais americanas que sabia estar sendo disseminada pela Agência de Informações dos Estados Unidos. Tentei descrever a verdadeira situação dos afro-americanos nas mãos do homem branco. Concentrei-me por algum tempo nos brancos que estavam presentes:

— Nunca vi tantos brancos se mostrarem tão gentis com tantos pretos como está acontecendo aqui na África. Na América, os afro-americanos estão lutando pela integração. Deveriam vir para cá, para a África, a fim de observarem como os brancos sorriem para os africanos. Aqui, vocês, brancos, têm realmente integração. Mas podem declarar aos africanos que na América também sorriem para os pretos? Não, não podem! E também não gostam sinceramente de qualquer um desses africanos... e estão interessados exclusivamente nos minérios do subsolo da África!

Os brancos na audiência ficaram vermelhos. Sabiam que eu estava dizendo a verdade. Acrescentei:

— Não sou antiamericano e não vim aqui para condenar a América! Quero que isso fique bem claro! Vim aqui para dizer a verdade... e é a verdade que condena a América!

Uma noite, encontrei-me com a maioria das autoridades ganenses, todas com quem eu já havia conversado anteriormente e muitas

outras, numa festa que me foi oferecida por Kofi Baako, Ministro da Defesa ganense e Líder da Assembléia Nacional. Fui informado de que era a primeira vez que tal homenagem era prestada a um estrangeiro, desde que o Dr. W.E.B. Du Bois chegara a Gana. Houve música, dança, foi servida a extraordinária comida ganense. Diversas pessoas na recepção estavam rindo ao comentarem como o Embaixador Mahoney, dos Estados Unidos, numa festa anterior naquele mesmo dia, procurara se mostrar excepcionalmente amistoso e jovial. Alguns achavam que era um esforço consciente para neutralizar a verdade sobre a América que eu estava revelando a cada oportunidade que se me apresentava.

Recebi logo depois um convite que superava as minhas expectativas mais delirantes. Jamais poderia sequer sonhar que teria a oportunidade de falar para os membros do Parlamento de Gana!

Não falei muito... mas falei incisivamente:

— Como podem condenar Portugal e África do Sul enquanto nosso povo preto na América está sendo mordido por cachorros e espancado com cassetetes?

Tinha certeza de que o único motivo pelo qual os africanos pretos — nossos irmãos pretos — se calavam a respeito do que acontecia na América era o fato de estarem iludidos pelos órgãos de propaganda do governo americano.

Ao final, ouvi o seguinte comentário:

— Apoiamos os afro-americanos... moralmente, fisicamente, materialmente se for necessário!

Em Gana — e em toda África preta — a maior homenagem que recebi foi uma audiência pessoal com Osagyefo Dr. Kwame Nkrumah.

Antes de encontrá-lo, fui meticulosamente revistado. Não pude deixar de respeitar as medidas de segurança com que os ganenses procuravam proteger seu líder. Dava-me um respeito ainda maior pelos homens pretos independentes. Quando entrei no gabinete do Dr. Nkrumah, ele saiu de trás de sua mesa, na outra extremidade. O Dr. Nkrumah usava roupas comuns, a mão estava estendida e tinha um sorriso no rosto sensível. Apertei-lhe a mão. Sentamos num sofá e conversamos. Sabia que ele estava particularmente bem informado sobre a situação crítica dos afro-americanos, pois durante muitos anos vivera e estudara na América. Falamos sobre a união dos africanos com os povos de ascendência africana. Concordamos que o pan-africanismo era o caminho também para a solução dos problemas dos descendentes de africanos. Pude sentir como o Dr. Nkrumah era caloroso, simpático, um homem prático e objetivo. O tempo que ele podia me dispensar acabou depressa demais. Prometi que, quando voltasse aos Estados Unidos, transmitiria aos afro-americanos os seus calorosos cumprimentos pessoais.

Naquela tarde, em Wineba, a 65 quilômetros da capital ganense, falei no Instituto Ideológico Kawme Nkrumah, onde 200 estudantes estavam sendo preparados para executarem a revolução intelectual de Gana. Ali, presenciei novamente uma daquelas espantosas manifesta-

ções de fervor político dos jovens africanos. Depois que falei, durante o período de perguntas e respostas, levantou-se um jovem afro-americano, que ninguém parecia conhecer, e declarou:

— Sou um negro americano.

Vagamente, ele defendeu o homem branco americano. Os estudantes africanos começaram a vaiá-lo. Assim que a reunião acabou, acuraram-no com ataques verbais:

— É um agente de Rockefeller? Pare de corromper nossos filhos! (O homem era professor de uma escola secundária local, ali colocado por uma agência americana.) Venha passar algum tempo neste instituto para receber uma orientação verdadeira!

Outro professor salvou temporariamente o colega, mas os estudantes foram atrás dele, expulsando-o do instituto aos gritos:

— Fantoche!... Agente da CIA!... Espião americano!

O embaixador chinês e Sra. Huang Hua ofereceram um jantar oficial em minha homenagem. Entre os convidados estavam os embaixadores cubano e argelino. Foi lá que conheci a Sra. W.E.B. Du Bois. Depois do excelente jantar, foram exibidos três filmes. O primeiro, em cores, mostrava as comemorações do 14º aniversário da República Popular da China. Aparecia em destaque, no filme, o antigo militante afro-americano da Carolina do Norte Robert Williams, que mais tarde se refugiaria em Cuba, porque pregava que os pretos americanos deviam pegar em armas para se defenderem e protegerem. O segundo filme focalizava o apoio do povo chinês à luta dos afro-americanos. O Presidente Mao Tse-tung aparecia fazendo a sua famosa declaração de tal apoio e o filme mostrava cenas revoltantes da brutalidade branca, tanto policial quanto civil, contra os afro-americanos que faziam manifestações em diversas cidades dos Estados Unidos, reivindicando seus direitos civis. E o último filme era uma exposição dramática da revolução argelina.

O Comitê Malcolm X levou-me às pressas do jantar na embaixada chinesa para uma recepção em minha homenagem no Clube de Imprensa, que já fora iniciada. Foi o meu primeiro contato com uma reunião ganense exclusivamente social. Todos estavam se divertindo imensamente e fui compelido à fazer um discurso breve. Ressaltei novamente a necessidade de união entre africanos e afro-americanos. Gritei, do fundo do meu coração:

— E agora, dancem! Cantem! Mas, enquanto o fazem... lembrem-se de Mandela, lembrem-se de Sobokwet! Lembrem-se de Lumumba em sua sepultura! Lembrem-se dos sul-africanos que estão neste momento na cadeia!

Ao final, arrematei:

— Querem saber por que eu não danço? Porque quero que se lembrem dos 22 milhões de afro-americanos nos Estados Unidos!

Mas podem estar certos de que senti a maior vontade de dançar! Os ganenses se divertiam como podiam. Uma linda jovem americana cantou *Blue Moon* como Sarah Vaughan. Às vezes, a banda to-

cava como a de Milt Jackson, outras lembrava a de Charlie Parker.

Na manhã seguinte, um sábado, fui informado de que Cassius Clay e sua comitiva haviam chegado a Acra. Houvera uma gigantesca recepção para ele no aeroporto. Achei que um encontro meu com Cassius poderia ser embaraçoso para ele. É que Cassius decidira permanecer com a versão do Islã de Elijah Muhammad. Eu não ficaria absolutamente constrangido, mas sabia que Cassius devia ter sido proibido de manter qualquer contato comigo. Mas também não tinha qualquer dúvida de que Cassius sabia que eu ficara ao seu lado, acreditara nele, no momento em que aqueles que mais tarde o aclamaram achavam que não tinha a menor possibilidade de se tornar um vencedor. Decidi evitar Cassius, a fim de não lhe criar problemas.

Naquele dia, foi-me oferecido um almoço pelo Alto-Comissário nigeriano. Sua Excelência Alhadji Isa Wali, um homem baixo, de óculos, extremamente jovial e amigoso, vivera em Washington durante dois anos. Sua Excelência falou aos convidados sobre suas experiências americanas com a discriminação e das amizades que fizera entre os afro-americanos, reafirmando os vínculos entre africanos e afro-americanos.

Sua Excelência mostrou aos convidados um exemplar de uma revista americana, *Horizon*. Estava aberta num artigo sobre a Nação do Islã, escrito pelo Dr. Morroe Berger, da Universidade de Princeton. Havia uma fotografia minha de página inteira; na página ao lado, havia um lindo desenho em cores de um preto nigeriano muçulmano real, vigoroso e bonito, de centenas de anos antes.

— Quando olho para essas ilustrações, tenho certeza de que as duas pessoas que aqui aparecem são uma só — disse Sua Excelência. — A única diferença está no traje... e o fato de uma ter nascido na América e outra na África. Assim, para que todos saibam que acredito firmemente que somos irmãos, estou dando a Alhadji Malcolm X um manto como o que é usado pelo nigeriano nesta ilustração.

Fiquei deslumbrado com o esplendor do manto azul e da túnica laranja com que Sua Excelência me presenteou. Inclinei-me para que ele, um homem baixo, pudesse ajeitar o turbante sobre a minha cabeça. Sua Excelência Alhadji Isa Wali também presenteou-me com uma tradução em dois volumes do Santo Corão.

Depois desse almoço inesquecível, a Sra. Shirley Graham Du Bois levou-me de carro para sua casa, a fim de que eu pudesse conhecer e fotografar o lugar em que seu famoso marido, Dr. W.E.B. Du Bois, passara os seus últimos dias. A Sra. Du Bois era escritora e diretora da televisão ganense, planejada com objetivos educacionais. Ela me contou que quando o Dr. Du Bois chegara a Gana fora recebido como um rei pelo Dr. Nkrumah, que fizera tudo o que era possível para agradecer ao idoso militante e estudioso afro-americano. Quando a saúde do Dr. Du Bois declinava rapidamente, o Dr. Nkrumah fora visitá-lo. Haviam-se despedido, ambos sabendo que a morte de um deles estava próxima. O Dr. Nkrumah deixara a casa em lágrimas.

Meu último evento social em Gana foi uma agradável recepção em minha homenagem oferecida por Sua Excelência o Sr. Armando Entralgo Gonzalez, o embaixador cubano. Na manhã seguinte, um domingo, o Comitê Malcolm X estava à minha espera no hotel, para acompanhar-me ao aeroporto. Ao deixarmos o hotel, encontramos Cassius Clay e alguns membros de sua comitiva, voltando de uma caminhada matutina. Cassius pareceu ficar momentaneamente indeciso... e depois murmurou algo quase monossilábico, um "Como vai?". Pensei de relance como fôramos chegados antes da luta que mudara o curso de sua vida. Respondi que estava bem ou algo parecido e que desejava que ele também estivesse, no que estava sendo sincero. Posteriormente, enviei uma mensagem por telegrama a Cassius, dizendo que esperava que ele compreendesse o quanto era amado pelos muçulmanos, aonde quer que fosse. Pedi também que ele não permitisse que pessoa alguma o usasse e manobrasse, levando-o a dizer e fazer coisas que pudessem macular sua imagem.

O Comitê Malcolm X e eu estávamos nos despedindo no aeroporto de Acra quando chegou uma pequena caravana de cinco embaixadores... para se despedirem de mim!

Fiquei sem saber o que dizer.

No avião, a caminho de Libéria, Monróvia, onde passaria um dia, eu sabia que depois do que experimentara na Terra Santa a segunda recordação mais indelével que levaria de volta à América seria a da África fervilhando com a consciência de si mesma, de sua riqueza, poder, do papel que lhe cabia no mundo.

De Monróvia, vooi para Dacar, Senegal. No aeroporto, os senegaleses que souberam da chegada do muçulmano da América fizeram fila para apertar-me a mão. Assinei muitos autógrafos. Um senegalês comentou:

— Nosso povo não fala o árabe, mas temos o Islã em nossos corações.

Declarei que isso correspondia exatamente aos sentimentos dos muçulmanos afro-americanos.

De Dacar, vooi para Marrocos, onde passei outro dia. Visitei a famosa Casbah, o gueto que surgira quando os brancos franceses que dominavam a terra proibiram que os nativos de pele escura entrassem em determinadas áreas de Casablanca. Milhares e milhares de nativos subjugados estavam apinhados no gueto, da mesma forma que no Harlem, na cidade de Nova York, que se tornara a Casbah da América.

Foi numa terça-feira, 19 de maio de 1964, quando estava completando 39 anos, que cheguei a Argel. Muita água passara sob a ponte em todos esses anos. Sob certos aspectos, tivera mais experiências que uma dúzia de homens. O motorista de táxi, enquanto me levava para o Hotel Aletti, descreveu as atrocidades que os franceses haviam cometido e as medidas pessoais que muitos argelinos haviam adotado para se vingarem. Percorri Argel, sempre ouvindo manifestações de ódio contra a América pelo apoio dado aos opressores dos argelinos. Eram

verdadeiros revolucionários, sem medo da morte. Por muito tempo, haviam convivido e enfrentado a morte.

O jato da Pan American que me levou de volta à América — foi o vôo 115 — aterrissou no Aeroporto Internacional Kennedy, de Nova York, às 4:25 horas da tarde de 21 de maio. Os passageiros desembarcaram e se encaminharam para a Alfândega. Quando avistei a multidão de 50 ou 60 repórteres e fotógrafos, confesso que, sinceramente, fiquei querendo saber quem era a celebridade que estivera comigo no avião.

Mas era eu o “vilão” que eles tinham vindo receber.

No Harlem especialmente e também em algumas outras cidades dos Estados Unidos, as explosões previstas para o longo e quente verão de 1964 já haviam começado. Artigo após artigo na imprensa do homem branco apresentava-me como um símbolo — senão mesmo como um agente causador — da “revolta” e da “violência” do homem preto americano, onde quer que explodissem.

Na maior entrevista coletiva que já dei em qualquer lugar, os *flashes* espocavam, enquanto os repórteres me crivavam de perguntas.

— Sr. Malcolm X, o que me diz daqueles “Irmãos de Sangue”, supostamente filiados à sua organização, que estariam sendo treinados para a violência e que já mataram pessoas brancas inocentes?

— Sr. Malcolm X, o que tem a falar a respeito do seu comentário de que os negros devem formar clubes de rifles?

Respondi a todas as perguntas. Ao ouvir aquelas perguntas do homem branco, subjetivamente procurando um bode expiatório, tive a certeza absoluta de que estava novamente na América. A juventude branca de Nova York estava matando a torto e a direito, fazendo vítimas; isso era um problema “sociológico”. Mas quando a juventude preta mata alguém, a estrutura de poder prontamente se empenhava em crucificar alguém. Quando os homens eram linchados ou assassinados a sangue-frio de outras maneiras, sempre se comentava:

— As coisas vão melhorar.

Quando os brancos guardavam rifles em suas casas, dizia-se que a Constituição lhes garantia o direito de defenderem seus lares e a si mesmos. Mas quando os pretos sequer pensavam em ter rifles em suas casas, isso era considerado “sinistro”.

Disse aos repórteres algo que eles não estavam esperando. Falei que o homem preto americano precisava deixar de pensar no que o homem branco lhe incutira: a idéia de que o homem preto não tinha outra alternativa senão suplicar por seus supostos “direitos civis”. Declarei que o homem preto americano precisava reconhecer que tinha base para levar os Estados Unidos a julgamento perante a ONU, sob a acusação formal de “negação de direitos humanos”... e que se Angola e África do Sul eram precedentes, então a América não poderia escapar a uma censura expressa.

Como eu já sabia que ia acontecer, a imprensa tratou de mudar

de assunto. Interrogaram-me a respeito da minha “Carta de Meca”. Eu já tinha pensado no que iria dizer a respeito:

“Espero que, de uma vez por todas, minha Hajj à Cidade Santa de Meca tenha definido a filiação religiosa autêntica de nossa Mesquita Muçulmana com os 750 milhões de muçulmanos do Mundo Islâmico ortodoxo. E tenho certeza agora de que os pretos africanos consideram os 22 milhões de pretos da América como seus irmãos há muito perdidos! Eles nos amam! Acompanham atentamente a nossa luta pela liberdade. E ficaram extremamente felizes ao saberem que estamos despertando de nosso longo sono... depois que a América supostamente “cristã” nos ensinou a sentirmos vergonha de nossos irmãos africanos e da terra de onde arrancaram nossos antepassados!

“É verdade, escrevi uma carta de Meca. Estão no fundo me perguntando: ‘Não disse que agora aceita os homens brancos como irmãos?’ Minha resposta é que, no Mundo Muçulmano, vi, senti e escrevi para contar como meus pensamentos haviam se alargado! Exatamente como escrevi, partilhei um sincero amor fraternal com muitos muçulmanos de pele branca que jamais pensaram sequer na raça ou na cor da pele de outro muçulmano.

“Minha peregrinação serviu para ampliar as perspectivas. Abençoou-me com uma nova compreensão. Em duas semanas na Terra Santa, vi o que nunca antes havia testemunhado em 39 anos aqui na América. Vi pessoas de todas as raças, de todas as cores, de louros de olhos azuis a africanos de pele preta, em verdadeira fraternidade, Unidos! Vivendo como um só! Orando com um só! Sem segregacionistas... e sem liberais! Não saberiam como interpretar o significado dessas palavras.

“No passado, é verdade, fiz acusações amplas contra *todos* os homens brancos. Nunca mais voltarei a ser culpado disso... porque sei agora que alguns brancos são realmente sinceros, que alguns são realmente capazes de ser fraternais com um homem preto. O verdadeiro Islã ensinou-me que uma acusação indiscriminada contra todos os brancos é tão errada quanto a acusação indiscriminada dos brancos contra todos os pretos.

“É verdade, estou agora convencido de que *alguns* brancos americanos querem ajudar a acabar com o racismo desenfreado que pode levar este país à destruição!

“Foi no Mundo Santo que minha atitude mudou, pelas experiências que por lá passei, pelo que testemunhei, em termos de fraternidade... não apenas fraternidade em relação a mim, mas fraternidade entre todos os homens, de todas as nacionalidades e cores, que lá estavam. E agora que estou de volta à América, minha atitude aqui em relação aos brancos tem que ser determinada pelo que meus irmãos pretos e eu experimentamos aqui... em termos de fraternidade. O problema aqui, na América, é diferente. Existe aqui uma pequena minoria de brancos que se pode considerar “bons” ou “fraternais”. Mas apesar desses poucos brancos “bons” existentes nos Estados Unidos, são com os 150

milhões de brancos *coletivos* que os 22 milhões de pretos *coletivos* têm de lidar!

“Aqui na América, as sementes do racismo estão tão profundamente enraizadas nos brancos coletivamente, sua crença de que são ‘superiores’ de alguma forma está tão enraizada, que tais coisas dominam o subconsciente branco nacional. Muitos brancos estão realmente inconscientes de seu próprio racismo, até que se deparam com algum teste. Nesse momento, sob uma forma ou outra, o racismo emerge.

“Podem estar certos de uma coisa: o racismo do homem branco em relação ao homem preto aqui na América é que o levou a problemas no mundo inteiro com outros povos não-brancos. O homem branco não consegue se livrar do estigma que automaticamente sente em relação a qualquer um, não importa quem seja, que não tenha a sua cor. E os povos não-brancos do mundo estão cansados de ser condescendentes com o homem branco! É por isso que a América está enfrentando problemas tão terríveis em lugares como o Vietnã. Ou aqui mesmo, no Hemisfério Ocidental... onde provavelmente 100 milhões de pessoas de descendência africana estão divididas, uns contra os outros, ensinados pelo homem branco a odiarem e a desconfiarem uns dos outros. Nas Antilhas, Cuba, Brasil, Venezuela, por toda a América do Sul e Central. Todas essas terras estão repletas de pessoas com sangue africano! Até mesmo no continente africano, o homem branco tem manobrado para afastar o africano preto do árabe pardo, para separar o suposto ‘africano cristão’ do africano muçulmano. São capazes de imaginar o que pode acontecer, o que certamente aconteceria, se todos os povos de descendência africana compreendessem algum dia que possuem vínculos de sangue, se compreendessem que todos possuem um objetivo comum... e que não terão a menor dificuldade em alcançá-lo se se unirem?”

A imprensa ficou satisfeita em se livrar de mim naquele dia. Creio que os irmãos pretos que acabara de deixar na África teriam achado que eu falara com objetividade e propriedade. Durante quase toda a noite, o telefone da minha casa não parou de tocar. Eram meus irmãos e irmãs pretos de Nova York e de algumas outras cidades ligando para dar-me os parabéns pelo que tinham acabado de ouvir através do rádio e da televisão. Alguns, principalmente brancos, estavam querendo saber se eu podia falar aqui ou ali.

No dia seguinte, eu estava guiando meu carro quando, num sinal fechado, outro carro parou ao lado. Uma mulher branca estava ao volante. Ao seu lado, perto de mim, estava um homem branco, que gritou:

— Malcolm X!

Quando olhei, ele estendeu a mão pela janela do carro, sorrindo.

— Importa-se de apertar a mão de um homem branco?

Imaginem só uma coisa dessas! No momento em que o sinal passou para verde, eu lhe disse:

— Não me importo de apertar a mão de seres humanos. Você o é?

Capítulo Dezenove

1965

Devo ser honesto. Os negros, afro-americanos, não demonstraram qualquer propensão de ir à ONU para exigir justiça para a sua raça aqui na América. Eu já sabia de antemão que isso não aconteceria. O homem branco americano fez uma lavagem cerebral tão grande no homem preto, incutindo-lhe a noção de que deve encarar o seu problema como uma simples questão de “direitos civis” interna, que provavelmente vai levar mais tempo do que viverei antes que o negro compreenda que a luta do homem preto americano é internacional.

E eu sabia também que os negros não sairiam correndo para seguir o meu exemplo e adotar o Islã ortodoxo, que me proporcionara a visão e a perspectiva para compreender que os homens pretos e os homens brancos podem ser irmãos de verdade. Os negros da América, especialmente os negros mais velhos, estão por demais indelevelmente impregnados do padrão duplo de opressão do cristianismo.

Assim, nas reuniões públicas “a convite” que comecei a realizar todas as tardes e noites de domingo, no famoso Auduborn Ballroom do Harlem, onde falava a audiências negras não-muçulmanas, não tentei imediatamente forçar a questão da religião islâmica; em vez disso, procurei acolher todos os que estavam sentados à minha frente:

“...nem muçulmano nem cristão, católico ou muçulmano... nem batista nem metodista, democrata ou republicano, maçom ou qualquer outra coisa! Estou falando do preto da América... e do preto do mundo inteiro! Porque é como essa massa coletiva de pretos que fomos privados não apenas dos nossos direitos civis, mas até mesmo dos nossos direitos humanos, como o direito à dignidade humana...”

Nas ruas, depois dos meus discursos, nos rostos e nas vozes das pessoas que encontrava, mesmo das que me apertavam a mão e pediam um autógrafa, eu podia sentir a atitude de esperar-para-ver-o-que-acontece. Sentia, e compreendia, a incerteza deles em relação à minha posição. Desde a “liberdade” da Guerra Civil que o homem preto seguira por muitos caminhos infrutíferos. Seus líderes, de um modo geral, haviam-lhe falhado. A religião do cristianismo lhe falhara. O homem preto estava marcado pelos fracassos, por isso mesmo cauteloso e apreensivo.

Posso agora compreender melhor do que antes. No Mundo San-

to, longe do problema racial da América, eu pudera pensar claramente pela primeira vez sobre as divisões básicas dos brancos na América, como suas atitudes e motivos se relacionavam e afetavam os negros. Em meus 39 anos neste mundo, fora na Cidade Santa de Meca que pela primeira vez ficara diante do Criador de Tudo e me sentira um ser humano completo.

Na paz do Mundo Santo — na própria noite que já mencionei, quando fiquei acordado cercado por irmãos peregrinos a roncarem — a mente levou-me de volta a recordações pessoais que julgara desaparecidas para sempre... e recordações muito antigas, até mesmo do tempo em que era um garoto de oito ou nove anos. Atrás de nossa casa, em Lansing, Michigan, havia um morro coberto de mato. Talvez ainda esteja lá. No Mundo Santo, recordei como ficava deitado no alto desse morto, olhando para o céu e vendo as nuvens desfilarem, sonhando com uma porção de coisas. E logo em seguida, num estranho contraste de recordações, lembrei como, anos depois, quando estava na prisão, costumava ficar deitado na cela, o que acontecia especialmente quando estava na solitária, a que os presos chamavam de “O Buraco”, e me imaginava a falar para imensas multidões. Não tenho a menor idéia da causa para que me ocorressem tais previsões. Mas aconteceram. Se tivesse contado a alguém na ocasião, teria parecido que estava louco. Até mesmo eu não tinha a menor idéia do que o futuro me reservava...

Em Meca, reconstitui também os 12 anos que passara com Elijah Muhammad, como se fosse um filme. Acho que seria impossível para qualquer pessoa sequer compreender como era intensa e total a minha fé em Elijah Muhammad. Acreditava nele não apenas como um líder no sentido humano comum, mas também acreditava como um líder divino. Estava convencido de que Elijah Muhammad não tinha defeitos nem fraquezas humanas; assim, ele não podia cometer erros, não podia fazer nada errado. Ali, no topo de uma colina no Mundo Santo, compreendi como era extremamente perigoso para as pessoas sentirem tanta estima e apreciação por qualquer ser humano, especialmente considerar alguém como uma espécie de pessoa “divinamente orientada” e “protegida”.

Meu pensamento se alargara consideravelmente em Meca. Nas cartas que escrevi para amigos, tentei transmitir-lhes minhas novas perspectivas sobre a luta do homem preto americano, sobre seus problemas, assim como sobre as profundezas da minha busca pela verdade e justiça.

“Já cansei das propagandas dos outros”, escrevi a esses amigos. “Sou pela verdade, não importa quem a diga. Sou pela justiça, não importa quem esteja a favor ou contra. Sou um ser humano primeiro e acima de tudo; como tal, sou por qualquer um ou qualquer coisa que beneficie a humanidade como *um todo*.”

De um modo geral, a imprensa do homem branco americano recusou-se a divulgar que eu estava agora tentando ensinar uma nova orientação aos negros. Com o “longo e quente verão” de 1964 produ-

zindo a cada dia novos incidentes, fui constantemente acusado de “incitar os negros”. Sempre que tinha um microfone de rádio ou televisão diante de minha boca e me interrogavam a respeito do “incitamento dos negros à violência”, eu ficava furioso.

“Não é preciso que ninguém acione a dinamite sociológica que deriva do desemprego, cortiços e instrução inferior, que predominam nos guetos. Esse estado explosivamente criminoso já existe há tanto tempo que não precisa de qualquer rastilho. Explode por si mesmo, tem uma combustão espontânea...”

Chamaram-me de “o negro mais irado da América”. Eu não negava essa acusação. E falava exatamente o que sentia:

“Acredito na ira. A Bíblia diz que há um tempo para ira.”

Chamavam-me de “professor e incitador da violência”. E eu declarava categoricamente:

“É uma mentira. Não sou a favor da violência desenfreada, mas sim da justiça. Acho que se os brancos forem atacados por negros e se as forças da lei forem incapazes, insuficientes ou relutantes de proteger os brancos dos negros, então os brancos devem se proteger e se defender dos negros, recorrendo às armas se for necessário. E acho também que quando as forças da lei deixam de proteger os negros dos ataques dos brancos, então os negros devem recorrer às armas, se necessário for, para se defenderem.”

E logo a imprensa branca clamava: “Malcolm X Prega Negros Armados!”

O que há de errado com isso? Posso perfeitamente explicar qual era o problema. É que eu era um homem preto falando sobre defesa física contra o homem branco. O homem branco pode linchar, queimar, bombardear e espancar os negros... tudo isso era perfeitamente normal.

— Tenham paciência... Os costumes estão por demais enraizados... As coisas estão melhorando.

Pois creio firmemente que é um crime para qualquer pessoa que está sendo brutalizada continuar a aceitar a brutalidade sem fazer coisa alguma para se defender. Se é assim que a filosofia “cristã” é interpretada, se é isso o que prega a filosofia de Gandhi, então eu as considero filosofias criminosas.

Em cada discurso que eu fazia, procurava esclarecer minha nova posição em relação aos brancos:

“Não estou falando contra os brancos bons, sinceros, bem-intencionados. Descobri que de fato existem alguns que são assim. Descobri que nem todos os brancos são racistas. Estou falando contra e minha luta é contra os racistas brancos. Acredito finalmente que os negros têm o direito de lutar contra esses racistas, por todos os meios que se tornarem necessários.”

Mas os repórteres brancos insistiam em querer me vincular com a palavra “violência”. Duvidou muito que tenha havido uma única entrevista minha nesse período em que não tivesse de rebater tal acusação.

“Sou pela violência, se a não-violência significa que continuamos a adiar uma solução para o problema do homem preto americano... apenas para *evitar* a violência. Não sou a favor da não-violência, se isso significa também um protelamento da solução. Para mim, uma solução protelada não é uma solução. Vou dizer de outra maneira. Se for preciso recorrer à violência para que o homem preto conquiste seus direitos humanos neste país, então sou pela violência, exatamente como todos sabem que os irlandeses, poloneses ou judeus também seriam, se sofressem uma discriminação violenta. Sou a favor das mesmas coisas que eles seriam em tais circunstâncias e tenho certeza de que eles seriam pela violência... não importa quais as conseqüências, não importa quem possa ser atingido por tal violência.”

A sociedade branca *odeia* ouvir alguém falar, especialmente se for um homem preto, sobre o crime que o homem branco tem perpetrado contra o homem preto. Sempre compreendi que é por isso que tenho sido freqüentemente chamado de “revolucionário”. Parece até que *eu* é que cometi algum crime! É possível que o homem preto americano não precise se envolver numa revolução de verdade. A palavra para “revolução” em alemão é *Umwälzung*. O que significa uma reviravolta total, uma mudança completa. A derrubada do Rei Farouk no Egito e a ascensão ao poder do Presidente Nasser é um exemplo de uma verdadeira revolução. Outro exemplo é a revolução argelina, liderada por Ben Bella; eles expulsaram os franceses, que dominavam o país há mais de 100 anos. Como pode então alguém falar no negro na América desencadeando alguma “revolução”? É verdade que ele está condenando um sistema... mas não está tentando derrubar o sistema nem destruí-lo. A chamada “revolta” negra é simplesmente uma tentativa de ser *aceito* no sistema existente! Uma verdadeira revolta negra poderia acarretar, por exemplo, a luta por estados pretos separados neste país... o que vários grupos e indivíduos têm defendido, muito antes que Elijah Muhammad aparecesse no cenário nacional.

Quando o homem branco chegou a este país, certamente não demonstrou qualquer intenção de “não-violência”. Na verdade, o próprio homem cujo nome simboliza a não-violência nos Estados Unidos de hoje já declarou:

“Nossa nação nasceu no genocídio, quando adotou a doutrina de que o americano original, o índio, era uma raça inferior. Mesmo antes de desembarcarem em nossas praias números consideráveis de negros, a mancha do ódio racial já desfigurara a sociedade colonial. Do século XVI em diante, o sangue correu nas batalhas por supremacia racial. Somos provavelmente a única nação que tentou, como uma questão de política nacional, exterminar a sua população indígena. Ainda por cima, elevamos essa experiência trágica à categoria de uma nobre cruzada. Mesmo hoje, não nos permitimos rejeitar ou sentir remorso por esse vergonhoso episódio. Nossa literatura, nossos filmes, nosso teatro, nosso folclore, tudo o exalta. Nossos filhos ainda são ensinados a respeitar a violência que reduziu um povo de pele vermelha de uma

cultura anterior nuns poucos grupos fragmentados e mantidos como gado em reservas miseráveis.

“Coexistência pacífica!” Eis outra das coisas que o homem branco tem sempre se apressado em proclamar. Ótimo! Mas quais têm sido as atitudes do homem branco? Durante todo o seu avanço ao longo da história, tem exibido a bandeira do cristianismo... e na outra mão empunha a espada e a espingarda.

Pode-se remontar aos próprios primórdios do cristianismo. O catolicismo, a gênese do cristianismo como o conhecemos atualmente, com sua hierarquia, foi concebido na África... por aqueles a quem a igreja cristã chama de “Os Pais do Deserto”. A igreja cristã ficou infeccionada pelo racismo quando entrou na Europa branca. A igreja cristã voltou à África sob a bandeira da Cruz... conquistando, matando, explorando, saqueando, estuprando, espancando, oprimindo. E sempre pregando a supremacia branca. Foi assim que o homem branco assumiu a posição de liderança do mundo, através da utilização do poder físico brutal. Espiritualmente, porém, estava totalmente despreparado para qualquer liderança. A história da humanidade tem mostrado, ao longo das eras, que o verdadeiro critério de liderança é espiritual. Os homens são atraídos pelo espírito. Pelo poder, os homens são *forçados*. O amor é gerado pelo espírito. Pela força, só se criam ansiedades.

Estou cem por cento de acordo com as afirmativas dos racistas que afirmam que as leis de qualquer governo nunca podem *impor* a fraternidade. A única verdadeira solução mundial, atualmente, é o aparecimento de governos orientados pela verdadeira religião... a do espírito. Aqui, na América dilacerada pelos conflitos raciais, estou convencido de que a religião do Islã é desesperadamente necessária, particularmente pelo homem preto americano. O homem preto precisa refletir que tem sido o mais fervoroso cristão da América... e de que isso lhe valeu? Para ir mais longe, nas mãos do homem branco, na interpretação do homem branco... para onde o cristianismo levou este mundo?

Levou os dois terços não brancos da população humana à rebelião. Dois terços da população humana estão hoje dizendo à minoria de um terço formada pelo homem branco:

— Saia daqui!

E o homem branco está saindo. E assim que ele sai, observamos os povos não-brancos a retornarem apressadamente a suas religiões originais, que haviam sido rotuladas de “pagãs” pelo homem branco conquistador. Somente uma religião, o Islã, teve a força para resistir e lutar contra o cristianismo do homem branco por *mil anos*! Somente o Islã pôde manter o cristianismo branco a distância.

Os africanos estão voltado ao Islã e outras religiões indígenas. Os asiáticos estão voltando a ser hinduístas, budistas e muçulmanos.

Assim como a Cruzada Cristã outrora marchou para o Oriente, a Cruzada islâmica está agora seguindo para o Ocidente. Com o Oriente

(Ásia) fechado ao cristianismo, com a África sendo rapidamente convertida ao islamismo, com a Europa rapidamente se tornando anticristã, todos em geral aceitam atualmente que a civilização "cristã" da América, que está sustentando a raça branca no mundo inteiro, constitui o último baluarte do cristianismo.

Pois se assim é, se o chamado "cristianismo" que ora é praticado na América representa o melhor que o cristianismo mundial tem a oferecer, ninguém em seu juízo perfeito deve precisar de alguma prova maior de que o fim do cristianismo está próximo.

Sabem por acaso que alguns teólogos protestantes, em seus escritos, estão usando a expressão "era pós-cristã"... e com isso se referem a *agora*?

E qual é o maior motivo para esse colapso da igreja cristã? É o seu fracasso em combater o racismo. É a velha história de "colheras o que semeares". A igreja cristã semeou o racismo... uma tremenda blasfêmia; agora, colhe o racismo.

Nas manhãs de domingo deste ano da graça de 1965, imagino a "consciência cristã" de congregações protegidas por diáconos barrando a entrada a fiéis pretos em potencial, dizendo-lhes:

— Não podem entrar *nesta* Casa de Deus!

Contem-me, se puderem, uma ironia mais triste que a de St. Augustine, na Flórida, uma cidade batizada em homenagem ao santo africano preto que salvou o catolicismo da heresia e que se tornou recentemente o cenário de sangrentos distúrbios raciais.

Creio que Deus está agora concedendo à sociedade branca "cristã" do mundo a sua última oportunidade de arrepender-se e reparar os crimes de explorar e escravizar os povos não-brancos do mundo. É exatamente como na ocasião em que Deus concedeu ao Faraó uma oportunidade de arrepender-se. Mas o Faraó persistiu em sua recusa de conceder justiça àqueles a quem oprimia. E todos sabemos como Deus acabou destruindo o Faraó.

Será que a América branca realmente lamenta os seus crimes contra os pretos? Será que a América branca tem a capacidade de arrepender-se... e está disposta a reparar os seus crimes? Será que a capacidade de arrependimento, de reparação, existe na maioria, na metade ou mesmo em um terço da sociedade branca americana?

Muitos homens pretos, as vítimas, na verdade, quase todos os homens pretos, gostariam de poder perdoar, de poder esquecer todos os crimes.

Mas a maioria dos homens brancos parece não ter a menor condição nem disposição de reparar seus crimes... e que significa simplesmente conceder justiça ao homem preto.

No fundo, há que se perguntar: como pode a sociedade branca reparar os crimes de escravizar, estuprar, emascular e oprimir por incontáveis meios *milhões* de seres humanos, ao longo dos séculos? Qual a reparação que constituiria uma exigência da Justiça de Deus para o roubo do trabalho dos pretos, de suas vidas, verdadeiras identi-

dades, cultura, história... até mesmo de sua dignidade humana?

Uma xícara de café partilhada, o fim da segregação em teatros, banheiros públicos, toda a gama da "integração" hipócrita, não constituem uma reparação.

Depois de algum tempo na América, retornei ao exterior... e desta vez passei 18 semanas no Oriente Médio e África.

Entre os líderes mundiais com os quais tive desta vez audiências particulares estavam o Presidente Gamal Abdel Nasser, do Egito; Presidente Julius K. Nyerere, da Tanzânia; Presidente Nnamdi Azikiwe, da Nigéria; Osagyefo Dr. Kwame Nkrumah, de Gana; Presidente Sékou Touré, da Guiné; Presidente Jomo Kenyatta, do Quênia; e Primeiro-Ministro Dr. Milton Obote, de Uganda.

Também me encontrei com líderes religiosos africanos, árabes, asiáticos, muçulmanos e não-muçulmanos. E em todos os países visitados conversei com afro-americanos e brancos de muitas profissões e experiências.

Um embaixador americano branco num país africano era o mais respeitado embaixador dos Estados Unidos na África, e cabe ressaltar que isso me foi dito por um eminente líder africano. Conversamos durante uma tarde inteira. Baseado no que tinha ouvido falar a respeito dele, não pude deixar de acreditar quando me disse que, enquanto estava no continente africano, jamais pensava em termos de raça, lidando antes com seres humanos, sem notar sua cor. Disse que estava mais consciente das diferenças de língua que das diferenças de cor. Acrescentou que só iria tomar conhecimento das diferenças de cor quando retornasse à América.

Fiz o seguinte comentário:

— O que está me dizendo, em suma, é que não é o homem branco americano que é um racista, mas que o ambiente político, econômico e social americano acalenta uma psicologia racista no homem branco.

Ele concordou com essa formulação. Também concordamos que a sociedade americana torna quase impossível que seres humanos se conheçam na América sem estarem conscientes de suas diferenças de cor. E mais uma coisa em que concordamos: se o racismo pudesse ser eliminado, a América estaria em condições de oferecer uma sociedade em que ricos e pobres poderiam realmente viver como seres humanos.

Essa conversa com o embaixador proporcionou-me uma nova perspectiva, que apreciei intensamente: a de que o homem branco não é intrinsecamente mau, mas é influenciado pela sociedade racista da América a se comportar de maneira diabólica. Essa sociedade produziu e mantém uma psicologia que traz à tona os instintos mais baixos e mais vis dos seres humanos.

Tive uma conversa totalmente diferente com outro homem branco que encontrei na África... e que, para mim, personificava exatamente o que o embaixador e eu discutíamos. Durante a viagem, é claro que eu sabia estar sob constante vigilância. O agente era particularmente óbvio e desagradável; não tenho certeza de para que agência ele

trabalhava, pois nunca se identificou, ou iria revelar. Seja como for, esse agente finalmente me deixou profundamente irritado, quando constatei que não podia fazer sequer uma refeição no hotel sem que ele estivesse em algum lugar a me observar. Poder-se-ia até pensar que eu era John Dillinger ou algum outro criminoso.

Uma manhã, levantei da mesa do café e fui para o lugar em que ele estava, dizendo-lhe que sabia que estava me seguindo; se queria saber de alguma coisa, por que não me perguntava logo de uma vez? Ele fez menção de assumir aquela altitude sou-altivo-demaís-para-descer-até-você. Disse-lhe então, na cara, que era um idiota, que não me conhecia nem sabia o que eu representava e era assim uma dessas pessoas que deixam os outros pensarem em seu lugar. Acrescentei que, não importava o emprego que um homem pudesse ter, devia pelo menos ser capaz de pensar por si mesmo. Isso o enfureceu e ele despejou tudo em cima de mim.

A se dar ouvidos ao que ele disse, eu era antiamericano, sedicioso, subversivo e provavelmente comunista. Respondi que tudo o que dissera provava apenas o quão pouco sabia a meu respeito. Disse-lhe que o FBI, a CIA ou qualquer outro órgão só haviam conseguido me descobrir culpado de uma coisa: a de ter a mente receptiva e aberta. Disse que estava simplesmente procurando a verdade e tentando avaliar objetivamente cada coisa por seus próprios méritos. Disse que era contra o pensamento em camisa-de-força, contra as sociedades em camisa-de-força. Disse que acreditava no direito de cada homem de acreditar no que sua inteligência julgasse intelectualmente procedente e esperava que todas as pessoas respeitassem o meu direito de agir da mesma forma.

Esse superdetetive pôs-se então a falar sobre as minhas crenças religiosas de "muçulmano preto". Perguntei-lhe se o seu quartel-general não se dera ao trabalho de informá-lo de que minhas atitudes e convicções haviam mudado. Disse-lhe que o Islã em que acreditava agora era o Islã ensinado em Meca... que não havia outro Deus que não Alá e que Muhammad ibn Abdullah (Maomé), que vivera na Cidade Santa de Meca 1.400 anos antes, era o Último Mensageiro de Alá.

Quase desde o início, tive um palpite a respeito do homem. Resolvi correr o risco... e deixei aquele "superagente" bastante abalado. Da subjetividade sistemática em praticamente tudo o que ele perguntava e dizia, deduzi algo que acabei lhe dizendo:

— Quer saber de uma coisa? Acho que é um judeu com o nome inglesado.

A reação involuntária dele confirmou-me que acertara em cheio. Perguntou-me como eu sabia. Respondi que tinha tanta experiência da maneira como os judeus me atacavam que quase sempre podia identificá-los. Disse-lhe que tudo o que tinha contra os judeus era o fato de muitos deles serem hipócritas nas suas alegações de serem amigos do homem preto americano. Ficava revoltado sempre que me chamavam de "anti-semita" porque eu falava coisas que sabia serem absolu-

tamente verdadeiras a respeito dos judeus. Reconhecia que era verdade que os judeus se destacavam, entre todos os brancos, como os mais ativos e mais veementes financiadores, "líderes e "liberais" nos movimentos pelos direitos civis dos negros. Mas disse também que sabia que os judeus desempenhavam esses papéis por motivos estratégicos: quanto mais preconceito na América pudesse ser concentrado nos negros, então mais preconceito dos outros brancos seria desviado dos judeus. Disse que, para mim, uma prova de que as posições de muitos judeus pelos direitos civis não eram sinceras era o fato de que, no Norte, freqüentemente os segregacionais mais afoitos eram os próprios judeus. Verifiquem, por exemplo, praticamente tudo em que o homem preto está tentando se "integrar"; se os judeus não são os donos ou não se encontram em posições de controle, então são grandes acionistas ou ocupam posições de destaque. E por acaso exercem sinceramente a influência de que dispõem para ajudar o homem preto? Claro que não!

Acrescentei que uma prova ainda mais óbvia da verdadeira atitude dos judeus em relação ao negro era o que invariavelmente acontecia sempre que um negro se mudava para qualquer bairro residencial em que predominassem os judeus. Quem sempre comandava o êxodo dos brancos? Os judeus! Geralmente, nessas circunstâncias, alguns brancos permanecem. Não é difícil descobrir quem são: irlandeses católicos, italianos. Raramente são os judeus. E, ironicamente, os próprios judeus ainda encontram freqüentemente muitas dificuldades de serem "aceitos".

Dizendo isso, sei que ouvirei novamente, de todas as partes, acusações de "anti-semita". Está bem, está bem... Mas a verdade é a verdade.

Desta vez, enquanto eu viajava pelo exterior, a política dominava inteiramente o cenário americano. No Cairo e novamente em Acra, as agências noticiosas americanas me procuraram através de telefonemas transatlânticos, querendo saber quem eu apoiava: Johnson ou Goldwater?

Respondi que achava que os dois eram praticamente a mesma coisa, em relação ao homem preto americano. Na minha opinião, para o homem preto era apenas uma questão de optar entre Johnson, a raposa, e Goldwater, o lobo.

O "conservantismo" na política americana significativa "Vamos manter os negros em seu lugar". E "liberalismo" significa "Vamos manter os crioulos em seu lugar... mas vamos dizer-lhes que iremos tratá-los um pouco melhor, vamos enganá-los com mais promessas". Com tais opções, eu achava que o homem preto americano só poderia se definir sobre quem iria devorá-lo, se a raposa "liberal" ou o lobo "conservador"... porque seria inevitavelmente devorado.

Goldwater não me atraía mais do que Johnson. Só que havia uma diferença: num covil de lobos, eu sempre soubera exatamente em que

pé estava. Poderia vigiar o lobo perigoso mais atentamente do que faria com a raposa furtiva e matreira. O próprio rosnado do lobo me manteria alerta e combatendo-o para sobreviver, enquanto que poderia ser embaído e enganado pela raposa astuciosa. Vou dar um exemplo do comportamento da raposa. Quando o assassinato em Dallas transformou Johnson em Presidente dos Estados Unidos, quem foi a primeira pessoa que ele convocou? Foi o seu melhor amigo, "Dicky", Richard Russell, da Geórgia. Os direitos civis constituíam uma "questão moral", Johnson estava declarando a todo mundo... ao mesmo tempo em que o seu melhor amigo era o racista sulista que comandava a oposição aos direitos civis. Qual seria a impressão que se teria de um xerife que se declarasse contra os assaltos a bancos... e tivesse em Jesse James o seu melhor amigo?

Respeitava Goldwater como um homem que expressava as suas verdadeiras convicções, algo que raramente acontece na política atual. Ele não era de sussurrar ao pé do ouvido dos racistas e sorrir para os integracionistas. Achava que Goldwater não se teria arriscado a assumir uma posição tão impopular sem convicção. Ele declarou taxativamente aos negros que não estava do lado deles. É outro ponto a considerar: os negros sempre progrediram mais quando compreenderam que precisavam enfrentar um sistema que está claramente contra eles. Sob os acalantos incessantes das raposas liberais, o negro do Norte transformou-se num mendigo. Mas o negro do Sul, enfrentando o homem branco que lhe rosnava com toda sinceridade, levantou-se para combater esse homem branco em busca da sua libertação... muito antes que isso acontecesse no Norte.

Seja como for, eu não achava que Goldwater fosse melhor que Johnson para o homem preto. Ou vice-versa. Eu não estava nos Estados Unidos por ocasião das eleições. Mas se estivesse, não poderia votar em qualquer um dos candidatos à Presidência nem recomendar um deles aos meus irmãos pretos. Ao final, Johnson é que acabou ficando na Casa Branca... e os votos pretos foram um fator fundamental na vitória tão esmagadora quanto desejava. Se tivesse sido Goldwater, tudo o que posso dizer é que os pretos pelo menos saberiam que estavam lidando com um lobo a rosnar sincero, ao invés de uma raposa que pode tê-los digerido pela metade antes de sequer saberem o que estava acontecendo.

Continuei a ter problemas de todos os tipos enquanto tentava desenvolver o tipo de organização nacionalista preta que queria criar para o negro americano. Por que nacionalismo preto? Ora, na sociedade competitiva americana, como pode haver alguma solidariedade preta-branca antes de haver primeiro uma solidariedade preta? Se estão lembrados, na minha infância sofri a influência dos ensinamentos nacionalistas pretos de Marcus Garvey... os quais, segundo me disseram, haviam sido a causa do assassinato de meu pai. Mesmo quando era um seguidor de Elijah Muhammad, estava perfeitamente consciente de como as filosofias políticas, econômicas e sociais dos nacionalistas pre-

tos tinham o poder de incutir nos homens pretos a dignidade racial, o estímulo e a confiança de que a raça preta precisa atualmente para deixar de ficar de joelhos, para ficar de pé e erguer a cabeça, livrar-se dos ferimentos antigos e assumir a posição que lhe cabe.

Um dos maiores problemas que estava enfrentando para desenvolver a organização que desejava, uma organização inteiramente preta cujo objetivo supremo era o de contribuir para criar uma sociedade em que pudesse existir uma sincera fraternidade preta-branca, era o de que a minha imagem pública anterior, a imagem do suposto "mulçulmano preto", continuava a me acarretar obstáculos. Estava tentando reformular gradativamente essa imagem. Estava tentando virar uma esquina, ser encarado de uma nova maneira pelo público, especialmente os negros. Não estava menos furioso do que antes, mas ao mesmo tempo a fraternidade verdadeira que presenciara no Mundo Santo influenciara-me a reconhecer que a ira pode ofuscar a visão humana.

A cada momento livre que eu podia encontrar, aproveitava para conversar com pessoas essenciais que conhecia no Harlem. Fazia muitos discursos, dizendo sempre:

— O verdadeiro Islã ensinou-me que todos os ingredientes políticos, religiosos, econômicos, psicológicos e raciais são necessários para tornar a Família Humana e a Sociedade Humana completas.

"Desde que aprendi a *verdade* em Meca, meus amigos passaram a ser de todos os tipos... alguns cristãos, judeus, budistas, hinduístas, agnósticos, até mesmo ateus! Tenho amigos que são chamados de capitalistas, socialistas, comunistas. Alguns dos meus amigos são moderados, conservadores, extremistas... alguns são até 'Pai Tomás'! Meus amigos atualmente são pretos, pardos, vermelhos, amarelos e *brancos!*"

Eu dizia às audiências nas ruas do Harlem que somente quando a humanidade se submetesse a *Um Só Deus*, que criava tudo, somente então a humanidade sequer se aproximaria da "paz" de que todo mundo vivia falando... mas na direção da qual poucos faziam alguma coisa.

Dizia que, ao nível racial americano, tínhamos de encarar a luta do homem preto contra o racismo do homem branco como um problema humano, que tínhamos de esquecer a propaganda e a política hipócrita. Dizia que as pessoas de ambas as raças, como seres humanos, tinham a obrigação e a responsabilidade de ajudar a corrigir o problema humano da América. Os brancos bem intencionados tinham de combater, ativamente, diretamente, o racismo em outros brancos. E os pretos tinham de adquirir uma consciência definida e maior de que, juntamente com os direitos iguais, teriam de assumir responsabilidades iguais.

Eu sabia, melhor que a maioria dos negros, como muitos brancos desejavam sinceramente que os problemas raciais americanos fossem resolvidos. Sabia que muitos brancos sentiam-se tão frustrados quanto os negros. Havia dias em que eu recebia até 50 cartas de brancos. Os brancos em minhas audiências costumavam me cercar, indagando depois que eu terminava de falar:

— O que pode um branco sincero fazer?

Ao dizer isso agora, lembro-me da jovem universitária sobre a qual falei, a que veio de avião de sua universidade na Nova Inglaterra para Nova York, entrando no restaurante da Nação do Islã no Harlem, a quem declarei que não havia “absolutamente nada” que ela pudesse fazer. Lamento ter dito isso àquela moça. Gostaria agora de saber o nome dela ou o endereço em que pudesse encontrá-la, para telefonar ou escrever dizendo-lhe o que digo agora aos brancos que me procuram com a sinceridade no coração, indagando de um jeito ou de outro a mesma coisa que ela me indagou.

A primeira coisa que lhes digo é que pelo menos em minha própria organização nacionalista preta, a Organização da Unidade Afro-Americana, não podem ingressar. Tenho sentimentos por demais profundos de que os brancos querendo ingressar em organizações pretas estão procurando apenas o caminho escapista de aliviar suas consciências. Ficando ostensivamente perto de nós, estão “provando” que se encontram “do nosso lado”. Mas a verdade nua e crua é que esse não é o caminho para ajudar a resolver o problema racial da América. Os negros não são os racistas. Onde os brancos realmente sinceros devem se “provar” não é entre as *vítimas* pretas, mas sim nas linhas de frente em que realmente se localiza o racismo na América: em suas próprias comunidades, pois o racismo na América parte de seus próprios semelhantes brancos. É nisso que devem trabalhar os brancos sinceros que realmente pretendem realizar alguma coisa.

Não estou me manifestando contra os brancos sinceros quando digo que, como membros de organizações pretas, geralmente a própria presença dos brancos sutilmente torna as organizações pretas automaticamente menos eficazes. Mesmo a presença dos melhores homens brancos dificulta a descoberta pelos negros do que precisam fazer e particularmente do que podem fazer... por si mesmos, trabalhando para si mesmos, entre a sua própria espécie, em suas próprias comunidades.

Não quero ferir os sentimentos de ninguém, mas vou até mais longe, dizendo mesmo que nunca confiei realmente no tipo de branco que está sempre ansioso em pairar ao redor de negros ou de comunidades negras. Não confio no tipo de branco que adora ter negros sempre pairando ao seu redor. Não sei, mas é possível que esse sentimento seja uma reversão aos tempos em que era marginal no Harlem e todos aqueles brancos bêbados, de cara vermelha, nos clubes que ficavam abertos pela madrugada afora, estavam sempre agarrando os negros e dizendo “Só quero que você saiba que é tão bom quanto eu...” E depois eles embarcavam em táxis e nas suas limusines pretas e voltavam para o centro da cidade, para os lugares em que moravam e trabalhavam, onde era melhor os pretos não aparecerem, a menos que fossem criados. Seja como for, sei que todas as vezes que brancos ingressam numa organização preta podem estar certos de que muito em breve os pretos estarão recorrendo aos brancos por apoio. Antes que sequer se perceba o que está acontecendo, um preto pode estar na fachada com

um título, mas são os brancos que estão realmente controlando, por causa de seu dinheiro.

Sempre digo aos brancos sinceros:

— Trabalhem ao mesmo tempo que nós... cada um trabalhando entre sua própria espécie.

Que os brancos sinceros encontrem todos os outros brancos que puderem descobrir sentindo da mesma forma... e que formem os seus próprios grupos inteiramente brancos, a fim de trabalharem na tentativa de conversão de outros brancos que sejam racistas na ação e pensamento. Que os brancos sinceros tratem de ensinar a não-violência aos outros brancos!

Teremos um respeito total por nossos companheiros brancos. Eles merecerão todos os créditos. E nós lhes daremos todos os créditos. Enquanto isso, estaremos trabalhando entre nossa própria espécie, em nossas próprias comunidades pretas, mostrando e ensinando aos pretos da maneira como somente os pretos podem fazer... e o que estaremos mostrando e ensinando é que o homem preto tem de ajudar a si mesmo. Trabalhando separadamente, os brancos sinceros e os pretos sinceros estarão na verdade trabalhando juntos.

Em nossa sinceridade mútua, poderemos apontar um caminho para a salvação da própria alma da América. Esta só pode ser salva se a dignidade e os direitos humanos forem integralmente estendidos aos pretos. Somente ações concretas, significativas, como as que derivam de um profundo senso de humanismo e de responsabilidade moral, podem atingir as causas básicas que produzem as explosões raciais na América de hoje. Caso contrário, as explosões raciais vão-se agravar cada vez mais. Certamente não se vai resolver coisa alguma lançando sobre mim e outros supostos “extremistas” e “demagogos” a culpa pelo racismo que existe na América.

Às vezes, atrevo-me a sonhar que um dia a história possa dizer que minha voz, a qual abalou a presunção, a arrogância e a complacência do homem branco, ajudou a salvar a América de uma catástrofe de grandes proporções, talvez mesmo fatal.

O objetivo é sempre o mesmo, em métodos tão diferentes quanto os meus e as marchas não-violentas do Dr. Martin Luther King, que ressalta a brutalidade e a perversidade do homem branco contra pretos indefesos. E no clima racial que existe atualmente neste país, qualquer um pode tentar adivinhar qual dos métodos “extremos” para resolver os problemas do homem preto pode *pessoalmente* encontrar uma catástrofe fatal primeiro, se o “não-violento” Dr. King ou o supostamente “violento” Malcolm X.

Tudo o que faço hoje encaro como se fosse de extrema urgência. Nenhum homem dispõe de muito tempo para realizar o trabalho de sua vida, qualquer que seja. Minha vida em particular jamais permaneceu fixada numa única posição por muito tempo. Já viram como, ao longo da minha vida, passei frequentemente por mudanças drásticas inesperadas.

Estou apenas enfrentando os fatos quando digo que qualquer momento, de qualquer dia ou qualquer noite, pode me trazer a morte. Isso se tornou particularmente verdadeiro desde a minha última viagem ao exterior. Tenho visto a natureza das coisas que estão acontecendo e tenho recebido informações de fontes que merecem toda confiança.

Especular sobre a morte não me perturba, como pode acontecer com algumas pessoas. Jamais pensei que viveria o bastante para me tornar um velho. Mesmo antes de me tornar um muçulmano, quando era um marginal na selva do gueto e um criminoso na prisão, sempre achei que teria uma morte violenta. Na verdade, é o que parece ser o destino da minha família. Meu pai e quase todos os seus irmãos morreram pela violência... meu pai por causa do que acreditava. Para ser bem claro, se pegar o tipo de coisa em que acredito, depois acrescentar o temperamento que tenho, mais uma dedicação total a tudo em que acredito, encontro todos os ingredientes que fazem com que seja praticamente impossível para mim morrer de velhice.

Tenho dispensado a este livro tanto tempo quanto disponho porque acho e espero que, se fizer um relato completo e sincero da minha vida, em termos objetivos, posso deixar um depoimento de algum valor social.

Acho que um leitor objetivo pode compreender como, na sociedade a que fui exposto quando era um jovem preto aqui na América, era de fato praticamente inevitável que fosse acabar na prisão. É o que acontece a muitos milhares de jovens pretos.

Creio que um leitor objetivo pode compreender como, quando ouvi a frase "O homem branco é o demônio" e reconstitui as minhas próprias experiências, era inevitável que reagisse positivamente; depois os 12 anos seguintes da minha vida foram devotados e dedicados a pagar essa frase entre os pretos.

Creio e espero que o leitor objetivo, ao acompanhar a história da minha vida, a vida de apenas um negro criado no gueto, possa adquirir uma imagem e compreensão melhor do que tinha antes sobre os guetos pretos, que estão moldando as vidas e os pensamentos de quase todos os 22 milhões de negros que vivem na América.

A cada ano, nesses guetos, é maior o número de adolescentes como eu fui... com os tipos errados de heróis e os tipos errados de influências. Não estou dizendo que a maioria se transforme na espécie de parasita que eu era. Felizmente, são bem poucos os que viram para pior. Mesmo assim, a pequena fração que se aprofunda no crime vai somar-se ao total anual de jovens criminosos cada vez mais dispendiosos e perigosos. Não faz muito tempo, o FBI divulgou um relatório chocante sobre a ascensão sucessiva do crime a cada ano, desde o final da Segunda Guerra Mundial. O índice de crescimento é de 10 a 12 por cento ao ano. O relatório não o dizia expressamente, mas garanto que a maior parcela desse aumento dos índices de criminalidade ocorre nos

guetos pretos que a sociedade racista americana permite existir. Nos distúrbios do "longo e quente verão" de 1964, nas grandes cidades dos Estados Unidos, eram os jovens socialmente deserdados do gueto preto que estavam sempre na linha de frente das lutas.

Neste ano de 1965, tenho certeza de que mais — e piores — distúrbios vão irromper, em mais cidades ainda, apesar da Lei de Direitos Civis, aprovada às pressas para aliviar as consciências. A razão para isso é que a *causa* desses distúrbios, a hostilidade racista da América, tem sido ignorada por tempo demais.

Creio que seria quase impossível encontrar, em qualquer lugar da América, um homem preto que tenha afundado mais do que eu na lama da sociedade humana; ou um homem preto que tenha sido mais ignorante do que fui; ou um homem preto que tenha sofrido mais angústia do que eu durante a sua vida. Mas é somente depois das trevas mais profundas que a alegria maior pode surgir; é somente depois da escravidão e da prisão que se pode alcançar uma verdadeira apreciação da liberdade.

Pela liberdade dos meus 22 milhões de irmãos e irmãs pretos da América, creio que tenho lutado da melhor forma que podia e sabia, apesar de todas as minhas falhas. E sei perfeitamente que tais falhas são muitas.

Minha maior falha, ao que creio, tem sido a de não possuir a espécie de educação acadêmica que gostaria de ter... talvez me formar em advocacia. Creio que poderia ter-me tornado um bom advogado. Sempre adorei os embates verbais, os desafios. Podem estar certos de que, se dispusesse de tempo neste momento, não me sentiria absolutamente envergonhado de ingressar em qualquer escola pública de Nova York e recomeçar de onde parei, no nono ano, continuando até conquistar um diploma de curso superior. É que não me sinto academicamente preparado para me dedicar aos muitos interesses intelectuais. Adoro línguas, por exemplo. Gostaria de ser um lingüista consumado. Não conheço nada mais frustrante do que estar entre pessoas falando coisas que a gente não é capaz de compreender. Especialmente quando se trata de pessoas com as quais nos parecemos. Na África, ouvi as línguas-mães originais, como *hausa* e *swahili*. Fiquei parado como um garotinho, esperando que alguém me explicasse o que estava sendo dito. Jamais esquecerei como me senti ignorante.

Além dos dialetos africanos básicos, eu tentaria aprender chinês, porque tudo indica que o chinês será a língua política mais poderosa do futuro. E já comecei a estudar o árabe, que tenho certeza de que será a língua espiritual mais poderosa do futuro.

Eu gostaria simplesmente de *estudar*. Estou me referindo a um estudo amplo e geral, porque sempre tive uma mente aberta e receptiva. Estou interessado em quase todos os assuntos que se possa mencionar. Sei que é essa a razão pela qual realmente passei a gostar, como indivíduos, de alguns dos apresentadores de programas de rádio e televisão a que compareci, respeitando também suas mentes; embora estivessem sistematicamente em divergência comigo em quase todos os aspectos

da questão racial, ainda assim mantinham as mentes abertas e objetivas em relação às verdades das coisas que aconteciam neste mundo. Entre as pessoas assim, posso citar Irv Kupciant, de Chicago, Barry Farber, Barry Gray e Mike Wallace, de Nova York. Também mostraram que respeitavam minha mente... e de uma maneira que tenho certeza jamais pensaram. Frequentemente, eles pediam minhas opiniões sobre os aspectos do problema racial. Às vezes, depois de um programa, ficávamos sentados a conversar sobre todos os assuntos, acontecimentos recentes e outras coisas, durante uma hora ou mais. A maioria dos brancos, mesmo quando reconhece alguma inteligência num negro, ainda acha que tudo o que ele sabe falar é sobre a questão racial. Os brancos, de um modo geral, acham que os negros não podem contribuir com coisa alguma para outras áreas de pensamentos e idéias. Já devem ter notado como raramente os brancos perguntam aos negros o que pensam dos problemas mundiais de saúde ou da corrida espacial para levar um homem à lua.

Agora, ao despertar todas as manhãs, considero que estou vivendo em mais um dia emprestado. Em qualquer cidade, aonde quer que eu vá, fazendo discursos, participando de reuniões da minha organização ou tratando de outros assuntos, há pretos observando todos os meus movimentos, aguardando uma oportunidade de matar-me. Já declarei publicamente muitas vezes que sei que eles receberam ordens. Qualquer um que prefira não acreditar no que estou dizendo não conhece os muçulmanos da Nação do Islã.

Mas sou também abençoado por seguidores fiéis, que creio serem tão dedicados a mim quanto outrora fui ao Sr. Elijah Muhammad. Os que estão dispostos a caçar um homem não devem esquecer que na selva também existem os que caçam os caçadores.

Sei também que posso morrer subitamente nas mãos de alguns racistas brancos. Ou que posso morrer pelas mãos de algum negro contratado pelo homem branco. Ou o assassino pode ser algum negro destruído pela lavagem cerebral, agindo por conta própria, pensando que com a minha eliminação estará ajudando o homem branco, porque falo sobre o homem branco.

Seja como for, agora vivo cada dia como se já estivesse morto. Vou dizer o que gostaria que fizessem. Quando eu estiver morto — e falo assim porque, pelas coisas que sei, não espero viver o bastante para ler este livro já editado —, quero que verifiquem se não estou certo ao dizer que o homem branco, através de sua imprensa, vai me identificar com “ódio”.

O homem branco tratará de tirar proveito do meu cadáver assim como se aproveitou de mim enquanto estive vivo, como um conveniente símbolo de “ódio”... e isso o ajudará a se esquivar a enfrentar a verdade de que tudo o que tenho feito é levantar um espelho para refletir, para mostrar a história dos crimes indescritíveis que sua raça cometeu contra a minha raça.

Fiquem esperando. Serei rotulado, na melhor das hipóteses, como um homem preto “irresponsável”. Sempre achei, com relação a essa acusação, que o “líder” preto que os brancos consideram “responsável” é invariavelmente aquele “líder” preto que nunca obtém quaisquer resultados. Só se faz alguma coisa como um homem preto quando se é encarado pelo homem branco como “irresponsável”. Isso foi algo que aprendi quando ainda era pequeno. E desde que me tornei uma espécie de “líder” dos pretos aqui, na sociedade racista da América, tenho me sentido mais confiante a cada vez que o homem branco resiste ou me ataca mais vigorosamente... porque cada vez que isso acontece tenho mais certeza de que estou no caminho certo para defender os melhores interesses do homem preto americano. A oposição do homem branco racista automaticamente me faz saber que ofereci ao homem preto algo vantajoso.

É verdade, tenho apreciado o meu papel de “demagogo”. Sei que as sociedades frequentemente matam as pessoas que contribuem para mudá-las. E se eu posso morrer contribuindo com alguma luz, denunciando alguma verdade importante que possa destruir o câncer racista maligno no corpo da América... então todo o crédito cabe a Alá. Somente os erros foram meus.

Epílogo

Alex Haley

Durante o ano de 1959, quando o público estava tomando consciência da existência dos muçulmanos, depois do programa de televisão de Nova York *O Ódio que o Ódio Gerou*, eu estava em San Francisco, prestes a me aposentar, depois de 20 anos na Guarda Costeira dos Estados Unidos. Uma amiga voltou de uma visita à família em Detroit e falou-me de uma surpreendente religião do “homem preto”, “A Nação do Islã”, à qual todos os seus parentes haviam se convertido, para espanto dela. Fiquei escutando, na maior incredulidade, o relato de como um “cientista louco Sr. Yacub” criara geneticamente a raça branca, através de “enxertos”, a partir de um povo preto original. O líder da organização era conhecido como “O Venerável Elijah Muhammad” e um “Ministro Malcolm X” era aparentemente o chefe de estado-maior.

Quando me lancei na carreira jornalística, na cidade de Nova York, recolhi no Harlem muito material estimulante sobre o culto, propondo então um artigo a respeito a *Reader's Digest*. Visitando o restaurante muçulmano no Harlem, indaguei como podia me encontrar com o Ministro Malcolm X, que me foi imediatamente apontado, falando numa cabina telefônica às minhas costas. Ele não demorou a sair, um homem alto, desengonçado, pele parda avermelhada, que estava então com 35 anos; quando expliquei o que estava querendo, ele ficou todo eriçado, os olhos me fuzilando por trás dos óculos.

— Você é mais um dos instrumentos do homem branco enviado para me espionar! — acusou-me ele, rispidamente.

Respondi que tinha uma missão legítima de fazer uma reportagem e mostrei a carta da revista, declarando que desejavam um artigo objetivo, em que fosse apresentado de maneira equilibrada o que os muçulmanos diziam a respeito de si mesmos e as acusações de seus atacantes. Malcolm X resmungou desdenhosamente que nenhuma promessa do homem branco valia o papel em que estava escrita. De qualquer forma, precisaria de tempo para decidir se iria ou não cooperar. Até lá, sugeri que eu poderia comparecer a algumas das reuniões do Templo Número 7 do Harlem (os “templos” posteriormente passaram a ser chamados de “mesquitas”) que estavam abertas aos negros não-muçulmanos.

No restaurante muçulmano, conheci alguns dos convertidos, todos impecavelmente vestidos e quase que embaraçosamente polidos. As atitudes e expressões refletiam a disciplina pessoal espartana que a organização exigia e nenhum deles dizia qualquer coisa que não fossem os clichês da Nação do Islã. Até mesmo o tempo bom era considerado como uma bênção de Alá, com o crédito corolário devido ao “Venerável Elijah Muhammad”.

O Ministro Malcolm X informou-me finalmente que não poderia assumir a responsabilidade pessoal. Disse que eu deveria conversar sobre o artigo pessoalmente com o Sr. Muhammad. Manifestei a disposição de fazê-lo, foi marcado o encontro e segui de avião para Chicago. O Sr. Muhammad, franzino, tímido, de voz suave, convidou-me a jantar em sua mansão, junto com a família. Eu sabia que estava sendo cuidadosamente avaliado, enquanto ele falava basicamente da vigilância atenta do FBI e do Serviço de Rendas Internas à sua organização e dos rumores de uma iminente investigação do Congresso.

— Mas nada tenho a temer. Tenho tudo o que preciso: a verdade — disse o Sr. Muhammad.

O problema do meu artigo não chegou a ser abordado. Mas quando voltei a Nova York, Malcolm X mostrou-se muito mais cooperativo.

Sentado comigo a uma das mesas de tampo branco do restaurante muçulmano, ele respondia cautelosamente às minhas perguntas, entre interrupções constantes para ir à cabina telefônica atender chamados da imprensa de Nova York. Quando perguntei se podia conhecer as atividades muçulmanas em algumas outras cidades, Malcolm X prontamente entrou em contato com outros ministros para articular meu comparecimento a reuniões nos templos de Detroit, Washington e Filadélfia.

Meu artigo foi publicado no início de 1960, com o título de *O Sr. Muhammad Fala*. Foi a primeira vez que uma revista de circulação nacional tratava do fenômeno. Recebi imediatamente uma carta do Sr. Muhammad, agradecendo o fato de eu ter cumprido a promessa de ser objetivo no artigo. Malcolm X telefonou-me, apresentando cumprimentos similares. Mais ou menos nessa época, foi publicado o livro do Dr. C. Eric Lincoln, *The Black Muslim in America* (Os Muçulmanos Pretos na América). Os muçulmanos pretos passaram a despertar um interesse cada vez maior. Em 1961 e 1962, o *Saturday Evening Post* incumbiu-me de trabalhar com um jornalista branco, Al Balk, para escrever um artigo sobre os muçulmanos pretos. Em seguida, fiz uma entrevista pessoal com Malcolm X para a revista *Playboy*, que prometera publicar na íntegra as respostas dele a todas as minhas perguntas. Durante a entrevista, que se prolongou por vários dias, Malcolm X declarou insistentemente, especialmente depois de pronunciamentos antirristãos ou antibranços mais veementes:

— Sabe muito bem que o demônio não vai publicar isso!

Ele ficou espantado quando *Playboy* publicou integralmente as suas declarações.

Malcolm X começou a demonstrar algum interesse por mim. Estava consciente da força dos veículos de imprensa de circulação nacional e passou a me considerar, se bem que ainda um tanto desconfiado, como um meio de acesso. Começou a me telefonar ocasionalmente sobre algum programa de rádio, televisão ou discurso em público que estava prestes a fazer, convidando-me a comparecer a algum bazar dos muçulmanos pretos ou outra cerimônia pública qualquer.

Eu estava nesse estágio de relacionamento com o Malcolm X que freqüentemente se descrevia publicamente como "o homem preto mais furioso da América" quando, no início de 1963, meu agente promoveu-me um encontro com um editor que tivera a idéia de lançar uma biografia de Malcolm X, depois de ler a entrevista de *Playboy*. O editor perguntou-me se achava que o agitador, agora conhecido nacionalmente, concordaria em me contar os detalhes mais íntimos de sua vida. Respondi que não sabia, mas poderia perguntar ao próprio Malcolm X. O editor indagou em seguida se eu podia delinear os pontos altos para um livro assim. Comecei a falar e só então percebi o quão pouco sabia a respeito de Malcolm X pessoalmente, apesar de todas as minhas entrevistas. Comentei que a pergunta me fizera compreender como Malcolm X se empenhara em reduzir a sua importância e destacar o líder Elijah Muhammad.

Disse ao editor que tudo o que realmente sabia eram as referências de passagem de Malcolm X à sua vida anterior de crime e na prisão antes de se tornar um muçulmano preto; que diversas vezes ele me dissera: "Você não acreditaria em meu passado"; e que ouvira outros comentarem que ele tinha sido traficante de tóxicos e explorador do lenocínio, além de cometer assaltos a mão armada.

Sabia que Malcolm X tinha uma obsessão quase fanática em relação ao tempo. Certa ocasião, ele chegara a me dizer:

— Tenho menos paciência com alguém que não usa um relógio do que com qualquer outra pessoa, pois é o tipo de pessoa que não dá importância ao tempo. Em tudo o que fazemos, o valor e respeito que dispensamos ao tempo determinam o sucesso ou fracasso.

Sabia que todos diziam que o número de membros dos muçulmanos pretos aumentava sempre que Malcolm X falava. Sabia que ele se orgulhava de que os prisioneiros negros, na maioria das prisões, estavam descobrindo a religião muçulmana, como lhe acontecera quando estava também preso. Sabia que ele fazia questão de só comer o que outro muçulmano preto cozinhava (de preferência sua esposa Betty). Sabia que ele tomava incontáveis xícaras de café por dia, acrescentando um pouco de creme e comentando ironicamente:

— O café é a única coisa que gosto integrado.

Durante o almoço, disse ao editor e ao meu agente como Malcolm X era capaz de abalar os não-muçulmanos. Comentei um incidente que acontecera comigo. Malcolm X se oferecera para me dar uma carona até a estação do metrô. No carro, quando fiz menção de acender um cigarro, ele comentou secamente:

— Isso faria de você a primeira pessoa a fumar neste carro.

Malcolm X ficou completamente aturdido quando lhe perguntei se estaria disposto a me contar a história de sua vida para um livro. Foi uma das poucas ocasiões em que o vi indeciso, até que finalmente disse:

— Vou ter de pensar um bocado a respeito.

Dois dias depois, ele voltou a me telefonar, marcando um encontro no restaurante dos muçulmanos pretos. E assim que nos sentamos, foi logo dizendo:

— Aceito. Acho que a história da minha vida pode ajudar as pessoas a compreenderem melhor como o Sr. Muhammad recupera os pretos. Mas não quero que meus motivos sejam erroneamente interpretados por quem quer que seja... a Nação do Islã deve receber todo o dinheiro que me couber.

É claro que seria necessária a concordância do Sr. Muhammad e eu teria que pedi-la pessoalmente.

Assim, peguei novamente um avião para me encontrar com o Sr. Muhammad. Só que desta vez fui para Phoenix, Arizona, onde a Nação do Islã comprara-lhe uma casa, pois o clima quente e seco aliviava consideravelmente a sua bronquite crônica. Nessa ocasião, conversamos a sós. O Sr. Muhammad disse-me que sua organização era formada até aquele momento basicamente com muçulmanos sem muita instrução e que só se poderia dar passos verdadeiramente gigantescos pelo homem preto se pudesse contar com a ajuda de alguns dos talentos que havia disponíveis na raça preta. E comentou:

— Uma das nossas maiores necessidades é a de escritores...

Mas não me pressionou por uma resposta. Começou a tossir subitamente. A tosse foi-se tornando cada vez pior, até que me levantei e aproximei-me dele, alarmado. Mas o Sr. Muhammad acenou para que eu me afastasse, balbuciando que estava bem. Entre arquejos, disse-me que achava que "Alá aprova" o livro, acrescentando:

— Malcolm é um dos meus ministros mais importantes.

Depois de determinar que seu motorista me levasse de volta ao aeroporto de Phoenix, o Sr. Muhammad despediu-se rapidamente e saiu às pressas da sala, tossindo.

Em Nova York, Malcolm X leu cuidadosamente e depois assinou o contrato de publicação. Depois, tirou da carteira um pedaço de papel com algumas palavras escritas em sua letra esparramada, dizendo-me:

— Esta é a dedicatória do livro.

Li o que ele escrevera: "Dedico este livro ao Venerável Elijah Muhammad, que me encontrou aqui na América na lama e esterco da civilização e sociedade mais asquerosa deste mundo e de lá arrancou-me, limpou-me, fez-me ficar de pé, transformou-me no homem que sou hoje."

O contrato estipulava que todos os rendimentos que coubessem a Malcolm X "seriam efetuados pelo agente à Mesquita Nº 2 de Muhammad". Mas Malcolm X achou que isso era insuficiente. Ditou-me

uma carta, pedindo que a datilografasse para que ele assinasse, o que fiz. A carta dizia: "Todo e qualquer rendimento proveniente da minha parte estipulada em contrato dos resultados financeiros deve ser pago pelo agente literário à Mesquita N° 2, de Muhammad. Esses pagamentos devem ser enviados para o seguinte endereço: Sr. Raymond Sharrieff, Woodlawn Avenue, 4847, Chicago 15, Illinois."

Foi ditada outra carta, esta um acordo entre nós dois: "Não pode constar do original do livro nada que eu não tenha dito e não pode ser omitido nada que eu queira que seja incluído."

Em troca, pedi a Malcolm X que me assinasse um compromisso pessoal de que, por mais ocupado que estivesse, sempre me daria prioridade para dispensar-me uma parte de seu tempo para o planejado livro de 100 mil palavras relatando toda a história de sua vida. Meses mais tarde, num momento de tensão entre nós, pedi — e ele me deu — a permissão para que, ao final do livro, pudesse escrever meus próprios comentários a respeito dele, sem estarem condicionados à sua revisão.

Malcolm X começou imediatamente a fazer-me visitas de duas e três horas, estacionando seu Oldsmobile azul diante do estúdio que eu ocupava na ocasião, em Greenwich Village. Ele sempre aparecia por volta das nove ou dez horas da noite, carregando sua pasta de couro fulvo, a qual, juntamente com sua aparência compenetrada, fazia com que parecesse um advogado dos mais ativos. Inevitavelmente, ele estava cansado, depois de um dia extremamente movimentado. Havia ocasiões em que estava visivelmente exausto.

O começo não foi dos melhores. Para usar uma palavra que ele muito apreciava, estávamos ambos meio "ariscos". Sentado à minha frente, fitando-me, estava o inflamado e belicoso Malcolm X, que sabia ser mordaz com os negros que o enfureciam, assim como era contra todos os brancos em geral. Na televisão, em entrevistas coletivas, em concentrações muçulmanas, eu o ouvira atacar virulentamente outros escritores negros, chamando-os de "Pai Tomás", de "negros de quintal", "homens pretos em roupas brancas". E lá estava eu a fitá-lo, propondo-me a passar um ano arrancando-lhe os seus segredos mais íntimos, quando ele desenvolvera uma quase fobia por sigilo, durante os seus anos no crime e depois na hierarquia muçulmana. Meus 20 anos no serviço militar e minha crença religiosa cristã também não ajudavam. Malcolm X freqüentemente escarnejava publicamente dos negros que eram uma das duas coisas. E embora ele agora insistisse indiretamente que eu escrevesse para revistas de circulação nacional sobre os muçulmanos, já me dissera em diversas ocasiões, de várias maneiras, que "vocês, pretos com talentos profissionais, vão acordar um dia desses e descobrir que se devem unir sob a liderança do Venerável Elijah Muhammad, para a sua própria salvação". Malcolm X estava também convencido de que o FBI instalara microfones ocultos em meu estúdio; provavelmente desconfiava inclusive que isso fora feito com a minha cooperação. Durante as

primeiras semanas, ele jamais entrou na sala em que trabalhávamos sem dizer:

— Testando, testando... um, dois, três...

Ocorreram incidentes extremamente tensos. Uma noite, um amigo branco estava no estúdio quando Malcolm X chegou, um pouco antes do previsto. Os dois se cruzaram no corredor. A atitude de Malcolm X durante toda aquela sessão sugeria que suas piores dúvidas haviam sido confirmadas. Em outra ocasião, quando Malcolm X discursava veementemente sobre as glórias da organização muçulmana, ele gesticulava sem parar com o passaporte na mão. Percebeu que eu estava tentando ler o número e subitamente lançou o passaporte para mim, a vermelhidão se espalhando pelo pescoço:

— Pode anotar logo o número! Mas não vai descobrir nada que o demônio branco já não saiba! Foi ele que me deu o passaporte!

Talvez durante um mês, fiquei com receio de que não íamos ter qualquer livro. Malcolm X ainda me tratava formalmente de "Senhor" e minhas anotações não continham quase mais nada além da filosofia dos muçulmanos pretos, elogios ao Sr. Muhammad e descrições das "iniquidades" do "demônio branco". Ele ficava profundamente irritado quando eu procurava lembrar que o livro proposto deveria ser sobre a vida *dele*. Já estava pensando que talvez fosse melhor informar o editor que simplesmente não conseguia abordar o tema combinado quando surgiu o primeiro raio de esperança. Já havia notado que Malcolm X, enquanto falava, freqüentemente escrevia com sua caneta esferográfica de tinta vermelha em qualquer pedaço de papel que estivesse à mão. Às vezes, era nas margens de um jornal que trazia, outras em cartões de fichário que levava num compartimento na parte de trás de sua pequena agenda. Comecei a deixar dois guardanapos de papel a seu lado, cada vez que lhe servia mais café. O estratagema deu certo, já que ele às vezes rabisca nos guardanapos de papel, os quais posteriormente eu examinava. Eis alguns exemplos das coisas que ele escrevia:

"Aqui jaz um HA, morto por um HP, lutando pelo HB, que matou tudo que era HV" (decifrar isso não foi muito difícil, conhecendo Malcolm X. "HA" era homem amarelo, "HP" era homem preto, "HB" era homem branco e "HV" era homem vermelho).

"Nada jamais aconteceu sem causas. Causa situação HP é o que HB não quer encarar. HB obcecado em esconder sua culpa."

"Se o cristianismo tivesse se afirmado na Alemanha, seis milhões de judeus teriam vivido."

"HB sempre pronto a dizer a HP: Olhe só o que fiz por você! Não! Olhe só o que fez a nós!"

"HP trata com HB que nos arranca os olhos e depois nos condena porque não podemos ver."

"As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram as que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos. Hitler assim como Jesus, Stalin assim como Buda... o Venerável Elijah Muhammad..."

Foi através de uma pista de um desses rabiscos que finalmente lancei uma isca que Malcolm X engoliu. Ele escreveu o seguinte: "A mulher que grita o tempo todo só o faz porque sabe que pode escapar impune." Dei um jeito de levar a conversa para as mulheres. E abruptamente, entre goles de café e outros rabiscos, ele deu vazão às suas críticas e a todo o seu ceticismo em relação às mulheres:

— Nunca se pode confiar plenamente em qualquer mulher. Encontrei a única que já conheci em quem se pode confiar pelo menos 75 por cento. Já disse isso a ela. E já disse também a ela, como estou lhe dizendo agora, que conheci homens demais destruídos por suas esposas ou por suas mulheres.

Uma pausa e ele acrescentou:

— Não confio *completamente* em ninguém. Nem em mim mesmo. Já vi muitos homens se destruírem. Não confio em mais ninguém tanto quanto confio no Venerável Elijah Muhammad.

Malcolm X fitou-me atentamente nos olhos e arrematou:

— Em você, confio apenas 25 por cento.

Procurando manter Malcolm X a falar, insisti ao máximo no assunto das mulheres. Triunfantemente, ele exclamou:

— Sabe por que Benedict Arnold virou traidor? Por causa de uma mulher! Qualquer outra coisa que seja uma mulher, não importa quem ela seja, tudo começa com o fato de ser vaidosa. Posso provar, assim como você também pode, na hora em que bem quiser. E sei perfeitamente do que estou falando, porque já fiz a experiência. Pense na mulher de aparência mais insensível e de atitudes mais ríspidas que conhece, uma dessas mulheres que nunca sorriem. Pois cada dia que se encontrar com essa mulher, fite-a nos olhos e diga: "Acho que você é linda." Vai ver só o que acontece. No primeiro dia, ela pode xingá-lo, no segundo dia também... mas continue a insistir e depois de algum tempo ela vai começar a sorrir assim que você aparecer.

Naquela noite, depois que Malcolm X foi embora, examinei os rabiscos que fizera nos guardanapos de papel e que mais uma vez comprovavam como era capaz de falar sobre uma coisa enquanto pensava em outra:

"Os negros estão cheios de razões. HB diz: 'Quero esse pedaço de terra. Como posso fazer para expulsar esses dois mil HP que estão ali?'"

"Tenho uma esposa que compreende; ou se não compreende, pelo menos finge."

"A luta de HP nunca vai receber o apoio do exterior de que precisa, a menos que HP forme primeiro a sua própria frente unida."

"Sento-me, converso com pessoas cuja inteligência respeito, todos queremos a mesma coisa, trocar idéias."

"Seria um choque revelar os nomes dos líderes HP que secretamente têm-se encontrado com VEM" (as letras em maiúsculas indicam o Venerável Elijah Muhammad).

Uma noite, Malcolm X apareceu quase cambaleando de tanto can-

saço. Durante duas horas, mesmo assim, ficou andando de um lado para outro, fazendo um discurso contra os líderes negros que o estavam atacando e a Elijah Muhammad. Não sei o que me inspirou a dizer, no momento em que ele fez uma pausa para respirar:

— Será que poderia me falar alguma coisa a respeito de sua mãe?

Malcolm X parou de andar abruptamente. O olhar que me lançou indicou-me que, por algum motivo, a pergunta ao acaso o atingira em cheio. Quando recordo agora os acontecimentos, chego à conclusão de que devo tê-lo apanhado num momento em que estava tão fisicamente fraco que suas defesas eram vulneráveis.

Lentamente Malcolm X começou a falar, agora andando num círculo restrito:

— Ela estava sempre debruçada sobre o fogão, tentando aumentar o que quer que tivéssemos para comer. Sentíamos tanta fome que até sofríamos vertigens. Lembro da cor dos vestidos que ela costumava usar... era um cinza meio desbotado...

E ele continuou a falar até o amanhecer, tão cansado que os pés grandes de vez em quando tropeçavam em seu caminhar. Do fluxo de reminiscências, pude finalmente extrair as bases para os capítulos iniciais deste livro, "Pesadelo" e "Mascote". Depois daquela noite, Malcolm X nunca mais teve qualquer hesitação em me relatar até mesmo os detalhes mais íntimos de sua vida pessoal, ao longo dos dois anos subsequentes. O fato de ter falado sobre a mãe desencadeou alguma coisa.

O ânimo de Malcolm X variava do sombrio ao lúgubre, enquanto recordava sua infância. Lembro que ele fez questão de destacar como aprendera o que fora desde então um dos princípios cardeais de sua vida: "A dobradiça que range é que consegue alguma graxa." Quando a narrativa chegou à sua mudança para Boston, a fim de viver com a meia-irmã Ella, Malcolm X começou a rir, relembando como era "quadrado" nas ruas do gueto. E exclamou:

— Ora, estou-lhe falando de coisas em que não tenho pensado desde então!

Foi depois, ao recordar os seus primeiros tempos no Harlem, que Malcolm X ficou realmente arrebatado. Uma noite, subitamente, levantou-se de um pulo da cadeira e, por mais incrível que possa parecer, o temível demagogo preto começou a cantarolar e estalar os dedos. Depois, segurando um cano vertical com uma das mãos (à guisa de parceira) começou a *lindy-hopping* exultantemente, as pernas compridas e os pés imensos voando de um lado para outro, como se estivessem naqueles dias passados no Harlem. E um momento depois, quase tão subitamente, Malcolm X se controlou e voltou a sentar; pelo resto daquela sessão, mostrou-se extremamente mal-humorado. Mais adiante, ainda na narrativa dos tempos no Harlem, ele ficou novamente sombrio.

— A única coisa que eu considerava errada era o que fazia de errado e me apanhavam. Tinha a mentalidade da selva e estava vivendo numa selva. Tudo o que era ou fazia era movido pelo instinto de sobrevivência.

Mas ressaltou que não tinha qualquer arrependimento dos crimes que cometera, “porque foi tudo um resultado do que acontece a milhares e milhares de homens pretos no mundo cristão do homem branco”.

Malcolm X voltou a se mostrar animado quando a narrativa chegou aos seus dias na prisão.

— Vou contar como conseguia que os demônios brancos que eram prisioneiros e até os guardas fizessem qualquer coisa que eu desejasse. Sussurrava para eles: se não fizer, vou espalhar o boato de que é um negro claro passando por branco. Isso serve para mostrar o que o demônio branco pensa a respeito do homem preto. Ele preferia morrer a deixar que os outros pensassem que era um negro!

Ele me falou sobre as leituras que pudera fazer na prisão:

— Não sabia o que estava fazendo, mas por puro instinto gostava dos livros com vitaminas intelectuais.

E em outra ocasião comentou:

— No ritmo agitado do mundo de hoje, não há tempo para meditação ou para um pensamento profundo. Mas um prisioneiro dispõe de tempo do qual pode tirar bom proveito. Eu colocaria a prisão em segundo lugar, depois da universidade, como o melhor lugar para um homem ir, se precisa de tempo para pensar um pouco. Se ele está *motivado*, pode mudar sua vida na prisão.

Em outra ocasião, porém, Malcolm X refletiu:

— A partir do momento em que esteve na prisão, um homem nunca mais olha para si mesmo ou para as outras pessoas da mesma forma que antes. Os “quadrados” aqui de fora, cujos barcos sempre deslizaram suavemente por águas serenas, torcem o nariz para um ex-condenado. Mas um ex-condenado pode manter a cabeça erguida, quando os “quadrados” começam a afundar.

Nessa mesma noite, ele escreveu (sempre datei tanto as minhas anotações quanto os guardanapos de papel): “Esse HB criou e lançou uma bomba atômica sobre não-brancos; HB agora grita ‘Vermelho’ e vive com medo de outros HB que sabe podem nos lançar também uma bomba.”

E também: “Aprenda a sabedoria de pupila do olho que contempla todas as coisas e ao mesmo tempo está cega para si mesma. Poeta persa.”

A intervalos, Malcolm X sempre fazia questão de ressaltar:

— Não quero que nada neste livro dê a impressão de que me julgo também muito importante.

Eu assegurava que isso não aconteceria e, de qualquer forma, ele estava revisando o original, página a página, assim como revisaria também as provas finais. Em outras ocasiões, terminava um ataque violento contra o homem branco e ficava me observando em silêncio por um momento, enquanto eu tomava nota apressadamente de suas palavras, antes de arrematar:

— O demônio nunca vai publicar isso, não importa o que ele possa dizer!

Eu ressaltava que os editores haviam assinado um contrato e pago uma soma considerável adiantada. Malcolm X reagia:

— Você pode confiar neles, mas eu não confio. Estudou o que o homem branco queria que aprendesse a respeito dele nas escolas, enquanto eu estudei nas ruas e na prisão, onde se encontra a verdade.

As experiências de Malcolm X durante o dia podiam influenciar o seu ânimo nas entrevistas. As histórias mais ternas eram contadas geralmente nos dias em que houvera algum incidente que o deixara comovido. Certa ocasião, por exemplo, ele me contou que fora informado que um casal do Harlem, de não-muçulmanos, batizara o filho recém-nascido de Malcolm, em homenagem a ele.

— O que acha disso? — ele ficou dizendo a todo instante.

E foi nessa noite que ele voltou a recordar a infância e contou como ficava deitado no morro atrás de sua casa, pensando. Contou também outra história nessa noite:

— Jamais esquecerei o dia em que me elegeram para presidente da turma. Uma moça chamada Audrey Slauch, cujo pai possuía uma oficina de consertos de carros, foi quem me indicou. E um rapaz chamado James Cotton apoiou a indicação. O professor pediu-me que deixasse a sala, enquanto a turma votava. Quando voltei, era o presidente da turma. Nem podia acreditar.

Qualquer livro interessante que Malcolm X lia podia fazê-lo comentar seu amor pelos livros.

— As pessoas não compreendem como toda a vida de um homem pode ser mudada por um único livro!

Vezes sem conta, ele voltava a falar sobre os livros que lera quando estava na prisão.

— Por acaso já leu *The Loom of Language*? — perguntou-me ele. Respondi que não e Malcolm X acrescentou:

— Pois devia ter lido! A filosofia é uma ciência incrível. Estuda como as palavras podem ser reconhecidas, não importa onde sejam encontradas. Veja a palavra “Caesar”, por exemplo. É latim. Em latim, pronuncia-se como “Kaiser”, assim mesmo, o C duro, com um som de K. Mas nós inglesamos o nome, pronunciando um C suave. Os russos dizem Czar, o que significa a mesma coisa. Outro dialeto russo diz “Tzar”. Jakob Grimm foi um dos maiores filósofos. Estudei a sua “Lei de Grimm” na prisão... tudo sobre as consoantes. A filologia está relacionada com a ciência da etimologia, que lida com as raízes das palavras. Andei estudando as duas coisas.

Viro a página do meu caderno de anotações e na seguinte encontro um recado de que Malcolm X me telefonara para informar que iria passar alguns dias fora da cidade. Imaginei que, como já acontecera antes freqüentemente, ele tinha compromissos para falar em público em outras cidades, em nome dos muçulmanos. Senti-me grato pela pausa, pois me proporcionava uma oportunidade de separar as anotações pelos capítulos em que seriam incluídas. Ao voltar, porém, Malcolm X anunciou-me, triunfantemente:

— Tenho uma coisa para contar que vai deixá-lo surpreso. Desde que conversamos sobre minha mãe que vinha pensando nela constantemente. Compreendi que a apagara da minha mente... era simplesmente muito desagradável pensar que minha mãe está há vinte e tantos anos internada num hospital mental.

Ele fez uma pausa, antes de acrescentar:

— Não quero ficar com o crédito. Foi na verdade minha irmã Yvonne quem pensou que talvez fosse possível tirá-la de lá. Yvonne chamou meus irmãos Wilfred, Wesley e Philbert, além de mim. Fomos todos juntos. Foi Philbert quem realmente cuidou de tudo.

Outra pausa e então disse:

— Isso fez-me enfrentar uma coisa a respeito de mim mesmo. Minha mente se fechara para nossa mãe. Achava que o problema não podia ser resolvido e por isso tratei de esquecê-lo. Ergui minhas defesas subconscientes. É o que o homem branco costuma fazer. Excluí de sua mente e ergue defesas subconscientes contra tudo o que não está querendo enfrentar. Só percebi agora como minha mente estava fechada, quando voltei a abri-la. É uma das minhas características que não me agradam. Se enfrento um problema que não posso resolver, trato de afastá-lo dos pensamentos. Faço de conta que não existe. Mas a verdade é que existe.

Foi a minha vez de ficar profundamente comovido. Não muito tempo depois, Malcolm X ausentou-se novamente por alguns dias. Ao voltar, disse que estivera na casa de seu irmão Philbert.

— Jantamos com nossa mãe, pela primeira vez em todos esses anos! Ela está com 66 anos e sua memória é melhor que a minha. Parece jovem e saudável. Tem mais dentes do que aqueles que a mandaram para o manicômio!

Quando alguma coisa irritava Malcolm X durante o dia, o rosto dele estava vermelho quando me visitava e geralmente passava a maior parte da sessão a falar amargamente contra os seus inimigos. Quando policiais de Los Angeles atiraram em alguns muçulmanos, matando um deles, Malcolm X foi até lá. Na volta, mostrou-se quase apoplético durante uma semana. Fora com esse ânimo que fizera em Los Angeles a declaração que lhe acarretara críticas veementes de representantes das duas raças:

— Acabei de receber uma boa notícia! — disse ele, referindo-se a um desastre de avião no Aeroporto de Orly, em Paris, no qual morreram trinta e tantos americanos brancos, a maioria de Atlanta, Geórgia.

(Malcolm X jamais se retratou publicamente de tal declaração, ao que eu saiba). Mas muito depois, em conversa comigo, ele disse simplesmente:

— Essa é uma das coisas que eu gostaria de nunca ter falado.

Em todas as ocasiões em que o nome do atual Juiz Federal Thurgood Marshall é mencionado, Malcolm X ainda ficava furioso, re-

cordando o que o juiz dissera anos atrás, quando era o principal advogado da NAACP:

— Os muçulmanos são dirigidos por um bando de marginais saídos da cadeia e indubitavelmente financiados por algum grupo árabe.

A única vez em que ouvi Malcolm X usar uma palavra que podia ser interpretada como uma imprecisão foi um “diabo”, em reação a uma declaração do Dr. Martin Luther King de que os discursos de Malcolm X “atraíam a desgraça para os negros”. Malcolm X explodiu:

— Como diabo ele pode falar assim? É sempre um negro o responsável, e não o que o homem branco faz!

A acusação de “extremista” ou “demagogo” invariavelmente enfiava Malcolm X.

— Isso mesmo, sou extremista! A raça preta aqui na América do Norte está na pior situação que se poderia imaginar. Mostre-me um homem preto que não seja um extremista e eu lhe mostrarei um homem preto que está precisando de cuidados psiquiátricos!

Certa ocasião, ele comentou:

— Aristóteles chocou as pessoas. Charles Darwin ultrajou as pessoas. Aldous Huxley escandalizou milhões.

Fez uma pausa e imediatamente acrescentou:

— Não publique isso. As pessoas pensariam que estou querendo me equiparar a essas pessoas.

Em outra ocasião, algo impeliu-o a exclamar:

— Esses negros que não passam de Pai Tomás fazem-me lembrar como o Profeta Jesus foi criticado em sua própria terra!

Malcolm X prontamente se levantou, em silêncio, pegou o meu caderno de anotações, arrancou a página, amassou-a e guardou no bolso. Durante o restante da sessão, ele permaneceu consideravelmente deprimido.

Lembro-me de outra ocasião em que ele me mostrou um recorte de jornal noticiando que um bebê negro fora mordido por um rato. Malcolm X disse:

— Leia isso e pense por um instante: já imaginou se fosse o seu filho? E onde está o senhorio, o dono do cortiço? Em alguma praia de Miami!

Ele continuou a esbravejar pelo resto da nossa entrevista. Não o acompanhei quando mais tarde, nesse mesmo dia, ele foi falar para uma audiência negra no Harlem e ocorreu um incidente, que Helen Dudar assim descreveu, no *New York Post*:

“Falando no Harlem, Malcolm olhou para um dos repórteres brancos, os únicos brancos que tinham permissão para assistir ao comício, e gritou:

— Ali está um repórter que não fez uma só anotação em meia hora. Mas assim que eu começar a falar dos judeus, ele vai escrever furiosamente, para provar que sou anti-semita!

Por trás do repórter, uma voz de homem gritou:

— Matem o filho da mãe! Matem todos eles!

O jovem, nervoso e apreensivo, sorriu contrafeito. Ao que Malcolm escarneceu:

— Olhem só para ele rindo! Mas não está rindo de verdade, apenas mostrando os dentes!

Uma tensão sinistra pairava sobre o ambiente. E Malcolm X acrescentou:

— O homem branco não sabe rir. Ele apenas mostra os dentes. Mas nós sabemos rir. E vamos rir fundo, lá de baixo!

A audiência se pôs a rir. E tão subitamente quanto a impelira, tão habilmente, tão rapidamente, Malcolm fez a multidão se aquietar. Foi ao mesmo tempo uma *performance* magistral e mesquinha.”

Mais tarde, ouvi ou li em algum lugar em Malcolm X telefonara para o repórter pedindo desculpas. Mas era o tipo de incidente que levava muitos observadores atentos ao fenômeno Malcolm X a declararem, como absoluta seriedade, que era o único negro da América que podia desencadear um motim racial... ou detê-lo. Mencionei essa opinião a Malcolm X, convidando-o tacitamente a fazer um comentário. E ele me disse mordazmente:

— Não sei se posso desencadear um motim. E não sei se iria querer detê-lo.

Era o tipo de declaração que ele gostava de fazer.

Ao longo dos meses, gradativamente estabeleci uma espécie de conhecimento telefônico com a esposa de Malcolm X, a quem tratava como “Irmã Betty”, como ouvira os muçulmanos fazerem. Admirava a maneira como ela cuidava da casa, com três filhas pequenas, e ainda conseguia anotar todos os telefonemas para Malcolm X, certamente o suficiente para manter plenamente ocupada uma telefonista profissional. Algumas vezes, quando estava comigo, Malcolm X telefonava para casa e passava até cinco minutos anotando rapidamente num bloco os diversos recados que haviam deixado para ele.

A Irmã Betty, geralmente bastante cordial comigo ao telefone, de vez em quando exclamava, numa indignação espontânea:

— O homem nunca dorme!

Malcolm X raramente trabalhava menos de 18 horas por dia. Muitas vezes, ao deixar meu estúdio às quatro horas da madrugada, para uma viagem de carro de 40 minutos até sua casa em East Elmhurst, Long Island, ele me pedia para que telefonasse às nove horas da manhã. Geralmente isso acontecia quando queria que eu o acompanhasse a algum lugar e ia me dizer, depois de verificar seus compromissos, onde e quando deveríamos nos encontrar (havia ocasiões em que eu também praticamente não dormia). Estava sempre acompanhado, quer por algum dos seus companheiros muçulmanos, como James 67X (o 67º homem chamado “James” que ingressara na Mesquita Nº 7, do Harlem) e Charles 37X, ou por mim. Mas nunca me chamava para acompanhá-lo quando um deles ia junto. Eu ia com ele a conferências

em universidades, a programas de rádio e televisão, a compromissos públicos, numa ampla variedade de situações e locais.

Se estávamos indo de carro para algum lugar, os motoristas ao longo da estrada acenavam para Malcolm X, os rostos de todos, tanto brancos como negros, se iluminando espontaneamente, com o espanto que eu já vira despertado por outras “celebridades”. Não eram poucas as aeromoças que passaram a conhecê-lo, pois Malcolm X frequentemente viajava de avião. Sorriam-lhe cordialmente e ele se mostrava a própria essência da cortesia. A notícia de sua presença no avião inevitavelmente se espalhava e logo depois havia um fluxo de tráfego para o banheiro, passando pelo lugar em que ele estava sentado. Sempre que chegávamos ao nosso destino, era comum ouvirmos frases assim:

— Ei, lá está Malcolm X!

— Onde?

— Aquele alto!

Pessoas de ambas as raças ficavam olhando para ele. Uns poucos, de ambas as raças, mais negros do que brancos, falavam ou acenavam em cumprimento. Muitos brancos ficavam visivelmente contrafeitos na presença de Malcolm X, especialmente em recintos pequenos, como elevadores. Certa ocasião, Malcolm X explicou-me:

— Sou o único homem preto de quem já estiveram perto e que sabem que fala a verdade a respeito deles. É o próprio sentimento de culpa deles que os deixa perturbados, não eu.

Em outra ocasião, ele me disse:

— O homem branco tem medo da verdade. A verdade tira o fôlego do homem branco, drena suas energias. Pode notar que o rosto dele fica vermelho, sempre que lhe dizem uma pequena verdade.

Havia algo no homem que o fazia sobressair quando estava numa sala com outras pessoas. Ele dominava inteiramente a sala, não importando quem mais pudesse estar presente. Isso acontecia também nas ruas. Lembro de uma ocasião no Harlem, em que Malcolm X sentou num palanque de comício entre o Deputado Adam Clayton Powell e o antigo diretor do distrito administrativo de Manhattan Hulan Jack. A atenção da multidão se concentrou basicamente em Malcolm X. Lembro de outra ocasião em que fomos de trem de Nova York para Filadélfia, onde Malcolm X compareceu ao programa de Ed Harvey, na emissora de rádio WCAU.

— Você é o homem que disse “Todos os negros são furiosos e eu sou o mais furioso de todos”. Isso é correto? — indagou Harvey, no ar, apresentando Malcolm X.

Ao que Malcolm X respondeu, firmemente:

— A citação é correta.

A multidão no auditório ficou olhando para ele fixamente, fascinada.

Fôramos para Filadélfia num vagão-salão especial, com poltronas reservadas. Malcolm X explicara:

— Não posso ir num vagão comum de passageiros, pois poderia me meter numa encrenca com outros passageiros.

Ao embarcarmos, passáramos por um vagão-restaurant. Malcolm X sacudira a cabeça em sua direção, comentando:

— Já trabalhei num negócio desses.

Na viagem, quando já estávamos quase chegando, ele me informou, em tom de mera conversa, que o FBI tentara suborná-lo para que fornecesse informações sobre Elijah Muhammad. Queria que eu lesse um livro que acabara de ser lançado, *Crisis in Black and White* (Crise em Preto e Branco), de Charles Silberman, “um dos poucos autores brancos que conheço com coragem bastante para dizer a verdade à sua própria espécie”. Pedira-me também para anotar o obséquio de telefonar para a repórter Helen Dunder, do *New York Post*, informando-a de que apreciara bastante uma série de reportagens recentes; não queria elogiá-la diretamente.

Depois que o programa de Ed Harvey acabou, pegamos novamente o trem para voltar a Nova York. O vagão-salão estava apinhado de executivos, por trás de seus jornais, voltando para casa depois de um dia de trabalho. O ambiente estava visivelmente carregado, por causa da presença de Malcolm X. Depois que o cabineiro negro de casaco branco fez diversas viagens para um lado e outro do vagão, Malcolm X disse baixinho em meu ouvido:

— Esqueci o nome dele, mas tenho certeza de que trabalhava comigo, neste mesmo trem. E ele sabe quem sou eu. Está tentando decidir o que fazer.

O cabineiro passou novamente por nós, o rosto impassível. Mas quando ele se aproximou novamente, Malcolm X subitamente inclinou-se para a frente, sorrindo-lhe.

— Ora, mas é claro! — exclamou o cabineiro, em voz alta. — Sei quem você é! Lavava pratos aqui mesmo neste trem! Agora mesmo eu estava dizendo à turma que você estava aqui neste carro! Todos nós o acompanhamos de longe!

A tensão no vagão era palpável. Não demorou muito para que o cabineiro voltasse a procurar Malcolm X, dizendo-lhe, a voz expansiva:

— Um dos nossos passageiros gostaria de conhecê-lo.

Um homem branco jovem, de aparência impecável, levantou nesse momento e se aproximou, a mão estendida. Malcolm X também levantou e apertou firmemente a mão que lhe era estendida. Por todo o vagão, os jornais baixaram até a altura dos olhos. O rapaz explicou, em voz alta, que passara algum tempo no Oriente e estava atualmente estudando na Universidade de Columbia. E acrescentou:

— Não concordo com tudo o que diz, mas não posso deixar de admirá-lo pela maneira como expõe seus argumentos.

A voz de Malcolm X, ao responder, era a própria cordialidade:

— Mesmo que se vasculhe a América inteira, meu caro senhor, não creio que se possa encontrar dois homens que concordem em tudo.

Logo em seguida, para outro homem branco, um executivo mais velho, que se aproximou para apertar-lhe a mão, Malcolm X disse calmamente:

— Senhor, compreendo como se sente. Não é fácil se declarar contra mim, quando concorda com muitas das coisas que digo.

E o resto da viagem até Nova York foi mais descontraído, com diversos outros passageiros se juntando à conversa.

Em Washington, Malcolm X censurou asperamente a relutância do governo em adotar medidas positivas em benefício do negro. Tenho certeza que até mesmo a Casa Branca tomou conhecimento das críticas. Alguns dias depois, suspendi as entrevistas com Malcolm X e fui a Washington, a fim de entrevistar, para a revista *Playboy*, o então Secretário de Imprensa da Casa Branca, Pierre Salinger. Quando contei que estava escrevendo a história da vida de Malcolm X, Salinger não foi capaz de conter uma careta espontânea. Em outra ocasião, deixei Malcolm X para entrevistar o Comandante do Partido Nazista dos Estados Unidos, George Lincoln Rockwell, o qual declarou francamente que admirava a coragem de Malcolm X e achava que os dois deveriam falar juntos por todos os Estados Unidos. Assim, poderiam lançar uma solução verdadeira para o problema racial, que seria a separação voluntária das raças branca e preta, com os negros voltando para a África. Comentei o assunto com Malcolm X, que assim reagiu:

— Ele deve estar pensando que sou doido! Como eu iria parecer se saísse por aí falando junto com um demônio?

Mais tarde, fui a Atlanta e entrevistei o Dr. Martin Luther King, também para *Playboy*. Ele ficou intrigado, particularmente, ao ser informado por mim de fatos pouco conhecidos a respeito de Malcolm X. Para publicação, mostrou-se reservado em relação a Malcolm X e comentou que gostaria de ter algum dia a oportunidade de conversar com ele. Ao saber disso, Malcolm X disse secamente:

— Acha que eu deveria mandar-lhe um telegrama com o número do meu telefone?

(Mas por outras coisas que Malcolm X me disse, em ocasiões diversas, pude deduzir que na verdade tinha uma relutante admiração pelo Dr. King).

Malcolm X e eu acabamos chegando a um ponto em que partilhávamos uma camaradagem mútua intensa; embora nunca se houvesse expressado isso verbalmente, era uma camaradagem afetuosa. Para mim, ele era uma das personalidades mais cativantes que já conheci. E, para ele, eu era alguém com quem aprendera que podia expressar-se livremente, com toda sinceridade, sem temer que suas palavras fossem repetidas mais adiante. Como qualquer pessoa que vivia sob uma tensão permanente, ele gostava de manter contato com outro homem junto ao qual podia relaxar psicologicamente. Agora, quando eu fazia alguma viagem, Malcolm X sempre me pedia que o informasse da data em que voltaria. Se podia dar um jeito de abrir uma brecha em sua agenda de compromissos, ia me encontrar no aeroporto. Eu podia vê-

lo a distância se encaminhando para mim, em suas passadas compridas e desengonçadas, o sorriso cordial com os dentes à mostra. Levava-me de carro para a cidade de Nova York, relatando as coisas de interesse que haviam acontecido desde a minha partida. Lembro de um incidente no aeroporto que me mostrou que Malcolm X já perdera a sua perspectiva racial. Esperando por minha bagagem, testemunhamos uma comvente cena de reunião familiar, em que diversas crianças pequenas, parecendo querubins, pulavam e gritavam numa língua estrangeira. Malcolm X comentou:

— Amanhã de noite, essas crianças já saberão pronunciar a sua primeira palavra em inglês... *nigger*.

Quando Malcolm X fazia viagens longas, como a Los Angeles ou San Francisco, eu não o acompanhava. Mas freqüentemente, quase sempre tarde da noite, ele me telefonava e perguntava como estava o livro, muitas vezes marcando o horário para a nossa próxima entrevista, depois de sua volta. Jamais esquecerei um telefonema que recebi por volta das quatro horas da madrugada, acordando-me; ele devia ter acabado de se levantar em Los Angeles.

— Alex Haley?

Sonolento, respondi:

— Ele mesmo... Quem está falando? Malcolm?

— Confio em você 70 por cento.

E depois ele desligou. Fiquei pensando nele por algum tempo e depois voltei a dormir me sentindo profundamente enternecido com aquele telefonema, como ainda me sinto até hoje, ao recordá-lo. Nenhum dos dois jamais mencionou-o, no entanto.

O crescente respeito de Malcolm X por brancos individuais parecia estar reservado aos que ignoravam, numa base pessoal, o que ele dizia a respeito dos brancos e enfrentavam-no como um *homem*. Além disso, estava convencido de que se podia descobrir muita coisa a respeito de uma pessoa pelo simples fato de escutá-la.

— Escutar bem é uma arte — disse-me ele. — Escuto atentamente o som da voz de um homem que está falando. Posso perceber assim a sinceridade dele.

O jornalista que ele acabou por admirar provavelmente mais do que qualquer outro foi M. S. Handler, do *New York Times* (fiquei extremamente satisfeito quando soube que Handler concordara em escrever a introdução para este livro; tenho certeza de que Malcolm X teria gostado). Na primeira ocasião em que ouvi Malcolm X falar de Handler, a quem conhecera recentemente, foi da seguinte maneira:

— Estava conversando com esse demônio... — Ele parou de falar abruptamente, visivelmente embaraçado. E corrigiu-se, antes de continuar: — É um repórter chamado Handler, do *Times*...

O respeito de Malcolm X por esse jornalista foi aumentando cada vez mais. Handler, por sua vez, exerceu alguma influência sobre o mais íntimo de Malcolm X, que meses depois comentou comigo, a respeito dele:

— É o homem branco mais genuinamente sem preconceitos que já conheci. Perguntei-lhe coisas, experimentei-o. E fico escutando atentamente o que ele diz.

Vi Malcolm X muitas vezes exultante, depois de conferências com perguntas e respostas em audiências estudantis predominantemente brancas, a tal ponto que era difícil acreditar que pudesse acalantar algum ódio contra os brancos. Ele me disse certa ocasião:

— Os jovens brancos e os pretos também constituem a única esperança da América. Nós, os mais velhos, sempre vivemos uma mentira.

Lembro agora de vários negros que, de um jeito ou de outro, impressionaram Malcolm X consideravelmente. (Estou recordando também alguns outros pelos quais ele sentia uma profunda aversão, mas esses não irei mencionar.) Sei que ele tinha em alta conta, por exemplo, o grande fotógrafo Gordon Parks, que geralmente trabalhava para a revista *Life*. Foi pela influência de Malcolm X junto a Elijah Muhammad que Parks obteve permissão para assistir e fotografar parte da publicação em *Life* o programa de treinamento de auto-defesa altamente secreto dos muçulmanos pretos do Fruto do Islã. Pelo que sei, Parks tornou-se assim o único não-muçulmano a testemunhar o treinamento, afora os policiais e outros agentes que fingiam “aderir” aos muçulmanos pretos para se infiltrarem na Nação do Islã. Certa ocasião, Malcolm X comentou a respeito de Parks:

— O sucesso dele junto ao homem branco jamais o fez perder o contato com a realidade preta.

Outra pessoa a quem Malcolm X também prezava muito era o ator Ossie Davis. No meio de uma das nossas entrevistas, quando estávamos conversando sobre outro assunto, Malcolm X perguntou-me subitamente:

— Conhece Ossie Davis? — Respondi que não e ele acrescentou:

— Devo apresentá-lo um dia desses. É um dos melhores homens pretos que conheço.

Nos longos contatos que manteve com a equipe do jornal semanal do Harlem, *Amsterdam News*, Malcolm X passou a ter profunda admiração pelo editor-executivo James Hicks e pelo repórter James Booker. Comentou que Hicks possuía “uma mente aberta e jamais entra em pânico diante do homem branco”. Achava que Booker era um repórter excepcional e ficou também bastante impressionado com a Sra. Booker, quando a conheceu.

Foi Malcolm X quem me apresentou dois dos meus maiores amigos atualmente, O Dr. C. Eric Lincoln, que na ocasião estava escrevendo o livro *The Black Muslims in America*, e Louis Lomax, que estava então escrevendo diversos artigos sobre os muçulmanos. Malcolm X respeitava profundamente o cuidado e a profundidade com que o Dr. Lincoln estava se empenhando em sua pesquisa sobre os muçulmanos pretos. Admirava Lomax por sua capacidade de farejar as notícias “quentes”.

— Se aquele patife do Lomax correr para algum canto, pego o

meu chapéu e vou atrás dele, porque sei que está atrás de alguma coisa importante.

Malcolm X também admirava o escritor James Baldwin.

— Ele é tão inteligente que confunde o homem branco com as palavras que põe no papel. — Em outra ocasião, Malcolm X comentou a respeito de Baldwin: — Ele perturbou o homem branco mais que qualquer outro, à exceção do venerável Elijah Muhammad.

Malcolm X não tinha muitas coisas favoráveis a dizer sobre os ministros negros, possivelmente porque a maioria atacara os muçulmanos pretos. Excetuando a relutante admiração pelo Dr. Martin Luther King, só o ouvi falar bem de um único outro ministro, o Reverendo Eugene L. Callender, da Igreja Presbiteriana do Mestre, do Harlem.

— Ele é um pregador, mas também luta pelo homem preto — comentou Malcolm X.

Eu soube mais tarde com o Reverendo Callender, um homem franco e direto, acuara Malcolm X em algum lugar e o censurara particularmente pelos seus ataques contra o clero negro. Malcolm X também admirava o Reverendo Adam Clayton Powell, no seu papel político como deputado:

— Eu pensaria em me aposentar se o homem preto tivesse uns dez como ele em Washington.

Também admirava o advogado da NAACP, Percy Sutton, que é atualmente membro da Assembléia Estadual de Nova York. Mais tarde, Sutton foi contratado para advogado particular de Malcolm X. Entre os educadores negros, muitos dos quais Malcolm X conhecera em suas conferências nas universidades, só o ouvi falar bem do Dr. Kenneth B. Clark.

— Eis aí um homem preto que não dorme de touca — disse-me Malcolm X certa ocasião, recaindo por um momento no seu jeito antigo de falar.

Ele tinha muitas restrições aos chamados intelectuais negros, como uma categoria. Era a fonte de onde saía a maioria dos atacantes dos muçulmanos pretos. Era por isso que alguns dos seus contra-ataques mais violentos se dirigiam contra “esse bando de Pai Tomás que tem um Ph.D. e se julga muito sabido”, justamente quando falava em universidades e outros centros de estudos.

Verifiquei que Malcolm X se sentia mais feliz e mais à vontade entre os membros de sua raça nas ocasiões em que tive a oportunidade de acompanhá-lo no que ele gostava de chamar de “minhas pequenas rondas diárias” pelas ruas do Harlem, confraternizando com os negros que, segundo dizia, “os supostos líderes pretos” encaravam apenas como “massas pretas estatísticas”. Nessas rondas, Malcolm X geralmente evitava a principal artéria do Harlem, a Rua 125. Preferia as ruas secundárias, especialmente nas áreas mais densamente povoadas pelo que descrevia como “o homem preto caído na sarjeta de onde vim”, os lugares mais assolados pela pobreza, em que era maior a incidência de viciados em tóxicos e alcoólatras.

Ali, naquelas ruas, Malcolm X era realmente um herói. Caminhando pelas calçadas, Malcolm X presenteava a todos com seu sorriso infantil e as conversas que mantinha com qualquer um que o abordasse eram tranqüilas e joviais.

— É justamente o que o demônio branco está querendo que você faça, irmão — ele podia dizer a uma alcoólatra. — Quer que você viva de porre para ter um pretexto de acertá-lo com uma cacetada na cabeça.

Lembro de outra ocasião em que ele parou diante da varanda de uma casa em que estavam diversas mulheres pretas mais idosas e disse: — Irmãs, gostaria de perguntar-lhes uma coisa: por acaso já conhecem um único homem branco que já tenha feito alguma coisa por vocês ou não lhes tirou nada?

Depois de um momento, uma das mulheres exclamou: — Absolutamente nenhum!

Todas desataram a rir e nós nos afastamos, com Malcolm X aceitando em retribuição aos gritos de “ele tem razão!”

Lembro de outra ocasião, num princípio de noite, quando dobramos uma esquina e deparamos com um homem, andrajoso e falando para uma pequena multidão, reunida em torno do seu palanque, que era uma caixote de madeira levantado, com uma bandeira americana ao lado.

— Não respeito nem acredito nessa maldita bandeira. Só está aí porque não posso fazer um comício público sem ela, caso contrário o homem branco me meteria na cadeia. E é para falar sobre isso que estou aqui... sobre os brancos nojentos que estão ficando cada vez mais ricos à custa do sangue e dos ossos de gente como vocês e eu!

Sorrindo, Malcolm X comentou:

— Ele está *trabalhando!*

Malcolm X raramente falava com negros de cabelos lustrosos esticados sem lhes dar uma cutucada para valer. Dizia cordialmente: — Ah, irmão, estou vendo que o demônio branco ensinou-o a odiar tanto a si mesmo que põe lixívia quente nos cabelos só para ficar um pouquinho parecido com ele!

Lembro de outra ocasião em que entrei numa pequena mercearia para comprar alguma coisa, deixando Malcolm X conversando com alguém no outro lado da rua. Quando saí, uma das mulheres do grupo que estava parado na calçada diante da loja descrevia para as outras, muito excitada, uma preleção que ouvira Malcolm X fazer num domingo na Mesquita N.º 7:

— Ah, como ele desancou o homem branco! Não foi fácil. E disse que a gente descendia de reis e rainhas pretos! Oh, Deus, e eu que não sabia disso!

Outra mulher perguntou:

— E você acredita mesmo nisso?

Ao que a primeira respondeu, veementemente:

— Mas claro que acredito!

E lembro também de um guitarrista solitário, quase em andrajos,

encolhido numa rua secundária, tocando e cantando para si mesmo. Levantou a cabeça quando nos aproximamos e imediatamente reconheceu Malcolm X, exclamando:

— Ei! — E no mesmo instante o guitarrista se levantou, batendo uma continência zombeteira. — Meu chefe!

Malcolm X adorava isso. E eles o adoravam. Não havia como duvidar: quer estivesse parado debaixo de um lampião conversando com alcoólatras, falando pelo rádio ou televisão para milhões de pessoas invisíveis ou falando para pequenos grupos de brancos sofisticados com frases como “minha diversão é incitar os negros, os crioulos, como vocês, liberais, costumam dizer”, o homem possuía de fato carisma. E possuía *poder*. Não fui o único que, em diversas ocasiões, ficou admirado de ele continuar a receber tanta publicidade pessoal em escala internacional e mesmo assim insistir em temperar tudo o que dizia, tanto em público como em particular, com créditos e hosanas ao “venerável Elijah Muhammad”. Muitas vezes tomei anotações para mim mesmo a respeito disso. Na verdade, mantinha dois grupos de anotações. Certa ocasião, notando que eu passava de um caderno para outro, Malcolm X ficou curioso e indagou o motivo para isso. Dei uma explicação qualquer, mas não disse que um caderno era para as coisas que ele me dizia para o livro e o outro para as minhas observações pessoais a respeito dele. Se o tivesse dito, Malcolm X provavelmente teria ficado contrafeito.

— A esta altura, você já deve ter escrito pelos menos um milhão de palavras — comentou Malcolm X.

— Provavelmente — respondi.

— Esse homem branco está doido. E posso provar. Acha que eu publicaria as palavras de alguém me arrasando como estou fazendo com ele?

Uma noite, Malcolm X me disse:

— Quero que fale a verdade. Viaja bastante e se encontra com muitas pessoas. Tem ouvido alguma coisa?

Com toda sinceridade, respondi que não tinha a menor idéia do que ele estava falando. Malcolm X não explicou e passamos a falar de outro assunto.

Eu havia visto ou ouvido do próprio Malcolm X algumas coisas insólitas que me haviam dado o que pensar e levado a alguma especulação. Depois, como nada acontecesse para mantê-la, tinha deixado de pensar no assunto. Um dia, por exemplo, estávamos no carro dele e paramos num sinal vermelho, num cruzamento. Outro carro, com um homem branco ao volante, parou ao lado. Ao reconhecer Malcolm X, esse homem branco gritou-lhe no mesmo instante:

— Não culpo sua gente por aderir a você. Se eu fosse negro, pode estar certo de que iria segui-lo também. Continue na luta!

Malcolm X respondeu ao homem, com toda sinceridade:

— Eu gostaria de poder ter uma seção especial para todos os brancos como você.

O sinal mudou e os dois carros arrancaram. E Malcolm X apressou-se em me dizer, firmemente:

— Não apenas não escreva como também não repita. O Sr. Muhammad teria um ataque.

O significado do incidente, conforme refleti mais tarde, era ser a primeira vez em que ouvira Malcolm X referir-se a Elijah Muhammad com algo menos que uma reverência total.

Mais ou menos nessa mesma ocasião, uma das frases que Malcolm X rabiscava enquanto conversávamos dizia enigmaticamente: “Minha vida sempre foi marcada pelas mudanças.” Em setembro de 1963, Malcolm X passou todo o tempo bastante inquieto e nervoso. Quando li o *Amsterdam News* daquela semana, calculei que estava tão perturbado porque Jimmy Booker escrevera em sua coluna que havia rumores de que Elijah Muhammad e Malcolm X estavam em conflito (Booker iria mais tarde contar que saíra de férias logo depois de escrever a coluna. Ao voltar, soubera que Malcolm X “entrara furiosamente na redação do *Amsterdam News*, acompanhado por três seguidores, dizendo:

“— Quero falar com Jimmy Booker. Não gostei do que ele escreveu. Não há nenhum conflito entre mim e Elijah Muhammad. Acredito no Sr. Muhammad e daria a minha vida por ele”).

Passi a notar, de vez em quando, ao me encontrar por acaso com outros membros importantes da hierarquia muçulmana, principalmente quando estava na companhia de Malcolm X, mas quando ele não se encontrava por perto, que parecia não haver mais uma admiração total pelo companheiro famoso. Podia percebê-lo por determinadas frases, por algumas atitudes. Mas tratava de dizer a mim mesmo que interpretara tudo da maneira errada. Nessa ocasião, conversava frequentemente pelo telefone com o Dr. C. Eric Lincoln. Raramente deixávamos de comentar como parecia quase certo que deveriam surgir problemas na Nação do Islã pelo fato de que, apesar de todos os elogios que ele fazia a Elijah Muhammad, era na figura dramática e eloquente de Malcolm X que os meios de comunicação e o público em decorrência concentravam a maior parte da sua atenção. Mas nunca me passou pela cabeça o que Malcolm X estava enfrentando. Ele nunca disse uma palavra sequer, pelo menos a mim, até que o conflito se tornou público.

Nessa ocasião, Malcolm X saiu do meu estúdio por volta das duas horas da madrugada, pedindo que lhe telefonasse às nove horas da manhã. Foi o que fiz. O telefone na casa em East Elmhurst tocou por muito mais tempo do que habitualmente. Quando finalmente atendeu, Irmã Betty parecia tensa. Ela passou o telefone para Malcolm X, que também parecia diferente. E ele me perguntou.

— Já ouviu pelo rádio ou leu os jornais?

Respondi que não e ele acrescentou:

— Pois então leia e lhe telefonarei mais tarde!

Saí e comprei os jornais. Fiquei atônito ao descobrir que Malcolm X fora suspenso da Nação do Islã por Elijah Muhammad, suposta-

mente por causa do cenário que fizera recentemente a respeito do assassinato do Presidente Kennedy.

Malcolm X me telefonou cerca de uma hora depois. Fui encontrá-lo no escritório do jornal muçulmano, no Harlem, na Lenox Avenue, a dois quarteirões da mesquita e do restaurante. Ele estava sentado por trás de sua escrivaninha de metal, o chapéu marrom à sua frente, sobre o mata-borrão verde. Usava um terno escuro, com colete, camisa branca, com o pregador de gravata em forma de peixe, os pés grandes em sapatos pretos lustrosos, balançando a cadeira para a frente e para trás, enquanto falava ao telefone.

— Estou sempre arrependido de qualquer ato de desobediência da minha parte em relação ao Sr. Muhammad... Sim, senhor, tudo o que o Venerável Elijah Muhammad faz está absolutamente certo para mim. Creio plenamente em sua sabedoria e autoridade.

O telefone voltou a tocar assim que ele desligou.

— Sr. Peter Goldman! Há quanto tempo que não ouço a sua voz! Ora, eu deveria ter ficado com a minha boca grande fechada.

O *New York Times* ligou:

— Como, senhor? Isso mesmo, ele me suspendeu de qualquer aparecimento em público por algum tempo, o que compreendo perfeitamente. Posso lhe dizer a mesma coisa que já disse a outros: eu me submeto inteiramente ao julgamento do Sr. Muhammad, porque sempre constatei que o julgamento dele está baseado num raciocínio sólido e objetivo.

A um repórter da CBS:

— Acho que qualquer pessoa em posição de disciplinar outras deve aprender primeiro a aceitar a disciplina para si mesma.

Ele conseguiu exibir a imagem do arrependimento da melhor forma possível, ao longo das difíceis semanas subseqüentes. Mas sua nunca estava avermelhada cada vez que eu o encontrava. Ainda não traduzira em palavras, no entanto, a fúria evidente por aquela humilhação pública. A esta altura, nossas entrevistas praticamente haviam cessado, porque ele estava sempre ocupado, quase não saía do telefone. Mas não tinha muita importância, porque eu já dispunha da maior parte do material necessário para escrever a história de sua vida. E quando Malcolm X arrumava algum tempo para me visitar, estava sempre preocupado e podia sentir que estava também irritado, dominado pela revolta e amargurado com a inatividade. Mas empenhava-se em ocultar suas emoções.

Uma noite, rabiscou num guardanapo de papel: "Não se converteu um homem porque se conseguiu calá-lo. John Viscount Morley." E nessa mesma noite escreveu outra frase bastante sugestiva, de maneira quase ilegível: "Eu estava me despencando para o fundo do poço quando ele me suspendeu, mas quanto mais penso a respeito, chego à conclusão de que suspendemos um ao outro."

Passei vários dias sem encontrá-lo e finalmente recebi uma carta: "Cancelei todos os meus aparecimentos em público e compromissos

para conferências por algumas semanas. Sendo assim, seria possível concluir o livro neste período. Com o ritmo frenético dos últimos acontecimentos, é bem fácil que alguma coisa dita ou feita pela manhã já esteja superada ao pôr-do-sol do mesmo dia. Malcolm X."

Apressei-me em aprontar o primeiro capítulo, "Pesadelo", para que ele pudesse fazer a revisão. Telefonei-lhe assim que ficou pronto um esboço legível. Ele veio o mais depressa possível, o que me fez compreender como devia ser terrível o seu sofrimento por ter que ficar em casa, inativo. Conhecendo o temperamento dele, não pude deixar de sentir pena de Irmã Betty.

Ele leu rapidamente o original, muito absorto na primeira vez. Depois, pegando a sua caneta esferográfica de tinta vermelha, releu o capítulo, apontando de vez em quando para alguma palavra.

— Não se pode abençoar Alá! — exclamou em determinado momento, mudando "bênção" por "louvor".

Num trecho em que eu falava dele e dos irmãos, quando eram pequenos, Malcolm X riscou com a caneta vermelha a palavra *kids* (garotos, em aceção familiar, ou cabritos), exclamando asperamente:

— *Kids* são os filhos do bode!

Pouco depois, Malcolm X e a família embarcaram num avião e foram para Miami. Cassius Clay os convidara, como um presente do sexto aniversário de casamento para Malcolm X e Irmã Betty. Eles aceitaram o convite, profundamente gratos. Eram as primeiras férias que Irmã Betty tirava em seis anos de regime rígido como esposa de um muçulmano preto. Para Malcolm X, era ao mesmo tempo um meio de salvar as aparências e ter alguma coisa para fazer.

— Só queria lhe dizer uma coisa. Não sou mais um apostador inveterado como antigamente. Mas se você é, pode apostar que Cassius vai vencer Liston e ganhará fácil.

Soltei uma risada e Malcolm X me disse que eu estava com preconceito, acrescentando:

— Não se esqueça do que lhe falei quando a luta terminar.

Mais tarde, recebi um cartão-postal, mostrando um chimpanzé na Selva dos Macacos, em Miami. No outro lado, Malcolm X escrevera "Cem anos depois da Guerra Civil e esses chimpanzés têm mais reconhecimento, respeito e liberdade na América do que a nossa gente. Irmão Malcolm X." Dias depois, recebi um envelope pelo correio. Lá dentro, havia um recorte da coluna de Irv Kupcinec, no *Sun-Times*, de Chicago. A caneta vermelha de Malcolm X circulara um dos itens da coluna, que dizia: "Está sendo prevista uma divisão nos muçulmanos pretos. Malcolm X, destituído da posição de segundo homem da organização, pode formar um grupo dissidente para se opor a Elijah Muhammad." Ao lado, Malcolm X escrevera: "Imagine só!!!"

Na noite do tremendo abalo, quando Clay realmente derrotou Liston, Malcolm X telefonou-me. Pude ouvir nitidamente o barulho de muitas pessoas conversando. Malcolm X informou-me que a festa da vitória estava se realizando em sua suíte no motel. Descreveu-me o que

estava acontecendo, mencionou alguns dos presentes e acrescentou que "o novo rei dos pesos-pesados está no quarto ao lado, na minha cama", tirando um cochilo. Depois de recordar a sua previsão sobre o resultado da luta, Malcolm X disse que eu iria ver agora como Clay ia-se transformar rapidamente "numa grande personalidade internacional".

— Não sei se está realmente percebendo o significado mundial do fato de Cassius ser o primeiro campeão *muçulmano*.

Foi na manhã seguinte que Cassius Clay deu a entrevista coletiva em que declarou ser um "muçulmano preto", o que resultou em manchetes no país inteiro. Pouco depois, os jornais publicaram fotografias de Malcolm X apresentando o novo campeão mundial a diversos diplomatas africanos, no saguão da sede da ONU, em Nova York. Malcolm X levou Clay ao Harlem e a outros lugares, na qualidade de "amigo e conselheiro religioso", segundo ele mesmo disse.

A esta altura, eu estava morando no interior do estado, a fim de ter mais sossego para concluir o livro. Falávamos pelo telefone a cada três ou quatro dias. Os comentários que ele fazia sugeriam a possibilidade de nunca mais retornar a seu posto anterior entre os muçulmanos pretos. Passou a fazer algumas críticas veladas a Elijah Muhammad. Nessa ocasião, a revista *Playboy* pediu-me que entrevistasse o novo campeão mundial, Cassius Clay. Confiantemente, pedi a Malcolm X que providenciasse a minha apresentação a Clay. Mas ele respondeu, hesitante:

— Acho que seria melhor pedir a outra pessoa para fazer a apresentação.

Fiquei bastante surpreso, mas já aprendera que não devia pressionar Malcolm X para arrancar-lhe informações. E logo depois recebi uma carta dele: "Prezado Alex Haley: Um bilhete rápido. Poderia preparar uma carta apropriada que me permita alterar o contrato com a editora, a fim de que o restante dos rendimentos passe a ser pago à Mesquita Muçulmana, Inc. ou no caso da minha morte diretamente a minha esposa, Sra. Betty X Little? Quanto mais cedo essa carta ou a alteração do contrato estiverem prontos, poderei ficar mais sossegado." Por baixo da assinatura de Malcolm X, havia um P.S.: "Como é possível escrever a biografia de uma pessoa num mundo mudando tão rapidamente quanto este?"

Não demorou muito para que eu lesse em vários jornais que havia rumores de ameaças à vida de Malcolm X. Pouco depois, apareceu uma entrevista dele no *Amsterdam News*, sob o título "Malcolm X Fala das Ameaças de Morte". Ele dizia que seus antigos companheiros na mesquita de Nova York haviam formado um "esquadrão especial" para "tentar matar-me a sangue-frio. Graças a Alá, fui informado da trama pelos mesmos homens que haviam sido incumbidos de me assassinar. Esses irmãos haviam me ouvido defender o Sr. Muhammad por muito tempo, não acreditando nas mentiras a meu respeito sem primeiro me pedirem alguns esclarecimentos."

Telefonei para Malcolm X e manifestei a minha preocupação pessoal por ele. Tive a impressão de que ele estava extremamente cansado. Declarou que seu "maior interesse" no momento era que todo o dinheiro que pudesse lhe ser devido no futuro fosse diretamente para a sua nova organização ou para sua esposa, como especificava a carta que assinara e remetiera pelo correio. E acrescentou:

— Sei que deveria fazer um testamento pessoal. Nunca o fiz, porque nunca tive nada para deixar a ninguém. Mas se não o fizer agora e alguma coisa me acontecer, poderão surgir problemas.

Reafirmei minha preocupação e Malcolm X comentou que tinha um rifle carregado em casa e sabia "cuidar de mim mesmo".

A "Mesquita Muçulmana, Inc." a que Malcolm X se referira era uma nova organização que ele acabara de criar, consistindo na ocasião de uns 40 ou 50 muçulmanos, no máximo, que se haviam afastado da liderança de Elijah Muhammad.

Através de um amigo íntimo de Cassius Clay, que Malcolm X finalmente me indicara, a entrevista com o campeão mundial foi marcada e peguei um avião para voltar a Nova York. Malcolm X estava "viajando por alguns dias", informou-me a Irmã Betty pelo telefone... e falando bruscamente. Conversei com uma muçulmana preta, que conhecera antes de sua conversão e que sabia ter sido uma grande admiradora de Malcolm X. Ela decidira permanecer na Nação do Islã, mas ressaltou:

— Mas uma coisa posso lhe garantir, irmão: o que muita gente anda dizendo na mesquita é como uma mulher que se divorciou do marido, mas ainda deseja vê-lo de vez em quando.

Durante as minhas entrevistas com Cassius Clay, na suíte de três aposentos dele no Hotel Theresa, no Harlem, as perguntas inevitavelmente acabaram versando sobre a ligação dele com os muçulmanos. Indaguei o que acontecera com o seu relacionamento anteriormente íntimo com Malcolm X. Calmamente, Clay respondeu:

— Ninguém pode se opor ao Sr. Muhammad e escapar impune. Não quero mais falar a respeito desse assunto.

Um dos membros do séquito de Clay informou-me que Elijah Muhammad, em seu quartel-general em Chicago, ficava "emocionalmente transtornado" sempre que alguém falava no nome de Malcolm X. O Sr. Muhammad teria comentado:

— O Irmão Malcolm não podia deixar de ser um grande homem, pois eu o fiz grande. E o teria feito ainda maior.

Os muçulmanos pretos fiéis previam que Malcolm X seria em breve abandonado pelos desertores da Mesquita Número Sete que o haviam acompanhado.

— Eles se sentirão traídos.

Outros comentavam:

— A punição terrível de Alá irá se abater sobre o hipócrita.

Em outra ocasião, o Sr. Muhammad teria comentado que "Malcolm X está destruindo a si mesmo" e que não tinha o menor desejo

de ver Malcolm X morrer, pois preferia vê-lo “vivo e sofrendo por sua traição”.

A impressão geral entre os harlemitas não-muçulmanos com que conversei era a de que Malcolm X fora um ministro poderoso e influente o bastante para acabar dividindo os muçulmanos em dois grupos antagônicos; pelo menos na cidade de Nova York, o domínio absoluto de Elijah Muhammad iria terminar.

Malcolm X voltou a Nova York. Disse que estivera em Boston e Filadélfia. Passava agora bastante tempo em minha companhia durante o dia, no Quarto 1936 do Hotel Americano. Já não tinha mais a mesma tranquilidade e confiança de antes. A intervalos súbitos, como se fosse a coisa mais natural do mundo, ia até a porta do quarto, abria-a bruscamente, olhava para um lado e outro do corredor, depois tornava a fechar. Certo dia, à guisa de explicação, ele me disse:

— Se eu ainda estiver vivo quando este livro for publicado, será um milagre. E não estou falando em tom de angústia... — Ele se inclinou para a frente e pôs a mão sobre a colcha amarela da cama. — Estou falando da mesma forma como digo que isto é uma colcha.

Pela primeira vez, ele me falou em detalhes sobre o que aconteceu. Disse que a sua declaração a respeito do assassinato do Presidente Kennedy fora apenas um pretexto para expulsá-lo dos muçulmanos.

— Não foi absolutamente a verdadeira razão. Ninguém disse nada nas ocasiões anteriores em que fiz comentários muito mais fortes.

O motivo real, disse ele, foi “o ciúme em Chicago e o fato de eu ter levantado objeções à imoralidade do homem que declarava ser mais moral do que qualquer outra pessoa no mundo”.

Malcolm X declarou que aumentara o número de membros da Nação do Islã de 400, quando ingressara na organização, para mais de 40 mil.

— Não creio que houvesse mais de 400 membros na Nação do Islã quando ingressei. Não havia mesmo. E eram principalmente pessoas mais velhas, muitos dos quais nem podiam pronunciar direito o nome do Sr. Muhammad. E ele ficava quase que totalmente em segundo plano.

Malcolm X se empenhava em não deixar transparecer, mas estava evidentemente transtornado. Um dia, ele escreveu: “Não há nada mais terrível do que a ignorância em ação. Goethe.” Fez algumas insinuações a respeito de Cassius Clay e respondi apenas com histórias da entrevista. Malcolm X finalmente me perguntou diretamente o que Clay dissera sobre ele. Peguei o cartão de fichário em que estava datilografada a pergunta, de antemão, com a resposta de Clay escrita a mão por baixo. Malcolm X ficou olhando para a ficha, depois olhou pela janela, levantou-se, deu uma volta pelo quarto. E quando falou, foi uma das poucas vezes em que ouvi sua voz trair a mágoa que sentia:

— Eu me sentia como um irmão de sangue mais velho dele. — Um pausa. — Não estou contra ele agora. É um excelente rapaz. Muito inteligente. Mas se deixou ser usado, extraviou-se.

Em outra ocasião, naquele mesmo quarto de hotel, ele esteve quase à beira das lágrimas, o mais perto que já o vi assim. Foi também a única vez em que o ouvi usar uma palavra determinada para designar sua raça. Estava contando como trabalhara arduamente para desenvolver a organização muçulmana, nos primeiros tempos, ao ser transferido para a cidade de Nova York. Abruptamente, exclamou, em voz rouca:

— Tínhamos a melhor organização que o homem preto já conseguiu formar... e os *niggers* acabaram com ela!

Alguns dias depois, ele escreveu e me mostrou o seguinte: “As crianças dão uma lição que os adultos deviam aprender, a de não se sentirem envergonhadas de fracassar, mas sempre se levantarem e tentarem de novo. A maioria dos adultos é tão temerosa, tão cautelosa, tão *segura* e, por conseguinte, tão tímida e receosa que é justamente por isso que tantos seres humanos fracassam. A maioria dos adultos de meia-idade já se resignou ao fracasso.”

Quando estava no quarto comigo, Malcolm X recebia telefonemas frequentes ou ele próprio fazia ligações. Falava em voz baixa, discretamente, não querendo obviamente que eu acompanhasse as conversas. Nessas ocasiões, eu ia para o banheiro e fechava a porta, só saindo quando o murmúrio das vozes cessava, esperando assim deixá-lo inteiramente à vontade. Mais tarde, ele me dizia que estivera falando com alguns muçulmanos que ainda eram ostensivamente partidários de Elijah Muhammad.

— Sou um homem marcado — disse ele um dia, depois de um telefonema. — Pessoas muito bem situadas estão me avisando para tomar cuidado em tudo o que fizer. — Depois de uma breve pausa, Malcolm X acrescentou: — Desde que minha família nada sofra, não tenho qualquer medo por mim mesmo.

Tenho a impressão de que Malcolm X soube antecipadamente que a organização muçulmana ia processá-lo para que desocupasse a casa em que vivia com sua família.

Fiquei preocupado com a possibilidade de Malcolm X, amargurado, querer revisar os capítulos em que falara de sua vida entre os muçulmanos pretos, alterando-os inteiramente. Um dia antes de deixar Nova York para voltar à casa em que estava morando no interior do estado, abordei tal preocupação com Malcolm X, que me disse:

— Tenho pensado nisso. Há muitas coisas que eu poderia dizer que me passaram pela cabeça em diversas ocasiões, mesmo antes, coisa que vi e ouvi. Mas apaguei essas coisas dos meus pensamentos. Vou deixar tudo exatamente como lhe contei. Quero que o livro continue como está.

A 26 de março de 1964, recebi o seguinte bilhete de Malcolm X: “Há uma possibilidade de que eu faça uma viagem a diversos países importantes da África, inclusive uma peregrinação às Cidades Santas de Meca e Medina, começando por volta de 13 de abril. Não diga nada a ninguém.”

Enquanto estava no exterior, Malcolm X escreveu cartas e cartões-postais para quase todas as pessoas que conhecia. As cartas estavam agora assinadas por "El-Hajj Malik El-Shabazz".

Em meados de maio, Irmã Betty me telefonou, exultante: Malcolm X estava voltando. Peguei imediatamente um avião para a cidade de Nova York. A 21 de maio, o telefone tocou em meu quarto no hotel e Irmã Betty disse:

— Um momento, por favor...

E um instante depois, a voz profunda me disse:

— Como vai?

— Essa não! El-Hajj Malik El-Shabazz! Como vai *ocê*?

— Apenas um pouco cansado.

Ele chegara pelo vôo da Pan American Airlines às 4:30 horas da tarde. Ia dar uma entrevista coletiva às sete horas da noite, no Hotel Theresa.

— Vou pegá-lo às seis e meia na esquina da Rua 135 com a Lenox Avenue. Está certo?

Quando O Oldsmobile azul parou e eu embarquei, El-Hajj Malcolm me recebeu com um sorriso radiante, usando um terno listrado, os cabelos vermelhos precisando de uma visita ao barbeiro, a barba crescida. Irmã Betty também estava no carro. Era a primeira vez que nos encontrávamos pessoalmente, depois de mais de um ano de contatos pelo telefone várias vezes por semana. Sorrimos um para o outro. Ela usava óculos escuros, uma bata azul, pois estava grávida do que seria o quarto filho do casal.

Devia haver pelo menos cinquenta e tantos fotógrafos, cinegrafistas de televisão e repórteres disputando as melhores posições na frente do Skyline Ballroom, enquanto mais atrás havia negros partidários de Malcolm X, simpatizantes e curiosos. O salão se iluminou com os refletores e *flashes* quando Malcolm X entrou, acompanhando Irmã Betty, a segurar o braço dela ternamente. Irmã Betty sorria feliz, em seu orgulho pelo fato de que aquele homem era seu homem. Reconheci M. S. Handler, do *Times*, e me apresentei. Apertamo-nos as mãos efusivamente e requisitamos uma pequena mesa com duas cadeiras. Os repórteres fizeram um semicírculo diante de Malcolm X, sentado no palanque, e começaram a fazer-lhe perguntas. Dava a impressão de que os seus 12 anos de experiência como orador o prepararam para aquela nova imagem.

— Devemos presumir corretamente que não pensa mais que todos os brancos são demônios?

— Mas claro, senhor! A viagem a Meca abriu-me os olhos. Não mais apóio o racismo. Ajustei meu pensamento a um ponto tal em que creio agora que os brancos são seres humanos... — Uma pausa significava, antes da conclusão: — ...na medida em que isso for confirmado por suas atitudes humanas em relação aos negros.

Os repórteres insistiram na imagem "racista".

— Não sou um racista. Não estou condenando os brancos por se-

rem brancos, mas sim por seus atos. Condeno o que os brancos coletivamente fizeram com o nosso povo coletivamente.

Quase que continuamente, Malcolm X exibia o seu cativante sorriso infantil. De vez em quando, aflagava a barba avermelhada. Perguntaram-lhe se pretendia conservar a barba. Ele respondeu que ainda não decidira, pois teria de verificar antes se poderia ou não se acostumar. Estava agora pensando em se aliar aos principais líderes do movimento pelos direitos civis, aos quais anteriormente atacava tão violentamente? Ele respondeu indiretamente:

— Permita que explique da seguinte maneira, senhor. Se alguns homens estão num carro, seguindo com um destino certo e você sabe que eles estão indo pelo caminho errado, mas convencidos de que seguem pelo caminho certo, então deve entrar no carro e seguir viagem no caminho errado, sem a menor possibilidade de chegarem ao lugar que tencionavam, então você lhes fala e eles aceitarão a sugestão sobre o caminho certo a seguir.

Malcolm X nunca estivera em melhor forma, avaliando, rebatendo, respondendo a todas as perguntas.

Handler, do *Times*, sentado ao meu lado, tomava anotações rapidamente e murmurava a todo instante:

— Incrível! Incrível!

Eu estava pensando a mesma coisa. Ocorreu-me que, se uma pedrinha fosse largada pela janela por trás de Malcolm X, iria bater na calçada oito andares abaixo, na mesma calçada que ele outrora percorreria vendendo tóxicos.

Quando voltei ao interior do estado, recomeçando a trabalhar no livro, comeci a receber bilhetes periódicos de Malcolm X. "Espero que o livro esteja avançando rapidamente, pois os acontecimentos relativos à minha vida se sucedem tão depressa que muitas das coisas já escritas podem ficar superadas de um mês para outro. Na vida, nada é permanente; nem mesmo a própria vida (sorria). Por isso, eu o aconselharia a se apressar, o mais que puder." Outro bilhete, registrado e expresso, tinha um tom de irritação comigo: ele recebera do editor uma carta comunicando que lhe fora entregue um cheque de 2.500 dólares por ocasião da assinatura do contrato para o livro "e assim espero que eu pague imposto de renda *pessoal* por isso. Como sabe perfeitamente, insisti repetidamente na ocasião que toda a transação fosse feita diretamente com e para Mesquita. Na verdade, nunca vi o tal cheque até hoje".

O problema foi devidamente acertado e mandei alguns esboços de capítulos para a leitura de Malcolm X. Fiquei apavorado quando foram devolvidos, com muitos trechos riscados em vermelho, quando ele falava de seu relacionamento quase de pai-e-filho com Elijah Muhammad. Telefonei para Malcolm X e recordei-lhe a sua decisão anterior, ressaltando que se avisasse aos leitores sobre o que aconteceria posteriormente, o livro perderia automaticamente uma parcela considerá-

vel de seu suspense e drama. Ao que Malcolm X respondeu, rispidamente:

— De quem é o livro?

— Seu, é claro.

Ressaltei que só fazia a objeção na minha condição de escritor. Ele disse que iria pensar a respeito. Fiquei desolado com a perspectiva de ele querer reeditar todo o livro, transformando-o numa polêmica contra Elijah Muhammad. Tarde daquela noite, porém, Malcolm X telefonou-me:

— Desculpe. Você tem toda razão. Estava transtornado com um outro problema. Esqueça tudo o que eu quis mudar e deixe como estava.

Nunca mais deixei-o revisar capítulos do livro sem estar ao seu lado. Por diversas vezes, eu o observava franzir o rosto e se contrair todo enquanto lia, mas nunca mais me pediu para alterar alguma coisa que dissera originalmente. E a única ocasião em que ele manifestou o desejo de que sua vida tivesse sido diferente foi quando estava lendo o capítulo intitulado "Laura":

— Ela era uma moça inteligente, uma boa moça. Empenhou-se ao máximo em fazer alguma coisa de mim e em troca eu iniciei-a nos tóxicos e na prostituição. Arruinei inteiramente a vida dessa moça.

Malcolm X andava extremamente ocupado. Não podia visitar meu quarto de hotel com frequência; e quando o fazia, não demorava muito para que o quarto ficasse parecido com a Grand Central Station. Parecia que, quando o telefone não estava tocando para ele, Malcolm X estava ligando para alguém, consultando os telefones de sua agenda. Agora, falava constantemente com diversas pessoas do Oriente Médio e da África que se encontravam em Nova York. Algumas iam visitá-lo no quarto do hotel. A princípio, eu me mantinha junto à janela nessas ocasiões, absorvido em ler, enquanto eles ficavam junto à porta, conversando em voz baixa. Malcolm X sempre pedia desculpas quando isso acontecia e eu respondia que não me sentira contrafeito. Depois de algum tempo, passei a sair para o corredor ou descer no elevador para o saguão. Ficava observando os elevadores, até que o visitante se retirasse. Lembro de um dia em que o telefone tocara sem parar, com chamadas da ABC, CBS, NBC, todos os jornais de Nova York, o *Daily Express* de Londres e numerosas pessoas. Não estávamos praticamente conseguindo trabalhar. Depois, chegou uma equipe de televisão, ocupando todo o quarto, para gravar uma entrevista de Malcolm X com o comentarista Bill Beutel, da ABC. Enquanto o pessoal da televisão montava os refletores e câmeras, uma emissora de rádio de Dayton, Ohio, ligou, querendo entrevistar Malcolm X pelo telefone. Ele me pediu que dissesse a eles para ligarem no dia seguinte para a casa de sua irmã Ella, em Boston. Depois, veio um telefonema do Ministério da Informação de Gana. Entreguei um bilhete a Malcolm X, a quem Beutel estava perguntando nesse exato momento:

— Não vou tomar muito o seu tempo. Tenho apenas umas poucas perguntas a fazer, provavelmente estúpidas.

Olhando para o meu bilhete, Malcolm X disse a Beutel:

— Somente as perguntas não formuladas é que são estúpidas. — Virando-se para mim, ele acrescentou: — Diga-lhes que telefonarei mais tarde, por favor.

No instante em que as câmeras de televisão começaram a funcionar, com Beutel e Malcolm X falando, o telefone tocou mais uma vez. Era o repórter Marc Crawford, da revista *Life*, a quem informei em voz baixa o que estava acontecendo. Impávido, Crawford perguntou se eu não poderia deixar o fone num lugar em que pudesse escutar a entrevista. Atendi de boa vontade, aliviado por encontrar um meio de permitir que a entrevista continuasse sem novas interrupções.

O original que entreguei agora a Malcolm X para revisar já estava mais aprimorado. Ele foi lendo página após página, atentamente, levantando de vez em quando a cabeça para fazer algum comentário. Em determinada ocasião, ele me disse:

— Consigo causar algum impacto porque fiz um estudo das fraquezas deste país e sei que atingi um nervo quando o homem branco se põe a berrar.

Em outra ocasião, ele largou na cama o original que estava lendo e começou a andar de um lado para outro, coçando o queixo. Depois, parou e olhou para mim, dizendo:

— O trecho deste capítulo em que contei que encostei o revólver na cabeça e comeci a puxar o gatilho, deixando a turma tão apavorada que quando a quadrilha iniciou os assaltos... — Ele fez uma pausa. — Não sei se deveria ou não contar-lhe isso, mas quero que saiba de toda a verdade. — Ele me fitou especulativamente, antes de arrematar: — Tinha tirado e escondido a bala.

Rimos juntos e eu falei:

— Não há problema. Passe o original que posso consertar agora mesmo.

Malcolm X pensou por um momento, antes de tomar sua decisão:

— Não, deixe como está. Há muita gente que se apressaria em dizer que é justamente o que estou fazendo hoje em dia... blefando.

Ao ler o trecho em que relatava a sua descoberta da biblioteca da prisão, Malcolm X novamente levantou a cabeça bruscamente.

— Ah, jamais esquecerei o velho *aardvark*!

Na noite seguinte, ele me disse que visitara o Museu de História Natural e aprendera algo sobre o *aardvark*:

— Significa porco da terra. É um bom exemplo das raízes das palavras de que falei. Quando se estuda a ciência da filologia, aprendem-se as leis que indicam como uma consoante pode perder sua forma, mas mantém sua identidade, de uma língua para outra.

O que me deixou espantado foi que eu sabia que a agenda de Malcolm X naquele dia estava apertada, tendo de comparecer a um programa de rádio e a outro de televisão, além de fazer um discurso ao

vivo; mesmo assim, ainda arrumara tempo para descobrir alguma coisa a respeito do *aardvark*.

Não se passou muito tempo para que Malcolm X convocasse uma entrevista coletiva e anunciasse:

— Minha nova Organização da Unidade Afro-Americana é um grupo não-religioso e não-sectário, criada para unir os afro-americanos num programa construtivo que lhes permita conquistar os seus direitos humanos.

A tônica da Nova OUAA parecia ser a do nacionalismo preto militante. Em resposta às perguntas de diversos repórteres, em entrevistas, Malcolm X disse que a OUAA procuraria converter a população negra da não-violência para a legítima defesa ativa contra os racistas brancos, por toda a América. Sobre política, ele formulou um enigma:

— Quer se usem balas ou votos, é preciso mirar bem. Não se deve visar ao fantoche, mas sim a quem o está manobrando.

Estava pensando em alguma área especial de atividade?

— Vou participar da luta onde quer que os negros peçam a minha ajuda.

Faria alguma aliança com outras organizações negras? Malcolm X respondeu que iria pensar na possibilidade de formar uma frente unida com determinados líderes negros escolhidos. Admitiu, ao ser interrogado, que a NAACP estava “fazendo alguma coisa boa”. Será que algum branco podia ingressar na OUAA?

— Se John Brown estivesse vivo, talvez ele pudesse.

Respondeu a seus críticos com declarações como a de que mandaria “guerrilheiros armados” para o Mississippi.

— Estou falando sério. Vamos mandá-los não apenas para o Mississippi, mas para qualquer lugar em que as vidas dos pretos estejam ameaçadas por fanáticos brancos. E para mim, o Mississippi é qualquer lugar ao sul da fronteira canadense.

Em outra ocasião, Evelyn Cunningham, do *Pittsburgh Courier*, perguntou a Malcolm X, em tom de brincadeira:

— Diga alguma coisa espantosa para a minha coluna.

Ao que ele respondeu:

— Qualquer um que queira me seguir e ao meu movimento tem que estar pronto a ir para a cadeia, hospital ou cemitério, antes de poder ser realmente livre.

Evelyn Cunningham publicou a declaração, comentando: “Ele sorriu, soltou uma risadinha; mas estava falando sério.

Nasceu o quarto filho, mais uma menina, a que ele e Irmã Betty deram o nome de Gamilah Lumumbah. Uma jovem garçoneiro do Clube Vinte-e-Dois do Harlem, chamada Helen Lanier, deu-lhe um enxoval para a menina recém-nascida. Malcolm X, que agora freqüentemente marcava encontro com as pessoas que queriam falar-lhe no Clube Vinte-e-Dois, ficou profundamente comovido com o gesto, comentando:

— E eu quase não conhecia a moça!

Ficou visivelmente aborrecido quando uma pesquisa do *New York Times* entre os negros da cidade de Nova York revelou que três quartos indicavam o Dr. Martin Luther King como o homem que estava “fazendo o melhor trabalho pelos negros”, com um quinto votando em Roy Wilkins, da NAACP, enquanto apenas seis por cento escolhiam Malcolm X. A respeito, ele me disse:

— Irmão, é preciso compreender que alguns dos maiores líderes da história só foram reconhecidos depois que estavam debaixo da terra!

Uma manhã, em pleno verão de 1964, Malcolm X telefonou-me e informou que estaria partindo “dentro de dois ou três dias” para uma viagem planejada de seis semanas pelo exterior. Tive as primeiras notícias dele quando estava no Cairo, mais ou menos na ocasião em que começavam os distúrbios e levantes de negros no previsto “longo e quente verão”, atingindo os subúrbios de Filadélfia, Rochester, Brooklyn, Harlem e outras cidades. O *New York Times* informou que uma reunião de intelectuais negros chegara à conclusão de que o Dr. Martin Luther King podia conter os negros das classes média e superior, mas somente Malcolm X era capaz de assegurar a obediência dos negros das classes baixas. “Os negros respeitam o Dr. King e Malcolm X porque sentem nesses homens uma integridade absoluta e sabem que nunca os trairão. Malcolm X não pode ser corrompido, os negros sabem disso e assim o respeitam. Sabem também que ele vem das camadas mais baixas, assim como a grande maioria dos negros, encarando-o como um dos seus. Malcolm X vai desempenhar um papel de importância excepcional, porque a luta racial deslocou-se agora para o Norte urbano... se o Dr. King está convencido de que sacrificou dez anos de brilhante liderança, será forçado a reformular seus conceitos. Só há uma única direção na qual ele pode se mover e é a direção de Malcolm X.” Mande um recorte para Malcolm X, que estava no Cairo.

Em Washington e Nova York, pelo menos, poderosos órgãos cívicos, particulares e governamentais, além de indivíduos, estavam muito interessados no que Malcolm X estava dizendo no exterior, especulando sobre o que ele poderia fazer e possivelmente fazer quando voltasse à América. No interior do Estado de Nova York, recebi um telefonema de um amigo íntimo, dizendo que lhe haviam pedido que me perguntasse se poderia ir à cidade de Nova York numa data determinada, a fim de encontrar-me com “uma alta autoridade do governo”, que estava interessada em Malcolm X. Meu amigo acompanhou-me à sede de uma grande fundação particular, conhecida por suas atividades e donativos na área dos direitos civis. Fui conduzido ao gabinete do presidente da fundação, que me apresentou ao chefe da Seção de Direitos Civis do Departamento de Justiça, Burke Marshall. Marshall estava basicamente interessado nas finanças de Malcolm X, particularmente em suas viagens depois que fora destituído de seu posto na hierarquia dos muçulmanos pretos. Respondi que, ao que eu podia saber, os diversos pagamentos do editor financiavam Malcolm X, juntamente com os honorários que ele recebia por suas conferências, além dos possí-

veis donativos que sua organização devia receber. Falei também que Malcolm X me contara que pedira dinheiro emprestado à irmã, Ella, para realizar a atual viagem. E recentemente o *Saturday Evening Post* comprara os direitos de condensação do livro por uma quantia substancial, que seria paga em breve. Marshall escutou em silêncio, atentamente, fez algumas perguntas sobre outros aspectos da vida de Malcolm X e depois agradeceu-me. Naquela mesma noite, escrevi para Malcolm X no Cairo, relatando o encontro. Ele nunca me falou a respeito.

O fotógrafo John Launois, do *Saturday Evening Post*, foi para o Cairo, a fim de localizar Malcolm X e fotografá-lo em cores. O número de 12 de setembro da revista saiu e mandei uma cópia para Malcolm X, por via aérea. Alguns dias depois, recebi um bilhete sarcástico, manifestando a sua raiva pelo editorial da revista sobre a história de sua vida (o início desse editorial era o seguinte: "Se Malcolm X não fosse um negro, sua autobiografia seria pouco mais que um diário de psicologia anormal, a história de um assaltante, traficante de tóxicos, viciado e condenado, com um precedente de insanidade na família, que adquire ilusões messiânicas e se põe a pregar uma religião confusa de ódio *fraternal*). Escrevi a Malcolm X, dizendo que ele não podia com um mínimo de justiça me culpar pelo que a revista escrevera, numa opinião de editorial em separado. Ele me escreveu pedindo desculpas, "mas é preciso tomar o máximo de cuidado no futuro".

Sua volta da África foi ainda mais auspiciosa que o retorno da peregrinação Hajj a Meca. Um grupo grande de negros, seus partidários e simpatizantes, reuniu-se no terminal internacional do Aeroporto Kennedy. Assim que entrei, percebi que homens brancos no segundo andar estavam tirando fotografias de todos os negros que apareciam. Era quase tão óbvio que havia policiais negros à paisana no meio da multidão. Os manifestantes haviam estendido uma faixa grande de pano sobre o vidro que dava para a Seção de Inspeção da Alfândega dos Estados Unidos, na qual se podia ler: "Seja bem-vindo de volta, Malcolm."

Assim que ele apareceu, entrando numa das filas, a multidão começou a aclamá-lo. Malcolm X levantou a cabeça para olhar, sorrindo de satisfação.

Malcolm X queria se encontrar comigo em particular o mais depressa possível, a fim de me informar os detalhes que desejava que fossem incluídos no livro. Disse que iria me dar apenas os pontos principais, pois achava que seu diário, meticulosamente mantido, poderia dar outro livro. Realizamos algumas seções prolongadas no meu quarto de hotel, em que Malcolm X lia os trechos escolhidos do diário e eu tomava notas.

— O que quero ressaltar é que estava tentando internacionalizar nosso problema — disse-me ele. — Queria que os africanos sentissem o seu parentesco conosco, afro-americanos. Fiz com que pensassem a respeito, que se lembrassem de que são nossos irmãos de sangue e que

descendemos todos dos mesmos antepassados. Foi por isso que os africanos me amaram, da mesma forma que os asiáticos haviam me amado porque eu era religioso.

Alguns dias depois, ele já não dispunha mais de tempo para se encontrar comigo. Telefonava e pedia desculpas. Estava assediado por incontáveis problemas, alguns dos quais me informava, enquanto de outros eu tomava conhecimento por intermédio de amigos. O problema mais imediato era o descontentamento dentro da própria organização de Malcolm X, a OUAA. Ele passara três vezes mais tempo viajando do que dissera, o que fora um golpe tremendo para a moral dos seus principais auxiliares. Havia a impressão geral de que o interesse dele era insuficiente para que se pudesse esperar que o interesse de seus partidários permanecesse intenso. Fui informado por um dos membros da OUAA de que havia "uma desilusão crescente em todos os escalões da organização".

No Harlem em geral, nos bares e restaurantes, nas esquinas e nos alpendres, podia-se ouvir críticas mais ásperas a Malcolm X do que em qualquer outra ocasião anterior de sua carreira. Havia duas queixas básicas, expressas de maneiras diversas. Uma era a de que Malcolm X na verdade se limitava a falar, enquanto outras organizações pelos direitos civis estavam *fazendo*. Houve quem dissesse:

— Tudo o que ele sempre fez foi falar apenas, enquanto a CORE, o SNCC e alguns homens do Dr. King estão apanhando na cabeça. A segunda queixa principal era a de que Malcolm X estava confuso demais para que pudesse continuar a ser levado a sério. Comentava-se:

— Ele não sabe mais em que acredita. Mal se ouve uma coisa e ele já mudou para outra diferente.

As duas queixas não estavam ajudando a imagem de velho agitador de Malcolm X, assim como contribuíam para arrefecer o interesse público local, de que ele precisava tão desesperadamente para desenvolver a sua pequena e jovem OUAA.

Um tribunal decidira que Malcolm X e sua família teriam que desocupar a casa de Elmhurst para que fosse devolvida a seu legítimo proprietário, a Nação do Islã de Elijah Muhammad. Outro dos problemas imediatos que Malcolm X enfrentava era o financeiro. Entre várias despesas, tinha que sustentar uma esposa e quatro filhas e pelo menos um funcionário em tempo integral da OUAA. Quando ele voltou da África, nosso agente para o livro entregou-me, para encaminhar a Malcolm X, um cheque de valor considerável. Pouco depois, Malcolm X comentou comigo, rindo amargurado:

— O dinheiro se evaporou. E não sei *onde!*

Malcolm X mergulhou num turbilhão de atividade. Escrevia e telefonava aceitando dezenas de convites para falar, principalmente em universidades, não só para expor suas idéias mas também para ganhar os honorários de 150 a 300 dólares, livres das despesas de viagens. Quando estava na cidade de Nova York, ele passava todo o tempo que po-

dia no escritório escassamente mobiliado da OUAA, no mezanino do Hotel Theresa, tentando fazer alguma coisa para solucionar os problemas complicados da organização.

— Não vou revelar nosso tamanho em números — disse ele em determinada ocasião, esquivando-se à pergunta de um repórter. — Como sabe, a parte mais forte de uma árvore é a raiz. Se a raiz é exposta, a árvore morre. Temos muitos membros “invisíveis”, de todos os tipos. Ao contrário de outros líderes, tenho exercido a flexibilidade para fazer contato com todos os tipos de negros do país.

Mesmo nas refeições, em seu favorito Clube Vinte-e-Dois ou em algum outro lugar do Harlem, Malcolm X mal conseguia comer direito, pois havia sempre pessoas abordando-o para discutir assuntos que iam de problemas pessoais a suas opiniões sobre questões internacionais. Ele parecia incapaz de dizer “Não” a alguém que desejava falar-lhe. E os auxiliares dele, que trabalhavam voluntariamente, muitas vezes tinham de ficar esperando por períodos prolongados para poderem tratar de questões de extrema importância para a OUAA ou para o próprio Malcolm X. Mesmo assim, ele os tratava de maneira que não lhe era habitual, demonstrando impaciência diante de suas perguntas ou sugestões, o que os irritava visivelmente. Pelo menos uma vez por semana, geralmente ao final das tardes de domingo, Malcolm X falava a tantos negros quantos podiam ser atraídos por avisos orais e anúncios mimeografados, no Auduborn Ballroom, no Harlem, na Rua 166-Oeste, entre a Broadway e a St. Nicholas Avenue, perto do famoso Centro Médico Presbiteriano Columbia, na cidade de Nova York.

Por alguma razão, Malcolm X começou subitamente a fazer uma série de ataques contra Elijah Muhammad. As acusações violentas eram de “falsidade religiosa” e “imoralidade”. Possivelmente, era porque Malcolm X estava cada vez mais revoltado com a proximidade da data fixada pelo tribunal para que tirasse a esposa e as quatro filhas pequenas da confortável casa em Elmhurst na qual tinham vivido por tantos anos. E irmã Betty estava novamente grávida.

— A única coisa que dei a Betty desde que nos casamos foi uma casa e agora estão querendo tirá-la — disse-me Malcolm X, discutindo a decisão do tribunal. — Não posso continuar a submetê-la a mais mudanças, como tem acontecido até hoje, sem que ela nada reclamasse. É uma mulher que não posso deixar de amar!

Houve um fluxo de ameaças de morte a Malcolm X, através de telefonemas anônimos à polícia, a vários jornais, à sede da OUAA e à casa da família em Elmhurst. Quando voltou ao tribunal, ainda lutando para manter a casa, Malcolm X estava protegido por uma falange de oito homens da OUAA, 20 guardas uniformizados e 12 detetives à paisana. A decisão do tribunal foi de que a ordem para desocupar a casa não seria alterada. Quando Malcolm X voltou para sua casa em Long Island, um dos seus partidários ligou para lá. Uma telefonista da companhia telefônica atendeu, informando que o telefone OL 1-6320 fora “desligado”. Um carro cheio de membros da OUAA saiu em dis-

parada para Long Island, descobrindo ao chegar que Malcolm X e a família estavam perfeitamente seguros. Indagações na companhia telefônica revelaram que uma certa “Sra. Small” ligara para solicitar que o aparelho fosse desligado, pois ia “tirar férias”. Os partidários da OUAA voltaram para o Harlem. Houve em seguida uma confrontação entre eles e os partidários de Elijah Muhammad, diante do restaurante dos muçulmanos pretos, na esquina da Rua 116 com a Lenox Avenue. O incidente terminou com a polícia aparecendo no local, encontrando duas armas no carro da OUAA e prendendo seis partidários de Malcolm X.

Malcolm X tinha um compromisso para falar em Boston, mas estava ocupado demais para ir. Mandou em seu lugar um dos principais dirigentes da OUAA. O carro que o levava de volta ao aeroporto de Boston foi bloqueado no East Boston Tunnel por outro carro. Ao que consta, homens armados de facas saltaram do carro que efetuou o bloqueio. Mas as forças de Malcolm X exibiram uma espingarda e os atacantes se dispersaram.

Malcolm X acusou os muçulmanos pretos como culpados pelos vários ataques e ameaças:

— Não há qualquer grupo mais capaz de executar essa ameaça do que os muçulmanos pretos. Sei disso porque fui eu mesmo que os ensinei.

Indagando por que atacara os muçulmanos pretos e Elijah Muhammad, quando a situação parecia ter-se acalmado, ele declarou:

— Eu não revelaria nada disso se eles me deixassem em paz.

Malcolm X deixou-se fotografar em sua casa empunhando um rifle automático, dizendo que o mantinha sempre à mão para enfrentar quaisquer possíveis tentativas para assassiná-lo e acrescentando:

— Ensinei minha esposa a usar este rifle e determinei que ela atirasse em qualquer um, branco, preto ou amarelo, que tentar entrar na casa à força.

Voltei para a cidade de Nova York em dezembro, a fim de que Malcolm X lesse os acréscimos finais no original, incluindo os acontecimentos mais recentes. Tive a impressão de que ele estava mais distante que em qualquer outra ocasião anterior de seu ego tranqüilo e confiante. Comentava a todo instante que a imprensa não estava levando muito a sério a suas declarações a respeito das ameaças de morte.

— Reagem como se eu estivesse inventando histórias! — Ele voltou a abordar o editorial do *Saturday Evening Post*, comentando: — Não se pode confiar em editores, não importa o que eles digam!

O agente para o livro enviou para o meu hotel um contrato sobre os direitos de publicação no exterior que precisava da minha assinatura e da de Malcolm X. Assinei o contrato, enquanto de observava. Entreguei-lhe a caneta. Malcolm X olhou para o contrato com uma expressão desconfiada e disse:

— É melhor eu mostrar esse contrato ao meu advogado.

E guardou o contrato no bolso interno do paletó. Uma hora de-

pois, andando de carro pelo Harlem, ele parou abruptamente, diante do prédio da ACM, na Rua 135. Tirou o contrato do bolso, assinou e jogou-o para mim, dizendo:

— Confio em você.
E seguiu adiante.

Com o Natal se aproximando, tive um súbito impulso e comprei para as duas filhas mais velhas de Malcolm X duas bonecas grandes, de peles pintadas de marrom, o tipo que “anda” quando puxada pela mão esquerda. Quando Malcolm X foi me visitar no Hotel Wellington, eu lhe disse:

— Tenho uma coisa para você levar para Attilah e Qubilah, como presente de Natal.

E “andei” com as bonecas. Malcolm X ficou espantado e depois sorriu, delicado.

— Mas como é possível? Que coisa!

Ele se abaixou para examinar as bonecas. Sua expressão demonstrava como estava comovido. Depois de algum tempo, murmurou:

— É uma coisa que não me orgulho de dizer, mas acho que nunca comprei um presente para as minhas filhas. Tudo com que elas brincam foi Betty quem comprou ou alguém deu. Sei perfeitamente que isso não é nada bom. Sempre estive ocupado demais...

No início de janeiro, peguei um avião no interior do estado e fui para a cidade de Nova York. Do Aeroporto Kennedy, telefonei para Malcolm X em sua casa e disse que estava esperando outro avião para ir a Kansas City, a fim de assistir à posse de meu irmão mais moço, George, que fora recentemente eleito Senador Estadual do Kansas. Malcolm X me falou:

— Diga a seu irmão por mim para não esquecer de nós, que vivemos nos guetos. Diga-lhe que ele e todos os outros negros moderados que estão chegando a algum lugar não devem jamais esquecer que isso só se tornou possível graças a nós, os extremistas.

Malcolm X pediu-me então que lhe telefonasse assim que estivesse prestes a deixar o Kansas. Se fosse possível, poderíamos nos encontrar assim que eu chegasse. Telefonei e ele foi me esperar no Aeroporto Kennedy. Disse que não dispunha de muito tempo, que estava com pressa, pois também teria de viajar naquela mesma tarde, para uma conferência que surgira inesperadamente. Assim, fiz uma reserva para voltar ao lugar em que estava morando no interior do estado. Depois, saímos do terminal e fomos sentar no carro dele no estacionamento, para conversarmos um pouco. Ele falou das pressões que enfrentava de todos os lados para onde se virava, sobre as inúmeras frustrações, entre as quais a de que ninguém parecia querer aceitar nada dele exceto “a minha imagem antiga de ódio e violência”. Comentou que as organizações pelos direitos civis consideradas “moderadas” evitavam-no como “militante demais”, enquanto os “chamados militantes” evitavam-no por julgá-lo “moderado demais”.

— Eles não me deixam virar a esquina! — exclamou Malcolm X.
— Estou preso numa armadilha!

Passamos a falar sobre algo mais feliz, conversando sobre o bebê que estava para chegar. Rimos bastante por causa de suas quatro filhas seguidas.

— Agora vai ser um menino — disse ele, radiante. — Se não for desta vez, será o próximo!

Falei que estava perto da hora do meu avião partir e ele disse que também tinha de partir.

— Dê lembranças minhas à Irmã Betty.

Ele disse que o faria e nos apertamos a mão. Saltei e fiquei parado, enquanto Malcolm X dava marcha a ré no Oldsmobile azul, saindo da vaga e se afastando. Ainda gritei-lhe:

— Ligo depois para você!

Ele acenou em despedida, enquanto se afastava. Eu não podia saber que seria a última vez em que o veria vivo.

A 19 de janeiro, Malcolm X compareceu ao programa de televisão de Pierre Berton, no Canadá, e declarou, em resposta a uma pergunta sobre integração e casamento inter-racial:

— Acredito em se reconhecer cada ser humano como um ser humano... sem ser branco, preto, pardo ou vermelho. E quando se pensa na humanidade como uma família, não se pode falar em integração ou casamento inter-racial. É apenas um ser humano casando com outro ser humano ou um ser humano convivendo com outro ser humano. Posso dizer, no entanto, que não se deve exigir qualquer coisa do homem preto. Acho que o fardo de defender qualquer posição não cabe ao homem preto, porque foi o homem branco coletivamente que demonstrou ser hostil à integração e ao casamento inter-racial, em relação a todas as medidas que retardam a união. Como um homem preto e especialmente como um preto americano, não creio que tenha de defender ou justificar qualquer posição que assumi anteriormente, por que foi uma reação à sociedade, uma reação produzida pela própria sociedade. Creio que é a sociedade que produziu tal reação que deve ser atacada, não as reações que surgem entre as pessoas que são vítimas dessa sociedade negativa.

Com base nisso, pode-se perfeitamente dizer que, um mês antes de sua morte, Malcolm X fizera uma revisão de suas opiniões sobre o casamento inter-racial, passando a encará-lo simplesmente como uma questão pessoal.

A 28 de janeiro, Malcolm X estava no Vôo 9 da TWA, que partiu de Nova York e aterrissou em Los Angeles por volta das três horas da tarde. Um destacamento especial de agentes secretos da polícia observou Malcolm X ser recebido por dois amigos íntimos, Edward Bradley e Allen Jamal, que o levaram de carro para o Hotel Statler-Hilton. Malcolm X hospedou-se no quarto 1.129. Mais tarde, Bradley contou:

— Assim que entramos no saguão, seis homens vieram logo atrás. Reconheci-os como muçulmanos pretos.

Quando Malcolm X desceu novamente para o saguão, "praticamente esbarrou nos muçulmanos, que ficaram desconcertados. Malcolm X permaneceu impassível, mas todos compreendemos que teríamos problemas pela frente". Os amigos de Malcolm X levaram-no de carro para pegar "duas antigas secretárias de Elijah Muhammad que haviam iniciado processos de paternidade contra o líder da Nação do Islã". Foram para o escritório de uma advogada de Los Angeles, Gladys Root. A Sra. Root disse mais tarde que Malcolm X fez acusações sobre o comportamento de Elijah Muhammad com várias de suas antigas secretárias.

Depois do jantar, os dois amigos de Malcolm X levaram-no de volta ao hotel. Bradley contou:

— Havia muçulmanos pretos por toda parte. Alguns estavam em carros, outros parados pelas calçadas, nas proximidades do hotel. Haviam cercado o hotel completamente. Malcolm avaliou a situação rapidamente e saltou do carro. Avisou-me para que tomasse muito cuidado e depois correu para o saguão. Foi para o seu quarto e lá permaneceu pelo resto de sua estada em Los Angeles.

O carro em que Malcolm X deixou o hotel, a caminho do aeroporto, foi seguido, segundo conta Bradley:

— Mal tínhamos entrado na auto-estrada quando vimos dois carros cheios de muçulmanos pretos a nos seguirem. Os carros começaram a se aproximar. Malcolm pegou minha bengala e meteu a ponta para fora de uma janela traseira, como se fosse um rifle. Os dois carros ficaram para trás. Aumentamos a velocidade, entramos na rampa para o aeroporto e fomos parar diante do terminal. A polícia estava esperando e Malcolm foi escoltado até o avião através de uma passagem subterrânea. De longe, vi Malcolm embarcar no avião.

A polícia de Chicago estava esperando quando o avião pousou no Aeroporto O'Hare naquela noite, às oito horas. Levado para o Hotel Bristol, Malcolm X registrou-se. Na suíte contígua, ficaram agentes da polícia, que iriam acompanhá-lo de perto nos três dias que passou em Chicago. Malcolm X prestou depoimento no gabinete do Procurador-Geral do Estado de Illinois, que estava investigando a Nação do Islã. No outro dia, compareceu ao programa de televisão de Irv Kupcinet, descreveu as tentativas para matá-lo. Disse que tinha em sua mesa uma carta indicando as pessoas incumbidas de matá-lo. Quando a polícia levou Malcolm X de volta ao hotel, "havia pelo menos 15 negros de expressões sombrias vagando pelas proximidades".

Malcolm X sussurrou para o Sargento-Detetive Edward McClellan:

— São todos muçulmanos pretos. E reconheço pelo menos dois como sendo de Nova York. Elijah parece estar a par de todos os meus movimentos.

Mais tarde, em seu quarto, ele comentou com o detetive:

— Vai ser apenas uma questão de tempo antes que me apanhem. Sei demais a respeito dos muçulmanos. Mas as ameaças deles não vão me impedir de continuar a fazer o que estou decidido a fazer.

Depois de passar a noite no hotel, Malcolm X foi escoltado de volta ao Aeroporto O'Hare onde pegou um avião para o Aeroporto Kennedy, na cidade de Nova York.

Imediatamente, recebeu uma ordem do tribunal de despejo da casa de Elmhurst. Telefonou para mim. Sua voz estava extremamente tensa. Disse que apresentara um apelo contra a ordem de despejo, que no dia seguinte ia para o Alabama, de lá para a Inglaterra e França, a fim de fazer conferências já programadas. Assim que voltasse, iria pra Jackson, Mississippi, a fim de falar na convenção do Partido Democrático da Liberdade do Mississippi, a 19 de fevereiro. E depois disse, na primeira vez em que me fez tal admissão:

— Haley, meus nervos estão abalados, o cérebro cansado.

Acrescentou que, ao voltar do Mississippi, gostaria de passar dois ou três dias comigo, na cidadezinha em que eu estava morando, para ler novamente o original do livro.

— Você diz que é uma cidadezinha sossegada. É só isso o que estou precisando, dois ou três dias de paz e tranqüilidade.

Respondi que ele podia estar certo de que seria bem-vindo, mas que não havia necessidade de cansar-se com mais uma leitura do livro comprido, pois o lera recentemente e agora só faltava fazer uns pequenos ajustamentos.

— Mesmo assim, Haley, quero ler de novo, pois acho que não terei a oportunidade de lê-lo depois de publicado.

Assim, acertamos em princípio que logo depois de voltar do Mississippi ele pegaria um avião e iria para a cidadezinha em que eu estava vivendo, a fim de passar o fim de semana comigo. Os dias previstos para a sua visita eram sábado e domingo, 20 e 21 de fevereiro.

A revista *Jet* noticiou a viagem de Malcolm X a Selma, Alabama, a convite de dois membros do Comitê Coordenador Estudantil Não-Violento (SNCC). Nessa ocasião, o Dr. Martin Luther King estava preso numa cadeia de Selma. A chegada de Malcolm X provocou "o maior rebuliço" entre os dirigentes da organização do Dr. King, a Conferência das Lideranças Cristãs do Sul (SCLC). Imediatamente, o diretor-executivo da SCLC, Reverendo Andrew Young, e o Reverendo James Bevel foram procurar Malcolm X, insistindo para que não provocasse qualquer incidente e advertindo-o de que sua presença poderia causar violências.

— Ele escutou tudo com um sorriso — contou a Sra. Faye Bellamy, secretária do SNCC, que acompanhou Malcolm X a uma igreja negra, onde ele iria falar.

— Não se esqueça de uma coisa: ninguém me diz o que devo ou não falar — declarou Malcolm X à Srta. Bellamy.

Ele informou também que, "dentro de duas semanas aproximadamente", planejava começar a recrutar membros no Sul para a sua OUAA, baseada no Harlem. Na igreja em que iria falar, Malcolm X sentou no palanque ao lado da Sra. Martin Luther King, para quem se inclinou e sussurrou que estava "tentando ajudar". Ela contou à revista *Jet*:

— Ele disse que queria apresentar uma alternativa, que seria mais fácil para os brancos aceitarem as propostas de Martin depois de ouvi-lo (a Malcolm X). A princípio, não compreendi muito bem. Ele parecia um tanto ansioso em fazer com que Martin soubesse que não estava querendo causar problemas ou criar dificuldades, mas apenas procurando facilitar as coisas... Mais tarde, no vestibulo, ele me reite-rou tal posição. Parecia sincero...

Falando para a audiência negra, Malcolm X teria dito:

— Não prego a violência, mas se um homem pisa nos meus calos, vou pisar nos dele... É melhor os brancos ficarem contentes pelo fato de Martin Luther King estar mobilizando as pessoas, pois há outras forças aguardando o momento de assumirem o comando, se ele por acaso fracassar.

Voltando à cidade de Nova York, Malcolm X voou logo depois para a França. Deveria falar num Congresso de Estudantes Africanos. Mas foi formalmente avisado de que não lhe seria permitido falar e que, além disso, podia considerar-se oficialmente impedido de entrar na França dali por diante, como uma "pessoa indesejável". Pediram-lhe que fosse embora... e ele foi, fervilhando de indignação. Pegou um avião para Londres e repórteres da BBC levaram-no para uma entrevista em Smethwick, uma pequena cidade perto de Birmingham, em que predominava a população de cor. Numerosos habitantes locais levantaram uma tempestade de críticas e protestos, alegando que a BBC estava "incitando ao racismo", na comunidade já impregnada de tensão. Nessa visita, Malcolm X falou na Faculdade de Economia de Londres.

Ele voltou à cidade de Nova York no sábado, 13 de fevereiro. Estava dormindo com a família quando, por volta de 15 minutos para as três horas da madrugada de domingo, uma violenta explosão despertou-os. Irmã Betty iria me contar mais tarde que Malcolm X, gritando ordens e pegando as meninas apavoradas, levava a família para a segurança, saindo para o quintal dos fundos. Alguém lançara coquetéis molotov pelas janelas da frente. Os bombeiros levaram mais de uma hora até conseguirem apagar o incêndio. Metade da casa estava destruída. E Malcolm X não tinha seguro contra incêndio.

Grávida e bastante perturbada, Irmã Betty e as quatro meninas foram levadas para a casa de amigos íntimos. Malcolm X decidiu manter a sua agenda, pegando um avião naquela manhã para ir falar em Detroit, como estava programado. Usava uma suéter aberta no pescoço por baixo do terno. Imediatamente depois de falar, ele voou de volta a Nova York. Na manhã de segunda-feira, em meio à confusão de planos de emergência para encontrar novos alojamentos para a família, Malcolm X ficou indignado quando soube que o ministro James X, da Mesquita Número 7 de Nova York, de Elijah Muhammad, dissera à imprensa que fora o próprio Malcolm X quem ateava o incêndio, para "conseguir publicidade".

Na noite de segunda-feira, Malcolm X falou mais uma vez no Au-

duborn Ballroom. Se antes possuía nervos de aço para não permitir que seus problemas afetassem os aparecimentos em público, isso não mais acontecia. E ele gritou para a audiência de 500 pessoas:

— Estou chegando ao fim do caminho! Não me importaria por mim mesmo, se eles não fizessem mal à minha família!

Mais adiante, ele declarou categoricamente:

— Minha casa foi incendiada pelos *muçulmanos*! — E insinuou vingança: — Há caçadores... mas existem também os que caçam os caçadores!

Na terça-feira, 16 de fevereiro, Malcolm X telefonou-me. Falou rapidamente, dizendo que as complicações decorrentes do incêndio de sua casa haviam afetado de tal maneira os seus planos que não mais poderia passar o fim de semana comigo, como havia programado. Disse que tivera também de cancelar a visita programada a Jackson, Mississippi, a qual tentaria fazer posteriormente. Acrescentou que estava com pressa para atender a um compromisso e desligou. Eu iria mais tarde saber que naquele mesmo dia ele dissera a um dos seus companheiros mais chegados:

— Estou marcado para morrer nos próximos cinco dias. Tenho os nomes de cinco muçulmanos pretos que foram designados para me matar. Vou anunciá-los no comício.

E para outro amigo, Malcolm X disse que ia solicitar ao Departamento de Polícia uma licença para andar com um revólver.

— Não sei se eles vão me dar a licença, pois já estive preso.

Na quinta-feira, ele disse a um repórter, numa entrevista que só seria publicada depois de sua morte:

— Sou homem suficiente para dizer que não consigo definir exatamente qual é a minha filosofia neste momento. Mas sou também bastante flexível.

O quadro-negro no escritório da OUAA avisava aos membros e visitantes que o "Irmão Malcolm X fala quinta-feira, 18 de fevereiro, na estação WINS, às 10:30 da noite". Na manhã de quinta-feira, Malcolm X conversou com um corretor sobre o aluguel de outra casa. Na sexta-feira, tinha um encontro marcado com o fotógrafo-repórter Gordon Parks, da revista *Life*, a quem há muito admirava e respeitava. Mais tarde, Parks iria escrever em *Life*: "Ele parecia calmo e até mesmo um tanto resplendente, com seu cavanhaque e chapéu astracã. Dava a impressão de ter perdido boa parte da antiga hostilidade e virulência, mas ainda tinha o mesmo ardor e confiança."

Falando sobre os velhos tempos da Mesquita Número 7, Malcolm X disse:

— Foi uma coisa terrível, irmão. Ah, a doença e a loucura daqueles dias... Estou contente por me livrar disso tudo. O momento agora é para os mártires. E se tenho que ser um, será pela causa da fraternidade. É a única coisa que pode salvar este país. Aprendi pelo caminho mais difícil... mas aprendi.

Parks perguntou a Malcolm X se era realmente verdade que havia assassinado atrás dele.

— É tão verdade como o fato de que estou de pé aqui. Já tentaram duas vezes, nas duas últimas semanas.

Parks indagou se ele não contava com proteção policial e Malcolm X soltou uma gargalhada.

— Irmão, ninguém pode protegê-lo de um muçulmano a não ser outro muçulmano... ou alguém treinado nas táticas muçulmanas. Sei disso, porque fui eu que inventei muitas dessas táticas.

Recordando o incidente da jovem universitária branca, que aparecera no restaurante muçulmano e perguntara “O que posso fazer?”, ao que ele respondera “Nada”, fazendo-a ir embora em lágrimas, Malcolm X disse a Gordon Parks:

— Vivi para lamentar esse incidente. Em muitas partes do continente africano, vi estudantes brancos ajudando os pretos. Algo assim acaba com muita discussão. Como muçulmano, fiz muitas coisas das quais agora me arrependo. Era um zumbi naquela ocasião, como todos os muçulmanos. Era hipnotizado, virado numa direção determinada e recebia a ordem de marchar. Acho que um homem tem o direito de bancar o tolo, se está disposto a pagar o custo. E isso me custou 12 anos.

Na manhã de sábado, ele levou Irmã Betty de carro para visitar um corretor. Malcolm X gostou da casa que o corretor lhes mostrou, numa zona predominantemente de judeus, também em Long Island. Era necessário uma entrada de três mil dólares. Irmã Betty também gostou da casa e Malcolm X disse ao corretor que achava que iam ficar com ela. Levando Irmã Betty de volta à casa dos amigos em que ela estava hospedada com as meninas, calcularam que precisariam de outros mil dólares para a mudança. Ele ficou com Irmã Betty na casa dos amigos, conversando, até metade da tarde. Disse a ela que compreendia que estava há muito tempo sob uma tensão terrível e que o lamentava profundamente. Quando pegou o chapéu para sair, a fim de voltar a Manhattan, Malcolm X parou no vestibulo e disse e Irmã Betty:

— Ficaremos todos juntos. Quero minha família comigo. As famílias não devem ficar separadas. Nunca mais farei outra viagem demorada sem você. Arrumaremos alguém para ficar tomando conta das crianças. Nunca mais me afastarei de você por muito tempo.

— Não pude deixar de sorrir — Irmã Betty iria mais tarde me contar.

Ela calculou que Malcolm X devia ter parado em alguma *drugstore* no caminho para usar a cabina telefônica, quando lhe contei depois que ele me telefonara por volta das três e meia daquela tarde.

Pela primeira vez em quase dois anos, não reconheci imediatamente a voz no outro lado do telefone como sendo a de Malcolm X. Ele dava a impressão de estar com um forte resfriado. Contou que, durante a noite, ele e alguns amigos haviam ajudado os homens de uma companhia de mudanças a tirarem da outra casa os móveis e outros pertences da família que puderam ser salvos depois do incêndio... antes que a

turma do escritório do xerife encarregada do despejo jogasse tudo na calçada.

— Betty e eu estivemos vendo uma casa para comprar... — Ele fez uma pausa, ensaiando uma risadinha. — É que ninguém está disposto a me alugar nada atualmente! E tudo o que tenho são 150 dólares!

Disse que precisava de três mil dólares para a entrada da nova casa e mais mil dólares para a mudança. Indagou se o editor não estaria disposto a lhe adiantar quatro mil dólares, pelos lucros previstos do livro. Respondi que o escritório do nosso agente só voltaria a funcionar na manhã de segunda-feira e prometi que telefonaria o mais cedo possível. Tinha a certeza de que o agente entraria em contato com o editor, a fim de verificar se não se poderia dar um jeito. Eu lhe telefonaria na noite de segunda-feira para dar a resposta.

Malcolm X disse que ele e a Irmã Betty haviam decidido que, embora fossem pagar a casa, haviam combinado com a irmã dele, Ella, que vivia em Boston, que o negócio fosse realizado em nome dela, para evitar possíveis problemas. Disse que ainda devia os 1.500 dólares que sua irmã Ella lhe emprestara para a viagem ao exterior. Mais tarde, iriam transferir o título de propriedade da casa para o nome de Irmã Betty. Ou talvez para o nome da filha mais velha, Attilah.

Ele passou a discorrer sobre os perigos que enfrentava:

— Mas vou lhe dizer uma coisa, irmão: quanto mais penso nisso, quanto mais penso nas coisas que estão acontecendo ultimamente, mais fico em dúvida se serão mesmo os muçulmanos. Sei o que eles podem fazer e o que não podem fazer. E eles não são capazes de fazer algumas das coisas que acontecem recentemente. E vou lhe dizer outra coisa: quanto mais penso no que me aconteceu na França, mais fico achando que devo parar de dizer que são exclusivamente os muçulmanos.

E depois, no que me pareceu uma mudança de assunto estranha e abrupta, Malcolm X acrescentou:

— Estou contente por ter sido o primeiro a estabelecer vínculos oficiais entre os afro-americanos e os nossos irmãos de sangue da África. E despedindo-se, ele desligou.

Depois desse telefonema, Malcolm X seguiu de carro para Manhattan e foi para o Hotel Hilton de Nova York, entre as Ruas 53 e 54, no Rockefeller Center. Deixou o Oldsmobile azul na garagem do hotel e foi para o saguão, onde se registrou na recepção. Deram-lhe um quarto no 12º andar, ao qual foi levado por um empregado.

Pouco depois, diversos negros entraram no imenso saguão do hotel e começaram a interrogar os empregados, querendo saber em que quatro Malcolm X estava. Os empregados, é claro, jamais responderiam a qualquer pergunta relacionada com algum hóspede do hotel. E levando-se em consideração que o hóspede referido era Malcolm X, que todos os que liam os jornais de Nova York sabiam estar recebendo constantes ameaças de morte, os empregados prontamente comunicaram a ocorrência ao chefe de segurança do hotel. A partir do momen-

to em que Malcolm X registrou-se e até o dia seguinte, uma turma de segurança extra ficou permanentemente de vigia no 12º andar. Durante esse período, Malcolm X deixou o quarto apenas uma única vez, para ir jantar na Bourbon Room, mal iluminada, que ficava no nível do saguão.

Na manhã de domingo, às nove horas, Irmã Betty, hospedada na casa dos amigos em Long Island, ficou surpresa ao receber um telefonema do marido, indagando se achava que seria muito problema aprontar as quatro meninas e levá-las para o comício que iria fazer no Auduborn Ballroom, no Harlem, às duas horas da tarde.

— Mas claro que não! — exclamou Irmã Betty.

No sábado, Malcolm X lhe dissera que ela não poderia ir ao comício. Agora, ele disse:

— Sabe o que aconteceu há uma hora? Exatamente às oito horas, o telefone começou a tocar, me acordando. Um homem falou quando atendi: “Acorde, irmão, e desligue.”

Malcolm X despediu-se de Irmã Betty. Quatro horas depois, deixou o quarto do hotel, desceu para o saguão, pagou a conta. Pegou o carro e, no dia quente e ensolarado de 21 de fevereiro, domingo, seguiu para o Auduborn Ballroom.

O Auduborn Ballroom, entre a Broadway e a St. Nicholas Avenue, no lado sul da Rua 166-Oeste, é um prédio de dois andares, frequentemente alugado para bailes, conferências e outros acontecimentos. Uma jovem escura, esguia e bonita, recepcionista por ocupação e uma esforçada assistente de Malcolm X na OUAA por vocação, contou-me depois que havia chegado cedo, por volta de uma e meia da tarde, pois tinha que tomar algumas providências preliminares. Ao entrar no salão, viu que as 400 cadeiras de madeira já estavam arrumadas, com passagens nos dois lados, mas nenhuma pelo centro. A jovem (que prefere permanecer no anonimato) notou que diversas pessoas já estavam sentadas nas primeiras filas. Não deu qualquer importância ao fato, já que sempre havia algumas pessoas que gostavam de chegar cedo, a fim de ocuparem lugares bem perto do palco, que lhes permitissem saborear plenamente a apresentação do orador dramático que era Malcolm X. No palco, por trás do palanque do orador, havia oito cadeiras de espaldar reto, arrumadas em fila. O pano de fundo do palco era um mural pintado de uma cena bucólica repousante. As responsabilidades da jovem naquele dia incluíam fazer os acertos e posterior confirmação com o outro orador previsto, o reverendo Milton Galamison, o presbiteriano militante do Brooklyn que em 1964 comandara os dois boicotes negros de um dia das escolas públicas da cidade de Nova York, protestando contra o “desequilíbrio racial”. Ela também fizera acertos similares com alguns outros negros proeminentes, que deveriam apelar para que a audiência desse o máximo possível de contribuições, a fim de ajudarem no trabalho de Malcolm X e de sua organização.

As pessoas que entravam no salão não eram revistadas na porta.

Nas últimas semanas, Malcolm X passara a se irritar com essa providência, comentando:

— Isso deixa as pessoas constrangidas e me faz lembrar de Elijah Muhammad. Se não posso estar seguro entre a minha própria gente, onde mais estaria seguro?

Para aquele dia, proibira a entrada da imprensa, tanto preta quanto branca. Estava furioso com o que interpretava como um tratamento “imparcial” da imprensa nos últimos tempos: achava especialmente que os jornais não estavam levando a sério o perigo pessoal que ele corria. Stanley Scott, um negro, repórter da United Press International, pôde entrar, porque um dos assistentes de Malcolm X decidiu:

— Como um negro, tem permissão para entrar como se fosse um cidadão comum, se assim quiser. Mas terá que tirar o seu emblema de representante da imprensa.

O mesmo critério foi aplicado ao jornalista Hugh Simpson, da WMCA. Tanto ele quanto Scott chegaram cedo o bastante para arrumar lugares perto do palco.

Malcolm X entrou no salão pouco antes das duas horas da tarde, caminhando lentamente, quase arrastando os pés, ao invés das suas passadas compridas e ágeis, conforme me contou depois a jovem assistente a que me referi antes. A esta altura, diversos outros assistentes de Malcolm X já haviam chegado e estavam espalhados pelo salão, a todo instante entrando e saindo da pequena ante-sala ao lado do palco. Malcolm X sentou de lado numa cadeira, as pernas compridas cruzadas por baixo do corpo, apoiando um cotovelo numa espécie de balcão diante de um espelho de maquiagem um tanto sujo que era usado pelos frequentadores quando havia bailes no salão. Usava um terno escuro, camisa branca, gravata preta um tanto estreita. Disse a um pequeno grupo de assistentes que não iria falar sobre os seus problemas pessoais:

— Não quero que seja essa a razão para alguém vir até aqui me ouvir.

Levantou-se e começou a andar de um lado para outro da pequena ante-sala. Disse que ia declarar que fora um tanto precipitado ao acusar os muçulmanos pretos de incendiarem sua casa.

— Desde então, aconteceram coisas que são maiores do que eles podem fazer. Sei perfeitamente o que eles podem fazer. E as coisas foram muito além disso.

Os que estavam na ante-sala podiam ouvir os ruídos da multidão a aumentar cada vez mais no salão, ocupando os assentos:

— Pela maneira como me sinto, eu nem deveria falar hoje — disse Malcolm X. — Mas vou aliviar um pouco da tensão, dizendo que o homem preto não deve lutar contra si mesmo... que isso faz parte de uma grande manobra do homem branco para nos manter lutando entre nós, uns contra os outros.

A todo instante, ele consultava seu relógio de pulso, na expectativa da chegada do Reverendo Galamison. Comentou com a sua jovem assistente:

— Sempre que se marca um compromisso com um ministro, é preciso telefonar-lhe duas ou três horas antes, porque ele sempre pode mudar de idéia. Isso é típico dos ministros.

A jovem assistente posteriormente me contou:
— Eu me senti terrivelmente mal, achando que era tudo culpa minha. E já estava na hora da reunião começar.

Ela virou-se para um vigoroso assistente de Malcolm X, Benjamin X, que era conhecido como um excelente orador.

— Irmão, poderia falar? — indagou ela, virando-se em seguida para Malcolm X e acrescentando: — Tem problema se ele falar? E ele pode também introduzi-lo.

Malcolm X voltou-se abruptamente para ela, gritando, furioso:
— Sabe perfeitamente que não deveria me perguntar uma coisa dessas na presença dele! — Ele controlou-se rapidamente e murmurou, mais calmamente: — Está certo.

Irmão Benjamin X indagou por quanto tempo deveria falar. Malcolm X, olhando novamente para o seu relógio de pulso, disse:
— Pode falar por meia hora.

E Irmão Benjamin X saiu pela porta que dava para o palco. As pessoas que estavam na ante-sala puderam ouvi-lo falando à audiência sobre o que era necessário hoje para o “homem preto aqui nos Estados Unidos”.

O Reverendo Galmison e outros homens eminentes esperados ainda não haviam chegado por volta das três horas da tarde. A mesma jovem me contou mais tarde:

— O Irmão Malcolm parecia extremamente desapontado. E disse para mim: “Não creio que algum deles vá aparecer.” Senti pena dele. Parecia que ninguém se importava. E eu lhe disse: “Não se preocupe. Eles estão atrasados, mas vão chegar.”

(Outra fonte informou que o Reverendo Galmison, não podendo comparecer ao encontro, havia telefonado anteriormente e que Malcolm X fora informado disso, antes de sair para falar.)

A meia hora do Irmão Benjamin X acabou e a jovem e Malcolm X, agora sozinhos na ante-sala, puderam ouvi-lo iniciar a apresentação:
— E agora, sem mais comentários, eu lhes apresento o homem que está disposto a fazer tudo por vocês, a sacrificar a própria vida por vocês... quero que ouçam, escutem, compreendam... aquele que é o grande defensor do homem preto!

A audiência prorrompeu em aplausos. Na porta da ante-sala, Malcolm X virou-se e olhou para a sua jovem assistente.

— Espero que me perdoe por ter gritado com você... é que estou num ponto tal que já não sei mais direito o que faço.

— Não precisa dizer nada — murmurou a jovem. — Compreendo perfeitamente.

A voz dele parecia distante:

— Imagino se alguém realmente compreende...
E ele saiu para o palco, sob aplausos, sorrindo e acenando para

o Irmão Benjamin X, que passava ao seu lado, voltando para a ante-sala.

A jovem pegou alguns papéis em que precisava trabalhar quando Benjamin X entrou na ante-sala, suando. Ela afagou a mão dele, dizendo:

— Esteve ótimo!

Pela porta entreaberta, ela e Benjamin X puderam ouvir os aplausos diminuindo e depois a retumbante saudação familiar:

— *Asalaikum*, irmãos e irmãs!

— *Asalaikum salaam!* — responderam algumas pessoas da audiência.

Nesse exato momento, ocorreu um distúrbio cerca de oito filas depois do palco. Houve subitamente uma luta corporal e depois ouviu-se uma voz de homem, gritando furiosamente:

— Tire a mão do meu bolso!

Toda a audiência estava se virando para olhar. Malcolm X disse, incisivamente:

— Calma! Calma! Não fiquem excitados! Vamos manter a calma, irmãos...

Com a sua própria atenção desviada, é possível que Malcolm X jamais tenha visto os pistoleiros. Uma mulher sentada na frente mais tarde assim relatou os acontecimentos:

— A confusão mais atrás desviou minha atenção por um instante. Mas logo virei-me a fim de olhar novamente para Malcolm X, bem a tempo de ver pelo menos três homens na primeira fila se levantarem, apontarem suas armas e começarem a disparar simultaneamente. Parecia até um pelotão de fuzilamento.

Diversas pessoas contaram mais tarde que viram dois homens correndo para o palco, um deles com uma espingarda, o outro com dois revólveres. Disse o repórter da UPI Stanley Scott:

— Os tiros soaram. Homens, mulheres e crianças correram em busca de proteção. Deitaram-se no chão, meteram-se debaixo de mesas.

O repórter Hugh Simpson, da emissora de rádio WMCA, declarou:

— Ouvi os ruídos abafados e vi Malcolm ser atingido, com as mãos ainda levantadas. No instante seguinte, ele caiu por cima das cadeiras que estavam atrás. Todo mundo estava gritando. Quando me joguei também no chão, avistei um homem atrás de mim disparando uma arma por dentro do casaco. Ele estava atirando como se participasse de algum *western*, correndo para trás, na direção da porta, sem parar de disparar.

A jovem que estava na ante-sala ao lado do palco me contou:

— Parecia que um exército havia invadido o salão. Não sei por quê, sabia o que tinha acontecido. Não quis olhar. Queria me lembrar dele como era antes.

Malcolm X levou a mão ao peito quando o primeiro dos 16 chumbos da espingarda ou balas de revólver atingiu-o. Depois, levantou também a outra mão. O dedo médio da mão esquerda foi despedaçado

por uma bala. O sangue começou a jorrar do cavanhaque. Ele comprimiu o peito com as duas mãos. O corpo grande subitamente caiu para trás, rígido, derrubando duas cadeiras; a cabeça bateu no chão do palco com um baque sonoro.

No tumulto de gritos e pessoas correndo para todos os lados, alguns foram para o palco. Irmã Betty foi uma delas, depois de ter-se deitado por cima das filhas, que gritavam apavoradas, para protegê-las. Ela correu para o palco, gritando histericamente:

— Meu marido! Estão matando meu marido!

Um fotógrafo não identificado bateu chapas de Malcolm X caído no palco, várias pessoas debruçadas sobre ele, abrindo a camisa ensangüentada, afrouxando a gravata, tentando dar-lhe a respiração artificial boca a boca, primeiro uma mulher, depois um homem. Disse a mulher, que se identificou apenas como uma enfermeira diplomada:

— Não sei como subi no palco. Joguei-me na direção de um homem caído no chão que pensava ser Malcolm X. Mas não era. Eu estava disposta a morrer por aquele homem. Teria aparado as balas com o meu próprio corpo. Avistei Malcolm. Os tiros haviam cessado. Tentei aplicar-lhe a respiração artificial.

Irmã Betty se aproximou. Era também enfermeira diplomada. Reconhecendo-a, as pessoas recuaram para lhe dar passagem. Ela caiu de joelhos, olhando para o peito nu e crivado de balas do marido, a soluçar:

— Eles o mataram!

O guarda Thomas Hoy, de 22 anos, que estava de serviço diante do Auduborn Ballroom, contou:

— Ouvi os tiros e o salão simplesmente explodiu.

Ele correu para dentro, viu Malcolm X caído no palco e depois algumas pessoas perseguindo um homem. O guarda Hoy tratou de “agarrar o suspeito”.

Louis Michaux, o proprietário da Livraria Nacionalista, na esquina da Rua 125 com a Sétima Avenida, no Harlem, disse:

— Eu estava chegando atrasado para a reunião a que fora convidado por Malcolm X. De repente, vi a multidão sair do salão, correndo.

O sargento Alvin Aronoff e o guarda Louis Angelos por acaso estavam passando pela rua em sua radiopatrulha quando ouviram os tiros.

— Quando paramos — contou Aronoff —, a multidão estava saindo do salão e gritando “Malcolm está morto!”. Outros gritavam: “Peguem! Peguem! Não o deixem escapar!”

Os dois policiais agarraram pelos braços um negro que estava sendo chutado pela multidão, enquanto tentava fugir. Disparando para o ar um tiro de advertência, levaram o homem para a radiopatrulha. Recendo que a multidão furiosa pudesse cercar o carro, trataram de se afastar, seguindo imediatamente para a delegacia.

Alguém foi correndo até a entrada de emergência da Clínica Van-

derbilt do Hospital Presbiteriano de Columbia, pegando uma maca e levando-a para o palco do Auduborn Ballroom. Malcolm X foi colocado na maca. Um fotógrafo não identificado tirou uma chapa macabra dele, com a boca aberta, os dentes à mostra, enquanto levavam-no às pressas para o hospital. Um porta-voz do hospital disse mais tarde que eram mais ou menos 3:15 horas da tarde quando Malcolm X entrou numa sala de operações no terceiro andar. Estava “morto ou em estado aparente de morte”, comentou o porta-voz.

Uma equipe de cirurgiões abriu-lhe o peito, para tentar uma massagem direta no coração. Os esforços foram suspensos às três e meia da tarde.

Os repórteres que haviam corrido para o hospital faziam perguntas incessantes ao porta-voz, que não parava de dizer bruscamente:

— Não sei.

Depois, ele subiu de elevador para a sala de operações de emergência no terceiro andar. Uma pequena multidão de amigos e a Irmã Betty tinham entrado no escritório do hospital quando o porta-voz voltou. Procurando manter a calma, o porta-voz anunciou:

— O cavalheiro que todos conheciam como Malcolm X está morto. Morreu de ferimentos a bala. Ao que tudo indica, já estava morto antes de chegar ao hospital. Recebeu diversos tiros no peito e um no rosto.

O grupo deixou o escritório do hospital. Os negros estavam visivelmente fazendo um esforço supremo para controlar suas emoções; um deles a todo instante batia com o punho cerrado na palma da outra mão, violentamente. Entre as mulheres, muitas choravam abertamente.

Momentos depois que a notícia se espalhou pelo Harlem (e através do mundo inteiro), uma multidão começou a se concentrar diante do Hotel Theresa, em que estava sediada a OUAA de Malcolm X. Pelos rádios transistores, souberam que o homem que os dois policiais haviam retirado da cena do crime, inicialmente identificado como Thomas Hagan, de 22 anos (foi posteriormente identificado como Talmadge Hayer), tinha no bolso direito do casaco um pente com quatro balas de calibre 45, com quatro cartuchos intactos. No Hospital Memorial Judeu, os médicos informaram que Hayer levara um tiro na coxa esquerda, estava com a testa escoriada e o corpo todo gravemente contundido.

— Se não o tivéssemos tirado de lá a tempo, eles o teriam matado a pontapé — dissera o sargento Aronoff.

Hayer tinha sido levado depois para a ala de presos do Hospital Bellevue.

Por volta das cinco horas da tarde, a multidão diante do Hotel Theresa fora discreta e cuidadosamente dispersada. A Mesquita N.º 7 e seu restaurante, ali perto, na esquina da Rua 116 com a Lenox Avenue, estavam fechados, como medida de precaução, por ordem do Capitão Lloyd Sealy, que chefiava a 28.ª Delegacia, o primeiro negro a

comandar um distrito policial na cidade de Nova York. Quando os repórteres telefonavam para o restaurante dos muçulmanos pretos, uma voz de homem dizia:

— Não há ninguém disponível para fazer qualquer declaração. Quando se ligava para o escritório da OUAA, no Hotel Theresa, o telefone tocava interminavelmente, sem que ninguém atendesse. O Capitão Sealy deixava pouco depois a delegacia, sozinho, caminhando pela Rua 124, a balançar seu cassetete e conversar com as pessoas que conhecia.

Na 28ª Delegacia, na Rua 123-Oeste, os 40 policiais que deveriam deixar o plantão às quatro horas da tarde receberam ordens para permanecer em serviço. Chegaram reforços, dois ônibus carregados com homens altamente treinados da Força de Patrulha Tática da Polícia da Cidade de Nova York. Diversas altas autoridades policiais fizeram declarações à imprensa. Um capitão da Força de Patrulha Tática, Harry Kaiser, disse que não havia ocorrência fora do normal e não estava prevendo qualquer problema. O Vice-Comissário de Polícia Walter Arm disse que “centenas” de policiais extras seriam concentradas na área do Harlem, inclusive alguns membros da Seção de Serviços Especiais. Um Inspetor-Chefe Assistente, Harry Taylor, especulou que os assassinos não haviam saído do salão junto com a multidão, mas sim atravessado o palco e fugido pela Rua 165. No início da noite, o Chefe dos Detetives do Departamento de Polícia, Philip J. Walsh, suspendeu as férias que estava desfrutando para participar da caçada aos assassinos. Disse que previa uma “investigação prolongada e difícil”. Policiais e repórteres na cena do crime tiraram fotografias do palco, círculos brancos de giz indicando agora os cinco buracos de bala no painel do orador. Havia outros buracos no painel no fundo do salão, indicando que outras balas ou chumbos dos cartuchos da espingarda haviam errado Malcolm X ou passado através de seu corpo. A polícia recusou-se a discutir o rumor que se espalhava pelo Harlem segundo o qual estavam filmando o comício no Auduborn Ballroom no momento em que ocorrera o crime. Outro rumor que adquiria um impulso rápido era o de que Irmã Betty, ao se inclinar sobre o corpo do marido, retirara do bolso do paletó dele um papel em que Malcolm X escrevera os nomes dos que supostamente estariam incumbidos de matá-lo.

O Vice-Comissário Walter Arm ressaltou que a polícia fizera todos os esforços para proteger Malcolm X. Em 20 ocasiões diferentes, a polícia lhe oferecera proteção ou a alguns de seus assistentes, mas tal proteção fora sistematicamente recusada, declarou Arm. Em 17 ocasiões diferentes, a polícia oferecera a presença de guardas uniformizados para as reuniões da OUAA, sendo a mais recente no “último domingo”, no Auduborn Ballroom. Interrogado a respeito do porte de arma que Malcolm X tencionava solicitar, o Vice-Comissário Arm declarou que, ao que soubesse, o pedido jamais fora apresentado oficialmente.

Diversas questões foram levantadas, o “suspeito” preso pelo guarda Hoy, quando era perseguido à saída do salão, ainda não fora publicamente identificado. A declaração do Vice-Comissário Walter Arm de que Malcolm X recusara a proteção da polícia entrava em conflito direto com as declarações de muitos de seus companheiros, segundo os quais, na semana anterior ao assassinato, Malcolm X se queixara por diversas vezes de que a polícia não levava a sério os seus pedidos de proteção. Finalmente, embora fontes da polícia afirmassem que um destacamento especial de 20 homens fora enviado para o comício ao qual haviam estado presentes inclusive agentes da Seção de Serviços Especiais, tais homens não se haviam mostrado durante ou depois do assassinato; inclusive Talmadge Hayer, salvo da multidão e preso como suspeito logo depois do assassinato, fora apanhado por dois policiais de uma radiopatrulha que por acaso passava pela rua.

Através de telefonemas interurbanos, os repórteres entraram em contato com a mansão de Chicago que era o quartel-general de Elijah Muhammad. Ele não atendeu a nenhum telefonema, mas um portavoiz informou que Muhammad “não tem comentário a fazer hoje, mas talvez tenha algo para dizer amanhã”. Também não se obteve nenhuma declaração do irmão mais velho de Malcolm X, Wilfred X, que era o ministro muçulmano preto da Mesquita Número 1, em Detroit. Em sua casa, uma mulher disse aos repórteres que o Ministro Wilfred X não estava, que não tinha ido para Nova York e que achava que ele não tinha planos de ir (o Ministro Wilfred X, localizado posteriormente pela imprensa, disse que planejava comparecer à convenção dos muçulmanos pretos em Chicago, no domingo seguinte. Em relação ao irmão, declarou simplesmente: “Meu irmão está morto, e não há nada que possamos fazer para trazê-lo de volta.”

Quando a noite caiu, muitos homens e mulheres negros reuniram-se diante da livraria de Louis Michaux, onde se concentrava a maior parte da atividade pública dos nacionalistas pretos do Harlem. Um pequeno grupo de membros da OUAA abriu o escritório da organização no Hotel Theresa, ficou sentado na sala, recusando-se a fazer qualquer declaração aos repórteres.

O *Daily News* de Nova York saiu para as bancas com a primeira página inteiramente dedicada a “Malcolm X Assassinado”, por cima da fotografia dele sendo carregado na maca e por baixo o subtítulo “Fuzilado no Comício”. Em Long Island, para onde fora levada logo depois do assassinato do pai, Attilah, de seis anos, escreveu uma carta para ele: “Querido papai: eu amo você muito. Ó meu querido, como eu gostaria que não estivesse morto!”

O corpo, ainda identificado como “John Doe” (João Ninguém) porque não fora formalmente identificado, foi transferido ao final de domingo para o Instituto Médico-Legal da Cidade de Nova York, na Primeira Avenida, 520. A autópsia confirmou que os chumbos de car-

tucho de espingarda haviam atingido o coração e matado Malcolm X. O médico legista Dr. Milton Helpert disse que a morte se seguiria ao primeiro disparo da espingarda de cano cortado, que causara 13 ferimentos no coração e peito. Acrescentou que os ferimentos de balas de calibres 38 e 45, nas coxas e pernas, indicavam que Malcolm X fora baleado mesmo depois de caído.

Na manhã de segunda-feira, foi efetuada a identificação oficial, no Instituto Médico-Legal, por Irmã Betty, que estava acompanhada por Percy Sutton, a meia-irmã de Boston de Malcolm X, Sra. Ella Collins, e Joseph E. Hall, gerente da maior agência funerária do Harlem. Deixando o Instituto Médico-Legal por volta de meio-dia, para ultimar as providências para o funeral, Irmã Betty disse aos repórteres:

— Ninguém acreditava no que ele dizia. Nunca o levaram a sério. Mesmo depois que incendiaram nossa casa, disseram que ele próprio é que provocara o incêndio!

Na agência funerária, no lado leste da Oitava Avenida, entre as Ruas 126 e 127, Irmã Betty escolheu um caixão de bronze, revestido com veludo cor de ovo. A seu pedido, o funeral seria protelado até o sábado seguinte, dali a cinco dias. O gerente da agência funerária, Joseph E. Hall, comunicou à imprensa que o corpo seria vestido num terno e exibido à visitação pública, sob uma tampa de vidro, de terça a sexta-feira, os serviços fúnebres sendo realizados no sábado, numa igreja do Harlem.

Pouco depois, na relação dos mortos na agência funerária estava o nome de "El-Hajj Malik El-Shabazz". No Brooklyn, o muçulmano ortodoxo Xequê Al-Hajj Daoud Ahmed Faisal, da Missão Islâmica da América, disse que o adiamento dos serviços fúnebres violava uma prática muçulmana, pela qual o sol não devia se pôr duas vezes sobre o corpo de um crente, que o Corão determinava o enterro em 24 horas, se possível, e que os muçulmanos acreditavam que a alma deixa o corpo quando este se torna frio e que o corpo volta a viver quando é enterrado.

Em Chicago, onde a polícia estava vigiando todas as estações ferroviárias e rodoviárias, o Aeroporto O'Hare e os acessos rodoviários, Elijah Muhammad, sob forte guarda, em sua mansão de três andares, declarou:

— Malcolm morreu de acordo com as suas pregações. Ele parece ter encarado a força das armas como seu deus. Por isso, não podíamos tolerar um homem assim. Ele pregava a guerra. Nós pregamos a paz. Temos permissão para lutar se formos atacados. É o que está nas Escrituras, tanto no Corão como na Bíblia. Mas jamais seremos os agressores. Não tenho o direito de ficar com medo, porque fui escolhido por Alá. Se Alá me entregar às mãos dos iníquos, estarei satisfeito. Minha vida está nas mãos de Alá.

O terreno ao redor da mansão estava sendo patrulhado tanto pela polícia de Chicago como por guardas do Fruto do Islã. Outros guardas vigiavam a escola secundária Universidade do Islã e a sede do jornal *Muhammad Speaks*.

O advogado de Malcolm X, Deputado estadual Percy Sutton, declarou que a polícia já tomara conhecimento dos nomes daqueles que Malcolm X dissera que tinham sido incumbidos de assassiná-lo. Por todo o Harlem, repórteres estavam entrevistando pessoas, microfones surgiam abruptamente diante das bocas dos transeuntes. Nas delegacias de polícia, as pessoas interrogadas estavam saindo pelas portas laterais. O Inspetor-Chefe Assistente Joseph Coyle, no comando dos detetives da zona norte de Manhattan, declarou:

— Foi uma conspiração bem planejada. Estamos agora no processo de investigar as 400 pessoas que estavam no salão por ocasião do crime.

Ele acrescentou que 50 detetives estavam trabalhando no caso e que já entrara em contato com as polícias de outras cidades.

Quase todo o Harlem estava adormecido quando, em torno da Mesquita Número 7 dos muçulmanos pretos, no último andar de um prédio de quatro andares, na esquina da Rua 116 com a Lenox Avenue, uma tremenda explosão ocorreu, às 2:15 horas da madrugada. Os bombeiros foram imediatamente chamados pelos quatro guardas que estavam de vigia na calçada diante da mesquita. Poucos minutos depois, as chamas saíram pelo telhado do prédio e se elevaram pelo ar a uma altura de dez metros. Durante as sete horas seguintes, os bombeiros iriam despejar incessantemente água sobre o prédio. Num telhado adjacente, encontraram uma lata de gasolina de cinco galões vazia, uma sacola de compras suja de gasolina e trapos oleosos. As linhas do metrô seguindo para o sul foram desviadas por algum tempo, assim como três linhas de ônibus. Enquanto as chamas se elevavam espetacularmente, uma parede do prédio desmoronou, destruindo dois carros dos bombeiros estacionados no meio-fio e ferindo cinco bombeiros, um deles gravemente, além de um pedestre que estava no outro lado da rua, comprando um jornal. Ao romper do dia, quando o incêndio foi declarado "sob controle", a mesquita dos muçulmanos pretos e a Igreja Getsêmani de Deus em Cristo, no andar de baixo, estavam inteiramente destruídas. Sete lojas no andar térreo, inclusive o restaurante dos muçulmanos pretos, eram "perdas totais". Fontes do Corpo de Bombeiros disseram que a substituição do equipamento destruído custaria em torno de 50 mil dólares. Joseph X, dos muçulmanos pretos, que fora outrora um dos auxiliares imediatos de Malcolm X, disse que os seguidores de Elijah Muhammad dispunham de duas mesquitas alternativas para se reunirem, uma no Brooklyn e outra em Queens, Long Island. As duas mesquitas estavam sob permanente vigilância da polícia.

Do outro lado da nação, em San Francisco, dois policiais descobriram, na terça-feira, um incêndio começando na mesquita local dos muçulmanos pretos. O incêndio foi rapidamente apagado. Haviam deramado querosene na calçada e na porta, ateando fogo em seguida.

O corpo de El-Hajj Malik El-Shabazz deveria ficar exposto à visitação pública a partir das duas e meia da tarde de terça-feira. Uma

imensa multidão entrou em fila por trás das barricadas da polícia, todos esperando a sua vez de serem admitidos. Havia guardas por toda parte que se olhasse, inclusive diversas radiopatrulhas e até mesmo atiradores postados em pontos estratégicos nos telhados ao redor da agência funerária. Mas os telefonemas de ameaças de bombas, que começaram logo depois de meio-dia, tornaram necessárias duas evacuações da agência funerária, para que fossem efetuadas buscas pelo esquadrão de bombas, as quais provaram ser infrutíferas. Houve até mesmo uma busca meticulosa nos escritórios da Rua 43 do *New York Times*, depois que um homem telefonou para lá queixando-se de um editorial a respeito de Malcolm X e dizendo:

— Mas esse jornal vai ser destruído às quatro horas.

Na agência funerária do Harlem, os policiais inspecionavam todos os embrulhos e flores que eram entregues, assim como as bolsas maiores das mulheres que iam ver o corpo. Eram 6:15 horas da noite quando se formou um cordão de isolamento policial, cercando Irmã Betty e quatro parentes e amigos íntimos, que entraram na agência funerária sob o clarão dos *flashes*. Um repórter branco comentou:

— Ele é como uma Jacqueline Kennedy preta. Tem classe, sabe o que fazer e quando, controla-se que é uma beleza.

Eram 7:10 horas da noite quando o grupo da família deixou a agência funerária e foi embora. Cerca de 10 minutos depois, foi admitida a primeira pessoa do público à espera. A partir desse momento e até uma hora antes de meia-noite, cerca de duas mil pessoas, inclusive dezenas de brancos, passaram diante do caixão aberto em que estava o corpo, vestido num terno escuro, camisa branca, gravata preta, com uma pequena placa de latão por cima em que se podia ler: "*El-Hajj Malik El-Shabazz — 19 de maio de 1925 — 21 de fevereiro de 1965.*"

Os seguidores de Malcolm X vinham procurando, com ansiedade crescente, por uma igreja do Harlem que aceitasse realizar os serviços fúnebres no sábado. Dirigentes de diversas igrejas haviam recusado, inclusive um porta-voz da maior igreja da comunidade, a Batista Abissínia, da qual o Deputado-Reverendo Adam Clayton Powell é o pastor. Entre outras igrejas que recusaram os pedidos, segundo o *Amsterdam News*, estavam a Igreja Williams C.M.E. e o Refúgio Templo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas os serviços fúnebres foram finalmente aceitos pelo Bispo Alvin A. Childs, do Templo da Fé, Igreja de Deus em Cristo, localizado na esquina da Rua 147 com a Amsterdam Avenue. O Templo da Fé, um antigo cinema que fora convertido em igreja 15 anos antes, podia alojar mil pessoas sentadas em seu auditório e outras 700 pessoas no subsolo. O Bispo Childs fora eleito em 1964 para "prefeito de localidade" do Harlem. Declarou à imprensa que era "um gesto humanitário" colocar sua igreja à disposição. A respeito de Malcolm X, ele disse:

— Era um militar, um orador inflamado. Não concordava com toda a sua filosofia, mas isso não afetava a nossa amizade.

Pouco depois que a notícia foi divulgada, o Bispo Childs e sua esposa começaram a receber os primeiros de uma longa série de telefonemas ameaçando atentados a bomba, tanto contra a igreja como contra a casa deles.

Personalidades negras destacadas estavam sendo entrevistadas pelos meios de comunicação. O famoso psicólogo Dr. Kenneth B. Clark disse à revista *Jet*:

— Eu sentia um profundo respeito por esse homem. Creio que ele era sincero em seu empenho de encontrar um lugar na luta pelos Direitos Cívicos, num nível em que seria respeitado e compreendido plenamente. Eu aguardava ansiosamente o seu desenvolvimento nesses termos. Seu passado não tem muita importância. É trágico que ele tenha sido eliminado no momento em que parecia prestes a alcançar a posição de respeitabilidade que procurava.

Um correspondente do *New York Times* noticiou as declarações, numa entrevista coletiva em Londres, do escritor James Baldwin, segundo o qual a morte de Malcolm X era "um grande retrocesso para o movimento negro". Apontando para os repórteres brancos, Baldwin acusou:

— Vocês são os culpados... você e todos os que se formaram no cadinho do mundo ocidental, da república americana!

Baldwin ressaltou que o "estupro" da África pelos europeus desencadeara os problemas raciais e, assim, constituía o princípio do fim para Malcolm X.

O proprietário da principal livraria do Harlem, Louis Michaux, uma voz influente na comunidade, disse ao *Amsterdam News*:

— São coisas como o assassinato de Malcolm X que levam as massas a se unirem. Ele morreu da mesma forma que Patrice Lumumba encontrou a morte no Congo... Devemos nos unir, não lutar.

Bayard Rustin, um dos principais organizadores da Marcha Sobre Washington em 1963, declarou:

— Malcolm X levou muitos jovens negros a terem uma nova visão de si mesmos.

James Farnes, diretor-nacional da CORE, levantou a hipótese de um "terceiro grupo" no assassinato de Malcolm X, dizendo:

— O assassinato de Malcolm X visava a gerar mais violência, mais assassinatos, mais mortes por vingança.

Alguns dias depois, quando pediram sua opinião sobre os rumores que circulavam a respeito de uma possível conspiração dos "chineses vermelhos" no assassinato, Farmer declarou:

— Eu não diria que isso é impossível.

O Dr. C. Eric Lincoln, autor do livro *The Black Muslims in America*, que concedeu uma entrevista coletiva à imprensa na Universidade Brown, em Providence, Rhode Island, onde era professor convidado e participava de pesquisas, declarou:

— Para os negros da América, a morte de Malcolm X é o acontecimento mais sinistro desde a deportação de Marcus Garvey, na década

da de 1920. Duvido que haja "implicações internacionais" no assassinato. A resposta está mais perto de nós. A resposta está na luta local entre grupos rivais disputando a liderança das massas pretas, que constituem potencialmente o subgrupo mais volúvel da América.

Roy Wilkins, secretário-executivo da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (NAACP), declarou:

— Um mestre de oratória como era, Malcolm X na morte projetou uma influência mais vasta e mais perturbadora do que jamais projetou em vida.

Os investigadores da polícia de Nova York designados para o caso lamentaram que os partidários de Malcolm X não tivessem se "apresentado" para ajudar nas investigações. A pedido da polícia, a imprensa divulgou um número de telefone, XW 5-8117, para informações "espiritualmente confidenciais" que qualquer um poderia oferecer sobre o assassinato. A polícia detivera e estava mantendo Reuben Francis, descrito como o "guarda-costas" de Malcolm X e que se acreditava ser a pessoa que atirara no suspeito pelo assassinato, Talmadge Hayer, durante a confusão no domingo anterior, no Auduborn Ballroom. Hayer continuava na enfermaria dos presos do Hospital Bellevue, aguardando uma intervenção cirúrgica.

Enquanto milhares de pessoas continuavam a desfilar diante do corpo de Malcolm X, em meio a intermitentes novas ameaças de atentados a bombas, feitas pelo telefone, contra a agência funerária e o Templo da Fé, em que seriam realizados os serviços fúnebres, no sábado, uma nova organização, a Federação de Ação Política Independente, ameaçou represálias contra todos os estabelecimentos comerciais do Harlem que não fechassem as portas da tarde de quinta-feira até a manhã de segunda-feira, "em tributo a Malcolm X". O porta-voz da FAPI era Jesse Gray, o famoso líder do movimento contra os aluguéis. As pessoas que andavam pelas ruas do Harlem começaram a receber volantes, em que se podia ler: "Se as lojas se recusarem a fechar, é porque se identificam com o nosso inimigo; portanto, cabe a nós fechá-las... e o meio para fazê-lo é passar adiante, sem comprar coisa alguma. Os que fizerem compras ao longo da Rua 125, durante as horas em que as lojas deverão estar fechadas, identificam-se com os lacaios assassinos que permitiram que a estrutura de poder usasse suas mãos para matar o Irmão Malcolm." Num comício noturno da FAPI, diante da livraria de Louis Michaux, Jesse Gray declarou que em 1965 um negro deveria concorrer à Prefeitura de Nova York, "em nome de Malcolm", calculando que deveria receber pelo menos 100 mil votos. Pouco depois do comício da FAPI, comerciantes e outros membros da Câmara de Comércio Suburbana reuniram-se e rapidamente aprovaram uma resolução recomendando a todas as lojas do Harlem a permanecerem abertas e continuarem a "servir os seus fregueses". Recomendou-se também que os estabelecimentos comerciais pagassem integralmente o dia a qualquer empregado que desejasse comparecer ao funeral de Malcolm X na manhã de sábado. Logo em seguida, os líde-

res do Harlem, um depois do outro, criticaram asperamente a proposta da FAPI, classificando-a de "irresponsável". Ao final, quase todas as lojas do Harlem permaneceram abertas. A FAPI mobilizou cerca de 20 piquetes, um dos quais ficou desfilar por algum tempo diante da maior loja do Harlem, a Blumstein's. À frente do piquete, estavam dois homens brancos, carregando cartazes em que se lia: "Todas as Lojas Devem Ser Fechadas em Homenagem a Malcolm X."

O tempo tornou-se muito frio. Pingentes de gelo pendiam do telhado desmoronado do prédio destruído pelo fogo em que ficava a Mesquita Número 7 dos muçulmanos pretos. O *Amsterdam News*, cuja sede, na Oitava Avenida, ficava a pouco mais de um quarteirão da agência funerária em que estava o corpo de Malcolm X, disse em editorial que os tributos ordeiros a Malcolm X "confundiriam seus críticos, que adorariam ver os negros se amotinando sobre o seu cadáver".

Pairava constantemente no ar o temor de graves distúrbios raciais que poderiam ser desencadeados por alguma centelha imprevisível. Os líderes do Harlem, em número cada vez maior, declaravam que a razão para isso era o fato de que os meios de comunicação brancos estavam fazendo sensacionalismo com o que estava ocorrendo numa comunidade calma e digna. Finalmente, a Associação dos Ministros de Todas as Fés do Harlem distribuiu uma acusação formal: "As manchetes sensacionalistas de muitos dos nossos jornais dão a impressão de que todo o Harlem é um campo armado, prestes a explodir a qualquer momento. A grande maioria dos cidadãos da comunidade do Harlem não está envolvida nos infelizes atos de violência que têm sido consideravelmente exagerados pela imprensa. Muitas vezes, a distorção das notícias pode criar um clima através do qual uns poucos indivíduos corrompidos e insensíveis procuram tirar proveito."

"*Malcolm X Morreu Pobre*": esta manchete do *Amsterdam News*, o jornal do Harlem, foi um choque para muitas pessoas na comunidade. Poucos haviam pensado que Malcolm X, ao se tornar um ministro dos muçulmanos pretos, assumira um voto de pobreza; assim, ao longo de 12 anos, nada adquirira em seu próprio nome (li em algum lugar que, nos tempos em que foi um muçulmano preto, Malcolm X recebia 175 dólares por semana, para cobrir o seu sustento e o da família, além de outras despesas, exclusive as de viagem). A reportagem do *Amsterdam News* dizia: "Ele deixou as quatro filhas e a esposa grávida sem seguro de qualquer espécie, sem economias e sem rendimentos." (E se poderia acrescentar que ele jamais fizera um testamento; marcara um encontro com seu advogado com esse objetivo para o dia 26 de fevereiro, cinco dias depois de sua morte.) Em uma semana, dois grupos já haviam se organizado e estavam pedindo aos harlemitas contribuições para ajudar Irmã Betty a criar e educar as crianças (as contribuições foram depositadas no Fundo para as Filhas de Malcolm X, no Freedom National Bank, no Harlem, Rua 125-Oeste, 275).

Em Boston, a meia-irmã de Malcolm X, Sra. Ella Mae Collins, disse em entrevista coletiva que escolheria os novos líderes da OUAU.

A Sra. Collins dirigia a Escola de Artes Preparatórias Sarah A. Little, em que as crianças aprendiam árabe, *swahili*, francês e espanhol. Em 1959, ela também rompera com os muçulmanos pretos de Elijah Muhammad, a que fora originalmente convertida por Malcolm X.

Muito longe do Harlem, nas terras pelas quais Malcolm X viajara, a imprensa dera ampla cobertura ao assassinato, o que irritara profundamente o diretor da Agência de Informações dos Estados Unidos, Carl T. Rowan, que também era negro. Em Washington, falando na Associação Americana de Serviço Diplomático, Rowan disse que, ao ser informado do assassinato, já sabia que o fato seria mal interpretado em alguns países, em que as pessoas ignoravam o que Malcolm X representava. Disse que a Agência de Informações se empenhara em informar a imprensa africana dos fatos a respeito de Malcolm X e suas pregações, mas que ainda havia “alguma reação africana baseada em informações e interpretações errôneas”.

Mas adiante, Rowan declarou:

— Era um negro que pregava a segregação e o ódio racial, morto por outro negro, presumivelmente de outra organização que também prega a segregação e o ódio racial. Nenhum dos dois representa mais que uma pequena minoria da população negra da América.

Rowan atacou alguns jornais estrangeiros:

— Tanta agitação por causa de um ex-condenado, um antigo traficante de tóxicos que se tornou um fanático racial! Só posso concluir que nós, americanos, conhecemos menos do que pensamos o que se passa na mente de outros povos. Ou a necessidade de informar ainda é maior do que nós, da Agência de Informações dos Estados Unidos, julgávamos ser.

O *Daily Times*, de Lagos, Nigéria, dissera: “Como todos os mortais, Malcolm X também tinha seus defeitos... mas ninguém pode duvidar de que era um membro dedicado e coerente do movimento pela emancipação de seus irmãos... Malcolm X lutou e morreu pelo que acreditava ser certo. Terá seu lugar no palácio dos mártires.” O *Ghanaian Times*, de Acra, chamou Malcolm X de “o mais popular e militante dos líderes anti-segregacionistas afro-americanos”, incluindo seu nome num “punhado de africanos e americanos”, indo de John Brown a Patrice Lumumba, que “foram martirizados pela liberdade”. Também em Acra, o *Daily Graphic* publicou: “O assassinato de Malcolm X entrará para a história como o mais terrível golpe sofrido pelo movimento integracionista americano desde os lamentáveis assassinatos de Medgar Evers e John F. Kennedy.”

Huroyot, de Karachi, Paquistão, disse: “Um grande líder negro.” O *Times*, do Paquistão, publicou: “A morte de Malcolm X é um retrocesso do movimento negro pela emancipação.” O *Diário do Povo*, de Pequim, China, disse que o assassinato ocorreu “porque Malcolm X... lutava pela emancipação dos 23 milhões de negros americanos”. Segundo os relatos dos correspondentes, a primeira manchete argelina sobre o assassinato dizia que a “Ku Klux Klan matara Malcolm X”.

O editorial de *Argélia Republicana*, um jornal pró-comunista, acusou “o facismo americano”. O correspondente do *Times* na Argélia informou que os argelinos estavam dispostos a transformar Malcolm X num mártir internacional. Piquetes desfilarão diante do Consulado dos Estados Unidos em Georgetown, Guiana Britânica, fazendo acusações contra os “imperialistas americanos”. Outro jornal de Pequim, China, *Jenmin Jihpao*, disse que a morte de Malcolm X mostrava que, “ao se lidar com os opressores imperialistas, a violência devia ser respondida com a violência”. O *Pravda*, de Moscou, publicou apenas notícias breves sobre o assassinato, sem fazer qualquer comentário editorial. O correspondente em Moscou do *New York Times* informou que não havia qualquer reação aparente. A mesma informação foi transmitida pelo correspondente do jornal na Polônia, explicando que os poloneses “pouco tinham ouvido falar de Malcolm X e também não estavam muito interessados na questão racial”. Pelas informações disponíveis, a imprensa do Cairo, Beirute, Nova Delhi e Saigon noticiou o assassinato sem maiores destaques, não demonstrando muito interesse. Em Paris e no resto da Europa Ocidental, o assassinato foi “essencialmente uma sensação de um dia”. A imprensa da Alemanha Ocidental tratou o assassinato “como se fosse na melhor tradição dos gângsteres de Chicago”. O *New York Times* escreveu: “Os jornais de Londres provavelmente noticiaram o assassinato por mais tempo e mais amplamente que o resto da imprensa da Europa, dando destaque às investigações policiais. O *Times* e o *Daily Telegraph*, de Londres, publicaram editoriais a respeito, mas nenhum dos dois tratou Malcolm X como uma figura importante.” O correspondente em Londres do *New York Times* também informou: “Um grupo de Londres, intitulado-se o Conselho de Organizações Africanas, atacou violentamente os Estados Unidos, por causa do assassinato. Esse grupo é integrado por estudantes e representantes africanos extra-oficiais em Londres. Um comunicado à imprensa descreveu Malcolm X como “um líder na luta contra o imperialismo, opressão e racismo dos americanos”. E dizia também que “os carniceiros de Patrice Lumumba são os mesmos monstros que assassinaram Malcolm X a sangue-frio”.

As manchetes da imprensa da cidade de Nova York relativas ao assassinato de Malcolm X, na manhã de sexta-feira, referiam-se à prisão pela polícia de um segundo suspeito: Era um lutador de caratê, corpulento, de rosto redondo, com 26 anos, chamado Norman 3X Butler, supostamente um muçulmano preto. Uma semana depois, foi preso Thomas 15X Johnson, também supostamente um muçulmano preto. Os dois haviam sido anteriormente indiciados, em janeiro de 1965, por atirarem contra Benjamin Brown, agente penitenciário de Nova York e desertor dos muçulmanos pretos. A 10 de março, os dois homens foram indiciados, juntamente com Mayer, pelo assassinato de Malcolm X.

Com a notícia da prisão de Butler e de sua identificação pelo menos provisória como um membro da organização de Elijah Muhammad, a tensão voltou a se elevar entre todos que tinham qualquer

participação no conflito. A Convenção Nacional dos Muçulmanos Pretos estava marcada para começar naquela sexta-feira, em Chicago, devendo prolongar-se por três dias. No início da manhã de sexta-feira, no Aeroporto Kennedy, em Nova York, dezenas de policiais passaram 40 minutos revistando um avião pertencente à Capital Airlines, que em dezembro de 1964 aceitara uma proposta de vôo *charter* de ida e volta a Chicago da Mesquita Nº 7, ao preço de 5.175,54 dólares, pagos posteriormente com os acréscimos subseqüentes.

No total, cerca de três mil muçulmanos pretos partiram de suas mesquitas na maioria das grandes cidades e seguiram para Chicago, a fim de participarem da convenção anual do "Dia do Salvador", que consideravam similar ao feriado do Natal. Em ordem de chegada, cada grupo das diferentes mesquitas e cidades reunia-se diante do grande estádio esportivo ao sul do bairro comercial de Chicago, os irmãos de todas as idades usando ternos escuros e camisas brancas, as irmãs em túnicas de seda e turbante. Cada pessoa passava por um meticuloso esquema de segurança, que fontes da polícia de Chicago disseram ter sido sem precedentes na cidade, a não ser para um Presidente em visita.

Ainda mais meticulosamente revistados foram os relativamente poucos negros não-muçulmanos que compareceram como espectadores, além dos representantes da imprensa, tanto brancos como pretos.

— Tire o chapéu! Demonstre algum respeito! — gritou rispidamente um guarda muçulmano preto para um repórter branco.

À medida que cada pessoa era revistada e liberada, um homem do Fruto do Islã conduzia-a ao seu lugar específico no estádio de 7.500 lugares. Mais tarde, fontes muçulmanas iriam atribuir a culpa da lotação apenas pela metade às "táticas do homem branco de dividir os negros". Mas observadores que recordavam o estádio apinhado em 1964 comentaram que o medo de possíveis atentados a bomba afastou muitos negros não-muçulmanos. A audiência se acomodou, sob as duas imensas faixas que proclamavam: "Seja Bem-Vindo, Elijah Muhammad — Estamos Contentes Por Ter Você Conosco" e "Devemos Ter um Pouco Desta Terra" (uma referência à exigência de Elijah Muhammad de que "um ou mais estados" fossem entregues "aos 23 milhões dos chamados negros" da América, como uma reparação parcial "por mais de um século do nosso sangue e suor derramados como escravos, que ajudaram a desenvolver esta nação rica, em que ainda hoje vocês demonstram que não desejam nem tencionam nos aceitar como iguais).

Diante do palanque largo, havia duas ampliações fotográficas de Elijah Muhammad, quase em tamanho natural. Entre o palanque e a audiência, estavam postados diversos guardas do Fruto do Islã. Outros guardas percorriam incessantemente os corredores entre os assentos, esquadrinhando os rostos e volta e meia exigindo que alguém se identificasse:

— Qual é a sua mesquita, irmão?

Outros homens do Fruto do Islã estavam patrulhando as áreas vazias do estádio, o subsolo, o telhado.

O fantasma de Malcolm X estava presente. Primeiro, num drama emocionante para os muçulmanos, o filho de Elijah Muhammad, Wallace Delaney Muhammad, que outrora fora aliado de Malcolm X, enfrentou a audiência e suplicou perdão por sua deserção. Em seguida, dois irmãos de Malcolm X, Wilfred e Philbert, ambos ministros muçulmanos pretos, defenderam a união total com Elijah Muhammad. Disse o Ministro Wilfred X, da mesquita de Detroit:

— Seríamos ignorantes se nos deixássemos confundir, começássemos a discutir e lutar entre nós, esquecendo quem é o verdadeiro inimigo.

O Ministro Philbert X, da mesquita de Lansing, disse:

— Malcolm era o meu próprio irmão de sangue. ... Fiquei abalado. Nenhum homem quer ver o seu próprio irmão destruído. Mas eu sabia que ele estava percorrendo um caminho temerário e extremamente perigoso. Fiz várias tentativas de desviá-lo desse curso. Quando ele estava vivo, tentei mantê-lo vivo; agora que ele está morto, não há nada que eu possa fazer.

Indicando Elijah Muhammad, que estava sentado, o Ministro Philbert X acrescentou:

— Onde ele me levar, eu seguirei.

E, depois, fez a apresentação de Elijah Muhammad, o orador final. Somente a cabeça de Elijah Muhammad era visível acima dos homens de expressões sombrias do Fruto do Islã, formando uma parede viva ao seu redor. Cassius Clay estava entre eles. Havia crescentes, estrelas, luas e sóis bordados com fios de ouro no pequeno fez que Elijah Muhammad usava. E ele disse, em seu discurso:

— Por muito tempo, Malcolm esteve aqui onde estou. Naqueles dias, Malcolm estava seguro. Malcolm era amado. Deus protegia Malcolm... Há mais de um ano que Malcolm adquiriu sua liberdade. Foi a toda parte, Ásia, Europa, África, até mesmo a Meca, tentando me fazer inimigo. E voltou pregando que não deveríamos odiar o inimigo... Esteve aqui há poucas semanas para destilar seu ódio, para me lançar lama; tudo o que ele podia pensar era me desgraçar. ... Não queríamos matar Malcolm e não tentamos matá-lo. Eles sabem que eu não fiz mal nenhum a Malcolm. Eles sabem que eu o amava. Foram as pregações absurdas de Malcolm que o levaram ao seu próprio fim.

Exausto, tanto física como emocionalmente, Elijah Muhammad de vez em quando começava a tossir.

— Descanse! Não se apresse! — suplicava a audiência.

Recuperando-se, Elijah Muhammad declarou:

— Ele não tinha o direito de me rejeitar! Era uma estrela que se extraviou! ... Eles sabem que não fiz mal algum a Malcolm, mas ele tentou desencadear uma guerra contra mim.

Disse que Malcolm X teria recebido "o mais glorioso dos enterros" se tivesse permanecido com os muçulmanos pretos e morresse de morte natural.

— Em vez disso, estamos diante da sepultura de um hipócrita!

...*Malcolm!* A quem ele estava levando? A quem estava pregando? Ele não tinha a verdade! Não queríamos matar Malcolm! Os seus ensinamentos tolos iriam acabar por levá-lo a seu próprio fim! Não vou permitir que os malucos destruam as boas coisas que Alá mandou para vocês e para mim!

Elijah Muhammad recorreu a todas as suas frágeis energias para falar durante cerca de uma hora e meia. Desafiou quaisquer assassinos em potencial:

— Se pensam em extinguir a vida de Elijah Muhammad, estão atraindo a sua própria destruição! O Santo Corão nos ensina que não devemos iniciar uma luta, mas temos a obrigação de nos defender! E lutaremos, se for preciso!

A tarde já ia pela metade quando Elijah Muhammad voltou ao seu assento, enquanto três mil muçulmano pretos, homens, mulheres e crianças, gritavam:

— Sim, senhor!... Maravilhoso!... Todo louvor a Muhammad!

Na agência funerária do Harlem, na cidade de Nova York, a visita pública ao corpo de Malcolm X foi interrompida na metade da tarde pela chegada de um grupo de aproximadamente uma dúzia de pessoas, cuja figura central era um homem idoso, de turbante branco, túnica preta, a barba branca caindo pelo peito. Quando os repórteres se aproximaram para tentar entrevistas, outro homem do grupo tratou de afastá-los, dizendo:

— Uma língua silenciosa não trai o seu dono.

O homem era o Xequê Ahmed Hassoun, um sudanês, membro dos muçulmanos sunitas, que ensinara em Meca por 35 anos. Fora lá que conhecera Malcolm X. Viera posteriormente para os Estados Unidos, a fim de servir como conselheiro espiritual de Malcolm X e ensinar na Mesquita Muçulmana, Inc.

O Xequê Hassoun preparou o corpo para o sepultamento de acordo com o ritual muçulmano. Tirando as roupas ocidentais que tinham posto em Malcolm X para a visita pública, o Xequê Hassoun lavou o corpo com um óleo sagrado especial. Depois, envolveu o corpo com as sete mortalhas de linho branco tradicionais, chamadas de *kafan*. Somente o rosto, com o bigode e o cavanhaque avermelhados, ficaram à mostra. Os acompanhantes do Xequê Hassoun cercaram o caixão e leram trechos do Corão. Em seguida, o Xequê Hassoun virou-se para um representante da agência funerária e disse:

— Agora, o corpo está pronto para o sepultamento.

O xequê e seus acompanhantes retiraram-se pouco depois e a visita pública recomeçou. Quando a notícia se espalhou, numerosas pessoas que já tinham ido à agência funerária decidiram voltar, entrando novamente na fila comprida, que avançava lentamente, aguardando a vez de ver Malcolm X no traje de sepultamento muçulmano.

Foi ao final da tarde de sexta-feira que entrei na fila comprida e quieta, avançando lentamente. Pensava em Malcolm X, com quem trabalhara em íntimo contato por cerca de dois anos. Guardas em unifor-

mes azuis estavam postados a intervalos, observando a fila avançar lentamente, passando pelas barricadas policiais. No outro lado da rua, vários homens estavam olhando para a fila, por trás da vitrina grande da Barbearia Lone Star, Eddie Johns, Prop, William Ashe, Ger. Entre os guardas, havia uns poucos representantes da imprensa, conversando em pequenos grupos, para passar o tempo. E depois entrei na capela grande, suavemente iluminada, silenciosa, fria. Parados nas duas extremidades do caixão de bronze havia dois guardas pretos, imensos, quase que o tempo todo olhando fixamente para a frente, mas movendo os lábios quando alguma pessoa se demorava por tempo demais junto ao corpo de Malcolm X. Cheguei ao caixão em poucos minutos. Sob a tampa de vidro, contemplei a mortalha que cobria o peito e envolvia o rosto como um capuz. Tentei me concentrar no rosto, por tanto tempo quanto podia. Tudo o que podia pensar era que era ele mesmo... Malcolm X.

— Vá em frente! — disse o guarda, baixinho.

Malcolm me olhava, o rosto pálido... e morto! A mão do guarda estava gesticulando na altura da cintura. Pensei: “Está bem... adeus.” E segui em frente.

Cerca de 22 mil pessoas haviam desfilado ao lado do corpo quando a fila parou para sempre naquela noite, às 11 horas. Discretamente, entre meia-noite e o amanhecer, uma dúzia de carros da polícia comboiaram um carro fúnebre que percorreu os vinte e tantos quarteirões até o Templo da Paz. O caixão de bronze foi levado para o interior do templo num carrinho e colocado numa plataforma revestida de veludo vermelho-escuro, diante do altar. A tampa do caixão foi outra vez removida. Enquanto o carro fúnebre se afastava, os guardas se espalharam por pontos estratégicos, tanto dentro como fora do templo. Fazia bastante frio lá fora.

Por volta das seis horas da manhã, as pessoas começaram a formar uma fila no lado leste da Amsterdam Avenue. Às nove horas, já se calculava que seis mil pessoas estavam concentradas nas proximidades, por trás das barreiras policiais. Havia pessoas olhando em todas as janelas dos prédios de apartamentos do outro lado da rua; muitas estavam nas escadas de incêndio, tremendo de frio. Da Rua 145 à Rua 149, os guardas haviam bloqueado todo o trânsito. Os únicos veículos que podiam passar eram os carros da própria polícia, da imprensa, os caminhões para transmissões diretas das emissoras de rádio e televisão. Havia centenas de policiais de serviço, muitos nos telhados de prédios ao redor. Repórteres com microfones e blocos de anotações andavam pelo meio da multidão.

— Ele era fascinante... e é por isso que estou aqui — disse uma jovem branca, de vinte e poucos anos, a um repórter do *New York Times*.

E uma mulher negra declarou:

— Estou prestando minha homenagem ao maior homem preto deste século. Ele é um homem preto. Jamais diga que é uma pessoa de cor.

Outra mulher, notando que havia capacetes de aço dentro do caminhão de uma rede de televisão, riu para o motorista, indagando: — Estão se preparando para o próximo verão?

Quando as portas do Templo da Fé foram abertas, às 9:20 horas, um grupo de membros da OUAA entrou. Nos 15 minutos seguintes, 20 homens da OUAA introduziram no templo as 600 pessoas com lugares reservados. Cerca de 50 repórteres, fotógrafos e operadores de rádio e televisão estavam agrupados por baixo dos murais religiosos nos fundos do altar, alguns subindo em cadeiras para poderem ver melhor. Um engenheiro negro cuidava do equipamento de gravação entre o altar e o caixão, guardado por oito policiais negros uniformizados, além de duas policiais femininas, também negras. Dois policiais negros à paisana estavam sentados nos dois lados de Irmã Betty, o rosto coberto por véus, na segunda fila. A tampa levantada do caixão ocultava uma grande parte do altar do Templo da Fé. O chefe da Missão Islâmica da América, sediada no Brooklyn, Xequê Al-Hajj Daoud Ahmed Faisal, avisara que qualquer indício de cristianismo nos serviços fúnebres transformariam o falecido num *kafir*, um incréu (o xequê também discordara dos dias de exibição pública do corpo, dizendo que “a morte é um assunto particular entre Alá e o falecido”).

Antes que começasse o serviço fúnebre, homens da OUAA trouxeram uma coroa de flores, um arranjo da Estrela e Crescente do Islã em cravos brancos, contra um fundo de cravos vermelhos.

Primeiro, o ator Ossie Davis e sua esposa, a atriz Ruby Dee, leram as mensagens, telegramas e cabogramas de condolências. Vinham de todas as principais organizações pelos direitos civis; de pessoas individuais como o Dr. Martin Luther King; de organizações e governos do exterior, como a Sociedade África-Paquistão-Índias Ocidentais da Escola de Economia de Londres, Congresso Pan-Africano da África Meridional, o Embaixador nigeriano de Lagos, o Presidente da República de Gana, Dr. Kwame Nkrumah: “A morte de Malcolm X não terá sido em vão.”

Em seguida, levantou-se Omar Osman, representante do Centro Islâmico da Suíça e Estados Unidos:

— Conhecíamos o Irmão Malcolm como um irmão de sangue, especialmente depois de sua peregrinação a Meca, no ano passado. A coisa mais importante a que um muçulmano pode aspirar é morrer no campo de batalha e não morrer na cama...

Ele fez uma breve pausa, esperando que cessassem os aplausos dos presentes.

— Os que morrem no campo de batalha não estão mortos, mas vivos!

Os aplausos foram ainda mais veementes e soaram gritos de: “Isso mesmo! Isso mesmo!” Omar Osman criticou em seguida os comentários feitos em Washington por Carl Rowan, diretor da Agência de Informações dos Estados Unidos, sobre a reação da imprensa estrangeira à morte de Malcolm X. Soaram vaias entre a audiência.

O ator Ossie Davis se levantou novamente. Em voz profunda, fez o panegírico de Malcolm X, o que faria com que posteriormente se tornasse mais aclamado do que nunca entre os negros do Harlem:

“Aqui, nesta hora final, neste lugar tranqüilo, o Harlem veio dizer adeus a uma das suas maiores esperanças... extinta agora, uma esperança que perdemos para sempre...”

“Muitos irão perguntar o que o Harlem encontra para homenagear neste jovem capitão, tempestuoso, controvertido, temerário... e nós iremos sorrir. ... Eles dirão que era um homem cheio de ódio, um fanático, um racista, um homem que só podia prejudicar a causa pela qual vocês lutam!

“E nós iremos dizer: alguma vez conversou com o Irmão Malcolm? Alguma vez teve contato com ele, viu-o sorrir-lhe? Será que realmente o escutou? Ouviu-o dizer alguma vez algo mesquinho? Ele esteve alguma vez associado pessoalmente com a violência ou qualquer distúrbio público? Pois quem pode responder a essas perguntas é porque o conhecia. E quem o conhecia sabe por que devemos homenageá-lo agora. Malcolm era a nossa virilidade, nossa vida, o valor preto! Era o que ele representava para o seu povo. E homenageando-o agora, homenageamos o que de melhor existe em nós mesmos. ... E nós o conheceremos para sempre pelo que ele foi e é, um Príncipe, nosso Príncipe preto e fulgurante, que não hesitou em morrer, porque tanto nos amava!”

Outras pessoas fizeram breves discursos. Depois, a família, os membros da OUAA e outros muçulmanos presentes desfilaram diante do caixão, para ver o corpo pela última vez. Finalmente, os dois policiais à paisana levaram Irmã Betty para que visse o marido pela última vez. Ela inclinou-se, beijou o vidro por cima dele. Desatou a chorar. Até aquele momento, quase ninguém chorara. Mas os soluços de Irmã Betty logo foram acompanhados por outras mulheres.

Os serviços fúnebres duraram pouco mais de uma hora. Houve os três minutos de preces para cada muçulmano que morre, recitadas pelo Al-Hajj Hesham Jaaber, de Elizabeth, Nova Jersey. À expressão “Allah Akbar” (“Deus é grande”), todos os muçulmanos presentes colocaram as mãos abertas nos lados de seus rostos.

O cortejo oficial, com o carro fúnebre na frente, seguido pelos três carros da família, 18 carros de amigos e partidários, 12 carros da polícia e seis carros da imprensa, além de 50 outros carros, percorreu rapidamente o trajeto de 27 quilômetros, saindo de Manhattan, através da Auto-Estrada de Nova York, entrando pela Saída 7 e seguindo até o Cemitério de Ferncliff, em Ardsley, no Estado de Nova York. Ao longo do percurso, negros punham o chapéu ou a mão sobre o coração, prestando a sua última homenagem a Malcolm X. Em cada cruzamento importante do Condado de Manhattan, havia carros da polícia estacionados. A polícia do Condado de Westchester postara guardas a intervalos, no percurso até o cemitério.

As preces finais muçulmanas foram pronunciadas à beira da se-

pultura pelo Al-Hajj Hesham Jaaber. O caixão foi baixado para a sepultura, a cabeça virada para o oriente, de acordo com a tradição islâmica. Os muçulmanos se ajoelharam ao lado da sepultura, para orar com as testas encostadas na terra, segundo o costume oriental. Quando a família se retirou, os partidários de Malcolm X não permitiram que o caixão fosse coberto pelos Coveiros Brancos, que estavam parados a alguma distância, esperando. Em vez disso, sete homens da OUAAs começaram a jogar terra com as mãos sobre o caixão. Logo lhes entregaram pás e eles terminaram de cobrir o caixão.

A noite caiu sobre os restos mortais de El-Hajj Malik El-Shabazz, que fora chamado Malcolm X, que fora chamado Malcolm Little, que fora chamado "Big Red", "Satã", "Conterrâneo" e outros nomes, que fora sepultado como um muçulmano. "Segundo o Corão", disse o *New York Times*, "os corpos dos mortos permanecem em suas sepulturas até o Último Dia, o Dia do Juízo Final. Nesse dia, o cataclismo dos céus é desencadeado, montanhas se reduzem a poeira e as sepulturas se abrem, os homens sendo chamados a prestar contas a Alá.

"Os bem-aventurados, os religiosos, humildes, caridosos, os que sofreram e foram perseguidos por causa de Alá ou lutaram em guerras religiosas pelo Islã, serão chamados ao Jardim do Paraíso.

"Ali, de acordo com os ensinamentos de Maomé, o Profeta, viverão para sempre em meio a regatos, recostados em almofadas de seda, desfrutando a companhia de virgens de olhos e esposas de uma pureza perfeita.

"Os amaldiçoados, os gananciosos, os que praticaram o mal, os seguidores de outros deuses que não Alá, são enviados para o Fogo Eterno, onde são alimentados com água fervendo e metal derretido. 'A morte de que você foge sempre acaba por alcançá-lo', diz o Corão. 'Então, você será levado de volta à presença d'Aquele Que Sabe das coisas secretas e conhecidas, e Ele lhe dirá a verdade das coisas que você fez'."

Depois de assinar o contrato para este livro, Malcolm X fitou-me fixamente e disse:

— Estou querendo um escritor e não um intérprete.

Tentei ser um cronista imparcial. Mas ele era a personalidade mais eletrizante que já conheci e ainda não consegui me convencer de que está realmente morto. Ainda tenho a impressão de que ele acaba de entrar em outro capítulo, que será escrito pelos historiadores.

Nova York, 1965

OSSIE DAVIS: SOBRE MALCOLM X

Em resposta à pergunta do editor de uma revista, Por que fez o panegírico de Malcolm X?, Ossie Davis escreveu o seguinte:

Não é a única pessoa querendo saber por que eu faria o panegírico de um homem como Malcolm X. Recebi cartas de muitas pessoas que o conheceram e respeitaram. Entre essas cartas, sinto um profundo orgulho da que me foi enviada por uma turma do sexto ano primário de meninos e meninas brancos, pedindo-me para explicar. Agradeço a oportunidade que me oferece de fazê-lo.

Pode imaginar minha defesa ao pensar no seguinte fato: até agora, nenhum negro me fez essa pergunta (meu pastor na Igreja Batista da Graça, onde ensino na escola dominical, fez um sermão sobre Malcolm em que o chamou de "um gigante num mundo doente"). Cada uma das muitas cartas que recebi da minha própria gente elogiava Malcolm como um homem e dizia que agi muito bem ao falar em seu funeral.

Ao mesmo tempo — e isso é importante — a maioria se dava ao trabalho de discordar de tudo ou quase tudo que Malcolm dizia e representava. É que todos sabiam que Malcolm, não importando o que mais pudesse ser... *Malcolm era um homem!*

Os brancos não precisam que ninguém lhes lembre que são homens. Nós precisamos! Foi esse o grande e incontestável serviço que ele prestou a sua gente.

O protocolo e o bom senso exigem que os negros fiquem para trás e deixem o homem branco falar por nós, defender-nos, liderar-nos em nossa luta, por trás dos bastidores. Essa é a essência da política negra. Mas Malcolm mandou tudo isso para o inferno! Levantem e lutem as suas próprias batalhas! É essa a maneira de recuperarem o auto-respeito! É essa a maneira de fazer com que o homem branco os respeite! E se ele não o deixar viver como um homem, certamente não pode impedi-lo de morrer como um homem!

Malcolm, como todos podem perceber, era um excitamento revigorante; ele assustava a todos nós, condicionados à cautela, à hipocrisia na presença dos brancos, ao sorriso que nunca se desvanece. Malcolm sabia que cada homem branco da América lucra direta ou indiretamente de sua posição em relação aos negros, lucra com o racismo mesmo que não o pratique nem acredite nele.

Sabia também que cada negro que não desafiava prontamente cada manifestação de racismo, declarada ou disfarçada, cometida contra si e seu povo, que preferia engolir em seco e continuar a sorrir, era

um Pai Tomás e um traidor, sem a menor coragem, sem um mínimo de virilidade, sem o direito de se considerar um homem!

Sabíamos de todas essas coisas tanto quanto Malcolm, mas sabíamos também o que acontecia às pessoas que levantavam a cabeça para dizê-las. E se todas as mentiras que dizemos para nós mesmos, à guisa de desculpa, fossem publicadas, teríamos um dos maiores capítulos da história da covardia justificada do homem diante de outros homens.

Mas Malcolm insistia em refutar as nossas mentiras. Insistiu em proclamar em voz alta e sonora a verdade dolorosa, que todos nós, brancos e pretos, não queríamos ouvir. E não se detinha por amor nem por dinheiro.

Podem imaginar o incômodo terrível que esse homem representava tanto para os negros como para os brancos. A partir do momento em que Malcolm se fixara na gente, não havia como escapar. Era uma dos homens mais fascinantes e encantadores que já conheci. Não hesitava em se despojar da sua simpatia para nos sufocar. Contudo, a irritação dele, embora dolorosa para nós, era extremamente salutar. Podia fazer com que ficássemos furiosos, mas também nos deixava orgulhosos. Era impossível permanecer na defensiva, quase pedindo desculpas por ser negro, na presença de Malcolm. Ele não permitia. E a gente sempre se afastava da presença dele com a suspeita insinuante de que talvez, no final das contas, fosse mesmo um homem!

Mas, ao explicar Malcolm, é preciso tomar cuidado para não apresentá-lo de maneira diferente do que era. Malcolm foi um criminoso, um viciado, um cafetão, um condenado. Foi um racista, pregava o ódio, acreditava realmente que o homem branco era um demônio. Mas tudo isso havia mudado. Dois dias antes de sua morte, conversando com Gordon Parks sobre o seu passado, Malcolm disse:

— Foi uma coisa terrível. Ah, a doença e a loucura daqueles dias... Estou contente por me livrar disso tudo.

E Malcolm estava de fato livre. Ninguém que o tenha conhecido antes e depois da viagem a Meca pode duvidar que ele abandonara totalmente o racismo, o separatismo e o ódio. Mas não abandonara as suas declarações de impacto, a agitação incessante pela liberdade imediata neste país, não apenas para os pretos, mas para todas as pessoas.

Acima de tudo, na área das relações raciais, ele ainda se deliciava em puxar o rabo do homem branco, em fazer os Pais Tomás, os que fazem concessões, os acomodados — e deliberadamente me incluiu entre eles — completamente envergonhados da hipocrisia urbana e sorridente que praticamos simplesmente para existir num mundo cujos valores ao mesmo tempo invejamos e desprezamos.

Mas mesmo que Malcolm não tivesse mudado, ainda seria uma figura relevante no cenário americano, sobressaindo em relação aos líderes dos direitos civis "responsáveis", assim como John Brown sobressaiu em relação aos abolicionistas "responsáveis" na luta contra a escravidão. Quase todos discordavam das táticas loucas e fanáticas de Brown, que o levaram tolamente a atacar um arsenal federal em

Harpers Ferry, para perder dois filhos ali e mais tarde ser enforcado por traição.

Contudo, hoje, o mundo proclama, especialmente os negros, que Brown não foi um traidor, mas sim um herói, um mártir por uma causa nobre. Por isso, no futuro, não ficarei surpreso se os homens chegarem à conclusão de que Malcolm X foi, dentro de suas próprias limitações e em seu próprio estilo inimitável, também um mártir dessa causa.

Mas ainda há muita controvérsia sobre esse americano tão controvérsio e prefiro esperar que a história faça a decisão final.

Mas em termos de julgamento pessoal, não há apelação contra o instinto. Conheci o homem pessoalmente; por mais que discordasse dele, nunca duvidei de que Malcolm X, mesmo quando estava errado, foi sempre essa coisa extremamente rara no mundo entre nós, negros: um homem sincero.

E se, para proteger minhas relações com muitos brancos bons que me possibilitaram ganhar o bastante para viver bem na indústria das diversões, fui covarde e cauteloso demais para admitir esse fato quando ele estava vivo, achei que pelo menos agora, quando todos os brancos estão finalmente a salvo dele, podia ser honesto comigo mesmo o suficiente para levantar o chapéu, numa saudação derradeira, à bravura irônica e preta, que era o seu estilo e marca registrada, à explosão chocante de que-vão-todos-para-o-inferno!, tão absolutamente ausente em todos os outros negros que conheço. Foi o que o levou, cedo demais, à morte.



SBD / FFLCH / USP		
Bib. Florestan Fernandes	Tombo:	280982
Aquisição: DOAÇÃO /		
Proc. / SEAN PURDY		
N.F.	/ R\$	30,00 31/8/2007

Impresso no Brasil pelo
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000